



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

OTÁVIO LUIZ PINHEIRO ARANHA

**LEON TROTSKY E EDUCAÇÃO:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO SOCIALISTA**

Salvador

2021

OTÁVIO LUIZ PINHEIRO ARANHA

**LEON TROTSKY E EDUCAÇÃO:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO SOCIALISTA**

Tese apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elza Margarida de Mendonça Peixoto.

Salvador
2021

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Aranha, Otávio Luiz Pinheiro.

Leon Trotsky e educação: contribuições ao debate sobre educação socialista / Otávio Luiz Pinheiro Aranha. - 2021.

471 f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elza Margarida de Mendonça Peixoto.

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2021.

1. Educação. 2. Leon Trotsky (1879-1940). 3. Revoluções e socialismo. I. Peixoto, Elza Margarida de Mendonça. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 370 - 23. ed.

OTÁVIO LUIZ PINHEIRO ARANHA

**LEON TROTSKY E EDUCAÇÃO:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO SOCIALISTA**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação, Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia. Área de concentração: Educação.

Aprovado em 22 de fevereiro de 2021.

Elza Margarida de Mendonça Peixoto – Orientadora _____

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo.
Universidade Federal da Bahia

Celi Nelza Zülke Taffarel _____

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo.
Universidade Federal da Bahia

Carlos Zacarias de Sena Júnior _____

Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco.
Universidade Federal da Bahia

Eurelino Teixeira Coelho Neto _____

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro.
Universidade Estadual de Feira de Santana

Gilcilene de Oliveira Damasceno Barão _____

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Maria de Fátima Rodrigues Pereira _____

Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo.
Universidade Tuiuti do Paraná

Pedro Leão da Costa Neto _____

Doutor em Ciências Humanas na Área de Filosofia na Universidade de Varsóvia, Varsóvia, Polônia.
Universidade Tuiuti do Paraná

À Maria Ofélia e Luiz Otávio,
que me ensinaram a ler e a escrever,
entre tantos outros ensinamentos da vida.

À todos que viveram do suor do seu trabalho,
explorado, oprimido, desalentado, humilhado,
mas que não tiveram chance de entrar numa Universidade.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria Ofélia e Luiz Otávio, que abdicaram de muito em suas vidas para garantir uma única possibilidade: que eu pudesse me dedicar aos estudos. Sem vocês, esta não poderia ter sido escrita.

À Elza Margarida de Mendonça Peixoto, pesquisadora séria, coerente, rigorosa e exigente para com a cientificidade e o domínio correto da teoria; do mesmo modo, sensível aos problemas de nosso tempo. Marxista ortodoxa como poucas e, como pouquíssimos, orientou-me a ler Marx e Engels com a radicalidade necessária. Meu muito obrigado pela oportunidade de desenvolver este objeto de estudo.

Ao Grupo de Pesquisa Marxismo, Política de Trabalho e Educação – MTE, que contribuiu, ouviu, teceu críticas e ajudou na construção deste objeto, como também na descontração e na leveza necessária para encarar as tarefas e desafios presentes. Em especial, aos amigos Marcelo Russo, Jampa, Jana, Jaqueline (e Danilo) que me acolheram assim que cheguei nessa ponta do país e; aos amigos Elson e Itamar, pelos desafios compartilhados. Foi uma honra pertencer à mesma escola de formação com vocês.

Aos professores e professoras, membros desta banca avaliadora, Carlos Zacarias, Celi Taffarel, Eurelino Coelho, Gilcilene Barão, Maria de Fática, Pedro Leão, que aceitaram ler este trabalho, criticá-lo e enriquecê-lo para elevar sua qualidade e rigorosidade científica.

A Universidade Federal do Pará, Unidade do Campus de Castanhal, em especial à Faculdade de Educação Física, seu corpo técnico, docente e estudantil, que permitiu distanciar-me para realizar este estudo.

Aos companheiros da organização que tive o prazer de conhecer, conviver e partilhar dos mesmos ideais, Vander, Lucival, Paulo, Gabriel, Vicente, Fred e,

especialmente, Roberto Aguiar e Jailson Lage, que me receberam calorosamente e não só me apresentaram os cantos, encantos, cores e sons dessa cidade, como ensinaram o significado prático de “baianidade”.

A Dona Irani, que se tornou uma segunda mãe. Obrigado por sua confiança, seu carinho e seu afeto. Obrigado também ao Sr. Waldemar, a Martinez e Ana Paula, Davi, Iramar e Neto, meus queridos sobrinhos e sobrinhas. Muito obrigado por permitirem adentrar em vossa família.

Ao grupo de professores com os quais iniciei, lá atrás, esta jornada pela vida acadêmica disciplinada: Emerson Monte, Rogério Freitas, Adnelson Araújo, Eliane Aguiar, especialmente Anibal Brito Neto e Higson Coelho.

A Luiz Otávio, Carolina Pinheiro, João Carlos e Rosa, Abel, Angela, Cleber, Clebson, Deusinha, Jenny, Ronaldo, Suzy, Carmen Faro, Marta Soares, Genylton Rocha e muitos outros que deixaram a sua marca de contribuição por sua passagem na minha vida.

Aos muitos anônimos que, por sua labuta diária, contribuíram objetivamente para as condições materiais existissem no que permitiram esta pesquisa ser realizada numa Universidade Pública; a estes vários rostos que conformam a classe trabalhadora, destaco especialmente os operários da construção civil, com os quais tive a honra de militar e conviver em Belém e Marituba.

Por último, mas de importância grandiosa, à Cida Martinez, que me ensinou a cada dia, a ser paciente, tolerante, companheiro e amante. Muito obrigado por sua carinhosa dedicação no meu cotidiano para que esta tese pudesse ser escrita. Sem sua presença, esse estudo seria mais difícil, mais árduo, mais solitário, portanto, menos humano. Ao me tornar um ser humano melhor, você teve valiosa contribuição para esta pesquisa.

Há mais de trinta anos que fiz minha esta filosofia de que a vida humana só tem sentido na medida e enquanto está a serviço de um infinito que para nós é a humanidade, porque, sendo o resto limitado, trabalhar pelo resto é desprovido de sentido.

Se mesmo a humanidade deve ter um fim, este sobreviverá então uma época tal que, para nós, a humanidade pode ser considerada um infinito absoluto. E se tem como eu, fé no progresso, pode-se muito bem conceber que, mesmo em caso de perdição de nosso planeta, a humanidade encontre os meios de habitar outros mais jovens e prolongue por conseguinte sua existência; e então, tudo que for feito em seu bem em nosso tempo se refletirá também nos séculos longínquos, quer dizer dará a nossa existência a única significação possível.

(JOFFÉ, 1930)

ARANHA, Otávio Luiz Pinheiro. Leon Trotsky e Educação: contribuições ao debate sobre educação socialista. 2021. Orientadora: Elza Margarida de Mendonça Peixoto. 471 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

RESUMO

Esta tese objetivou identificar nos textos e obras de Leon Trotsky (1879-1940), contribuições para o campo da educação. A pergunta científica que orientou esta tese foi: que contribuições teóricas para o campo da educação é possível extrair do pensamento social e político de Leon Trotsky, considerando a produção de suas obras e textos nos anos iniciais do regime soviético (1917-1923)? Como desdobramento, formulou-se as seguintes questões: a) em que obras e textos se encontram contribuições de Leon Trotsky para o campo da educação? b) em que contexto histórico, social e político estas obras e textos estão inseridos? c) qual sua posição teórica sobre o tema da construção de uma educação socialista? d) com base em seu constructo teórico e político, que postulados são possíveis extrair sobre educação? Para tal, realizou-se uma pesquisa do tipo bibliográfica, com base no método materialista histórico dialético. Na exposição do texto, apresentou-se um balanço da produção do conhecimento científico sobre o tema *Trotsky e Educação*; notas referentes a traduções e edições das obras e textos selecionados e; o contexto histórico da Revolução Russa de 1917, considerando o debate historiográfico sobre o tema, o desenvolvimento do modo de produção e as relações de produção e a contribuição de Trotsky no processo revolucionário. A tese chegou as seguintes conclusões: a) Leon Trotsky possui contribuições teóricas para o campo da educação; b) suas obras e textos estão situados num contexto histórico determinado, relacionado às especificidades da construção de um Estado Operário num país com profundas contradições econômicas, sociais, políticas e culturais; c) a educação revolucionária responde a uma determinada fase da revolução permanente, que objetiva formar a juventude para a luta revolucionária, distinto de uma educação socialista, no qual as classes sociais se encontrariam numa fase de desaparecimento e o Estado Operário, em definhamento; d) com base em seu constructo teórico e político, sistematizou-se os seguintes postulados: *i*) a educação numa sociedade de classes reflete os interesses da classe no poder; *ii*) o acesso à educação formal pela classe operária não é o determinante para que ela caminhe em direção à revolução, mas a negação do acesso à educação, cultura, ciência, artes e ao conhecimento universal são algumas das razões objetivas pelas quais a revolução socialista é necessária; *iii*) é tarefa dos revolucionários desenvolver uma consciência política na classe operária, visando a tomada do poder; na fase de transição ao socialismo, a educação revolucionária é necessária para a luta permanente contra o capital mundial e; na medida que a classe avança na revolução permanente e substitui o modo de produção capitalista, a educação assume características menos classistas e mais universais, constituindo-se uma educação socialista que poderá formar um novo ser humano, sob novas bases materiais e psíquicas.

Palavras chave: Leon Trotsky. Educação. Revolução. Socialismo. História.

ARANHA, Otávio Luiz Pinheiro. Leon Trotsky and Education: contributions to the debate on socialist education. 2021. Advisor: Elza Margarida de Mendonça Peixoto. 471 f. Thesis (Doctorate in Education) – Education School, Federal University of Bahia, Salvador, 2021.

ABSTRACT

This thesis aimed to identify in the texts and works of Leon Trotsky (1879-1940), contributions to the field of education. The scientific question that guided this thesis was: what theoretical contributions to the field of education can be extracted from Leon Trotsky's social and political thought, considering the production of his works and texts in the early years of the Soviet regime (1917-1923)? As a result, the following questions were asked: a) in which works and texts are Leon Trotsky's contributions to the field of education? b) in what historical, social and political context are these works and texts inserted? c) what is your theoretical position on the theme of building a socialist education? d) based on its theoretical and political construct, what postulates are possible to extract about education? To this end, a bibliographical research was carried out, based on the dialectical historical materialist method. In the exhibition of the text, a balance of the production of scientific knowledge on the theme *Trotsky and Education* was presented; notes regarding translations and editions of the selected works and texts; the historical context of the Russian Revolution of 1917, considering the historiographical debate on the subject, the development of the mode of production and the relations of production and the contribution of Trotsky in the revolutionary process. The thesis reached the following conclusions: a) Leon Trotsky has theoretical contributions to the field of education; b) his works and texts are situated in a specific historical context, related to the specificities of the construction of a Worker State in a country with profound economic, social, political and cultural contradictions; c) revolutionary education responds to a determined phase of the permanent revolution, which aims to train youth for revolutionary struggle, as distinct from a socialist education, in which the social classes would be in a phase of disappearance and the workers' state, in emaciation; d) based on its theoretical and political construct, the following postulates were systematized: *i*) education in a class society reflects the interests of the class in power; *ii*) access to formal education by the working class is not the determinant for it to move towards the revolution, but the denial of access to education, culture, science, arts and universal knowledge are some of the objective reasons why the socialist revolution is necessary; *iii*) it is the task of the revolutionaries to develop a political conscience in the working class, with a view to seizing power; in the phase of transition to socialism, revolutionary education is necessary for the permanent struggle against world capital and; as the class advances in the permanent revolution and replaces the capitalist mode of production, education takes on less classist and more universal characteristics, constituting a socialist education that could form a new human being, under new material and psychic bases.

Keywords: Leon Trotsky. Education. Revolution. Socialism. History.

ARANHA, Otávio Luiz Pinheiro. Leon Trotsky y la Educación: aportes al debate sobre la educación socialista. 2021. Asesora: Elza Margarida de Mendonça Peixoto. 471 f. Tesis (Doctorado en Educación) - Facultad de Educación, Universidad Federal de Bahia, Salvador, 2021.

RESUME

Esta tesis tuvo como objetivo identificar en los textos y obras de Leon Trotsky (1879-1940), contribuciones al campo de la educación. La pregunta científica que orientó esta tesis fue: ¿qué aportes teóricos al campo de la educación se pueden extraer del pensamiento social y político de Leon Trotsky, considerando la producción de sus obras y textos en los primeros años del régimen soviético (1917-1923)? Como resultado, se plantearon las siguientes preguntas: a) ¿En qué obras y textos se encuentran las aportaciones de Leon Trotsky al campo de la educación? b) ¿En qué contexto histórico, social y político se insertan estas obras y textos? c) ¿Cuál es su posición teórica sobre el tema de la construcción de una educación socialista? d) ¿En base a su construcción teórica y política, qué postulados se pueden extraer sobre la educación? Para ello, se llevó a cabo una investigación bibliográfica, basada en el método materialista histórico dialéctico. En la exposición del texto se presentó un balance de la producción de conocimiento científico sobre el tema *Trotsky y la educación*; notas sobre traducciones y ediciones de las obras y textos seleccionados y; el contexto histórico de la Revolución Rusa de 1917, considerando el debate historiográfico sobre el tema, el desarrollo del modo de producción y las relaciones de producción y la contribución de Trotsky en el proceso revolucionario. La tesis llegó a las siguientes conclusiones: a) Leon Trotsky tiene aportes teóricos en el campo de la educación; b) sus obras y textos se sitúan en un contexto histórico específico, relacionado con la construcción de un Estado Obrero en un país con profundas contradicciones económicas, sociales, políticas y culturales; c) la educación revolucionaria responde a una fase determinada de la revolución permanente, que tiene como objetivo la formación de la juventud para la lucha revolucionaria, a diferencia de una educación socialista, en la que las clases sociales estarían en una fase de desaparición y el estado obrero se desvanecería lejos; d) a partir de su construcción teórica y política, se sistematizaron los siguientes postulados: *i*) la educación en una sociedad de clases refleja los intereses de la clase en el poder; *ii*) el acceso a la educación formal por parte de la clase trabajadora no es el determinante para que ésta avance hacia la revolución, pero la negación del acceso a la educación, la cultura, la ciencia, las artes y el conocimiento universal son algunas de las razones objetivas por las que la revolución socialista es necesario; *iii*) es tarea de los revolucionarios desarrollar una conciencia política en la clase obrera, con miras a la toma del poder; en la fase de transición al socialismo, la educación revolucionaria es necesaria para la lucha permanente contra el capital mundial y; a medida que la clase avanza en la revolución permanente y reemplaza el modo de producción capitalista, la educación adquiere características menos clasistas y más universales, constituyendo una educación socialista que podría formar un nuevo ser humano, bajo nuevas bases materiales y psíquicas.

Palabras clave: Leon Trotsky. Educación. Revolución. Socialismo. Historia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	Evolução da produção do conhecimento em <i>Trotsky e Educação</i> , por década, 1990-2019.....	67
Quadro 1	Sumário original da obra <i>Os problemas da cultura: a cultura de transição</i> , publicado em 1927.....	77
Quadro 2	Comparação do sumário de <i>Questões do modo de vida</i> , das editoras Antidoto e Sundermann.....	81
Quadro 3	Comparação dos sumários de <i>Literatura e revolução</i> , das editoras Zahar Editores e Zahar.....	84
Quadro 4	Fontes das edições selecionadas para pesquisa.....	87
Figura 1	Autorização de Leon Trotsky a Lívio Xavier para cuidar de seu acervo editorial no Brasil.....	88
Figura 2	Mapa da Rússia, com estepes em destaque azul-turquesa.....	106
Quadro 5	Cronologia da vida de Leon Trotsky e fatos históricos importantes na Rússia, no Brasil e no mundo.....	443
Quadro 6	Títulos de livros de autoria de Leon Trotsky, em português.....	450
Quadro 7	Levantamento da produção do conhecimento científico no tema <i>Trotsky e Educação</i> , em artigos de periódicos científicos.....	456
Quadro 8	Levantamento da produção do conhecimento científico no tema <i>Trotsky e Educação</i> , em teses e dissertações.....	457
Quadro 9	Levantamento da produção do conhecimento científico no tema <i>Trotsky e Educação</i> , em livros.....	457
Quadro 10	Composição do Conselho dos Comissários do Povo, eleito no 2º Congresso dos Sovietes, de 26 de outubro (8 de novembro) de 1917	459
Quadro 11	Episódios da Revolução Russa de 1917, nos calendários juliano e gregoriano.....	460
Quadro 12	Episódios da guerra civil russa, cronologia entre 1917 – 1921.....	463
Quadro 13	Comitê Central eleito no VI Congresso do POSDR (bolcheviques), realizado entre 23 de julho e 8 de agosto de 1917 e causas de mortes dos seus membros.....	471

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AJS	<i>American Journal of Sociology</i>
Andes-SN	Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior
ASR	<i>American Sociological Review</i>
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNP	Biblioteca Nacional de Portugal
Capes	Coordenação de Pessoal de Aperfeiçoamento de Nível Superior
Cedes	Centro de Estudos Educação e Sociedade
CEDF	Centro de Educação Física e Desporto
Cemarx	Centro de Estudos Marxistas
Cerqui	Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional
CRH	Centro de Recursos Humanos
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
CIQI	Comitê Internacional da Quarta Internacional
CIT	Comitê por uma Internacional dos Trabalhadores
CRI-QI	Centro pela Reconstrução da Quarta Internacional
CRQI	Coordenação para a Refundação da Quarta Internacional
CST	Corrente Socialista dos Trabalhadores
DEA	Departamento de Estado Norte-Americano
DS	Democracia Socialista
DW	<i>Deutscher Weller</i>
EM	Esquerda Marxista
Etol	<i>Encyclopedia of Trotskyism On-Line</i>
EUA	Estados Unidos da América
FFCH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FSM	Fórum Social Mundial
FTI	Fração Trotsquista Internacional
FT-QI	Fração Trotsquista – Quarta Internacional
GSI	Gabinete de Segurança Institucional
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
LA	Licenciatura de Caráter Ampliado

LBI	Liga Bolchevique Internacionalista
LCI-QI	Liga Comunista Internacional – Quarta Internacional
LEF	<i>Levyy front iskusstv</i>
LEPEL	Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer
LIT-QI	Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional
LLTB	<i>Lubitz' Leon Trotsky Bibliography</i>
LQI	Liga pela Quarta Internacional
LSI	Liga Socialista Internacional
LSR	Liberdade, Socialismo e Revolução
Meef	Movimento Estudantil de Educação Física
Mega	<i>Marx-Engels-Gesamtausgabe</i>
Mes	Movimento de Esquerda Socialista
MIA	<i>Marxists Internet Archive</i>
MRT	Movimento Revolucionário dos Trabalhadores
NEP	Nova Política Econômica
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
OT	O Trabalho
QI-P	Quarta Internacional Posadista
PCB	Partido Comunista do Brasil
PCC	Projetos Curriculares de Curso
PCEUA	Partido Comunista dos Estados Unidos da América
PCGB	Partido Comunista da Grã-Bretanha
PCO	Partido da Causa Operária
PCR (b)	Partido Comunista Russo (bolcheviques)
PCU (b)	Partido Comunista de Toda a União (bolcheviques)
PCUS	Partido Comunista da União Soviética
POR	Partido Operário Revolucionário
POS DR	Partido Operário Social-Democrata Russo
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PSOL	Partido Socialista e Liberdade
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT	Partido dos Trabalhadores
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>

SR	Socialistas Revolucionários
SLL	<i>Socialist Labour League</i>
SU-QI	Secretariado Unificado da Quarta Internacional
TBI	Tendência Bolchevique Internacional
TIA	<i>Trotsky Internet Archive</i>
TMI	Tendência Marxista Internacional
TSI	Tendência Socialista Internacional
UCI	União Comunista Internacional
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UGE	<i>Unión Générale d'Editions</i>
UIT-QI	Unidade Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO, QUESTÕES, OBJETIVOS E HIPÓTESES.....	18
1.2 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA.....	26
1.3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	36
1.4 EXPOSIÇÃO DO TEXTO E ORGANIZAÇÃO DAS SEÇÕES.....	41
2 TROTSKY E EDUCAÇÃO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES.....	44
2.1 BALANÇO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM TROTSKY E EDUCAÇÃO.....	44
2.1.1 A produção em artigos de periódicos científicos.....	46
2.1.2 A produção em teses e dissertações.....	56
2.1.3 A produção na forma de livro.....	62
2.1.4 Síntese do balanço da produção científica.....	66
2.2 NOTAS SOBRE TRADUÇÕES E EDIÇÕES.....	69
2.2.1 Terrorismo e comunismo: o anti-Kautsky.....	73
2.2.2 Saber militar e marxismo.....	74
2.2.3 Questões do modo de vida.....	74
2.2.4 Literatura e revolução.....	83
2.2.5 Tarefas da educação comunista.....	86
3 REVOLUÇÃO RUSSA DE 1917: HISTÓRIA, CONTEXTO E LEON TROTSKY...90	
3.1 NOTAS HISTORIOGRÁFICAS SOBRE A REVOLUÇÃO.....	92
3.2 MODO DE PRODUÇÃO E RELAÇÕES DE PRODUÇÃO.....	103
3.3 REVOLUÇÃO RUSSA, TROTSKY E EDUCAÇÃO.....	116
3.4 TROTSKY E EDUCAÇÃO: NOTAS PRÉ-OUTUBRO.....	132
4 EDUCAÇÃO E ARTE MILITAR.....	140
4.1 O CONTEXTO: GUERRA CIVIL (1917-1922).....	141
4.2 TERRORISMO E COMUNISMO: O ANTI-KAUTSKY.....	158
4.3 SABER MILITAR E MARXISMO.....	195
4.4 ARTE MILITAR E EDUCAÇÃO EM LEON TROTSKY.....	210
5 MODO DE VIDA, CULTURA, ARTE, EDUCAÇÃO E SOCIALISMO.....	216
5.1 CONTEXTO SOVIÉTICO PÓS-GUERRA CIVIL.....	216
5.2 QUESTÕES DO MODO DE VIDA.....	226
5.2.1 Família e modo de vida.....	244
5.2.2 Jornal como instrumento de educação.....	253

5.2.3 Cinema, jogos e distrações.....	273
5.2.4 Novos hábitos: linguagem, delicadeza e atenção.....	280
5.2.5 Construção de bibliotecas e os operários sem partido.....	291
5.2.6 Combate a burocratização.....	297
5.2.7 O militantismo cultural.....	304
5.3 LITERATURA E REVOLUÇÃO.....	311
5.3.1 O contexto das divergências.....	313
5.3.2 Literaturas socialistas em análise.....	320
5.4 TAREFAS DA EDUCAÇÃO COMUNISTA.....	377
5.4.1 O método de exemplo negativo.....	382
5.4.2 Ciência como base da educação.....	384
5.4.3 Teoria marxista e prática revolucionária.....	385
5.4.4 O combate teórico ao idealismo religioso.....	389
5.5 MODO DE VIDA, EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA EM TROTSKY.....	393
6 CONCLUSÕES, MAS SEGUE O DEBATE.....	398
6.1 RESPOSTA A NOSSAS PERGUNTAS.....	398
6.2 UM PROGRAMA PARA A EDUCAÇÃO?.....	407
6.3 LIMITES DA PESQUISA E INDICAÇÕES DE NOVOS ESTUDOS.....	410
6.4 TROTSKY PÓS-1923 E O FUTURO DO SOCIALISMO.....	412
REFERÊNCIAS.....	416
APÊNDICES.....	442
APÊNDICE A – Cronologia da vida de Leon Trotsky.....	443
APÊNDICE B – Obras de Leon Trotsky em língua portuguesa.....	450
APÊNDICE C – Produção do conhecimento em <i>Trotsky e Educação</i>.....	456
ANEXOS.....	458
ANEXO A – Conselho dos Comissários do Povo de Outubro de 1917.....	459
ANEXO B – Cronologia da Revolução Russa de 1917.....	460
ANEXO C – Cronologia da guerra civil russa (1917-1921).....	463
ANEXO D – Condenações no regime soviético (1921-1953).....	470
ANEXO E – Direção do partido bolchevique de Outubro de 1917.....	471

1 INTRODUÇÃO

Duas vezes já vi, do mesmo modo, desertarem as massas a sua bandeira: depois do esmagamento da revolução de 1905 e no começo da guerra mundial. Sei, por isso, de perto, por experiência, o que são os fluxos e refluxos da história. São sujeitos a certas leis. Não basta mostrar-se impaciente para transformá-los mais depressa. Acostumei-me a tomar a perspectiva da história de outro ponto de vista que não o da minha sorte pessoal. Conhecer as causas racionais do que acontece e encontrar o seu próprio lugar, tal é a primeira obrigação de um revolucionário. Também é a mais alta satisfação pessoal a que possa aspirar aquele que não confunde a sua tarefa com os interesses do dia que passa. (TROTSKY, 1978, p. 14-15).

Esta tese objetiva, de maneira geral, identificar nos textos e obras do revolucionário russo Leon Trotsky (1879-1940), contribuições teóricas para o campo da educação. Com tal propósito, pretendemos construir uma posição teórica neste campo, fundamentada em seus escritos e elaborações.

Deste modo, ordenamos esta introdução da seguinte maneira: a) apresentação da problematização do tema investigado, do problema científico, dos objetivos e das hipóteses do estudo; b) explanação dos motivos que justificam a pesquisa deste objeto numa tese de doutorado; c) apresentação das opções teórico-metodológicas desenvolvidas na pesquisa e; d) apresentação da estrutura e organização das seções que compõem a exposição da tese.

A epígrafe de abertura do presente texto reflete sobre uma concepção de trato com a história que consideramos pertinente ressaltar por dois aspectos: em primeiro lugar, que a história está sujeita a determinadas leis que não dependem da vontade de quem a analisa, assim, como pesquisadores do campo da educação, nossa tarefa é *conhecer as causas racionais* que determinam o objeto de estudo, independente de nossos desejos ou interesses pessoais nele; em segundo lugar, estendemos a reflexão de Trotsky para o contexto em que a presente tese é

finalizada, no qual vige uma pandemia que adquire proporções colossais no país, cujas ações (e omissões) governamentais têm trágicas responsabilidades diante de perdas de vidas humanas¹ e por mais necessário e urgente que seja modificar tal cenário – e as bases materiais que o determinam – marcado pelo isolamento social necessário e por dados diários de óbitos e contaminados, alguns próximos a nós, não é suficiente *mostrar-se impaciente*.

Nossa tese, ao deter-se sobre o pensamento de um revolucionário sobre a educação, por mais distante que esteja do *dia que passa*, coloca-se na tarefa histórica de contribuir com a superação de tal realidade, seja num mundo pós ou com pandemia.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO, QUESTÕES, OBJETIVOS E HIPÓTESES

Lev Davidovich Bronstein [Лев Давидович Бронштейн]², mais conhecido pelo pseudônimo Leon Trotsky, foi um revolucionário, marxista, bolchevique, fundador de uma corrente teórica e política internacional, que participou ativamente da Revolução Russa de Outubro de 1917 e desempenhou funções importantes no Estado Operário advindo dela, em seus anos iniciais.

Leon Trotsky é um nome relativamente conhecido no movimento operário, estudantil e social brasileiro. Um dos seus principais legados – a Quarta Internacional³ – constitui a base teórica e programática de alguns dos partidos, organizações e correntes políticas de orientação marxista atualmente existentes no país. Sua teoria sobre a revolução socialista e suas críticas à direção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) foram e são objeto de polêmicas e debates, desde quando formuladas até o momento presente. Além disso, suas obras

1 Dados sobre o avanço da pandemia e seus impactos na conjuntura política, econômica e social, datado no momento de suas publicações, podem ser encontrados em Peixoto *et al.* (2019) e Wolff *et al.* (2020).

2 Entre colchetes expomos a língua russa em seu alfabeto original, antecedida, quando pertinente, pela transliteração ocidentalizada. Como não encontramos uma regra oficial de transliteração entre o alfabeto cirílico e o português, adotaremos as sugestões dadas pelo *Google Translator* ou as formas adotadas e amplamente difundidas por traduções inglesas e francesas.

3 Fundada em Paris, em 1938, com delegados representando seções da França, Alemanha, Grã-Bretanha, Bélgica, Itália, Holanda, Grécia, Polônia, União Soviética, Estados Unidos e mais o representante da América Latina, o brasileiro Mário Pedrosa. (SAGRA, 2010).

e textos influenciaram a formação de importantes intelectuais de diversos campos das ciências humanas e sociais.

Nos volumes da coletânea organizada por Eric Hobsbawm, *História do Marxismo*, o historiador inglês registra que entre as décadas de 1930 e 1940, os intelectuais que se aproximaram do marxismo, fizeram-no predominantemente a partir do interesse nos grupos vinculados ao nome de Leon Trotsky (HOBBSAWN, 1987, p. 257).

Em se tratando da *História do Marxismo no Brasil*, ainda que os ventos da Revolução de Outubro de 1917 tenham trazido alguns textos de Leon Trotsky ao país, em fins de 1919, o conjunto de suas ideias apenas se tornavam mais conhecidas a partir da década de 1930 (KAREPOVS, MARQUES NETO e LÖWI, 2007, p. 235).

Neste íterim de quase um século, o nome de Leon Trotsky e seus escritos estão frequentemente envoltos a polêmicas, seja em razão de sua trajetória biográfica e política, seja em decorrência de uma apropriação descontextualizada e pouco rigorosa de suas obras e textos. Num dos episódios da política brasileira, ocorrido em 2019, este problema apareceu grosseiramente, quando um general das Forças Armadas, então assessor do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), chamou o *guru* do presidente do país, de *trótski de direita (sic.)*, o que rendeu manchetes em diversos jornais⁴. Tal situação, apesar de esdrúxula e revelar a insciência dos assessores de tal governo, é expressiva nas (in) apropriações que envolvem o nome de Leon Trotsky, tal qual seu pensamento social e político.

Deste modo, partimos da problematização sobre a apropriação pouco rigorosa e científica das ideias e teorias de Leon Trotsky, que apesar de ser um autor relativamente conhecido, não tem sido devidamente estudado no campo das ciências humanas e sociais, o qual ressaltamos o campo da educação.

4 <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/05/06/trotsky-de-direita-diz-ex-comandante-do-exercito-sobre-ataques-de-olavo.htm>; <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/olavo-e-um-verdadeiro-trotsky-de-direita-diz-villas-boas>; https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/05/06/interna_politica,753338/general-villas-boas-reage-a-olavo-de-carvalho-trotsky-de-direita.shtml; <https://noticias.r7.com/brasil/villas-boas-chama-olavo-de-carvalho-de-trotsky-de-direita-06052019>; <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/villas-boas-entra-na-briga-e-diz-que-olavo0-e-um-trotsky-de-direita.html>;

Esta premissa foi identificada por Bianchi (2005), quando realizou um estudo bibliográfico da produção *de e sobre* Trotsky, disponíveis em língua portuguesa. Segundo este autor:

Sua polêmica trajetória política e intelectual nunca constituiu, entretanto, uma unanimidade. De fato, poucos tiveram sua vida e obra submetidas a debate tão intenso e apaixonado. A qualidade dessa produção, é verdade, muitas vezes deixou a desejar. O conhecimento aprofundado da obra de Trotsky tem sido uma exceção. A superficialidade de algumas fórmulas ritualísticas e citações padrão de uns poucos textos mais conhecidos têm ocupado o lugar que deveria pertencer à análise rigorosa. (BIANCHI, 2005, p. 3).

Sobre a trajetória de Leon Trotsky, sabe-se que ela variou do menchevismo ao bolchevismo; de preso político e fugitivo da polícia a chefe do Exército Vermelho, e; que as leituras sobre sua atuação política variam de “[...] homem mais capaz do atual CC” (LENIN, 2012b, p. 74) a líder de uma “organização da burguesia contrarrevolucionária” (STÁLIN, 1931). Assim, não há *unanimidade* em torno de Trotsky, o que se expressa, por exemplo, na fragmentação de seu legado com a existência de diversas organizações e tendências que o reivindicam.

Contudo, é sobre o problema da apropriação de suas obras e textos que arrolamos nossa problemática de pesquisa. Conforme alerta Bianchi (2005), tal apropriação, em regra, “deixou a desejar”, uma vez que se limita a “superficialidade de algumas fórmulas ritualísticas e citações padrão” (BIANCHI, 2005, p. 3) de textos mais conhecidos; o que abre, portanto, uma importante lacuna de investigação.

Segundo Bianchi (2005, p. 3), há uma carência por um “conhecimento aprofundado” e uma “análise rigorosa” das obras e textos de Leon Trotsky. Deste modo, é necessário avançar cientificamente nessa tarefa, não somente para restabelecer a exatidão da elaboração teórica de um autor com relevante e influente produção, mas também, para aclarar a sua real contribuição ao debate socialista contemporâneo, no caso específico que trazemos nesta tese, sobre que tarefas os marxistas que intervêm no campo da educação podem extrair de seu pensamento social e político.

Na mesma direção, aponta um dos poucos estudos meticulosos desenvolvidos sobre sua obra e pensamento, Carlos Eduardo de Mendonça sustenta que até o presente, o conjunto da obra de Trotsky é “tão pouco estudado *enquanto tal*” (MENDONÇA, 2014, p. 15, grifo do autor) e; no desenvolvimento deste argumento, pondera:

Dentre os clássicos do marxismo, Trotsky ocupa uma posição aberrante: diferentemente de Marx, Lenin, Gramsci, nos quais a figura do homem encontra-se mais ou menos apagada diante da obra e dos seus conceitos, em Trotsky é a obra teórica que se encontra até hoje em segundo plano diante das peripécias biográficas do homem de ação. Dentre os clássicos do marxismo, não existe nenhum que tenha sido tão bem estudado quanto ao seu aspecto biográfico quanto Trotsky. [...]

No entanto, a riqueza da historiografia biográfica sobre Trotsky é inversamente proporcional à escassez de estudos sobre as suas ideias e escritos – escritos estes que continuam a ser, em grande parte, de acesso relativamente difícil. (MENDONÇA, 2014, p. 15-16).

Neste bojo, considerando as indicações sobre a dificuldade de acesso a seus textos e obras⁵; a existência de poucos estudos acadêmicos rigorosos sobre seu legado teórico e político; a superficialidade de estudos que se limitam a alguns textos; dirigimos nossas questões sobre a apropriação do pensamento social e político de Leon Trotsky no campo da educação. Entretanto, um primeiro questionamento se faz pertinente: é possível extrair do constructo teórico e político de Leon Trotsky, contribuições para o campo da educação? Que contribuições seriam estas e que contextos as determinam?

Assim, nossa tese objetiva investigar o pensamento social e político de Leon Trotsky, materializado em textos e obras publicadas no contexto dos anos iniciais do regime soviético (1917-1923), com o intuito de identificar suas contribuições teóricas para o campo da educação. Partimos da hipótese geral que o legado teórico deixado por Leon Trotsky, em algumas de suas obras e textos, permite extrair postulados que podem subsidiar as tarefas dos marxistas para o campo da educação.

5 Essa questão está relacionada ao volume de material escrito de sua autoria, inédito em traduções de língua portuguesa, como as próprias limitações das traduções existentes nesta língua, além da dispersão editorial de suas obras e textos. Na segunda seção desta tese, no tópico 2.2 *Notas sobre traduções e edições*, abordaremos este assunto com maior profundidade.

Neste sentido, realizamos um estudo preliminar sobre a presença teórica de textos e obras de Leon Trotsky no interior da revista *Germinal: marxismo e educação em debate*, periódico científico vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (PPGE-UFBA). Nosso objetivo esteve circunscrito a identificar artigos publicados na revista que *bebiam* do referencial teórico deste autor. Naquele momento, identificamos a existência de oito trabalhos que se utilizaram de alguma obra ou escrito de Trotsky (ARANHA, 2019).

De modo mais amplo e como parte do processo de investigação desta tese, realizamos um balanço da produção do conhecimento científico sobre o tema *Trotsky e Educação*⁶. Neste, identificamos a existência de alguns artigos, dissertações, teses e um livro sobre formação de professores, que se referenciam em algumas das obras, textos, conceitos ou ideias de Leon Trotsky.

Em nossa leitura sobre o conjunto deste material, a maioria apresentou limitações quanto a sua apropriação, na medida em que: *i*) a elaboração teórica deste autor não se encontra devidamente situada a partir de seu contexto histórico, social e político e; *ii*) o autor não foi apreendido considerando o conjunto de obras e textos que constituem o *todo-complexo* de seu pensamento. Contudo, como demonstraremos ao longo desta investigação, o pensamento social e político de Leon Trotsky sobre educação demonstra-se mais complexo, contextualizado e espreado por diversos textos e obras.

Assim, com base nestes elementos, identificamos haver uma incipiente tendência na área da educação em se apropriar do referencial teórico de Leon Trotsky, mas problematizamos que esta apropriação não deve se limitar a citações superficiais de alguns textos, sem adentrar profundamente nas especificidades do contexto histórico o qual está assentado e sem se deter sobre o conjunto de seu pensamento social e político, assim como da posição teórica construída por este autor.

Registremos que existe um polêmico debate em curso sobre a contribuição da teoria marxista na elaboração/formulação/construção de uma teoria educacional e pedagógica, que possibilite a superação do modo de produção capitalista

⁶ Realizamos a exposição mais detalhada desta investigação na segunda seção desta tese, no tópico 2.1 *Balanço da produção científica em Trotsky e Educação*.

(DUARTE *et al*, 2011; LAZARINI, 2010, 2015; LOMBARDI e SAVIANI, 2008; MACENO, 2017, 2019; SAVIANI, 1980, 1999, 2003, 2008, 2013; SAVIANI e DUARTE, 2012; SILVA, 2019; TONET, 2007; TUMOLO, 2002). Não adentraremos no interior deste debate a partir das posições dos autores, mas avaliamos que a análise das obras e textos de Leon Trotsky – um teórico do marxismo clássico – e a investigação de sua possível contribuição ao campo educacional, podem auxiliar na construção de uma posição teórica na polêmica em tela.

Leon Trotsky reivindicava para si e sua corrente internacional, a continuidade teórica e política do bolchevismo e do legado de Lênin⁷, contudo, além deste fio de continuidade, alguns estudiosos também reconhecem uma contribuição específica e original ao tronco teórico marxista (COGGIOLA, 1990; KAREPOVS, MARQUES NETO e LÖWY, 2007; MANDEL, 1995; MENDONÇA, 2010, 2014). Este aporte está relacionado, com maior evidência, na teoria da revolução permanente, na lei (ou teoria) do desenvolvimento desigual e combinado e na crítica ao processo de burocratização do Estado Operário soviético.

Deste modo, formulamos a seguinte pergunta científica que orienta esta tese: **que contribuições teóricas para o campo da educação é possível extrair do pensamento social e político de Leon Trotsky, considerando a produção de suas obras e textos nos anos iniciais do regime soviético (1917-1923)?** Como desdobramento desta pergunta, debruçamo-nos nas seguintes questões específicas: a) em que obras e textos encontram-se contribuições teóricas de Leon Trotsky para a educação?; b) em que contexto histórico, social e político estas obras e textos estão inseridos?; c) com base em seu constructo teórico e político, que inferências ou postulados são possíveis extrair sobre educação?

⁷ Vladimir Ilitch Ulianov (1870-1924), conhecido pelo pseudônimo de *Lenin* ou *Lenine*, foi um marxista e revolucionário russo, fundador do partido bolchevique, da III Internacional Comunista, principal dirigente da Revolução Russa de Outubro de 1917 e do Estado Operário soviético. Lenin publicou diversas obras que interpretaram, em seu tempo, as bases teóricas do marxismo, dentre as quais: *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, publicado em 1899; *Que fazer?*, de 1902; *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, de 1917; *Teses de abril*, de 1917; *Estado e revolução*, de 1918. Em grande parte, estas obras polemizaram com as maiores referências teóricas do marxismo de sua época, como Guiorgui Plekhanov, considerado o *pai* do marxismo russo e o teórico alemão Karl Kautsky, discípulo de Friedrich Engels em vida. Manuel Bandeira (1985, p. 9), afirma que: “Lenin foi um revolucionário que não se aferrou ao marxismo, como um dogma, como um sistema acabado de ideias, mas que o desenvolveu como um método de conhecimento da realidade”.

De modo geral, nosso objetivo é identificar, analisar e entender o pensamento social e político de Leon Trotsky sobre educação, materializado por meio de suas obras e textos, considerando o contexto histórico delimitado entre 1917 e 1923 e, deste modo, avaliar as possibilidades de inferir postulados ou teses sobre educação, com base em seu constructo teórico.

A partir de tais questões, elaboramos algumas hipóteses investigativas que, transcorrido e finalizado o caminho da investigação, transformam-se nas seguintes afirmações teóricas, as quais sustentaremos ao longo do texto expositivo:

a) Leon Trotsky possui contribuições teóricas para o campo da educação. Suas contribuições não se encontram centralizadas ou sistematizadas em uma ou mais obras dedicadas especificamente para este fim, mas espalhadas em diversos textos que atravessam um conjunto de temas, produzidas e publicadas especialmente no período entre 1917 e 1923, nomeadamente: *Terrorismo e comunismo*, publicado em 1920; *Saber militar e marxismo*, de 1921; *Questões do modo de vida*, de 1923; *Literatura e revolução*, de 1923, e; *Tarefas da Educação Comunista*, de 1923.

b) Os textos e obras de Leon Trotsky que refletem e abordam as questões educacionais estão inseridos em um contexto histórico, social e político determinado: após a Revolução Russa de Outubro de 1917, com a tomada do poder pelo proletariado urbano industrial em associação à massa de camponeses russos, dirigidos politicamente pelo partido bolchevique, num país atrasado economicamente em relação aos países capitalistas centrais, sob a necessidade precípua de organizar o Estado Operário; de defendê-lo de sabotagens, ataques e invasões; de responder militarmente uma guerra civil (1917-1921); junto a necessidade de reorganizar a economia sob as bases produtivas estatais, planificadas e centralizadas pelo Estado; de avançar no domínio técnico, científico, cultural e ampliar o padrão cultural e o modo de vida da classe trabalhadora russa a partir de uma reconstrução planejada pelo partido, que exerce o poder político sob o regime dos soviets.

c) Trotsky aborda a questão da educação relacionada às necessidades e tarefas impostas pelas condições materiais do desenvolvimento das forças

produtivas e das relações de produção. Neste sentido, pensou a educação para a arte militar, num contexto da guerra civil; a educação para a formação de novos hábitos e um novo modo de vida, num contexto da reconstrução econômica e cultural, após o término da guerra civil; a educação revolucionária e de transição para o período de construção do socialismo e; perspectivou tendências de um desenvolvimento socialista em suas relações com a educação, arte e cultura. Para Leon Trotsky, as tarefas educacionais necessárias ao início do período de transição não são as mesmas da fase socialista da humanidade.

d) Na fase de transição, Trotsky defende a necessidade de uma educação que permita o acesso aos conhecimentos técnicos, científicos, filosóficos, clássicos e artísticos produzidos pela humanidade para aumentar o acervo cultural da classe trabalhadora e o aprofundamento no conhecimento teórico-prático do marxismo e do leninismo. A educação nesta fase é revolucionária e de transição, pois encontra-se subordinada as tarefas de defesa da ditadura do proletariado e da luta contra o modo de produção capitalista mundial, ao mesmo tempo que se desenvolve para o afinamento do Estado Operário e a substituição gradual das tarefas do Estado para o coletivo social.

e) No socialismo, as condições materiais estariam desenvolvidas em determinado grau, que a arte, a cultura, a ciência, a formação e a educação não adquiririam características de classe, uma vez que o socialismo se funda no desenvolvimento gradual da supressão da divisão das classes sociais, o que se traduz pela condição teleológica da inexistência do proletariado enquanto classe e, logo, pela impossibilidade de desenvolvimento de uma cultura, arte, ciência, formação e educação proletárias.

f) Na etapa da luta de classes no período de transição, quando o partido revolucionário controla o poder e o aparelho de Estado, as atividades partidárias giram de centro, de modo a priorizar as tarefas educativas e culturais, isto é, a *militância cultural*.

Nesta tese, ressaltamos que não vislumbramos uma contribuição teórica específica de Leon Trotsky ao campo da educação. Trotsky não se deteve sobre questões educacionais ou pedagógicas como temas em si, mas como revolucionário

e dirigente de um Estado Operário, defrontou-se com a preocupação de como consolidar a revolução e de como fazê-la avançar no mundo. Neste sentido que as considerações sobre educação aparecem em seu texto.

1.2 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Justificamos a realização desta pesquisa, que versa sobre o pensamento social e político de Leon Trotsky e suas contribuições teóricas para a educação, com base nas seguintes considerações: a) o volume da produção bibliográfica deste autor, que se encontra dispersa, fragmentada, além de parcialmente inédita em língua portuguesa, o que tem sido objeto de investigações de historiadores e cientistas sociais; b) o conteúdo desta produção, centralmente voltado ao tema da revolução socialista; c) o legado teórico construído pelo autor, que funda um tronco do marxismo clássico, o que tem influenciado historicamente um conjunto diverso de organizações, grupos, intelectuais, além de políticos brasileiros; d) o impacto que o autor e sua obra possuem além dos círculos da militância partidária, alcançando o interesse jornalístico, literário, cinematográfico e outros meios artísticos e culturais; e) a importância e a necessidade de estudar um autor que vivenciou, escreveu e elaborou teoricamente sobre a Revolução Russa de 1917, evento que possui significativa relevância social, histórica e científica, como objeto para diferentes áreas e campos das ciências humanas e sociais, em geral, assim como, para a educação, em particular. Desenvolveremos estes elementos a seguir:

a) Em sua trajetória, marcada por perseguições, prisões, deportações, levantes insurrecionais e guerras⁸, Leon Trotsky escreveu centenas de artigos, textos, brochuras, livros e notas que, se reunidas, formam um considerável acervo do marxismo. Consideramos que esta produção urge ser investigada, pois, além de fonte primária para historiadores que se dedicam aos eventos dos quais ele foi testemunha e agente, também apresenta uma teoria sobre a revolução socialista

⁸ No Apêndice A, apresentamos uma cronologia resumida da vida de Leon Trotsky em paralelo a fatos históricos que permitem se aproximar do seu tempo histórico.

que necessita ser devidamente apropriada pelas ciências humanas e sociais, como pelo campo das ciências da educação, em particular.

Para compreendermos a dimensão deste acervo e os limites em sua apropriação, o próprio Trotsky relata que o Estado Operário, por meio das *Edições do Estado*⁹, iniciou a publicação de suas *Obras completas*, no qual foram editados treze volumes, acrescidos de cinco tomos de textos militares, interrompidos em 1927, “[...] quando as perseguições exercidas contra o trotskismo tornaram-se particularmente encarniçadas” (TROTSKY, 1978, p. 14).

Segundo Bianchi (2005), deste primeiro compilado, poucas originais resistiram à perseguição stalinista. Tal condição envidou esforços de organizações adeptas ou simpatizantes as ideias de Trotsky, em reunir o seu acervo bibliográfico fora do território russo, tais como: o *Institut Leon Trotsky*, de Paris, que publicou 27 volumes de *Œuvres*; o *Socialist Workers Party (SWP)*, dos Estados Unidos, que por meio da *Pionner Publisher* (depois *Pathfinder Press*), publicou 14 volumes de *Writings of Leon Trotsky*; a londrina *New Park*, que também publicou significativo número de suas obras e, por fim; a latino-americana *Pluma*, que publicou seis tomos de seus *Escritos*. Nesta última, por exemplo, foram publicados somente textos produzidos durante seu último exílio, de 1928 a 1940, cuja soma reúne mais de mil escritos, incluindo artigos, cartas e entrevistas¹⁰.

Na Universidade de Harvard, há uma seção especial na biblioteca, denominada *Trotsky Papers*, que contém textos originais, transcrições, cópias de cartas, correspondências, telegramas, pronunciamentos, declarações e escritos que, ao todo, reúnem mais de 298 caixas de arquivos, além de 71 bobinas sobre textos militares. Este material, inédito ao público em geral, tem sido fonte primária de recentes estudos que continuam a explorá-lo¹¹.

9 *Gosizdat* [Госиздат], foi uma editora estatal soviética, fundada em 21 de maio de 1919, que publicou as obras completas de Marx, Engels, Lenin e outros, além dos escritos de Trotsky, antes de seu banimento da União Soviética, em 1927. Seu primeiro diretor foi o crítico literário e diplomata, Vatslav V. Vorovsky, que ficou no cargo até 1921, quando a *Gosizdat* foi incorporada ao Comissário do Povo para a Educação, passando a ser dirigida por Otto Schmidt, até 1924. Foi sob a direção de Schmidt que as obras de Leon Trotsky foram publicadas (ГОСИЗДАТ, 2019).

10 Disponível no portal *Arquivo Leon Trotsky*: <<http://site.archivoleontrotsky.org/>>.

11 Mais informações no sítio eletrônico virtual da biblioteca da Universidade de Harvard: <<https://guides.library.harvard.edu/soviethistoryarchives/trotsky>>.

Até o presente momento, inexistiu uma compilação editorial que organize e reúna todas as obras e escritos de Leon Trotsky. Diferentemente dos textos de Marx e Engels ou dos escritos de Lenin, “A verdade é que a fortuna editorial de Trotsky não foi das melhores” (BIANCHI, 2005, p. 04). Ao tratar-se, especialmente, da língua portuguesa, as publicações de Trotsky se encontram numa condição ainda mais embaraçada, pois neste idioma “[...] não há uma compilação de obras escolhidas e sequer uma coletânea abrangente dos textos mais importantes.” (BIANCHI, 2005, p. 04).

Assim, no que pese as iniciativas e esforços de algumas organizações na publicação destes textos em língua portuguesa, o conhecimento e a apropriação do conjunto do pensamento social e político de Leon Trotsky, por meio de suas obras completas, apresenta-se como uma grande lacuna a ser superada. Ao nos lançarmos à investigação de suas obras e textos nesta tese de doutorado, considerando o recorte temporal e temático em torno da educação, perspectivamos contribuir para a superação desta lacuna.

b) Em segundo lugar, também sustentamos a necessidade de estudar cientificamente o pensamento social e político de Trotsky para o campo da educação, em razão do conteúdo central de suas obras e textos, predominantemente relacionados ao tema da revolução socialista. Leon Trotsky não foi um pensador da escola, do ensino, da pedagogia ou mesmo da educação, mas da revolução mundial do proletariado e, sob esta estratégia e propósito que consideramos relevante entender as tarefas que se impõe ao campo educativo.

Num levantamento das obras de Leon Trotsky publicadas em língua portuguesa, identificamos a existência de mais de cinquenta títulos de sua autoria¹². No esforço de sistematização temática destes, organizamo-los do seguinte modo: *i*) obras que tratam diretamente sobre a revolução socialista e a conquista do poder; *ii*) obras que tratam sobre a manutenção do poder e a construção do socialismo; *iii*) obras historiográficas da Revolução Russa e biográficas de seus principais personagens; *iv*) obras sobre a burocratização do partido bolchevique e do Estado

12 No Apêndice B, apresentamos os resultados deste levantamento.

Operário; v) obras sobre revoluções em outros países para além da Rússia; vi) obras sobre problemas filosóficos gerais, ciência, moral e dialética marxista.

Em caráter de síntese, identificamos que uma das grandes preocupações teóricas de Trotsky em suas obras, concentraram-se no problema da revolução socialista: o caráter da revolução; a classe social que protagoniza a revolução; como fazer a revolução; a defesa militar da revolução; as conquistas da revolução e o seu desenvolvimento; a revolução no mundo; a revolução na China, na Alemanha, na França, na Espanha, nos Estados Unidos; o programa e as tarefas da revolução para determinada época histórica; a contrarrevolução da burocracia soviética; a contrarrevolução fascista; a moral revolucionária, são alguns assuntos sobre os quais o autor se debruçou em seus textos.

Constata-se, portanto, que Leon Trotsky não se deteve sobre questões específicas ou singulares ao campo da educação, não obstante, os intercursos nas questões educativas que atravessam alguns de seus textos, ocorrem na medida em que suas preocupações giram em torno das tarefas necessárias à consolidação da revolução no período de transição ao socialismo, postos diante da concretude de uma experiência histórica com o Estado Operário russo.

Assim, justificamos a investigação do pensamento social e político de Leon Trotsky relacionado ao campo da educação, precisamente por ele ter se dedicado ao problema da revolução e da construção do socialismo como questão central de sua vida, sob a luz de uma experiência histórica concreta que impactou fortemente o século XX, cujo debate e importância continua em aberto até o presente século.

c) Em terceiro lugar, Leon Trotsky foi fundador de uma corrente teórica e política internacional que se constituiu como um dos importantes troncos do marxismo. Esta corrente foi organizada em torno da Quarta Internacional, criada com a finalidade de manter o legado teórico e político do marxismo, como afirma o seu documento fundacional (STATUTES, 1938). Mesmo após a morte de Trotsky e a fragmentação desta organização, suas ideias e elaborações continuaram reivindicadas por dezenas de grupos políticos atuantes no mundo¹³.

13 Temos conhecimento da existência das seguintes: Secretariado Unificado da Quarta Internacional (SU-QI), Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI), Liga Comunista Internacional – Quarta Internacional (LCI-QI), Liga Socialista Internacional (LSI), Liga pela Quarta

No Brasil, alguns dos principais partidos e organizações que compõem o quadro da chamada *esquerda brasileira*¹⁴, também reivindicam, total ou parcialmente, o seu legado. Assim, de certa maneira, o pensamento de Leon Trotsky tem sido um *fio condutor* na elaboração teórica, política e programática destas organizações. Independentemente das interpretações que façam de seus textos e obras, se corretas ou não, é o caso de: *i*) algumas tendências políticas internas ao Partido dos Trabalhadores (PT), como Democracia Socialista (DS); Movimento 26 de Julho (M26); O Trabalho (OT); *ii*) algumas tendências internas ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), como o Movimento de Esquerda Socialista (MES); Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST); Esquerda Marxista (EM); Liberdade, Socialismo e Revolução (LSR); Insurgência; Resistência; *iii*) Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU); *iv*) Partido da Causa Operária (PCO); *v*) Movimento Revolucionário dos Trabalhadores (MRT); *vi*) Liga Bolchevique Internacionalista (LBI) e; *vii*) Partido Operário Revolucionário (POR).

É notório que tais organizações e tendências, por sua vez, tem influenciado historicamente, direta ou indiretamente, uma determinada parcela de movimentos sociais, da juventude e de trabalhadores organizados, dentre os quais se encontram categorias de trabalhadores do setor da educação de diferentes esferas e níveis.

O pensamento de Leon Trotsky e as bases teóricas e programáticas da IV Internacional também influenciaram na formação de alguns intelectuais, dos quais identificam-se, por exemplo: Isaac Deutsher, Ernest Mandel, Michel Pablo, Daniel Bensaid, James Petras, George Novack, Silvio Frondizi, Oswaldo Coggiola, Guilherme Lora, Luis Vitale, entre outros. Estudos desenvolvidos por Dias *et al*

Internacional (LQI), Unidade Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (UIT-QI), União Comunista Internacional (UCI), Comitê Internacional da Quarta Internacional (CIQI), Centro pela Reconstrução da Quarta Internacional (CRI-QI), Comitê por uma Internacional dos Trabalhadores (CIT), Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI), Coordenação para a Refundação da Quarta Internacional (CRQI), Tendência Marxista Internacional (TMI), Tendência Socialista Internacional (IST), Fração Trotsquista Internacional (FTI), Fração Trotsquista – Quarta Internacional (FC-QI), Quarta Internacional Posadista (QI-P), Tendência Bolchevique Internacional (TBI) e Socialismo ou Barbárie.

14 Registramos haver polêmicas sobre o uso abstrato e pouco criterioso desta expressão, assim como a caracterização sobre que organizações e partidos podem ser identificados como tal. Particularmente, fundamentamos nossa posição apoiado no critério marxista de classes sociais e, portanto, na identificação do programa, da direção e da base social das organizações com a classe trabalhadora.

(1996) e Sena Júnior (2004) encontraram certa confluência entre as ideias de Trotsky e os escritos do intelectual italiano Antonio Gramsci; enquanto Pericás (2002) e Gaido e Valera (2016) identificaram haver uma influência de Trotsky no líder guerrilheiro Che Guevara.

No Brasil, além de Leon Trotsky ter sido parte da formação teórica e política de importantes intelectuais, como Florestan Fernandes, Michel Löwi, Moniz Bandeira, Rui Marini, dentre outros, toda uma coluna de *quadros* da política brasileira sofreu influências de seus escritos e obras em determinado momento, ainda que não necessariamente o reivindicuem em tempos hodiernos¹⁵.

De acordo com Perry Anderson (1976), Leon Trotsky faz parte de uma geração do marxismo clássico¹⁶ que origina um tronco teórico-político deste, popularmente conhecido como *trotsquismo*¹⁷. Independente da forma como o movimento trotsquista tem se apropriado do legado de seu pensamento, ele está presente na formação de uma parcela significativa e relevante de intelectuais, políticos, organizações, partidos, movimentos sociais e organizações da classe trabalhadora brasileira. Deste modo, sustentamos que seus escritos, obras, teorias e ideias necessitam se constituir como objeto de investigação das ciências humanas e sociais, no qual se insere o estudo de seu pensamento para o campo da educação.

d) Em quarto lugar, a vida e obra de Leon Trotsky também tem alcançado um público mais amplo, externo aos círculos estritamente políticos. Trotsky tem sido objeto de interesse de jornais, revistas, cinema, literatura e outros meios artísticos e culturais, o que o torna um autor razoavelmente conhecido do público em geral, ainda que tal conhecimento esteja limitado as interpretações destes meios.

15 Dos quais podemos citar ex-presidentes, como Fernando Henrique Cardoso, Dilma Rousseff e ex-ministros, como Antonio Palocci, Guido Mantega, Luiz Guchiken, dentre outros.

16 Temos acordo com a crítica de Costa Neto (2014) realizada ao conceito de *marxismo ocidental*, difundido por Anderson (1976) que, baseado numa concepção antitética entre *Ocidente* e *Oriente*, generaliza, simplifica e limita a reconstrução histórica do marxismo no século XX.

17 Segundo Trotsky (2017, p. 268), a invenção da palavra *trotsquismo* se deve ao professor liberal Pavel Milyukov (1859-1943), fundador e líder do Partido Liberdade do Povo, conhecido como *Democratas Constitucionalistas*, cuja sigla em russo, KD, deu origem à denominação *Cadetes*. Quando Nicolau II caiu em fevereiro de 1917, os *Cadetes* conformaram o governo provisório, no qual Milyukov esteve a frente, como Ministro das Relações Exteriores.

Em vida, Trotsky foi acompanhado pela imprensa internacional que lhe dedicou várias notícias e artigos¹⁸. Estampou a capa da revista *Times* por três vezes¹⁹ e; mesmo décadas após sua morte, continua a render matérias e curiosidades, como nas revistas brasileiras *Superinteressante*²⁰ e *Galileu*²¹, por exemplo.

Na literatura, os últimos anos de sua vida foram retratados no premiado romance *O homem que amava os cachorros*, do cubano Leonardo Padura²²; o que também ocorreu em *Viva!*, de Patrick Delville²³. Sua vida íntima no México, foi narrada em *Frida e Trotsky: a história de uma paixão secreta*, de Gérard de Cortanze²⁴; além de referências simbólicas, como o personagem *Bola-de-neve*, em *A Revolução dos Bichos*, do escritor britânico H. G. Wells²⁵.

No formato *Grafic Novel*, além da biografia de Tariq Ali, ilustrada por Phil Evans, em *Conheça Trotsky*²⁶; também existe a arte de Rick Geary, *Trotsky: A Graphic Biography*²⁷; o romance de Gani Jakupi, em *Les Amants de Sylvia: Quand Staline inventait l'amour assassin*²⁸ e; com objetivo de vilipendiar o comunismo, uma pequena revista voltada ao público infantojuvenil, *Fighting American*²⁹, que chegou a ilustrar um vilão russo sob o codinome *Hotsky Trotski*.

18 Somente no *New York Times*, identificamos dezenove edições, publicadas entre 1917-1923, que lhes dedicaram alguma notícia. Mais informações em: <<https://www.nytimes.com/search?>>.

19 Nas seguintes edições: vol. V, núm. 20, de 18 de maio de 1925; vol. X, núm. 21, de 21 de novembro de 1927 e; vol. XXIV, núm. 04, de 25 de janeiro de 1937. Mais informações em: <<https://time.com/vault/year/1937/>>.

20 *Quem foi Leon Trotsky?*, por Leonardo Pujol, de 17 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/quem-foi-leon-trotsky/>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

21 *5 fatos curiosos sobre a morte do revolucionário Leon Trotsky*, por Carina Brito, de 20 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2019/08/5-fatos-curiosos-sobre-morte-do-revolucionario-leon-trotsky.html>>. Acesso em: 3 jan. 2020.

22 No original: *El hombre que amaba a los perros*. Em português, publicado pela Boitempo, em 2013. Traduzido do espanhol por Helena Pitta.

23 Com o mesmo título original. Em português, publicado pela Editora 34, em 2016. Traduzido do francês por Marília Scalzo.

24 No original: *Les amants de Coyoncán*. Em português, publicado pela Editora Planeta do Brasil, em 2018. Traduzido do francês por André Telles.

25 Título original: *Animal Farm*. Em português, publicada pela Companhia das Letras, 2007, traduzido por Heitor Ferreira.

26 Título original: *Trotsky for Beginners*. Proposta Editorial, 1980. Tradução de Elizabeth Marie.

27 Publicado pela Editora Hill & Wang, 2009. Sem tradução para o português.

28 Publicado pela Futoropolis, 2010. Sem tradução para o português.

29 *Fighting American*, v. 1, escrito por Joe Simon e ilustrado por Jack Kirby. Indicia/Colophon, 1954.

Ele também tem sido objeto de interesse cinematográfico em várias películas: *O Assassinato de Trotsky*³⁰, drama que recriou o episódio de sua morte; *Trotsky – a revolução começa na escola*³¹, comédia contemporânea sobre um colegial; além do recente *Trotsky*³², série televisiva em oito capítulos produzida por um canal de televisão russo, que reinterpreto sua biografia. Em *Frida*³³, premiada película biográfica da pintora mexicana, e *O eleito*³⁴, que conta a história de seu assassino, a figura de Trotsky aparece como personagem coadjuvante.

Leon Trotsky também foi retratado em outras linguagens artísticas, como o trabalho do pintor e muralista mexicano, Diego Rivera, que lhe rendeu uma homenagem no mural rebatizado como *O homem: controlador do universo*, de 1934; enquanto Frida Khalo pintou uma dedicatória num de seus autorretratos. O escritor e poeta Paulo Leminski, além de escrever-lhe uma biografia³⁵, compôs o poema *O Velho Leon e Natalia em Coyocan*, musicado por Vitor Ramil, além do poema necrológico, *Liberdade e Luta*, em alusão a organização trotsquista de mesmo nome. No meio musical, uma expressiva banda de punk rock uruguaia, formada em 1991, batizou-se como *Trotsky Vengarán*. Por fim, o autor que investigamos nesta tese também foi transformado em animação de jogos eletrônicos³⁶.

Deste modo, a vida e a obra de Trotsky produziram certo impacto no meio artístico, literário e cultural em nível mundial, alcançando um público maior do que sua esfera de influência política. Urge, portanto, estudar seriamente este autor para que o seu pensamento e legado sejam amplamente conhecidos e contextualizados, mas com o devido rigor científico, de modo que os vários debates e polêmicas que

30 Título original: *The assassination of Trotsky*. Direção de Joseph Losey. Estrelado por Richard Burton. Produção italo-francesa-britânica, 1972, duração de 100 min.

31 Título original: *The Trotsky*. Direção de Jacob Tierney. Estrelado por Jay Baruchel. Produção canadense, 2009, 113 min.

32 Título original: *Tpoukuu*. Dirigida por Alexander Kott e Konstantin Statsky. Estrelado por Konstantin Khabensky. Produção russa, 2017, em oito episódios.

33 Título original: *Frida*. Direção de Julier Taymor; com Salma Hayek, Alfred Molina e Geoffrey Rush como Leon Trotsky. Produção canadense, mexicana e estadunidense, 2002. 123 min.

34 Título original: *El Elegido*. Direção de Antonio Chavarrias; com Alfonso Herrera e Henry Goodman interpretando Trotsky. Produção espanhola, 2016. 127 min.

35 *Vida: Cruz e Souza, Bashô, Jesus e Trotsky – 4 biografias*. Publicado pela Companhia das Letras.

36 *Assassin's Creed Chronicle: Rússia*, produzido por *Climax Studios* e lançado pela *Ubisoft*, em 2016, e *Hearts of Iron 4*, desenvolvido pela *Paradox Development Studio* e lançado em 2016.

envolvem o seu nome e pensamento, como a contribuição para a revolução socialista e as tarefas para a educação, sejam devidamente debatidas.

e) Por fim, a relevância em pesquisar as contribuições teóricas de Leon Trotsky para o campo da educação como objeto de estudo de uma tese doutoral, torna-se relevante por se debruçar sobre um autor, que não somente foi testemunha direta de um acontecimento histórico de profundo impacto no mundo contemporâneo, como também foi um dos seus principais teóricos e agentes.

Sobre tal acontecimento, Eric Hobsbawm relata que no início de século XX, a humanidade ansiava por uma alternativa a crise da sociedade capitalista, arruinada pelas consequências destrutivas da Primeira Guerra Mundial. Segundo ele:

A Revolução Russa, ou, mais precisamente, a Revolução Bolchevique de outubro de 1917, pretendeu dar ao mundo esse sinal. Tornou-se portanto tão fundamental para a história deste século quanto a Revolução Francesa de 1789 para o século XIX. Na verdade, não é por acaso que a história do Breve Século XX, segundo a definição deste livro, praticamente coincide com o tempo de vida do Estado nascido da Revolução de Outubro. Contudo, a Revolução de Outubro teve repercussões muito mais profundas e globais que sua ancestral. Pois se as ideias da Revolução Francesa, como é hoje evidente, duraram mais que o bolchevismo, as consequências práticas de 1917 foram muito maiores e mais duradouras que as de 1789. A Revolução de Outubro produziu de longe o mais formidável movimento revolucionário organizado da história moderna. Sua expansão global não tem paralelo desde as conquistas do islã em seu primeiro século. (HOBSBAWM, 1995 p. 62).

Na mesma direção, Fernandes (2017, p. 152) defende que, num sentido amplo e histórico, a Revolução Russa de 1917 “[...] destaca-se por ter sido a primeira experiência de estruturação continuada de um sistema alternativo ao capitalismo no mundo. Foi o que imprimiu singular importância histórico-mundial a essa revolução centenária”.

Segundo este autor, a Revolução Russa deixou cinco grandes legados: *i*) a influência no movimento operário brasileiro, com a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), em 1922; *ii*) a inserção do debate sobre “questão social” na agenda mundial, cuja pressão exercida nos países capitalistas desenvolvidos, contribuiu

para a formulação do Estado de Bem-Estar Social; *iii*) o fortalecimento dos movimentos e processos de descolonização que ocorreram na segunda metade do século XX, com processos que redesenharam a geopolítica mundial; *iv*) a contribuição para a derrota militar do nazifascismo, em ampla coalização com “forças democráticas” na Segunda Guerra Mundial; *v*) o desenvolvimento científico e tecnológico mundial, especialmente com a criação do setor aeroespacial soviético, que inaugurou a conquista humana do espaço sideral com o lançamento do primeiro satélite artificial (Sputinik) e do primeiro ser humano (Yuri Gagarin), o que deflagrou a corrida espacial com os norte-americanos, cujos resultados permitiram o desenvolvimento de várias tecnologias, como a internet e os atuais *smartphones*, por exemplo. (FERNANDES, 2017).

A historiadora Emília Viotti da Costa (2003), em justificativa da coleção *Revoluções do Século XX*, avalia que os protestos ocorridos no início do século XXI, nas cidades de Seattle (Estados Unidos), Porto Alegre (Brasil) e Mumbai (Índia)³⁷, demonstraram que os jovens da atualidade continuam dispostos a transformar o mundo, entretanto, pondera que

[...] quaisquer que sejam as formas de lutas escolhidas é preciso conhecer as experiências revolucionárias do passado. Como se tem dito e repetido, quem não aprende dos erros do passado está fadado a repeti-los. Existe, contudo, entre as gerações mais jovens, uma profunda ignorância desses acontecimentos tão fundamentais para a compreensão do passado e a construção do futuro. (COSTA, 2003, p. 05).

Leon Trotsky esteve no centro do acontecimento que pode ser considerado uma das experiências históricas mais importantes da humanidade até o momento. Trotsky se localizou como parte da direção que conduziu os trabalhadores ao poder; esboçou tendências e prognósticos sobre o desenvolvimento desta revolução (TROTSKY, 1973, 198?); dedicou-se a sua historiografia, aplicando-lhe a lei do desenvolvimento desigual e combinado (TROTSKY 2017a, 2017b); contribuiu no

37 A autora provavelmente se refere a protestos ocorridos em novembro de 1999, em Seattle, contra a reunião da *Rodada do Milênio* da Organização Mundial do Comércio (OMC); as edições do Fórum Social Mundial (FSM), de 2001 e 2003, em Porto Alegre e; 2004, na Índia, no qual também ocorreram manifestações como parte dos chamados *movimentos antiglobalização*.

debate sobre a construção de novas relações sociais inerentes a construção de uma sociedade socialista, tais quais as questões sobre o modo de vida, a cultura, a arte e a educação (TROTSKY, 1969, 1979); esboçou reflexões sobre a natureza de classe da União Soviética e conjecturas teóricas que previram a *restauração capitalista*, meio século antes dela acontecer (TROTSKY, 1980, 2010).

A Revolução Russa de 1917 confirmou a tese de Marx e Engels sobre a possibilidade histórica de superação do modo de produção capitalista. Com base no arcabouço teórico de Trotsky para entender as leis históricas da revolução e os caminhos na construção do socialismo, no qual esteve diretamente envolto, que ratificamos a importância de investigar suas obras e textos, no intuito de analisar possíveis contribuições de seu pensamento social e político para o campo da educação.

1.3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Para o desenvolvimento desta pesquisa, valemo-nos do referencial teórico-metodológico desenvolvido por Karl Marx e Friedrich Engels conhecido por materialismo histórico dialético, especialmente a partir de sua *opus magnum*, *O Capital*, quando as categorias e leis da dialética entram em operação no movimento histórico do objeto, no caso, “o modo de produção capitalista e as correspondentes relações de produção e troca.” (MARX, 1985, p. 5).

Contudo, a exposição sistemática do método não foi preocupação dos autores, forçando-nos à tarefa de percorrer o caminho do desenvolvimento de sua investigação. O próprio Marx esclareceu esta opção: “Não há estrada real para a ciência, e só têm probabilidade de chegar a seus cimos luminosos, aqueles que enfrentam a canseira para galgá-los por veredas abruptas.” (MARX, 1985, p. 19).

Com base em tal preceito, corroboramos com Peixoto (2017) que, em diálogo crítico com Sanchez-Gamboa (2008) sobre o método, aponta limites em sua apreensão, uma vez que, nele, conceitos, categorias e sínteses se apresentam deslocados do movimento real do objeto. Segundo a autora:

Desconfiamos da possibilidade de que uma tal generalização empurre Sanchez-Gamboa para atribuir ao marxismo uma espécie de síntese entre as perspectivas “empírico-analítica” e “fenomenologia” e ignorar o caráter materialista da dialética marxiana e engelsiana. Pode estar aqui a raiz da determinação linear da subjetividade – ainda que admitida sua construção histórica, apresenta-se de forma descolada da materialidade subjetividade/posição de classe/ estágio de desenvolvimento das relações de produção nos nexos com o desenvolvimento das forças produtivas. (PEIXOTO, 2017, p. 7).

Segundo a autora, a apreensão do método dialético apartado do *movimento prático*³⁸ e material do objeto, pode incorrer no distanciamento indesejado das bases teórico-metodológicas de Marx e Engels. Afirma que generalizações e simplificações “própria dos manuais” (PEIXOTO, 2017, p. 7), contribuem mais para as “especulações e mistificações” (PEIXOTO, 2017, p. 7) sobre o método, em vez de sua devida apropriação. Deste modo, delinea:

Apostamos na formação clássica que orienta para a leitura direta das fontes às quais nos remetemos, defendendo que há na obra de Marx e Engels um processo de crítica epistemológica passível de ser investigado e entendido a partir do estudo dos próprios autores e exposto recorrendo-se às suas próprias expressões. (PEIXOTO, 2017, p. 8).

Assim, nossa preocupação não se direcionou em conceituar o método, as categorias dialéticas (contradição, mediação, particular, singular, totalidade, forma, conteúdo, etc.)³⁹ ou a descrição de conceitos separados do *movimento prático* do objeto⁴⁰. Nossa opção metodológica se deteve, portanto, na apreensão do material de nossa investigação, a partir de sua própria lógica interna, no caso concreto, dos textos e obras de Leon Trotsky e o desenvolvimento de seu pensamento sobre

38 Prática ganha aqui a acepção marxiana exposta por Barata-Moura: “Em substância, na acepção filosófica ‘forte’ que acabamos sumariamente de delinear, trata-se de reconhecer e de pensar a *prática*, fundamental e nuclearmente, como *atividade material de transformação*”. (BARATA-MOURA 1994, p. 88, grifos do autor)

39 Cheptulin (2004), em *A dialética materialista: categorias e leis da dialética*, descreve e desenvolve as explicações conceituais de tais categorias.

40 Com o aprofundamento metodológico necessário para a construção desta tese, avaliamos que incorremos neste limite em nossa dissertação de mestrado (ARANHA, 2011).

educação, que se estabelece sob uma determinada base material histórica, o que deverá transparecer ao longo do texto expositivo.

Desta maneira, entendemos que melhor nos aproximamos do método usado por Marx e Engels, quando tomamos como referência a apreensão adequada da *vida do material* do nosso objeto, como defende o filósofo português Barata-Moura (2009). Em sintonia com este autor, Peixoto (2017, p. 13) nos alerta: “é a vida do material o que importa apanhar, o que nos faz pensar sobre a possibilidade e os limites de antever o caminho fora e antes de o ter percorrido”.

É o que vemos numa leitura cuidadosa d’*O Capital*, quando o objeto de estudo é apanhado em suas determinações materiais e históricas, em detalhes, em seu movimento interno, em relações e nexos, com vistas a apreender as leis de sua gênese, de seu desenvolvimento e das tendências que o determinam e desenvolvem. Numa síntese explicativa, presente no posfácio da segunda edição desta obra, Marx transcreve uma crítica a este método, com o intuito de melhor aclarar a sua exposição:

Para Marx só uma coisa importa: **descobrir as leis dos fenômenos que ele pesquisa**. Importa-lhe não apenas a lei que os rege, enquanto têm forma definida e os liga relação observada em dado período histórico. O mais importante, de tudo, para ele, **é a lei de sua transformação, de seu desenvolvimento, isto é, a transição de uma forma para outra, de uma ordem de relações para outra**. Descoberta esta lei, investiga ele, em pormenor, os efeitos pelos quais ela se manifesta na vida social... Em consequência, todo o esforço de Marx visa demonstrar, através de escrupulosa investigação científica, a necessidade de determinadas ordens de relações sociais e, tanto quanto possível, verificar, de maneira irrepreensível, os fatos que lhes servem de base e de ponto de partida. (MARX, 1985, p. 14-15, grifos nossos).

Extraído do jornal russo *Mensageiro Europeu*, o texto é considerado por Marx como um retrato fiel de seu método investigativo, pois discorre precisamente sobre o que se deve observar no trato metodológico com um objeto de estudo: *i*) descobrir as leis que regem os fenômenos, *ii*) identificar as relações estabelecidas no interior do próprio período histórico observado; *iii*) atentar para a *lei de sua transformação*, de seu desenvolvimento, a *transição* de uma determinada forma para outra.

Disto posto, compreendemos que as leis históricas que determinam o pensamento social e político de Leon Trotsky sobre educação, não surgem como ideias abstratas, “como um raio do céu sem nuvens” na expressão de Marx (2011, p. 31), mas determinada por condições objetivas, históricas e materiais. Assim, o pensamento social e político de Leon Trotsky, analisado através de suas obras e textos, deve ser apanhado em seu processo de desenvolvimento e evolução no movimento prático da história, desde as condições materiais e as relações de classes sociais que permitiram o desenvolvimento da Revolução Russa, as bases econômicas e materiais que os revolucionários se depararam ao tomar o poder, assim como os debates e contradições inerentes em tal processo.

Em função da natureza do nosso objeto, realizamos uma pesquisa do tipo bibliográfica, cuja fonte de dados é constituída por livros e capítulos de livros, publicados em língua portuguesa, de autoria de Leon Trotsky, que guardam relações e nexos com o tema da educação.

Delimitamos as obras e textos produzidos no período entre 1917 e 1923. A seleção deste período foi resultado de uma investigação exploratória preliminar, no qual nos apropriamos do material produzido por Trotsky disponível no portal *Marxists Internet Archive* (MIA), no idioma português, cuja análise indicou haver, neste intervalo temporal, a existência de uma produção que tangencia com a proposta de pesquisa indicada nesta tese, ou seja, uma possível contribuição para o campo da educação. Este período inicia com a Revolução de Outubro de 1917 e se estende até as primeiras tensões políticas internas ao partido bolchevique que eclodem no surgimento da Oposição de Esquerda, no final de 1923.

Assim, como resultado desta pesquisa exploratória, nossa fonte de pesquisa se deteve nos seguintes materiais: i) a obra *Terrorismo e comunismo*, originalmente publicado em 1920; ii) o texto *Saber militar e marxismo*, publicado em 1921; iii) o livro *Questões do modo de vida*, publicado em 1923; iv) o livro *Literatura e revolução*, de 1923, e; v) o texto *Tarefas da educação comunista*, também de 1923. Como discutido anteriormente, este material compõe um bloco temático da produção bibliográfica de Trotsky, preocupado com a questão da manutenção do poder no período de transição ao socialismo.

Para análise do material, partimos da referência teórica de Marx e Engels, particularmente, quando se detiveram sobre o pensamento social e político de um determinado autor, como Proudhon (MARX, 2009), Eugene Dühring (ENGELS, 2015) e Feuerbach (ENGELS, 2012). Nestes, observamos como os fundadores do marxismo partem da exposição fiel das teses e pressupostos defendidos pelos autores analisados; confrontam tais pressupostos tanto com o estágio de desenvolvimento do conhecimento produzido até o momento, quanto com o *movimento prático* da história, no que apontam os limites e as contradições internas da lógica do pensamento dos autores estudados.

Como referência metodológica, também consideramos algumas teses de doutorado que, em seus objetos, detiveram-se sobre o pensamento social de um determinado autor, tais quais: Freitas (2005) e Oyama (2010), que analisaram as contribuições de Vladimir Lenin para a educação; Correa (2016), que se debruçou sobre as biografias e obras de Louise Michel e Nadezhda Krupskaja; Barão (2008), que analisou as contribuições educacionais de Florestan Fernandes e; Ferreira (2019), que investigou a ontologia da formação humana presente na obra do historiador Johan Huizinga.

A apropriação deste material nos serviu para instrumentalização e ampliação das possibilidades dos caminhos da pesquisa, não obstante, o próprio movimento da *vida do material* do nosso objeto foi o que nos indicou, precisamente, o percurso metodológico desenvolvido, assim posto: a) leitura e apreensão do máximo possível de obras e textos produzidas por Leon Trotsky disponíveis em língua portuguesa, assim como identificação de obras existentes em outras línguas (principalmente inglês e espanhol); b) identificação das obras e textos que estabelecem, de algum modo, relações e nexos com o tema da educação; c) apreensão, identificação e análise das ideias, pressupostos e teses sustentadas por Trotsky sobre educação nestas obras; d) mapeamento e análise do contexto em que tais obras foram produzidas.

Distinto do caminho percorrido para a apreensão do objeto, a forma de exposição da presente pesquisa levou em consideração outros determinantes, apresentados a seguir.

1.4 EXPOSIÇÃO DO TEXTO E ORGANIZAÇÃO DAS SEÇÕES

Sobre a forma de exposição do texto e organização das seções da tese, consideramos novamente o raciocínio desenvolvido por Marx no posfácio d'O *Capital*, no qual discorre sobre a distinção do método de investigação, do método de exposição de uma pesquisa:

É mister, sem dúvida, distinguir, formalmente, o método de exposição do método de pesquisa. A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho, é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção a priori. (MARX, 1985, p. 16).

Com base nesta indicação, para melhor responder aos objetivos anunciados na pesquisa e realizar a exposição das teses que sustentamos, organizamos a apresentação do texto a partir do *movimento real* do próprio objeto, isto é, do desenvolvimento do pensamento social e político de Leon Trotsky a partir das obras e textos publicados no período entre 1917 e 1923. Neste sentido, respeitamos a cronologia da publicação das obras e textos do autor pesquisado, uma vez que tais publicações retratam: a) conjunturas históricas diferentes, mas subsequentes em sua evolução temporal; b) o próprio desenvolvimento do pensamento social e político do autor, no que concerne as questões sobre educação.

Assim, a divisão das seções da tese, além da presente introdução, apresenta-se na seguinte sequência:

2 Trotsky e Educação: primeiras aproximações. Nesta seção, apresentamos de modo detalhado os procedimentos metodológicos do levantamento da produção do conhecimento científico sobre o tema *Trotsky e Educação*, assim como seus resultados, considerando a produção em artigos de periódicos científicos, teses, dissertações e livros. O levantamento desta produção nos permitiu identificar a existência de uma tendência incipiente, no campo da educação, de apropriação do pensamento social e político de Trotsky, assim como entender as lacunas e limites

existentes nestas produções. Num segundo momento, discorreremos sobre os problemas das traduções e edições que nos deparamos no trato com as fontes de investigação do objeto de pesquisa de nossa tese.

3 Revolução Russa de 1917: história, contexto e Leon Trotsky. Nesta seção, discorreremos sobre os debates existentes na própria historiografia sobre o tema da Revolução Russa de 1917; realizamos uma exposição sobre o desenvolvimento do modo de produção capitalista e as relações de produção na Rússia, inerentes ao período histórico precedente à ocorrência dos processos revolucionários de 1917; descrevemos o contexto histórico revolucionário russo e as relações com Leon Trotsky e; por fim, realizamos os primeiros apontamentos do pensamento social e político de Trotsky sobre educação, presentes antes de Outubro de 1917. Assim, adentramos no contexto histórico (e seus determinantes) anterior ao período das publicações selecionadas para análise desta tese, o que se deve em razão de tentar apanhar o pensamento social e político de Trotsky como um processo de desenvolvimento que se assenta na materialidade dos acontecimentos históricos russos prévios ao período em questão.

4 Educação e Arte Militar. Iniciamos por resgatar o contexto histórico da guerra civil russa (1917-1921) e analisamos centralmente dois materiais: o livro *Terrorismo e comunismo* e o texto *Saber militar e marxismo*. Distintos em conteúdo, forma e objetivos, ambos materiais se encontram no contexto da guerra civil russa e refletem algumas das polêmicas que permearam tal período. Em suas posições sobre a guerra, sobre a necessidade do uso da coerção e sobre a arte militar, Trotsky realiza algumas incursões sobre o tema da educação, o qual realizamos nossas primeiras inferências sobre suas possíveis contribuições.

5 Modo de Vida, Cultura, Arte, Educação e Socialismo. Nesta, partimos do contexto histórico específico que emerge com o final da guerra civil, a adoção da Nova Política Econômica (NEP) e as tarefas colocadas para os revolucionários em tal momento. Analisamos as obras *Questões do modo de vida, Literatura e revolução* e o texto *Tarefas da educação comunista*. Mesmo tratando-se de temas diversos, como modo de vida, cultura e arte, Trotsky desenvolve com maior propriedade seu

pensamento sobre as tarefas da educação no período de transição e as perspectivas da educação na sociedade socialista.

6 Conclusões, mas segue o debate.... Por fim, nesta seção, fazemos o esforço de construir uma síntese do movimento de Leon Trotsky no desenvolvimento de seu pensamento social e político, materializado nas obras e textos indicados, que estabelecem nexos e relações, diretas ou indiretamente, com o campo da educação. No esforço de síntese, considerando o contexto histórico e material do período analisado e sua posição teórica nos debates colocados, tanto sobre as questões da educação para aquele momento histórico, quanto sobre as possibilidades de uma educação socialista.

Na próxima seção, realizamos a exposição do balanço da produção do conhecimento científico sobre a temática na qual a presente tese está inserida, ou seja, *Trotsky e Educação*. Tal exposição não se deve apenas em razão deste ter sido o primeiro movimento na incursão investigativa, mas também, por que a exposição deste balanço é fundamental para que se possa conhecer aquilo que já foi produzido sobre o tema e, deste modo, melhor compreender a delimitação deste objeto de pesquisa quanto aos argumentos e posições sustentados ao longo do texto desta tese.

2 TROTSKY E EDUCAÇÃO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Nesta seção, discorreremos sobre duas questões pertinentes a delimitação de nosso objeto de investigação: o balanço da produção do conhecimento científico sobre o tema *Trotsky e Educação* e considerações sobre as traduções e edições das obras e textos que constituem as fontes de nossa pesquisa.

Deste modo, realizamos as primeiras aproximações na apropriação da *vida do material* da presente tese, ou seja, lançamo-nos, no primeiro momento, a tarefa de identificar o que já foi estudado sobre o tema o qual versa esta pesquisa e, no segundo momento, de buscar o caminho percorrido pelas obras e textos que integram nossas fontes até os seus títulos originais. A relevância deste último se impõe como necessário, uma vez que nos limitamos a traduções do pensamento social e político de Trotsky, em vez de sua formulação original.

2.1 BALANÇO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM TROTSKY E EDUCAÇÃO

Por que tanto tempo? Porque se trata efetivamente de *pesquisa original*, onde é necessário conhecer a fundo o quanto foi dito sobre o mesmo argumento pelos demais estudiosos. Sobretudo, é necessário “descobrir” algo que ainda não foi dito por eles. Quando se fala em “descoberta”, em especial no campo humanista, não cogitamos de invenções revolucionárias como a descoberta da fissão de átomo, a teoria da relatividade ou uma vacina contra o câncer: podem ser descobertas mais modestas, considerando-se resultado “científico” até mesmo uma maneira nova de ler e entender um texto clássico, a identificação de um manuscrito que lança nova luz sobre a biografia de um autor, uma reorganização e releitura de estudos precedentes que conduzem à maturação e sistematização das ideias que se encontravam dispersas em outros textos. Em qualquer caso, o estudioso deve produzir um trabalho que, teoricamente, os outros estudiosos do ramo não deveriam ignorar, porquanto diz algo de novo sobre o assunto. (ECO, 2016. p. 2-3, grifos do autor).

No texto de introdução desta pesquisa, mencionamos o balanço da produção do conhecimento científico sobre o tema *Trotsky e Educação*, realizado como parte do desenvolvimento preliminar desta investigação. Na presente seção, apresentamos de modo mais detalhado, o caminho metodológico e os resultados deste balanço.

Em nossa tese, sustentamos que o revolucionário e marxista russo Leon Trotsky, possui contribuições teóricas para o campo da educação, presentes em textos e obras publicadas no período entre 1917 – 1923. O quadro problemático de nossa investigação partiu do modo pelo qual o seu pensamento e legado tem sido apropriado pela literatura acadêmica em geral (BIANCHI, 2005) e, particularmente, pela apropriação no campo da educação brasileira (ARANHA, 2018).

Assim, com base na orientação de Umberto Eco, exposta na epígrafe de abertura deste, pautamos a necessidade de conhecer a produção do conhecimento científico sobre *Trotsky e Educação*, considerando os seguintes objetivos: a) identificar a existência ou não de uma apropriação teórica de Leon Trotsky no campo da educação; b) analisar o modo pelo qual esta possível apropriação tem se dado; c) identificar que limites ou lacunas existem em tal apropriação.

Para este levantamento, foi considerado as produções em forma de livros, artigos de periódicos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Os procedimentos de coleta de dados seguiram o mesmo protocolo: *i*) pesquisa no descritor de busca de bancos de dados, bibliotecas e sítios eletrônicos a partir do vocábulo *Trotsky*, seus correlatos e derivados⁴¹; *ii*) tabulação dos resultados encontrados em planilha do programa *Excel*, no qual se identifica títulos, autores, ano de publicação, resumos, palavras-chaves e referências; *iii*) análise e classificação do material coletado quanto a sua inserção ou não na categoria temática *Trotsky e Educação*.

No total, encontramos quinze produções que se enquadram ao tema delimitado, dividimos nossa análise considerando os meios que elas foram publicadas:

41 *Trotsk; Trotski; Trotsqui; Trotskysmo; Trotskismo e Trotsquismo.*

2.1.1 A produção em artigos de periódicos científicos.

O levantamento⁴² da produção do conhecimento em artigos de periódicos científicos foi realizado junto a dois bancos de dados: *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO)⁴³ e *Portal de Periódicos*⁴⁴, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); mais quatro periódicos específicos na área *Sociologia e Educação*, classificados no sistema *Qualis Periódicos*⁴⁵ como A1 (quadriênio 2013-2016): *American Journal of Sociology* (AJS)⁴⁶, *American Sociological Review* (ASR)⁴⁷, *Cadernos do Centro de Recursos Humanos* (CRH)⁴⁸ e *Cadernos do Centro de Estudos Educação e Sociedade* (CEDES)⁴⁹ e; mais quatro periódicos específicos assumidamente marxistas na descrição de seus escopos e objetivos: *Cadernos Centro de Estudos Marxistas* (Cemarx)⁵⁰, *Crítica Marxista*⁵¹, *Dialectus*⁵² e *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*⁵³.

42 Realizado entre 19 e 21 de setembro de 2018; repetido entre 06 a 09 de maio de 2019.

43 Biblioteca digital de livre acesso de periódicos científicos nacionais e estrangeiros. Mais informações, acessar: <<https://www.scielo.org/>>.

44 Banco de dados que congrega periódicos científicos vinculados a Programas de Pós-Graduação brasileiros. Para mais informações, acessar: <<https://www.periodicos.capes.gov.br/>>.

45 Sistema de classificação realizado pela Capes em periódicos científicos nacionais e estrangeiros, por área do conhecimento humano, onde são estabelecidos conceitos que variam, na ordem decrescente em: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C.

46 Fundado em 1895, é um dos mais antigos periódicos norte-americanos na área de Sociologia; vinculado a Universidade de Chicago; não possui acesso gratuito e seu fator de impacto é de 3,764. Para mais informações, acessar: <<https://www.journals.uchicago.edu/journals/ajs>>.

47 Fundado em 1936, é uma das principais revistas da Associação Americana de Sociologia (AAS). Não possui acesso gratuito e seu fator de impacto é de 5,063. Para mais informações, acessar: <<http://journals.sagepub.com/home/asr>>.

48 Vinculado a subunidade acadêmica da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sua primeira edição data de 1987; possui acesso gratuito. Para mais informações, acessar: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/index>>.

49 Do grupo CEDES, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), publicado desde o início da década de 1980; possui acesso gratuito. Para mais informações, acessar: <<https://www.cedes.unicamp.br/publicacoes/11>>.

50 Periódico científico vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Sua primeira publicação data de 2004; com acesso gratuito. Para mais informações, acessar: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cemarx/>>.

51 Também vinculado ao IFCH-Unicamp. Fundado em 1994, com acesso gratuito. Para mais informações, acessar: <<https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/>>.

52 Vinculado a dois Programas de Pós-graduação, Filosofia e Educação, da Universidade Federal do Ceará (UFC). Sua primeira edição data de 2012; possui acesso gratuito. Para mais informações, acessar: <<http://www.periodicos.ufc.br/dialectus/index>>.

53 Vinculado a Faculdade de Educação da UFBA. Sua primeira edição data de 2009; também possui acesso gratuito. Mais informações : <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/index>>.

Encontramos o total de 10 (dez) artigos científicos que tematizam o campo da educação e que, de alguma maneira, apropriam-se da produção bibliográfica de Leon Trotsky. Estes trabalhos possuem as seguintes autorias: Couto e Souza (2014); Frizzo (2016); Maestro (2015); Maia (2015); Matias e Santos (2014); Maués (2015); Santos, Gobbi e Marsiglia (2015); Taffarel (2010 e 2016) e Taffarel e Santos Júnior (2009).

Frizzo (2016), no artigo *Gregório Bezerra: professor de educação física, revolucionário, comunista e torturado nas duas ditaduras do Brasil*, realizou uma pesquisa do tipo documental; analisou entrevistas e um livro de autobiografia de Gregório Bezerra, com o objetivo de resgatar a contribuição do mesmo para a educação física. Em seu texto, analisa as relações entre estruturas de classes e a formação social brasileira, no qual aponta que naquele contexto econômico foi introduzido o sistema de dominação do capital de “[...] uma forma desigual e combinada.” (FRIZZO, 2016, p. 222). Em nota explicativa, o autor elucida que tal conceito tem origem em Lenin, mas acresce que o caráter *combinado* desta lei, foi introduzida por Trotsky com a *História da Revolução Russa*. Assim, o autor cita a obra de Trotsky unicamente para explicar a origem de um conceito usado em seu texto.

Maestro (2015), no artigo *La psicología de Henri Wallon y su relevancia para el estudio del trabajo y de la actividad*, objetivou resgatar a contribuição de Henry Wallon para o campo da psicologia materialista e dialética, no que aponta alguns aspectos sobre o processo de construção de emoções e a apropriação do conhecimento objetivo. O autor referencia-se em *Literatura e revolução*, de Trotsky, para ilustrar que algumas obras – *clássicas*, segundo ele – abordam relações entre a riqueza de dimensões estéticas e as possibilidades de sua apropriação pelo cotidiano de uma sociedade (MAESTRO, 2015, p. 131). O título de Trotsky, portanto, aparece no artigo apenas como exemplificação de como alguns autores abordaram a questão da estética artística.

Maia (2015), no artigo *A pedagogia socialista de Makarenko: notas pedagógicas*, objetivou divulgar as ideias do pedagogo soviético Anton Makarenko que se dedicou à construção de um ideário educativo fundado no pensamento

socialista. A autora discorreu algumas de suas obras e evidenciou a proposta de “círculos de cultura”, a implantação de atividades extracurriculares, a educação por meio de atividades lúdicas e científicas, etc. Em nota explicativa, citou *A Revolução de 1905*, de Trotsky, para remeter ao leitor informações sobre aquele ano, quando Makarenko concluiu o curso de Pedagogia.

Matias e Santos (2014), no artigo *Muito além de uma “Bauhaus soviética”: o legado de Vkhutemas/Vkutein (1920-1930)*, analisaram o desenvolvimento histórico dos Ateliês Superiores Técnico-Artísticos Estatais (*Vkutemas*) e Instituto Superior Estatal Técnico-Artístico (*Vkutein*), instituições análogas a escolas de artes que existiram na experiência soviética durante os anos de 1920 e 1930. Os autores discorreram sobre alguns aspectos sobre a experiência desenvolvida pelos construtivistas russos em torno das polêmicas da Revolução, como a *pedagogia dos design*. Os autores partilham da caracterização da União Soviética como um “Estado Operário burocraticamente degenerado”, referenciando-se no texto *Em defesa do marxismo*, de Trotsky. (MATIAS e SANTOS, 2014, p. 14).

Maués (2015), no artigo *O sindicato da Educação Superior e as políticas educacionais*, objetivou identificar as relações entre as ações do Sindicato Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes-SN) e as políticas educacionais desenvolvidas pelo governo federal, no período 1990 – 2010. A autora resgatou as primeiras formas históricas de organização dos trabalhadores na Europa, analisou os planos de lutas e relatórios de congressos do Andes-SN e as políticas educacionais para o Ensino Superior, aplicadas neste período. Num dos capítulos, discorre sobre concepção de sindicatos a partir da leitura de Marx, Engels, Lenin e Trotsky. No caso do último, discorre sobre o texto *A concepção marxista do sindicato*, no qual se debate o processo de degeneração dos sindicatos a partir da relação com o Estado, no contexto dos regimes fascistas da Europa. A autora também resgatou o programa de Trotsky sobre sindicatos e, amparado nele, defende a independência destes organismos frente ao Estado capitalista. Entre suas conclusões, apontou a relevância da contribuição teórica de Trotsky para as formulações políticas sobre os sindicatos.

Santos, Gobbi e Marsiglia (2015), no artigo *O popular e o erudito na educação escolar*, estabeleceram relações e nexos entre formação erudita e popular no desenvolvimento dos interesses da classe trabalhadora. Com base na trajetória de vida dos compositores Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, abordaram aspectos sócio-históricos, pedagógicos e psicológicos da relação entre conhecimento popular e erudito, como também, a especificidade do erudito no desenvolvimento de funções psíquicas superiores. Concluíram que as relações entre popular e erudito apresentam possibilidades de expressões mais desenvolvidas do popular e defenderam a necessidade de elaboração de dispositivos pedagógicos que articulem expressões da cultura humana no trabalho educativo. As autoras abordaram o pensamento de Trotsky a partir do texto *Questões do modo de vida*, no qual afirmam ser necessário a compreensão de “modos de vida” e paixões do povo para a construção de uma sociabilidade pautada na coletivização dos meios de produção e da vida intelectual, o que demandaria a elaboração e planejamento de uma ação educativa. (SANTOS, GOBBI E MARSIGLIA, 2015).

Taffarel (2010), no artigo *Pesquisa, prática pedagógica e projeto histórico*, objetivou trazer elementos teóricos que relacionem pesquisa, prática pedagógica e trabalho pedagógico com a superação do modo de produção capitalista e o projeto histórico comunista. A autora partiu de uma análise geral da conjuntura, expôs roteiros de planos de estudos e discorreu sobre uma proposta pedagógica para um curso de licenciatura no campo. Tal proposta é alicerçada em experiências da *escola comuna* e dos *complexos temáticos*, do pedagogo russo Moisey Pistrak⁵⁴, além de se fundamentar em Luiz Carlos de Freitas e na metodologia *Crítico-superadora da educação física*⁵⁵. A referência a Trotsky é relacionada à explicação do conceito de *período pré-revolucionário*, presente no *Programa de transição*. A autora concluiu o

54 Moisey Mikhaylovich Pistrak (1888-1940) foi um professor soviético e militante da causa socialista que desenvolveu experiências pedagógicas e curriculares nas escolas onde atuou, o que constituiu no que posteriormente foi chamado de “pedagogia socialista” (CALDART, 2000). O *sistema dos complexos temáticos*, desenvolvido especialmente na Escola Lepechinsky, encontra-se no livro *Fundamentos da escola do trabalho*, publicado pela Expressão Popular. Quase não há registros de sua biografia e sua obra deixou de ser divulgada na própria União Soviética sob regime stalinista, “[...] o que talvez explique porque sabemos tão pouco sobre ele por aqui” (CALDART, 2000, p. 7). Na visão de Tragtemberg (2003, p. 1), Pistrak “situa-se na linha dos grandes educadores, como Pavel Blonsky, Nadéjda Krupskaja e Vassili Lunatcharsky.”

55 Concepção pedagógica da Educação Física, criada na década de 1990, por Soares *et al.* (1992).

texto com a defesa da formação de um novo ser humano no projeto histórico socialista, em contraposição a formação almejada pelo capital e; destacou a importância da participação efetiva em partidos políticos e no *militantismo cultural*, sem, contudo, desenvolver esta última categoria.

Taffarel (2016), no texto *Marxismo, movimentos sociais, educação e sindicalismo*, objetivou defender um projeto de escolarização para a classe trabalhadora, sustentado na teoria marxista e na pedagogia socialista, para isso, recorreu a vários autores, como Lenin, Gramsci, Pistrak, Manacorda, Suchodolski, Saviani, Duarte, entre outros. Trotsky apareceu em seu texto em dois momentos: como parte das contribuições teóricas para entender a luta de classes, a partir dos textos *Escritos sobre os sindicatos* e *Programa de transição* e; no debate sobre a relação entre condições objetivas e subjetivas para a superação do capitalismo e a crise histórica da direção do proletariado, presente no texto *Programa de transição*. A autora reafirmou a defesa do marxismo na disputa de projetos da educação e na definição precisa do método, teoria de conhecimento, teoria educacional e teoria pedagógica; e conclui que o marxismo carrega consigo, além de premissas teóricas e programáticas, o alicerce teórico para “[...] fundamentar a teoria educacional e pedagógica na transição.” (TAFFAREL, 2016, p. 58).

Nos artigos expostos até o momento, as referências às obras e textos de Leon Trotsky aparecem de um modo particular: direcionado a explicação de um determinado conceito, contexto, conjuntura ou afirmações gerais sobre a luta de classes, contudo, sem se relacionar diretamente com a temática da educação. Deste modo, ainda que tais artigos abordem sobre o tema da educação e dialoguem com o referencial de Trotsky, eles não estabelecem relações e nexos diretos entre o pensamento social e político de Trotsky e o objeto da educação propriamente dito.

Os dois artigos seguintes, todavia, realizam uma relação intencional da obra de Trotsky com as questões educativas, formativas e curriculares propriamente ditas e, por esta razão, realizamos uma descrição mais detalhada dos mesmos.

Couto e Souza (2014), no artigo *A relação entre a fundamentação do trabalho pedagógico dos professores do CEDF-UFSM e os projetos pedagógicos de curso*, objetivaram contribuir com o desenvolvimento de uma proposta curricular, a

Licenciatura de Caráter Ampliado (LA), no Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal de Santa Maria (CEDF-UFSM). Para tal, partem da relação entre trabalho pedagógico e Projeto Pedagógico de Curso (PPC), que se encontrava dividido em bacharelado e licenciatura. Os procedimentos da pesquisa incluíram análise documental dos PPC e entrevista semi-estruturada com docentes do CEDF-UFSM.

As autoras se fundamentam em Marx e Engels, além de Sérgio Lessa e Ivo Tonet, para discorrer sobre a categoria *trabalho*; usam referências de István Mészáros, Mario Manacorda, Gaudêncio Frigotto e Dermeval Saviani para evidenciar as relações entre trabalho e educação, especialmente no conceito de *trabalho educativo*, de Saviani; também expressam concordâncias com as concepções curriculares de Ilma Passos Veiga, Luiz Carlos de Freitas e da obra *Coletivo de Autores*⁵⁶. Como resultado da análise das entrevistas, identificam haver uma frágil leitura sobre teoria do conhecimento no curso de bacharelado; enquanto que na licenciatura, ocorre um *hibridismo* e um *relativismo*, próprios das influências pós-modernas. Concluem que o corpo docente do CEDF-UFSM possuem, em geral, limites na apreensão do conhecimento da base epistemológica que fundamentam seu trabalho pedagógico, o que resultaria num distanciamento entre a teoria e o trabalho pedagógico desenvolvido. (COUTO e SOUZA, 2014, p. 190-191).

As autoras sintetizam o processo de discussão da reformação curricular no CEDF-UFSM, o que resultou na proposta de construção de uma LA. De acordo com elas, esta proposta significou um *grande avanço*, pois: *i*) apresenta uma coerência teórica, expressa na forma de conceitos do materialismo histórico e dialético; *ii*) apresenta uma concepção de mundo com base na luta de classes e do homem como ser histórico; *iii*) defende que a Educação Física possui como objeto de estudo

56 Conhecida no meio acadêmico da Educação Física por tal referência, cujo título, *Metodologia do Ensino da Educação Física*, publicada em 1992, possui autoria conjunta de Carmem Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke Taffarel, Lino Castellani Filho, Valter Bracht, Elizabeth Varjal e Micheli Ortega Escobar.

a *cultura corporal*⁵⁷ e; iv) posiciona-se na defesa do projeto histórico dos trabalhadores.

Segundo as autoras, a proposta de LA tem em vista a metodologia do *sistema de complexos temáticos*, além do *trabalho como princípio educativo*, como eixo articulador do conhecimento (COUTO e SOUZA, 2014, p. 192). Explicitam que a origem desta proposição se encontra nas elaborações da Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer (LEPEL) e no Movimento Estudantil de Educação Física (MEEF).

Nas *Considerações Finais*, reconhecem que a educação reproduz o sistema capitalista e que somente com a libertação deste sistema, seria possível uma educação emancipadora. Contudo, como a sociedade capitalista possui contradições internas, encontrando-se o socialismo em germe, segundo as autoras, tais contradições permitiriam a existência de disputas tanto na luta de classes, quanto no campo da educação. Neste momento, iniciam o diálogo com o texto *Programa de transição*, de Trotsky:

Estamos de acordo com Trotsky (2008) ao compreender que é necessário inserirmo-nos nas contradições da sociedade regida pelo capital, pegando cada pauta emergente, por mínima que seja, para fazer a correlação com a totalidade, ampliando cada vez mais esta pauta no sentido de se chegar à compreensão das relações que elas tomam com o universal, colocando a necessidade de superação da atual sociedade. Estas pautas, que se denominam transitórias (TROTSKY, 2008), teriam o papel de ligar as necessidades mais emergentes da classe com a construção da sociedade em que se conseguiria, de fato, superar a problemática encontrada hoje, que vai de encontro à falsa possibilidade de humanização do capital. (COUTO e SOUZA, 2014, p. 193).

Em sua conclusão, afirmam que a contribuição do currículo formativo da LA no CEDF-UFSM se dará “[...] nos marcos de uma pauta transitória aos moldes do que Trotsky (2008) defende”, o que proporcionaria uma formação “mais crítica” e a possibilidade de construir “[...] pautas transitórias mais enriquecedoras, política e

57 Segundo a concepção *Crítico-superadora da educação física*, a *cultura corporal* abrange determinados temas e atividades corporais, tais como jogo, esporte, ginástica, dança, capoeira e outras, caracterizadas pelo uso da “expressão corporal como linguagem” (SOARES *et al.*, 1992, p. 41). Para melhor aclarar a gênese e o debate sobre este conceito, recomendamos o estudo desenvolvido por Souza Júnior *et al.* (2011).

ideologicamente, no horizonte de uma mudança nas bases da sociedade”. (COUTO e SOUZA, 2014, p. 193). Portanto, observamos na formulação das autoras, uma relação direta entre o pensamento social e político de Leon Trotsky e uma proposta de formulação curricular.

Taffarel e Santos Júnior (2009), no artigo *Modo de produção e educação: questões do modo de vida: uma contribuição de Leon Trotsky*, analisaram o texto de Trotsky e, com base nele, apontam uma proposta de educação e formação humana, tendo em vista a superação do modelo capitalista de sociedade. O artigo está dividido em três tópicos: a) *Introdução*; b) *Discussão* e ;c) *Conclusões*.

Na parte introdutória do artigo, discorrem brevemente sobre o contexto da implementação da Nova Política Econômica (NEP)⁵⁸ e os impactos na economia do país. De acordo com os autores, uma das grandes questões levantadas por Trotsky era saber “como as mudanças econômicas afetam a consciência das massas?” (TAFFAREL e SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 5).

Segundo eles, com base no reconhecimento de um “atraso cultural” (TAFFAREL e SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 5) das massas russas em relação ao avanço de sua consciência política, Trotsky realizou uma investigação sobre o modo de vida e defendeu o *militantismo cultural*, objeto da obra *Questões do modo de vida*, no qual “seu conteúdo é dramaticamente atual” (TAFFAREL e SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 5).

Após uma sintética descrição das ideias centrais da obra e do processo de sua construção, afirmam que:

O militantismo cultural de Trotsky está ainda colocado como uma experiência científica relevante e por inteiro, porque a revolução mundial exige uma direção para a educação e a auto-educação, quando a meta é a união dos trabalhadores da cidade e do campo, a união internacional dos trabalhadores. (TAFFAREL e SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 7).

58 A sigla tem origem na transliteração russa *Novaya Ekonomiceskaya Politika*, traduzido nos textos em português como *Nova Política Econômica*. Na quinta seção desta tese, discorreremos com mais detalhes sobre esta política e o contexto de sua implementação.

Os autores reconhecem que Trotsky propunha o militantismo cultural de “[...] dentro de um estado revolucionário onde a classe operária imprimia a direção ao Estado socialista” (TAFFAREL e SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 6), que a nossa época ainda não seria da “nova cultura socialista”, pois “[...] ainda não conseguimos construí-la mundialmente”, mas uma “[...] antecâmara para uma nova cultura” (TAFFAREL e SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 7), daí a importância e necessidade em se dedicar ao problema do modo de vida e do militantismo cultural.

Na *Discussão*, os autores dialogam com Freitas (1995) sobre os limites do trabalho pedagógico quando da ausência do projeto histórico socialista; discorrem sobre os nexos entre essência e aparência e a distinção entre *práxis utilitária cotidiana* e *práxis revolucionária*, presente na obra de Kosik (2007); por fim, reconhecem nesta última, a atitude científica de Trotsky e pontuam sobre a necessidade de romper com as formas de alienação da vida, no qual o “militantismo cultural” de Trotsky aponta no mesmo sentido (TAFFAREL e SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 9).

Levantam a questão: “Qual a realidade, contradições e possibilidade da educação socialista no marco do imperialismo altamente destrutivo?” (TAFFAREL e SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 9). Para respondê-la, consideram relevante os dados sobre a economia política, a concepção de educação como algo “concreto, situado, em construção, portanto, historicamente determinada.” (TAFFAREL e SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 9) e o militantismo cultural, proposto por Leon Trotsky, seria um exemplo de ação educativa que incide sobre a situação econômica e concreta da luta de classes.

Apontam a necessidade de “construção econômica e cultural na perspectiva do projeto histórico socialista” (TAFFAREL e SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 10); reconhecem que se coloca ao proletariado, setores populares e engajados na luta, “a subsistência ou uma opção de vida anti-capitalista” (TAFFAREL e SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 10) e, nesta segunda opção, apontam quatro dimensões: *i*) formação na luta e consistente base teórica; *ii*) educação ideológica, de classe, das amplas massas; *iii*) conscientização política por meio da ação concreta, na luta, na defesa de reivindicações como o direito à educação, etc.; *iv*) a organização

revolucionária, auto-organizada e autogerida, na defesa de conquistas históricas contra a alienação do trabalho e pelo usufruto dos espaços da vida. Segundo os autores, a obra de Trotsky é um exemplo das relações e nexos entre economia e educação:

Ao recuperar a experiência histórica de educar as massas através do militantismo cultural tendo como referência a superação do projeto histórico hegemônico na União Soviética, Trotsky nos permite reconhecer que projeto histórico enuncia o tipo de sociedade ou organização social na qual se pretende transformar a atual organização social e os meios que devemos colocar em prática para a sua consecução. (TAFFAREL e SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 11).

Os autores sustentam a necessidade de unificação dos trabalhadores e; com base em Mészáros, apresentam “princípios de funcionamento” de uma alternativa socialista; relacionam a defesa de Trotsky, de educação das massas a partir do militantismo cultural, com a posição de Gramsci sobre a construção da cultura e; sintetizam a compreensão de militantismo cultural para o tempo presente:

Por fim, a questão do militante cultural, a nossa compreensão de formação humana não pode prescindir da luta por uma política cultural de formação. Isso no estágio atual das relações sociais capitalistas não acontecerá sem um profundo processo de organização política da classe trabalhadora e de luta pelas reivindicações históricas. Esse processo necessita de militantes, de quadros referenciados nos organismos, nas lutas e nas bandeiras históricas da classe trabalhadora. Diz respeito, portanto, a formação de homens e mulheres para a luta por uma educação emancipatória, que por sua vez não acontecerá sem mudanças significativas no padrão cultural acessado pela classe, na ampliação do padrão cultural dos trabalhadores. Isso será tarefa e obra da classe trabalhadora, única responsável pela sua emancipação. Os militantes culturais deverão, por isso, ser formados com profunda consciência de classe – formação política, em organizações revolucionárias com consistente base teórica e disposição para enfrentar as tarefas da construção do socialismo. (TAFFAREL e SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 11).

Portanto, tal como o artigo anterior, Taffarel e Santos Júnior (2009), também estabelecem uma relação direta e intencional entre o pensamento social e político de Trotsky e o campo da educação, contudo, este último evidenciou existir uma

contribuição específica na obra de Trotsky para repensar as tarefas da educação na sociedade capitalista.

Nos artigos apresentados, identificamos que uma parcela majoritária deles dialoga com algumas das obras e textos de Leon Trotsky, limitando-se a explicação de algum conceito, categoria ou contexto histórico, sem necessariamente estabelecer nexos e relações de suas possíveis contribuições teóricas para o campo da educação. Estes são os casos de Frizzo (2016), Maestro (2015), Maia (2015), Matias e Santos (2014), Maués (2015), Santos, Gobbi e Marsiglia (2015), Taffarel (2010 e 2016). Contudo, dois artigos estabeleceram relações entre os textos de Trotsky e a educação, no sentido de reconhecer suas contribuições teóricas para este campo: Couto e Souza (2014), que imputaram a uma proposta curricular de licenciatura em Educação Física às elaborações de Trotsky no *Programa de transição* e; Taffarel e Santos Júnior (2009), que se detiveram em *Questões do Modo de Vida* e destacaram as contribuições deste texto para a educação humana na perspectiva de uma sociedade socialista.

2.1.2 A produção em teses e dissertações.

Em pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da Capes⁵⁹ e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁶⁰, identificamos a existência de quatro produções que adentram na temática “Trotsky e Educação”, duas dissertações de mestrado (ARAÚJO FILHO, 2015 e FÉLIX, 2013) e duas teses de doutorado (CONCEIÇÃO, 1999 e GONÇALVES, 2015).

Araújo Filho (2015) defendeu dissertação, cujo título *O sentido do sindicalismo na tradição marxista: a educação da classe trabalhadora na fronteira das lutas econômicas, políticas e ideológicas*, foi defendido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (PPGE-UFC). No resumo, o autor anuncia que objetivou investigar “[...] as formas através das quais a classe trabalhadora, mediada pela ação sindical, contraditoriamente, se educa, no interior das relações de produção capitalista” (ARAÚJO FILHO, 2015, p. 06).

59 Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em 24 out. 2017.

60 Disponível em: <<http://bdtb.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Preocupado em responder como o processo de educação ocorre no movimento sindical a partir da teoria marxista sobre os sindicatos, o autor realizou uma pesquisa bibliográfica e usou como fontes, textos clássicos de Marx, Engels, Lenin, Gramsci e Leon Trotsky. Cada um destes recebeu um capítulo específico, cujo conteúdo foi delimitado em torno da concepção de sindicatos. Marx e Engels, particularmente, ocuparam mais espaço que os demais.

No caso do capítulo *Trotsky e os sindicatos na época imperialista*, o autor dissertou sobre as seguintes obras e textos: *Questões do modo de vida*; *A teoria da Revolução Permanente*; *A revolução traída*; *Programa de transição*; *Os sindicatos na época da decadência imperialista*; *Os sindicatos na Grã-Bretanha* e *A questão da unidade sindical*. Nestas, evidenciou-se a contribuição teórica de Leon Trotsky para o entendimento do fenômeno da burocratização, seja na organização dos trabalhadores em nível de sindicatos no contexto de avanço do imperialismo na primeira metade do século XX, seja no Estado Operário soviético.

Segundo Araújo Filho (2015), em *Questões do modo de vida*, Trotsky concentrou sua atenção na educação da classe operária, atendo-se aos detalhes da vida cotidiana, sem desconsiderar a dimensão política do processo. De acordo com ele, esta obra “[...] se destaca do conjunto da produção de Trotsky por localizar nela um conceito de autoeducação da classe trabalhadora como práxis revolucionária para mudar a forma de pensar e agir da classe trabalhadora.” (ARAÚJO FILHO, 2015, p. 75).

O autor da dissertação concluiu que na tradição marxista, a prática sindicalista possibilita a educação da classe trabalhadora ao unificar as lutas imediatas e táticas dos trabalhadores a uma estratégia socialista; defendeu uma *educação pela ação*, ou seja,

um processo em que a atividade diária da luta direta incide sobre a sua cultura, a sua consciência e os seus hábitos. Incorpora-se um conjunto de novos artefatos que passa a atuar diretamente sobre a organização mental do operariado. (ARAÚJO FILHO, 2015, p. 102).

De acordo com o autor, a “práxis sindical”, sob a perspectiva marxista clássica, no qual estariam incluídas as posições de Trotsky, permite a educação da

classe trabalhadora, pois “[...] promove aprendizagens, conhecimentos e aquisição de saberes” úteis à construção do socialismo (ARAÚJO FILHO, 2015, p. 103).

Félix (2013) defendeu dissertação, cujo título *O caráter pedagógico da atividade sindical e os limites do economicismo*, também foi defendido no PPGE-UFC. O autor objetivou “[...] demonstrar o papel pedagógico das organizações sindicais na educação dos trabalhadores no contexto da sociabilidade do capital em crise e colocar a importância dessas organizações para a luta dos trabalhadores.” (FÉLIX, 2013, p. 04).

O autor dissertou sobre o processo histórico das lutas operárias e o seu desenvolvimento até a formação dos primeiros sindicatos e partidos; debateu sobre o conceito de educação, a relação entre educação e trabalho e o contexto da educação na sociedade capitalista; por fim, discorreu sobre o papel dos sindicatos na educação da classe trabalhadora. Em seu texto, fundamentou-se nas posições teóricas de Marx, Engels, Lenin, Rosa Luxemburgo, Gramsci e Leon Trotsky.

Neste último, o autor se referenciou nas obras: *Escritos sobre sindicatos; Questões do modo de vida; A revolução desfigurada e Programa de transição*. No segundo capítulo de sua dissertação, intitulado *Sindicato, marxismo, atividade sindical e práxis pedagógica*, no qual se encontra o tópico: *Os sindicatos para o marxismo*; Félix (2013) dissertou sobre as concepções marxistas de sindicatos, o que incluiu o debate existente entre Lenin e Trotsky no contexto soviético do controle operário sobre a produção, ocorrido na década de 1920.

Segundo Félix (2013), Leon Trotsky assinalou mudanças no papel dos sindicatos, que se adaptaram ao capitalismo, tornando-se instrumentos de conciliação e de contenção das lutas da classe operária. Em sua visão:

Nesse tempo de decadência e agonia do capitalismo, os sindicatos, para Trotsky, poderiam servir para disciplinar, doutrinar o movimento operário no sentido de frear as lutas – educando os trabalhadores à subordinação, ao modo de vida do capitalismo imperialista, atravancando, assim, a revolução – ou se converter em uma ferramenta de luta proletária pela revolução socialista. (FÉLIX, 2013, p. 60).

Assim, baseado no *Programa de transição*, Félix (2013, p. 60) sustenta que Trotsky “esclarece o caráter pedagógico da luta política” e, ao considerar que a educação age sobre a consciência, sendo esta objeto da atividade política, a atividade sindical torna-se também importante: “Para mover a classe operária para qualquer ação, é, pois, preciso mudar a sua mentalidade, e isso é uma tarefa pedagógica, como bem coloca Trotsky.” (FÉLIX, 2013, p. 61).

Félix (2013) defende que os sindicatos podem cumprir tarefas eminentemente práticas e “economicistas”⁶¹, como também, um “papel educativo” na classe operária, quando desenvolvem ações com base na independência de classe e na mobilização para a ação direta contra a classe dos capitalistas. Tal posição, portanto, coincidiria com a própria concepção de Trotsky sobre os sindicatos na época do imperialismo.

Conceição (1999) produziu tese de doutorado sob o título *Partidos políticos e educação: a extrema-esquerda brasileira e a concepção de partido como agente educativo*, defendido na Faculdade de Educação da Unicamp, cujo objeto de estudo centrou-se na educação realizada nos partidos políticos do campo da *extrema-esquerda*. Precisamente, sua investigação se deteve sobre a “[...] relação entre partidos políticos (ou organizações de caráter político) e educação política, enfatizando o que se poderia chamar de formação da militância através de uma pedagogia efetivamente crítica”. (CONCEIÇÃO, 1999, p. 08). Com base no pressuposto de que os partidos políticos de extrema-esquerda realizam a ação de educar, formula algumas questões que guiam a sua tese:

Qual a teoria da revolução que serve ou serviu de fundamento educativo aos diferentes tipos de extrema-esquerda?
Qual o atual conteúdo político-educacional que essas organizações políticas transmitem ou oferecem aos militantes? Qual a relevância social concebida para essa pedagogia do partido? (CONCEIÇÃO, 1999, p. 14)

Através de pesquisa documental e bibliográfica, deteve-se nas obras de Marx, Engels, Lenin, Mao Tsé Tung, Che Guevara e Leon Trotsky, autores que se

61 Conceito usado por Lenin (1988), em *Que Fazer?*, no qual polemiza com os setores da social-democracia europeia que propunham a construção de um programa sem a necessidade de apontar o problema do poder político, limitando-se a reivindicações de caráter econômico.

encontram na base teórica dos partidos políticos selecionados como *extrema-esquerda* em seu texto.

Enquanto as duas primeiras seções de sua tese abordam sobre o que é extrema-esquerda, suas *famílias* ou troncos teórico-políticos, a formação dos partidos, seus tipos e divisões, com um recorte histórico dos partidos políticos no Brasil; na terceira seção, *A Teoria da Revolução como fundamento educativo da extrema-esquerda*, Conceição (1999) apresenta tópicos específicos que discorrem sobre as ideias dos autores marxistas que influenciaram historicamente a extrema-esquerda brasileira.

No subtópico de *Trotsky*, evidencia as concepções sobre partido e destaca alguns de seus textos, a saber: *Escritos militares, Questões do modo de vida, O novo curso, A revolução desfigurada e Programa de transição*, como fundamentais no trato com o problema da educação sob a perspectiva revolucionária. De acordo com ele, Trotsky “preocupou-se com os meios educativos de elevar o nível de cultura das massas” (CONCEIÇÃO, 1999, p. 150); “preocupou-se com a ‘pedagogia política’ ao refletir sobre a questão de saber como trazer os trabalhadores ao programa revolucionário” (CONCEIÇÃO, 1999, p. 150); além de se deter com os “problemas político-educativos” na formação do Exército Vermelho (CONCEIÇÃO, 1999, p. 149).

Sobre a educação na perspectiva teórica de Trotsky, afirma: “Para o trotsquismo é a educação das massas, dirigidas pelo partido classista, que é a base do processo revolucionário.” (CONCEIÇÃO, 1999, p. 147). Assim, o autor constatou que partidos políticos da extrema-esquerda brasileira, nomeadamente PSTU e PCO, realizam a educação e a formação de seus militantes com base na elaboração teórica de Leon Trotsky.

Na conclusão de sua tese, defende que os partidos revolucionários educam no sentido da desalienação de influências da “pedagogia capitalista” (CONCEIÇÃO, 1999, p. 215) e, portanto, “[...] a plena educação das massas não pode ser alcançada na sociedade dividida em classes, mas apenas depois da revolução.” (CONCEIÇÃO, 1999, p. 215-216).

Gonçalves (2015) publicou tese de doutorado, sob o título *As contradições históricas dos movimentos operários: a complexa organização política pela emancipação humana*, defendido no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

O autor caracteriza o seu trabalho como uma “tese ensaio”, onde narra sua experiência de vida como operário da construção civil. Ele discorre sobre sua escolarização básica; sua aproximação com estudos acadêmicos e filosóficos e; sobre a história do movimento operário, no que ressalta a organização das Internacionais Socialistas⁶². Seu texto objetivou apreender as contradições existentes no movimento operário por meio do desenvolvimento das lutas no interior da III Internacional Comunista, em paralelo a realidade histórica brasileira, cuja referência é sua própria experiência de vida.

O autor não dialogou com uma obra específica de Trotsky, mas discorreu sobre as divergências no interior do movimento comunista internacional, particularmente nas polêmicas que envolveram Leon Trotsky e Josef Stálin, com impactos na divisão no movimento operário internacional e brasileiro. O autor não apresentou uma conclusão definitiva acerca de tal polêmica, contudo, refletiu sobre as dificuldades de organização do movimento operário brasileiro e latino-americano, tendo em vista as dificuldades registradas pelos próprios operários após a tomada do poder político na Revolução Russa de Outubro de 1917.

Com esta exposição, observamos as teses e dissertações analisadas: a) não se debruçaram sobre as obras e textos de Leon Trotsky e suas contribuições para a educação como objeto de estudo; b) abordaram o pensamento social e político de Trotsky, como parte da análise de um conjunto de autores marxistas; c) abordaram a educação a partir de um *lócus* específico, como sindicato, partido político e movimento operário. Assim, as teses e dissertações encontradas neste balanço da produção do conhecimento não se perguntaram especificamente sobre quais as contribuições de Leon Trotsky para a educação, que contribuições seriam estas, em que contexto se inserem e respondem.

62 Organizações que concretizaram a concepção internacionalista do marxismo, constituindo-se em “partidos mundiais da revolução”. Ao longo da história do movimento operário, formaram-se quatro internacionais (SAGRA, 2010).

2.1.3 A produção na forma de livro.

Neste formato de publicação, usamos como coleta de dados o estudo bibliográfico desenvolvido por Bianchi (2005), a plataforma digital *Lubitz's Leon Trotsky Bibliografy* (LLTB)⁶³, o banco de dados virtual da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) e sítios eletrônicos virtuais de livrarias, sebos e editoras especializadas ou reconhecidas em publicações de autores marxistas⁶⁴.

Encontramos apenas um resultado que se enquadrou na temática *Trotsky e Educação*: o livro organizado por Celi Taffarel, Cláudio Lira Santos Júnior e Roberto Colavolpe, intitulado *Trabalho pedagógico e formação de professores/militantes culturais: construindo políticas públicas para a Educação Física, Esporte e Lazer*.

Publicado em 2009, pela editora da UFBA, a obra possui vários autores (total de sessenta e sete), dentre os quais, estudantes de graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado, professores de Educação Básica e do Ensino Superior, predominantemente vinculados a alguma instituição do Nordeste brasileiro e integrantes da Rede LEPEL.

Na apresentação da obra são anunciados as bases teórico-metodológicas no materialismo histórico e dialético e a defesa do projeto histórico socialista. Nesta apresentação, Trotsky é referenciado em três situações: a) para apontar que a presente conjuntura atravessa um *período de transição*; b) para sustentar que a revolução proletária possui uma premissa econômica – a estagnação do crescimento das forças produtivas – referenciada na obra de Trotsky, *Programa de transição*; c) para defender que a revolução do modo de produção capitalista é uma *revolução permanente*. (TAFFAREL, SANTOS JÚNIOR e COLAVOLPE, 2009, p. 15).

Além da apresentação, o livro possui mais dez textos, assim intitulados: i) *Rede CEDES Núcleo UFBA: constituindo a história da educação física no Nordeste*; ii) *Mutirões e círculos de esporte e lazer: bases teórico-metodológicas do projeto de ensino e investigação*; iii) *A base conceitual sobre formação de professores e*

63 Banco de dados internacional que reúne textos de ou sobre Trotsky e o trotsquismo em diversos idiomas. Disponível em: <<http://www.trotskyana.net/LubitzBibliographies/Trotsky>>.

64 Tais como: Boitempo, Expressão Popular, Sundermann, Iskra, Estante Virtual, etc.

militantes culturais; iv) Mutirões de orientação e o círculo de estudos dos estudantes em Iniciação Científica (IC) e Iniciação Científica Júnior (ICJ); v) Mutirões e círculos populares de educação, cultura, esporte e lazer no campo; vi) Mutirões e círculos na escola pública: a ginástica nas aulas de educação física e a organização do tempo pedagógico em oficinas e festivais; vii) Mutirão para a avaliação dos jogos escolares da Bahia; viii) Emancipação humana, trabalho pedagógico e esporte; ix) Mutirões e círculos esportivos na universidade: o espaço público de esporte e lazer na universidade — Centro de Educação Física e Esporte da UFBA — enquanto centro popular de referência da cultura corporal, esportiva e de lazer e de formação de professores; x) Rede CEDES na UFS: ações pedagógicas recíprocas de esporte e lazer.

Para além dos relatos de experiências de *mutirões* e *círculos*, os três primeiros textos explicitam as hipóteses, os objetivos e as bases teóricas e conceituais que fundamenta a proposta do livro como um todo, motivo pelo qual nos atentaremos à eles.

No primeiro texto, o grupo LEPEL/FACED/UFBA informa que tem se aprofundado nos estudos sobre formação de professores e *militantes culturais*; que a formação de *militantes culturais* são exemplos de proposições para ao campo das políticas públicas na área do esporte e lazer, formuladas pelo grupo e; que os participantes dos projetos envolveram diversos segmentos da sociedade, dentre os quais, educadores populares e *militantes culturais*. Além de objeto de estudo, proposição educativa e público-alvo, a categoria *militante cultural* também compõe dois pontos das *intenções básicas* do coletivo:

e) promover atividades que consolidem projetos com impacto imediato, de médio e de longo alcance para avançar na produção de conhecimentos científicos, na formação de professores e militantes culturais e nas práticas educativas emancipatórias [...].

f) capacitação de professores e militantes para atuarem na promoção do esporte e lazer nas comunidades da cidade e do campo como pesquisadores e militantes culturais na área de educação, Educação Física, esporte e lazer [...]. (TAFFAREL, SANTOS JÚNIOR e COLAVOLPE, 2009, p. 22).

A formação de *militantes culturais*, uma das indicações centrais dadas por Leon Trotsky ao partido bolchevique em *Questões do modo de vida* é, deste modo, relacionado como um dos objetivos centrais do grupo LEPEL nesta obra:

As possibilidades centrais do trabalho são, portanto, contribuir para a materialização de políticas públicas na área de esporte e lazer, que permitam a ampliação da participação por autodeterminação e auto-organização das comunidades, a partir da produção do conhecimento científico e da formação de professores e militantes culturais qualificados para tratarem das problemáticas na área do esporte e lazer na cidade e no campo. (TAFFAREL, SANTOS JÚNIOR e COLAVOLPE, 2009, p. 22).

No segundo texto, onde as bases teórico-metodológicas dos projetos são apresentadas, a categoria *militantes culturais* também aparece como hipóteses centrais do coletivo:

b) as condições objetivas para desenvolver o trabalho na área de esporte e lazer no campo e na cidade apontam para a necessidade de formação de militantes culturais [...];
 c) para a formação de militantes culturais que desenvolvam o esporte e o lazer no campo e na cidade, a prática social é o ponto de partida para a construção de círculos populares de esporte e de lazer [...]. (TAFFAREL, SANTOS JÚNIOR e COLAVOLPE, 2009, p. 29).

A formação de *militantes culturais* é definida como parte do objetivo final do trabalho pedagógico desenvolvido nos projetos do grupo, que se articula com a produção do conhecimento e a proposição de políticas públicas em esporte e lazer. (TAFFAREL, SANTOS JÚNIOR e COLAVOLPE, 2009, p. 29). Uma segunda categoria estudada por Trotsky, *modo de vida*, também está presente no livro:

c) propiciar campo de vivência social prática e de elaboração teórica nas áreas de esporte e lazer para as comunidades da cidade e do campo, atendendo crianças, jovens, adultos e idosos, portadores de deficiência, problematizando a questão da sociedade de classes, da propriedade privada dos meios de produção de bens materiais e imateriais, do modo de vida, das questões daí decorrentes, [...] (TAFFAREL, SANTOS JÚNIOR e COLAVOLPE, 2009, p. 21)

Modo de vida também aparece como categoria que expressa uma determinada realidade social, alvo das intervenções de projetos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa:

Partimos em nosso trabalho, da problematização das condições de vida para, através da instrumentalização (que significa a apropriação coletiva dos meios de produção do conhecimento científico bem como dos seus produtos), da catarse e do retorno à prática social, superar as contradições específicas do trabalho pedagógico e das políticas públicas de esporte e lazer e avançar na atitude crítica perante o modo de vida capitalista. Não desarticulamos a questão da Educação Física, do esporte e do lazer da necessidade histórica da superação do trabalho alienado, da propriedade privada dos meios de produção e do enfrentamento do estado burguês, que se expressam no modo de vida. Concordamos que essas necessidades orientam, por exemplo, os trabalhadores para se organizarem em todo o Brasil na luta pela terra e pela reforma agrária, na luta por trabalho e educação, na luta pela soberania das nações. Estamos em especial trabalhando com as políticas públicas na área do esporte e lazer em áreas de Reforma Agrária na região do Recôncavo Baiano e nas escolas públicas dos municípios, junto aos movimentos de luta social da classe trabalhadora e junto à universidade. É aí que reside grande parte da força do que poderá gerar e sustentar alterações no modo de vida. (TAFFAREL, SANTOS JÚNIOR e COLAVOLPE, 2009, p. 23).

Cabe registrar ainda que na *fonte de dados* dos experimentos pedagógicos relatados no livro, recorreu-se também a “[...] situações concretas do modo de vida (TROTSKY, s.d.) tanto na cidade, quanto no campo” (TAFFAREL, SANTOS JÚNIOR e COLAVOLPE, 2009, p. 31).

Por fim, uma terceira elaboração de Trotsky – *Programa de transição* – aparece no texto como importante estratégia na elaboração de políticas públicas na área do esporte e lazer: “Entendemos, por fim, que um programa de transição, entre uma perversa ordem do capital e uma sociedade socialista, deve apontar para a defesa de políticas públicas de esporte e de lazer, como direito de todos e dever do Estado [...]” (TAFFAREL, SANTOS JÚNIOR e COLAVOLPE, 2009, p. 23-24).

No terceiro texto, onde é explicitado *A base conceitual sobre formação de professores e militantes culturais*, duas obras de Trotsky são mencionadas, junto a

outros marxistas, para sustentar uma posição crítica ao sistema capitalista. Ao final deste texto, os autores apresentam:

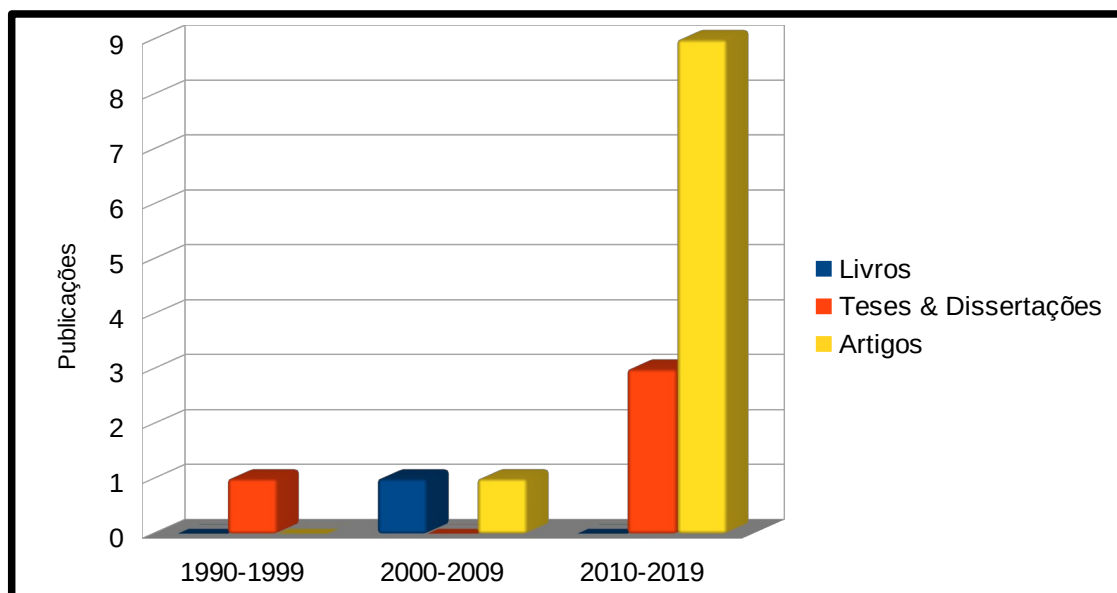
Por fim, a questão do militante cultural. A nossa compreensão de formação humana não pode prescindir da luta por uma política cultural de formação. Isso no estágio atual das relações sociais capitalistas não acontecerá sem um profundo processo de organização política da classe trabalhadora e de luta pelas reivindicações históricas. Esse processo necessita de militantes, de quadros referenciados nos organismos, nas lutas e nas bandeiras históricas da classe trabalhadora [...]. Os militantes culturais deverão, por isso, ser formados com profunda consciência de classe – formação política, em organizações revolucionárias com consistente base teórica e disposição para carregar até as últimas conseqüências o fardo do nosso tempo histórico. (TAFFAREL, SANTOS JÚNIOR e COLAVOLPE, 2009, p. 45-46).

Assim, o livro em tela apresenta, a nosso ver, uma explícita relação entre uma proposta educativa, formativa e pedagógica e as posições teóricas de Leon Trotsky, particularmente formuladas em torno do *militantismo cultural*, do *modo de vida* e do *programa de transição*, elaborado pelo mesmo como plataforma política fundacional da IV Internacional.

2.1.4 Síntese do balanço da produção científica

A partir do exposto, considerando os indicadores: artigos de periódicos científicos; teses & dissertações e; livros publicados em língua portuguesa, pelo menos nos últimos trinta anos (1990-2019), identificamos: a) haver poucos estudos (quinze) sobre o tema *Trotsky e Educação*; b) a maioria destes estudos (dez) se encontram no formato de artigos em periódicos científicos; c) a maioria destes estudos pode ser considerada recente, uma vez que eles estão concentrados nos últimos dez anos, conforme é demonstrado no gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1 – Evolução da produção do conhecimento científico em *Trotsky e Educação*, por década, 1990-2019.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Neste gráfico, podemos constatar que as produções encontradas sobre o tema *Trotsky e Educação*, iniciaram com uma tese publicada no final da década de 1990; que na década seguinte, foram publicados duas produções, um livro e um artigo e; que houve um *boom* de produções de artigos em periódicos, no total de nove, além de duas dissertações e uma tese, na última década, até o momento que o levantamento foi desenvolvido, em meados de 2019. Desta forma, evidenciamos haver uma incipiente tendência no campo da educação, que reconhece existir nas obras e textos de Leon Trotsky, uma dada contribuição.

A maioria desta produção, contudo, recorreu ao referencial teórico de Trotsky como aporte construtivo para determinados conceitos, categorias, contextos, não necessariamente relacionando-os a uma contribuição específica ao campo da educação. Entretanto, algumas produções buscaram construir tal relação, foi o caso da tese de Conceição (1999), das dissertações de Félix (2013) e Araújo Filho (2015), dos artigos de Couto e Souza (2014) e Taffarel e Santos Júnior (2009) e o livro organizado por Taffarel, Santos Júnior e Colavolpe (2009). Se esta tendência se confirma nos próximos anos e que determinantes históricos a explicam, estudos posteriores serão necessários para tal.

As seis produções mencionadas realizaram relações e nexos entre o pensamento social e político de Trotsky e o campo da educação. De modo mais particular, dois trabalhos, o artigo de Taffarel e Santos Júnior (2009) e o livro organizado por Taffarel, Santos Júnior e Colavolpe (2009), detiveram-se sobre um projeto de educação/formação a partir de uma interlocução direta com o arcabouço teórico e conceitual presente na obra de Trotsky. Ressalta-se que ambos trabalhos são esforços das lideranças científicas do grupo LEPEL-UFBA e, mais precisamente, o artigo publicado na revista *Germinal* se concentra na tarefa de entender a contribuição de Leon Trotsky para o campo da educação a partir de *Questões do modo de vida*.

Taffarel e Santos Júnior (2009) apontam que no pensamento de Leon Trotsky há contribuições para o campo da educação, contudo, ao se limitarem a um único texto, não captam o conjunto dos escritos que permeiam o todo e complexo de seu pensamento, como também, o contexto diverso e particular do período histórico em que tal pensamento se insere e responde.

Nas produções que identificamos neste balanço, os textos de autoria de Leon Trotsky mais recorrentes foram: *Questões do modo de vida* e *Programa de transição*. Enquanto a primeira realiza apontamentos sobre temas relacionados a educação e compõe o conjunto de nossas fontes; a segunda, além de não abordar diretamente questões educativas, coloca-se num contexto diverso ao que delimitamos como central nesta pesquisa – os anos iniciais do regime soviético.

Assim, concluímos que o balanço da produção do conhecimento científico sobre *Trotsky e Educação* corrobora com os apontamentos de Bianchi (2005) sobre uma apropriação parcial das obras e textos de Leon Trotsky. Esta parcialidade se encontra tanto na carência do cuidado com o contexto histórico que estas obras e textos foram produzidos e respondem, quanto da centralidade desta apropriação em poucas obras já conhecidas, o que limita uma apropriação mais profunda e devida do conjunto do pensamento social e político deste autor.

Neste sentido, coloca-se a necessidade de aprofundar estudos de maior envergadura que se detenha sobre a contribuição teórica de Trotsky para o campo da educação, considerando o contexto desta contribuição e a totalidade de seu

pensamento. Como já anunciado, a presente tese coloca-se como parte desta tarefa de aprofundamento nesta incipiente temática.

Na subseção a seguir, expomos algumas questões que permearam as obras e textos selecionados como fontes desta investigação, questões que ajudam a entender os limites na apropriação do pensamento deste autor, com base nas condições das obras e textos disponíveis em nossa língua.

2.2 NOTAS SOBRE TRADUÇÕES E EDIÇÕES

No mundo todo havia apenas uma língua, um só modo de falar [...]. E disse o Senhor: “Eles são um só povo e falam uma só língua, e começaram a construir isso. Em breve nada poderá impedir o que planejam fazer. Venham, desçamos e confundamos a língua que falam, para que não entendam mais uns aos outros”. Assim o Senhor os dispersou dali por toda a terra, e pararam de construir a cidade. Por isso foi chamada Babel, porque ali o Senhor confundiu a língua de todo o mundo. Dali o Senhor os espalhou por toda a terra. (GÊNESIS 11:1-9).

No livro que trazemos em epígrafe, observamos uma tentativa de explicação da existência de diferentes línguas no mundo. Em tal mito, a ambição humana provocou o castigo divino, o que teria originado a *confusão* da diversidade das línguas. Apesar desta explicação desconsiderar a histórica ocupação dos povos no globo terrestre a partir de seu distanciamento progressivo, determinado por condições geográficas e materiais, ela registra que as línguas dos diversos povos se constituem como grande problema para a humanidade desde milênios.

Nos textos e obras que integram o objeto de investigação desta tese, estão presentes majoritariamente materiais traduzidos para a língua portuguesa. A publicação original deste material se deu na língua materna de Leon Trotsky, o russo, distinto do português não apenas por seu alfabeto e regras peculiares de declinação, mas também por sua própria visão de mundo.

Segundo Oustinoff (2011, p. 19), que sintetiza as principais teorias da tradução em seu texto, a língua não se resume a formação de palavras, mas “[...]”

encerra uma 'visão' de mundo própria ('Weltansicht'). Dentre inúmeros exemplos trazidos pelo autor sobre como estas diferentes "visões" impactam a tarefa da tradução, evidenciamos um em particular:

O exemplo tipo para ilustrar o "recorte" específico que toda língua efetua sobre o "real" é o das cores. Ao termo português "azul" o russo faz corresponder "goluboj" (azul-claro) ou "sinij" (azul-escuro); por sua vez, nas línguas célticas, a "verde" e a "azul" corresponde apenas um termo, "glas". E é fato que aquilo que se aplica ao léxico das cores aplica-se ao conjunto da língua. A incidência disso sobre a tradução é evidente: se Marie Bonaparte traduz por *L'inquiétante étrangeté* o texto de Freud intitulado *Das Unheimliche*, isso não está desvinculado do fato de que Freud indica não ter encontrado equivalente exato em latim, em grego, em inglês, em francês, em espanhol, registrando que o português e o italiano se contentam com "perífrases", que em árabe e em hebraico "*unheimlich*" coincide com o demônico ("dämonisch"), aquilo que causa calafrios ["schaurig"]. Ele conclui: "Chegamos até a pensar que, em muitas línguas, essa nuance do aterrorizante não existe". (OUSTINOFF, 2011, p. 19, grifos do autor).

A dificuldade encontrada por Sigmund Freud na tradução do título de sua obra é passível de ser encontrado no caso de Trotsky, mais distante do português do que o alemão. Deste modo, ao trabalharmos com textos traduzidos em vez dos originais, em função dos limites de nosso domínio da língua russa, reconhecemos as fragilidades de nossa própria investigação. Mas tais limitações se encontram na natureza objetiva do processo de tradução e, no caso específico de nosso objeto, no percurso indireto que as edições portuguesas tomaram.

Como demonstraremos nesta subseção, considerável parte das elaborações de Trotsky no período delimitado nesta tese não se encontra traduzido para a língua portuguesa; acrescenta-se a isto, o fato de que os textos e obras disponíveis nesta língua, a tradução percorreu um caminho indireto, isto é, perpassou por mediações de textos traduzidos de outras línguas, o que prejudica a apropriação do pensamento do autor em sua formulação original, dado as possíveis distorções decorrentes da estrutura particular de cada língua.

Em *Miséria da Filosofia*, na polêmica contra Proudhon, Marx ressalta numa carta⁶⁵, os equívocos do filósofo francês na apropriação das ideias dos filósofos alemães e pontua que sua interpretação esbarra nos limites do conhecimento de seu entendimento da língua alemã:

Se eu tivesse à mão o livro de Proudhon, ser-me-ia fácil demonstrar, com alguns exemplos, a sua maneira *inicial* de escrever. Nos parágrafos considerados mais importantes por ele mesmo, imita o método das antinomias de Kant – o único filósofo alemão que conhecia naquela época, **através de traduções**. (MARX, 2009, p. 261, grifos do autor e grifos nossos).

No caso da apropriação de Hegel por Proudhon, Marx expressa de forma mais contundente o problema da apropriação de um autor e de seu sistema de pensamento, sem o conhecimento profundo da língua que o origina:

Durante minha estância em Paris, em 1844, travei conhecimento pessoal com Proudhon. Menciono aqui o fato porque, em certa medida, sou responsável pela sua *sophistication*, como os ingleses chamam à adulteração de mercadorias. Em nossas longas discussões, que frequentemente duravam noites, contaguei-o, para grande desgraça sua, com o hegelianismo que, **por seu desconhecimento da língua alemã, não podia estudar a fundo**. Após a minha expulsão de Paris, o sr. Karl Grün continuou o que eu iniciara. Professor de filosofia alemã, ele tinha sobre mim a vantagem de não entender uma palavra do que ensinava. (MARX, 2009, p. 262, grifos do autor e grifos nossos).

Ainda que os limites filosóficos de Proudhon estejam assentados em sua base idealista de mundo, como Marx sustenta ao longo da crítica a seu texto, observamos que este último não considerava o conhecimento da língua nativa do autor estudado como um problema menor ou secundário. As línguas expressam relações históricas de produção e reprodução da vida social, permeado por relações sociais numa comunidade determinada. De certa maneira, manifestam o modo como estas relações estão organizadas e no modo como se desenvolvem no plano do pensamento. O conhecimento da língua como ferramenta de comunicação é crucial, portanto, para conhecer o modo como um intelectual pensa.

65 *Carta de Marx a J. B. Schweizer*, Londres, 14 de janeiro de 1865. (MARX, 2009).

Nas traduções de suas obras, Marx, com a contribuição de Engels, comumente se dedicava a questão, mantendo correspondência direta com os tradutores, como no caso d'O *Capital* e sua tradução em russo⁶⁶ e no francês⁶⁷. A questão de conhecer a língua de um país para estudá-lo seriamente foi tão importante para Marx, que ele se dedicou ao estudo da língua russa somente para acessar as fontes primárias de dados estatísticos e obras de autores deste país (SEGRILLO, 2017).

A preocupação de Marx em evitar estas mediações da tradução, possui correspondência com as complexas questões da linguagem, refletidas por Oustinoff (2011, p. 16), que nos esclarece:

Diante dessas diferenças, podemos adotar várias atitudes. A primeira consiste em concluir pela intraduzibilidade radical de toda língua por outra. Para os muçulmanos do mundo inteiro, o Corão não deveria ser traduzido: ele deve ser lido na língua original, seja o leitor falante do árabe ou não. Podemos também concluir pela relativa intraduzibilidade das línguas: traduzir é, forçosamente, trair, para retomar o adágio italiano *traduttore, traditore*. A tradução arisca-se, assim, a ser considerada como um mal menor, mantendo-se a consulta direta ao original como melhor que qualquer outra forma de acesso, mesmo quando existam traduções que todos concordem em classificar como excelentes.

Assim, os textos e obras de Leon Trotsky, usados como fontes nesta tese, enquadram-se neste *mal menor*, um *risco* necessário e também limite da presente investigação. Para melhor compreendermos esta limitação, realizamos uma incursão nas traduções até os *textos-fontes*⁶⁸ de Trotsky, o que nos permitiu justificar a opção por determinadas edições/traduições. Como anunciado anteriormente, os textos delimitados nesta pesquisa são: *Terrorismo e comunismo*, *Saber militar e marxismo*, *Questões do modo de vida*, *Literatura e revolução* e *Tarefas da educação comunista*.

66 O russo foi a primeira tradução desta obra em língua estrangeira, realizada por Nikolai Danielson e publicada em 1872. Danielson manteve correspondência contínua com Marx para responder dúvidas sobre a tradução da obra (SEGRILLO, 2017).

67 A tradução francesa foi de responsabilidade de J. Roy, que teve “um trabalho do próprio diabo” com Marx, queixando-se das interferências dele, o que fez alargar o tempo e o trabalho na execução desta tradução, “Graças a isto, como consolo, a tradução francesa tem um valor científico independente do original.” (MEHRING, 2013, p. 376).

68 Para fins desta tese, *texto-fonte* é usado para se referir ao material que serviu de fonte para a elaboração da tradução; enquanto *texto original* se refere a primeira publicação do material.

2.2.1 Terrorismo e comunismo: o anti-Kautsky

Em português, o livro foi publicado pela primeira vez pela editora Saga, em 1969, e traduzido por Lívio Xavier. Não há informações técnicas sobre o texto-fonte e nem a língua de partida usada na tradução desta edição. A ausência destes dados tem caracterizado o conjunto das publicações de Trotsky em língua portuguesa, como evidenciado por Bianchi (2005, p. 6).

Além desta tradução, identificamos a existência de mais duas versões editoriais em língua portuguesa: da editora Centelha, publicada em 1975 e; da editorial SARL, de 1972, ambas publicadas em Coimbra, Portugal, cujo acesso não conseguimos obter. Em razão desta condição objetiva, nossa fonte de análise constitui-se do material publicado pela editora Saga.

No *Trotsky Internet Archive* (TIA)⁶⁹, há informações sobre a primeira publicação desta obra em língua inglesa, realizada em 1922⁷⁰. Neste idioma, a obra foi intitulada *Dictatorship versus democracy (Terrorism and Communism). A reply to Karl Kautsky*. Segundo informações disponíveis no próprio texto, o acréscimo *Dictatorship versus democracy* não agradou o autor, o que levou a sua remoção em publicações posteriores. Editado pelo Partido dos Trabalhadores da América, futuro Partido Comunista dos Estados Unidos (PCEU), com base no original russo, a tradução foi realizada pelo comunista norte-americano Max Shachtman.

No original russo, *Terrorismo e comunismo é Terrorizm i kommunizm* [Терроризм и коммунизм] e foi publicado pela primeira vez em 1920, pela *Edições do Estado*. Observa-se que a primeira tradução em língua portuguesa chegou ao público quase cinquenta anos depois da publicação original. A estrutura da obra e os capítulos em russo são semelhantes as traduções inglesa e portuguesa mencionadas.

69 Plataforma do *Marxists Internet Archive* (MIA) que reúne escritos de Leon Trotsky em inglês.

70 Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/trotsky/1920/terrcomm/index.htm>>.

2.2.2 Saber militar e marxismo

Texto publicado em português como anexo ao título *Problemas da guerra civil*, de Trotsky, pela editora Antidoto, em 1977⁷¹. Os tradutores indicados na ficha técnica são M. Videira e A. Campos. Tal como na obra anterior, não há informações sobre a língua de partida e o texto-fonte usado na tradução. Entretanto, no conteúdo do texto, a nota de número quatro, assinada como *nota do tradutor francês*, informa sobre determinada palavra russa “intraduzível” para o francês (TROTSKY, 1977, p 97), o que nos remete a origem da língua da partida desta obra.

Em francês, *Saber militar e marxismo* foi publicado como parte da obra: *Écrits militaires, Comment la révolution s'est armée*, publicado pela L'Herne, Paris, em 1967. Os tradutores foram: Georges Belet, Michèle Bokanowski, Claude Buhrer-Levenson, Claude Kiejman e Cécile Vendas, que usaram o russo como língua de partida. Registramos também que existe uma versão inglesa do texto no TIA⁷².

Em russo, o título completo pode ser traduzido por: *Conhecimento militar e marxismo. Discurso em uma reunião da Sociedade Científica Militar na Academia Militar do Exército Vermelho, em 8 de maio de 1922*⁷³. O texto compõe o terceiro volume de *Como armar a Revolução*⁷⁴, publicado em 1925. Tal como o texto anterior, este também passou mais de cinquenta anos para chegar na língua portuguesa.

2.2.3 Questões do modo de vida

No caso desta obra, faz-se necessário detalharmos algumas nuances das traduções, uma vez que há discrepâncias significativas dos textos da publicação original com as existentes em língua portuguesa, além do fato desta obra se

71 Disponível no Mia: <<https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1922/05/08.htm>>.

72 *Military Knowledge and Marxism*, inserida como último capítulo da obra *The Military Writings and Speeches of Leon Trotsky. Vol. 5: 1921-1923. How the Revolution Armed*. Publicado pela New Park Publications, Londres, traduzido do russo por Brian Pearce.

73 *Voyennoye znaniye i marksizm. Rech' na zasedanii Voyenno-Nauchnogo Obshchestva pri Voyennoy Akademii RKKA 8 maya 1922 g.* [Военное знание и марксизм. Речь на заседании Военно-Научного Общества при Военной Академии РККА 8 мая 1922 г.].

74 *Kak Vooruzhadas' Revolyutsiya* [Как Вооружадась Революция].

constituir como uma das principais referências nas produções que tratam do tema *Trotsky e Educação*.

Os artigos e textos de Leon Trotsky sobre *questões culturais*, onde o tema *modo de vida* se encontra inserido, foram publicados no russo em dois volumes de *Obras completas*⁷⁵: o *Volume 20*, que reúne escritos produzidos principalmente no período entre 1900 e 1914⁷⁶ e; o *Volume 21*, com artigos e textos escritos no período após a Revolução de Outubro de 1917. É no interior deste último volume, que se encontram os textos publicados em português sob o título *Questões do modo de vida*.

Em russo, o *Volume 21* possui o seguinte título: *Os problemas da cultura: a cultura de transição*⁷⁷. Sua primeira edição data de 04 de julho de 1923, publicada pela *Edições do Estado*, com o total de 120 páginas e o formato físico de 23 x 15 cm⁷⁸.

Uma segunda edição foi publicada em 9 de setembro de 1923, segundo o próprio autor, ela “apresenta-se consideravelmente aumentada: em parte por artigos que diretamente se relacionam com as questões do modo de vida, e principalmente por artigos muito recentes.” (TROTSKY, 1979, p. 17). Esta edição foi a que serviu de texto-fonte para a tradução francesa da obra que, por sua vez, foi usada para a tradução em língua portuguesa.

Uma terceira edição russa data de 1925⁷⁹ e; uma quarta, de 19 de fevereiro de 1927, publicada quando o autor integrava a *Oposição de Esquerda*. Poucos meses depois desta última publicação, Trotsky foi afastado do Comitê Central e

75 *Sochineniya* [Сочинения].

76 Este volume é intitulado *Problemas da Cultura: a cultura do mundo antigo*, transl.: *Problemy kul'tury. Kul'tura starogo mira* [Проблемы культуры. Культура старого мира]. Nele, os textos estão divididos em seis seções: 1) *De nobre a plebeu*; 2) *Dias da semana*; 3) *Antes da primeira revolução*; 4) *Sobre Leon Tólstoi*; 5) *Entre a primeira revolução e a guerra*; 6) *O Ocidente e nós*. De acordo com seu editorial, as três primeiras seções contêm textos de 1900 a 1902 e as três últimas, de 1908 a 1914. Eles tratam sobre a literatura russa da época, suas tendências e caracterizações. (ТРОЦКИЙ, 1927).

77 *Problemy kul'tury. Kul'tura perekhodnogo perioda* [Проблемы культуры. Культура переходного периода].

78 *A Casa de Leilões Kabinet* [Кабинетъ], de Odintsovo, Moscou, possuía uma edição original, classificada como *uma raridade!* [Редкость!]. Para lances iniciais, o valor era de 20 a 24 mil rublos. Fonte: <<http://www.kabinet-auktion.com/auction/books30/>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

79 Informações da Biblioteca da Universidade de Glasgow, *Special Collections: Leon Trotsky, a exhibition*. Fonte: <<https://www.gla.ac.uk/myglasgow/special/trotsky.html>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

expulso do partido. De acordo com George Novack (1983), ele continuara a luta de Lenin contra o crescimento da burocracia e pela manutenção do caráter revolucionário do partido, o que teve consequências na publicação de seus textos:

Durante a maior parte desta luta de quatro anos, Trotsky foi proibido de expressar suas críticas políticas publicamente. Mas em suas discussões sobre questões de cultura e ciência, ele tratou dos perigos do burocratismo e da mentalidade estreita, do conservadorismo e da mesquinhez, alertando seus ouvintes para defender e ampliar os ganhos da revolução. Praticamente todos os artigos deste livro contêm uma discussão velada da luta contra a burocracia. A liderança de Stalin ficou furiosa com estes artigos, mas não conseguiu impedir sua publicação até 1927, quando se sentiu forte o suficiente para expulsar Trotsky e outros opositores do partido. (NOVACK, 1983, p. 10, tradução nossa).⁸⁰

Na edição de 1927, uma das últimas publicações de sua autoria pela *Edições do Estado*, os textos foram reunidos a outros artigos e discursos, produzidos em anos posteriores a primeira edição da obra. Estes textos abordam sobre a cultura soviética, o trabalho cultural, a questão da imprensa, o exército vermelho, a relação entre ciência e revolução, as tarefas educacionais, a juventude, a construção socialista, entre outros temas que se encontram, em grande parte, inéditos em português.

No sítio eletrônico da versão russa do MIA⁸¹, *Os problemas da cultura: a cultura de transição*, edição de 1927, encontra-se disponível integralmente. Antes de serem organizados no *Volume 21*, estes textos foram comumente publicados separadamente na forma de artigos em jornais soviéticos, como o *Pravda*. No *Volume 21*, ele encontra-se organizado em cinco grandes partes, que apresentamos no quadro abaixo:

80 "During most of this fouryear struggle, Trotsky was prohibited from voicing his political criticisms publicly. But in his discussions of cultural and scientific questions, he dealt with the dangers of bureaucratism and of narrowmindedness, conservatism, and pettiness, warning his listeners to defend and extend the gains of their revolution. Virtually every article in this book contains a veiled discussion of the struggle against bureaucracy. The Stalin leadership was infuriated by these articles but was unable to prevent their publication until 1927, when it felt strong enough to expel Trotsky and other Oppositionists from the party". (tradução nossa).

81 Disponível em: <<https://www.marxists.org/russkij/trotsky/works/trotl910.html>>. Acesso em: 03 dez. 2018.

Quadro 1 – Sumário original de *Os problemas da cultura: a cultura de transição*, de 1927.

I. A ERA DO CULTURALISMO E SUAS TAREFAS	
1. QUESTÕES DO MODO DE VIDA.	<ul style="list-style-type: none"> - O homem não vive só de “política”; - Atenção aos detalhes; - Para reconstruir o modo de vida, é necessário conhecê-lo; - Vodka, igreja e cinema; - Luta pelo discurso cultural; - Da antiga a nova família; - Família e rituais; - Prefácio à segunda edição de <i>Questões do modo de vida</i>; - Proteção à maternidade e a luta pela cultura; - Construir o socialismo significa libertar a mulher e proteção da mãe; - "Vós" e "tu" no Exército Vermelho.
2. PÚBLICO SOVIÉTICO E CULTURA.	<ul style="list-style-type: none"> - Um conselho para uma grande questão; - Carta à assembleia solene dos trabalhadores de Moscou; - Contra a burocracia esclarecida (bem como não esclarecida); - Um pedaço da democracia soviética; - Sobre a burocracia militar e qualquer outro; - Alguns comentários em resposta ao camarada Semashko; - Pela qualidade, contra a burocracia, pelo socialismo!
3. AS TAREFAS DO TRABALHO CULTURAL.	<ul style="list-style-type: none"> - Aprender-trabalhando; - Exército Vermelho – canteiro da iluminação; - Exército Vermelho e iluminação; - Discurso no Congresso de Conselhos de Educação Física de 19 de abril de 1924; - Algumas palavras sobre educação humana; - Leninismo e trabalho bibliotecário; - Leninismo e clubes de trabalhadores; - Ainda sobre clubes de trabalhadores.
II. O PAPEL DA IMPRESSÃO NA CONSTRUÇÃO CULTURAL	
1. PROBLEMAS	<ul style="list-style-type: none"> - O jornal e seu leitor; - Rabkor e seu papel cultural;

GERAIS DE IMPRESSÃO.	<ul style="list-style-type: none"> - Que ângulo abordar?; - Aos funcionários e leitores da "Jovem Guarda"; - Carta ao Instituto Estadual de Jornalismo; - Carta a redação da "Jovem Guarda"; - Sobre taquigrafia.
2. SOBRE A IMPRENSA MILITAR.	<ul style="list-style-type: none"> - Tarefas da imprensa militar; - "O primeiro livro para leitura"; - As tarefas do jornal do Exército Vermelho; - É preciso aprender a escrever! - Para o herói de lápis e pincel.
3. PELA QUALIDADE DA IMPRESSÃO.	<ul style="list-style-type: none"> - Camaradas, impressoras à frente; - É preciso levar ao tribunal por isso; - A situação de nosso trabalho editorial; - É preciso por fim ao desperdício de papel; - Penetrante olho; - Quando a mudança virá?; - Cinco Anos de Livros Soviéticos; - Carta ao Conselho da Província de Moscou Departamento da União RPP.
III. CIÊNCIA E REVOLUÇÃO	
...	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção à teoria; - Uma carta para o acadêmico I. P. Pavlov; - Rumo ao primeiro Congresso de cientistas de toda a Rússia; - D.I. Mendeleev e marxismo.
IV. A REVOLUÇÃO E AS TAREFAS DA EDUCAÇÃO	
...	<ul style="list-style-type: none"> - O quinto ano é o ano de estudo; - A posição da República e as tarefas da juventude trabalhadora; - A educação dos jovens e a questão nacional; - As tarefas da educação comunista; - Carta ao Komsomol da Geórgia; - Pequena e Grande; - Juventude, aprenda a política!; - Prefácio ao livro do camarada Averbakh. Lenin e perguntas do movimento de juventude.

V. CONSTRUÇÃO SOCIALISTA E O PROBLEMA DO VÍNCULO CULTURAL	
...	<ul style="list-style-type: none"> - Oh, nós não temos precisão suficiente!; - Komsomol, a frente dos elos econômicos e culturais!; - Discurso na noite de formatura dos secretários dos Ukoms sob o Comitê Central do PC (b) em 30 de junho de 1924; - Quais são as tarefas do "Diário do Camponês"? - Pela qualidade - pela cultura!; - Tarefas dos trabalhadores da construção cultural; - "Nosso Jornal"; - Tarefas imediatas dos trabalhadores; - Discurso na reunião nos cinco anos da existência da Geórgia Soviética em 25 de fevereiro de 1926; - Rádio, ciência, tecnologia e sociedade; - Cultura e socialismo; - Sobre a cultura do futuro.

Fonte: elaborado pelo autor a partir do original russo.

Em língua portuguesa, a obra *Questões do modo de vida* está restrita aos oito primeiros textos, do primeiro capítulo da parte I, *A era do culturalismo e suas tarefas*, com o acréscimo de mais dois textos: *Um conselho para uma grande questão*⁸² e *O jornal e seu leitor*.

Assim, constatamos que a obra traduzida para a língua portuguesa sob o título *Questões do modo de vida*, representa cerca de 14% dos textos originais de *Os problemas da cultura: a cultura de transição*, publicada em 1927; proporção que indica haver um grau elevado de ineditismo nos escritos de Leon Trotsky em língua portuguesa sobre este tema.

Uma vez que a tradução para a língua portuguesa desta obra tem origem na edição francesa, cuja fonte foi a segunda publicação russa de 1923 (e não a de 1927), podemos inferir que as diferenças no quantitativo de textos ausentes das traduções portuguesas (e francesa), notadamente possui relação com as diferentes edições da obra no próprio idioma russo, principalmente entre a edição de 1923 (que

⁸² Na tradução em língua portuguesa construído por A. Castro recebeu o título: *As atenções e a delicadeza como condições necessárias para relações harmoniosas*.

não conseguimos acesso) e a última, de 1927, conforme o próprio Trotsky esclareceu no prefácio da segunda edição, exposto anteriormente.

A edição francesa, *Les questions du mode de vie*, que serviu de texto-fonte para as traduções portuguesas, foi publicada em janeiro de 1976, pela editora 10/18⁸³. Traduzida da segunda edição russa (de 09 de setembro de 1923) por Joëlle Aubert-Yong, responsável pelo vocábulo russo *Быт* [быт] ter sido traduzido pela expressão *mode de vie*, o que determinou o entendimento na língua portuguesa.

A edição apresenta treze textos no sumário, incluindo uma introdução, de Anatole Koop e dois prefácios, do punho de Leon Trotsky: 1) *Introduction de l'édition française de 1976*; 2) *Préface à la deuxième édition*; 3) *Préface à la première édition*; 4) *L'homme ne vit pas que de politique*; 5) *Le journal et son lecteur*; 6) *L'attention doit porter sur des détails*; 7) *Pour reconstruire le mode de vie, il faut le connaître*; 8) *La vodka, l'église et le cinématographe*; 9) *De l'ancienne famille à la nouvelle*; 10) *La famille et les rites*; 11) *Les égards et la politesse comme conditions nécessaires à des relations harmonieuses*; 12) *Il faut lutter pour un langage châtié*; 13) *Annexe: Questions et réponses sur le mode de vie ouvrier*.

Em português, *Questões do modo de vida* foi publicado principalmente por duas editoras⁸⁴: Antidoto, com sede em Lisboa, em maio de 1979 e; Instituto José Luís e Rosa Sundermann (atualmente, Sundermann), de São Paulo, em 2009. O texto da Antidoto foi traduzido por A. Castro; enquanto a tradução da Sundermann foi realizado por Diego Siqueira e Daniel Oliveira, que também partiram da edição francesa⁸⁵.

Assim, cronologicamente, *Questões do modo de vida* foi publicado em russo pela *Edições do Estado*, em 1923; traduzido para o francês, pela editora 10/18, em 1976; o que serviu como texto-fonte para as traduções portuguesas da Antidoto, em 1979, e da Sundermann, em 2009. Do russo para o francês e do francês para o português, temos novamente um caminho indireto de acesso ao texto original e,

83 Algumas publicações aparecem como *Unión Générale d'Éditions* (UGE), nome anterior à 10/18.

84 Outras publicações são reedições destas duas.

85 Além das notas da edição francesa da Sundermann, em contato com o representante editorial, Jorje Breogan, esta informação foi confirmada.

mais uma vez, uma diferença de mais de meio século entre a publicação original e as traduções portuguesas.

Enquanto a edição da Antidoto possui estrutura similar ao título francês, na editora Sundermann estão ausentes os textos de introdução, de Anatole Koop; os dois prefácios, da primeira e segunda edição, ambos de Trotsky e; o anexo. Assim, a Sundermann centra-se no *miolo* do texto propriamente dito⁸⁶.

Para melhor visualizarmos estas diferenças entre as duas editoras, apresentamos no quadro 2 abaixo, um comparativo entre o sumário da edição da Antidoto e os textos que compõe a publicação da Sundermann:

Quadro 2 – Comparação do sumário de *Questões do modo de vida*, das editoras Antidoto e Sundermann.

ANTIDOTO	SUNDERMANN
- Introdução [Anatole Koop].	...
- Prefácio da segunda edição.	...
- Prefácio da primeira edição.	...
- O homem não vive a não ser da “política”.	- O homem não vive só de “política”.
- O jornal e o seu leitor.	- O jornal e seu leitor.
- A atenção deve incidir sobre os detalhes.	- A atenção deve incidir sobre os detalhes.
- Para construir o modo de vida é preciso conhecê-lo.	- Para construir o modo de vida é preciso conhecê-lo.
- A vodka, a igreja e o cinema.	- A vodka, a igreja e o cinema.
- Da antiga à nova família.	- Da antiga à nova família.
- A família e os ritos.	- A família e os ritos.
- As atenções e a delicadeza como condições necessárias para relações harmoniosas.	- A atenção e a delicadeza como condições necessárias para relações harmoniosas.
- É preciso lutar por uma linguagem depurada.	- É preciso lutar por uma linguagem polida.
- Anexo: perguntas e respostas sobre o modo de vida operário.	...

Fonte: elaborada pelo autor a partir de Trotsky (1976, 2009).

86 Na edição da Sundermann, a obra encontra-se conjugada com outros textos, a saber: *A Moral deles e a nossa*, *Moralistas e bajuladores contra o marxismo* e *Testamento*, que não compõe o título em questão.

Ao compararmos os textos das traduções de ambas, identificamos que, em geral, seus conteúdos são similares, com divergências na ordem sintática das orações e na seleção de algumas palavras, sem, contudo, perda do sentido semântico, como o título do texto: *É preciso lutar por uma linguagem depurada*, da editora Antídoto; que aparece como: *É preciso lutar por uma linguagem polida*, na edição da Sundermann.

Todavia, em algumas passagens há alterações substanciais de sentido, como podemos observar no título *O homem não vive só de “política”*, da Sundermann, completamente contrário ao título da Antídoto, *O homem não vive a não ser da “política”*, o que distorce o sentido original do texto em francês.

Deste modo, optamos por nos referendar na edição da Sundermann como fonte de pesquisa, pois além de corrigir erros da tradução anterior, ela se encontra atualizada nas normas ortográficas vigentes da língua portuguesa até o ano de sua publicação. Esta definição se estabelece sem prejuízo em recorrer aos textos que se encontram exclusivamente na publicação da Antídoto, isto é, os dois prefácios de Trotsky, o anexo, além da introdução.

Cabe registrar que em língua inglesa, a *Pathfinder Press*, de Nova Iorque, publicou *Problems of Everyday Life: and other writings on culture & science*, em 1973. A estrutura do sumário a torna distinta das edições portuguesas, com a inclusão de textos que não estão presentes naquelas (e a exclusão de outros). A apropriação deste título nos interessa, pois permite melhor compreensão da totalidade do pensamento teórico de Leon Trotsky sobre as questões educativas e culturais envolvidas no problema do modo de vida, todavia, pelo critério temporal adotado nesta investigação, detivemo-nos apenas em textos publicados no período de 1917 a 1923, que possuem relações e nexos com o tema da educação e que não estão disponíveis nas traduções de língua portuguesa ou espanhola. Assim, desta edição, selecionamos os seguintes textos: *“Thou” and “You” in the Red Army*; *Alas, We Are Not Accurate Enough!*; *The Red Army, Seedbe of Enlightenment*; *Big and Small* e *Tasks of Communist Education*⁸⁷.

87 Na página 92, discorreremos um tópico específico sobre as questões de tradução deste último texto, pela importância e centralidade que ele possui para a arguição desta tese.

Em espanhol, *Problemas de la Vida Cotidiana* foi publicado pela *Edicions Internacionals Sedov*, de Valencia, Espanha, em 2015. A obra informa como fonte de tradução, a segunda edição russa, de 1923, sem menções aos tradutores. Identificamos outras edições existentes no espanhol, com títulos diversificados⁸⁸, entretanto, a edição da *Sedov* está disponível livremente no MIA do idioma espanhol⁸⁹, razão pela qual optamos por usar dois textos como fonte, que não possuem tradução nas edições de língua portuguesa: *Contra la burocracia, progresista y no progresista e Como empezar*.

Em caráter de síntese, identificamos que as edições portuguesas de *Questões do modo de vida* possuem limitações em relação ao conjunto da obra original escrita por Leon Trotsky em dois aspectos: 1) os textos traduzidos em português expressam apenas uma parte minoritária dos escritos de Trotsky concernentes ao tema das *questões culturais*; 2) as traduções portuguesas não usaram fontes diretas do russo, mas uma tradução indireta do francês.

Estas questões não se referem a qualidade técnica das traduções portuguesas, mas das condições ou opções editoriais possíveis até aquele momento, que não permitiram alcançar o conjunto das contribuições teóricas de Trotsky sobre o tema, assim como sua elaboração primária, isto é, em língua russa.

2.2.4 Literatura e revolução

Em língua portuguesa existem duas versões editoriais⁹⁰ desta obra: Zahar Editores, publicado em 1969 e; Zahar, fundada depois que a primeira foi dissolvida, publicado em 2007. Ambos os textos possuem a mesma tradução, realizada por Luiz Alberto Moniz Bandeira, autor do prefácio em português, intitulado *O marxismo e a questão cultural*.

88 *Problemas de la Vida* (Buenos Aires: El Yunque, 1984); *Vida cotidiana em na URSS: un texto inédito de Trotsky* (Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1971); *Sobre la Vida cotidiana. La familia, la religión, el lenguaje, los ritos...* (Barcelona: Icaria, 1977).

89 Disponível em: <<https://www.marxists.org/espanol/trotsky/problemas-vida-cotidiana-Trotsky-1923.pdf>>.

90 Há versões editoriais de textos isolados no formato *E-book*, porém, são originadas destas duas.

Com a mesma tradução, as edições expressam diferenças de forma e estilo. Em geral, tais diferenças não se contradizem, manifestando-se, com frequência, na transliteração de nomes russos⁹¹ e na ordem sintática de frases e períodos, o que não compromete a similaridade do conteúdo do texto traduzido.

Apresentamos no quadro 3 abaixo, uma comparação dos sumários para melhor visualizarmos os textos presentes nas duas versões editoriais:

Quadro 3 – Comparação dos sumários de *Literatura e revolução*, das editoras Zahar Editores e Zahar.

ZAHAR EDITORES	ZAHAR
...	- Apresentação, por William Keach.
- O Marxismo e a questão cultural, Moniz Bandeira.	- Prefácio: o marxismo e a questão cultural, por Luiz Alberto Moniz Bandeira.
- Introdução, Leon Trotsky.	- Introdução.
- A arte anterior à revolução.	- A arte anterior à revolução.
- Os “companheiros de viagem” literários da revolução.	Os companheiros literários de viagem da revolução.
Alexandre Blok.	Aleksánder Blok.
O futurismo.	O futurismo.
Apêndice: uma carta do camarada Gramsci sobre o futurismo italiano.	Apêndice: uma carta do camarada Gramsci sobre o futurismo italiano.
A escola de poesia formalista e o marxismo.	A escola de poesia formalista e o marxismo.
A cultura e a arte proletárias.	A cultura e a arte proletárias.
A política do partido na arte.	A política do partido na arte.
Arte revolucionária e arte socialista.	Arte revolucionária e arte socialista.
Em memória de Serge Essenin.	Em memória de Sierguêi lessênin.
O suicídio de Maiakovsky.	O suicídio de Maiakóvski.
Anatole Vassilevitch Lunatcharsky.	Anatoli Vassilievitch Lunatchárski.

Fonte: elaborado pelo autor a partir de Trotsky (1969, 2007).

Os três últimos textos: *Em memória de Serge Essenin*; *O suicídio de Maiakovisky* e *Anatole Vassilievitch Lunatcharsky*, são notas de homenagens

91 Por exemplo, na edição de 1969, os nomes Alexandre Blok, Serge Essenin, Maiakovisky e Lunatcharsky, aparecem na edição de 2007, respectivamente com as seguintes grafias: Aleksánder Blok, Sierguêi lessênin, Maiakoviski e Lunatchárski.

póstumas aos autores mencionados, sendo que na edição da Zahar eles estão delimitados como um bloco, chamado *Ensaaios sobre Literatura*.

A tradução realizada por Moniz Bandeira usou como texto-fonte a obra *Literature and Revolution*, publicado por *Russell & Russell*, Nova Iorque, 1957, confrontada com a edição francesa, *Littérature et Révolution*, publicada por *René Julliard*, Paris, 1964. As publicações inglesa e francesa possuem diferenças quanto aos textos presentes.

Em inglês, *Literature and Revolution* foi traduzido do russo por Rose Strunky, que tomou por fonte a publicação da *Edições do Estado*, de 1924, segundo consta informações disponíveis no TIA⁹². A estrutura da obra apresenta equivalência com os textos da tradução portuguesa, com exceção dos três últimos, que se encontram ausentes na edição inglesa.

A edição francesa usada por Moniz Bandeira, foi traduzida do russo por Pierre Frank e Claude Ligny. Na versão francesa da TIA, esta publicação é mais extensa que as versões editoriais inglesa e portuguesa: além dos oito capítulos iniciais e os últimos três textos (sobre Lessienin, Maiakovski e Lunatcharski), os quais conformam a primeira parte da obra, existe uma segunda parte, intitulada: *Divers textes de Léon Trotsky relatifs à l'art, à la littérature à des écrivains*, onde estão incluídos mais vinte e cinco textos⁹³ que datam desde antes da Revolução de Outubro de 1917 até o período de seu último exílio.

Deste modo, mais uma vez se repete o problema da tradução indireta, tal como ocorreu com as obras e textos anteriores aqui percorridos. Neste caso, a língua inglesa serviu como intermediária entre a língua de partida (russa) e a língua de chegada (portuguesa), com o francês usado como suporte à tradução.

92 Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1924/lit_revo/index.htm>.

93 1) Léon Tolstoï; 2) *Un nouveau grand écrivain Jean Malaquais*; 3) *À propos du drame de Marcel Martinet*; 4) *Radio, science, technique et Société*; 5) "Culture et Socialisme"; 6) *Lettre à l'Académicien I. P. Pavlov*; 7) *La révolution étranglée*; 8) *De la Révolution étranglée et de ses étrangleurs*; 9) *Une interview de Léon Trotsky sur la littérature prolétarienne*; 10) *Céline et Poincaré*; 11) *Fontamara*; 12) *Sur une interview d'André Malraux*; 13) *Lettre à Joan London*; 14) *La bureaucratie totalitaire et l'art*; 15) *L'art et la révolution*; 16) *Le parti et les artistes*; 17) *Pour un art révolutionnaire indépendant*; 18) *À propos de la philosophie du surhomme*; 19) *Extrait d'un vieux Carnet*; 20) *Il faut publier Malraux aux États-Unis*; 21) *La vodka, l'église et le cinématographe*; 22) *Romain Rolland remplit sa mission*; 23) *Pour un art révolutionnaire indépendant*; 24) *La mission de la F.I.A.R.I.*; 25) *L'art révolutionnaire et la IV^e Internationale*.

Em russo, *Literatura i revolyutsiya* [Литература и революция] foi publicada por *Krasnaya nov'* [Красная новь], em 1923⁹⁴. Em *Problemas de cultura: a cultura do velho mundo*, das *Obras completas* de Leon Trotsky, consta a informação de que alguns artigos deste volume compõe a coleção *Literatura e Revolução*⁹⁵.

2.2.5 Tarefas da educação comunista

Publicado originalmente no *Pravda*, números 139 e 140, respectivamente 24 e 26 de junho de 1923, como *Zadachi kommunisticheskogo vospitaniya* [Задачи коммунистического воспитания], faz parte da última edição russa de *Problemas de Cultura. Cultura de Transição*⁹⁶.

Em inglês, foi publicado como capítulo de *Problems of Everyday Life*, da *Pathfinder*, com tradução de Marlyng Vog, direta do russo. Em português, há uma tradução realizada pelas Edições Iskra⁹⁷ (TROTSKY, 2016), contudo, além da autoria da tradução não identificada, o texto não coincide integralmente com a versão da *Pathfinder*. Isto se deve ao texto-fonte usado pelas Edições Iskra, originado de uma segunda versão deste texto, publicada dias depois, em 16 de agosto de 1923, num boletim inglês da Internacional Comunista (TROTSKY, 2016, p. 117). Em razão desta discrepância, optamos pela tradução da *Pathfinder* para integrar as fontes de nossa pesquisa.

Em caráter de síntese, expomos o quadro 4 abaixo, que localiza o conjunto das fontes selecionadas como objeto desta tese, suas respectivas traduções e textos-fontes.

94 A obra encontra-se disponível no sítio eletrônico da Biblioteca Histórica do Estado da Rússia, *Gosudarstvennaya Publichnaya Istoricheskaya Biblioteka Rossii* [Государственная Публичная Историческая Библиотека России]. Informações em: <http://elib.shpl.ru/nodes/55315-trotsky-i-l-literatura-i-revolutsiya-m-1923>. Acesso em: 17 jan. 2021.

95 Alguns destes textos foram mencionados na nota explicativa n. 76.

96 Encontra-se disponível no MIA russo: <https://www.marxists.org/russkij/trotsky/works/trotl965.html>.

97 Este texto está inserido como apêndice do livro *Educação, ensino e marxismo*, uma antologia de textos de Max e Engels, o que dificultou encontrá-lo.

Quadro 4 – Fontes das edições selecionadas para pesquisa.

OBRA/TEXTO	EDITORIA	ANO	TRADUÇÃO	TEXTO-FONTE	TEXTO ORIGINAL
<i>Terrorismo e comunismo: o anti-Kautsky</i>	Saga	1969	Lívio Xavier	...	Терроризм и коммунизм
<i>Saber militar e marxismo</i>	Antidoto	1977	M. Videira e A. Campos	...	Военное знание и марксизм. Речь на заседании Военно-Научного Общества при Военной Академии РККА 8 мая 1922 г.
<i>Questões do modo de vida</i>	Sundermann	2009	Diego Siqueira e Daniel Oliveira	<i>Les Questions du Mode de Vie</i>	Вопросы быта
<i>Literatura e revolução</i>	Zahar	2007	Luiz Alberto Moniz Bandeira	<i>Literature and Revolution</i>	Литература и революция
<i>Tasks of communist education</i>	<i>Pathfinder Press</i>	1973	Marilyn Vog	<i>Collected Works, Vol. 21</i>	Задачи коммунистического воспитания

Fonte: elaborada pelo autor (2021).

As condições editoriais das traduções e edições aqui comentadas confirmam, em parte, a avaliação de Bianchi (2005) a respeito dos problemas das publicações e traduções de Leon Trotsky em língua portuguesa. O mesmo relata:

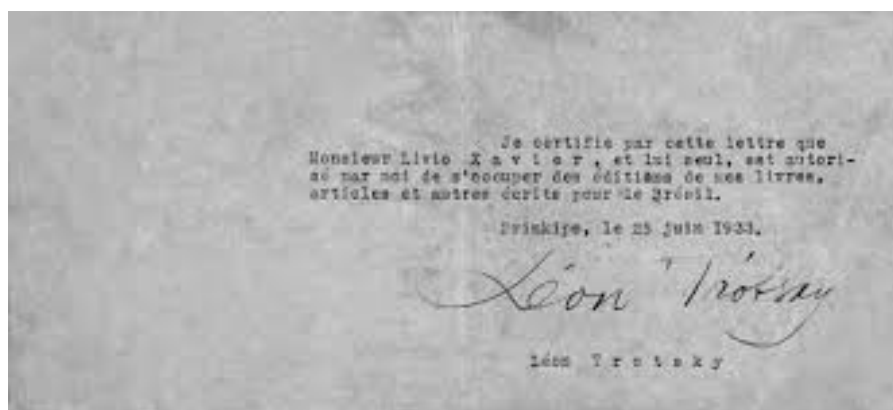
Um estudo qualitativo das obras publicadas revela, por outro lado, a qualidade duvidosa das edições de Trotsky no mundo luso-brasileiro. As traduções contêm erros evidentes, as edições que lhes serviram de base raramente são citadas, os índices são praticamente inexistentes e muitas vezes faltam informações bibliográficas elementares. (BIANCHI, 2005, p. 6).

Estas traduções, além do uso de fontes indiretas aos textos originais de Leon Trotsky, possuem uma considerável distância temporal das primeiras publicações

em russo. No caso do período delimitado nesta tese (1917-1923), as edições portuguesas, que integram as fontes selecionadas desta pesquisa, foram publicadas cerca de meio século depois das originais, em russo. Os determinantes deste espaçamento, assim como os motivos que justificam a não usarem os textos originais em russo nas traduções portuguesas foge ao problema desta pesquisa⁹⁸.

Por fim, registramos que o próprio Trotsky demonstrou em vida certo cuidado com as traduções de seu acervo. Numa carta, autoriza Lívio Xavier como único representante de suas edições no Brasil, como mostra a figura abaixo:

Figura 1 – Autorização de Leon Trotsky a Lívio Xavier sobre seu acervo no Brasil.



Fonte: CHAGAS (2017, p. 16).

Em tradução livre: “Certifico por esta carta que o Sr. Lívio Xavier, e somente ele, está autorizado por mim a cuidar das edições de meus livros, artigos e outros escritos para o Brasil” (tradução nossa)⁹⁹, datado de 25 de junho de 1933, em meio aos embates entre a direção do PCUS e a Oposição de Esquerda Internacional, simultâneo a fundação da Liga Comunista Internacionalista (LCI)¹⁰⁰, no Brasil.

98 Como parâmetro, segundo Scarpin (2010), a primeira tradução direta do russo de *Crime e castigo*, de Fiódor Dostoiévski, deu-se apenas em 2001, com Paulo Bezerra. Tese de Gomide (2004) sobre os impactos e a extensão literária do romance russo no Brasil de fins do século XIX, discorre sobre o papel histórico do idioma francês como intermédio das traduções portuguesas, tratando-se, no caso, de obras clássicas da literatura romanesca russa.

99 “Je certifie par cette lettre que monsieur Lívio Xavier, et lui seul, este autorisé par moi de s'cuper des editions de mes livres, articles et autres écrits pour le Brasil” (tradução nossa).

100 Organização fundada por Lívio Xavier, Mário Pedrosa, Aristides Lobo e outros, em 21 de janeiro de 1931. Fonte: <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/liga-comunista-internacionalista>. Acesso: 26 set. 2020.

Os motivos de Trotsky em certificar por escrito um representante de sua confiança para cuidar de seu acervo no Brasil é outra questão que esta tese não se propõe a investigar. De qualquer modo, reforça nossa hipótese de que apropriação de seu acervo por meio de traduções e, mais ainda, traduções indiretas, sujeita o seu pensamento social e político a distorções indesejadas. Com base na constatação de que as edições de língua portuguesa “acessam” o texto russo original por meio do inglês ou do francês, a exigência de maior cuidado na análise de suas obras e textos se faz necessário.

Nesta tese, para além da consulta e confronto a traduções alternativas, avançamos na apropriação do pensamento de Trotsky sobre educação quando articulamos os seus textos e obras ao desenvolvimento e totalidade de seu pensamento, assim como, em suas relações com o devido contexto histórico, tarefas que realizamos nas seções seguintes.

3 REVOLUÇÃO RUSSA DE 1917: HISTÓRIA, CONTEXTO E LEON TROTSKY

[...] se não encontrássemos veladas na sociedade, tal como ela é, as condições materiais de produção e as correspondentes relações de intercâmbio para uma sociedade sem classes, todas as tentativas para explodi-la seriam quixotadas. (MARX, 2011a, p. 105).

Na noite de 25 de outubro de 1917 no calendário em vigor na Rússia, aconteceu um fato histórico de relevância mundial que marcou aquele século. Uma explosão operária assombrou o mundo burguês e os seus palácios. No caso, o Palácio de Inverno, último resquício de poder dos capitalistas russos, foi tomado de assalto junto a realização de uma importante reunião – o II Congresso dos Sovietes de Deputados, Operários e Soldados de Toda a Rússia¹⁰¹.

Com a vitória da insurreição, um novo tipo de governo foi constituído: o Conselho de Comissários do Povo¹⁰², resultado direto da Revolução Russa de Outubro de 1917¹⁰³, dirigida pela primeira vez por um partido marxista – o partido bolchevique¹⁰⁴.

101 Realizado nos dias 25 e 26 de outubro (7 e 8 de novembro no calendário gregoriano), no Instituto Smolny, Petrogrado, com a presença de 649 delegados, dos quais 390 bolcheviques, 160 socialistas revolucionários, 72 mencheviques e 14 mencheviques-internacionalistas. No dia 26, o Palácio foi tomado oficialmente e o Congresso aprovou os decretos sobre a paz, a distribuição de terras e a carta *Aos Operários, Soldados e Camponeses!*, que proclamou a constituição de um novo governo (LENIN, 1977a).

102 *Sovét narodnyh komissárov* [Совёт народных комиссаров] ou *Sovnarkom* [совнарком]. Segundo Trotsky (1978, p. 285), a denominação de *conselhos* foi sugestão sua dada a Lenin, em oposição a títulos como *ministros* e *altos-comissários*.

103 Apesar de ter ocorrido no mês de novembro no calendário gregoriano, usual nos países ocidentais, a historiografia manteve a temporalidade deste evento conforme o registro local, isto é, outubro, o qual assumimos em conformidade com a maioria das obras que abordam o tema.

104 Segundo Lenin (1977b, p. 4), os bolcheviques existiam desde 1903 como tendência interna do Partido Operário Social-Democrata Russo (POS DR). O nome e a sigla do partido, entretanto, sofreram várias alterações ao longo da história: Partido Comunista Russo (PCR), adotado entre 1918 e 1925; Partido Comunista de Toda a União (PCU), de 1925 a 1952 e; Partido Comunista da União Soviética (PCUS), de 1952 a 1991. (СПАВОЧНИК, 2020). Apesar de representar momentos diferentes da luta interna partidária, adotamos simplificada mente a denominação “Partido Bolchevique” ou “bolcheviques” para se referir a organização política construída por Lenin em vida, o que se diferencia do período posterior, distinção assentada na tese da não-continuidade do bolchevismo ao stalinismo (BENSAÏD, 2019; BROUÉ, 2007, 2014; CERDEIRA, 1999; MONTEIRO, 2017a, 2017b).

A Revolução arrebentou as correntes que prendiam o proletariado russo à velada exploração existente na sociedade burguesa, o que permitiu o desenvolvimento de novas relações de produção e de troca, antes esboçado apenas como horizonte no *Manifesto do Partido Comunista*, de 1848.

A *ditadura do proletariado*, conceito assumido teoricamente por Marx na *Crítica ao Programa de Gotha*¹⁰⁵ e desenvolvido por Lenin em *Estado e Revolução*¹⁰⁶, tornou-se um fato histórico na Rússia após Outubro de 1917. Neste Estado recém-formado, foi constituído uma forma particular de administração das atividades estatais e da economia política, baseado nos organismos chamados *soviets*¹⁰⁷ – em tradução literal, *conselhos* – criados pelo proletariado russo na experiência da Revolução de 1905, do qual deriva uma das principais características deste Estado – o regime do tipo soviético.

Leon Trotsky, eleito inicialmente Comissário do Povo para Negócios Estrangeiros¹⁰⁸, logo assumiu o posto de Comissário para a Guerra e a Marinha, onde permaneceu até 1925, quando passou à tarefa de organização da eletrificação nacional até a sua expulsão do Comitê Central (CC), em 1928.

Esta seção objetiva centralmente discorrer sobre o contexto histórico da Revolução Russa de Outubro de 1917, as bases materiais e produtivas que originam o processo revolucionário e a inserção de Leon Trotsky em tal contexto.

Assim, organizamos a presente exposição do seguinte modo: 3.1 *Notas historiográficas sobre a Revolução Russa de 1917*, iniciamos por situar a existência

105 “Entre a sociedade capitalista e a comunista, situa-se o período da transformação revolucionária de uma na outra. A ele corresponde também um período político de transição, cujo Estado não pode ser senão a ditadura revolucionária do proletariado.” (MARX, 2012, p. 36).

106 “Já dissemos, e o demonstraremos mais detalhadamente a seguir, que a doutrina de Marx e Engels sobre a necessidade da revolução violenta se refere ao Estado burguês. Este só pode, em geral, ceder lugar ao Estado proletário (ditadura do proletariado) por meio da revolução violenta e não pode meio do ‘definhamento’”. (LENIN, 2013, p. 18-19).

107 Reed (2017, p. 49) informa que esta palavra passou a denominar um tipo de assembleia com representantes eleitos por categorias específicas da classe trabalhadora (operários, soldados e camponeses); explica ainda que além de soviets locais, por cidade ou vilarejo, dos distritais ou provinciais, passou a existir, sediado na capital, o Comitê Executivo Central dos Sovietes de toda a Rússia (*Tsik*, em russo).

108 Deutscher (2005a, p. 393) revela que na discussão sobre a composição do novo governo, Lenin havia proposto que Trotsky “[...] fosse colocado à sua frente”, no que este recusou, sendo esta informação também confirmada por Lunatcharski. A lista dos membros do Conselho dos Comissários do Povo, eleitos no 2º Congresso dos Sovietes, encontra-se no Anexo A.

dos debates e polêmicas nas investigações históricas sobre esta revolução; 3.2 *Modo de produção, relações de produção e o desenvolvimento peculiar do capitalismo na Rússia*, no qual discorremos sobre o desenvolvimento do modo de produção capitalista na Rússia e as relações sociais a ele inerentes; 3.3 *Trotsky, Educação e a Revolução Russa*, onde abordamos sobre a contribuição política e teórica de Leon Trotsky ao processo revolucionário russo, e; 3.4 *Trotsky e Educação: notas pré-Outubro*, onde aparece os primeiros apontamentos no campo da educação, presente em algumas de suas obras, publicadas antes de Outubro de 1917.

Numa das sínteses d'O *Capital*, o modo de produção capitalista é descrito como um sistema que gera acumulação de riquezas num polo da sociedade, enquanto acumula miséria no outro (MARX, 2013, p. 877), pois foi contra este sistema de desigualdades que a Revolução Russa de Outubro de 1917 foi realizada. Para entendermos o contexto deste evento histórico, no qual Leon Trotsky esteve inserido como um de seus principais agentes, iniciamos por apresentar uma síntese dos debates historiográficos sobre este tema.

3.1 NOTAS HISTORIOGRÁFICAS SOBRE A REVOLUÇÃO

A Revolução Russa de Outubro de 1917 tem sido objeto de diferentes estudos historiográficos que tem resultado em inúmeras obras das mais diversas posições teóricas, políticas e ideológicas. Desde o registro *in loco*, escrito no *calor do momento* dos eventos, construído pelo jornalista norte-americano John Reed, em seu *Dez dias que abalaram o mundo*, até as recentes publicações (e traduções) alusivas ao centenário da Revolução, como a do historiador China Miéville, em *Outubro: história da Revolução Russa*; surgiram várias interpretações e correntes historiográficas em torno deste tema, algumas conflitantes entre si.

Mesmo entre os participantes diretos da Revolução houve divergências sobre tais acontecimentos. Assim, a historiografia sobre a Revolução Russa tem se demonstrado tão polêmica e objeto de disputas teóricas e políticas, quanto a própria

Revolução (BAÑA, 2017; BROUÉ, 2014; MELO e MONTEIRO, 2017; MONTEIRO, 2017b; SEGRILLO, 2010).

Neste sentido, Monteiro (2017b, p 225), aponta:

A escrita da história é inegavelmente um campo de batalha político, onde se confrontam diferentes projetos de sociedade [...]. Tendo isso em mente, não é surpreendente que a escrita da história da Revolução Russa, um tema tão central para o século XX, tenha sido e continue a ser marcado por narrativas que se estruturam a partir de um dado ponto de vista político, muitas vezes em detrimento de verdades históricas.

Como parte dos debates alusivos ao centenário da Revolução Russa, o argentino Martín Baña (2017) sintetizou distintas correntes e fases desta historiografia, a saber: a) o *monopólio* existente da União Soviética¹⁰⁹; b) as *versões heréticas* do campo da esquerda¹¹⁰; c) a *sovietologia clássica*, fundada principalmente pelo conceito de *totalitarismo*¹¹¹; d) os *revisionistas*¹¹², ancorados no questionamento da identidade entre o regime soviético e o nazismo, assim como na continuidade entre stalinismo e bolchevismo¹¹³; e) os *culturalistas*¹¹⁴, que tem se tornado predominante no campo historiográfico após o fim da URSS.

109 O autor se refere a *Historia do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*, também chamada de *Breve Curso*, transl.: *Kratkii Kurs* [Краткий курс], em razão do seu subtítulo.

110 Entre as quais, o autor inclui: Charles Bettelheim (*La lucha de clases en la URSS*); Cornelius Castoriadis (*O regime social da Rússia*); Isaac Deustcher (*La revolución inconclusa. 50 años de historia soviética 1917/1967*); Moshe Lewin (*El último combate de Lenin*), além da *História da Revolução Russa*, de Trotsky. Segundo Baña (2017), mesmo com críticas ao regime soviético, esses autores apresentam diferentes leituras sobre a Revolução.

111 Nesta categoria, o autor inclui: Richard Pipes (*The Russian Revolution*); Friedrich e Brzezinski (*Dictadura totalitaria y autocracia*) e; Hannah Harendt (*As origens do Totalitarismo*). Estes trabalhos estariam fortemente influenciados pelo contexto da Guerra Fria, construindo uma imagem negativa da Revolução (BAÑA, 2017, p. 57).

112 Na historiografia, este termo possui um significado polêmico, assentado em estudos situados no pós-guerra que puseram em *revisão* a interpretação histórica dominante (ou oficial) de determinados eventos históricos (SENA JÚNIOR, 2017). O termo é questionado por Enzo Traverso (2017), preocupado com alguns estudos autodenominados *revisionistas*, cujas teses questionam e desacreditam da existência de campos de concentração nazistas.

113 Neste caso, o autor cita os trabalhos de Stephen Cohen (*Bukharin and the bolshevik revolution*) e Marc Ferro (*La Revolución de 1917: la caída del zarismo y los orígenes de Octubre*).

114 Dentre os trabalhos que compõe essa tendência, o autor cita: Ezequiel Adamovsky (*Conversaciones sobre la idea comunista a 150 años del manifiesto y 80 de la Revolución Rusa*); Katerina Clark (*Petersburg: crucible of cultural revolution*); Peter Holquist (*Violent russia, deadly marxism? Russia in the epoch of violence, 1905-21*); Arno Mayer (*The furies: violence and terror in the French and Russian Revolution*); Joshua Saborn (*Imperial apocalypse: the great war and the destruction of the Russian Empire*), entre outros.

Neste sentido, Baña (2017, p. 56) reflete que:

A Revolução tem sido, desde sempre, objeto de uma forte disputa historiográfica. Superar os preconceitos mantidos durante grande parte da sua existência e rever as novas contribuições da historiografia talvez nos ajudem a pensar em uma nova narração de sua história que resgate, sem cair em idealizações ou esquematismos, as aspirações e práticas emancipatórias dos sujeitos que a protagonizaram.

No exercício da mesma sistematização, Angelo Segrillo (2010) realizou um panorama sobre a historiografia da Revolução, concentrando-se especialmente em autores ocidentais (anglo-saxões) e russos. De acordo com ele, os primeiros registros da Revolução foram constituídos por textos jornalísticos e biográficos, realizados por testemunhas e partícipes diretos dos eventos¹¹⁵.

Segundo o autor, diferente de outras revoluções, a historicização da Revolução Russa de 1917 foi preocupação permanente dos agentes e sujeitos que dela participaram, conformando uma *História do tempo presente* (SEGRILLO, 2010, p. 66), no qual revistas e institutos foram criados com a finalidade de construir tal registro¹¹⁶.

Segrillo (2010) relata que as disputas de narrativas sobre a Revolução Russa já se encontravam presentes desde aquele período, como nas discordâncias historiográficas entre Miliukov e Kerensky, sobre os equívocos frente ao

115 Além do livro de John Reed, o autor cita os trabalhos da jornalista Loise Bryant (*Six red months in Russia*); Nikolai Sukhanov (*Notas sobre a Revolução*), Alexandre Kerensky (*The catastrophe*); Pavel Miliukov (*História da segunda Revolução Russa*); Petr Wrangel (*The memoirs of general Wrangel*) e Anton Denikin (*Ensaio sobre a desordem russa*). Sukhanov, Kerensky e Miliukov integraram o governo provisório entre fevereiro e outubro de 1917, por sua vez, Wrangel e Denikin foram oficiais czaristas que formaram e lideraram os Exércitos Brancos na guerra civil russa (1917-1921).

116 Em 1921, o Comitê de História do Partido Comunista (*Istpart*) editou uma revista mensal dedicada à história, a *Revolução Proletária*, trans.: *Proletarskaya Revolyutsiya* [Пролетарская Революция]. Em 1922, começou a ser publicado, em Petrogrado, *Anais Vermelhos*, transl. *Krasnaya Letopis'* [Красная Летопись]; por sua vez, emigrados russos partidários do czarismo, elaboraram o *Arquivo da Revolução Russa*, transl. *Arkhiv Russkoi Revolyutsii* [Архив Русской Революции] (SEGRILLO, 2010, p. 66). No mesmo sentido, Broué (2014, p. 11) relata que nos anos iniciais do regime soviético houve um considerável esforço na publicação de materiais históricos (panfletos, artigos, documentos oficiais, memórias, pesquisas, etc.).

bolchevismo; ou entre Leon Trotsky e Mikhail Pokrovsky¹¹⁷, sobre as especificidades do desenvolvimento histórico do capitalismo na Rússia (SEGRILLO, 2010, p. 66-67).

No período entre 1920-1930, o autor destaca trabalhos históricos produzidos do interior da Rússia¹¹⁸, de emigrados russos¹¹⁹ e de estrangeiros (diplomatas e jornalistas)¹²⁰. Em tal período, várias polêmicas eclodiram no interior do regime e do partido sobre a natureza da revolução e suas tarefas, com destaque para a *revolução permanente*, de Trotsky e o *socialismo num só país*, de Stálin. (SEGRILLO, 2010, p. 68-69).

Debates envolvendo outros temas também marcaram este período, como a questão dos sindicatos e a oposição operária (KOLLONTAI, 1977); as questões sobre arte e cultura (TROTSKY, 1969) e os debates sobre educação no interior do *Narkompros* (FITZPATRICK, 1969), o que contraria a ideia de que nos anos iniciais do regime soviético inexistia discussões e polêmicas em seu interior¹²¹. Estas permanecem no interior do partido até o final da década de 1920, quando ocorre uma espécie de *viragem* (SEGRILLO, 2010, p. 70):

A década de 1930 marcou um ponto de viragem não apenas na sociedade soviética como nos tipos de estudos aqui analisados. O fim da NEP e o início da industrialização e coletivização agrícola forçadas do stalinismo sob a égide dos planos quinquenais marcou um forte fechamento do sistema político e a persecução de uma forma de pensamento único a partir da liderança de Stalin.

117 Para Segrillo (2010, p. 67), este foi “[...] o historiador bolchevique de maior expressão da época”. Entre suas obras, estão: *História russa desde os tempos antigos*, de 1913; *Uma breve história da Rússia*, de 1923 e; *Ensaio sobre a história da Revolução de Outubro*, de 1927. No regime soviético, assumiu cargos vinculados a instituições acadêmicas e científicas, como a Academia de Ciências e o *Narkompros*, substituindo o titular – Anton Lunatcharski – quando este se ausentava. Posteriormente, foi denunciado pelo regime soviético por adotar ideias “antimarxistas, pseudocientíficas e prejudiciais”, sendo reabilitado no 22º Congresso do PCUS, em 1962. (MIKHAIL, 2020).

118 Menciona S. A. Piontkovsky (*Outubro de 1917*, publicado em 1927).

119 Os mencheviques Dan e Martov (*Die Geschichte der Russischen Sozial-Demokratie*, de 1926); e Kerensky (*The prelude to bolchevism*, de 1919 e *La révolution russe de 1917*, de 1928).

120 Maurice Paléologue (*An ambassador’s memoirs*, de 1925); David R. Francis (*Russia from the american embassy*, de 1921); George Buchanan (*My mission to Rússia and other diplomatic memories*, de 1923); Morgan Price (*My reminiscences of the Russian Revolution*, de 1921); Albert Rhys (*Through the Russian Revolution*, 1921), são citados por Segrillo (2010).

121 Cerdeiro (1999) pontua que as discussões sobre a paz de Brest-Litovsk, a organização do exército, a militarização do trabalho, entre outros temas, eram discutidos publicamente nos jornais, o que revela a existência de uma democracia interna ao partido.

Esta *viragem*¹²² também se refletiu nos estudos historiográficos sobre a Revolução, quando determinados autores, antes reconhecidos no interior do regime, como Trotsky e Pokrovsky, “caíram em desgraça” (SEGRILLO, 2010, p. 70), o que abriu uma nova hegemonia historiográfica, vide a publicação do *Breve Curso*¹²³(SEGRILLO, 2010, p. 70).

No mesmo período, foram publicados densos estudos no Ocidente¹²⁴. No contexto da depressão econômica mundial e elevadas taxas de crescimento da URSS, alguns autores apresentaram uma interpretação não tão desfavorável ao regime soviético¹²⁵ (SEGRILLO, 2010, p. 71).

No pós-guerra, ocorreu outra mudança qualitativa nas abordagens historiográficas: passadas três décadas da Revolução, o *recuo histórico mínimo* permitiu uma análise acadêmica *stricto sensu*, o que fez emergir “verdadeiras escolas ou tendências na historiografia da Revolução Russa” (SEGRILLO, 2010, p. 72). Assim, a partir deste período, o autor classifica a historiografia ocidental sobre o tema em duas vertentes: a) tradicionalistas ou *cold warriors* e; b) revisionistas pós-1960.

122 Melo e Monteiro (2017) pontuam que diversos estudos demonstram haver profundas mudanças no regime soviético na década de 1930 em diante, no que defende ser insustentável a ideia de uma continuidade ou consequência lógica do período anterior. Para Broué (2014, p. 11; 285-288), esta mudança qualitativa começa em 1924, após a morte de Lenin, e se agrava em 1930, com o maior controle pessoal de Joseph Stalin sobre o partido.

123 Esta representaria uma intervenção direta do partido sob o trabalho historiográfico, uma vez que “[...] narrava uma história oficial do partido bolchevique desprovida das ‘distorções’ de Trotskii, Bukharin, Schlyapnikov e outros rivais de Stalin no partido durante a década de 1920.” (SEGRILLO, 2010, p. 70).

124 Citados por Segrillo (2010) estão: William Chamberlin (*The Russian Revolution, 1917-1921*, de 1935); Michael Florinsky (*The end of the Russian Empire*, de 1931) e Bernard Pares (*The fall of the Russian Monarchy*, de 1939).

125 Segundo Segrillo (2010), seria o caso de Walter Duranty, correspondente do *New York Times* (*Duranty reports Rússia*, publicado em 1934).

*Cold warriors*¹²⁶ são os historiadores inseridos no contexto bipolar da Guerra Fria¹²⁷ que desenvolveram uma análise de Revolução Russa de Outubro de 1917, no qual este acontecimento se resume a um *acidente histórico*, ou seja, um golpe realizado por um pequeno grupo sem enraizamento social (SEGRILLO, 2010, p. 73). Tais estudos, portanto, encontram-se distantes das análises marxistas no qual as revoluções (e esta em particular) são movimentos históricos determinados pelas relações sociais de classes. Assim, com algumas exceções¹²⁸, os *cold warriors* podem ser identificados com a *sovietologia clássica*, da síntese trazida por Baña (2017).

Sobre os historiadores desta vertente, Monteiro (2017b) expõe haver uma articulação entre o governo e empresas estadunidenses¹²⁹ no financiamento destes estudos, que objetivavam fundamentar a realização de propagandas negativas contra o bloco soviético. No marco da censura e de perseguições políticas nos EUA¹³⁰, no qual alguns pesquisadores chegaram a ser detidos por suas posições simpáticas ao regime soviético, constituiu-se uma espécie de *consenso acadêmico* com a soviologia americana, principalmente a partir dos trabalhos de Richard Pipes e Robert Conquest (MONTEIRO, 2017b).

126 Em tradução literal: *guerreiros frios*; em alusão ao papel que desempenharam nas disputas ideológicas e políticas no contexto da Guerra Fria. Como pertencentes a esta corrente, Segrillo (2010) cita: Leonard Schapiro (*The origins of the communist autocracy*, publicado em 1955); Hugh Seton-Watson (*The decline of Imperial Rússia*, de 1952 e *The Russian Empire, 1801-1917*, de 1967); Adam Ulam (*The unfinished revolution*, de 1960 e *The bolsheviks*, de 1965); Walter Lacquer (*The fate of the revolution: interpretations of soviet history*, de 1967); Richard Pipes (*The formation of the Soviet Union: communism and nationalism, 1917-1923*, de 1954 e *Russia under the old regime*, de 1974); e Robert Conquest (*The soviet deportation of nationalities*, de 1960 e *The great terror*, de 1968).

127 Rivalidade econômica, política, militar e por áreas de influência entre EUA e URSS que polarizou o mundo após o final da Segunda Guerra Mundial. Entre os episódios mais tensos estão a Guerra da Coreia (1950-53), a crise dos mísseis de Cuba (em 1963) e a Guerra do Vietnã (1954-1975). A Guerra Fria chegou ao fim em 1991, com o colapso da URSS. O termo foi usado pela primeira vez pelo escritor George Orwell (COLD, 2020).

128 Citado por Segrillo (2010): Robert Daniels (*The conscience of the revolution: communist opposition in soviet Rússia*, de 1960 e *Red october: the bolshevik revolution of 1917*, de 1967) e, principalmente; Edward H. Carr (*A History of soviet russia*, publicados entre 1950-1978).

129 Departamento de Estado Norte-Americano (DEA), Escritório de Serviços Estratégicos, precursor da *Central Intelligence Agency* (CIA), Fundação *Ford* e Fundação *Rockefeller*.

130 Na década de 1950, uma política persecutória desenvolvida pelo senador Joseph McCarthy, conhecida por *macarthismo*, levou a uma série de investigações contra supostos *comunistas* infiltrados no governo. As investigações pouco conseguiram provar algo, mas expuseram publicamente e difamaram os investigados, destruindo reputações de políticos e de personalidades (ACHTER, 2021).

Dessa forma, os soviétólogos produziram insumos para a rejeição política do projeto comunista e daqueles que nele se inspiravam ao redor do mundo, realizando apologias do capitalismo e do liberalismo burguês. Pois qualquer tentativa de ir além dos estreitos limites destas estaria fadada a culminar em um dos dois tipos de “totalitarismo”, “de esquerda” (comunismo) ou “de direita” (nazismo). (MONTEIRO, 2017, p. 229).

Na segunda metade da década de 1960, com o maior acesso aos arquivos soviéticos e com uma leitura histórica para além do esquematismo mundo bipolar, desenvolve-se os estudos categorizados como *revisionistas*¹³¹: críticos as análises históricas dos *cold warriors*, destacam diferentes aspectos da Revolução Russa, antes pouco desenvolvidos.

Com o fim da URSS, abriu-se outra fase de estudos historiográficos sobre a Revolução que, segundo Segrillo (2010), é marcada pelas seguintes tendências: a) um fortalecimento das análises explicitamente anticomunistas desenvolvido pelos *cold warriors*¹³²; b) a continuidade e aprofundamento dos estudos *revisionistas*¹³³; c) um *boom* de estudos regionais e provinciais sobre a Revolução¹³⁴; d) o surgimento

131 Segundo Segrillo (2010), quem melhor sintetiza esta tendência é Marc Ferro (*La révolution de 1917*, de 1967), mas também se incluem: Diane Koenker (*Moscow workers and the 1917 revolution*, de 1981); Mark Mandel (*The development of revolutionary consciousness among the industrial workers of Petrograd between february and november 1917*, de 1977); William Rosenberg (*Workers control on the railroads and some suggestions concerning social aspects of labor politics in the Russian Revolution*, de 1977); Allan Wildman (*The end of the russian imperial army: the old army and the soldier's revolt, march-april 1917*, 1980); Ronald Suny (*The baku commune, 1917-1918: class and nationality in the Russian Revolution*, de 1972); Sheila Fitzpatrick (*Cultural revolution in Rússia*, de 1978 e *The Russian Revolution*, de 1982); Moshe Lewin (*Russian peasants and soviet power*, de 1968 e *Lenin's last struggle*, de 1968); Alexander Rabinowitch (*The bolsheviks come to power: the Revolution of 1917 in Petrograd*, de 1976).

132 Especialmente: Richard Pipes (*The Russian Revolution*, de 1990; *Russia under the bolshevik regime, 1919-1924*, de 1993 e *Uma história concisa da Revolução Russa*, já mencionado); Robert Conquest (*The great terror: a reassessment*, de 1990 e *Reflections on a ravaged century*, de 1999) e Martin Malia (*The soviet tragedy: a history of socialism in Russia, 1917-1991*, de 1994) (SEGRILLO, 2010).

133 Alguns exemplos são: Orlando Figes (*A people's tragedy: a history of the Russian Revolution*, de 1996); Christopher Read (*From tsar to soviets: the russian people and their revolution*, de 1996), Rex A. Wade (*The Russian Revolution, 1917*, de 2000) e Steve A. Smith (*The Russian Revolution: a very short introduction*, de 2002) (SEGRILLO, 2010).

134 Donald Raleigh (*Revolution on the Volga: 1917 in Saratov*, de 1986); Orlando Figes (*Peasant Russia, civil war: the Volga countryside in revolution*, de 1989); Michael Hickey (*Urban zemliachestva and rural revolution: Petrograd and the Smolensk countryside in 1917*, de 1996); Peter Holquist (*Making war, forging revolution: Russia's continuum of crises, 1914-1921*, de 2002); Sarah Badcock (*Politics and the people in revolutionary Russia: a provincial history*, de 2007) e outros (SEGRILLO, 2010).

de estudos relacionados a linguagem e questões culturais como eixos de análise, que expressam uma historiografia pós-moderna e com base na *virada linguística*¹³⁵.

Já no interior da União Soviética, os debates que se encontravam congelados, entraram numa *fase de degelo* após a morte de Joseph Stalin e do informe do *Relatório Khrushchev*¹³⁶ (SEGRILLO, 2010, p. 85-86). Assim, surgiram novos estudos críticos e emergiram temas, antes secundarizados¹³⁷.

Com o fim do *bloco socialista*, em 1991, os estudos historiográficos se ampliaram. Segrillo (2010) aponta que, inicialmente, a figura de Lenin e dos bolcheviques foram preservados frente as revisões historiográficas russas, críticas ao regime stalinista, o que coincidia com a implementação das reformas de abertura ao mercado¹³⁸ serem realizadas oficialmente sob o manto do socialismo. Posteriormente, com o processo de restauração capitalista mais avançado, a crítica historiográfica alcançou o leninismo e, por consequência, o próprio legado da Revolução de Outubro de 1917.

Segundo Segrillo (2010), este movimento resultou em três vertentes historiográficas russas: a) introdução dos conceitos ocidentais, antes censurados no

135 Exemplos são: Orlando Figes e Boris Kolonitskii (*Interpreting the Russian Revolution: the language and symbols of 1917*, de 1999); Mark Steinberg (*Voices of revolution, 1917*, de 2001 e *Proletarian imagination: self, modernity and the sacred in Russia, 1910-1925*, de 2002) (SEGRILLO, 2010).

136 Também chamado *Discurso Secreto*, informe de Nikita Krushchev, Secretário-Geral do partido, realizado numa seção fechada do XX Congresso do PCUS, em 25 de fevereiro de 1956, resultado de uma investigação interna sobre a questão do *culto à personalidade* e os métodos empregados pelo ex-líder soviético, falecido em março de 1953. No *Relatório*, estão casos de tortura física, execuções, forjamento de provas, falsos testemunhos, confissões forçadas, entre outros, empregados contra membros do próprio partido. (KRUSHCHEV, 1956). Enquanto Broué (2014, p. 449) avalia que o *Relatório* confirma os crimes praticados por Stalin, anteriormente denunciados; Losurdo (2011, p. 21) contesta a veracidade das afirmações de Krushchev e sustenta que ele é resultado de uma luta política com o objetivo de “deslegitimar os ‘stalinistas’ que podiam fazer sombra ao novo líder”. Marie (2017) e Passos (2015), por sua vez, contestam Losurdo num debate que segue em aberto.

137 Eduard Burdzhlov (*Sobre a tática dos bolcheviques em março-abril de 1917*, publicado em 1956 e *A segunda Revolução Russa: levante em Petrogrado*, de 1967); Yurii Tokarev (*Justiça popular às vésperas da grande revolução socialista de Outubro, março-outubro de 1917*, de 1965); Gennadii Sobolev (*Consciência revolucionária de trabalhadores e soldados de Petrogrado em 1917*, de 1973); Isac Mints, que havia participado da elaboração do *Breve Curso* e, nesta fase, contribuiu para a redação de um novo manual: *História do Partido Comunista da União Soviética*, além de três volumes de *História da grande Revolução de Outubro*, publicado entre 1967-1972. (SEGRILLO, 2010, p. 87).

138 Estas reformas receberam o nome de *Perestroika* [перестройка], realizada por Mikhail Gorbachov em meados da década de 1980. Para maior aprofundamento, recomendamos a tese de Segrillo (1999).

interior da URSS, tais como o *totalitarismo* preconizado pelos *cold warriors*¹³⁹; b) o aprofundamento de estudos de enfoque regional e local¹⁴⁰; c) de forma embrionária, os estudos com bases pós-modernas e na virada linguística¹⁴¹.

Segrillo (2010) questiona sobre as possibilidades de um estudo com maior *objetividade* sobre a História da Revolução Russa e aponta a necessidade de um *diálogo* entre estas diversas interpretações. Na base deste questionamento, o autor pressupõe que os estudos realizados pelos ex-participantes da Revolução, possui “[...] um interesse velado na questão” (SEGRILLO, 2010, p. 91), o que comprometeria a análise histórica pelo *partidarismo* dos envolvidos.

Em nosso modo de ver, uma análise objetiva da história não exclui um *interesse velado* ou mesmo explícito na questão. Marx (2011), ao analisar o golpe de Estado de Luís Bonaparte, realiza uma explicação objetiva deste acontecimento histórico. Assim, sem deixar de se posicionar do ponto de vista dos interesses históricos de uma classe e *tomar partido*, o autor do *18 Brumário* não compromete a sua análise em razão de seu interesse partidário na questão. No prefácio à terceira edição, Friedrich Engels discorre com maior propriedade sobre o método que Marx usou para com este estudo histórico:

Marx veio a público com uma descrição breve, epigramática, em que **expôs todo o nexa interno do curso da história francesa** desde as jornadas de fevereiro [de 1848], em que explicou todo o milagre do dia 2 de dezembro como resultado natural e necessário desse nexa interno, sem que, para isso, precisasse mostrar pelo herói do golpe de Estado mais do que o merecido desprezo. A magistralidade com que traçou esse quadro foi tal que cada nova revelação ocorrida nesse tempo **só veio comprovar o grau de fidelidade com que ele reflete a realidade**. Essa compreensão eminente da história viva em curso, essa clarividência em relação aos fatos no momento em que ocorrem, é de fato ímpar. (ENGELS, 2011, p. 21, grifos nossos).

139 Segrillo (2010) cita Mikhail Kapustin, Leonid Batkin, V. I. Korotaev, A. N. Zorikov e Yurii Kir’yanov e, segundo ele, o próprio Gorbachev assumiu o conceito de *totalitarismo* ao se referir ao regime soviético.

140 De acordo com Segrillo (2010), A Igor’ Narskii, Sergei Yarov, e Vladimir Shishkin são alguns dos autores desta tendência.

141 Boris Kolonitskii e Orlando Figes, seriam as maiores expressões desta tendência (SEGRILLO, 2010). Monteiro (2017b, p. 235) questiona estas abordagens que, por focarem em “microanálises”, contrapõem-se a sínteses globais dos fenômenos históricos, o que revela uma tendência junto às posições neoliberais e conservadoras.

A precisão *ímpar* com que Marx conseguiu “comprovar o grau de fidelidade” de sua análise histórica, revelando os *nexos internos* do curso dos acontecimentos, Engels acrescenta que, além do mergulho no conhecimento da história francesa, soma-se outro elemento, o qual devemos prestar atenção em nossas análises tanto sobre a Revolução Russa de 1917, quanto do próprio pensamento social e político de Leon Trotsky e suas contribuições para educação:

Marx foi o primeiro a descobrir **a grande lei do movimento da história**, a lei segundo a qual todas as lutas históricas travadas no âmbito político, religioso, filosófico ou em qualquer outro campo ideológico **são de fato apenas a expressão mais ou menos nítida de lutas entre classes sociais**, a lei segundo qual a existência e, portanto, também as colisões entre essas classes **são condicionadas, por sua vez, pelo grau de desenvolvimento da sua condição econômica, pelo modo da sua produção e pelo modo do seu intercâmbio condicionado pelo modo de produção**. Essa lei, que para a história tem a mesma importância do que a lei da transformação da energia para a ciência natural – essa lei lhe proporcionou, também nesse caso, a chave para a compreensão da história da Segunda República francesa. E essa história lhe serviu para submeter a sua lei à prova, tanto é que, trinta e três anos depois, ainda temos de reconhecer que ela passou no teste com brilhantismo. (ENGELS, 2011, p. 22, grifos nossos).

Deste modo, mesmo reconhecendo a contribuição do panorama arquitetado por Segrillo (2010), que encontra paralelo com o texto de Baña (2017), na formulação de uma síntese das principais polêmicas, tendências e fases dos estudos historiográficos sobre a Revolução Russa de 1917, o que explicita a complexidade que o tema adquiriu nos estudos históricos, buscamos nos firmar nos apontamentos de Marx (2011) e seu método na análise histórica: a *luta de classes* e a investigação dos *nexos internos* do curso dos acontecimentos, observando que as classes são *condicionadas* pelo grau de desenvolvimento econômico, pelo modo de produção e pelo modo de “seu intercâmbio condicionado pelo modo de produção”, como descreveu Engels (2011).

Neste sentido, para iniciarmos uma análise do contexto histórico que está inserido o nosso objeto – Leon Trotsky e suas contribuições teóricas para o campo da educação – detemo-nos sobre a Revolução Russa de 1917 a partir de tais

elementos, ou seja, os nexos internos entre o desenvolvimento do modo de produção e as classes sociais em luta.

Para tal, reconhecendo a amplitude e existência de diversas correntes dos estudos historiográficos sobre a Revolução, pautamo-nos fundamentalmente por algumas obras: *História da Revolução Russa*, de Leon Trotsky; *O Ano I da Revolução*, de Victor Serge; elaboradas por testemunhas diretas dos acontecimentos e *partidários* da Revolução. Junto a elas, recorreremos aos textos de Lenin: *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia e Imperialismo: fase superior do capitalismo*, que nos possibilitam um quadro mais amplo do modo de produção capitalista que se desenvolveu na Rússia. A opção por estas como basilares de nossa incursão histórica sobre o contexto revolucionário russo é devido a serem consideradas clássicas¹⁴² sobre o tema.

Como não pretendemos realizar uma exaustiva análise histórica da Revolução Russa de 1917, uma vez que tal pretensão não é objeto da presente tese, nosso objetivo está delimitado por entender o contexto histórico da revolução o qual Leon Trotsky se insere com suas contribuições.

Antes de finalizarmos estas notas historiográficas, retornamos novamente a questão da *objetividade* histórica no trato com a Revolução Russa, deixada por Segrillo (2010), o qual ele deixa em aberto e respondemos com outra reflexão, de Edward Carr (1996, p. 37): “Quando tentamos responder à pergunta ‘Que é história?’ nossa resposta, consciente ou inconscientemente reflete nossa própria posição no

142 Os dicionários estabelecem diferentes significados para este termo. No contexto aqui usado, concordam que se refere a uma obra: a) de estilo impecável; b) reconhecida por autores como um modelo do gênero; c) digna de ser imitada. Segundo Abbagnano (2007), o termo vem do latim, *classicus*, traduzido por *de primeira classe* e designa “[...] o que é excelente em sua classe ou o que pertence a uma classe excelente (especialmente à classe militar)” (ABBAGNANO, 2007, p. 147). Neste sentido, o *clássico* surge para se diferenciar dos *escritos proletários* (ABBAGNANO, 2007, p. 147). Em *Por que ler os clássicos*, Calvino (1993) elabora catorze pontos sobre a questão, dentre eles: “1. Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: ‘Estou relendo...’ e nunca ‘estou lendo...’” (CALVINO, 1993, p. 9), o que remete a obras famosas e conhecidas entre *grandes leitores*. No campo da educação, Saviani defende o uso dos clássicos para os conteúdos escolares (o mesmo faz Calvino) e assim o define: “O ‘clássico’ não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual. O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial.” (SAVIANI, 2003, p. 13). Com este entendimento, o autor inclui desde obras do período clássico greco-romano a autores da literatura moderna, como Descartes, Dostoiévski e Machado de Assis (SAVIANI, 2003). Sem pretender fechar a questão, Paul Valéry nos diz que os clássicos são: “[...] modelos abundantemente imitados, profundamente estudados, nunca superados.” (VALÉRY, 2007, p. 27).

tempo, e faz parte da nossa resposta a uma pergunta mais ampla: que visão nós temos da sociedade em que vivemos?”.

Na visão de Carr (1996, p. 39), o historiador “[...] é necessariamente um selecionador”. Assim, não compreendemos que uma análise histórica seja passível de *neutralidade científica*, traduzida como *objetividade* para o campo historiográfico, o que não significa deixar de analisar, de forma objetiva, o *fato histórico* e interpretá-lo a luz de uma teoria explicativa da história, que no nosso caso, funda-se no materialismo histórico e dialético. Tal preceito teórico e metodológico no trato com a história, além de Marx na análise do *18 Brumário*, foi igualmente expresso por Trotsky em sua análise da Revolução:

O leitor crítico e sério não irá querer uma imparcialidade desleal, que ofereça a ele a taça da conciliação com uma boa dose de ódio reacionário no fundo, mas de uma científica escrupulosidade, que, por suas simpatias e antipatias – abertas e indisfarçadas – procura apoio num estudo honesto dos fatos, na determinação de suas verdadeiras conexões, uma exposição das leis motivadoras de seu movimento. Este é o único objetivismo histórico possível e, além disso, é amplamente suficiente, por que é verificada e atestada não pelas boas intenções do historiador, de que ele mesmo dá garantias, mas pelas leis naturais do processo histórico reveladas por ele. (TROTSKY, 2007a, p. 12-13).

A partir destas considerações, na subseção seguinte partimos para a análise do desenvolvimento do modo de produção capitalista desenvolvido na Rússia e seu intercâmbio com as relações de produção e troca.

3.2 MODO DE PRODUÇÃO E RELAÇÕES DE PRODUÇÃO

Como discorrido anteriormente, para apreendermos os determinantes da Revolução Russa e as polêmicas que surgiram naquele contexto, em particular as posições de Leon Trotsky e seu pensamento sobre educação, realizamos uma incursão no desenvolvimento histórico do modo de produção capitalista na Rússia e seus nexos internos com as relações sociais que ele engendra. As peculiaridades e contradições deste desenvolvimento constituíram as condições materiais para uma

revolução socialista em Outubro de 1917 e foram fundamentais para o pensamento de Trotsky sobre a revolução e suas tarefas.

Com uma vasta extensão entre a Ásia e a Europa¹⁴³, profundas contradições se desenvolveram na formação social e econômica específica do território russo, o que originou diversas polêmicas sobre o caráter de tal especificidade. Krausz (2019, p. 147) considera que esta foi uma das questões fundamentais existentes nas discussões dos intelectuais daquele período:

Escritores emigrados e locais – de Hérzen a Dostoiévski, de Kovalévski a Kliutchévski, de Marx ao jovem Lenin – se dedicaram a entender as particularidades da nova forma de desenvolvimento da Rússia, e cada um chegou a conclusões políticas alinhadas às suas próprias convicções.

Karl Marx, questionado por Vera Zaslitch sobre as possibilidades de construção do socialismo a partir das comunas rurais existentes na Rússia¹⁴⁴, construiu quatro esboços de respostas nos quais arrolou sua posição teórica sobre o tema. Ao final, dado o caráter específico do desenvolvimento histórico russo em relação aos países europeus, escreveu uma carta limitando-se a instruir que “a análise apresentada n’*O Capital* não oferece razões nem a favor nem contra a vitalidade da comuna rural.” (MARX, 2013, p. 115)¹⁴⁵.

Ao analisar estes esboços de Marx, Musto (2018, p. 71) identifica que eles “[...] às vezes continham argumentações contraditórias entre si”, no que aponta um amadurecimento de sua posição, especialmente presente no prefácio à edição russa do *Manifesto Comunista*, de 21 de janeiro de 1882, quando Marx avalia que a

143 No final do século XIX, a Rússia czarista abrangeu 22,3 milhões de km², constituindo-se no maior Estado em dimensões territoriais do planeta e; com uma população estimada em 132 milhões de habitantes, tornou-se uma das primeiras densidades demográficas do mundo e a principal da Europa naquele período (REIS FILHO, 2003, p. 15). Ao comparar dados do censo brasileiro daquele período, podemos dizer que caberia 2,5 “brasis” na Rússia Imperial, enquanto que a população russa era 7,5 vezes maior que a brasileira (INSTITUTO, 2006).

144 Em carta de 16 de fevereiro de 1881, motivada pelo debate entre os socialistas russos sobre *O capital*, Zaslitch solicita um posicionamento de Marx sobre “[...] a questão agrária na Rússia e sobre a nossa comuna rural” (MARX, 2013, p. 79).

145 Riazanov registra que havia um planejamento de Marx para um “estudo especial” sobre o tema (MARX, 2013, p. 82).

Rússia foi de “última grande reserva da reação europeia” a “[...] vanguarda da ação revolucionária na Europa”. (Marx, 2005, p. 72-73).

Nas páginas iniciais do estudo histórico de Trotsky (2007a, p. 20), ele registra que havia um debate entre os historiadores da época sobre a existência ou não de um feudalismo russo¹⁴⁶. A própria existência de tal polêmica já demonstrava, na avaliação dele, o caráter diferenciado e específico do desenvolvimento econômico e social russo. Para compreendermos tal especificidade, resgatamos uma passagem que sintetiza a dinâmica histórica em que se assentava esta região de dois hemisférios:

Enquanto os povos bárbaros do Ocidente se instalavam sobre as ruínas da cultura romana, das quais puderam utilizar velhas pedras como material de construção, os eslavos do Oriente se encontravam, naquelas inóspitas latitudes da estepe, órfãos de qualquer herança: seus antepassados viviam em um nível ainda mais baixo que o seu. Os povos da Europa ocidental, presos dentro de suas fronteiras naturais, criaram os núcleos econômicos e culturais das sociedades industriais. A população da planície oriental, tão logo via assomar os primeiros sinais de penúria, penetrava nos bosques ou emigrava para a periferia das estepes. No Ocidente, os elementos mais empreendedores e de maior iniciativa da população camponesa foram para a cidade, converteram-se em artesãos, em comerciantes. Alguns dos elementos ativos e audazes do Oriente se dedicaram também ao comércio, mas a maioria se converteu em cossacos, em colonizadores. O processo de diferenciação social, tão intenso no Ocidente, no Oriente via-se contido e sombreado pelo processo de expansão. (TROTSKY, 2007a, p. 19).

Este atraso econômico, social e cultural, que permitiu um desenvolvimento histórico russo desigual frente ao contexto europeu, teve por base material as condições naturais em que tal região se encontrava: com as maiores planícies do globo terrestre, formada por estepes¹⁴⁷ ao sul, com formações desérticas e de

146 Osório Silva (2012, p. 111) ratifica esta informação e explica que Lenin adotou, primeiramente, termos alternativos a feudalismo, como *relativo à servidão (krepostnoi)* e *conjunto de relações ligadas à servidão (kreposnitchevo)* para caracterizar o regime econômico pré-capitalista russo. Entretanto, segundo o autor, sua posição muda em 1911, quando passou a adotar *feudal* em seus textos, ainda que não o considerasse inteiramente correto.

147 Vegetação de planície típica da Rússia, caracterizada por poucas árvores e plantas de pequeno porte, como savanas, matagais e pastagens temperadas, que formam um cinturão que se estende por cerca de oito mil quilômetros, da Hungria à Manchúria. Nesta, diversos povos nômades se estabeleceram em diferentes períodos históricos, como trácios, sumérios, citas, visigodos, hunos e os primeiros eslavos (McNEILL, 2020).

semiárido que atravessam o caminho precursor da *Rota da Seda*¹⁴⁸; sediada por bosques que caracterizam a taiga (florestas coníferas, com pântanos, rios e lagos) presente em seu interior e; pela tundra¹⁴⁹ ártica nos limítrofes norte, sob o peculiar *permafrost*¹⁵⁰. A figura 2 abaixo, ilustra a localização das estepes russas, condição natural da região que determinou relações materiais e históricas do território russo:

Figura 2 – Mapa da Rússia, com estepes em destaque azul-turquesa.



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=6871871> [Domínio público].

Os diferentes relevos, somados ao clima extremo de invernos rigorosos, contribuíram para a diversidade étnica, com a maioria eslava concentrada próxima

148 Antiga rota comercial que interligava Oriente e Ocidente, importante para a comunicação da China com o Império Romano Antigo e, depois, com a Europa medieval. Além da seda, produzida exclusivamente na China, outras mercadorias passavam por ela, como lã, prata, ouro, camelo, etc. Compreende-se que este caminho também foi um importante meio de expansão cultural e religiosa, como o cristianismo e o budismo (SILK, 2020).

149 O mais frio dos biomas do planeta, com temperaturas extremamente baixas, poucos nutrientes, vegetação simples e curtas estações de cultivo. A tundra se caracteriza pela paisagem gélida, ausência de árvores em sua planície e uma baixa diversidade biótica. (THE TUNDRA, 1996).

150 Solo permanentemente congelado sob uma temperatura geralmente inferior a zero graus celsius, característicos de regiões com invernos prolongados e verões curtos (PÉWÉ, 2018).

ao Ocidente, *locus* onde os centros industriais se desenvolveram, e as centenas de grupos étnicos de diferentes línguas e tradições culturais (KEENAN, 2021).

Este desenvolvimento histórico peculiar, combinado e desigual ao desenvolvimento europeu, teve uma de suas maiores expressões no plano da superestrutura política e jurídica, com o regime que ficou conhecido como *czarismo*, no qual o monarca, sob o título de *czar*¹⁵¹, exerce o poder imperial absoluto. O processo de formação do *regime dos czares* é assim descrito por Miéville (2017, p. 20-21):

Por séculos, uma sucessão de reis – tsares – negocia e guerreia com os nômades das estepes orientais, com tártaros, com bizantinos. No século XVI, o tsar Ivan IV, a quem a história chama de “o Terrível”, promove massacres a caminho dos territórios do leste e do norte até se tornar o “tsar de todas as Rússias”, governante de um império colossal e multifacetado. Ele consolida o Estado moscovita sob uma autocracia feroz. No entanto, apesar de tamanha ferocidade, irrompem rebeliões, como sempre acontece. Algumas, como o levante dos camponeses cossacos, liderado por Pugatchov no século XVIII, são contestações vindas de baixo, insurreições sangrentas subjugadas com sangue.

Deste modo, com uma feroz repressão e subjugação de diversos povos, sob a benção da Igreja Católica Ortodoxa Russa e sob o banho de sangue de rebeliões camponesas sufocadas, o czarismo russo se consolidou e se expandiu, conformando um dos maiores impérios da humanidade que atravessou mais de quatro séculos até sua total derrocada pelos bolcheviques¹⁵².

151 Na tradução literal, *rei* ou *imperador*, todavia, mais registrado na literatura ocidental em suas formas transliteradas *czar* ou *tsar* [царь]. A etimologia remete à designação latina *César* [Cæsar], título imperial romano derivado do nome do ditador Júlio César. O uso deste título monarca deve-se ao Império Bizantino (ou Império Romano do Oriente) que deixou aos principados remanescentes a tradição do cristianismo ortodoxo, assim como a nomenclatura em questão, após sua queda pelas mãos dos otomanos. (TSAR, 2016). Ressalta-se que o título não se confunde com a palavra *imperador*, que em russo é a designação latina *imperator* [император] (MONTEFIORE, 2016, p. 13).

152 Em 1547, Ivan, subtítulo *O Terrível*, foi o primeiro grão-príncipe coroado oficialmente como *czar de toda a Rússia*. Em 1721, Pedro, adjetivado *O Grande*, como parte de suas reformas modernizadoras, substituiu a designação titular de *czar* por *imperador de toda a Rússia*, o que foi seguido pelos governantes subsequentes, porém, no uso popular e comum, os monarcas russos continuaram conhecidos como *czares* até Nicolau II, o último deles. (TSAR, 2016).

A ofensiva expansionista do Império Russo¹⁵³ chegou a influir na Europa Ocidental. Segrillo (2017) pontua que Marx identificava, desde antes de se tornar comunista, uma influência russa na política europeia¹⁵⁴, observado mais atentamente a partir do levante europeu de 1848, quando abordou sobre o papel secreto da diplomacia czarista junto a política inglesa (SEGRILLO, 2017). Segundo este autor, Marx planejava fazer um estudo mais denso da questão, mas publicou apenas uma introdução¹⁵⁵ (SEGRILLO, 2017, p. 485).

Assim, a condição peculiar da Rússia e seu papel nas relações internacionais chamaram a atenção de Marx, cuja caracterização de polo da contrarrevolução mundial, foi modificada, principalmente após a abolição da servidão em 1861, no que ele “[...] começou a aventar a possibilidade de a Rússia ter potencial revolucionário pelo menos dentro do quadro de uma revolução europeia ou mundial mais ampla.” (SEGRILLO, 2017, p. 482).

O regime czarista, portanto, foi o resultado das expressões históricas do desenvolvimento do modo de produção capitalista na Rússia, apoiado no atraso econômico, social, político e cultural que determinaram aquela região, cujas condições naturais estabeleceram relações entre os povos, distintas do processo de desenvolvimento dos países europeus. Contudo, a pressão exercida pelos países europeus desenvolvidos fizeram-na avançar por *saltos*. Tal fenômeno está completamente de acordo com o desenvolvimento desigual e combinado do modo de produção capitalista:

O capitalismo é a produção de mercadorias no grau superior do seu desenvolvimento, quando até a força de trabalho se transforma em mercadoria. O desenvolvimento da troca, tanto no interior como, em especial, no campo internacional, é um traço distintivo e característico do capitalismo. O desenvolvimento desigual, **por saltos**, das diferentes empresas e ramos da indústria e dos diferentes países é inevitável sob o capitalismo. (LENIN, 2000, p. 47, grifo nosso)

153 Montefiore (2016, p. 12) calcula que o Império Russo expandiu, em média, 140 km² por dia, desde a ascensão da dinastia dos Romanov, em 1613.

154 O jornal *Gazeta Renana*, de 4 de janeiro de 1843, editado por Marx, publicou um artigo denunciando “[...] a Prússia de ser tutelada pela Rússia em sua política externa” (SEGRILLO, 2017, p. 483), o que levou Nicolau I a exigir do rei prussiano o fechamento do jornal.

155 Trata-se de *Revelações da história diplomática do século XVIII*, publicada entre 1856-1857.

O desenvolvimento peculiar do modo de produção capitalista russo e suas relações sociais são explicadas pela teoria do desenvolvimento desigual e combinado, assim explicado por Trotsky (2007a, p. 21, grifos do autor):

As leis da História não têm nada em comum com o esquematismo pedantesco. O desenvolvimento desigual, que é a lei mais geral do processo histórico, não se revela, em nenhuma parte, com maior evidência e complexidade do que no destino dos países atrasados. Açoitados pelo chicote das necessidades materiais, os países atrasados se vêem obrigados a avançar aos saltos. Desta lei universal do desenvolvimento desigual da cultura decorre outra que, por falta de nome mais adequado, chamaremos de *lei do desenvolvimento combinado*, aludindo à aproximação das distintas etapas do caminho e à confusão de distintas fases, ao amálgama de formas arcaicas e modernas. Sem recorrer a esta lei, enfocada, naturalmente, na integridade de seu conteúdo material, seria impossível compreender a história da Rússia, nem de nenhum outro país de avanço cultural atrasado, seja em segundo, terceiro ou décimo grau.

Assim, se a Rússia se encontrava atrasada em relação à desenvolvida Europa, por outro, pressionado pelo desenvolvimento capitalista europeu, foi levado a dar um *salto* em 1861, com a *Emancipação dos Servos* e as reformas modernizadoras que se seguiram.

Lenin (1982) parte da Reforma de 1861 para analisar *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, obra resultado de um denso estudo que objetivou analisar a formação do mercado capitalista doméstico russo. O autor critica as posições dos economistas *noradninks*¹⁵⁶ Vasily Vorontsov e Nikolai Danielson¹⁵⁷, partidários da tese da impossibilidade do desenvolvimento do capitalismo na Rússia.

156 Também chamados *populistas*; inspirados nas ideias de Herzen, Tchernyshevski, Lavrov, Bakunin e Tkachev. Tiveram a primeira manifestação expressiva no movimento *Ir ao Povo* e, posteriormente, no *Zemlya i Volya (Terra e Liberdade)*, quando atuaram com maior destaque. Atingiram o ápice no terrorismo do movimento *Narodnaya Volya (Vontade do Povo)*, que marcou a história russa na década de 1880. (BOTTMORE, 2013, p. 456).

157 Na obra de Lenin, estes nomes aparecem, respectivamente, sob os pseudônimos VV e N.-on. Vorontsov publicou um artigo intitulado *À questão sobre o desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, cuja tese sustenta a posição de que na Rússia, o capitalismo não se desenvolveria. Isto foi objeto de polêmica entre os marxistas russos (tratado na carta de Vera Zasulitch, ver nota 144). Os trabalhos de Danielson apontavam na mesma direção. Danielson foi responsável pela tradução e publicação dos volumes d'*O Capital*, em russo, mantendo intensa troca de correspondência com Marx e Engels desde o final da década de 1870 (MARX, 2013; MARX & ENGELS, 1968). Para Lenin (1982), ambos são as maiores expressões teóricas do pensamento *noradinik* no terreno da economia.

Para retratar a totalidade do mercado interno russo, Lenin (1982) percorreu sobre extensa fonte de dados estatísticos, no que analisou o desenvolvimento da economia no campo e na indústria em suas múltiplas dimensões. No campo, identificou um processo de *desintegração do campesinato*¹⁵⁸; uma combinação entre a exploração baseada na servidão e o desenvolvimento da produção mercantil, o que caracterizou um *sistema de transição*¹⁵⁹; além do emprego crescente da maquinaria e do trabalho do tipo assalariado.

Em relação ao maquinário, característica do desenvolvimento industrial capitalista, evidenciou: o aumento da produção anual de arados de ferro (de 14.500 fabricados em 1879 para 75.500, em 1894); de máquinas de colheita (de 780 produzidos em 1879 para cerca de 7 a 8 mil, em 1893 e 27 mil, em 1894); além da mesma tendência em máquinas de joeirar, separadores de sementes, prensas de feno, raspadores de linho, etc. (LENIN, 1982, p. 144-146).

O emprego crescente de máquinas demandou, por sua vez, a produção de motores a vapor, o que provocou uma “revolução no campo” (LENIN, 1982, p. 146) e desenvolveu uma série de cadeias produtivas, no qual a mão de obra *livre* torna-se peça central. Ele observou que a oferta da mão de obra *livre* gerou uma *migração agrícola*, onde massas de trabalhadores rurais se deslocam em busca de salários melhores, principalmente em direção ao leste e sul da Rússia:

Os operários agrícolas, que afluem *em massa* ao sul, provém das camadas mais pobres do campesinato. Dentre os que chegam à província de Kherson, 70% não têm condições de comprar uma passagem de trem e fazem o trajeto a pé.

“Caminham centenas e milhares de verstas ao longo das vias férreas ou dos rios navegáveis, admirando os belos quadros da velocidade dos trens ou do deslizar elegante dos barcos...”¹⁵³

Em média, partem com 2 rublos no bolso,¹⁵⁴ com frequência, faltam mesmo o dinheiro para adquirir um passaporte, e eles se deslocam com uma permissão de viagem válida por um mês, que lhes custa 0,10 rublo. A viagem dura de 10 a 12 dias e, nesses

158 Lenin (1982, p. 113-114) explica que o campo não apenas se diferencia, ele “deixa de existir, se destrói, é inteiramente substituído por novos tipos de população rural, que constituem a base de uma sociedade dominada pela economia mercantil e pela produção capitalista”. Esses novos tipos são a burguesia e o proletariado rural.

159 “Portanto, a economia capitalista não podia surgir subitamente, nem a corvêia podia desaparecer de repente. O único sistema econômico possível era, pois, **um sistema de transição**, combinado e associando traços da corvêia e do sistema capitalista.” (LENIN, 1982, p. 125, grifo nosso).

longos percursos, seus pés incham, cobrem-se de calosidades e feridas (por vezes caminham descalços na lama fria da primavera). Cerca de 10% dos operários viajam em *dubs*¹⁵⁵ [grandes barcos de tábuas ásperas, com capacidade de 50 a 80 pessoas e que, geralmente, vão superlotados], os trabalhos da comissão oficial (Zveguintsev¹⁵⁶) assinalaram o enorme perigo desse meio de transporte:

“Não se passa um ano, sem que uma ou várias dessas *dubs* superlotadas vá ao fundo com seus passageiros”¹⁵⁷.

A imensa maioria dos operários possui um lote comunitário, mas uma quantidade absolutamente ínfima. Diz o Sr. Teziakov:

“A verdade é que esses milhares de operários agrícolas são todos proletários rurais sem terra, dependendo agora inteiramente de trabalhos eventuais fora das suas comunidades... O número de camponeses desapossados de suas terras aumenta rapidamente e, ao mesmo tempo, o proletariado rural cresce”.¹⁵⁸

O número de operários novatos que parte pela primeira vez em busca de emprego, confirma de modo marcante a rapidez desse crescimento: regra geral, esses novatos constituem 30% dos operários. Entre outras coisas, esse percentual dá uma ideia da rapidez do processo de formação de quadros de operários agrícolas *permanentes*. (LENIN, 1982, p. 155-156, grifos do autor).

A descrição deste movimento migratório russo de fins do século XIX impressiona tanto pela proximidade com os clássicos da literatura francesa¹⁶⁰, quanto pela atualidade do tema¹⁶¹, o que demonstra a assertiva de Lenin quando identifica neste processo, uma questão *permanente* no capitalismo.

Em relação a indústria, apresenta dados sobre produção artesanal, manufatura, desenvolvimento da indústria mineral e de metais. Analisa estatísticas sobre o crescimento numérico de grandes fábricas, a produção industrial e de trabalhadores empregados: em 1865, o total de trabalhadores na indústria era de 508.573; em 1890, foi para 839.730, o que representou um crescimento de 65% maior que o aumento da população (LENIN, 1982, p. 315). Aborda também o

160 Refiramo-nos à *Germinal*, de Émile Zola, introduzido com a descrição da migração do operário Etienne Lantier, caminhando de Marchiennes a Montsou, em busca de uma vaga de emprego nas minas (ZOLA, 1979).

161 Notícias recentes de ondas migratórias tem sido manchete na imprensa internacional, revelando que esta peculiaridade da formação social russa, observada por Lenin, permanece como questão não resolvida pelo capitalismo do século XXI, como este exemplo, da *Deutsche Weller* (DW), de 29 de outubro de 2020: *Ao menos 140 migrantes morrem no naufrágio mais letal do ano*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/ao-menos-140-migrantes-morrem-no-naufr%C3%A1gio-mais-letal-do-ano/a-55441713>. Acesso em: 17 dez. 2020.

aumento específico nas ferrovias (de 32.076 para 252.415), na mineração e na metalurgia (de 133.176 para 274.748), etc. Em síntese:

[...] conclui-se que, em 25 anos, o número de operários empregados nas grandes empresas capitalistas cresceu em mais do dobro – e cresceu mais rapidamente não só do que a população em geral, mas também do que a população urbana. (LENIN, 1982, p. 316).

Dado que o desenvolvimento do modo de produção capitalista necessita da força de trabalho como mercadoria disponível, a extensão quantitativa de trabalhadores assalariados é indicador fundamental para análise deste sistema. No geral, a Rússia teria o total de dez milhões de trabalhadores assalariados, com aproximadamente 2,5 milhões compostos por mulheres e crianças. Uma parcela considerável deles concentrados em centros urbanos (LENIN, 1982, p. 364-365).

Em caráter conclusivo, o autor demonstra o papel histórico do desenvolvimento do capitalismo na Rússia, que possuiu um caráter progressivo, considerando o aumento das forças produtivas e do trabalho social:

A Rússia do arado de madeira e do mangual, do moinho d'água e do tear manual, começou rapidamente a se transformar na Rússia do arado de ferro e da debulhadora, do moinho a vapor e do tear mecânico. (LENIN, 1964, p. 596, tradução nossa).¹⁶²

Todavia, este desenvolvimento das forças produtivas também acentuou as contradições sociais e econômicas inerentes a este modo de produção, o que evidencia, na avaliação do autor, o caráter antagônico inerente à *natureza* deste modo de produção.

Por fim, contrariando a tese dos *noradinks*, Lenin (1982) defende que o modo de produção capitalista não somente existe e se desenvolve na Rússia, como possui um caráter específico e desigual em seu desenvolvimento. Com base nos dados apresentados, conclui que na Rússia o desenvolvimento do capitalismo é relativamente lento, se comparado com o nível de desenvolvimento médio da técnica

162 “The Russia of the wooden plough and the flail, of the water-mill and the hand-loom, began rapidly to be transformed into the Russia of the iron plough and the threshing machine, of the steam-mill and the power-loom.” (tradução nossa).

e da cultura existente no mundo. Tal lentidão é determinada pela persistência de instituições arcaicas ao capitalismo que atrasam o seu desenvolvimento. Contudo, este desenvolvimento também pode ser considerado relativamente rápido, se comparado com sua fase histórica anterior:

Se compararmos a época pré-capitalista na Rússia com a capitalista (e essa é a comparação necessária para se chegar a uma solução correta do problema), o desenvolvimento da economia social sob o capitalismo deve ser considerado extremamente rápido. Se, entretanto, compararmos a presente rapidez de desenvolvimento com aquela que poderia ser alcançada com o nível geral de técnica e cultura como é hoje, a atual taxa de desenvolvimento do capitalismo na Rússia realmente deve ser considerada lenta. E não pode deixar de ser lento, pois em nenhum país capitalista houve uma sobrevivência tão abundante de instituições antigas que são incompatíveis com o capitalismo, retardam seu desenvolvimento e pioram incomensuravelmente a condição dos produtores. (LENIN, 1964, p. 596, tradução nossa).¹⁶³

Deste modo, Lenin demonstra que a Rússia se encontra numa fase crescente de desenvolvimento do mercado capitalista, com muitas contradições em razão das condições materiais e históricas específicas de sua formação, onde o atraso das relações sociais e a lentidão de seu desenvolvimento se combinam com uma rápida mecanização e industrialização da economia doméstica.

Como conclusão política, exposta no segundo prefácio da obra, escrito em 1907, estabelece que a Revolução Russa vindoura é “[...] inevitavelmente, uma revolução burguesa.” (LENIN, 1982, p. 10). Tal questão é uma das importantes polêmicas teóricas no interior da social-democracia russa¹⁶⁴.

163 “If we compare the pre-capitalist epoch in Russia with the capitalist (and that is the comparison which is needed for arriving at a correct solution of the problem), the development of social economy under capitalism must be considered as extremely rapid. If, however, we compare the present rapidity of development with that which could be achieved with the general level of technique and culture as it is today, the present rate of development of capitalism in Russia really must be considered as slow. And it cannot but be slow, for in no single capitalist country has there been such an abundant survival of ancient institutions that are incompatible with capitalism, retard its development, and immeasurably worsen the condition of the producers”. (tradução nossa).

164 Enquanto Georgi Plekhanov expressa a posição teórica menchevique, da necessidade de uma revolução burguesa na Rússia, distinguindo-se de Lenin quanto ao papel da burguesia na liderança e no tipo de governo oriundo dela; Trotsky sustenta que a revolução era proletária e que o governo oriundo se constituiria como uma ditadura do proletariado. (TROTSKY, 2010).

Outra obra fundamental para entender o contexto e os determinantes da Revolução Russa de 1917 é: *Imperialismo: fase superior do capitalismo*. Nesta, objetiva-se mostrar “[...] um quadro de conjunto da economia mundial capitalista nas suas relações internacionais, nos princípios do século XX, em vésperas da primeira guerra imperialista mundial” (LENIN, 2000, p. 7).

A partir de dados das indústrias da Alemanha, dos EUA e da Grã Bretanha, Lenin (2000) explicita um movimento de concentração da produção em poucas empresas e ramos, o que conduz a formação de monopólios. Essa transformação do mercado de livre concorrência para o capital monopolista constituiria uma das principais características da economia capitalista na fase imperialista.

O surgimento de monopólios permite aos bancos assumirem um novo papel nas relações capitalistas de produção: além de intermediários do dinheiro, adquirem a função de concentração do capital financeiro, que se combina e se funde com o capital industrial. Ao expor dados do sistema financeiro alemão para ilustrar o processo de incorporação de bancos menores a maiores, revela que de oito instituições financeiras subordinadas ao Banco Alemão, encontram-se duas instituições russas: o Banco Comercial Siberiano e o Banco Russo do Comércio Exterior (LENIN, 2000, p. 25).

Deste modo, uma complexa *rede de canais* abarca o país, mas não se limita às fronteiras nacionais, pois se combina com a exportação de capitais, a formação de associações, sociedades anônimas, cartéis e trustes, que originam oligopólios e a divisão do mundo e sua partilha em grandes potências. Novas relações coloniais se reconfiguram numa dependência de uma parte do globo terrestre a um punhado de países imperialistas, no qual “passam a ser elos da cadeia de operações do capital financeiro mundial” (LENIN, 2000, p. 66). Assim,

[...] prova-se que a guerra de 1914-1918 foi, de ambos os lados, uma guerra imperialista (isto é, uma guerra de conquista, de pilhagem e de rapina), uma guerra pela partilha do mundo, pela divisão e redistribuição das colônias, das “esferas de influência” do capital financeiro, etc. (LENIN, 2000, p. 7).

A obra de Lenin também demarca uma ruptura teórica com os líderes da II Internacional Socialista¹⁶⁵, em particular Karl Kautsky, cujos argumentos em torno da *democracia em geral* significou, na prática, o apoio aos governos burgueses na guerra. Essas diferentes leituras sobre a fase imperialista e a natureza da guerra ocasionaram uma importante ruptura no movimento socialista internacional, com impactos nas diferentes correntes que atuavam no levante de Outubro de 1917¹⁶⁶.

As determinações da guerra na Rússia, todavia, não se limitaram ao âmbito das posições políticas; o papel subordinado que a nobreza e a burguesia russa estabeleceram diante das disputas comerciais que se transformaram em disputas bélicas, foram cruciais para o agravamento da crise social e política na região. Além do controle estrangeiro sobre importantes bancos russos. (TROTSKY, 2007a).

Lenin (2000, p. 72) compara dados econômicos de diferentes regiões do mundo de princípios do século XX, no qual se observa que a Rússia, com 131 milhões de habitantes num território de 22 milhões de km², encontra-se num estágio inferior de desenvolvimento dos meios de comunicação, do comércio e da indústria, considerando vários indicadores (produção de fusos, ferro-gusa, hulha, vias férreas, que eram centrais naquele período). A partir destas dados, conclui que três Estados (Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos) exercem o “domínio do mundo”, enquanto que: “Há duas regiões nas quais o capitalismo está fracamente desenvolvido: a da Rússia e a asiática oriental”. (LENIN, 2000, p. 73).

Assim, se a Rússia chegou a cumprir um papel mundial de fortaleza da contrarrevolução em meados do século XIX, a Emancipação dos Servos de 1861 e o rápido desenvolvimento do mercado interno capitalista não foram suficientes para que o império da águia de duas cabeças¹⁶⁷ pudesse acompanhar as transformações mundiais que passava o capitalismo na virada daquele século, no qual a livre concorrência cedia vez a formação de poderosos oligopólios financeiros e

165 Otto Bauer, Ramsay MacDonald, Albert Thomas e outros.

166 Por exemplo, Trotsky e Lenin se aproximam na Conferência Internacional de Zimmerwald, realizada em 1915, para construir uma posição unitária sobre a guerra; já mencheviques e socialistas revolucionários coadunaram em apoiar o governo provisório e manter a Rússia na guerra. (BROUÉ, 2014).

167 Referência ao símbolo do brasão de armas do Império Russo. (ПЧЕЛОВ, 2021).

comerciais que disputavam o domínio do mundo, incluindo os Estados coloniais e nacionais supostamente *independentes*. Lenin explica:

Este gênero de relações entre grandes e pequenos Estados sempre existiu, mas na época do imperialismo capitalista tornam-se sistema geral, entram, como um elemento entre tantos outros, na formação do conjunto de relações que regem a “partilha do mundo”, **passam a ser elos da cadeia de operações do capital financeiro mundial**. (LENIN, 2000, p. 66, grifos nossos)

A Rússia se desenvolveu como um dos “elos mais frágeis” da cadeia de relações capitalistas. A formação de sua recente classe burguesa, débil desde o seu nascimento, dependente dos grandes bancos e do capital estrangeiro, aproximou-a da reação monárquica absolutista e, mesmo forçada a depor o monarca pelos fortes ventos de fevereiro, manteve-se fiel a ele. O papel que a burguesia poderia cumprir numa Revolução Russa e o derivado caráter desta revolução foram previstos por Trotsky (1973), uma década antes de Outubro de 1917.

Para seguirmos com nossa incursão sobre o contexto histórico da Revolução Russa de 1917, passamos a um dos sujeitos políticos daquele processo: Leon Trotsky.

3.3 REVOLUÇÃO RUSSA, TROTSKY E EDUCAÇÃO

Leon Trotsky, nascido Lev Davidovich Bronstein, em 25 de outubro (07 de novembro) de 1879, em Ianovka, província de Kherson, atual sul da Ucrânia, foi filho de judeus imigrantes oprimidos pela Rússia czarista¹⁶⁸. Seus pais prosperaram como

168 Service (2017, p. 36) afirma que Trotsky reduzia as referências a sua origem judaica, mas reconhece que desde criança, ele não tinha uma “[...] vida predominantemente associada a colegas judeus” e que seus pais “adaptaram-se cada vez mais ao calendário cristão” (SERVICE, 2017, p. 55). Por sua vez, North (2010, p. 145), ao revisar as fontes de Service, afirma que elas não corroboram com análise de negação de suas raízes judaicas. Trotsky (1978, p. 83) registra que não havia muita religiosidade em sua família e, apesar de ter frequentado uma escola tradicional judaica, onde aprendeu hebraico, russo e aritmética (TROTSKY, 1978, p. 44), esta condição pouco influenciou sua trajetória marxista, no que pese o nexos construído pela TV estatal russa na série *Trotsky* (NORTH e WEISS, 2019; PINSK, 2019; SAHUQUILLO e PERÉZ, 2019). Sobre o contexto da imigração judia russa que acometeu os Bronstein, ver Deutscher (2005, p. 28-29) e Serge (2007, p. 43).

fazendeiros na região¹⁶⁹, o que lhes permitiram proporcionar a Trotsky “[...] a melhor educação disponível” (SERVICE, 2017, p. 44), como a *Deutsch Realschule St. Pauli*, a *Realschule Nikolaev* e a Universidade de Odessa, onde deixou os estudos para conviver com socialistas *noradiniks* (TROTSKY, 2017). Sobre sua primeira escola, relembra:

Ela ensinou-me algumas coisas; deu-me conhecimentos elementares, o hábito do trabalho metódico e a disciplina exterior. Tive necessidade de tudo isso em seguida. Em compensação, a escola, contrariamente ao que pretendia, plantou em mim as sementes do ódio em relação ao estabelecido. Essa semente, em todo caso, não foi plantada em solo infértil. (TROTSKY, 2017, p. 116).

Nascido quase duas décadas depois da Emancipação dos servos, Trotsky veio ao mundo numa Rússia em transformação, no qual os camponeses pobres e a pequena nobreza ainda se constituíam como as classes mais importantes; seguida pela ascensão de uma burguesia sem tradição, influência e mentalidade própria e; pela formação de uma classe operária emergente, que se desligava do campo e ensaiava suas primeiras greves (DEUTSCHER, 2005, p. 23-24).

Na juventude, Trotsky registrou algumas lembranças da escola em Nikolaev, que de algum modo se relacionou com a efervescência mais geral do movimento revolucionário russo de fins do século XIX, comumente relacionado aos *noradiniks*:

Nesse estabelecimento, os problemas da revolução sequer foram colocados diante de mim. Cochichava-se apenas que, num salão de ginástica, casa particular de um tcheco chamado Novak, reuniam-se grupos, e havia ocorrido prisões, e que, precisamente por isso, Novak, que era nosso professor, fora demitido e substituído por um oficial. (TROTSKY, 2017, p. 135).

Tal episódio, que representa o controle e repressão do aparelho estatal do czarismo sobre a escola, também ilustra as formas clandestinas de organização da oposição ao regime, com reuniões clandestinas no interior de escolas, envolvendo professores de ginástica. Deutsche (2005) esclarece que mesmo com reformas modernizadoras que permitiram mais *liberdade* para a educação e a imprensa, “a

169 Produziam trigo e criavam gado, cavalos, ovelhas e porcos (SERVICE, 2017, p. 47).

vida espiritual da nação continuava sob a tutela da polícia, da censura e do Santo Sínodo” (DEUTSCHER, 2005, p. 24).

Antes de se tornar marxista, Trotsky participou de algumas lutas no terreno da educação. A primeira foi uma campanha contra o aumento da anuidade de uma biblioteca em Nikolaev. Seu pequeno grupo, *Sementeira*, chegou a polarizar a assembleia dos associados (TROTSKY, 2017, p. 141).

A segunda tentativa foi de organizar cursos de formação. O frustrado episódio foi assim relatado por ele:

[...] decidimos criar uma universidade baseada no ensino mútuo. Ela tinha cerca de vinte participantes. Fui designado para o curso de sociologia. Aquilo soava magnífico. Empreguei todos os meus esforços na preparação das aulas. Mas, depois de duas aulas, que correram muito bem, senti, de repente, que meus recursos estavam esgotados... O outro conferencista, encarregado de um curso de história da Revolução Francesa, passou mal nas primeiras frases e prometeu deixar sua lição por escrito. Evidentemente, ele nunca cumpriu essa promessa. Nosso empreendimento parou por aí. (TROTSKY, 2017, p. 141).

Uma terceira experiência foi a montagem de uma peça teatral que tratava abordava sobre as gerações do movimento revolucionário russo: “um revolucionário da geração anterior, maltratado pela vida, apaixonou-se por uma marxista, mas ela o repele sem misericórdia, com um discurso sobre a decadência do populismo” (TROTSKY, 2017, p. 142). A peça nunca veio a público.

Se a luta econômica contra o aumento do valor anual de assinatura de uma biblioteca se saiu vitoriosa; a organização de intervenções especificamente pedagógicas, com formulações de cursos e peças de teatro, não obteve o mesmo sucesso.

De qualquer modo, o *espírito do tempo* da Rússia de fins do século XIX, resultado do rápido desenvolvimento do capitalismo, em contradição com as formas tradicionais de relações sociais e com instituições arcaicas que dominam o Estado, tal como vimos em Lenin (1982, 2000), propiciou uma inquietação geral na

*intelligentsia*¹⁷⁰, o que permitiu as primeiras experimentações desta geração de Trotsky, a mesma geração que desafiaria não só os séculos de domínio dos czares, como também boa parte dos velhos marxistas russos.

Sobre o *espírito do tempo* deste contexto, Service (2017, p. 75), avalia:

Na década de 1890, o marxismo tornou-se a tendência dominante na intelectualidade revolucionária do Império Russo, e cidades como Nikolaev estavam atrasadas em relação a sua época. Fazia muito que circulavam livros de Karl Marx e Friedrich Engels na Rússia. O Volume I de *O Capital* de Marx fora traduzido para o russo pela primeira vez em 1872, tendo sido permitido por censores que o tomaram por um tratado econômico sobre o desenvolvimento industrial, com pouca probabilidade de ser nocivo num país pré-industrial.

A avaliação superestimada do autor sobre o peso do marxismo russo¹⁷¹, evidencia, sobretudo, a eclosão de clandestinos círculos de revolucionários¹⁷², o que levou ao aparecimento das primeiras greves operárias e a superação da fase terrorista da luta de classes, que só provocavam o desmantelamento dos grupos revolucionários e o endurecimento do regime, que perseguiu até cientistas reconhecidos internacionalmente, como o químico Dmitri Mandeleiev (1834-1907)¹⁷³

170 “Conjunto de Intelectuais com poder e influência em uma comunidade, especialmente influência política. Classe dos intelectuais de um país; vanguarda intelectual da qual pertencem os maiores intelectuais de um lugar. [História] Reunião dos intelectuais russos, que viveram na Rússia czarista do século XIX” (INTELLIGENTSIA, 2021). O debate sobre a *intelligentsia* é complexo e multifacetado (FIGES, 2018; GELLA, 1976 apud BIANCHI 2016; SINYAVSKY, 1997). Em caráter de síntese, Egorov (2019) explica que a palavra foi tomada do estrangeiro e adquiriu significado específico na Rússia: ela pode se referir a um grupo de “pessoas instruídas”, mas nem todos com instrução elevada a compunham, restringindo-se a um estrato social mais específico. As origens da *intelligentsia* russa estão intimamente relacionadas ao desenvolvimento da literatura nacional, conforme narra Figes (2018, p. 84-87): “A Rússia mal tinha literatura nacional quando Pushkin surgiu na cena literária (daí a sua condição de semideus naquela sociedade)”.

171 O primeiro grupo de revolucionários russos de orientação marxista, *Emancipação do Trabalho*, foi fundado em 1883, com cinco exilados na Suíça. O POSDR foi fundado em 1898, com nove delegados, a maioria pertencente a uma organização de trabalhadores judeus, o *Bund*. North (2010) analisa as fontes mencionadas por Service e dedica-lhe um capítulo inteiro para refutá-lo: *Robert Service’s Contribution to the Falsification of History*.

172 Dentre eles, o grupo *União de Luta para a Emancipação da Classe Trabalhadora*, formado por Lenin, Martov e Potresov, fundado em 1895.

173 Professor da Universidade São Petersburgo. Descobriu a Lei Periódica dos Elementos Químicos e foi o pioneiro na formulação da Tabela Periódica, em 1871, prevendo a descoberta futura de novos elementos e suas características. Em 1955, o elemento químico n.º 101 recebeu o nome de Mendelévio (Md), em sua homenagem. (BENSAUDE-VINCENTE, 2020).

e o biólogo Ilya Mechnikov (1845-1926)¹⁷⁴, forçados a renunciarem de suas cátedras. Todavia,

Toda a legislação repressiva dos anos anteriores não conseguira imunizar as escolas e universidades das influências subversivas. Há anos o ministério [do Interior] vinha nomeando professores sem audiência das faculdades, demitindo suspeitos e promovendo as nulidades obedientes. [...] As obras de John Stuart Mill, Hebert Spencer e Karl Marx foram proibidas. As bibliotecas e clubes de estudantes foram fechados e informantes colocados nas salas de aula. As taxas elevadas em cinco vezes para impedir a educação acadêmica aos filhos de famílias pobres. Apesar de tudo isso, a rebelião ressurgia pelas universidades. (DEUTSCHER, 2005, p. 49).

Em fins do século XIX, o movimento de estudantes preocupava o regime. Em 1896, eles se recusaram a fazer o juramento de fidelidade a Nicolau II, novo czar. Neste mesmo ano, uma onda de greves de tecelões agitou São Petersburgo. Em 1897, a autoimolação de Vetrova¹⁷⁵ provocou manifestações em diversas instituições educativas, o que gerou novas prisões e deportações (TROTSKY, 1978, p. 99).

As agitações urbanas chegaram até o pomar de Shvigovski¹⁷⁶. Em tal conjuntura de ebulição, Lev Bronstein iniciou a organizar reuniões clandestinas de operários que levaram a fundação do Sindicato dos Trabalhadores do Sul da Rússia. As lutas operárias expressavam um grau de maturidade para a construção de um partido marxista proletário russo. As contradições do desenvolvimento desigual do capitalismo russo, combinava-se com uma nova fase mundial – o imperialismo. Em referência a este período e as relações gerais da Rússia com o mundo capitalista em transição, Vitor Serge destaca:

174 Microbiologista, professor titular de zoologia e anatomia na Universidade de Odessa. Por seus estudos sobre o papel da fagocitose e a imunologia recebeu o Nobel de Fisiologia ou Medicina, em 1908. (ÉLIE, 2020).

175 Estudante presa na Fortaleza Pedro e Paulo por suas posições políticas que ateou fogo em si mesma como forma de protesto (DEUTSCHER, 2005).

176 Franz Shvigovski foi um jardineiro, erudito para os padrões da época, dono de um pomar nas proximidades de Nikolaev. Este local servia de encontro para um círculo clandestino de leituras e discussões. Foi por meio dele que Lev Bronstein teve acesso ao *Manifesto Comunista*. Quando Trotsky rompeu com seu pai, instalou-se aqui e passou a viver pouco confortavelmente. Nas discussões do pomar, Trotsky, antes partidário dos *noradinks*, foi ganho para o marxismo, principalmente a partir de Alexandra Sokolovskaia. (DEUTSCHER, 2005).

Ela é marcada pela aproximação – depois aliança – franco-russa (1891-1894); pelo avanço dos russos na Ásia central (Turquestão, Pamir), onde entram em conflito com os ingleses, e no Extremo Oriente, onde contribuem para tirar do Japão os frutos da vitória de 1895 sobre a China; pelos massacres dos armênios na Turquia; pelas intrigas da diplomacia russa nos Balcãs, onde manda assassinar o estadista búlgaro Stambolov (1894); pela primeira conferência de paz de Haia, reunida por iniciativa de Nicolau II; pela guerra Transvaal, a guerra hispano-americana, a guerra da China, a aliança anglo-japonesa, o princípio do cerco da Alemanha... A expansão colonial das potências européias – em outros termos, a partilha do mundo em grupos capitalistas nacionais – completa-se. Basta a indicação sucinta dessas datas para entrever o profundo trabalho que, já nesta época, encaminhava a sociedade capitalista em direção a este ponto crucial de mudança: a grande guerra imperialista. Serge (2007, p. 48)

Enquanto as disputas das grandes potências acentuaram os preparativos para a guerra, na Rússia, as lutas operárias sofriam os primeiros reveses. Até o fim de década de 1890, Lenin já tinha sido preso e escapado para o exílio, enquanto Lev Bronstein se encaminhava à prisão rumo aos confins gelados da Sibéria.

Prática comum entre presos políticos, Trotsky aproveitou o tempo para estudar toda a literatura disponível a seu alcance. Assim, debruçou-se sobre *O Capital* e o *Desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, momento que soube de Lenin pela primeira vez. Ao fugir com o pseudônimo Leon Trotsky¹⁷⁷, foi ao encontro da redação do *Iskra* [Искра]¹⁷⁸, quando, finalmente, encontrou-se com Lenin e Krupskaja, em Londres.

Em princípios do século XX, quando parte considerável da social-democracia russa estava no exílio, a maioria da população (82%) dos mais de 125 milhões de habitantes russos, encontrava-se no campo. A população urbana, apesar de numericamente menor (13,4%), possuía grande densidade demográfica nos centros industriais; os investimentos estrangeiros permitiam o emprego de máquinas, construção de ferrovias e o desenvolvimento da indústria, concentrada particularmente em Moscou e Petrogrado. O debate sobre as tarefas da revolução

177 O próprio relata que o nome veio de um dos seus carcereiros. Ao longo de sua vida, outros pseudônimos foram-lhe atribuídos: *Alpha*, *Antid Oto*, *Crux*, *G. Gurov*, *Leiba*, *Lvov*, *Neofit*, *Old Man*, *Pero*, *Pena*, *Velho*, *Vidal*, segundo registra a plataforma *Lubitz*.

178 *Centelha*, órgão oficial de imprensa do POSDR, foi o primeiro jornal marxista ilegal de toda a Rússia, publicado entre dezembro de 1900 a 1905. A equipe de redação original contava com Georgi Plekhanov, Julius Martov, Pavel Axelrod, Vera Zaslitch, Alexandre Potresov, além de Vladimir Lenin, um de seus principais organizadores (KRAUSZ, 2019, p. 83).

remetiam as características do capitalismo russo e seu desenvolvimento (KRAUSZ, 2019, p. 147).

Lenin se deteve sobre tais questões e deduziu que a estratégia revolucionária russa exigia um tipo de organização nacional que pudesse realizar um trabalho profissional e centralizado junto a classe operária. Em *Que Fazer?*, Lenin (1988) apontou os limites do economicismo e estabeleceu um marco na política social-democrata russa, lançando as bases de um plano nacional para a construção de um partido para a tomada do poder. Antes de se encontrar com Lenin, esta *brochura* teve a seguinte recepção de Trotsky (2017, p. 173), preso na Sibéria:

O movimento revolucionário, à medida que se estendia, dispersava-se. Cada região e cada cidade lutava separadamente. O tzarismo tinha a enorme preponderância da unidade de ação. A necessidade de criar um partido centralizado era sentida por muitos cérebros. Escrevi a esse respeito um estudo cujas cópias foram distribuídas nos centros de deportação e ardentemente discutidas [...]. Soubemos, assim, que na Europa fora criado um jornal, o *Iskra*, órgão marxista que teria por fim, constituir uma organização centralizada de revolucionários profissionais e os unir na ação por uma disciplina de ferro. Recebemos uma brochura de Lenin, editada em Genebra, chamada *Que Fazer?*, inteiramente dedicada ao exame dessa questão. Meus estudos mimeografados, os artigos que escrevi para o jornal e as proclamações dirigidas à União Siberiana pareceram-me então insignificantes, de um interesse mediocremente provinciano, diante da gigantesca tarefa que se colocava.

Na emigração, Trotsky escreveu diversos artigos para o *Iskra* até o 2º Congresso do POSDR, em 1903. Antes, fora apontado por Lenin para compor a redação do jornal, o que teve apoio de Martov, mas não da maioria, que viam nesta indicação, uma tática de Lenin para obter maioria da redação a seu favor (TROTSKY, 1978, p. 139-140).

A redação do *Iskra* se dividia em dois grupos de posições políticas: os velhos marxistas (Plekhanov, Zaslitch e Axelrod) e os jovens (Lenine, Martov e Potresov), o que teria implicações na futura divisão. De acordo com Pierre Broué (2014), o segundo congresso partidário reuniu cerca de cinquenta delegados. Com um programa aprovado por consenso, a principal divergência apresentada se deu sobre a forma de organização do partido, assim explicada por Broué (2014, p. 33-34):

[...] os membros da equipe do *Iskra* se dividem na votação sobre os estatutos, onde se enfrentam dois textos. Lenin, em nome dos “duros”, propõe outorgar a condição de membro do partido somente aqueles “que participem pessoalmente em uma de suas organizações”, enquanto Martov, porta-voz dos “brandos”, se inclina a uma fórmula que abrange todos aqueles que “colaboram regular e pessoalmente sob a direção de uma de suas organizações”. Começa assim a se esboçar uma profunda divergência entre os defensores de um partido muito amplo e vinculado à intelectualidade, que apoiam Martov, e os partidários de Lenin, defensores de uma concepção estrita do partido como uma vanguarda disciplinada de revolucionários profissionais. O texto de Lenin obtém 22 votos, enquanto o de Martov, apoiado pelos delegados do Bund e pelos “economicistas” presentes no congresso, consegue 28 votos e é aprovado. No entanto, tanto os “duros” quanto os “brandos” de Martov coincidem em negar ao Bund a autonomia que este exige dentro do partido russo e em condenar as teses dos “economicistas”. Os delegados do Bund e os “economicistas” abandonam o congresso: os “duros”, que, desta maneira se tornam maioria, ficam livres para nomear um comitê de redação e um Comitê Central composto, ambos, em sua maioria, por partidários de Lenin. Estes últimos serão chamados de bolcheviques (membros da maioria) e os “brandos” se convertem nos mencheviques (membros da minoria).

Em meio a esta divergência, Lenin havia proposto a redução dos membros da redação do *Iskra*, excluindo Axerold, Zaslitch e Potresov. Martov avaliou que Lenin estava fazendo uma espécie de manobra para ter a maioria da redação a seu lado e defendeu a manutenção da equipe anterior, junto com Trotsky. A proposta de Lenin foi aprovada, mas em seguida, Martov se demitiu da redação. Pekhanov, que tinha apoiado as posições de Lenin nesta questão, seguiu Martov, reagrupando a redação do *Iskra*, sem a presença de Lenin, que ficou politicamente isolado, apesar de ter recebido a maioria dos votos para a direção e redação do jornal do partido. Ao recontar este episódio, Trotsky assim justificou sua posição:

Em 1903, tratava-se apenas de excluir Axelrod e Zassulitch da redação do *Iskra*. Em relação a esses, eu nutria não apenas respeito, mas também afeto. Lenin também os admirava muito por seu passado. Mas ele chegara à conclusão de que eles eram cada vez mais um entrave ao caminho do futuro. E, em matéria de organização, decidiu que era preciso eliminá-los dos postos dirigentes. Eis o que eu não podia aceitar. Todo o meu ser protestava contra essa impiedosa supressão dos antigos, que haviam, no final das contas, chegado até as portas de nosso novo partido. Da

indignação que senti então, nasceu minha ruptura com Lenin no II Congresso. Sua conduta parecia-me inaceitável, imperdoável e revoltante. Entretanto, essa conduta era correta do ponto de vista político e, conseqüentemente, necessária à organização. A ruptura com os antigos, fiéis à época preparatória anterior, era, de todo modo, inevitável. Lenin compreendeu isso antes de todos. (TROTSKY, 2017, p. 203).

Narramos estes imbróglis por que eles terão conseqüências no decorrer dos eventos de 1917. Deste ponto em diante, os bolcheviques atuarão com uma política independente e colocarão à prova as teses sobre organização, sustentadas por Lenin. Por sua vez, o equívoco de Trotsky neste congresso, além de separá-lo da construção da principal ferramenta que o proletariado ganharia confiança em Outubro de 1917, será usado contra ele nas disputas internas ao partido após a morte de Lenin¹⁷⁹.

No início do século XX, mais de 30 mil quilômetros de ferrovias haviam sido construídas no território russo, cinco vezes mais que a década anterior, o que servia de *motor* para a industrialização. Em 1905, os operários deste ramo industrial totalizavam mais de 600 mil. O ministro que conduzia este empreendimento, “não podia compreender que, de fato, estava juntando as forças e amolando as armas da revolução” (TROTSKY, 198-?, p. 36).¹⁸⁰

Em 09 de janeiro de 1905, no calendário russo vigente, uma marcha pacífica se dirigiu ao Palácio de Inverno com uma petição ao czar Nicolau II. Ao não conseguir dispersar a multidão, a guarda imperial disparou contra os milhares de manifestantes, resultando em incontáveis corpos nas ruas. Este episódio ficou conhecido como *Domingo sangrento*. A atitude do czar gerou uma onda de indignação e protestos que fugiu do controle habitual. Em outubro, estouraram greves que se unificaram em todo o país. Os conservadores viam um estado de *loucura coletiva*, onde, segundo as palavras de um ministro czarista: “a imensa maioria dos russos perdera a cabeça” (TROTSKY, 1978, p. 159).

179 De acordo com Trotsky (1978, p. 149), seu contato com os mencheviques durou pouco tempo: em setembro de 1904 se separou formalmente deles, sendo que há cinco meses antes, na prática, já tinha rompido politicamente com eles.

180 Os dados apresentados neste parágrafo também são desta referência.

Ao contrário de tal percepção, um colunista liberal de um jornal ligado à burguesia, espantava-se com a disciplina da revolução em curso:

Sabem o que mais me espantou numa das reuniões da universidade? Uma ordem extraordinária e exemplar. Imediatamente depois de eu ter chegado, anunciou-se uma pausa no salão de reuniões e fui passear pelos corredores. [...] Todas as salas de aula que davam para o corredor estavam cheias de gente e em seu interior estavam ocorrendo reuniões independentes. [...] Poderia pensar-se que se tratava de uma recepção, só que um pouco mais séria do que costumam ser. No entanto, este era o povo: o povo real, autêntico, com as mãos enrijecidas pelo árduo trabalho manual, com essa cor terrosa que se obtém quando se passam os dias em lugares insalubres e mal arejados. E todos eles tinham olhos brilhantes [...] Para essa gente de estatura menor que a normal, magra, mal alimentada, que tinha chegado da fábrica, da usina onde se derrete o aço ou se funde o ferro, onde a fumaça e o calor são sufocantes, a universidade é como um templo excelso, espaçoso, deslumbrantemente branco. (JORNAL RUS apud TROTSKY, 198-?, p. 98).

Um dos *paradoxos políticos* de 1905, assim entende Trotsky (1978), foi justamente o papel que cumprira as universidades, “ilhas de liberdade da palavra” (TROTSKY, 1978, p. 97), local onde não era permitida a ação policial em seu interior, o que as levou a servir como refúgio e organização dos trabalhadores mais simples:

Os operários iam diretamente das fábricas para a universidade. As autoridades estavam desnorteadas. Podiam reprimir, pisotear e atirar nos trabalhadores quando permaneciam nas ruas ou em suas casas. Mas quando o operário atravessava a soleira da universidade, tornava-se inviolável. Desse modo as autoridades receberam uma lição objetiva sobre as vantagens do direito constitucional acima do da autocracia (TROTSKY, 198-?, p. 97).

Das universidades, o movimento se estendia ao chão das gráficas, tipografias, telégrafos, têxteis, padarias e a malha da rede ferroviária, que praticamente isolou as duas principais cidades industriais da Rússia. De dentro do Instituto Tecnológico de São Petersburgo, formou-se o primeiro soviete de deputados operários, com delegados eleitos a cada 500 trabalhadores. Em 52 dias de luta, este

organismo desafiou o aparato estatal do czarismo com a sua existência e Trotsky foi eleito o presidente do mais importante organismo da revolução até aquele momento.

Este primeiro *ensaio geral* teve importância histórica, pois não somente indicou haver um amadurecimento das condições objetivas para a revolução, como também levou Trotsky a conclusões teóricas sobre o papel do proletariado russo na revolução:

A meia vitória da greve de outubro teve para mim, além da importância política, uma extraordinária significação teórica. Não foi a oposição da burguesia liberal, nem a avalanche dos camponeses revoltados, nem os atos de terror dos intelectuais que dobraram o czarismo, mas a greve operária. A hegemonia revolucionária do proletariado tornara-se um fato incontestável. Compreendi que a teoria da revolução permanente havia resistido à primeira prova. A revolução havia aberto ao proletariado o caminho do poder. (TROTSKY, 1978, p. 161).

As conclusões teóricas de Leon Trotsky a partir dos acontecimentos de 1905 foram apresentadas em *Balanço e Perspectivas*, onde ele apresenta pela primeira vez a formulação da *teoria da revolução permanente*, base teórica para sua posição sobre a revolução na Rússia que, posteriormente, desenvolve-a para uma dimensão mais ampla da revolução no mundo. Nesta obra, sustenta, ao contrário dos mencheviques e diferente da elaboração dos bolcheviques¹⁸¹, a formulação de que o proletariado poderia chegar ao poder na Rússia antes dos países europeus adiantados e que para se manter no poder, a classe operária seria levada a realizar a expropriação da propriedade privada dos meios de produção, pavimentando o caminho ao socialismo (TROTSKY, 1973).

Outro determinante para a crise revolucionária de 1917 veio *de fora* da Rússia: a guerra interimperialista que eclode em agosto de 1914. No tópico anterior, vimos como Lenin analisou o fenômeno do imperialismo e a guerra como característica desta fase, em *A Guerra e a Internacional*, Trotsky (2003) avalia que o desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo alcançou determinado grau

181 Enquanto os mencheviques defendiam uma revolução burguesa, os bolcheviques reconheciam o papel da classe operária na revolução, contudo, apontavam programaticamente um “caráter democrático-burguês à revolução”, com o proletariado junto com as massas camponesas. (TROTSKY, 1973, p. 9-11).

que entra em contradição com o Estado nacional, cuja existência passa a ser uma barreira para este desenvolvimento:

O estado nacional, a forma política atual, é muito estreito para a exploração dessas forças produtivas. E, por isso, a tendência natural de nosso sistema econômico busca romper os limites do Estado. (TROTSKY, 2003, p. 1, tradução nossa).¹⁸²

Neste sentido, esta guerra foi entendida como expressão de uma contraditória relação entre os Estados nacionais e as disputas por territórios e mercados que tendem ao monopólio mundial da economia. “A guerra de 1914 é a queda mais colossal da história de um sistema econômico destruído por suas próprias contradições internas.”¹⁸³ (TROTSKY, 2003, p. 2, tradução nossa).

Nos países economicamente atrasados como a Rússia da época, a guerra evidenciou essas contradições, como o problema da unidade nacional e das liberdades democráticas. Por isso que ela, ao mesmo tempo que jogou a humanidade para o caos, “empurra violentamente o proletariado para o caminho da revolução”¹⁸⁴ (TROTSKY 2003, p. 3, tradução nossa).

Todavia, parte importante do movimento socialista internacional, como o partido social-democrata alemão, o maior partido marxista em número de filiados que tinha existido até então, cede às pressões ideológicas do nacionalismo burguês e apoia a guerra. “O mais penoso para um socialista não são os horrores da guerra — nós somos sempre pela *‘santa guerra di tutti gli oppressi per la conquista delle loro patrie!’*¹— mas os horrores da traição dos chefes do socialismo actual, os horrores da falência da actual Internacional”, pronuncia Lenin (1984, p. 167, grifos do autor) ao proclamar a falência da II Internacional, fundada por Friedrich Engels, em 1889. No mesmo sentido, Trotsky desabafa:

182 “El estado nacional, la forma política actual, es demasiado estrecha para la explotación de esas fuerzas productivas. Y por esto, la tendencia natural de nuestro sistema económico, busca romper los límites del estado.” (tradução nossa).

183 “La guerra de 1914 es la más colosal caída en la historia de un sistema económico destruido por sus propias contradicciones internas.” (tradução nossa).

184 “impulsa violentamente al proletariado hacia el camino de la revolución.” (tradução nossa).

O telegrama que anunciou a capitulação da social-democracia alemã me abalou mais profundamente do que a declaração de guerra. [...] o voto do dia 4 de agosto deu-me uma das sensações mais trágicas da minha existência, O que diria Engels?, perguntava-me. A resposta era clara pra mim. (TROTSKY, 2017, p. 282-283).

Em setembro de 1915 ocorreu um pequeno, mas importante evento com desdobramentos relevantes para as forças revolucionárias daquele período: a Conferência Internacional de Zimmerwald¹⁸⁵, cujo manifesto conclama o proletariado de todos os países a se unificar contra a guerra imperialista; além disso, aprovou uma comissão internacional, do qual compuseram Lenin e Trotsky¹⁸⁶, que se constituiria como núcleo embrionário da fundação da III Internacional Comunista.

Para Reiman (1985), o curso da guerra foi um dos determinantes para a Revolução Russa de 1917. O conflito bélico colocou o Império czarista em grandes dificuldades: incapaz de empreender ações militares com êxito; os alemães ocuparam a Polônia e alcançaram regiões da Ucrânia Ocidental, Bielo-Rússia, Lituânia e Letônia, enquanto os Romanov não conseguiam responder às demandas internas.

O atraso do país e a inépcia do governo se refletiam, além disto, na incapacidade do sistema econômico de prover as necessidades do tempo de guerra, com as fundamentais exigências do exército e da população. Já no primeiro ano do conflito surgiram graves perturbações na vida econômica, provocadas pela debilidade do sistema de transportes, pelo brusco decréscimo do comércio com o exterior e por uma concepção inadequada da economia bélica. (REIMAN, 1985, p. 76).

A guerra agravou a intensidade da crise econômica e política no interior da Rússia. O texto de Comissão (1999, p. 118) descreve a situação dos impactos deste conflito no início de 1917:

185 Realizado entre de 5 a 8 de setembro, na Suíça, dos quais participaram 38 delegados representando 11 países. A delegação do POSDR foi representada por Lenin, que cumpriu um importante papel no manifesto *Aos proletários da Europa* e na construção das teses sobre a posição dos marxistas diante da guerra.

186 Segundo Reiman (1985, p. 83), o grupo de Trotsky, formado por Lunatcharski, Pokrovski, Manuilski, Losovski, Tchitcherin e outros, compunha uma das variantes da esquerda *zimmerwaldiana* e; suas posições sobre as perspectivas da Revolução Russa “[...] se aproximavam em muitos aspectos das opiniões de Lenin”.

A guerra havia entrado já no terceiro ano. Devorava milhões de vidas humanas, deixando uma esteira de mortos, de feridos, de seres que pereciam em virtude das epidemias produzidas pela guerra. A burguesia e os latifundiários se enriqueciam com ela, enquanto que os operários e camponeses sofriam cada vez mais miséria e mais privações. A guerra destruía a Economia nacional da Rússia. Cerca de 14 milhões de trabalhadores fortes e sãos tinham sido arrebatados à produção pelo Exército. Paravam fábricas e oficinas. A colheita dos campos de cereais decrescia, por falta de braços. A população e os soldados na frente passavam fome e andavam nus e descalços. A guerra havia devorado todos os recursos do país.

Com a crise interna do regime, os representantes da burguesia especularam um golpe do tipo *palaciano*, ou seja, sem a ação das massas, mas o descontentamento popular sobre as instituições do regime, tornava-se crescente e cada vez mais agudo (COMISSÃO, 1999; TROTSKY, 2007a). As greves políticas, que diminuíram no início do conflito, ressurgiram com força. Com milhares de mortos, feridos e prisioneiros, a cifra de desertores aumenta abruptamente, o que gerava desagregação e insubordinação no exército (TROTSKY, 2007a). Com a pressão da *Duma*¹⁸⁷ sobre o regime, o czar tentou dissolvê-la mais uma vez. A resposta não veio dos deputados liberais, mas das massas, cansadas, famintas e desiludidas com a guerra (TROTSKY, 2007a).

No dia 23 de fevereiro (8 de março no calendário gregoriano) de 1917, um dos setores mais explorados do proletariado, as trabalhadoras têxteis do bairro de Vyborg, saem as ruas. O movimento logo se espalha para Petersburgo e mobiliza cerca de 90 mil trabalhadores que se dirigem à Duma municipal. No dia seguinte, as manifestações dobram de volume, levantando bandeiras como *Abaixo a autocracia!*

187 Órgão legislativo russo criado pelo governo tsarista após as exigências da Revolução de 1905. A Duma de Estado tinha pouco poder efetivo, as eleições não eram diretas e nem gerais; a classe operária e as nacionalidades oprimidas tinham direitos eleitorais restritos. A I Duma de Estado perdurou somente nos meses entre abril e julho de 1906 até ser dissolvida pelo czar; a II Duma durou entre fevereiro e junho de 1907. Depois de limitar ainda mais os direitos de operários, camponeses e da pequena burguesia urbana, assegurando maior domínio dos latifundiários e dos grandes capitalistas, foram convocadas a III Duma, entre 1907 a 1912 e a IV Duma, de 1912 a 1917. (DUMA, 2021).

e *Abaixo a guerra!*. Mesmo diante dos cossacos¹⁸⁸ e a disciplina de sua cavalaria, “Não havia medo na multidão” (TROTSKY, 2007, p. 114).

As lutas se intensificam até a queda do czar, o que originou uma situação peculiar: a Duma de Estado, formado pela burguesia e intelectuais liberais e; o Soviete de Deputados Operários de Petersburgo, no qual mencheviques e socialistas revolucionários tinham a maioria dos delegados; conformam uma dualidade de poderes. A notícia de queda do czar chega a Nova Iorque, onde Trotsky e família residem, após terem sido deportados da Europa, o que os fez partir imediatamente. Vários emigrados já tinham feito o caminho de volta, dentre eles, Lenin.

De volta à Rússia, enquanto Trotsky e o *Inter-Distrital*¹⁸⁹ se aproximam das posições defendidas por Lenin, este desenvolvia uma batalha política interna contra as posições da maioria do Comitê Central bolchevique. Na *História da Revolução Russa*, Trotsky aponta limites na condução política dos bolcheviques no processo revolucionário de 1917 antes da chegada de Lenin à Rússia¹⁹⁰.

Reiman (1985) explica que anterior à chegada de Lenin à Rússia, a direção bolchevique de Petrogrado não defendia a derrubada do governo provisório, avaliando que as condições não estariam maduras para a ditadura do proletariado.

188 *Kozak* [казакí], derivado do turco *Kazak*, *homem livre*. Suas origens remonta a tribos camponesas que fugiam de impostos, serviço militar e do regime de servidão, constituindo um corpo militar autônomo para defender suas fronteiras, localizadas nas regiões Sul e Sudoeste do território russo, Urais, Turquestão e Sibéria. Com o passar dos anos, os cossacos foram perdendo sua autonomia e passaram a integrar cada vez mais o regimento dos exércitos do Império Russo, cumprindo importante papel em sua expansão. (QUEM..., 2021).

189 *Inter-District Organisation of United Social-Democrats* (ou simplesmente *Interdistrital*), foi uma organização fundada em novembro de 1913 por Leon Trotsky, dos quais integravam Lunacharsky, Joffe, Manuilsky, Volodarsky, Uritsky e Yurenev, cujo objetivo era unificar bolcheviques e mencheviques. Na Primeira Grande Guerra, o Interdistrital se colocou contrário a ideologia social-chauvinista da II Internacional Socialista, porém, adotou uma posição centrista por não romper com os mencheviques. Em 1917, eles se aproximaram dos bolcheviques, conformando um bloco político unificado para as eleições distritais dos sovietes de Petrogrado. No 6º Congresso do Partido Bolchevique, ocorrido entre 26 de julho e 3 de agosto de 1917, foi oficializado a entrada do Inter-Distrital, na ocasião com cerca de quatro mil membros, aos bolcheviques. (INTER-DISTRICT, 2021).

190 Trotsky cita que na Revolução de Fevereiro, após dias de enfrentamento nas ruas, foi que o birô do CC bolchevique decidiu lançar um manifesto chamando greve geral e, completa: “A direção assistia ao movimento de cima: hesitava, retardava – em outras palavras, não dirigia. Era arrastada pelo movimento” (TROTSKY, 2007a, p. 121). Em outra situação, avalia que a direção bolchevique, referindo-se a Chliapnikov, Zalutsky e Molotov, “impressionava por sua incapacidade e falta de iniciativa” (TROTSKY, 2007a, p. 127).

Esta posição, defendida por Kamenev, Muranov e Stalin, obteve maioria da direção (REIMAN, 1985, p. 90). Contudo, Lenin divergiu dela e apontou uma mudança de orientação política nas *Cartas de longe*, escritas entre março e abril de 1917, quando se encontrava na Suíça. A chegada de Lenin a Petrogrado “representa um capítulo importante na história da revolução russa” (REIMAN, 1985, p. 90). Ele apresenta as *Teses de abril*, no qual polemiza tanto com a estratégia menchevique, quanto com o *velho bolchevismo*. Neste esboço de programa, defende:

Nenhum apoio ao Governo Provisório, desmontar a falsidade absoluta de todas as suas promessas, sobretudo às que se referem à renúncia às anexações. Desmascarar este governo, que é um governo de capitalistas, em vez de “exigir” que deixe de ser imperialista, coisa inadmissível e que só faz despertar ilusões. (LENIN, 1987, p. 9, grifo do autor).

De acordo com Reiman (1985), Lenin conseguira refletir o “dualismo da revolução russa”, superando a visão que adotou em 1905:

Lênin chegava assim a adotar aquela parte da concepção trotskista da “revolução permanente” dos anos 1905/1907, segundo a qual o proletariado, força hegemônica na revolução democrático-burguesa, não se limitaria a realizar os objetivos próprios daquele movimento, mas passaria inelutavelmente à realização de seu programa socialista. (REIMAN, 1985, p. 92, grifo do autor).

Em abril de 1917, o ministro dos negócios estrangeiros declarou a permanência russa na guerra, o que provocou protestos massivos que levaram à sua demissão, além de outros simpatizantes do antigo regime. Assim, constituiu-se um governo provisório de coalizão, com representantes dos mencheviques e dos socialistas revolucionários, que conformaram um elo entre o governo e o soviete. Contudo, os interesses dos operários e soldados, desejosos pela saída da guerra, conflitava com esta política (TROTSKY, 2007b).

Nas marchas de julho, os bolcheviques foram duramente reprimidos, passando à ilegalidade. Trotsky foi novamente preso (junto com Lunatcharski). O

general Kornilov¹⁹¹ tentou um golpe para depor o governo provisório e restabelecer a monarquia, quando os bolcheviques retornam ao Soviete de Petrogrado e formam um Comitê Revolucionário Militar para derrotar o golpe. Com a saída da prisão, Trotsky foi reeleito presidente do Soviete de Petrogrado e do Comitê Militar, que cumpriu papel preponderante na derrota da contrarrevolução de Kornilov, seguida da destituição do governo provisório e da vitória da insurreição de Outubro de 1917.

3.4 TROTSKY E EDUCAÇÃO: NOTAS PRÉ-OUTUBRO

Até Outubro de 1917, Leon Trotsky já havia publicado dezenas de obras e textos, mas três se destacam por sua importância teórica e política: *Balanço e perspectivas*, publicado em 1906; *A Revolução de 1905*, de 1909 e *A guerra e a Internacional*, de 1914. Elas não fazem parte do período delimitado na investigação desta tese, todavia, mesmo que o problema da educação não seja tema específico destas, alguns temas relacionados já se encontram frequentemente presentes.

A tabela 1 abaixo, evidencia a frequência que algumas destas categorias aparecem nestas três obras, publicados antes de 1917:

Tabela 1 – Frequência das categorias *Educação*, *Educar*, *Ensino* e *Escola* presentes nas obras de Leon Trotsky, publicadas antes de Outubro de 1917.

Obras/ Categorias	<i>A Revolução de 1905</i>	<i>Balanço e Perspectivas</i>	<i>A Guerra e a Internacional</i>	TOTAL
Educação	5	1	2	8
Educar	-	-	1	1
Ensino	5	-	1	6
Escola	19	5	13	37

Fonte: construída pelo autor.

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

191 Lavr Georgevith Kornilov (1870-1918), comandante-chefe do Exército Imperial da Rússia. Foi nomeado ministro da defesa no governo provisório de Kerenski, demitido por suas simpatias ao regime czarista. Tentou dar um golpe de Estado em agosto-setembro de 1917, mas foi derrotado pelos bolcheviques (KORNILOV, 2021).

Ao analisarmos estas categorias no contexto de significado do próprio texto, observamos que elas aparecem, muitas das vezes, com um sentido amplo, genérico e irrestrito. A categoria *escola*, que possui maior frequência (37) em comparação as demais, aparece correntemente como recurso de figura de linguagem (catecrese) no texto, substituindo o sentido de *corrente de pensamento*, *corrente filosófica* ou *tendência política*, uso comum desta palavra em vários autores.

O mesmo ocorre com a categoria *educação*, que assume um sentido de *doutrinação*, *direcionamento político* ou *orientação política*, em algumas passagens:

Não percamos de vista o fato que a imprensa operária alemã, a imprensa partidária também, assim como os jornais do Sindicato Operário, são agora um poderoso mecanismo que, em vez de **educar** a vontade do povo para a luta de classes, tem substituído esta **educação** pela exaltação de vitórias militares.¹⁹² (TROTSKY, 2003, p. 43, grifo nosso, tradução nossa).

Kautski compreendia então que o proletariado, se tem o poder revolucionário em suas mãos, não deixaria o destino da revolução dependente do estado de ânimo passageiro das massas menos conscientes e despertas, mas que, ao contrário, converteriam toda a autoridade pública concentrada em suas mãos em um aparato de **educação** e organização dessas massas camponesas atrasadas e ignorantes. (TROTSKY, 2020, p. 33, grifo nosso).

No primeiro caso, o termo *educar* possui um sentido de *conscientizar*, *direcionar*, *focar* ou, no figurado, *empurrar* politicamente e a palavra *educação*, no mesmo texto, completa o sentido do primeiro termo, ou seja, *conscientização*, *direcionamento*, *foco*. No segundo caso, “um aparato de **educação**” não se refere a uma instituição de ensino formal, mas num tipo específico de organização do proletariado revolucionário, quando assentado no poder. Observa-se que, mesmo num sentido amplo e genérico, tal forma de organização possui uma tarefa de *educação* frente a “massas camponesas atrasadas e ignorantes” (TROTSKY, 2020, p. 33).

192 “No perdamos de vista el hecho de que la prensa obrera alemana, la prensa del partido también, así como los periódicos de la Unión de Trabajadores, son ahora un poderoso mecanismo, que en vez de educar la voluntad del pueblo para la lucha de clases, han sustituido esta educación por el ensalzamiento de las victorias militares.” (tradução nossa).

Em outras vezes, estas categorias se apresentam com seus sentidos específicos, ou seja, relacionados propriamente ao campo da educação. Vejamos alguns casos:

1) *Escola*, como instituição formal de ensino: "uma profusão de pessoas estranhas de ambos os sexos, estudantes de **escolas secundárias**, adolescentes das **escolas privadas da cidade**, operários e um populacho diverso". (TROTSKY, 198-?, p. 98, grifos nossos);

2) *Ensino*, como etapa formal de aprendizagem: "[...] enquanto proibiu as reuniões no interior dos estabelecimentos de **ensino superior**, prometeu que disporia de três edifícios municipais para as reuniões." (TROTSKY, 198-?, p. 120, grifo nosso);

3) *Educação*, como método de instrução ou aquisição de conhecimento técnico: "Teoricamente, uma solução possível consistiria na intensificação da agricultura. Mas para isso os camponeses necessitariam de uma **educação** melhor, maior capacidade de iniciativa, liberdade de tutela e uma ordem legal estável" (TROTSKY, 198-?, p. 47, grifo nosso).

Em tais casos, ainda que estas categorias estejam empregadas em seus sentidos mais específicos, ou seja, relacionadas ao campo da educação, encontram-se presentes no texto de maneira apenas fortuita, deste modo, não constituem, ainda, elementos de uma contribuição teórica do pensamento social e político de Leon Trotsky .

Mesmo que não tenha desenvolvido vínculos formais com a atividade de ensino, a não ser numa breve experiência juvenil; numa passagem, Trotsky realiza uma comparação de uma situação de ensino para construir uma ironia:

Kautski assemelha-se a um miserável professor que, ano após ano, dentro das quatro paredes de sua classe abafada, descreve a primavera aos seus alunos e quando, finalmente, no final de seus dias de professor, sai para sentir o ar fresco, não reconhece a primavera, se enfurece, tanto quanto pode se enfurecer um professor, e tenta demonstrar que a primavera não é nenhuma primavera, mas apenas uma grande desordem da natureza, já que atenta contra as leis das ciências naturais. Ainda bem que os operários não se fiam nem mesmo nos mais autorizados pedantes, mas apenas na voz da primavera! (TROTSKY, 2010, p. 34).

O exemplo expressa uma visão negativa de um intelectual, quando este se limita a análise abstrata e livresca dos fenômenos, em vez de analisar a dinâmica concreta da realidade. Assim, a alegoria do *miserável professor* ilustra, especificamente, intelectuais como Karl Kautsky, formado em filosofia na Universidade de Viena e que se tornou um dos maiores teóricos do marxismo da II Internacional, mas que não foi capaz de identificar na guerra mundial, uma guerra de rapina interimperialista, tal qual analisou cientificamente Lenin (2000).

Em *Balanço e Perspectivas*, Trotsky analisa as possibilidades da revolução socialista na Rússia, assentado na elaboração da primeira versão da *teoria da revolução permanente*. Neste texto, há indicações teóricas sobre a função da escola na sociedade de classes:

O Estado não é um fim em si mesmo. É simplesmente um instrumento de trabalho nas mãos da força social dominante. Como qualquer instrumento, o Estado tem seus mecanismos: motor, de transmissão e execução. A força motriz é o interesse de classe; cujo mecanismo é a agitação, a imprensa, a propaganda da Igreja e **da escola**, o partido, os comícios de rua, a petição e a sublevação. O mecanismo de transmissão é a organização legislativa dos interesses de casta, dinastia, camada ou classe, sob o signo da vontade divina, no caso do absolutismo, ou nacional, no caso do parlamentarismo. O mecanismo executor é, finalmente, a administração, a polícia, os tribunais, os cárceres e o Exército. (TROTSKY, 2010, p. 71, grifo nosso).

Nesta passagem, o Estado é definido como um instrumento da classe dominante; por sua vez, a escola seria um mecanismo do Estado. Ao lado da Igreja, da imprensa e dos partidos, ela se caracterizaria como uma instituição de propaganda da dominação social, ou seja, dos interesses de classe que movem o Estado.

Na relação Escola – Estado – Sociedade, a primeira é compreendida como parte das engrenagens do Estado na sua tarefa de dominação da sociedade, ou seja, a escola se constituiria como parte dos mecanismos de funcionamento do Estado, com um propósito supostamente propagandístico. Este seria um dos fundamentos do pensamento de Leon Trotsky sobre educação.

Nesta mesma obra, explica o processo de elevação da consciência política do proletariado, uma das condições subjetivas necessárias à revolução socialista:

Começaremos com o último processo mencionado: o crescimento do nível de consciência. **Isso, como sabemos, não acontece nas academias**, onde se pode concentrar artificialmente o proletariado durante cinquenta, cem ou quinhentos anos, mas em plena vida da sociedade capitalista sobre a base de uma incessante luta de classes. A consciência crescente do proletariado dá uma nova forma a essa luta de classes, lhe outorga um caráter mais profundo e provoca uma reação correspondente da classe dominante. [...] (TROTSKY, 2010, p. 99-100, grifo nosso).

Neste trecho, a educação formal em academias (universidades), não seria o espaço privilegiado para a elevação do *nível de consciência* do proletariado, mas sim, sua inserção na luta de classes. Por sua vez, o desenvolvimento da consciência política do proletariado influi na luta de classes, agudizando-se e aprofundando-a, de acordo com a reação da classe burguesa. Em síntese, quanto mais profunda a luta de classes, maiores condições existem de desenvolvimento da consciência política do proletário e, num processo de relação dialética, quanto mais elevada a consciência de classe, mais aguda e crítica pode se tornar as lutas entre as classes.

A consciência crescente do proletariado também é determinado pela sua existência numérica. Esta quantidade, todavia, não pode se tomar de forma absoluta: não seria, portanto, a quantidade em si de proletários ou o número de proletários conscientes, o fator determinante para uma revolução, mas a força qualitativa deste, superior à força de seu antagonista:

É claro que o aumento da consciência política apoia-se no aumento numérico do proletariado e a ditadura proletária pressupõe que a força numérica do proletariado seja suficientemente grande para romper a resistência da contrarrevolução burguesa. Mas isso não significa em absoluto que a “maioria esmagadora” da população tenha de se constituir de proletários e que “a maioria esmagadora” do proletariado, de socialistas conscientes. Em todo caso, está claro que o exército revolucionário consciente do proletariado tem que ser mais forte que o exército contrarrevolucionário do capital. (TROTSKY, 2010, p. 100).

Neste sentido, na visão de Leon Trotsky, não seria necessário que a maioria da sociedade tenha que se constituir em classe operária, ou ainda, que a maioria da classe operária alcance o nível de consciência socialista para se chegar até uma revolução socialista. Mas que o *exército revolucionário consciente* da classe operária, isto é, uma vanguarda revolucionária organizada, esteja qualitativamente mais forte que o seu adversário.

Ainda neste texto, Leon Trotsky também se contrapõe a ideia de uma organização separada da classe que, independente dela, realize iniciativas pautadas pelo espontaneísmo. Para ele: “Acima de tudo, é preciso que essa classe seja *consciente* de seu interesse objetivo. É necessário que *entenda* que para ela não há outra saída além do socialismo.” (TROTSKY, 2010, p. 110, grifos no original).

Ao polemizar com Nikolai Rozhkov¹⁹³, Trotsky sustenta a posição de que para a classe trabalhadora ser *consciente* do socialismo, ela não precisa, necessariamente, *ser* socialista, isto é, possuir um determinado nível de desenvolvimento cultural, moral ou educacional dentro das bases socialistas; contrário a visão de que a consciência socialista seria uma condição prévia ao socialismo, expõe o seu pensamento da seguinte maneira:

Mas muitos ideólogos socialistas (ideólogos no mau sentido – aqueles que viram tudo de cabeça para baixo) falam da preparação do proletariado para o socialismo no sentido de sua transformação moral. O proletariado e a “humanidade” em geral precisam antes de tudo perder sua velha natureza egoísta. Na vida social devem predominar os impulsos do altruísmo etc. Como estamos muito longe de tal condição e como a “natureza humana” só há de mudar muito lentamente, o advento do socialismo é adiado por vários séculos. Tal ponto de vista parece muito realista e evolucionista, mas na verdade se baseia em considerações moralistas triviais.

193 Nikolai Aleksandrovich Rozhkov (1868-1927), filho de nobres, formado na Faculdade de História e Filologia da Universidade Imperial de Moscou, começou sua militância no ativismo estudantil, mas foi a partir dos estudos de sua tese que o aproximou do marxismo. Em 1905, juntou-se aos bolcheviques e foi eleito para o CC do POSDR, antes de ter sido preso e exilado na Sibéria. Escreveu vários textos em revistas científicas, tornando-se um historiador renomado, também foi editor do *Pravda*, junto com Lunacharski e Alexander Bogdanov. Na Revolução Russa de 1917, entre fevereiro a outubro, juntou-se aos mencheviques e ocupou um cargo no governo provisório. Após Outubro de 1917, chegou a ser preso por suas críticas ao comunismo de guerra. Depois que se dispôs a colaborar com o governo soviético, foi convidado para a Academia Comunista, também deu aulas no Instituto de Professores Vermelhos e depois foi nomeado para a direção do Museu Histórico do Estado de Moscou. (RONDAN, 1996).

Supõe-se que a psicologia socialista deve existir antes do socialismo. Em outras palavras, que é possível inculcar nas massas uma psicologia socialista sobre a base das condições capitalistas. Aqui não se deve confundir a aspiração consciente ao socialismo com a psicologia socialista. Esta última supõe a ausência de motivos egoístas na esfera da vida econômica, enquanto que a aspiração e a luta pelo socialismo nascem da psicologia de classe do proletariado. Por mais pontos de contato que possa haver entre a psicologia de classe do proletariado e a psicologia socialista de uma sociedade sem classes, um abismo profundo as separa. (TROTSKY, 2010, p. 111).

Trotsky menciona *psicologia socialista*, no sentido atribuída por estes ideólogos, como um *estado de consciência*, no qual a moral, os costumes, o comportamento, a cultura, a educação e a personalidade assumiriam uma *natureza humana* supostamente socialista, isto é, altruísta, coletivista, solidária, etc. Mas como não é a consciência que determina o ser, e sim o contrário; não se poderia exigir um estado elevado da *natureza humana*, uma *psicologia*, uma *consciência* ou, acrescentamos, uma *educação socialista* para se chegar ao socialismo, sem antes existir o próprio socialismo.

Nota-se que se distingue “aspiração consciente ao socialismo” de “psicologista socialista” (TROTSKY, 2010, p. 111). A aspiração ao socialismo teria por base uma “psicologia de classe do proletariado” (TROTSKY, 2010), isto é, uma consciência de classe que, como já pontuamos, deriva do confronto da classe proletária contra a burguesia. Portanto, no pensamento de Leon Trotsky, não se constituiria tarefa dos socialistas “inculcar” – no que podemos inferir por *educar* – nas massas uma *psicologia*, no sentido de uma *consciência*, *moral*, *natureza humana* socialistas, sobre a base material de uma sociedade capitalista.

Assim, em nossa análise, para Trotsky, não haveria uma *natureza humana* socialista a ser ensinada a classe trabalhadora, sob as condições materiais e de vida capitalistas. A elevação do nível de consciência política da classe trabalhadora, resultante direto da luta de classes, é que poderia formar uma *aspiração socialista*. Este nível de consciência, que no texto aparece como sinônimo de *psicologia* de *aspiração socialista*, circunscreve-se na consciência classista, no qual os operários

reconhecem a si como classe social antagônica à classe dos capitalistas, no que resulta a luta de classes.

Deste modo, Trotsky considera como idealista, a formulação teórica que aponta a necessidade de construir uma *natureza humana* na classe operária, o que seria esta uma atividade educativa, como condição prévia a construção do socialismo, estando esta classe imbuída nas relações sociais mesquinhas e egoístas de uma sociedade dividida em classes:

Se o socialismo propusesse criar uma nova natureza humana dentro dos limites da velha sociedade, não seria mais do que uma nova edição das utopias moralistas. O socialismo não se propõe à tarefa de desenvolver uma psicologia socialista como pré-requisito do socialismo, mas de criar condições de vida socialistas como pré-requisitos de uma psicologia socialista. (TROTSKY, 2010, p. 12).

Esta visão teórica de construção do socialismo, no qual a tarefa de “desenvolver uma psicologia socialista” (TROTSKY, 2010, p. 12) coloca-se como posterior à revolução socialista e as condições materiais de vida socialista, é um dos pilares da contribuição teórica de Leon Trotsky o qual estamos a perscrutar nesta tese. Como veremos, ela também está presente na base dos textos que são objeto da presente investigação.

A seguir, analisamos os textos *Terrorismo e comunismo* e *Saber militar e marxismo*, considerando o contexto o qual foram produzidas: a guerra civil russa (1918-1922).

4 EDUCAÇÃO E ARTE MILITAR

Que essa violência também desempenha outro papel na história, um papel revolucionário; que é a parteira de cada velha sociedade, grávida de uma nova, nas palavras de Marx; que é a ferramenta com a qual o próprio movimento da sociedade se impõe e rompe formas políticas congeladas e mortas – nem uma palavra disso de Herr Dühring.¹⁹⁴ (ENGELS, 1962, p. 171, tradução nossa).

Em 26 de outubro de 1917, o sol nascia sob um novo regime político na Rússia. A noite anterior, que marcou o século vinte e a história até então conhecida, foi registrada, no entanto, como um dos momentos mais tranquilos da Revolução de Outubro de 1917.

Na descrição de Leon Trotsky (1978, p. 274): “sem nenhuma desordem, sem tiroteio nas ruas, quase sem um tiro e sem derramar sangue”, deu-se a passagem do poder aos bolcheviques. Todavia, em contraste com este momento, os eventos posteriores foram caracterizados por uma intensa movimentação de soldados, tropas, cavalos, trens, locomotivas, exércitos, canhões, execuções e mortes, de um lado a outro das trincheiras. A guerra civil russa (1917-1922) que se seguiu após a Revolução de Outubro, prolongou a disputa pelo poder político e foi a mais importante preocupação do recém-inaugurado Estado Operário russo.

Na epígrafe, Engels, em polêmica com Eugen Dühring, discorre sobre como a violência pode cumprir uma função progressiva na história, quando direcionada para romper com o *velho* e construir o *novo*, no desenvolvimento das sociedades. O Estado Operário russo, conquistado sob a bandeira da retirada do país da guerra interimperialista, foi levado a se armar para defender a sua própria existência. Esta complexa situação, denunciada como contraditória aos *princípios da democracia* e

194 “Daß die Gewalt aber noch eine andre Rolle in der Geschichte spielt, eine revolutionäre Rolle, daß sie, in Marx' Worten, die Geburtshelferin jeder alten Gesellschaft ist, die mit einer neuen schwanger geht, daß sie das Werkzeug ist, womit sich die gesellschaftliche Bewegung durchsetzt und erstarrte, abgestorbne politische Formen zerbricht - davon kein Wort bei Herrn Dühring.” (tradução nossa).

do *socialismo* por velhos marxistas, como Karl Kautsky, tornar-se-á objeto de debate e polêmica com os bolcheviques.

Leon Trotsky, que esteve no centro de comando do Estado-Maior da insurreição, passou a comandar o Exército Vermelho e a sobrevivência do Estado recém-nascido de Outubro de 1917. Na vigência da guerra civil russa, teve de responder a este contexto e, sob trilhos de ferrovias, escreveu vários textos dedicados aos *assuntos militares*. Dentre estes, houve alguma contribuição ou aporte para o tema da educação? Quais seriam? Que contexto e que relações estabelecem com os *assuntos militares*? São as questões que prescrutamos nesta seção.

Para tanto, dividimos a exposição nas seguintes subseções: 4.1 *Guerra civil (1917-1922): notas sobre o contexto e a educação*; 4.2. *Terrorismo e comunismo: o anti-Kautsky*; 4.3 *Saber militar e marxismo*; 4.4 *Arte militar e Educação em Leon Trotsky*.

4.1 O CONTEXTO: GUERRA CIVIL (1917-1922)

Na seção anterior, quando discorremos das *Notas historiográficas sobre a Revolução Russa de 1917*, vimos que existem várias interpretações históricas sobre este evento. Em se tratando da guerra civil russa, as polêmicas começam desde qual o momento em que ela se inicia:

Quando começa de fato a guerra civil? Na noite de 25 de outubro, quando o Palácio de Inverno, sede do governo provisório, cai nas mãos dos soldados vermelhos bolcheviques? No primeiro combate militar? Em 29 de outubro, na primeira e irrisória contraofensiva dos partidários desiludidos com o governo provisório, conduzidos pelo atamã Krasnov, chefe cossaco, às colinas de Pulkovo? Em 30 de outubro, quando as tropas do governo deposto depois fuzilam trezentos soldados vermelhos no Kremilin? Em 7 de dezembro, com a fundação da Checa? Na Batalha do Rostov do Don, entre soldados vermelhos e brancos, iniciada em 9 de dezembro de 1917? Na dissolução da Assembleia Constituinte pelos bolcheviques e pelos SR de esquerda, um dia após a primeira e única reunião, em 5 de janeiro de 1918? (MARIE, 2017, p. 25).

Segundo este autor, “Há tantas respostas quanto historiadores, e cada um deles escolhe uma dessas datas” (MARIE, 2017, p. 25). Trata-se, então, não de adentrar nos pormenores desta guerra e nos detalhes de suas polêmicas, que por si mesmos, poder-se-iam constituir num objeto de investigação próprio. Nossa tarefa se restringe, deste modo, a seu entendimento panorâmico, com vistas a captar o contexto geral no qual Leon Trotsky está inserido, quando produz os textos que permeiam a análise da presente investigação.

Ao estudar a natureza das guerras civis, Trotsky (1977, p. 11) considera que elas desempenham na história da humanidade um “[...] papel excepcionalmente importante”. Tal preceito está de acordo com o pensamento de Marx e Engels. Ao discorrer sobre a gênese do capital industrial, o primeiro sentencia: “A violência é a parteira de toda sociedade velha que está prenhe de uma sociedade nova. Ela mesma é uma potência econômica.” (MARX, 2013, p. 998).

A violência do tipo insurrecional e as guerras civis são elementos necessários ao desenvolvimento histórico das sociedades; permitem a ruptura com as antigas formas de relações sociais que impedem o avanço das forças produtivas; são movimentos, logo, que impulsionam a gestação de novas relações sociais e, assim, da humanidade. Contudo, como veremos mais adiante, a insurreição armada e a guerra civil não são desejos dos revolucionários, mas tarefas necessárias e objetivas impostas pela luta de classes.

No caso específico da guerra civil russa, Marie (2017) considera que ela principia com a Revolução de Fevereiro de 1917, a partir da insubordinação e quebra da hierarquia militar¹⁹⁵. Neste sentido, a formação dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados cumpriram um importante papel na quebra desta hierarquia e do próprio aparelho das Forças Armadas, na medida em que se adotou um recorte de classe para a sua composição. Contudo, em sua análise, “Deve-se distinguir a guerra civil como fato político e o fato militar que decorre dela” (MARIE, 2017, p. 26).

195 Serge (2007, p. 138) aponta o início da guerra civil como o primeiro dia após a insurreição, em 26 de outubro de 1917; para Comissão (1999, p. 160), ela começa no primeiro semestre de 1918; Broué (2014, p. 119), precisamente indica em maio de 1918, com o levante da Legião Tchecoslovaca; na síntese de Coggiola (2018), abril de 2018. Tal como anunciamos, há muitas divergências sobre este início.

O desenvolvimento da luta de classes na Rússia se tornou agudo após a Revolução de Fevereiro, quando o governo provisório não conseguiu atender as reivindicações populares, como a distribuição de terras aos camponeses, o acesso a alimentos e a retirada do país da guerra interimperialista, ou seja, as mesmas exigências que fizeram Nicolau II abdicar do trono.

A Rússia passa então rapidamente de uma guerra civil encoberta a uma guerra civil aberta, que jorra das próprias profundezas da sociedade: desde o final de junho, um número cada vez maior de soldados se recusa a obedecer aos oficiais e começa a desertar maciçamente; os camponeses-soldados queriam a terra há muito tempo e, a partir de junho de 1917, centenas de milhares deles deixam as trincheiras, depõem as baionetas e voltam para seu vilarejo para dividir os bens dos grandes proprietários. (MARIE, 2017, p. 26).

Assim, a guerra civil russa, do ponto de vista político, começa com a Revolução de Fevereiro e se desenvolve até Outubro de 1917. Porém, considerando o aspecto estritamente militar, pode-se afirmar que ela eclode em 26 de outubro, um dia após a insurreição que tomou o Palácio de Inverno, o que permitiu a passagem do poder aos soviets (MARIE, 2017 p. 13; SERGE, 2007, p. 138).

Como discurremos, não há consenso entre os historiadores sobre o início e o fim deste processo, já Leon Trotsky, em *Problemas da Guerra Civil*, registra que há uma confusão entre os revolucionários sobre tais eventos e esboça as seguintes relações entre *guerra civil*, *insurreição* e *luta de classes*:

A guerra civil é uma etapa determinada da luta de classes, quando, rompendo o quadro da legalidade, coloca as forças opositoras no plano de uma confrontação pública e, em certa medida, física. Considerada deste modo, a guerra civil combina uma revolta espontânea determinada por causas locais, uma intervenção sangrenta das hostes contra-revolucionárias, uma greve geral revolucionária, uma insurreição para a tomada do poder, e um período de liquidação das tentativas de levantamento contra-revolucionário. Tudo isto está contido no quadro da noção de guerra civil; é mais do que insurreição e, contudo, é muito menos do que a noção de luta de classes que atravessa toda a história. (TROTSKY, 1977, p. 18-19).

Assim, em sua acepção, a insurreição se restringe a um episódio específico, enquanto guerra civil se refere a um período mais abrangente. Entretanto, a guerra civil está inserida em um contexto maior – a luta de classes – e se caracteriza justamente quando a luta de classes assume, em um período determinado de sua história, a forma direta de enfrentamento armado pelo poder.

Trotsky deduz ainda da experiência russa, algumas lições para subsidiar futuros enfrentamentos, como a identificação das etapas da guerra civil: a preparação da insurreição; a insurreição propriamente dita e; a consolidação da vitória (TROTSKY, 1977, p. 16-17). Deste modo, concentramo-nos nesta última fase, de consolidação da vitória da Revolução de Outubro de 1917, quando o Estado Operário se afirma e se defende por meio de armas, chegando a fazer o uso do *terror*¹⁹⁶ para derrotar os exércitos que se levantaram armados contra os soviets. É no contexto desta fase da guerra civil, que os textos, fontes de pesquisa desta seção, estão inseridos.

Em 25 de outubro de 1917, o 2º Congresso dos Sovietes aprovou o *Decreto sobre a Paz*¹⁹⁷ e estabeleceu a formação do novo governo. Alguns dias depois, segundo narração de Marie (2017), tropas ligadas ao governo deposto metralharam cerca de 300 soldados da guarda vermelha, em Moscou. A retomada do controle da cidade pelo governo dos soviets só foi possível após combate armado. Ainda no

196 Coggiola (2018) discorre que o *terror vermelho* foi implantado oficialmente em 2 de setembro de 1918 e terminou no final de outubro do mesmo ano, ou seja, durou cerca de sessenta dias numa guerra que perdurou por quase cinco anos. Aprovado pelos soviets, o uso do *terror* demarca um maior endurecimento dos bolcheviques contra inimigos armados, como castigos, ameaças, prisões e fuzilamentos. O uso de tais métodos se fizeram após ações terroristas dos Socialistas Revolucionários (SR), que levaram ao assassinato de Moisei Uritsky, líder da *Tcheca* em Petrogrado e ao atentado contra Lenin, em 30 de agosto de 1918. O autor avalia que o *terror* bolchevique foi qualitativamente inferior do que o jacobino da Revolução Francesa e registra que alguns historiadores (como Jean-Jaques Marie) justificam que os decretos de Lenin de tal período tinha um caráter mais de apelo político contra as ações dos inimigos do que efetivamente prático. Ainda assim, dados oficial da *Tcheca* contabilizam 800 inimigos fuzilados e 6.229 presos em tal período. (COGGIOLA, 2018, p. 68).

197 Anuncia que o governo operário e camponês propõe a imediata negociação para uma paz *justa e democrática*. Por *justo* e democrático, estabelece uma paz sem anexações, ou seja, sem a conquista de territórios e povos estrangeiros pela força; que tais condições não são um *ultimátum*, tendo em vista a finalidade de acabar com a guerra. O decreto também abole a diplomacia secreta e expressa que todas as negociações serão conduzidas de modo público e aberto ao conhecimento do povo. Dirige-se não somente aos governos dos países no conflito, mas também aos povos de todos os países para pôr fim à guerra, particularmente, aos operários da Inglaterra, França e Alemanha, que poderão ajudar tanto no êxito da paz mundial, quanto na libertação da classe trabalhadora de toda exploração e escravidão. (LENIN, 1977a).

mês de outubro, estudantes de uma escola de oficiais (chamados *junkers*) de Petrogrado se rebelam contra o novo governo, contidos quando soldados entram e cena. Em 31 de outubro, o general Krasnov¹⁹⁸ organiza uma contraofensiva com 600 cossacos nas colinas de Pulkovo, sul de Petrogrado, para destituir o governo soviético. Até aquele momento, o poder da propaganda política dos bolcheviques continuava preponderante nos rumos da guerra, como explicita este relato:

O bolchevique Dybenko, responsável pelo Soviete da Marinha do Báltico, acompanhado por um único marinheiro, desembarca na noite de 31 de outubro, às três da madrugada, no quartel dos cossacos do atamã Krasnov em Gatchina, a 30 quilômetros de Petrogrado. Convida os que estão acordados a ouvi-lo, apesar de grande hostilidade dos oficiais. Numa sala em que o contorno dos rostos é pouco a pouco apagado pela fumaça dos cigarros, ele resgata a história da revolução de fevereiro até outubro e denuncia a política do governo provisório. Alguns oficiais o interrompem várias vezes, gritando “Cossacos, não acreditem neles!”, “São traidores da Rússia!”, “Expulsem esses espíões alemães”, “Batam neles!”, mas ninguém ousa pegar em armas e abater os dois bolcheviques. À medida que Dybenko fala, outros cossacos acordam e vão encher a sala, pequena demais para todos. Eles ouvem atentamente, indiferentes às vociferações dos oficiais, e fazem perguntas. Dybenko responde durante cinco horas, até às 8 da manhã; os cossacos decidem permanecer neutros entre bolcheviques e Kerensky. É uma vitória da palavra, ou seja, da política. (MARIE, 2017, 29-30).

Ainda que o uso da *palavra*, isto é, da propaganda e da agitação, sejam partes fundamentais das *peças de artilharia* dos bolcheviques, demovendo da ação contrarrevolucionária a base dos exércitos inimigos por alguns momentos, em outros, este recurso não foi suficiente. Porém, observa-se que mesmo numa guerra, quando o terror, o ferro e o sangue tornam-se recursos moralmente válidos, os

198 Piotr Nikolayevich Krasnov (1869-1947), general que comandou diversas brigadas e divisões de cavalaria na guerra de 1914 contra a Alemanha. Em 1917, comandou uma unidade de cossacos para tirar os bolcheviques do poder. Derrotado, é preso e libertado sob a promessa de não mais se levantar em armas contra a revolução, o que não cumpre. Em 1918, foi eleito chefe dos cossacos do Don e organizou um exército financiado pelo imperialismo alemão, chegando a ocupar a Ucrânia. Em 1919, ao lado do Exército Branco do Norte, é derrotado e foge para a Europa. Na Segunda Guerra Mundial, apoiou a ocupação das tropas nazistas contra a União Soviética e chegou a comandar uma seção cossaca a serviço do *Reich* alemão. Preso pelos britânicos em 1945, foi entregue aos russos e executado em janeiro de 1947. (MARIE, 2017).

bolcheviques não abandonaram o poder da palavra, para eles: “O papel da palavra é tão grande, senão maior, do que os canhões.” (MARIE, 2017, p. 29).

Enquanto as tropas de Krasnov se dissipavam, o Sindicato dos Ferroviários de Petrogrado, sob direção menchevique, aliou-se aos Socialistas Revolucionários (SR)¹⁹⁹ e aos *Cadetes*²⁰⁰, para conformar o *Comitê de Salvação da Pátria e da Revolução*, que não reconhece a autoridade do Conselho dos Comissários dos Povos e propõe a coalizão de um novo governo, cuja composição, os bolcheviques estariam em minoria, além da exclusão nominal de Lenin e Trotski, “proibidos de governar” (MARIE, 2017, p. 30). A proposta chegou a ser consentida por alguns bolcheviques²⁰¹, mas foi rejeitada pela maioria (BROUÉ, 2014, p. 99).

199 Partido Socialista Revolucionário [Партия социалистов-революционеров, ПСР], herdeiros dos populistas e terroristas. Possuíram forte influência entre os camponeses, após a Revolução de Fevereiro de 1917, ganham confluência de setores diversos, o que limitou o seu programa a expropriação da propriedade privada apenas ao campo e com compensações financeiras aos proprietários. Com a radicalização da luta de classes em Outubro de 1917, o partido se divide: *SR de esquerda* e; os remanescentes, chamados *SR de direita*, que atuavam próximos aos mencheviques. Aleksander Kerensky foi um de seus principais representantes. (REED, 2017).

200 Nome derivado da transliteração russa da sigla para *Democratas Constitucionalistas* (KD), oficialmente Partido da Liberdade do Povo [Конституционно-демократическая партия, КДП]. Representante dos interesses da burguesia liberal, dos latifundiários e do imperialismo russo. Fundado em outubro de 1905, colocavam-se contra uma autocracia absolutista, mas intentavam desviar a luta consequente dos trabalhadores, pois visavam uma monarquia constitucional. Alguns intelectuais, como Piotr Struve, chegaram a se colocar como marxistas, o que deu origem à expressão *marxistas legais*. Na guerra mundial, defenderam ativamente a política imperialista de expansionismo russo. (CADETES, 2021).

201 Em 29 de outubro de 1917, liderado por Lev Kamenev, o CC do Partido Bolchevique, na ausência de Lenin, Trotsky e Stalin, aceitou negociar os termos mencheviques. Com o retorno deles, um intenso debate ocorreu na direção, com Riazanov e Lunatcharski em concordância com a exclusão. Na votação do soviete, os bolcheviques Rikov, Noguín, Lunatcharski, Miliutin, Teodorovich, Zinoviev, Lozovski e Riazanov votam com Kamenev, mesmo contra a decisão da maioria da direção do partido. (BROUÉ, 2014, p. 99).

Ao Sul, o ex-general Kornilov se junta ao líder cossaco Kaledin²⁰² e aos generais Anton Denikin²⁰³ e Mikhail Alekseyev²⁰⁴, para formar o *Exército Voluntário*, composto por oficiais do antigo regime. O objetivo era destruir os bolcheviques e reestabelecer o antigo poder. Com financiamento e ajuda de países estrangeiros, que depois intervirão diretamente no conflito, ele se torna o *Exército Branco*, comandado inicialmente por Kornilov e, posteriormente, por Denikin (MARIE, 2017).

A estes se juntam outros personagens e regiões²⁰⁵. Para fins deste texto, importa-nos apenas alguns elementos que ajudem a compreender o contexto histórico situado.

Em março de 1918, após várias idas e vindas de polêmicas na direção dos bolcheviques, o Tratado de Brest-Litoviski foi finalmente assinado. Com ele, a Rússia anulava todos os acordos realizados anteriormente pelo regime czarista e os países imperialistas e deixava de participar da guerra mundial. Tal medida, contudo, foi permeada por profundas divergências, principalmente entre os bolcheviques e os SR de esquerda, mas também no interior do próprio bolchevismo.

202 Aleksey Maksimovich Kaledin (1861-1918), oficial do Império Russo e líder cossaco, foi comandante do oitavo exército da divisão de cavalaria na região da Galícia na Primeira Guerra Mundial. Deposto do exército ainda no governo provisório, retorna ao Don, sendo eleito governador dos cossacos da região. Com a revolução de Outubro de 1917, organiza o *Exército Voluntário* para lutar contra os bolcheviques. Depois de várias derrotas, renuncia ao cargo de comandante do exército e se suicida. (ALEKSEY, 2021).

203 Anton Ivanov Denikin (1872-1947), filho de servos emancipados, tornou-se general em 1911. Serviu na guerra russo-japonesa (1904-05) e na Primeira Guerra Mundial (1914-16). No governo provisório, chefiou o gabinete do comandante em chefe, Mikhail Alekseyev, sendo demitido nas jornadas de julho. Atuou junto com Kornilov, na tentativa de golpe em setembro. Após a morte de Kornilov, assume o comando do Exército Branco até março de 1920, quando foge para a emigração. (MARIE, 2017).

204 Mikhail Vasilyevich Alekseyev (1857-1918), general do Exército Imperial Russo, atuou na guerra russo-japonesa e na Primeira Guerra Mundial. Foi chefe de Estado-maior do czar Nicolau II, entre 1915 a 1917. Na Revolução de Fevereiro, enviou telegrama ao czar, recomendando sua abdicação, o que aconteceu em 2 de março de 1917. Tornou-se comandante-chefe do governo provisório e depois chefe de Estado-maior, posicionando-se contra os soviets. No golpe de Kornilov, defendeu o governo de Kerensky e prendeu o general golpista, enviando-o à prisão de Bykhov. Depois, renunciou ao cargo por desacordo com a política centrista de Kerensky. Após Outubro de 1917, ajudou a fundar o exército que daria origem aos Brancos. (MIKHAIL, 2021).

205 O almirante Alexandre Kolchak (1874-1920), que dominou a região da Sibéria e dos Urais; o major-general Vladimir Mai-Maievski (1867-1920), que assumiu o governo em Ekaterinoslav e Kharkov; o barão Roman Ungern (1886-1922), que comandou tropas japonesas desembarcadas em Vladivostok; Piotr Wrangel (1878-1929), que assumiu o comando dos *Brancos* e instalou um governo na Crimeia (MARIE, 2017). No Anexo - B, encontra-se uma cronologia detalhada dos eventos da guerra civil russa.

Enquanto Lenin opinava que um acordo de paz deveria ser assinado imediatamente para tirar a Rússia da guerra, no polo oposto, Bukharin²⁰⁶ assinalava que um acordo com países imperialistas seria uma capitulação, lançando a palavra de ordem de *guerra revolucionária*. Por outro lado, Trotsky, que liderava a delegação soviética nas negociações diplomáticas, defendeu a saída russa da guerra sem assinatura de acordos. A polêmica foi tão profunda que ameaçou uma ruptura do partido (BROUÉ, 2014, p. 114):

A manobra é delicada: é preciso, simultaneamente, negociar com os governos burgueses e lutar politicamente contra eles, quer dizer, utilizar as negociações como uma plataforma de propaganda revolucionária. Deve ser evitada qualquer aparência de acordo com um ou outro dos clãs imperialistas, tratando, no entanto, de evitar que a Rússia revolucionária arque com as consequências de uma paz política entre os imperialistas, que lhes permitiria evitar a revolução que os ameaça internamente. (BROUÉ, 2014, p. 112).

Trotsky almejava ganhar tempo para que os ventos da revolução sensibilizassem os trabalhadores europeus, em particular, o proletariado alemão, dirigindo suas baionetas a seus próprios governos. De acordo com Pierre Broué, na visão de Trotsky, a vitória definitiva da Revolução Russa e um acordo democrático e fraterno de paz entre os povos, somente seria possível com uma revolução proletária e socialista em toda a Europa (BROUÉ, 2014, p. 112).

O *Tratado* terminou assinado com desvantagens e imposições aos soviéticos, como a perda dos territórios da Ucrânia, Polônia, Bielorrússia, Países Baixos e Finlândia, que passaram, na prática, ao controle alemão, o que representou uma

206 Nikolay Ivanovich Bukharin (1888-1938) foi um líder bolchevique e teórico do marxismo. Entrou no POSDR em 1906; dois anos depois, passou a integrar a ala bolchevique. Em agosto de 1917, foi eleito para a direção do partido e após a Revolução de Outubro, assumiu a edição do *Pravda*, cujas divergências sobre o acordo de Brest-Litoviski o fizeram renunciar, momento em que fundou o seu próprio jornal e passou a liderar uma tendência de oposição, chamada de *comunistas de esquerda*. Depois da assinatura do Tratado, voltou às suas funções no partido. Em 1919, foi eleito para o Comitê Executivo da III Internacional – o *Comitern* – e após a morte de Lenin, passou a integrar o *Politburo* do partido. Bukharin tornou-se um dos principais apoiadores da NEP. Alinhou-se a Stalin contra as posições da *Oposição de Esquerda*. Em 1928, foi denunciado por Stalin e perdeu seu posto no partido, sendo reintegrado posteriormente. Em 1937, foi expulso do partido e preso, acusado de *trotsquismo*. Em março de 1938, foi condenado e executado por traição e espionagem. Bukharin publicou diversas obras sobre economia marxista, dentre elas: *A economia do período transitório*, de 1920; *O ABC do comunismo*, de 1921 e; *A teoria do materialismo histórico*, de 1921. (NIKOLAY, 2021).

perda de, aproximadamente, 30% de área cultivável russa, além de 23% de vias férreas e 75% da produção de aço e ferro (BROUÉ, 2014, p. 113).

Após Outubro de 1917, uma greve geral se precipitou em confrontos de rua na Finlândia; seguindo o exemplo russo, os enfrentamentos levaram a tomada do poder na capital do país. Em abril de 1918, tropas alemães derrotaram os *Vermelhos* em território finlandês, o que provocou um brutal massacre da população civil russa neste país. “Os acontecimentos da Finlândia soam como um aviso para os bolcheviques: se forem vencidos, serão liquidados e massacrados [...]” (MARIE, 2017, p. 38).

Com o fim da Primeira Guerra, a presença de tropas estrangeiras se tornava cada vez mais frequente na guerra civil russa. Na prática, o apoio financeiro, material ou mesmo o envio direto de tropas dos governos alemão, inglês, francês, americano, japonês, tchecoslovaco, polonês, romeno, grego e italiano tornou este conflito interno, uma “guerra civil internacional” (MARIE, 2017, p. 15).

Um segundo aspecto relevante neste contexto é que além dos *Branco*s e dos *Vermelhos*, que polarizaram a disputa do poder político na guerra civil, outros grupos armados também se organizaram, como os *Exércitos Verdes*²⁰⁷. Formado por grupos de camponeses, insatisfeitos tanto com os *Vermelhos*, em função da política de requisição forçada de grãos, quanto pela rejeição aos *Branco*s, representantes dos ex-proprietários de terras; os *Verdes* aglutinaram pequenos bandos de 500 a divisões armadas de 15 mil pessoas. Eles não possuíam uma organização nacional e hierárquica, mas lideranças locais e diversas. Alguns aglutinavam saqueadores e aventureiros, com os quais tanto bolcheviques, quanto o exército do antigo regime identificava-os como *bandidos*. (MARIE, 2017, p. 18-19).

Assim, a guerra civil russa expressou as intrincadas e complexas relações de classes e suas frações, cujas contradições econômicas e sociais, resultantes do desenvolvimento peculiar do modo de produção capitalista russo, afloraram nas mais diversas posições, organizações, exércitos e divisões. Osvaldo Coggiola (2014) relata o movimento destas complexas divisões:

207 Segundo Marie (2017, p. 17-18), os *Verdes* foram objeto dos historiadores soviéticos na década de 1920, mas foram apagados da historiografia depois que Stalin assumiu a direção do partido.

Os “brancos” contrarrevolucionários capitularam em 1920, mas a guerra continuou contra os chamados “verdes”, grupos de cossacos e camponeses que assolaram alguns distritos russos, e contra a intervenção de tropas polacas e japonesas. O conflito com os polacos terminou em 1921; os japoneses se retiraram em 1922. A dispersão das forças foi sua nota dominante: os grupos “brancos” eram chefiados por generais czaristas e apoiados pelos “republicanos liberais” (os “cadetes”); o Exército Vermelho era dirigido pelo governo bolchevique; havia também milícias anarquistas (o “Exército Insurgente Makhnovista”, também conhecido como “Exército Negro”) na Ucrânia, aliado ou adversário do Exército Vermelho segundo as circunstâncias; o “Exército Verde” e as tropas estrangeiras de intervenção, enviadas pela França, Reino Unido, Japão, Estados Unidos e mais dez países. Aproveitando-se do caos em que o país se encontrava, as nações aliadas beligerantes da Primeira Guerra Mundial resolveram intervir a favor do Exército Branco, que estava dividido. (COGGIOLA, 2014, p. 47, grifos do autor).

O exército de Nestor Makhno²⁰⁸, formado por camponeses desertores da região atual da Ucrânia, ora combatiam os bolcheviques, ora aliavam-se a eles contra os *Branco*s, representando uma das expressões da complexidade da guerra civil russa. Como anarquistas, rejeitavam o poder do Estado Operário, mas, paradoxalmente, reconheciam o poder soviético local sob seu controle.

O desmantelamento deste exército pelo poder soviético é objeto de crítica do pensamento de matriz anarquista (AUGUSTO, 2019; JOURDAN, 2019; PASSETI, 2019). Em *Escritos Militares*, Trotsky considera que Makhno apoiou-se na ignorância das massas camponesas atrasadas para construir seu próprio poder e seu exército pessoal, atuando contra os soviets e os comunistas. A descrição que faz de seu funcionamento ajuda entender a natureza desta organização:

208 Nestor Ivánovitch Makhno (1884-1930) foi um anarquista ucraniano, preso pela polícia czarista em 1907 por saques. Em 1917, conseguiu fugir e se alinhou, primeiramente, ao lado dos Vermelhos. Em 1919, quando foi instaurado o regime dos soviets na Ucrânia, formou seu próprio bando, ora lutando contra os Vermelhos, ora aliando-se a eles contra os Brancos. Em 1921, assumiu uma posição mais decididamente contrarrevolucionária, promovendo roubos, saques e assassinatos contra militantes bolcheviques. Perseguido pelos Vermelhos, o exército de Makhno foi dispersado, mas ele conseguiu fugir para Polônia (MAKHNO, 2021).

O “exército” de Makhno é guerrilheiro no seu pior sentido, embora tenha alguns bons lutadores em suas fileiras. Nenhum indício de ordem e disciplina pode ser encontrado neste “exército”. Não há organização de suprimentos. Alimentos, uniformes e munições são apreendidos onde quer que estejam e são gastos da mesma forma descuidada. Este “exército” também luta quando tem vontade. Não obedece a ordens. Os grupos individuais avançam quando podem, isto é, quando não encontram resistência séria, mas ao primeiro empurrão firme do inimigo eles se espalham em todas as direções, rendendo estações, cidades e equipamentos militares a um oponente em pequeno número. A culpa por tudo isso é totalmente dos comandantes anarquistas confusos e dispersos.²⁰⁹ (TROTSKY, 1919, p. 223, tradução nossa).

A confusão, entretanto, não se limitava aos comandantes anarquistas. Na guerra civil, os camponeses tiveram sob seus ombros um enorme fardo: abastecer as cidades e sustentar os *fronts* de batalha. O *comunismo de guerra*²¹⁰ exigiu que toda a produção social estivesse voltada para suprir o exército: armas, botas, grãos, víveres, etc., o que foi a base material para os conflitos do campo com a cidade.

Assim, as contradições e complexidades desta guerra, encontram-se intimamente relacionadas à situação econômica russa – em crise desde antes de 1917 – e a política que os bolcheviques traçaram para respondê-la:

No terreno econômico, devido à situação de emergência e pelo próprio ímpeto revolucionário da situação, o partido bolchevique instituiu o “comunismo de guerra”. O dinheiro e o mercado foram praticamente abolidos, sendo substituídos por uma economia dirigida baseada na tributação em gênero sobre os cereais e outros gêneros produzidos pelos camponeses. Uma das consequências economicamente negativas dessas medidas foi desencorajarem o

209 “Makhno’s ‘army’ is guerrilla-ism at its worst, although there are in it quite a few good rank-and-file fighters. No hint of order and discipline is to be found in this ‘army’. There is no supply organisation. Food, uniforms and ammunition are seized wherever they happen to come to hand, and they are expended in the same careless way. This ‘army’ also fights when it feels like it. It obeys no orders. Individual groups advance when they can, that is, when they encounter no serious resistance, but at the first firm push from the enemy they scatter in all directions, surrendering stations, towns and military equipment to an opponent small in numbers. The blame for all this lies wholly with the muddle-headed and dissipated Anarchist commanders.” (tradução nossa).

210 Política econômica adotada durante o período da guerra civil, que orientou a produção e a economia em torno dela. Dentre as medidas adotadas, estava a suspensão dos partidos de oposição e sua imprensa, a nacionalização de todas as fábricas, bancos e terras, o trabalho obrigatório, as requisições de cereais e da produção agrícola no campo. Em 1921, o comunismo de guerra foi substituído pela Nova Política Econômica – NEP.

plântio, por levarem os camponeses a sentir que bastaria produzir para sustento de suas famílias; os centros urbanos ficaram quase sem alimentos, provocando um êxodo das cidades para o campo. Petrogrado (São Petersburgo) e Moscou viram sua população reduzir-se pela metade. (COGGIOLA, 2018, p. 52).

O racionamento da alimentação dividiu a população em estratos sociais: havia uma camada de trabalhadores que recebiam do governo 410 gramas de alimentação (operários de corte de madeira, de extração de xisto, os que trabalham em mais de duas fábricas e os doentes mentais), ou seja, caracterizados pelo trabalho braçal e extenso e; uma camada social que recebia 51 gramas (religiosos, comerciantes, pequenos empregadores, etc.). A população rural recebia em média 102 gramas. O resultado é que no período da guerra civil, “A fome é onipresente e constante” (MARIE, 2017, p. 198).

O relato de Tukhachevsky, bolchevique e um dos principais comandantes do Exército Vermelho nos *fronts*, expressa as consequências adversas do *comunismo de guerra*, política necessária num país que já viera destruído economicamente da Primeira Guerra e que foi acometido por uma nova, provocada pelos defensores do antigo regime em associação com bandos capitalistas estrangeiros:

Durante a guerra civil, o campesinato estava em constante hesitação. Ora defendia sua terra dos grandes proprietários de terra, nas fileiras do Exército Vermelho ou nas do Exército Verde [...], ora, ao contrário, defendia seus próprios interesses, violados pelas requisições de alimentos, passando para o lado dos Brancos e combatia o Exército Vermelho [...] Mas o primeiro contato com os interesses e a política dos proprietários de terra reconduzia o campesinato para o lado soviético. Assim, enquanto um perigo ameaçava a terra expropriada dos grandes proprietários, o camponês defendia o poder soviético, mesmo considerando a política de abastecimento pesada. Mas assim que a guerra acabava, que o campesinato se sentia dono da terra da qual se apossara, ele se engajava em uma luta econômica e política contra o poder soviético, e, em alguns lugares, declarava-lhe até a guerra. Foi o que aconteceu em Tambov e durante um tempo na Sibéria, na Ucrânia e em outros lugares. (TUKHACHEVSKY apud MARIE, 2017, p. 242).

Estas idas e voltas, de *Branco*s a *Vermelhos*, passando por *Verdes*, com levantes explosivos independentes foi o que caracterizou a dinâmica desta guerra.

Trotsky, observando esta movimentação, tenta cooptar a base do exército inimigo para suas fileiras, numa das *Ordens do dia*, escreve:

Poupem os prisioneiros! Recebam amigavelmente os desertores. No Exército Branco, os inimigos pérfidos, corruptos sem honra, os inimigos do povo trabalhador são uma minoria insignificante. A maioria esmagadora é composta de homens ingênuos ou recrutados à força [...]

Mas pouparemos os prisioneiros. O Exército Vermelho operário e camponês não perpetuará a crueldade vã. Os desertores não precisam temer qualquer ameaça de nossa parte. Aos que reconhecerem a desonra da campanha dos soldados brancos, aos que tiveram a consciência do povo trabalhador despertada em si, venham se juntar às nossas fileiras sem temer: são nossos amigos e irmãos.

Esse convite não se estende apenas aos soldados, mas também aos oficiais. Na Frente Oriental, várias centenas de oficiais do exército de Kolchak, estimulados por um imenso respeito ao heroísmo, coesão e organização do Exército Vermelho, juntaram-se a nós. Desde então, eles lutam ao nosso lado. (TROTSKY, 1919 apud MARIE, 2017, p. 169).

A estratégia de desmobilizar o exército inimigo e absorver parte do corpo de oficiais *Branco*s à integração dos *Vermelho*s é uma das principais táticas usadas por Trotsky na guerra, o que também serviu para a formação do próprio Exército Vermelho. Todavia, a ideia de submeter operários aos oficiais do antigo exército czarista, pelo domínio técnico que estes possuíam, foi polêmica e lhe rendeu críticas entre os próprios bolcheviques.

Sobre a formação do Exército Vermelho, sua primeira dificuldade foi realizar a passagem das milícias que atuaram na insurreição para um exército regular e centralizado. O exército do czar, que continuou sob o governo provisório, foi desmobilizado com a retirada do país da guerra imperialista, restando somente poucas guarnições de soldados vermelhos voluntários. Para Trotsky (1977), estas milícias operárias cumpriram um papel importante numa etapa determinada, quando as forças de combate se aproximaram do momento da insurreição e, evidentemente, não possuíam condições de assumir uma organização regular, centralizada e disciplinada, limitando-se a ações com métodos e formas de guerrilha, porém, unificadas pela estratégia e consciência política. Após a tomada do poder e a luta

contra as forças da contrarrevolução, as milícias armadas cederam a um tipo de organização militar superior.

Depois da tomada do poder, a situação modifica-se completamente. A luta da revolução vitoriosa pela sua auto-preservação e desenvolvimento transforma-se imediatamente em luta pela organização de um aparelho de Estado centralizado. Os destacamentos de milícias, que não só são inevitáveis mas mesmo profundamente progressistas, num período de luta pelo poder, podem, após a conquista do poder, tornar-se causa de grandes perigos, capazes de abalar o Estado revolucionário em formação. É então que começa o período de organização de um Exército Vermelho regular. (TROTSKY, 1977, p. 21).

Assim, a organização do Exército Vermelho e a formação de disciplina, hábitos, costumes e acesso a conhecimentos militares, foi uma das primeiras preocupações de Leon Trotsky após a tomada do poder; inquietações estas relacionadas especificamente às questões educativas.

Em 22 de abril de 1918, foi assinado o *Decreto sobre a instrução militar obrigatória*, no qual todos os cidadãos russos foram submetidos ao serviço no exército e no trabalho. Neste decreto, o armamento e a instrução militar são prerrogativas exclusivas de operários e camponeses russos (TROTSKY, 2011).

A instrução militar obrigatória se desenvolvera num curso de formação específico, de formato contínuo, com duração de oito semanas, sendo que cada semana consta doze horas e sem remuneração. Em razão desta carga horária, permitia-se ao operário, paralelo à instrução militar obrigatória, continuar o trabalho na fábrica. Estabelecia ainda que:

1. Aos cidadãos da República Federativa Soviética Russa serão submetidos a instrução militar nas seguintes idades: 1) escolar, a partir da série determinada pelo Comissário do Povo para a Instrução Pública; 2) preparatória, de 16 a 18 anos; 3) de incorporação sob bandeiras, de 18 a 40 anos. Para a instrução das cidadãs, se o desejarem, nas mesmas condições dos homens.

Observação: os homens cujas convicções religiosas não os permitem o uso de armas não serão chamados à instrução, que não em funções que não requerem o dito uso. 2. O Comissário do Povo de Assuntos Militares está encarregado da instrução das classes correspondentes a preparatória e sua incorporação; o Comissário do Povo de Instrução Pública está encarregado das classes escolares em coordenação estreita com o Comissário do Povo de Assuntos Militares.²¹¹ (TROTSKY, 2011, p. 86, tradução nossa).

Identifica-se, deste modo, primeiramente, uma categorização da instrução militar com base na faixa etária, onde são definidos três categorias: a primeira sem uma definição precisa de idade; a segunda, de 16 a 18 anos e; a última, de 18 a 40 anos. As mulheres possuíam as mesmas condições de acesso à formação, caso desejassem. Os trabalhadores religiosos poderiam ser dispensados da instrução militar, caso suas crenças conflitassem com a questão do uso de armas. Por último, o decreto estabelece uma estreita relação de cooperação entre o Comissário do Povo para Assuntos Militares e o Comissário do Povo para Instrução Pública, pasta equivalente a um ministério da educação.

Todavia, a instrução militar em seu caráter mais avançado, esbarrava-se com o atraso cultural do povo russo, caracterizado pela negação do acesso aos conhecimentos mais elementares, como a linguagem escrita. Em *Páginas do Diário*²¹², Lenin (1977c) apresenta dados sobre a situação da alfabetização da população russa, de 1920, extraído do censo estatístico da Instrução Pública, o qual apresentamos abaixo:

211 "1. Los ciudadanos de la República Soviética Federativa Rusa serán sometidos a la instrucción militar en las siguientes edades: 1) escolar, a partir del grado determinado por el Comisariado del Pueblo para la Instrucción Pública; 2) preparatoria, de 16 a 18 años; 3) de incorporación bajo banderas, de 18 a 40 años. Las ciudadanas se instruirán, si lo desean, en las mismas condiciones que los hombres. Observación: los hombres cuyas convicciones religiosas no les permiten el uso de las armas no serán llamados a instruirse más que en funciones que no requieran dicho uso. 2. El Comisariado del Pueblo de Asuntos Militares está encargado de la instrucción de las clases correspondientes a la preparatoria y a la incorporación; el Comisariado del Pueblo de Instrucción Pública está encargado de las clases escolares en coordinación estrecha con el Comisariado del Pueblo de Asuntos Militares." (tradução nossa).

212 Originalmente sem intitulação, foi publicado no *Pravda* sob este título, em 2 de janeiro de 1923.

Tabela 1 – censo estatístico de homens e mulheres russas alfabetizadas, 1897-1920.

	Homens alfabetizados/1000		Mulheres alfabetizadas/1000		Total alfabetizados/1000	
	1897	1920	1897	1920	1897	1920
Rússia Europeia	326	422	136	255	229	330
Cáucaso Setentrional	241	357	56	215	150	281
Sibéria (Ocidental)	170	307	46	134	108	218
TOTAL	318	409	131	244	223	319

Fonte: Lenin (1977, p. 653).

Com base nestes dados²¹³, ainda que se identifique notável avanço no terreno da alfabetização do povo russo, Lenin (1977c, p. 363) considera que tal avanço é “demasiado lento” e que seria necessário um trabalho colossal e longo para “[...] alcançar o nível de um Estado civilizado comum da Europa Ocidental” (LENIN, 1977c, p. 363).

Assim, o governo dos soviets empreendeu uma grande campanha em torno da alfabetização. Numa carta de Trotsky dirigida ao Exército Vermelho, no qual o revolucionário incentiva os soldados à leitura, expressa a importância que este trabalho educativo adquiriu naquele momento, mesmo considerando o contexto sangrento de guerra interna a qual a Rússia se encontrava mergulhada:

213 Observa-se que a totalização dos números não corresponde a soma algébrica. Todavia, como os dados se apresentam deste modo na obra referenciada e como a tradução foi fidedigna com o seu original, em espanhol, optamos por mantê-los na mesma disposição.

Amigos do Exército Vermelho! Escrevo a vocês no dia 1º de Maio. Vocês estão lendo as minhas linhas. A Alfabetização nos une: nisso reside a grande força dela. Tudo o que milhares de seres humanos das gerações anteriores a nós viram, experimentaram, realizaram, está escrito nos livros. Está escrito tudo o que as pessoas aprenderam até agora. E uma vez que você se alfabetiza, você terá acesso a isso tudo. Você aprendeu a ler “Exército Vermelho”. Eu os parabeno por esse grande sucesso: pois agora vocês têm nas mãos a chave que abre a porta da ciência. Mas não parem no meio do caminho! Aquele que não se alfabetiza direito, sempre esquece o que aprendeu. É preciso empenhar-se nos estudos, e depois também nas cartas. É preciso ler de modo fluente, livre, sem esforço e embaraço. Dedicar-se aos estudos em cada minuto de folga. Quantos contos, quantas poesias e canções maravilhosas, quantos livros de história e de ciências. O oceano do conhecimento humano inteiro, e quantos livros ainda serão criados, ainda mais maravilhosos do que todos os que existem hoje. Ora, as pessoas não ficam no mesmo lugar, vão adiante. Apenas começamos a curar nosso país, toda a população, conosco, está livre das trevas e move-se adiante. Olhem bem, amigos, não parem! Estudem, não percam tempo. Igualem-se, para avançar. (TROTSKY, s/d apud ALMEIDA, 2018).

Nesta intervenção de Trotsky, a necessidade e importância da alfabetização está no centro de sua agitação, dirigida aos soldados em pleno primeiro de maio. A partir do domínio da leitura, tem-se o acesso não apenas ao conhecimento universal e científico, mas também à poesia, aos contos e às canções. O incentivo para que os operários leiam e estudem mais está relacionada a finalidade histórica da revolução socialista: tornar acessível aos explorados e oprimidos pelo capital o “oceano do conhecimento humano inteiro”.

Deste modo, responde-se a pergunta sobre como um exército formado às pressas, composto por operários e camponeses semialfabetizados ou mesmo analfabetos, não instruídos na *arte militar*, nas técnicas de combate e de uso de armas, conseguiu derrotar militarmente as forças armadas que sustentavam um regime secular de opressão, apoiado e financiado por mais de dez exércitos estrangeiros, pertencentes à nações capitalistas mais desenvolvidas do mundo na época.

Tal questionamento pode ser respondido pelo seguinte relato:

Acreditem em um soldado de guerra: jamais uma batalha foi ganha pelo terror. O terror é um recurso auxiliar no combate; o fator decisivo é o entusiasmo. Os Brancos estavam dispostos a dar a vida sem reservas, mas os Vermelhos também estavam dispostos, os primeiros pela santa Rússia, os outros pelo poder dos soviets, por um mundo sem mendigos e sem enfermos. (PORMERANTZ apud MARIE, 2017, p. 15).

Nas subseções seguintes, deter-nos-emos na análise de dois textos, os quais prescrutaremos como Leon Trotsky tratou a questão da educação neste contexto de guerra civil: *Terrorismo e comunismo: o anti-kautsky e Saber militar e marxismo*.

4.2 TERRORISMO E COMUNISMO: O ANTI-KAUTSKY

Esta obra é uma resposta teórica ao livro de Karl Kautsky: *Terrorismo e Comunismo: contribuição à história natural da revolução*, que, por sua vez, confronta as teses de Vladimir Lenin sobre o poder soviético expostas em *A II Internacional e o renegado Kautsky*.

O livro de Trotsky possui um prefácio escrito por ele, acrescido de nove capítulos: 1. *Correlação de forças*; 2. *A ditadura do proletariado*; 3. *A democracia*; 4. *O terrorismo*; 5. *A Comuna de Paris e a Rússia dos Soviets*; 6. *Marx e Kautsky*; 7. *A classe operária e a sua política soviética*; 8. *As questões de organização do trabalho e*; 9. *Karl Kautsky, sua escola e seu livro*; mais um texto de apêndice.

Todos os capítulos voltam-se diretamente à polêmica com o livro de Kautsky, com exceção do oitavo, *As questões de organização do trabalho*, cujo escopo descreve relatórios sobre a administração do trabalho na produção econômica do país, apresentados em congressos do partido e dos soviets. Realizaremos uma descrição geral da obra simultaneamente a análise sobre a categoria educação tratada pelo autor.

Na obra, Trotsky responde à crítica dirigida por Kautsky ao regime soviético. Na consideração deste último, a revolução dos bolcheviques que resultou no Estado operário, não corresponderia à *correlação de forças* das classes sociais russas. Assim, ele aponta que o regime político oriundo de Outubro de 1917 é uma

abstração utópica. Em razão disso, Kautsky argumenta que os bolcheviques recorrem ao uso da violência e da coerção social como fundamentos políticos para a manutenção deste regime.

Em confronto com tal elaboração, Trotsky aborda o que é *correlação de forças* e por que esta fórmula, tomada de forma genérica e abstrata, foi usada pela escola de Kautsky para justificar sua traição. Segundo Trotsky (1969, p. 16):

A correlação de forças políticas é, em cada momento dado, a resultante de diversos fatores de potência e valor desiguais, e, no fundo, só se determina pelo grau de desenvolvimento da produção. A estrutura social de um povo tarda consideravelmente em plasmar-se em relação ao desenvolvimento das forças produtivas que a engendram. A pequena-burguesia e a classe camponesa subsistem muito tempo depois de terem sido os seus métodos superados e condenados pelo desenvolvimento industrial e técnico da sociedade. A consciência das massas, por sua vez, tarda em formar-se relativamente ao incremento das relações sociais que lhe dá origem; a consciência dos antigos partidos socialistas é de uma época anterior ao atual estado de espírito das massas; a consciência dos antigos líderes parlamentares e trade-unionistas, mais reacionário do que a dos seus partidos, forma uma espécie de coágulo endurecido, que a História, até hoje, não pôde dirigir nem vomitar. Nos tempos do parlamentarismo pacífico, dada a estabilidade das relações sociais, o fator psicológico podia ser situado – sem perigo de grandes erros – à base de todos os cálculos; pensava-se que as eleições parlamentares expressavam suficientemente a correlação de forças. A guerra imperialista, rompendo o equilíbrio da sociedade burguesa, revelou a insuficiência radical dos antigos critérios, que não levavam em conta os fatores históricos profundos, lentamente acumulados no passado e que surgem agora à superfície para dirigir o curso da História.

Deste modo, Trotsky parte das condições materiais e objetivas – o *grau de desenvolvimento da produção* – que engendram determinada forma de estrutura social, no qual gestam-se as consciências. Tais nexos, contudo, não possuem uma correspondência simultânea: a correlação de forças seria determinada por múltiplos fatores, mas funciona diferente num contexto de guerra imperialista, onde os “fatores históricos profundos, lentamente acumulados no passado” abruptamente eclodem (TROTSKY, 1969, p. 16). Assim, a análise da correlação de forças deve ter

como fundamento entender a complexidade do processo histórico, “suas contradições e discordâncias internas” (TROTSKY, 1969, p. 16).

Ao responder os questionamentos dos dirigentes da social-democracia alemã, especialmente vindos de Kautsky, sobre o uso do terror usado pelos bolcheviques, Trotsky critica uma forma particular de educação: a educação das massas proletárias em torno da democracia, no caso, democracia burguesa.

Para Kautsky, a educação e o nível cultural pouco desenvolvido do povo russo impossibilitaria a manutenção de um Estado operário. Tal premissa seria a base explicativa dos bolcheviques recorrerem ao terror (vermelho) contra socialistas não-bolcheviques (isto é, mencheviques e socialistas-revolucionários).

Trotsky entende que a explicação de Kautsky, novamente, assenta-se numa visão abstrata e formal de democracia, ou seja, não leva em consideração que a mesma, presente nos países capitalistas centrais da Europa, trata-se de uma *democracia burguesa* e; que educar a classe operária em torno deste tipo de democracia seria o mesmo que condicioná-los à *democracia burguesa*.

O Estado de classe, no momento em que a guerra estalava por sua culpa, pode enganar o proletariado com auxílio dos organismos dirigentes da democracia socialista, encerrando-o na sua órbita. Os métodos democráticos mostraram com isto, apesar das vantagens indiscutíveis que apresentavam em certas épocas, como era sumamente limitada a sua ação, pois **a educação democrática** de duas gerações proletárias não preparou o terreno político para a compreensão e apreciação de um acontecimento da índole da guerra imperialista mundial. [...]. **O Estado democrático burguês** não se limita a conceder aos trabalhadores melhores condições de desenvolvimento em relação ao absolutismo; com sua legalidade limita esse mesmo desenvolvimento, acumula e garante com arte **a formação dos hábitos oportunistas e dos preconceitos legais** no seio das pequenas aristocracias proletárias. No momento em que a catástrofe – a guerra – se fez iminente, **a escola da democracia** revelou a sua incapacidade completa para conduzir o proletariado à revolução. Foram necessárias a bárbara **escola da guerra**, as esperanças social-imperialistas, os maiores êxitos militares e uma derrota sem exemplo. [...] empregar os velhos lugares-comuns sobre a significação do parlamentarismo **para a educação do proletariado** é o mesmo que voltar politicamente à infância. E esta é a desgraça de Kautski. (TROTSKY, 1969, p. 30-31, grifos nossos).

Uma primeira consideração importante que Leon Trotsky estabelece com a educação, na resposta a Kautsky, é sobre a questão do Estado: “o Estado [é] de classe” (TROTSKY, 1969, p. 30). A classe que dirige o Estado e como ela o organiza, caracteriza e tipifica este Estado. Neste sentido, Trotsky caracteriza o *Estado democrático burguês*, que difere do Estado absolutista dos czares russos, pela existência formal do parlamento como centro de decisões e, portanto, do poder. Por sua vez, o parlamento deriva “métodos democráticos que educam o proletariado”, formando-lhes “hábitos” e “preconceitos democráticos” (TROTSKY, 1969, p. 31).

Esta “educação do proletariado”, desenvolvida pelos métodos do Estado democrático burguês com a ajuda dos partidos da II Internacional, é revelada em seu limite quando a guerra imperialista emerge e, com ela, os retrocessos sociais obtidos das conquistas das democracias burguesas. Assim, a “escola da democracia”, defendida pelos social-democratas, demonstra a sua incapacidade para conduzir o proletariado à revolução.

Neste momento, o emprego do verbete *escola* não possui o seu sentido específico, de instituição especial destinada ao ato de ensinar alunos por meio de professores. Aqui, Trotsky não aborda a *escola* e a *educação* em seus sentidos específicos, mas genéricos. Na questão da educação, confirma o que já expomos no final da seção anterior, sobre as relações e nexos entre Educação e Sociedade.

Em sua visão, o “Estado de classe”, sob a forma burguesa parlamentar, institui-se não apenas pela coerção, mas pelo convencimento do todo social, que precisa ser “educado” em seus princípios, regras e valores²¹⁴, ou seja, o Estado democrático burguês domina, sobretudo, pelo consenso, não obstante, sem abrir mão da coerção. Para tanto, o Estado burguês educa a classe operária e Trotsky faz a crítica a Kautsky e aos partidos da II Internacional justamente em sua estratégia de “educação política” da classe operária em consonância com os “métodos democráticos” de dominação do Estado burguês.

214 Inferimos como exemplos, a ideia de *liberdade individual*, o *direito a propriedade privada* ou a *democracia como valor universal*, tão presentes à democracia burguesa.

A estrada se bifurca, pois, ao sair da Assembleia Nacional: ou ditadura de uma classe imperialista ou ditadura do proletariado. Não há nenhum caminho para a “democracia”: Kautsky não o compreende. Expõe com excessiva prolixidade a impotência da democracia para o desenvolvimento político e **educação organizacional das massas**, e afirma que ela pode conduzir o proletariado à sua total emancipação. (TROTSKY, 1969, p. 30. grifos nossos em negrito).

A “educação organizacional das massas” está relacionada a educação política, desenvolvida por uma organização político-partidária em torno de um programa e estratégia política. Assim, contra a ideia da democracia parlamentar como meio para a emancipação social do proletariado, Trotsky defende a revolução violenta como necessidade histórica. Em uma explanação irônica sobre os mecanismos de controle utilizados pela classe burguesa para formar o consenso social, inclui, concomitante à suposta farsa democrática do parlamentarismo, a concessão de instrução primária ao operariado. Em sua sátira, diz:

A burguesia capitalista diz consigo:
 Enquanto eu tiver as terras, as oficinas, as fábricas, os bancos, a imprensa, **as escolas, as universidades**; enquanto eu tiver – pois é **o essencial – o exército**, o mecanismo da democracia, seja qual for o modo do seu manejo, continuará **submetido à minha vontade**. [...] **Manterei para as massas populares o regime de instrução primária obrigatória, que as detém no limite da ignorância, não lhes permitindo que se elevem intelectualmente acima do nível considerado como inofensivo pelos meus técnicos**. Afrouxarei, sacudirei, intimidarei as camadas mais privilegiadas e as mais atrasadas do proletariado. Enquanto os instrumentos de opressão e intimidação continuarem em minhas mãos, a coordenação de todas estas medidas não permitirá que a vanguarda da classe operária ilumine a consciência da maioria. (TROTSKY, 1969, p. 36-37, grifos nossos).

Assim, na visão de Trotsky, as escolas e universidades, concebidas agora como instituições educativas *stricto sensu*, estão sob o controle da burguesia, “submetido à [sua] vontade” (TROTSKY, 1969, p. 36). Independente da validade conjuntural desta afirmação, posto o contexto da organização da educação e das universidades do início do século passado, diverso da organização do sistema educacional hodierno da maioria dos países ocidentais; o relevante é que no

pensamento de Trotsky, estabelece-se uma relação entre as instituições educativas formais e o Estado democrático burguês: as escolas e universidades estão sob o controle do Estado e este não é neutro e nem supraclassista, ou seja, o Estado é de classe e o Estado democrático burguês expressa uma forma de dominação da classe burguesa.

Em razão disso, sob a direção desta classe, oferta-se e mantém-se um “regime de instrução primária obrigatória” (TROTSKY, 1969, p. 37) para a classe operária. Esta “instrução primária obrigatória”, necessária ao funcionamento e expansão da indústria no modo capitalista de produção, possui um limite para o desenvolvimento intelectual completo do indivíduo. Este limite, no pensamento de Leon Trotsky, coloca a classe operária na ignorância intelectual, ou seja, na instrução mínima, inofensiva para a manutenção do mecanismo de exploração econômica do trabalho e do domínio político da classe burguesa, por meio do seu Estado.

Trotsky não desenvolve como ocorre esse processo de controle e dominação do *Estado democrático burguês* por meio das escolas e universidades, como tão pouco preocupa-se em explicar como a classe burguesa usa a *instrução primária* como parte deste mecanismo. A exposição de Trotsky não tem esse intuito, pois objetiva tão somente demonstrar os limites das considerações de Kautsky ao Estado Operário, ao não considerar como premissa teórica e marxista que o Estado (e a democracia) possui um caráter de classe. Neste sentido, não é acidental que neste mecanismo de controle da burguesia sobre a sociedade e a incursão das instituições educativas em tal processo, que Trotsky destaca, em meio a esta passagem, as forças armadas do Estado – o Exército, como instituição “essencial” para a existência e manutenção “democrática” desse controle.

De maneira geral, no pensamento de Trotsky exposto, a educação e a escolarização das massas populares se efetivam sob o controle da burguesia por meio do Estado e, ainda que as massas operárias tenham acesso a certo nível de instrução, conhecimento e cultura, contraditoriamente, este acesso limita-se a manutenção de sua própria condição de classe social.

O embate de Trotsky contra Kautsky nesta obra também possui *rounds* no plano da filosofia²¹⁵, da política^{216 217} e da acusação moral²¹⁸, mas não vamos nos deter aos aspectos específicos de tais polêmicas, uma vez que se distanciam da alçada do objeto de estudo proposto nesta tese. Entretanto, a questão central da obra – o uso da violência revolucionária e do terrorismo por parte dos bolcheviques – concentram nossa atenção analítica, em função das relações que ele constrói para não somente justificar tal política (o uso da violência e da coerção), mas também para entender a lógica de seu pensamento sobre o Estado e a Revolução em seus nexos com a *Educação*.

Ao responder a acusação de Karl Kautsky sobre a violência e o terror vermelho usado pelos bolcheviques, Trotsky historiciza brevemente as grandes revoluções para arguir que a violência e o terrorismo é um recurso inerente aos processos revolucionários. Em relação a Comuna de Paris, que Kautsky contrapõe à Revolução Russa de Outubro de 1917, no que se refere ao uso do método dos reféns, Trotsky rebate:

215 Trotsky expõe a base filosófica do pensamento de Kautsky como idealista e metafísica: “Sentindo que o solo histórico lhe faltava aos pés, Kautski passa da democracia à filosofia transcendental e se põe a doutrinar sobre o que se devia fazer: Os princípios democráticos – soberania do povo, sufrágio universal, liberdades – lhe aparecem com a auréola do dever moral. Dissociam-se de seu conteúdo histórico e, considerados em sua natureza abstrata, surgem invariáveis e sagrados” (TROTSKY, 1969, p. 38).

216 No questionamento de Kautsky sobre o fechamento da Assembleia Constituinte pelos bolcheviques, Trotsky responde: “O regime dos soviets estabelece um contato infinitamente mais estreito, mais orgânico, mais honrado com a maioria dos trabalhadores. A sua significação mais importante não é refletir estaticamente a maioria, mas formulá-la dinamicamente. Já dentro da ditadura revolucionária, a classe operária russa mostrou que, em período de transição, não constrói a sua política com a arte inconsistente de se opor a partidos camaleões, para arrancar-lhes alguns votos camponeses, que agem de pleno acordo com o proletariado na administração do país, feita segundo os verdadeiros interesses dos trabalhadores. E esta é uma administração muito mais profunda do que a parlamentar. (TROTSKY, 1969, p. 46).

217 Sobre o questionamento a liberdade de imprensa para os grupos opositores ao regime soviético, Trotsky responde: “Em tempo de guerra, todas as instituições, órgãos do poder governamental e da opinião pública, transformam-se, direta ou indiretamente, em órgãos para a direção da guerra. Isto acontece em primeiro lugar com a imprensa. Nenhum governo interessado numa guerra séria pode permitir que se imprimam em seu território publicações que, abertamente ou não, favorecem o inimigo. Com muito maior razão, em período de guerra civil. A natureza desta última é tal que as duas facções em luta têm na retaguarda de suas tropas povoações que fazem causa comum com o inimigo. Na guerra, onde a morte sanciona os êxitos e os fracassos, os agentes inimigos que se introduzirem na retaguarda dos exércitos, devem sofrer a pena de morte. Lei desumana, sem dúvida; mas ninguém ainda considerou a guerra como uma escola de humanidade; com muito menos razão ainda, a guerra civil. (TROTSKY, 1969, p. 60-61).

218 Trotsky responde algumas denúncias apresentadas por Kautsky (TROTSKY, 1969, p. 109).

Os decretos da Comuna sobre os reféns e a sua execução como resposta às crueldades dos versalheses, foram motivados – segundo a profunda explicação de Kautski – pelo desejo de conservar as vidas humanas e não por um desejo de homicídio. Admirável descoberta! Só falta divulgá-la. Pode-se e deve-se fazer compreender que em tempos de guerra civil exterminamos os guardas brancos para que eles não exterminem os trabalhadores. O nosso objetivo, pois, não é suprimir vidas humanas, mas preservá-las. Se acontece que, para a sua preservação, temos que combater com as armas na mão, e se isso nos leva a fazer exterminações, há na questão um enigma cujo segredo dialético foi esclarecido pelo velho Hegel, para não falar de sábios que pertencem a escolas mais antigas. (TROTSKY, 1969, 54-55).

No desenvolvimento de seu texto, segundo Trotsky (1969), a revolução não implica necessariamente insurreição armada ou terrorismo, portanto, o uso da violência e da coerção não é uma questão de princípios, mas decorre na necessidade objetiva. Na sua visão, a revolução exige que a classe revolucionária recorra a todos os meios possíveis e necessários contra a classe inimiga, para tomar o poder político e para mantê-lo, o que inclui o uso da violência, como a insurreição e o terrorismo. De acordo com ele:

A missão e o dever da classe operária que conquistou o poder depois de uma larga luta, são fortalecê-lo inquebrantavelmente, assegurar definitivamente a sua dominação, cortar toda tentativa de golpe de Estado por parte de seus inimigos e chegar, com isso, à possibilidade de realizar **as grandes reformas socialistas**. Para outra coisa não valia a pena tomar o poder. A revolução não implica “logicamente” terrorismo, como também não implica insurreição armada. Solene vulgaridade! Mas, por outro lado, a revolução exige que a classe revolucionária faça uso de todos os meios possíveis para alcançar seus fins: a insurreição armada, se for preciso; o terrorismo, se for necessário. A classe operária, que conquistou o poder com as armas na mão, deve destruir pela violência todas as tentativas feitas para arrancá-lo de seu domínio. Sempre que se encontrar em presença de uma conspiração armada, de um levante, a sua repressão será impiedosa. (TROTSKY, 1969, p. 56, grifo nosso).

Observa-se que Trotsky estabelece hierarquia de tarefas no processo revolucionário: a) após a conquista do poder político a “missão” e “dever” dos operários seria “fortalecer” este poder, isto é, aumentar a dominação política e militar de sua classe contra a classe derrotada, com vistas a evitar a retomada do controle

político pela burguesia e para garantir tal finalidade, se necessário, recorre-se ao uso da coerção e do terror armado; b) após o afastamento da possibilidade de perda do poder para a burguesia que se pode “chegar” a outro momento: a realização de “grandes reformas socialistas” (TROTSKY, 1969, p. 56).

Deste modo, após deslocar a burguesia do poder e demover as tentativas reais desta classe de retomá-lo, o que se expressou numa guerra civil russa, que a classe operária teria possibilidades de realizar “reformas socialistas”, dentre as quais, poder-se-iam encontrar as reformas no campo da educação.

Como veremos ao longo desta pesquisa, tais tarefas não se encontram separadas em etapas completamente distintas. Conforme avançamos em nossa análise, observaremos, por exemplo, que muitas das preocupações desenvolvidas em *Questões do Modo de Vida*, encontram-se presentes, de forma embrionária, no contexto da guerra civil russa.

Numa outra passagem, Trotsky esclarece a relação entre a tomada do poder político e a educação sob as bases socialistas de produção:

Indubitavelmente, **a primeira condição** para conseguirmos a nossa emancipação é arrancarmos os instrumentos de domínio das mãos da burguesia. Não há esperança de uma conquista pacífica do poder enquanto a burguesia conservar todos os instrumentos de dominação. É uma tríplice loucura e esperança de se chegar ao poder pelo caminho que a própria burguesia escolhe e fortifica, simultaneamente: pela democracia parlamentar. Para isso, só existe um meio: **arrancar o poder das mãos da burguesia**, tomando-lhe os instrumentos materiais de sua dominação. Qualquer que seja a correlação aparente de forças no parlamento, eu farei dos meios de produção mais importantes um bem social. Darei liberdade à consciência das classes pequeno-burguesas hipnotizadas pelo capitalismo. **Ensinar-lhes-ei experimentalmente o que é a produção socialista. Quando o souberem**, as camadas mais profundas da população me apoiarão, vindo voluntária e conscientemente em auxílio da obra de edificação socialista. (TROTSKY, 1969, p. 37, grifos nossos).

Assim, Trotsky vislumbra que a emancipação do proletariado dar-se-á: como “primeira condição”, a partir de uma revolução que despoja a burguesia de seus instrumentos de dominação (terras, fábricas, bancos, imprensa, escolas e o essencial – o exército); em seguida, colocar-se-á os mais importantes meios de

produção como bem social e coletivo sob o controle operário, ou seja, a socialização dos meios de produção e troca, que na insurreição de Outubro de 1917 se concretizou com o decreto de coletivização das terras, das fábricas e dos bancos privados; finalmente, após a tomada do poder e a socialização dos meios de produção, poder-se-á desenvolver a educação e o ensino, “experimentalmente”, sob a base de produção socialista.

A atividade de *ensinar*, pensada por Trotsky junto a adjetivação adverbial de *experimento*, não apenas se estabelece em função da base da produção como bem social, mas também coloca-se como objetivo da explicação prática sobre o que seria a “produção socialista”. Se tal ensino com base em experimentos sob o modo socialista de produção, representariam novos métodos que permitam o desenvolvimento intelectual do indivíduo para além dos limites da sociedade burguesa, não é possível afirmar por este texto²¹⁹. Contudo, tais experimentos de ensino teriam como base material e objeto a “produção socialista”: “quando o souberem”, diz Trotsky (1969, p. 37), apresentando uma locução que expressa futuro indeterminado, no qual estaria colocado a opção voluntária e consciente de todas as camadas sociais pela “obra de edificação socialista” (TROTSKY, 1969, p. 37). Assim, inferimos que este ensino, perspectivado por Leon Trotsky neste momento, tratar-se-ia de um *ensino de uma educação socialista*.

A educação e o ensino do socialismo e para o socialismo, por assim dizer, a *educação socialista*, com métodos de ensino experimentais que vislumbrem elevar a consciência e a personalidade humana, constituir-se-ão objeto de preocupação numa fase posterior da etapa da luta de classes pela disputa do poder político, ou seja, após a revolução, a consolidação do poder político e das medidas necessárias à socialização dos meios de produção e troca. Como veremos no decorrer desta investigação, essa primeira tese reaparece nas outras obras de sua autoria, analisadas em seguida a esta seção.

Outra polêmica importante entre Trotsky e Kautsky é sobre a inevitabilidade ou não da guerra civil. Tal polêmica também resvala sobre a questão da educação e

219 Na terceira seção desta tese, *Educação, Arte e Socialismo*, no qual analisaremos a obra *Literatura e Revolução*, observaremos mais detalhadamente que Trotsky vislumbra novos métodos de ensino para o futuro de uma sociedade socialista.

da cultura, assim como da problemática do poder. Enquanto o segundo sustenta que a construção de uma maioria parlamentar no interior do *Estado democrático burguês* seria o suficiente para a classe trabalhadora tomar o poder e, deste modo, evitar uma sangrenta guerra civil, Trotsky se pronuncia do seguinte modo:

De modo geral, a obtenção de uma maioria democrática no parlamento burguês não é absolutamente impossível. Mas este fato, mesmo que se verificasse, em nada modificaria o curso dos acontecimentos. Sob a influência da vitória parlamentar do proletariado, os intelectuais pertencentes à classe média talvez oferecessem uma resistência menor ao novo regime. Mas a resistência essencial da burguesia seria determinada por fatos como o estado de ânimo do exército, o grau de armamento dos operários, a situação nos países vizinhos; e a guerra civil seguiria o seu curso sob a influência destes fatores reais, e não da frágil aritmética parlamentar (TROTSKY, 1969, p. 43).

Deste modo, mesmo com a hipótese dos revolucionários alcançarem uma maioria parlamentar no interior do *Estado democrático burguês*, a resistência armada da burguesia não seria evitada. Na concepção de Trotsky, as ações da burguesia frente ao avanço da classe operária revolucionária não são determinadas pelos cálculos eleitorais, mas por outros fatores, como a situação das forças armadas do país, o armamento do proletariado ou mesmo a condição política da burguesia de outros países. Assim, considerando esses e outros determinantes, a guerra civil poder-se-ia ser adiada, mas não evitada.

Nesta segunda passagem, reafirma categoricamente a inevitabilidade da guerra civil, mesmo nos países considerados *democráticos*:

Mesmo que a ditadura do proletariado nascesse, em alguns países, no seio da democracia, a guerra civil não se evitaria com isso. A questão de saber a quem pertencerá o poder no país, isto é, se a burguesia deve viver ou morrer, se resolverá, não por alusões aos artigos da Constituição, mas com o recurso de todas as formas de violência. Kautski, por mais que faça, ao analisar o alimento do antropopiteco [...] e demais circunstâncias, próximas ou remotas, que permitam identificar as causas da crueldade humana, não encontrará na História outro meio de aniquilar a vontade do inimigo a não ser com o recurso enérgico da força. (TROTSKY, 1969, p. 56).

Assim, contrário a Kautsky, que procura nos antepassados primitivos dos seres humanos, uma causa natural para o uso da violência revolucionária dos bolcheviques, Trotsky concebe a existência da guerra civil e o necessário uso da força por parte do proletariado, a partir do lugar histórico que se encontra a classe burguesa e o decadente modo de produção capitalista, que resiste e luta resolutamente contra o novo.

Essas diferenças sobre a inevitabilidade ou não da guerra civil e o uso da violência são importantes para o objeto desta investigação, uma vez que um dos argumentos principais usados por Kautsky para explicar o uso da força, da violência e da repressão por parte dos bolcheviques estaria no baixo nível cultural e educacional do povo russo. (KAUTSKY, 2018).

Kautsky chega a explicar que o problema do partido bolchevique está no proletariado russo que ele dirige. Para o socialista alemão, é precisamente a ausência de um alto nível de educação, de cultura e de moral coletiva, ausentes no operário russo, que os bolcheviques se fundamentam com o terror e a violência:

Junto com um alto nível de educação popular, é condição prévia para o socialismo uma moral elevada das massas, uma moral que se expressa não somente em fortes instintos sociais, sentimentos, de solidariedade, de sacrifício, de abnegação, mas também na extensão destes sentimentos além do círculo estreito dos camaradas, até a comunidade inteira. Já vimos que os proletários da Comuna de Paris tinham uma moral semelhante. Por sua vez, é o que falta na massa que hoje dá o tom no proletariado bolchevique.²²⁰ (KAUTSKY, 2018, p. 87, tradução nossa).

Em sua visão, portanto, uma “educação popular” de alto nível seria uma condição prévia à revolução, juntamente a “moral elevada” das massas trabalhadoras. Identificamos, deste modo, que Kautsky parte de uma premissa oposta à de Trotsky sobre o lugar e o papel da educação no processo revolucionário e na construção do socialismo. Trotsky, por sua vez, expõe:

220 “Junto con un alto nivel de la educación popular, es condición previa para el socialismo una moral elevada de las masas, una moral que se expresa no sólo en fuertes instintos sociales, sentimientos, de solidaridad, de sacrificio, de abnegación, sino también en la extensión de estos sentimientos más allá del círculo estrecho de los camaradas, hasta la comunidad entera. Ya hemos visto que en los proletarios de la Comuna de París había una moral semejante. En cambio, le falta a la masa que da hoy el tono en el proletariado bolchevique.” (tradução nossa).

Sabendo que o bolchevismo e o proletariado russo são uma e mesma coisa, Kautski faz o que pode para desacreditar o proletariado russo em sua totalidade, apresentando-o como uma massa ignorante, sem ideias, ávida de satisfações imediatas e dirigida só pelos seus instintos e as sugestões do minuto presente. No curso do seu livro, Kautski coloca muitas vezes a questão do nível intelectual e moral dos operários russos, e sempre para enegrecer as cores, para caracterizar melhor a ignorância, a estupidez e a selvageria destes. (TROTSKY, 1969, p. 104).

A ignorância característica do povo russo, resultado histórico do precário acesso à educação e cultura da população aos níveis e padrões de civilidade europeu, é um fato histórico constatado pelos próprios bolcheviques, Kautsky usa este fato para desqualificar as pretensões dos bolcheviques em construir um regime social que se assenta na organização da produção coletiva. A questão central da polêmica se apresenta do seguinte modo: uma classe operária inculta, grosseira, ignorante e carente de conhecimentos, de educação e de cultura seria capaz de conduzir uma revolução socialista, ou ainda: o acesso da classe operária à educação, cultura, moral elevada é uma condição prévia para fazer uma revolução e construir o socialismo?

Kautsky questiona os bolcheviques, em particular Trotsky, se na “época de transição”, o inculto proletariado russo e sua vanguarda revolucionária poderiam, no próprio curso da luta pela manutenção e desenvolvimento do aparelho de Estado, superar as dificuldades históricas legadas pelo passado. Para reforçar sua crítica, pergunta se Trotsky ousaria pôr uma locomotiva em movimento, apenas na confiança de que se aprenderia a conduzi-la em plena marcha e conclui: “Antes de pôr a dirigir uma locomotiva há que saber manejá-la. Antes de assumir a produção, o proletariado necessita capacitar-se para dirigi-la.”²²¹ (KAUTSKY, 2018, p. 85, tradução nossa).

Trotsky responde seu interlocutor, considerando dois aspectos da questão, a primeira consideração se fundamenta na relação entre o fazer e o aprender da classe operária e na impossibilidade deste aprendizado se constituir antes do fazer:

²²¹ “Antes de ponerse a dirigir una locomotora hay que saber manejarla. Antes de hacerse cargo de la producción, el proletariado necesita capacitarse para dirigirla.” (tradução nossa).

No que diz respeito à condução de uma locomotiva, o nosso preconceito não é tão persuasivo à primeira vista; mas, em todo caso, é igualmente verdadeiro. Ninguém aprendeu ainda a conduzir uma locomotiva sem sair do seu gabinete. É preciso nela subir, pôr a mão no regulador, fazê-lo girar. **É incontestável que a aprendizagem da marcha de uma locomotiva se faz praticamente**, em manobras dirigidas por um mecânico experimentado, como se aprende a montar um cavalo num picadeiro, sob a direção de um picador. Mas para governar um povo é impossível recorrer à estes processos artificiais de estudo. A burguesia não criou para o proletariado escolas de administração pública e não lhe entrega, para ensaios temporários, a alavanca do Estado. Aliás, mesmo para montar cavalo os operários e camponeses dispensam os picadeiros e as lições de picadores. (TROTSKY, 1969, p. 107, grifos nossos).

Na premissa de Kautsky, os operários deveriam primeiro aprender na *escola do socialismo*, ou seja, entender como organizar a produção coletiva, como administrar um Estado, como gerenciar a distribuição de produtos e bens, além de elevar sua moral a um patamar ideal de socialista, etc. Somente depois desta *aprendizagem*, é que os operários estariam aptos a fazer uma revolução e construir um Estado operário. Em síntese, o proletariado deveria aprender a construir o Estado socialista e a dirigir a economia soviética, antes de organizarem a produção e o Estado sob sua tutela. Para Trotsky, esta relação se estabelece de outro modo: é no *fazer* que a classe operária *aprende* a conduzir a locomotiva da história, isto é, a revolução, a organização do Estado e a produção fabril sob sua direção.

Quando Trotsky afirma que a aprendizagem “se faz praticamente”, observa-se que ele não se refere ao aprendizado de um conteúdo escolar, cuja especificidade exige a presença de um especialista, tal qual um mecânico experimentado é necessário para o ensino das técnicas de manuseio de uma locomotiva. Em se tratando de uma revolução socialista, ao operário, a burguesia não lhe ofereceu o ensino didático da administração pública, como também não lhe cedeu, a título de *experimentação pedagógica*, as instituições do Estado. Por isso que, segundo afirma Leon Trotsky (1969, p. 107), não seria possível recorrer a “processos artificiais de estudo”, quando se trata da construção do socialismo.

Mas se os operários não dispõem de professores para lhes ensinar a montar cavalos, uma segunda consideração fundamental colocada por Trotsky está na impossibilidade da escolha do momento ideal em que o *cavalo da revolução* passará diante de si. De acordo com Trotsky, este argumento é mais importante que o primeiro:

o proletariado não pode escolher entre montar ou não montar a cavalo, entre conquistar o poder imediatamente ou deixá-lo para mais tarde. Há circunstâncias em que a classe operária se vê obrigada a tomar conta do poder, ante a ameaça de seu próprio desaparecimento, politicamente falando, durante um largo período histórico. Uma vez senhora do poder, torna-se impossível aceitar, a seu arbítrio, determinadas consequências desse ato e desprezar as restantes. Se a burguesia capitalista se serve, consciente e maldosamente, da desorganização da produção como meio de luta política para recuperar o poder soberano, o proletariado é obrigado a socializar as empresas de toda espécie, sem perguntar se isto é ou não vantajoso para ele, *nesse momento dado*. E quando assume a responsabilidade da produção, é obrigado, sob a pressão de uma necessidade férrea, a aprender, a realizar experimentalmente esta obra tão difícil, a organizar o sistema econômico socialista. Quando monta a cavalo, o cavaleiro tem que conduzir o animal, sob pena de quebrar a cabeça. (TROTSKY, 1969, p. 107, grifos do autor).

Assim, Leon Trotsky supera a dicotomia apresentada por Kautsky entre o aprender e o fazer do socialismo. No pensamento de Trotsky, a classe operária, mesmo inculta e não instruída nos padrões da educação europeu, deve tomar o poder político na primeira oportunidade e começar a tarefa de construção do socialismo.

No processo de construção e organização da sociedade socialista, a classe operária aprende, instrui-se e se educa. Para Trotsky não existe uma construção ideal do socialismo, não há condições ideais e tão pouco um momento ideal que deve ser aguardado para o proletariado fazer a revolução e construir o seu Estado, ou seja, em nossa avaliação, não há um *dever-ser* em Trotsky sobre a relação entre educação e revolução socialista, tal como posta por Karl Kautsky.

No pensamento de Trotsky (1969, p. 120): “A experiência que estamos vivendo não tem precedentes, e os problemas que o poder soviético resolve praticamente não tem solução nos livros”, o que reforça o indicativo de que o

problema do poder e da construção de um Estado operário, inédito até aquele momento, não se resolve apenas com os conhecimentos livrescos ou do passado, ainda que as experiências do passado tenham sido minuciosamente estudadas por ele.²²²

Uma terceira polêmica relevante para nossa investigação trata sobre a relação entre o Estado dirigido pelos bolcheviques e os intelectuais e especialistas burgueses. Kautsky ironiza a política bolchevique frente a estes segmentos e identifica, na concepção bolchevique sobre os intelectuais, similaridade com o adotado pelo regime czarista russo:

Os bolcheviques acreditavam a princípio que poderiam prescindir dos intelectuais e dos especialistas. O czarismo pensava que um general, sem preparação especial alguma, era capaz de ocupar qualquer posto na administração. O bolchevismo herdou esta concepção, como muitas outras do czarismo, só que em vez de generais, puseram proletários. Os teóricos do bolchevismo chamaram este processo de “transição do socialismo da ciência para a ação”. Mas bem que poderiam ter chamado “transição da ciência para o diletantismo”.²²³ (KAUTSKY, 2018, p. 93, tradução nossa, grifos do autor).

Mesmo que a exagerada identificação entre o regime dos czares e dos bolcheviques, no que toca à questão do trato com os intelectuais e especialistas, desconsidere as diferenças de classes sociais entre os dois regimes, a crítica de Kautsky se encerra sob outra perspectiva:

222 Anteriormente, mencionamos que Trotsky arguiu sobre as diferentes revoluções burguesas e proletária para sustentar a tese da violência como inerente à própria revolução. Particularmente, analisou detidamente a Comuna de Paris, o que lhe fez chegar a seguinte conclusão: “A Comuna era fraca. Para realizar a sua missão nós nos fizemos fortes. A Comuna foi esmagada. Nós vibramos golpes sobre golpes contra os seus verdugos, vingando-a e ajustando as suas contas.” (TROTSKY, 1969, p. 93). As revoluções do passado necessitam ser estudadas minuciosamente para entender a dinâmica interna da própria Revolução Russa e este *dever de casa* o bolchevismo fez.

223 “Los bolcheviques creían al principio que podrían prescindir de los intelectuales, de los especialistas. El zarismo pensaba que un general sin preparación especial alguna era capaz de desempeñar cualquier puesto en la administración. El bolchevismo heredó esta concepción con otras muchas del zarismo, sólo que en vez de generales ponía proletarios. Los teóricos del bolchevismo llamaban a este proceso “paso del socialismo de la ciencia al hecho”. Más bien hubiera debido llamársele “paso de la ciencia al diletantismo”. (tradução nossa).

Como ocorre geralmente na república dos soviets que se guia pela mera vontade e não pelo conhecimento vivo da realidade, viu-se posteriormente a impossibilidade de tal acordo, tratando-se de procurar a cooperação dos intelectuais, prescindindo do trabalho obrigatório que antes havia sido-lhes imposto; tratou-se de empregá-los nos trabalhos de que compreendiam. Os intelectuais que entraram a serviço do governo deixaram se der considerados burgueses e de serem tratados e maltratados como tais. Passaram ao círculo da população trabalhadora, da que realiza trabalho produtivo e útil; se lhes protegeram contra as expropriações e se assegurou a remuneração decorosa.²²⁴ (KAUTSKY, 2018, p. 93, tradução nossa).

Sobre tais críticas, Trotsky responde:

Com licença de todos os filisteus, a ditadura do proletariado começa precisamente maltratando as classes até então dominantes para obrigá-las a reconhecer o novo regime e submeter-se a ele. Educados no preconceito da onipotência burguesa, os intelectuais profissionais demoraram muito em acreditar, em poder acreditar, em querer acreditar que a classe operária fosse capaz de administrar o país, que não conquistara o poder por um acaso, que a ditadura do proletariado fosse um fato inelutável. Os intelectuais burgueses consideravam, pois, com muita displicência as suas obrigações para com o Estado operário, mesmo quando entravam para o seu serviço, e lhes parecia muito natural, dentro de um regime proletário, ora entregar aos imperialistas estrangeiros ou aos guardas brancos os segredos militares e os recursos naturais, ora receber subsídios de Wilson, de Clémenceau ou de Mirbach para a propaganda anti-soviética. Era preciso demonstra-lhes com fatos – e demonstrá-lo com decisão – que o proletariado não tomara o poder para permitir gracejos de gosto tão duvidoso à sua custa. (TROTSKY, 1969, p. 122).

Ao contrário da consideração de Kautsky sobre os especialistas e intelectuais burgueses, Trotsky explica sob que contexto e relações estes setores estabeleceram com o regime soviético: além de uma simples descrença na possibilidade de um Estado ser dirigido por operários “sem instrução” e sem uma “educação de nível

224 “Como ocurre generalmente en la república de los sóviets que se guía por la mera voluntad y no por el conocimiento de la realidad viva, se vio posteriormente la imposibilidad de tal acuerdo y se trató de procurarse la cooperación de los intelectuales, prescindiendo del trabajo obligatorio que antes se les había impuesto; se trató de emplearlos en los trabajos de que entendían. Los intelectuales que entraron al servicio del gobierno cesaron de ser considerados como burgueses y de ser tratados y maltratados como tales. Pasaron al círculo de la población *trabajadora*, de la que realiza trabajo productivo y útil; se les protegió contra las expropiaciones y se les señaló una remuneración decorosa.” (tradução nossa).

elevado”, como diria Kautsky, contribuíram, no decorrer do processo revolucionário e na luta pela sua manutenção, para a contrarrevolução burguesa.

No momento em que estes setores, por sua fragilidade social e política, deixam de apresentar resistências e ameaças ao poder operário, foi que o regime soviético alterou sua política: em vez de combatê-los, passou a cooptá-los, como revela Trotsky:

É inteiramente falso que o nosso partido, por não compreender o papel dos intelectuais na obra de reorganização econômica e cultural que temos a realizar, tenha procurado prescindir deles. Ao contrário. Quando a luta pela conquista e consolidação do poder estava no seu período mais agudo, no momento em que quase todos os intelectuais constituíam um batalhão da burguesia, lutando abertamente contra nós ou sabotando as nossas instituições, o poder soviético movia uma guerra impiedosa contra os “especialistas” porque conhecia a sua extraordinária capacidade organizativa quando, limitando-se a cumprir as missões confiadas por uma das classes fundamentais, não alimentavam a ideia de ter uma política “democrática” própria. Somente depois de enfraquecermos a resistência desses elementos com uma luta implacável, foi-nos possível convidar os especialistas do trabalho. E o fizemos imediatamente. A coisa não era tão simples. Em virtude das relações existentes na sociedade capitalista entre o operário e o diretor de fábrica, entre o empregado de escritório e o administrador, entre o soldado e o oficial, subsistia uma profunda desconfiança de classe para com os especialistas, desconfiança que aumentou ainda durante o primeiro período da guerra civil. Os intelectuais tinham decidido matar a revolução operária pela fome e pelo frio, custasse o que custasse. Era preciso atenuar os ressentimentos dos trabalhadores, passar da batalha encarniçada a uma elaboração pacífica; e a coisa não era fácil. As massas operárias precisavam acostumar-se a ver no engenheiro, no agrônomo, no oficial, não o explorador de ontem, mas o colaborador útil de hoje, o especialista indispensável posto à disposição da República dos Sovietes. Já mostramos o erro de Kautski ao atribuir ao poder soviético a intenção de substituir os especialistas por proletários. Mas nas grandes massas proletárias se manifesta uma certa tendência nesse sentido. [...] Todas as vezes que essas tendências se manifestaram, de forma um pouco precisa, nós a combatemos. (TROTSKY, 1969, p. 122- 123).

Assim, Trotsky refuta o argumento de Kautsky, que nega a necessidade de combater os intelectuais e especialistas que optaram por ajudar o inimigo em meio a uma revolução e uma guerra civil e desconstrói a ideia difundida por ele e sua escola de que os revolucionários russos menosprezaram esta camada social.

O rechaço aos intelectuais e especialistas burgueses que não aceitaram a existência do novo regime russo, não significou que os operários prescindem dos conhecimentos técnicos e científicos. A importância dada pelo regime soviético aos intelectuais na edificação do *novo* foi na proporção das condições especiais de alimentação, habitação, serviço de saúde e condições de trabalho ofertados à eles, com a única condição de concordância com a superação do velho regime social.

Ao abordar a questão dos intelectuais e especialistas, Trotsky preocupa-se com a organização científica da produção. Com a contribuição dos conhecimentos técnicos dos especialistas, defendia que tanto a indústria quanto o exército permaneciam sob o controle e direção-geral do operariado. Já no campo da educação e do ensino, especialistas desenvolveram experimentações pedagógicas que resultaram em profícuos debates sobre métodos e concepções pedagógicas²²⁵.

No capítulo *As questões da organização do trabalho*, o oitavo do texto de Trotsky, ele responde as falsas acusações sobre a desestruturação da economia russa, supostamente atribuída e provocada pela experiência revolucionária dirigida pelos bolcheviques. Trotsky explica que anterior a ocorrência da Revolução Russa de 1917, a economia do país já se encontrava bastante desorganizada em função da guerra imperialista de 1914, o que se agravou com o bloqueio econômico imposto pelos países capitalistas à Rússia soviética e pela guerra civil, igualmente financiada pela burguesia internacional:

A guerra imperialista que precedeu a revolução prejudicou muito mais a nossa jovem indústria, com as suas insaciáveis exigências técnicas e materiais, do que a dos mais poderosos Estados capitalistas. Os nossos transportes, principalmente, sofreram uma crise espantosa. A exploração das estradas-de-ferro foi aumentada consideravelmente, provocando, em consequência, o estrago do material respectivo, e isto quando a sua renovação se reduzia ao mínimo. O inevitável ajuste de contas foi precipitado pela crise do combustível [...]. Vemos, pois, que as causas principais da ruína dos transportes russos atuam desde antes de novembro de 1917. E mesmo as que se prendem direta ou indiretamente à Revolução de Outubro, embora se devam mencionar entre as consequências políticas desta, nada tem a ver com os métodos de economia socialista. (TROTSKY, p. 134-135).

225 Este debate está presente nas obras de Pistrak (2000), Shugin (2013) e Krupskaya (2017).

Neste mesmo capítulo, são reproduzidos relatórios, cujos textos já haviam sido apresentados em congressos anteriores²²⁶. Estes relatórios tratam sobre a organização do trabalho no regime soviético e a defesa da implementação do trabalho obrigatório, da militarização do trabalho, dos exércitos de trabalho e apresenta um esboço de plano econômico. Não adentraremos em pontos específicos de tal proposição, uma vez que escapam ao objeto da presente tese, todavia, discorreremos suas ideias centrais, na medida em que estabelecem nexos e relações com a questão da educação.

Em geral, os relatórios sobre a organização do trabalho apontam uma mudança de direção nas prioridades do regime soviético. Em suas considerações iniciais, analisa que a guerra civil caminha para o seu desfecho, no que se reduz as exigências dos grandes esforços desprendidos em torno dela. Em decorrência desta avaliação, sugere-se uma atenção maior para a organização do trabalho, segundo ele, base da organização da sociedade que se está construindo. Explica-se que a coação governamental, usada para exploração do trabalho da maioria da sociedade em benefício de uma minoria, cede lugar na história, na primeira tentativa de organizar o trabalho em proveito da maioria social, contudo, que esta coerção ainda não deve desaparecer por completo: “O elemento de coação, de coerção, não só não abandona a cena histórica, como, pelo contrário, desempenhará no curso duma época muito longa um papel importantíssimo.” (TROTSKY, 1969, p. 138).

Deste modo, defende-se a permanência e a necessidade da coerção e da coação para garantia do princípio de que todos trabalhem e, assim, avançar no desenvolvimento da produtividade necessária para o aumento da produção e da riqueza social, o que se traduz, entre outros aspectos discorridos, na exigência da assiduidade no trabalho: “A assiduidade não é uma virtude inata nele [ser humano]; ela se forma pela coação econômica **e pela educação do meio social.**” (TROTSKY, 1969, p. 138, grifo nosso).

No projeto de organização do trabalho no regime soviético, portanto, Trotsky expõe que, além da coação, a “educação do meio social” seriam instrumentos fundamentais para garantia da assiduidade no trabalho com o objetivo de elevar a

²²⁶ Terceiro Congresso Pan-russo de Sindicalistas, Congresso Pan-russo dos Sovietes de Economia Popular e IX Congresso do Partido Comunista Russo, segundo o próprio texto (TROTSKY, 1969).

produtividade social. A educação e a coação seriam, portanto, duas dimensões que, lado a lado, contribuiriam para a formação de um hábito de trabalho disciplinado, no que resultaria a produção social da riqueza.

Para arguir sobre a necessidade da disciplina no trabalho, Trotsky (1969, p. 138) chega a concordar com a afirmação que “[...] o homem é um animal muito preguiçoso”, e sustenta que essa característica pode estar na base do progresso humano, uma vez que o desenvolvimento da técnica e da cultura foram, em sua visão, conquistados a partir da preocupação dos seres humanos em “poupar as suas forças e energia” (TROTSKY, 1969, p. 138). Tal raciocínio, contudo, não possui bases teóricas e científicas plausíveis (DARWIN, 2009; HARARI, 2015).

Nos relatórios, Trotsky propõe a implantação do trabalho obrigatório para resolver o problema da dispersão da mão de obra: “[...] como reuni-la? Como conduzi-la para junto da obra? Como organizá-la industrialmente?” (TROTSKY, 1969, p. 139), são algumas questões que precisavam ser resolvidas. De acordo com ele, a organização da mão de obra é a chave para a organização da economia, o que engloba a vida de operários e camponeses.

O princípio da obrigação do trabalho é indiscutível para os comunistas:

Quem não trabalha não come.

E como todos precisam comer, todos são obrigados a trabalhar. O trabalho obrigatório está inscrito na nossa Constituição e no Código de Trabalho. Mas até hoje era apenas um princípio. A sua aplicação só tivera um carácter accidental, parcial, episódico. Somente agora, diante das questões suscitadas pela reorganização do país, foi-nos imposta em sua realidade implacável a necessidade da obrigação do trabalho. A única solução regular, tanto em princípio, como na prática, consiste em considerar toda a população do país como uma reserva necessária de força operária – como uma fonte quase inesgotável –, e em organizar, numa ordem rigorosamente estabelecida, o seu recenseamento, a sua mobilização e a sua utilização. (TROTSKY, 1969, p 140).

Dada as razões para se adotar o trabalho obrigatório, faltava resolver a questão de como fazer a mobilização, o recenseamento e o deslocamento das massas de trabalhadores às necessidades gerais da produção. Neste sentido, Trotsky considera um conjunto de cuidados para a materialização de tais ações,

dentre os quais: “ter em conta os interesses e costumes locais” (TROTSKY, 1969, p. 142). Soma-se a isto, sobretudo, a importância da educação em torno da aplicação deste *princípio* comunista:

As medidas administrativas e organizatórias são insuficientes para organizar esta obra, que abarca os próprios fundamentos da economia pública e da existência, que se choca com os preconceitos e hábitos psicológicos. A efetividade do trabalho obrigatório implica, de um lado, **numa obra colossal de educação**, e, de outro, na maior prudência no modo prático de realizá-la” (TROTSKY, 1969, p. 141, grifos nossos).

Assim, mais uma vez, Trotsky considera a necessidade e a importância da educação, num esforço “colossal”, para garantir as medidas administrativas e organizativas do trabalho no regime soviético. A educação, juntamente a coerção, seriam dois instrumentos fundamentais para a nova sociedade em construção e, particularmente, para a instituição do trabalho obrigatório.

Como decorrência deste último, Trotsky defende a militarização do trabalho: “O trabalho obrigatório seria impossível sem a aplicação – em certa medida – dos métodos de militarização do trabalho. Esta expressão nos leva logo ao domínio das maiores superstições e dos clamores da oposição.” (TROTSKY, 1969, p. 142).

Ao responder à oposição bolchevique (particularmente, refere-se aos mencheviques), Trotsky apresenta argumentos que sustentam a proposta e os métodos de implantação de militarização do trabalho: inicialmente, explica que tal medida possui lastro na militarização do próprio Exército Vermelho, cuja proporção de camponeses em detrimento de operários fora relativamente maior em sua composição social. Contudo, quando as massas camponesas demonstravam lassidão nas frentes de combate, os operários avançados, saídos dos organismos partidários, “[...] seguiram para a frente, a fim de organizar o Exército Vermelho à sua imagem, **a fim de educar**, temperar, militarizar a massa camponesa.” (TROTSKY, 1969, p. 143, grifos nossos).

Assim, na consideração de Leon Trotsky, se a educação constitui-se como um dos alicerces para a implementação da obrigatoriedade do trabalho, na militarização do trabalho não seria diferente. Um dos argumentos mencheviques, apresentados

no texto de Trotsky, é que a obrigatoriedade e a militarização do trabalho provocariam pouca produtividade. Mas na visão do revolucionário russo:

Ao afirmar que o trabalho obrigatório é sempre pouco produtivo, procuram destruir toda a nossa obra econômica na atual época de transição, pois não se pode pensar em se passar da anarquia burguesa à economia socialista sem recorrer à ditadura revolucionária e aos métodos coercitivos de organização econômica. (TROTSKY, 1969, p. 144):

A caracterização de tal momento como “época de transição”, isto é, “das formas de produção capitalista às formas de produção socialista” (TROTSKY, 1969, p. 144)²²⁷ é, na avaliação de Trotsky, a “divergência fundamental” que decorrem as outras, como o trabalho obrigatório e a coerção no regime soviético. No caso específico da organização do trabalho, a *etapa de transição* significaria:

[...] a transição da partilha desordenada da mão-de-obra, graças ao jogo da compra e venda, das oscilações dos preços no mercado e dos salários, a uma distribuição racional dos trabalhadores, feita pelos órgãos de distrito, de província, de todo o país. (TROTSKY, 1969, p. 147).

Sobre o debate do maior ou menor grau de produtividade no *período de transição*, Trotsky coloca do seguinte modo:

É certo que o trabalho livre é mais produtivo do que o obrigatório, no que respeita à passagem da sociedade feudal à sociedade burguesa. Mas é preciso ser um liberal, ou um kautiskista, para em nossos dias, eternizar esta verdade e estendê-la a atual época de transição do regime burguês ao socialista. Se é certo, como diz a declaração dos mencheviques, que o trabalho obrigatório é sempre, quaisquer que sejam as circunstâncias, menos produtivo, nossa reorganização econômica está condenada à ruína. (TROTSKY, 1969, p. 147).

227 Outras denominações usadas na obra são: “[...] período de transição do capitalismo ao socialismo” (TROTSKY, 1969, p. 144); “época de transição do regime burguês ao socialista.” (TROTSKY, 1969, p. 147); e “[...] Estado soviético, isto é, no estado de transição ao socialismo.” (TROTSKY, 1969, p. 172). Atente-se para o fato de que o período de transição não seria igual ao socialismo, mas um *caminho, etapa, período, época, estado* para alcançá-lo.

Ao desenvolver o seu argumento, Trotsky explica que o trabalho *livre* é uma ficção jurídica criada pela burguesia para se comprar e vender livremente a força de trabalho no mercado capitalista; que, para além dessa falsa ideia de *livre* que a história da humanidade nunca experimentou, o regime bolchevique propõe um trabalho social e regulado que só tem sentido se obrigatório a todos:

A história conheceu a escravidão, a servidão, o trabalho regulamentado das corporações da Idade Média. Hoje, em todo o universo, impera o salariato, que os escritorezinhos amarelos de todos os países opõem como uma liberdade superior à “escravidão” soviética. Nós, ao contrário, opomos à escravidão capitalista o trabalho social e regular, baseado num plano econômico, obrigatório para todos e, por conseguinte, obrigatório para todos os operários do país. Sem ele é mesmo impossível pensar no advento do socialismo. O elemento de coação material, física, pode ser mais ou menos grande; isto depende de muitas condições: do grau de riqueza ou pobreza do país, do nível cultural, do estado dos transportes e do sistema de direção, etc, etc.; mas a obrigação e, por conseguinte, a coerção é a condição indispensável para refrear a anarquia burguesa, para a socialização dos meios de produção e dos instrumentos de trabalho e para a reconstrução do sistema econômico segundo um plano único. (TROTSKY, 1969, p. 145).

Observa-se que Trotsky postula, ao lado das condições materiais da produção e da existência (grau de riqueza ou pobreza, estado dos transportes, do sistema de direção, etc.), o elemento do “nível cultural”, como relevante para determinar o grau necessário de coação material e física na sociedade. Como postulado anteriormente, a educação cumpre um papel importante, ao lado da própria coação, como ferramenta para instituir e desenvolver o trabalho obrigatório. A educação e o desenvolvimento cultural do país teria, portanto, na avaliação de Trotsky, significativa consideração, enquanto determinações importantes para a organização dos trabalhadores no novo regime de transição.

No texto, o autor atribui aos sindicatos a responsabilidade em desenvolver esse trabalho educacional. Estas instituições de classe perderiam a sua função de reivindicação corporativa sob o modo de produção capitalista e passariam a assumir uma função dirigente e administrativa junto ao Estado:

[...] organizar a classe operária para a produção, **para educá-la**, discipliná-la, distribuí-la, agrupá-la, estabelecer certas categorias e fixar certos operários em seus postos por um tempo determinado; numa palavra, para colocar autoritariamente os trabalhadores, de pleno acordo com o poder, no plano econômico único. (TROTSKY, 1969, p. 148, grifo nosso).

Assim, a defesa da liberdade de venda e compra da força de trabalho, princípio que está na base dos argumentos mencheviques contra a obrigatoriedade e militarização do trabalho, choca-se com os planos econômicos traçados pelo Estado Operário, que rompe com esse princípio liberal sem, ainda, abrir mão da necessidade da coação estatal para implantar um outro tipo de organização do trabalho, não mais voltado para a exploração burguesa por meio de sua compra-venda, mas sim para o controle e planificação da produção social em torno das necessidades básicas dos próprios trabalhadores.

Trotsky lembra que a militarização do trabalho já fora usada pelos regimes burgueses em diferentes momentos da história, em diversos países, no qual inclui o regime dos czares. No Estado Operário, entretanto, há uma divergência de conteúdo nesta forma de organização do trabalho:

Mas a nossa militarização distingue-se dessas outras pelos seus fins e métodos, como o proletariado consciente e organizado para conseguir a sua emancipação se distingue da burguesia consciente e organizada para a exploração. (TROTSKY, 1969, p, 143).

Deste modo, Trotsky considera o caráter de classe do Estado como determinante que distingue a proposta de uma política estatal burguesa de uma operária, ainda que a forma desta política, no caso, implementação da coerção e da militarização do trabalho, sejam coincidentes. Em síntese: “Todo o problema se reduz a saber quem exerce a coação, contra quem e porque: que Estado, que classe, em que circunstâncias, por que métodos.” (TROTSKY, 1969, p. 149).

Trotsky argumenta que a produtividade do trabalho não se resume apenas a questão da adoção de uma forma jurídica, mas leva em consideração um conjunto de determinações sociais complexas. Em sua visão: “Toda a história da humanidade

é a história da organização **e da educação do homem social para o trabalho**, a fim de se obter uma maior produtividade.” (TROTSKY, 1969, p. 149, grifos nossos).

Mais uma vez, em sua visão, a construção social do homem, numa base produtiva dada, é indissociável a um projeto de educação deste homem.

De acordo ele, o nível de produtividade representa o nível de desenvolvimento da civilização como um todo. Também discorre sobre como a classe burguesa se preocupou com a produtividade, em sua articulação com o desenvolvimento da educação:

O trabalho “livre” não nasceu com toda a sua potência produtiva; só alcançou uma grande produtividade progressivamente, pela aplicação prolongada de métodos de organização e educação do trabalho. Essa educação empregou os meios e processos mais diversos, que se modificavam, aliás, segundo as épocas. (TROTSKY, 1969, p. 150, grifo do autor).

Dentre estes diversos meios empregados pela burguesia para educar a classe trabalhadora com a finalidade de aumentar a produtividade social do trabalho, encontram-se, de acordo com Trotsky, políticas governamentais como a expulsão do camponês de suas terras e o uso de enforcamentos ou aprisionamentos dos que se recusavam ao trabalho, entre outros. Posteriormente, a burguesia empregou outros métodos mais persuasivos, como o uso dos sacerdotes e da religião. Além disso, ela “[...] Adaptou a escola, a imprensa, os municípios e o parlamento ao seu objetivo de moldar as ideias da classe trabalhadora.” (TROTSKY, 1969, p. 150).

A escola, como instituição educacional específica, mais uma vez é concebida como instrumento de coesão social sob o domínio da burguesia sobre os trabalhadores.

O pagamento da força de trabalho em diversas formas de salário e a cooptação das *trade-unions*, conformariam outros mecanismos desse processo, segundo ele, de educação e disciplinamento da classe trabalhadora. O uso dos métodos científicos da produção, como o taylorismo, aperfeiçoaram este processo da busca por produtividade sob o regime burguês. Em resumo:

Do que fica dito se deduz claramente que a produtividade do trabalho livre não é qualquer coisa de determinado, de estabelecido, apresentado pela história numa bandeja de prata. Não! É o resultado de uma larga política tenaz, repressiva, **educadora**, organizadora, estimulante, da burguesia para com a classe operária. Pouco a pouco, aprendeu a subtrair uma quantidade cada vez maior de produtos do trabalho dos operários, e o recrutamento voluntário, única forma de trabalho livre, normal, sadia, produtiva e útil, foi em suas mãos uma arma poderosa.

Uma forma jurídica de trabalho que assegure por si mesma a produtividade nunca existiu na história, nem pode existir. A forma jurídica do trabalho corresponde às relações e ideias da época. A produtividade do trabalho se incrementa na base do desenvolvimento das forças técnicas, **da educação do trabalho**, em virtude da adaptação progressiva dos trabalhadores aos meios de produção, que se modificam constantemente, e às novas formas de relações sociais.

O estabelecimento da sociedade socialista significa a organização dos trabalhadores em novas bases, a sua adaptação a estas, **a sua educação visando ao aumento constante da produtividade**. A classe operária, sob a direção da sua vanguarda, deve dar a si mesma **a sua educação socialista**. Quem não compreende isto, não conhece palavra do abecê da realização socialista. (TROTSKY, 1969, p. 151, grifos nossos).

Nesta síntese, Trotsky é taxativo tanto ao erro dos mencheviques em discordar da produtividade do trabalho sob a égide do trabalho obrigatório via coerção, quanto as relações e nexos que a educação tem na contribuição ao processo da produtividade em geral: a “educação do trabalho” está na base da necessidade do aumento da produtividade do trabalho.

Uma sociedade socialista, organizada sob novas bases produtivas, necessita constituir um tipo de educação no qual visa um constante aumento da produtividade do trabalho, para tanto, a “educação socialista”, primeira vez mencionada no texto, seria um dos alicerces em direção a este “constante aumento” da produtividade no socialismo.

Infere-se a partir de seu pensamento que, diferente dos modos produtivos anteriores, onde a educação foi traçada por uma classe social minoritária para disciplinar, convencer e pacificar outra classe para o trabalho produtivo, no qual uma parcela deste lhe é expropriado em benefício da concentração da riqueza, no socialismo, é dever da própria classe operária, em especial de sua vanguarda

consciente, dar a si mesma essa educação. O socialismo ainda não está estabelecido, posto que ele significa a organização dos trabalhadores em “novas bases”. Essas bases produtivas e sociais ainda não existem, pois elas são justamente o que se pretende alcançar e desenvolver com o aumento da produtividade via a implantação do trabalho obrigatório e militarizado, cujos alicerces estão na coerção e na educação.

A educação socialista, que aparece pela primeira vez na obra de Trotsky, está, assim, diretamente relacionada com a educação necessária para o aumento da produção. Essa é a questão de vida e morte para a existência do socialismo. Enquanto uma etapa transitória, esta somente pode ser alcançada com um grau elevado de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, relações que permitam abolir a divisão das classes sociais e com elas, o próprio aparelho de Estado e sua função repressiva e coercitiva. E que métodos de reeducação seriam estes? Pergunta Trotsky, que responde:

São mais vastos do que os da burguesia e, além disso, honrados, justos, francos, limpos de toda hipocrisia e de todo embuste. A burguesia tinha que lançar mão da mentira para apresentar o seu trabalho como livre, quando na verdade não só era socialmente imposto, como até escravizado, [...]. Ao contrário, organizamos o trabalho no interesse dos próprios operários, e por isso nada pode levar-nos a ocultar ou encobrir o caráter socialmente obrigatório de sua organização. Não precisamos contar histórias de padres, de liberais nem de kuantiskistas. Dizemos clara e francamente às massas que só podem salvar, educar e levar o país socialista a uma situação brilhante à custa de um trabalho rigoroso, de uma severa disciplina e da maior pontualidade por parte de todos os trabalhadores. O meio principal que empregamos é a ação da ideia, a propaganda não pela palavra, mas pelos fatos. (TROTSKY, 1969, p. 151-152).

Neste sentido, enquanto a burguesia recorreu à religião como sua principal arma moral, o regime bolchevique adotou

a explicação do verdadeiro estado de coisas, a difusão dos conhecimentos naturais, históricos e técnicos, a iniciação nos segredos do plano geral da economia governamental, na base do qual se deve utilizar a mão-de-obra de que o poder soviético dispõe. (TROTSKY, 1969, p. 152)

Dois instrumentos são destacados por Trotsky nesse trabalho de reeducação dos trabalhadores: os sindicatos, conforme já mencionado, associado ao jornal²²⁸, que extrapola a mera função de um agitador política:

Os sindicatos devem empreender, na maior escala, uma obra de educação científica e técnica para que o próprio trabalho de todo operário o obrigue a desenvolver a atividade teórica do pensamento. Esta última, girando em torno do trabalho, o aperfeiçoa e o faz mais produtivo. A imprensa deve por-se à altura da missão do país, não somente como faz hoje, isto é, no sentido de uma agitação geral em favor de uma recrudescência da energia operária, mas também discutindo e examinando os trabalhos, planos e meios econômicos concretos, o modo de resolvê-los e, principalmente, de verificar e julgar os resultados conseguidos. Os jornais devem seguir dia a dia a produção das fábricas mais importantes, registrando os êxitos e fracassos, enaltecendo uns e denunciando outros... (TROTSKY, 1969, p. 153).

Leon Trotsky sugere que no regime dos soviets, as organizações sindicais devem empreender uma função que está além das ações desenvolvidas sob o modo de produção capitalista: construir uma “educação científica e técnica”, de modo a sujeitar ao operário o desenvolvimento de uma “atividade teórica”, por sua vez, o jornal deve expor, discutir e verificar os planos econômicos do trabalho e da produção, acompanhar o cotidiano da produção fabril e expor os resultados do mesmo, de modo a construir uma avaliação (“êxitos e fracassos”) pública e, portanto, educativa.

Relacionado a estes planos, o jornal deve, na visão de Trotsky (1969), reconhecer publicamente os melhores operários, técnicos, engenheiros, mecânicos, ajustadores, etc., tais quais os agitadores de antes da revolução. Sugere que “Os grandes e pequenos dirigentes da técnica devem ocupar um posto de honra no espírito público, sendo preciso obrigar os maus operários a se envergonharem por não estarem à altura de sua missão” (TROTSKY, 1969, p. 153).

²²⁸ Tanto o jornal quanto o sindicato serão considerados importantes ferramentas por Trotsky na questão da educação do modo de vida, presente na seção seguinte, contudo, conforme afirmamos, são ferramentas presentes de forma embrionária no contexto da guerra civil e do comunismo de guerra.

Na medida em que o Estado Operário recompensa os melhores e mais dedicados à produção na construção da nova sociedade almejada; também realiza a punição dos que, por ato de sabotagem, deliberado ou não (indisciplina, preguiça, atraso, prostração), retardam a produtividade necessária ao enriquecimento social geral, destruindo o trabalho coletivo comum. Neste sentido, a ditadura do proletariado e os instrumentos de coação, assim como os de educação, agem com uma finalidade e conteúdo totalmente díspares do Estado burguês e de seus antecessores: promover o enriquecimento material geral do conjunto da sociedade.

Leon Trotsky explica que no regime soviético, a coação ao trabalho não implica em violência contra a classe operária, pois tal regime seria insustentável se não encontrasse concordância na própria massa de trabalhadores.

Trotsky relata algumas experiências exitosas, como os “sábados comunistas” e os “exércitos do trabalho”²²⁹ e defende a construção de um plano econômico unificado para toda a União Soviética que centralize todos os ramos industriais.

Ele apresenta alguns elementos deste plano, divididos em quatro períodos: no primeiro, o objetivo seria conservar os centros industriais e as cidades, com urgência para o sistema de transportes e a estocagem de artigos de primeira necessidade, matérias-primas e combustíveis; no segundo, deve-se voltar-se para a construção de máquinas necessárias ao desenvolvimento dos transportes, especialmente locomotivas; no terceiro, o objetivo seria a construção de máquinas para a produção de objetos de primeira necessidade e; no quarto, a produção de artigos de uso pessoal em grande escala.

Na formulação deste plano econômico, Leon Trotsky depositou suas expectativas na revolução internacional, o que faria, segundo ele, avançar o ritmo de desenvolvimento econômico do país. Tal premissa tem na dianteira uma crítica a ideia de um “comunismo nacional”:

229 Destacamentos militares remanejados para frentes de trabalho ao invés das de combate. Tal medida foi usada, por iniciativa própria de militantes, em função da dificuldade no deslocamento de batalhões em regiões longínquas, distantes das frentes de batalha, no que se evita, assim, a desmobilização das tropas e a execução de tarefas simples (cortes de madeira, retirada de neve das ferrovias, construção e reparos de pontes, etc.).

É claro que não nos inclinamos de forma alguma para um estreito comunismo social e nacional; o desaparecimento do bloqueio e a revolução europeia, principalmente, imporiam modificações profundas em nosso plano econômico, reduzindo as fases de seu desenvolvimento, fazendo-as mais próximas umas das outras. Mas não podemos prever o momento desses acontecimentos. Por esse motivo temos de nos manter, fortalecendo-nos com os nossos próprios recursos, sem levar em conta o desenvolvimento pouco favorável, isto é, lentíssimo, da revolução europeia e universal (TROTSKY, 1969, p. 164).

Como se pode observar, o fato de Trotsky negar a ideia de um “comunismo social e nacional”, conforme sua própria expressão, não paralisaria o regime soviético diante das tarefas de desenvolvimento econômico no país. Todavia, compreende que a revolução europeia não somente poderia acelerar o desenvolvimento econômico soviético, como a própria Revolução Russa seria concebida como parte desta revolução universal, como ficará explícito em sua teoria da revolução permanente, desenvolvida posteriormente.

Trotsky também responde à polêmica sobre o sistema de direção das fábricas e oficinas: enquanto os mencheviques defendiam a constituição de comitês operários para dirigir as fábricas, contra o chamado sistema unipessoal na direção da indústria, adotada pelo congresso dos soviets, ele explica que a forma unipessoal de conduzir a produção não se contrapõe aos interesses gerais do operariado e ao controle coletivo da produção, exercida pelo próprio proletariado:

A atividade dos trabalhadores não se define nem se mede pelo fato da fábrica ser dirigida por três homens ou por um, mas por fatores e fatos de ordem muito profunda: pela criação de órgãos econômicos em que os sindicatos tenham participação ativa, pela criação de todos os órgãos soviéticos que constituem o Congresso dos Sovietes e representam dezenas de milhões de trabalhadores; pela escolha para a direção (ou para o controle da direção) dos próprios dirigidos. Nisto reside a atividade da classe operária. E se a classe operária, no curso de sua própria experiência, chega a pensar, por meio dos congressos de seu Partido, de seus Sovietes, de seus sindicatos, que é preferível colocar à testa de uma fábrica um diretor e não um comitê, esta sua decisão é inspirada pela sua atividade. Pode ser exata ou errônea do ponto-de-vista da técnica administrativa; em todo caso, ninguém a impõe ao proletariado; é imposta pela sua própria vontade. E seria o maior dos erros confundir a questão da autoridade do proletariado com a dos comitês operários que administram as fábricas. A ditadura do proletariado se concretiza pela abolição da propriedade privada dos meios de produção, pela subordinação de todo o mecanismo soviético à vontade coletiva das massas; de modo algum pela forma de direção das diversas empresas. (TROTSKY, 1969, p. 166).

Trotsky defende que a direção unipessoal das fábricas deve partir de uma concepção marxista sobre as tarefas do proletariado, tal concepção estaria assentada na apropriação dos conhecimentos técnicos e dos especialistas construídos pela sociedade burguesa:

Não só desde o começo da revolução, mas desde muito antes, compreendíamos a necessidade de se aproveitarem os conhecimentos e as experiências técnicas do passado, a necessidade de se chamarem os especialistas, de serem eles utilizados o quanto possível, para que a técnica não retroceda e continue em progresso. (TROTSKY, 1969, p. 167).

Além da necessidade do conhecimento técnico como fundamental para organizar e dirigir a produção fabril, Trotsky também contrapõe-se ao argumento menchevique de considerar a tarefa de direção da produção como uma tarefa educativa ao proletariado. Argumenta que a função de direção de uma fábrica é distinto das funções de uma escola, cujo objetivo está circunscrito ao ensino e a aprendizagem de conhecimentos:

Alguns camaradas consideram o órgão da direção econômica principalmente como uma escola. Isto é um absurdo. A missão dos órgãos dirigentes é dirigir. Quem deseja dirigir, e se sentir com aptidão para isso, que vá às escolas, assista aos cursos especiais de instrutores e trabalhe neles como adjunto, a fim de observar e adquirir experiência. Mas aquele que puder dirigir uma fábrica, que não vá a ela para aprender, mas para ocupar um posto administrativo e econômico de responsabilidade. Se se considera ainda esta questão com um critério estreito, direi que o sistema unipessoal representa uma escola dez vezes melhor. (TROTSKY, 1969, 167).

Assim, Leon Trotsky concebe a tarefa de administração das fábricas como uma tarefa importante; que a tarefa se resume em dirigir a fábrica, no que se exige conhecimento técnico para tal função; que a tarefa não inicia com a revolução, isto é, que não se trata de um campo do conhecimento humano que necessite desbravá-lo por ser desconhecido. Para o autor, o conhecimento técnico para dirigir uma oficina, uma fábrica ou a indústria já existe nas escolas e universidades; necessário, pois, que os operários que se disponham à direção das fábricas acessem este conhecimento previamente acumulado.

Todavia, tal critério não seria impeditivo para um operário ser eleito ao posto de direção de uma fábrica. Para o revolucionário russo, a direção da fábrica deve ser composta pelos melhores e mais capazes elementos da classe operária e o sistema de direção unipessoal permitiria uma avaliação mais precisa sobre o desempenho e a atuação do indivíduo na tarefa de direção, em detrimento de comissões compostas por três ou cinco indivíduos, no que a responsabilidade e desempenho individual se mistura com o conjunto de pessoas da comissão.

Dada a atenção que Trotsky dispense para o tema da formação e da necessidade de especialização na administração fabril soviética, ele menciona a possibilidade de surgimento de uma burocracia operária, numa das primeiras referências a este fenômeno, que logo se desenvolveria em toda a estrutura soviética:

Todos os operários que se interessarem seriamente pela questão da organização industrial serão enviados para cursos especiais, intimamente relacionados com o trabalho prático da própria fábrica. Logo serão obrigados a ocupar postos de importância secundária, para serem promovidos depois aos mais importantes. Assim teremos formados milhares e formaremos dezenas de milhares. **A questão da direção de três ou cinco pessoas interessa, não às massas operárias, mas à burocracia operária soviética**, mais retardatária, mais hesitante e menos apta para um trabalho independente. Um administrador avançado, firme e consciente, procura tomar sob sua responsabilidade toda a fábrica para provar aos demais e convencer a si mesmo de que é capaz de dirigir. Mas se o administrador é hesitante, procura unir-se a outros para que a sua debilidade seja despercebida. O sistema de comitês implica em muitos perigos, porque nele desaparece a responsabilidade pessoal. Se o operário é capaz, mas inexperimentado, precisará de um dirigente. Mas sob a sua direção adquirirá os conhecimentos que lhe faltam, e amanhã poderemos fazê-lo diretor de uma pequena fábrica. Assim seguirá o seu caminho. Mas se acontecer cair num comitê onde a força e a debilidade de cada um não se manifestam com clareza, o seu sentimento de responsabilidade desaparecerá infalivelmente. (TROTSKY, 1969, p. 168-169, grifos nossos).

Na avaliação do revolucionário russo, a evidência da responsabilidade pessoal na tarefa de gestão da produção fabril seria distinta da personalidade baseada no individualismo burguês e conclui a polêmica elencando a importância da moral revolucionária, do sentimento de fraternidade e de solidariedade socialista, que não negam a existência de uma individualidade:

O traço predominante da burguesia é um individualismo grosseiro aliado ao espírito de concorrência. O da classe operária não está em contradição com a solidariedade e a colaboração fraternais. A solidariedade socialista não pode basear-se na falta de individualidade e na inconsciência animal. E é precisamente esta ausência de individualidade o que se esconde no sistema dos *bureaux* ou comitês, na administração coletiva. (TROTSKY, 1969, p. 170).

Na conclusão do relatório, Trotsky sustenta a necessidade de combinar vários tipos de instrumentos e métodos para a elevação da produtividade do trabalho e, deste modo, fazer com que o regime soviético chegue ao patamar de uma sociedade e economia socialistas. Dentre estes métodos, encontra-se a elevação do

nível cultural dos trabalhadores russos, o que expressa a importância da educação para a conquista do socialismo:

Procurei fazer compreender, em meu relatório, que para se instruírem os trabalhadores em novas bases, sociais, em relação a novas formas de trabalho, e para se conseguir uma maior produtividade de trabalho, basta um meio: a aplicação simultânea de diversos métodos, o do interesse econômico da coação jurídica, o da influência que a organização econômica internamente coordenada pode exercer, o da coerção e, principalmente, o da persuasão, agitação e propaganda, **e, por último, o da elevação do nível cultural**. Somente com a combinação de todos esses meios se pode alcançar um nível elevado de economia socialista. (TROTSKY, 1969, p. 171-172, grifo nosso).

Mas se a elevação do nível cultural, combinada a outros elementos, é fundamental para se chegar ao socialismo, a educação para o desenvolvimento de tal nível cultural, contudo, ainda não se trata de uma educação socialista e sim, da educação de um período de transição ao socialismo, ou seja, da educação num Estado Operário, no qual a coação econômica e jurídica seriam igualmente importantes à tarefa de desenvolvimento educacional e cultural. Esta caracterização do período, como um *período, etapa, época, estágio* ou *estado de transição* é fundamental para entender as tarefas colocadas para aquele momento. Na avaliação de Leon Trotsky, tal incompreensão seria um dos *divisores de água* com os mencheviques russos ou alemães (kautiskistas) e as tarefas que eles propunham. Nas palavras dele:

O menchevismo, como o kautskismo em geral, perde-se em vulgaridades democráticas e em obstruções “socialistas”. Convenceu-se mais uma vez de que para ele não existe período de transição, isto é, de revolução proletária, que imponha obrigações particulares. Daí provém a passividade gris de suas críticas, de suas indicações, de seus planos e de suas receitas. (TROTSKY, 1969, p. 175, grifos do autor).

O período de transição coincide com o fortalecimento da ditadura do proletariado, isto é, com a institucionalização, mobilização e formação do Exército Vermelho; a implementação do trabalho obrigatório e militarização do trabalho; o uso

da coação econômica, jurídica e, se necessário, física; o recrutamento de especialistas e técnicos do antigo regime czarista russo; a apropriação dos conhecimentos científicos, técnicos, das teorias sociológicas e filosóficas clássicas e burguesas.

A ditadura do proletariado é o próprio Estado Operário, onde a maioria dos trabalhadores democraticamente exerce o poder e sua vontade, portanto, ditatorial, sob a minoria da classe burguesa, o que se estende a setores da pequena-burguesia (como os camponeses)²³⁰ e até da própria classe trabalhadora, que não entenderam ou não acatarem as resoluções e decisões da maioria.

Nesta passagem, Trotsky explica a diferença entre o período de transição ao socialismo e o estágio socialista de desenvolvimento:

O certo é que em regime socialista não haverá instrumento de coerção, nem Estado. O Estado se dissolverá na *comuna* de produção e consumo. Contudo, o socialismo, em seu processo, atravessa uma fase da mais alta estatização. Acharno-nos precisamente nesse período. Assim como a vela, antes de apagar-se, brilha com uma luz mais viva, o Estado, antes de desaparecer, toma a forma de ditadura do proletariado, isto é, do governo mais impiedoso, de um governo que abarca impiedosamente a vida de todos os cidadãos. (TROTSKY, 1969, p. 174).

Uma segunda confusão que guia os mencheviques e os kautskistas alemães, cuja diferença com os bolcheviques seria também fundamental na divisão de posições políticas, estaria relacionada ao caráter de classe do Estado, conforme já discorreremos anteriormente. Ao ser questionado sobre a diferença entre o socialismo proposto pelos bolcheviques no regime soviético e a escravidão egípcia, no qual as massas foram obrigadas a trabalhar sobre coação para construir grandes obras e pirâmides a mando de faraós, Trotsky, mais uma vez, explica:

230 Trotsky concebe o camponês no conceito clássico construído no Manifesto Comunista, como a classe que possui um pequeno meio de produção ou troca e explora a si mesma e sua família. Numericamente importante na Rússia, na avaliação dele, o camponês cumpre um papel social e político atrasado na revolução: “Mas de fato, a classe camponesa, duplamente atrasada, do ponto de vista da cultura e da vida social, politicamente impotente, servia sempre de apoio aos partidos mais reacionários, mais ousados, mais corrompidos, que acabavam invariavelmente por sustentar o capital contra o trabalho.” (TROTSKY, 1969, p. 34).

Inimitável analogia de um “socialista”! O nosso menchevique, também aqui, perdeu de vista um pequeno pecado: a natureza de classe que detém o poder! Abramovitch não vê a diferença que existe entre o regime egípcio e o nosso. Esqueceu-se de que o Egito havia faraós, proprietários de escravos e escravos. Não foram os camponeses egípcios que, por meio de seus sovietes, decidiram a construção das pirâmides: havia ali um regime social hierárquico de castas e foi o seu inimigo de classe que os obrigou a trabalharem. Na Rússia a coerção é aplicada pelo poder operário e camponês, em nome dos interesses das massas dos trabalhadores. Eis o que Abramovitch não notou. Aprendemos na escola do socialismo que todo o desenvolvimento social se baseia na existência de classes e em sua luta, e que o curso da vida depende da classe que ocupa o poder e dos fins em nome de que desenvolve a sua política. Mas isso Abramovitch não o compreendeu. Talvez conheça perfeitamente o Antigo Testamento; mas o socialismo é para ele um livro hermeticamente fechado. (TROTSKY, 1969, p. 175-176).

Quem não consegue diferenciar esta nada sutil diferença, não será capaz de entender a gênese do conflito existente na guerra civil russa, onde ambos, Vermelho e Branco, além do uso de fuzis e calibres idênticos, constituem-se em exércitos que usam da coerção para manter a disciplina interna, como explica didaticamente Trotsky: “Qual é, pois a diferença? Há uma, senhores, e se manifesta por um indício fundamental: quem detém o poder? A classe operária ou a nobreza, os faraós ou os mujiks, a canalha reacionária ou o proletariado de Petrogrado?” (TROTSKY, 1969, p. 176).

Se por um lado, a classe que detém o poder determina o caráter de classe do Estado e do seu Exército, por outro lado, abstraído da finalidade e do conteúdo social e político, a forma de organização de um exército seria mais ou menos idêntica:

O exército burguês é um instrumento de opressão impiedosa e de submissão dos trabalhadores, ao passo que o exército socialista é uma arma de emancipação e de defesa destes. Mas a subordinação absoluta, de um lado e de outro, é um traço comum a todo exército. Um regime interno rigoroso e indissolúvel é a característica da organização militar. Na guerra, qualquer descuido, qualquer ligeireza, até uma simples incorreção, podem ser a causa de perdas consideráveis. Daí a tendência da organização militar de levar ao seu mais alto grau a precisão, a exatidão das relações e a responsabilidade. Estas qualidades “militares” são apreciadas onde quer que apareçam. (TROTSKY, 1969, p. 177).

A exaltação de Trotsky por essa disciplina, que incorre na “precisão e exatidão”, será objeto de preocupação em outros textos, analisados na seção seguinte.

Ao final da obra, Trotsky identifica proximidades entre as ideias de Kautsky e a escola do marxismo austríaco²³¹; denuncia o silêncio de Kautsky diante da burguesia russa e da sua capitulação ao imperialismo alemão e internacional; seu emudecimento diante dos mencheviques e dos SR; suas conspirações contra o regime soviético e seu concurso aos contrarrevolucionários; questiona a cientificidade e objetividade de seu livro e o acusa de ser um propagador de calúnias sobre a revolução e os bolcheviques na imprensa estrangeira:

Mas, acontece com frequência nas obras deste gênero, por trás de uma fachada acadêmico-escolástica se oculta na realidade um libelo político. Este é um dos livros mais mentirosos, mais sem consciência. Não é inacreditável, com efeito, que Kautski recolha as mais infames calúnias antibolcheviques da mina inesgotável das agências Havans, Reuter e Wolf, deixando assim apontar sob o gorro do sábio a orelha do sicofanta? Mas estes grosseiros detalhes não são mais do que adornos de mosaico sobre o fundo do embuste erudito dirigido contra a República dos Sovietes e o partido que está à sua frente. (TROTSKY, 1969, p. 189).

Em seguida, analisaremos o texto *Saber militar e marxismo*, escrito quase simultaneamente a *Terrorismo e comunismo: o anti-Kautsky*, mas diferente deste, aborda questões teóricas com a militância interna ao partido.

4.3 SABER MILITAR E MARXISMO

Trata-se de um discurso estenografado, proferido por Leon Trotsky na 51ª reunião da Sociedade Científico-Militar da Academia Militar do Exército Vermelho, em 8 de maio de 1922. Esta reunião teve como objetivo debater o tema do “[...] lugar do saber e das habilidades militares no sistema dos conhecimentos humanos em geral” (TROTSKY, 1977b, p. 53).

²³¹ Formado por Otto Bauer, Max Adler, Karl Renner, Friedrich Adler e Rudolf Hilferding.

Trotsky polemiza com a tese defendida por alguns militantes pertencentes ao quadro da Academia Militar, que concebem a natureza dos *assuntos militares* como parte das ciências naturais. No debate, Trotsky apresenta sua concepção de *arte militar*; as diferenças desta *arte* com a ciência e; pela primeira vez, discorre mais diretamente sobre o processo educacional da classe operária, considerando o contexto da educação militar em meio a guerra civil russa.

O texto está dividido em duas partes: 1. *Alocução introdutória*, no qual Trotsky realiza uma espécie de *fala de abertura*, onde apresenta a divergência existente na temática e antecipa sua posição e; 2. *Alocução de encerramento*, no qual realiza uma intervenção de encerramento do debate na reunião.

Ao longo do seu discurso, Trotsky recorre como fontes de sua arguição, além de Karl Marx e o método científico desenvolvido em seu trabalho econômico²³², o marxista russo Georgi Plekhanov (1856-1918)²³³, o escritor e literato Gleb Uspenski

232 Por se tratar de um discurso, as fontes não são citadas com precisão. Contudo, no caso de Marx, por exemplo, é dedutivo que Trotsky refere-se a *O Capital*, em função das categorias, conceitos e relações que ele opera no texto sobre mercadoria e comércio.

233 Georgi Valentinovich Plekhanov [Георгий Валентинович Плеханов] foi um dos primeiros teóricos e revolucionários russos do marxismo e um dos maiores representantes da II Internacional Socialista. Na juventude, foi liderança do movimento populista (*noradniks*), cuja ruptura se deveu por discordância dos métodos terroristas. Fundou, juntamente com Pavel Axelrod e Vera Zassulitch, a primeira organização social democrata russa, o grupo *Emancipação do Trabalho*, que realizou intenso trabalho de propaganda teórica do marxismo no seio do movimento operário russo, como a tradução de diversas obras de Marx e Engels para o russo, o que influenciou decisivamente a formação de toda uma geração de revolucionários. Fundou o Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), o qual se integrou Lenin e compartilhou com este a redação do *Iskra*. No Congresso de 1902, que dividiu a social-democracia russa em bolcheviques e mencheviques, ficou contra Lenin em diversas questões, aproximando-se do menchevismo, mas também detestava Trotsky, conforme este relata em *Minha Vida* (TROTSKY, 2017). Na revolução de 1905, adotou uma postura hesitante diante do levante operário e na Primeira Guerra Mundial, capitulou abertamente ao imperialismo da Tríplice Entente, adotando a posição dos defensistas. Na Revolução Russa de Outubro de 1917, colocou-se contra os bolcheviques e o regime dos soviets, sem lhes fazer críticas públicas. Aos 61 anos, faleceu de tuberculose e, apesar das discordâncias teóricas e políticas com os bolcheviques, foi considerado por estes o *pai do marxismo russo*. Entre suas obras, estão: *O socialismo e a luta política* (1883), *Ensaio sobre desenvolvimento e a concepção monista da História* (1895), *O papel do indivíduo na História* (1897), *Arte e vida social* (1912), entre outras. (BOTTOMORE, 2013).

(1843-1902)²³⁴ e o general francês Ferdinand Foch (1851-1929)²³⁵, cujas ideias e teoria são confrontadas por Trotsky.

O debate precisamente se estabeleceu em torno da questão da *ciência militar*, defendida por alguns militantes na reunião. Trotsky iniciou o seu discurso a partir de dois artigos, mencionados por ele: *A propósito de uma paixão teórica* e *Acerca do artigo de Kvanine*, ambos publicados na *Revista Exército Vermelho*, n. 12, de março de 1922.

Segundo a exposição de Trotsky, os artigos divergem sobre a relação entre ciência militar e marxismo: enquanto um defende que a ciência militar não poderia ser fundamentada pelo método marxista, por ser parte das ciências naturais; o outro afirma que o método marxista é um método científico universal e que, portanto, estender-se-ia à ciência militar.

Em seu discurso, Trotsky se posiciona contrário as duas suposições: primeiro, defende que a ciência militar não pertence às ciências naturais, porque “[...] nem é ‘natural’, nem é ‘ciência’” (TROTSKY, 1977b, p. 54); segundo, não pode ser balizada pelo método marxista porque “o materialismo histórico não é um método universal para todas as ciências” (TROTSKY, 1977b, p. 54). Argumenta que os assim chamados *assuntos militares* podem ser tratados sem a preocupação com a teoria do conhecimento ou a filosofia. Neste sentido, ampara-se em Plekhanov e o ratifica:

O materialismo filosófico é uma teoria que está na base das ciências *naturais*, ao passo que o materialismo histórico explica a história *da sociedade humana*. O materialismo histórico é um método que não explica todo o universo, mas sim um grupo estritamente *definido* de fenômenos que condicionam o desenvolvimento do homem histórico. O materialismo filosófico explica o movimento do universo enquanto mudança e transformação da matéria e leva o seu raciocínio até as “mais altas” manifestações do espírito. (TROTSKY, 1977b, p. 55, grifos no original).

234 Por se tratar de um autor fundamental usado por Leon Trotsky para elaborar sobre o modo de vida do povo russo, optamos por melhor abordar esse autor na seção seguinte: *Modo de vida, cultura, arte, educação e socialismo*.

235 General de divisão e comandante do IX Exército Francês, comandante em chefe dos exércitos aliados da Primeira Guerra e teórico militar. Eleito para a Academia de Ciências da França, recebeu vários títulos e honrarias nacionais e estrangeiros. Seu pensamento e doutrina estão expostos em duas obras de sua autoria: *Os Princípios da guerra*, publicado em 1903 e *Sobre a conduta da guerra*, de 1904. (LAFFARGUE, s/d).

Tal passagem, que expressa a visão teórica de Trotsky sobre o materialismo histórico e dialético, resvala em seu posicionamento no debate ora em tela, no caso, se os *assuntos militares* são parte das ciências naturais ou humanas. Por sua vez, tal entendimento sobre o materialismo histórico e dialético sustenta o seu posicionamento sobre as questões relacionados à cultura, ao modo de vida e a educação, como veremos mais adiante, na próxima seção.

Assim, em sua concepção, o esforço por construir uma *doutrina militar* por meio do método marxista “constitui o maior dos erros, que nada cede à tentativa de incluir o saber militar no domínio das ciências naturais”. (TROTSKY, 1977b, p. 56-57).

Deste modo, revela que a ideia de criar uma *doutrina militar unitária* com base *proletária e marxista* já fora posta em discussão anteriormente, o que não trouxe resultados frutíferos, além da necessária indicação de rever os regulamentos militares. Em seu posicionamento, a revisão destes regulamentos seriam mais úteis do que “inventar uma nova doutrina militar por via de decreto” (TROTSKY, 1977b, p. 57), e realiza a seguinte analogia:

A tarefa prática é a seguinte: aprendamos a falar mais simplesmente da cavalaria, é inútil sobrecarregar as nossas discussões sobre a aviação com uma pedante terminologia marxista, com termos sonoros, com problemas altamente significativos – que se revelam muitas vezes um envelope sem conteúdo nem essência (TROTSKY, 1977b, p. 58).

Para Trotsky, a discussão filosófica marxista sobre os conceitos ou doutrinas militares não resolvem as questões imediatas postas pela guerra civil. Segundo ele, o enfrentamento militar que coloca em risco a vitória de *Outubro* exige *tarefas práticas*, como a organização de uma cavalaria ou o disciplinamento de um batalhão. Em síntese, o que Trotsky defende é que a filosofia marxista não ajuda na vitória da guerra, ainda que seja fundamental para entender o conjunto de nexos e relações que determinem as suas causas.

Na segunda parte do texto, Trotsky responde a algumas intervenções que foram realizadas na reunião e expõe sua concepção de *assuntos militares*, que

assumem as denominações de *hábitos militares*, *artesanato militar* e *arte militar*. Ao responder a um militante da reunião, explica as diferenças, em sua visão, entre hábito, arte e ciência:

O camarada Polonsky comparou o chefe militar a um cirurgião. A comparação não é má. O cirurgião faz uma operação. É uma ação que exige um hábito, uma certa arte – e para o estudante que segue a operação – diz o camarada Plonsky – é uma ciência. Claro que não é nada assim. Também para o estudante, a operação não é uma ciência, mas uma aprendizagem. Se um pintor desenha, é arte; em redor dele, há pessoas sentadas, copiando; para essas pessoas, para os alunos, em vossa opinião, trata-se de uma ciência? Não. Um hábito que não é ainda uma ciência. (TROTSKY, 1977b, p. 59-60).

Trotsky intenta desfazer a confusão teórica criada entre ciência e uma atividade que exige a formação de um *hábito*, no caso, procedimentos técnicos especializados. No exemplo da medicina utilizado no texto, um estudante residente que acompanha um cirurgião em sua atividade não faz ciência, o que ocorre com a observação da atividade é um processo de aprendizagem, ou seja, um processo instrutivo para a execução técnica da cirurgia. Em síntese, ciência e a aprendizagem de uma técnica são categorias diferentes, tal qual a atividade científica diverge da ação do cirurgião, que pode demonstrar, ilustrar ou recorrer a técnicas para melhor absorção daquela *arte* pelo residente.

Avaliamos que o mesmo caso se aplica quando adotamos como ilustração, por exemplo, estudantes de um curso de licenciatura: os estudantes que acompanham a aula de um professor num Estágio Supervisionado, não realizam ciência pela simples observação da aula em si, da mesma forma que o professor, em sua atividade de aula, não realiza uma atividade científica com a execução da aula, no que pese um conjunto de conhecimentos filosóficos e científicos sejam necessários e requeridos para o desenvolvimento daquela aula.

Tal exemplo, do médico ou do artista e dos estudantes que o observam, são comentados para se referir a um comandante militar, no qual, na observação de Trotsky, não realiza ciência ao desenvolver uma *operação*.

Trotsky responde a uma segunda intervenção sobre a comparação entre *arte* e *assuntos militares*: “pretende ele – a arte tem critérios estéticos. E a arte prática? E a arte de construir pontes, de construir casas, a arte da canalização?” (TROTSKY, 1977b, p. 60). Em sua visão, a arte, se por um lado, não se resume a uma objetivação estética, por outro, abrange atividades de caráter manual-artesanal.

Em *Literatura e Revolução*, ele aborda a questão da arte em uma compreensão mais ampla e específica desta atividade humana²³⁶; no presente texto, o autor apenas demonstra que a arte pode se apoiar na ciência, uma vez que opera com suas conclusões e o seu método, mas difere dela. Neste sentido, apesar de aparentar que arte é compreendida aqui em seu sentido mais primitivo²³⁷, ela adquire, na prática, uma derivação da atividade do artesanato, isto é, de construir, fazer, etc. Assim, neste texto, Trotsky concebe arte como um estágio superior ou mais avançado que o artesanato. E continua seu raciocínio, aplicado a questões militares:

O camarada Snessarev conseguiu, melhor do que outros, aproximar-se da essência do problema, ao propor que utilizássemos para os assuntos militares o termo de “arte aprendida”. É evidente que se podem inventar dezenas de outros termos e não proponho a legalização do termo de Snessarev, mas em minha opinião, o seu autor mostrou-se mais livre de preconceitos corporativos, declarando: “Não tenho medo do termo artesanato e, portanto, ainda menos medo tenho do termo arte” (TROTSKY, 1977b, p. 61, grifos no original).

Em nota explicativa do tradutor francês, explica-se que a expressão “arte aprendida”, usada no texto, tem como fonte uma palavra²³⁸ “intraduzível em francês” (TROTSKY, 1977b, p. 97). Independente da tarefa do tradutor, o debate da reunião procura por uma nova terminologia que melhor pudesse expressar o entendimento do que seria essa categoria de *assuntos militares*. Sem ater-se a questões

236 Na seção seguinte, *Modo de vida, cultura, arte, educação e socialismo*, vamos analisar como Trotsky concebe a arte a partir da análise desta obra.

237 Do latim: *ars, técnica ou capacidade de fazer alguma coisa*. (ARTE, s/d)

238 No russo, a palavra *obinaoutchennoie* [обнаученное искусство] é uma transliteração do russo para o francês. A nota informa que este termo é constituído pela junção de um sufixo, mais prefixo e a palavra “ciência” [наука], o que originou uma nova palavra russa, difícil de remontá-la em francês, segundo a própria nota.

terminológicas, Trotsky defende que é preciso libertar-se de “preconceitos corporativos” e, neste sentido, opta pelo uso dos termos *artesanato* e *arte* para se referir as questões militares.

Na continuidade do debate, Trotsky esclarece as relações e diferenças entre ciência e saber militar; na breve exposição, discorre sobre alguns conhecimentos necessários a formação do corpo do Exército Vermelho:

Vocês dizem que o comandante deve conhecer a geografia, a história — e eu acrescentaria: não seria mau se conhecesse também a economia política — deve conhecer a história militar, pelo menos do último século. Mas o domínio militar limita-se apenas ao comandante? Não. Não esqueçamos que existe ainda o soldado, o comandante de companhia e o comandante de secção; neles, os assuntos militares permanecem no domínio da **habilidade artesanal**. Se o soldado não conhece a manobra, não passa de carne-para-canhão; se a conhece, é um “artesão”. Mais longe, trata-se de uma **arte**, baseada nos métodos e conclusões de numerosas ciências exploradas pelo saber militar. A estatística é também obrigatória. É necessária a etnografia, bem como a história. Tudo isso são ciências. Mas a atividade militar em si mesma não é uma ciência. (TROTSKY, 1977b, p. 61-62, grifos nossos).

Nesta passagem, além de distinguir ciência de *arte militar*, também discorre sobre alguns conhecimentos científicos importantes para a formação do comandante militar, dentre os quais história, geografia, estatística, etnografia e economia política, além da necessidade de domínio da *habilidade artesanal* do militar. Deste modo, determinados conhecimentos científicos, nos quais encontram-se presentes conteúdos das ciências humanas, devem fundamentar a formação de comandantes militares, na visão de Leon Trotsky.

Todavia, os conhecimentos científicos gerais tomados por si, não são uma garantia da vitória do exército numa guerra. Há conhecimentos específicos relacionados à tradição da arte militar, à sua técnica, a sua especificidade, o que inclui a formação de hábitos disciplinares específicos. A partir desta consideração, Trotsky (1977b, p. 62) insiste que: “Na República Soviética, o nosso método militar define-se, em última análise, pela técnica, pelas relações de classe, etc. Mas é

impossível deduzir dessas justas teses marxistas as estruturas de um regimento de cavalaria!”.

Segundo Trotsky, por mais desenvolvido que seja o marxismo, enquanto método científico para explicar a história humana, o que inclui a história das guerras até ao desenvolvimento e evolução técnica destas, ele (o marxismo) não é capaz de produzir soldados. Trotsky adota como referência para ilustrar o seu raciocínio, um clássico da literatura russa, de Gleb Uspenski, *A força da terra*²³⁹, no qual descreve o modo de vida camponês:

As botas de feltro definem o modo camponês de produção; por sua vez, este último provoca uma série de fenômenos estreitamente ligados à botas de feltro – um horizonte limitado, uma dependência de escravo face à chuva, ao sol e aos outros fenômenos naturais elementares, que, em conjunto, criam os preconceitos. O marxismo pode seguir tudo isso e explicá-lo. Mas poderá o marxismo ensinar como se fazem botas de feltro? Não, não pode. Pode explicar porque é que o mujique usa botas de feltro – porque em sua volta há apenas floresta, a lama e a pobreza – mas não é possível coser botas de feltro segundo o método marxista! (TROTSKY, 1977b, p. 62-63).

Trotsky desenvolve seu pensamento no texto e argumenta que Marx realizou uma extensa e profunda investigação sobre o comércio capitalista como objeto da ciência, mas que tal investigação difere da *arte do comércio* e defende que: “É muito perigoso querer atribuir uma espécie de caráter absoluto ao método marxista” (TROTSKY, 1977b, p. 64). Segundo o revolucionário russo, Marx não tinha a intenção em substituir todos os domínios e áreas do conhecimento humano por um método marxista universal, no que ressalva:

239 *Vlasti zemli* [Власти земли], publicado pela primeira vez em 1882, baseado nas observações do autor sobre o modo de vida camponês na província de Novgorod. Uspenski realizou anotações reais e fictícias, em continuidade a uma obra anterior, *Camponês e Trabalho de Camponês*, de 1880. A obra reúne doze capítulos que contam a história de Iván Bósech [Иван Босых] e a relação dele com a terra, no qual esta determina toda a estrutura da vida cotidiana e a visão de mundo do camponês, segundo a conclusão do autor (FRIEDLANDER, 1956). Uspenski chegou a comparar a sua obra ao romance *Terra*, de Émile Zola, autor de *Germinal*. *Poder da Terra* foi bastante comentado pela crítica, de liberais a populistas russos, até Plekhanov a elogiou, dedicando-lhe o primeiro capítulo de *Escritores de Ficção Noradink*, parte do Tomo X de suas *Composições*. O texto completo e as fontes desta nota, encontram-se nos seguintes sites: http://az.lib.ru/u/uspenskij_g_i/text_0430.shtml e http://az.lib.ru/p/plehanow_g_w/text_0050.shtml

Quer isto dizer que um responsável marxista não precisa do método marxista? De modo nenhum. Seria absurdo negar a grande importância do materialismo para a disciplina do pensamento em todos os domínios. Tal como o darwinismo, o marxismo é uma escola superior do pensamento humano. Não é possível, a partir da teoria de Darwin ou da lei da seleção natural, deduzir métodos de guerra, mas um responsável militar que estudou Darwin será, além de outras qualidades, mais instruído: será mais largo o seu horizonte, terá um maior espírito de oportunidade, observará aspectos da natureza e do homem que antes não via. Isto é tanto mais válido para o marxismo. (TROTSKY, 1977b, p. 64-65).

Assim, Trotsky não se opõe a apropriação do conhecimento científico universal como necessário a formação de um comandante militar, como a necessidade da filosofia e do método marxista para a formação militar, contudo, sua oposição se detém a ideia de que o marxismo, enquanto teoria do conhecimento humano, constituir-se como um método universal, abstrato e válido para todas as ciências ou atividades do ser humano, como as atividades da *arte da guerra*.

Leon Trotsky também distingue, em seu discurso, a ciência da história das guerras e a preparação militar. Segundo o revolucionário russo, a história pode explicar a forma de uma determinada organização social, de uma dada época histórica; a história das guerras pode explicar as determinações que levaram aos conflitos entre nações, povos, tribos, etc, mas não pode predizer que comandos ou táticas são mais eficazes em uma situação real. Apoiado novamente em Marx, pressupõe que:

A economia política de Marx é uma ciência indiscutível, mas não é uma ciência que ensine como dirigir a economia, ou como fazer concorrência no mercado, ou ainda como elaborar *trusts*. É uma ciência que explica como, em certa época, se desenvolveram certas relações econômicas (capitalistas) e quais eram as condições interiores e as leis de tais relações. As leis econômicas estabelecidas por Marx não são verdades eternas, caracterizam apenas uma época determinada da evolução econômica do mundo e, em todo o caso, não são princípios eternos. (TROTSKY, 1977b, p. 69).

Assim, ainda que o conhecimento da história das guerras seja importante para entender as determinações da guerra civil russa em vigor naquele momento, o

estudo da história militar, entretanto, não poderia ensinar a organização da artilharia, a montar na cavalaria ou na garantia da vitória numa frente de batalha, tal conhecimento prático, necessário e urgente para a formação de um exército em guerra, na visão de Trotsky, estaria condensado nos regulamentos militares:

A arte militar do nosso tempo está resumida nos regulamentos. Estes, exprimem a essência da experiência passada, transformada em moeda utilizável para amanhã. É um conjunto de processos artesanais e artísticos. [...], o conjunto das instruções, das ordens e dos regulamentos militares, não podem também formar uma ciência militar. (TROTSKY, 1977b, p. 74).

Em síntese, Leon Trotsky não nega a importância dos conhecimentos científicos, filosóficos, históricos ou mesmo a apropriação do materialismo histórico e dialético na importância da formação do ser humano ou, especialmente, na formação militar de alto nível. Tais conhecimentos formariam a base teórica de um ser humano mais elevado culturalmente, o que propiciaria, no caso da *arte da guerra*, uma visão mais ampla e profunda de um conflito em questão. Todavia, para o que a revolução necessitava naquele momento concreto, diante do cerco militar dos exércitos burgueses apoiados pelas nações imperialistas, a apropriação de regimentos internos que formam o hábito, a disciplina e a destreza militar, tornam-se questões mais urgentes, de vida ou morte para a revolução.

Numa terceira e última ilustração para diferenciar ciência (e marxismo) de *arte militar*, Trotsky recorre ao exemplo de um clássico jogo de tabuleiro – o xadrez. No que pese a imprecisão de suas fontes históricas²⁴⁰, o revolucionário russo, mais uma vez, diferencia o conhecimento necessário para entender as origens de uma atividade e seus nexos com as relações sociais mais gerais, ou seja, o estudo histórico e a habilidade necessária para realizar uma atividade, no caso em tela, a aprendizagem das regras, técnicas e jogadas específicas do jogo de xadrez:

240 Fontes consultadas sugerem que a origem do xadrez ocorreu por volta do século VI, na Índia, a partir de um jogo chamado *Chaturanga*: (COMO..., 2000).

Pode-se mesmo, com o maior êxito, aplicar o marxismo à história do xadrez. Graças ao marxismo, podemos estabelecer o que era a antiga nobreza do gênero Oblomov que a preguiça impedia mesmo de jogar o xadrez; mais tarde, quando as cidades se desenvolveram, deu-se o aparecimento dos intelectuais e dos comerciantes — e veio a necessidade de exercitar o cérebro, jogando o xadrez. E agora, entre nós, são os operários que vão para os clubes jogar xadrez. Os operários jogam hoje xadrez porque derrubaram aqueles que os oprimiam. O marxismo explica perfeitamente tudo isso. Pode seguir-se todo o desenvolvimento da luta de classes, fazendo a história da evolução do jogo de xadrez. Afirmo que é possível escrever, seguindo o método de Marx, um livro maravilhoso sobre a evolução do jogo de xadrez. No entanto, **é impossível aprender a jogar o xadrez de maneira marxista.** O jogo de xadrez tem as suas “leis”, os seus “princípios” [...].

É possível que as condições sociais, por caminhos invisíveis, tenham penetrado até ao cérebro do jogador de xadrez, que, por sua vez, os reflete no seu estilo de jogo, sem mesmo disso se dar conta. Um psicólogo materialista encontraria, sem dúvida, neste fato um certo interesse. **Mas, apesar de tudo, continua a ser impossível aprender a jogar o xadrez de maneira marxista.** O marxismo não ensina como utilizar a surpresa, quando necessária para levar a melhor sobre o inatingível Makhno. (TROTSKY, 1977b, p. 65-66, grifos nossos em negrito).

No exemplo usado por Leon Trotsky, que envolve a aprendizagem de habilidades específicas em torno do jogo de xadrez, o conhecimento das obras de Marx e Engels, assim como, o domínio de seu método de investigação não possui, em sua avaliação, influência alguma na aprendizagem de tais habilidades (regras, técnicas e jogadas do xadrez). O desenvolvimento do pensamento com base numa lógica dialética e materialista, por sua vez, pode influenciar, “por caminhos invisíveis”, o desenvolvimento de um determinado “estilo” no “cérebro do jogador de xadrez”, diz Trotsky (1977b), ou seja, as bases materialistas dialéticas podem permitir o desenvolvimento do ser humano em geral e suas atividades psíquicas superiores de tal modo que formam, possivelmente, sua personalidade e, por conseguinte, orientam suas decisões políticas e pessoais. Todavia, dominar o marxismo não é capaz de formar enxadristas.

É possível estendemos o raciocínio de Leon Trotsky sobre o processo de aprendizagem de um jogo a outras atividades humanas correlatas, sejam elas complexas, como aprender a jogar futebol, voleibol, basquetebol, capoeira, balé,

etc., sejam mais simples, como aprender a chutar uma bola, arremessá-la com as mãos, realizar o movimento de *aú*, da capoeira ou de uma *estrela*, da ginástica? De todo modo, em tais atividades se faz necessário o aprendizado de uma habilidade específica e, portanto, a mediação de um adulto ou especialista para o ensino de determinada habilidade, o que caracteriza o processo educacional, da mesma forma que uma criança aprende as quatro operações fundamentais da álgebra ou a andar.

Assim, seguindo o raciocínio de Trotsky para o jogo de xadrez, usado como exemplo para delimitar os limites do marxismo no processo de aprendizado de uma habilidade cultural específica, não poderíamos inferir que, de modo geral, o marxismo não ensina a andar, saltar, correr, lançar, nadar, dançar, lutar, pintar, calcular, ler? Tal raciocínio não poderia ser aplicado a outros conteúdos culturais? Tais reflexões serão retomadas na próxima seção.

Na questão específica tratada por Trotsky em seu discurso, o objetivo principal dos conhecimentos que pertencem aos *assuntos militares* deve estar voltado à vitória dos revolucionários na guerra, o que faz pressupor um conjunto de conhecimentos, procedimentos e habilidades para tal finalidade. Em sua concepção, tais conhecimentos estariam sintetizados nos regulamentos militares, que não seriam uma ciência, mas “[...] um conjunto de regras e processos dum artesanato ou duma arte” (TROTSKY, 1977b, p. 66).

Como anteriormente mencionado, na visão de Trotsky, *artesanato militar* e *arte militar* seriam níveis distintos de aprofundamento e domínio dos chamados *assuntos militares*, como, mais uma vez, revela esta passagem, no qual ele nega, veementemente, a tese da *ciência militar*:

O conjunto dos “princípios militares” não forma uma ciência militar, pois esta última não existe — do mesmo modo que não há uma ciência de serralharia. Há toda uma série de ciências que o comandante militar deve conhecer, para se sentir absolutamente à vontade na sua arte. Mas a ciência militar não existe, há, sim, um artesanato militar, que pode elevar-se até ao nível da arte militar. (TROTSKY, 1977b, 1977, p. 68, grifos no original).

Em tal acepção, *arte militar* se constitui como um nível diferente e superior ao *artesanato militar*. Esta diferença estaria relacionada ao grau de apropriação e

domínio das habilidades específicas (no caso, militares) que tornam um artesão manual num artista, isto é, um comandante com a capacidade não apenas de reproduzir habilmente uma técnica, mas de responder criativamente e acertadamente às situações e questões concretas que surgem no contexto de uma guerra.

Por último, Leon Trotsky debate e confronta a obra de Ferdinand Foch, marechal e teórico francês da guerra, *Princípios da guerra*²⁴¹. De acordo com Trotsky, as leis e princípios que Foch²⁴² diz reger a *arte da guerra* são as mesmas leis que regem o ser humano e a sociedade em geral, portanto, tais princípios não apresentaria alguma especificidade para com a guerra: “Sob esta forma, não são já princípios militares, mas axiomas de toda a atividade humana em geral” (TROTSKY, 1977b, p. 84).

Para Trotsky, a guerra é um fenômeno histórico e social que exige conhecimentos anteriores e técnicos para a consecução de seus objetivos, ou seja, a vitória sobre os inimigos, todavia, a vitória de uma batalha real possui determinações muito mais específicas advindas de situações concretas da própria batalha. O revolucionário russo relata, por exemplo, como Napoleão Bonaparte conseguiu vencer uma batalha com uma força numérica inferior em seu exército, demonstrando que as condições particulares e específicas, tais quais o estado de espírito da tropa, a condição material do armamento, a experiência dos comandantes, a força numérica dos exércitos, o estado de treinamento dos soldados, etc., seriam os maiores determinantes de uma campanha militar em contraposição a preceitos gerais da atividade militar e sentencia:

241 *Des principes de la guerre: conférences faites à l'École supérieure de guerre*, publicado em 1903.

242 “Há, pois, uma teoria da guerra; no primeiro plano, ela comporta os seguintes princípios: Princípio da economia de forças; Princípio da liberdade de ação; Princípio da livre disposição de forças; Princípio da segurança, etc.” (FOCH apud TROTSKY, 1977, p. 78).

Sob esta forma, os princípios eternos não têm, em si próprios, nada de eterno e nada têm a ver com teoremas; são apenas os sinais convencionais de certos processos, de automatismos empíricos e de experiências positivas ou negativas. De fato, nenhum teórico militar consegue sair dos limites da seguinte contradição: para provarem a eternidade dos princípios da arte militar, excluem toda a experiência histórica viva e reduzem-nos a pleonasmos, a lugares comuns, aos postulados de Euclides ou aos axiomas lógicos. Para provarem, por outro lado, a importância desses princípios no plano militar, inserem neles o conteúdo duma época determinada, duma certa etapa da evolução do exército, conseguindo assim dar-lhes o caráter útil e prático de auxiliares de memória. Não se trata de generalizações científicas, mas de diretivas práticas; não são teoremas, mas regulamentos. Não são eternos, mas temporários. A sua importância é tanto maior quanto menos absolutos são, isto é, quanto mais concreto é o seu conteúdo em função do período determinado, vivo, das particularidades de organização e da técnica deste. Não são absolutos, mas convencionais. Não têm nada a ver com a ciência, são instruções práticas para uma arte. É falsa a afirmação de Frederico II “A guerra é uma ciência para os gênios, uma arte para o homem médio e uma profissão para o ignorante”. Não há nem pode haver “ciência” da guerra no sentido mais estrito do termo. Há uma arte da guerra. Aliás, uma profissão supõe uma aprendizagem e aquele que fez uma aprendizagem deixou de ser um ignorante. Seria mais justo dizer que a guerra é uma profissão para o homem médio e uma arte para o gênio. Quanto ao ignorante, é apenas a matéria-prima da guerra, a carne para canhão e de modo algum é um profissional. (TROTSKY, 1977b, 85-86, grifos do autor).

Na concepção de Leon Trotsky, a guerra é uma arte e a depender do grau de domínio que se tem dela, pode se formar um artesão ou um profissional especialista da guerra, a *arte da guerra* não pode ser deduzida de princípios eternos, teoremas científicos ou leis universais, mas da análise da situação concreta da batalha e do domínio dos regulamentos militares – síntese histórica e prática da relação dos seres humanos com esta *arte*.

Na condição de *arte* ou de *ofício artesanal*, tal atividade precisaria ser ensinada. Deste modo, em sua visão, qualquer leigo ou ignorante nos *assuntos militares* poderia se tornar um *profissional militar* ou até mesmo um *gênio militar*, desde que aprenda sobre esta *arte* ou *ofício*. Em razão disso, Trotsky destaca a importância da elaboração dos regulamentos e manuais na conclusão de seu discurso:

Já discutimos acerca da “doutrina militar”; hoje atingimos os últimos cumes filosóficos. Desçamos de novo, agora, ao estudo prático. Tínhamos pensado num *Manual para o Comandante de Companhia*, mas de momento não está ainda feito. O que será mais difícil escrever — teses abstratas ou um manual para o comandante de companhia? Este último é cem vezes mais difícil, mas é mil vezes mais útil. Aproveito a presença nesta reunião de muitas pessoas competentes para reiterar a minha proposta: demos as instruções gerais para o comandante de companhia, criemos o nosso pequeno livro exemplar, “A ciência de vencer”. Seria uma escola maravilhosa para todos nós — expor a nossa experiência militar em regras claras e nítidas; a fim de que o comandante de companhia possa, não só lê-las com proveito, mas ainda apreendê-las. (TROTSKY, 1977b, p. 90).

O livro mencionado, *A ciência de vencer*²⁴³, trata-se de um clássico militar russo. Na obra em questão, são apresentadas conclusões práticas sobre o treinamento de soldados, táticas de batalhas, estrutura e funcionamento do exército. Ela é citada por Trotsky, para apresentar sua posição de que as lições, ensinamentos e experiências acumuladas do passado, isto é, dos exércitos colonizadores e burgueses, seria fundamentais para forjar os ensinamentos e as lições para as guerras do presente, ou seja, do proletariado russo. Trotsky defende que não apenas se deve se apropriar deste clássico russo da guerra, mas clama para que o Exército Vermelho construa o seu próprio clássico; elabore e sistematize suas próprias experiências, regulamentos e ensinamentos, porém, não mais sob o objetivo da dominação e espoliação dos povos, mas para a sua libertação.

Trotsky termina o seu discurso em *Saber militar e marxismo*, ressaltando qual seria a principal tarefa daquele momento:

A tarefa de todas as tarefas é atualmente **educar esse comandante de companhia**. Educar um comandante de companhia proletário, não significa de modo algum repetir-lhe continuamente que até agora havia a tática burguesa, que doravante haverá a tática proletária. Não, esse tipo de ensino desorientá-lo-ia. **Criar um comandante de companhia proletário, significa ajudar o nosso atual comandante de companhia a assimilar, pelo menos, a soma de conhecimentos e de automatismos que hoje possui o chefe de secção dos exércitos burgueses, para os utilizar conscientemente no interesse da classe operária.** (TROTSKY, 1977b, p. 91, grifos nossos).

²⁴³ *Nauka pobezhdat'* [Наука побеждать], publicado em 1806, pelo generalíssimo Alexander Vasilievich Suvorov (1730-1800).

A educação do comandante de companhia do Exército Vermelho era a principal tarefa, de vida ou morte para a sobrevivência do próprio Estado Operário e das conquistas da Revolução de Outubro de 1917. Nesta conclusão, Trotsky apresenta uma outra polêmica interna ao partido: sobre como educar o comandante militar.

A posição de Leon Trotsky, contrapõe-se à ideia de ensinar aos comandantes militares da classe operária que uma tática militar possui um caráter de classe, ou seja, que um conjunto de conhecimentos, hábitos disciplinares, regulamentos militares são essencialmente de classe, e que, portanto, seria necessário construir as táticas militares proletárias que se oponham às táticas burguesas da guerra. Trotsky defende que no processo de educação da classe operária não se deve negar os conhecimentos, experiências e táticas da burguesia, mas que estes devem ser assimilados, isto é, ensinados aos operários, no caso, comandantes militares do Exército Vermelho. Educar estes comandantes significaria ensiná-los nos conhecimentos, técnicas, táticas, hábitos e disciplinas militares dos exércitos burgueses, para que este conhecimento, historicamente desenvolvido e implementado pelas classes dominantes para subjugar as outras classes, possa ser usado nos interesses da classe operária, agora no poder.

Tal posição, que nega o pertencimento do conhecimento a uma classe, estender-se-á a outros âmbitos, como o modo de vida, a cultura, a arte e a educação da classe operária, como veremos na seção seguinte.

4.4 ARTE MILITAR E EDUCAÇÃO EM LEON TROTSKY

A Revolução Russa de 1917 foi um “ponto de partida de uma época revolucionária” (TROTSKY, 1969, p. 103), época que se apresentou no horizonte com a ruptura dos *ferrolhos de uma porta* de menor resistência, mas que não tornaram o caminho para este horizonte, menos dificultoso. Leon Trotsky chega a adjetivar tais dificuldades como *sobre-humanas* e *extraordinárias*, dado o baixo nível cultural e educacional do povo russo que, diferentemente da educação e da cultura

do proletariado europeu, não fora ensinado nas tradições do parlamentarismo e da democracia burguesa, como tão pouco, dos costumes e das *boas maneiras* da aristocracia operária que, nos países industrializados ocidentais, já conformavam uma camada separada da massa de proletários.

Numa extensão com cerca de oito mil verstas, a Moscou soviética sofria com fome e frio, com homens “insuficientemente alimentados, com os sapatos rotos, com a roupa interior suja, porque o país sofre a falta de calçado e sabão” (TROTSKY, 1969, p. 105-106). Após a conquista do poder político pelos bolcheviques, a tarefa fundamental colocada foi construir e consolidar o Estado, cuja classe social que o controla é a classe operária industrial. Para tal, os bolcheviques não esconderam o caráter de classe do Estado surgido de Outubro e não deixaram de reconhecer, portanto, que um Estado, mesmo controlado pela maioria que produz economicamente a riqueza material, é uma instituição de imposição, força e violência.

A diferença, contudo, deste Estado dos outros tipos até então existentes na história da humanidade, é que o Estado dos Sovietes de Operários, Soldados e Camponeses ou Estado Soviético, expressou a concentração do poder estatal de uma maioria social, ou seja, da legitimidade da violência de classe contra seus antigos e minoritários exploradores, por isso a denominação precisa de *ditadura do proletariado*, adotado anteriormente por Marx e Engels na previsão teórica de uma revolução vitoriosa do proletariado.

Karl Kautsky, cujo nome e respeito nas fileiras do marxismo ultrapassava as fronteiras da Alemanha, discípulo direto de Friedrich Engels e, após a morte deste, maior intelectual que esta vertente filosófica e política possuía até então, não compreendeu esta questão básica, quando ela surge na realidade no momento em que o inculto e ignorante proletariado russo rompe as correntes de Hefesto, que lhes prendiam a vida cotidiana da exploração capitalista.

Um dos maiores teóricos do marxismo existentes até então, depois de Marx e Engels, tomou a classe operária e suas reais contradições como uma categoria ideal; concebeu a oportunidade da revolução ocorrida como um possível desastre econômico-social e; destratou aqueles que estavam a frente – no caso, os

bolcheviques – de tal empreitada. No centro do debate trazido por Kautsky: a educação do proletariado. Para o máximo dirigente do maior partido marxista da Europa daquela época, o proletariado não conseguiria desenvolver a revolução socialista sem um alto nível de educação e cultura.

Todavia, os bolcheviques não negam a necessidade da educação e da cultura para a construção do socialismo, só não concebem tais necessidades como uma etapa prévia, condicionante ou imprescindível sem o qual a revolução não pode se desenvolver. Na compreensão particular de Leon Trotsky, a educação do proletariado necessária à construção do socialismo não é a mesma educação promovida (e limitada) pelo Estado democrático burguês.

A educação nas mãos da burguesia, necessária para que o proletariado tenha o mínimo de instrução adequada para a reprodução da própria máquina produtiva capitalista, não apenas limita a própria compreensão histórica deste modo de produção no proletariado, como lhes incute determinados valores e ideias, tais como a democracia burguesa e o parlamentarismo, habituando-lhes a um determinado convívio social de apassivamento e aceitação em torno de tais instituições. Tal teria sido o *destino* não somente do proletariado europeu, como a do próprio Kautsky.

Neste sentido, Trotsky defende a concepção marxista de ditadura do proletariado, com todo o seu significado:

É evidente que se toma como fim a abolição da propriedade individual dos meios de produção, não se tem outro meio de realizá-la, a não ser a concentração de todos os poderes de Estado nas mãos do proletariado, a criação de um regime temporário de exceção, durante o qual a classe governante não deve deixar-se guiar por normas calculadas para um tempo remoto, mas por considerações revolucionárias conformes a sua finalidade. (TROTSKY, 1969, p. 21).

A ditadura é necessária por que se trata do poder exercido por uma classe revolucionária contra a outra, derrotada, mas não extinta. O poder nas mãos do proletariado, todavia, não exclui a possibilidade de acordos ou concessões, como foi o caso, por exemplo, do tratado de Brest Litovsky e da implementação da própria NEP, posteriormente. O poder do proletariado organizado, portanto, leva em

consideração todos os meios necessários à sua manutenção e desenvolvimento, até mesmo os meios utilizados pela classe inimiga em luta contra tal poder:

Aquele que em princípio renuncia ao terrorismo, isto é, às medidas de intimidação e repressão visando à contra-revolução armada, deve renunciar também à dominação política da classe operária, à sua ditadura revolucionária. Quem renuncia à ditadura do proletariado, renuncia à revolução social e faz uma cruz sobre o socialismo. (TROTSKY, 1969, p. 24).

Pois algumas das polêmicas que se estabeleceram em meio a guerra civil, foi sobre o caráter do Estado, do regime soviético, do uso da violência e do terror como meios legítimos de defesa contra forças inimigas, isto é, dos Estados capitalistas estrangeiros que visavam destruir o Estado dos Sovietes e retomar o poder nas mãos da classe burguesa e monárquica. Esta dura polêmica se deu no seio daqueles que reivindicavam do marxismo e, distante das necessidades históricas do proletariado, puseram uma tal *educação e cultura do proletariado* num pedestal que nada guardava com os acontecimentos históricos concretos em curso.

Havia, por conseguinte, a necessidade de educação de comandantes militares para defender militarmente o Estado Operário. Num momento formativo da *Academia Militar Vermelha*, refletia-se sobre a natureza dos *assuntos militares* e quais tarefas se desprendiam daí. Trotsky defende que os *assuntos militares* não são uma ciência própria, mas uma *arte* ou um *artesanato*, que pode ser embasado pelas diversas ciências, como a geografia, a história, a economia, etc., no processo de formação deste *artesão-artista*.

Contudo, o fundamental para aquele momento seria a apreensão do conhecimento clássico e pragmático, sintetizado nos regulamentos militares dos próprios exércitos burgueses. Atenta-se que não se tratava de uma formação abstrata de um exército qualquer em tempos de paz, mas de um exército recém-formado e em processo de formação, composto majoritariamente por camponeses e operários não instruídos na *arte da guerra*, em meio a um conflito bélico com diferentes exércitos inimigos.

No debate, o exemplo sobre o ensino do xadrez, usado por Trotsky, é ilustrativo de seu pensamento sobre a educação: o marxismo não forma enxadristas. A aprendizagem do jogo de xadrez, da montaria a cavalo ou do uso das baionetas numa infantaria, não perpassam pelo domínio do materialismo histórico e dialético, mas pela apreensão de um determinado conhecimento técnico. Refletimos se o mesmo raciocínio não pode ser estendido ao ensino de uma técnica de pintura, de um conteúdo cultural específico, como aprender skate ou balé ou mesmo no ensino das ciências naturais.

Neste sentido, não existe, defende ele, uma *arte militar burguesa* ou *arte militar proletária*, mas sim, *arte militar*, que precisa ser apropriada pelo proletariado russo em formação para a guerra.

Em 1921, a Revolução Russa estava completando os seus cinco anos de existência e os últimos canhões da guerra civil ainda ressoavam na memória coletiva da classe operária russa, deixando uma pintura cinza de destruição da economia, desorganização da produção, fome e descontentamento.

Se no auge da guerra civil, a invasão e incursão dos *Branços* trouxe dúvidas a um dos principais dirigentes do Exército Vermelho, fazendo-o expressar que:

Chegava-se a perguntar se o país, esgotado, arruinado, reduzido àquela desesperada situação, teria, em geral, bastante vitalidade para sustentar o novo regime e salvar a sua independência. Faltavam víveres. O exército não existia mais. As estradas de ferro estavam completamente desmanteladas. Os serviços públicos reorganizavam-se a muito custo. E de todas as partes supuravam conspirações. (TROTSKY, 1978, p. 333).

Com a dispersão dos últimos destacamentos dos *Verdes*, a fuga de Nestor Makhno²⁴⁴, a derrota dos *Branços* e a captura do barão Ungern²⁴⁵, ambos em agosto de 1921, a guerra civil caminhava para o fim. O historiador francês Jean-Jacques

244 Ver nota 208.

245 Roman Ungern von Sternberg (1886-1922) foi oficial do exército czarista na Primeira Guerra Mundial. Na guerra civil russa, foi um dos líderes dos exércitos brancos, aliado ao governo japonês, aterrorizou a região sudeste da Sibéria e Mongólia. Foi conhecido por sua crueldade e cólera contra comunistas e judeus, chegando a ordenar o extermínio de todas suas famílias. Por sua atuação militar ficou conhecido como “o barão sanguinário” (MARIE, 2017).

Marie descreve o quadro em que se encontrou o país, após este sangrento capítulo da história do povo russo:

Quando terminou, o país estava totalmente arruinado, exangue, esgotado, faminto. Como uma terrível seca assolou o sul e o leste do país no verão de 1921, as destruições e os danos da guerra civil provocaram uma grande fome que ressuscitou o canibalismo e resultou, no inverno de 1921-1922 e na primavera de 1922, em centenas de milhares de mortos no sul do país, na região do baixo Volga. (MARIE, 2017, p. 13).

Em meio a este cenário, sinais de descontentamento dos operários e camponeses com o governo bolchevique eclodiram em diversas partes e de diversos modos. Além das sabotagens rotineiras em meio a guerra civil, a revolta dos marinheiros de Kronstadt²⁴⁶, em março de 1921, indicou tardiamente a necessidade urgente de uma virada na política do comunismo de guerra para o que ficou conhecida como NEP.

Assim, superada o período de guerra, a reorganização não só da economia, mas também do modo de vida, da cultura, da arte e da educação precisavam avançar. Leon Trotsky também esboçará posições nestas categorias, como veremos na próxima seção.

246 A Revolta de Kronstadt (1921) foi uma rebelião de marinheiros da base naval da cidade portuária de Kronstadt, localizada em uma ilha do golfo da Finlândia, Mar Báltico, a cerca de 30 km de Petrogrado. Kronstadt cumpriu um papel importante na Revolução de Fevereiro e Outubro de 1917. Na guerra civil, diversos destacamentos de operários saíram de lá para as frentes de batalha. Em 1921, com a falta de combustíveis, a desorganização na rede de transportes e na indústria como consequências da guerra, o governo soviético foi levado a decretar a redução da ração de alimentos em um terço para os habitantes das cidades. Essas e outras medidas, características do comunismo de guerra, conformaram as bases objetivas da revolta, segundo a análise de Trotsky (2005). Após duas semanas de combate, a revolta interna foi derrotada, segundo o principal dirigente do Exército Vermelho: “o levante de Kronstadt não aparecerá senão como uma reação armada da pequena-burguesia contra as dificuldades da revolução socialista e o rigor da ditadura proletária” (TROTSKY, 2005, p. 29).

5 MODO DE VIDA, CULTURA, ARTE, EDUCAÇÃO E SOCIALISMO

A cultura, cuja perda o burguês deplora, é para a imensa maioria dos homens apenas um adestramento que os transforma em máquinas. (MARX e ENGELS, 1848).

Nesta seção, analisaremos as obras: *Questões do modo de vida, Literatura e revolução* e o texto *Tarefas da educação comunista*, de Leon Trotsky, considerando dois objetivos: a) entender o contexto histórico e social sobre os posicionamentos do autor no debate sobre a reconstrução do modo de vida, da cultura e da educação, inseridos no interior do regime soviético; b) identificar que relações e nexos o autor estabeleceu no texto com o tema da educação.

Deste modo, organizamos esta seção do seguinte modo: 5.1. *Contexto soviético pós-guerra civil*; 5.2 *Questões do modo de vida*; 5.3 *Literatura e revolução*; 5.4 *Tarefas da educação comunista*.

5.1 CONTEXTO SOVIÉTICO PÓS-GUERRA CIVIL

A obra conhecida por *Questões do modo de vida* foi escrita por Leon Trotsky em meados de 1922 e publicada, pela primeira vez, em 04 de julho de 1923, por meio das *Edições do Estado*. Nesse período, a Revolução Russa de Outubro de 1917 completava cinco anos de existência.

O quadro deixado após a guerra civil, de destruição da economia, desorganização da produção e das ferrovias, além do aumento da fome e da miséria, provocou graves descontentamentos sociais em parcelas significativas de trabalhadores, base material para a eclosão de algumas rebeliões localizadas contra o regime soviético, como foi o caso da revolta de Kronstadt e das rebeliões operárias de Petrogrado e Sebastopol.

Neste sentido, ressalta-se que a proximidade do final da guerra civil foi acompanhada pela necessidade de substituição da política do *comunismo de guerra* por outro modo de reorganizar a indústria e a produção, semidestruídas pela guerra. A saída encontrada pelos bolcheviques foi adoção do que foi conhecida como Nova Política Econômica (NEP).

Sobre a criação da NEP, Trotsky (1978) relata que em fins de 1919, as locomotivas quebradas haviam aumentado 60% em relação ao ano anterior e tendiam a se elevar mais no próximo ano, o que poderia paralisar totalmente o sistema de transportes ferroviário. Lenin, assim, propôs-lhe assumir a direção dos transportes e a adotar, caso necessário, medidas para que o sistema ferroviário não entrassem em colapso. Na descrição de Trotsky (1978, p. 387):

Do Ural, voltei com considerável provisão de observações econômicas que se podiam resumir todas numa única conclusão geral, era necessário renunciar ao comunismo de guerra. Pela prática, vira claramente que os métodos que nos haviam sido impostos por todas as circunstancias da guerra civil se tinham esgotado por si mesmos e que, para o reerguimento da economia, seria indispensável introduzir de novo, a todo custo, o elemento do interesse individual, isto é, restabelecer, em certa medida, o mercado interno. Apresentei ao comitê central um projeto segundo o qual se devia substituir as requisições da produção agrícola pelo imposto pago em cereais e pela permissão das trocas comerciais.

Em 1920, esta proposta foi rejeitada pela maioria do Comitê Central bolchevique, no qual incluiu-se a posição de Lenin. No ano seguinte, contudo, com o aguçamento das tensões internas e a eclosão das primeiras rebeliões operárias, a dinâmica da realidade comprovou que tal decisão fora equivocada, segundo o juízo do autor (TROTSKY, 1978).

Assim, no ano seguinte, a NEP foi adotada pelo X Congresso do Partido Bolchevique, realizado entre 8 e 16 de março de 1921, e substituiu a política econômica de requisições forçadas.

Com a NEP, foi permitida a produção privada individual; a formação de sociedades de economias mista entre o setor privado e o estatal; foi determinado um imposto progressivo sobre a produção do campo, reestabelecendo-se, desta forma,

a liberdade de comércio e; até mesmo a associação com capital privado estrangeiro. Em discurso sobre os questionamentos a essas concessões e estímulos ao capitalismo, Lenin responde:

Mas não é perigoso convidar capitalistas, não significa estimular o capitalismo? Sim, significa estimular o capitalismo, mas não é perigoso, pois o poder continuará nas mãos dos operários e camponeses, e as propriedades dos latifundiários e capitalistas não serão restituídas. (LENIN, 1921).

Os resultados da política da NEP foram sentidos de forma quase imediata, pois permitiu um reestabelecimento da produção agrícola em pouco tempo, o que ocasionou o avanço da retomada das forças produtivas e a reorganização industrial das grandes cidades, sentidas na melhoria geral das condições materiais de vida da população.

Em 1922, a produção de trigo chega a $\frac{3}{4}$ do período antes da guerra; a população de Petrogrado, principal cidade industrial russa da época, que havia se reduzido a 740 mil habitantes em 1920, eleva-se para 860 mil em 1923 e, logo chegaria a 1 milhão. Se em 1922, a produção industrial representava somente $\frac{1}{4}$ dos anos antes da guerra, ela aumentou 46% em relação ao ano anterior (BROUÉ, 2014, p. 170). Em síntese: “as plantas industriais abandonadas, repletas de sujeira, cuja maquinaria havia sido roubada peça por peça e cujas chaminés permaneciam apagadas, voltam à vida”. (BROUÉ, 2014, p. 180).

A NEP consistia no reestabelecimento da economia capitalista sob a direção e controle do Estado Operário. Contudo, ela acentuou cada vez mais as contradições econômicas a partir de 1923. Tais contradições, expressa no gráfico apresentado por Trotsky no XII Congresso do partido, denominado *crise das tesouras*, revelou uma relação proporcionalmente inversa nas linhas dos preços dos produtos agrícolas e dos produtos industriais, após elas se cruzarem em 1922. Esta condição gerava novos problemas, como o estancamento da indústria pesada frente a de consumo de bens e serviços, o aumento do desemprego, a diferenciação salarial, o aumento dos preços dos produtos manufaturados e uma distorção no campo, com o

desenvolvimento de uma classe de camponeses ricos. Sobre este fenômeno, Broué (2014, p. 171-172) explica:

O problema que se coloca é se a NEP deve ser mantida integralmente (o que supõe o adiamento da recuperação da indústria pesada, uma ação sobre os preços para pressioná-los para baixo e a execução de uma política de conciliação com os camponeses mediante um incremento das exportações e das isenções fiscais) ou, pelo contrário, se a crise deve ser combatida mediante uma ajuda à indústria pesada. No Birô político, a maioria opta pela primeira solução, defendendo o atual *status quo*. No entanto, Trótski se pronuncia a favor do início de uma planificação que, antes de tudo, sirva ao desenvolvimento da indústria pesada. Esta discordância, que está latente desde o fim de março, época do XII Congresso, não se tornará pública até o outono de 1923.

Assim, a NEP que foi uma solução para o desenvolvimento incipiente da economia soviética, contraditoriamente, originou uma nova classe social no seio do regime: os *homens da NEP* (ou *nepman*) das cidades e os *camponeses ricos* (ou *kulaks*) do campo, pequenos proprietários que enriqueceram a partir desta política, cujas relações de produção trouxeram novas relações sociais e de vida para a Rússia soviética.

Kopp (1979) discorre sobre estas intrincadas e contraditórias relações que surgiram no contexto do final da guerra civil, no qual também entram no cálculo das determinações: a) uma camada de valorosos revolucionários que foi sacrificada fisicamente durante a guerra em defesa do regime soviético; b) a vanguarda da classe operária, que viveu ativamente os acontecimentos anteriores (Fevereiro e Outubro de 1917) e que se encontrou esgotada física e psiquicamente pela guerra, no que resultou na entrada de uma dinâmica de refluxo político e social; c) a própria acensão da NEP e seu modo de vida correspondente, simultaneamente a inserção de uma nova geração de operários nas grandes cidades, advindos do campo, que adentraram não somente na tarefa de reconstrução da economia, mas também do partido.

Em síntese, houve uma transformação na classe operária:

Mas a NEP – economicamente inevitável nas condições que eram as de 1921 – está, ao mesmo tempo, cheia de ameaças para a revolução. Permite o desigual enriquecimento dos camponeses, chegando rapidamente à constituição de **uma categoria de camponeses ricos**, os “kulaks”, cujos domínios se vão alargando, e que empregam cada vez mais camponeses pobres, ou “Biedniaks”, como operários assalariados. Nas cidades, assiste-se a **uma verdadeira mutação no seio da classe operária**. Os quadros operários do antigo partido bolchevista tinham sido dizimados pela guerra civil. O esgotamento físico, as doenças, as missões e os cargos longínquos dispensaram e reduziram esse primeiro núcleo de revolucionários proletários. **Constitui-se uma nova classe operária**. Esta, saída do campesinato pobre e desprovida de toda a tradição política proletária, mostra-se por isso particularmente sensível à influência da nova burguesia engendrada pela NEP, que rapidamente se apresentará aos olhos das massas como um modelo de “modo de vida” totalmente estranho aos ideais revolucionários. (KOPP, 1979, p. 08, grifos nossos em negrito).

Neste contexto, no qual a reconstrução da economia e o aumento da produção industrial tornavam-se tarefas urgentes, que Leon Trotsky se deteve sobre questões relacionadas ao modo de vida, a literatura, a cultura e a educação. Ainda ocupava o posto de Comissário do Povo para o Exército e a Marinha quando da produção destes escritos, enquanto Lenin já compadecia dos fortes sintomas da doença que lhe provocaria o seu primeiro acidente vascular cerebral²⁴⁷.

Sobre os motivos que levaram Trotsky a se dedicar sobre os problemas culturais e do modo de vida, naquele momento histórico, esclarece-nos Kopp:

Quem ignore o que é a situação da Rússia nessa época, pode admirar-se de ver Trotsky dispendir tempo com questões na aparência secundárias: comportamento humano na sociedade, alcoolismo, relações familiares, emancipação das mulheres, correcção da linguagem cotidiana, etc. Explicam alguns a atenção que Trotsky dispensou às “pequenas coisas” pelos traços do seu carácter: exactidão e meticulosidade; mas estas explicações não vão até ao fundo da questão. Se em 1923 Trotsky considera necessário por o acento nestes problemas é porque a situação na Rússia pós-capitalista dos primeiros anos da N.E.P. conferiu a estes problemas carácter essencial. (KOPP, 1979, p. 07).

247 O rompimento de uma artéria cerebral levou-o a paralisia temporária do lado direito do corpo, o que prejudicou sua capacidade de fala. Lenin conseguiu se recuperar em alguns meses e retornou ao trabalho, contudo, no final de 1922 teve que se afastar novamente para fazer tratamento e repousar. Em março de 1923, sofreu um terceiro derrame cerebral que lhe afastou completamente das funções do partido. (BROUÉ, 2014).

Deste modo, ao considerar como fundamental a construção de um plano geral de desenvolvimento da economia soviética, é que Trotsky prestou *atenção aos detalhes*, como intitulou um de seus textos de *Questões do Modo de Vida*.

Atentar-se para os detalhes, isto é, as *pequenas coisas* da vida, tais como: engraxar as botas de modo rotineiro, não chegar atrasado ao posto de trabalho, não cuspir no chão de corredores e escadas públicas e outros exemplos, discorridos ao longo de seu texto, encontrar-se-iam em consonância com um plano mais geral de construção do socialismo. Explica o autor:

Coisas mínimas sem grandes coisas é o que mais abunda na vida humana. Mas em história não se fazem nunca grandes coisas sem pequenas coisas. Mais exatamente: as pequenas coisas, numa grande época, quando integradas numa grande obra, deixam de ser 'pequenas coisas'. Entre nós, trata-se da construção da classe operária, que, pela primeira vez, constrói para si e segundo seu próprio plano. Esse plano histórico, ainda extremamente imperfeito e confuso, deve englobar no seu conjunto criativo único todos os elementos, mesmo os mais insignificantes, da atividade humana. Todas as tarefas menores e isoladas – até o comércio soviético de retalho – são parte integrante da classe operária dominante que procura ultrapassar a sua fraqueza econômica e cultural. A construção socialista é uma construção planejada de grande envergadura. Através do fluxo e refluxo, dos erros e das viragens, dos meandros da NEP, o partido persegue o seu plano, ensina a cada um a ligar sua atividade particular à obra geral, que exige hoje que se cosam os botões com cuidado e que amanhã pedirá que se morra corajosamente sob a bandeira do comunismo. (TROTSKY, 2009, p. 9).

Assim, tais atividades, que podem ser consideradas insignificantes por “alguns intelectuais grosseiros de espírito invertido” (TROTSKY, 2009, p. 9), segundo expressão do autor, que pertencem ao cotidiano do modo de vida operário, foram elevadas a um grau de importância pelo revolucionário russo que ora dirigira o Exército Vermelho, tornando-se o principal objeto de reflexão, problematização e proposição em *Questões do Modo de Vida*.

No prefácio da primeira edição, o autor explica a origem de seu interesse inicial pelo assunto:

Pareceu-me que faltava na biblioteca do partido uma pequena brochura que, sob a forma mais popular, mostrasse ao operário e ao camponês médio o elo que une certos fatores e certos fenômenos da nossa época de transição, e que, apontando para uma justa perspectiva, **serviria de arma para a educação comunista** (TROTSKY, 1979, p. 19, grifo nosso).

Para elaboração desta *arma* da educação do futuro, isto é, a *educação comunista*, Trotsky reuniu um pequeno grupo de vinte e cinco militantes, agitadores e propagandistas, integrantes do comitê de Moscou do partido bolchevique. O objetivo de tal reunião foi o de “[...] permutar os nossos pontos de vista acerca dos meios e métodos literários da nossa propaganda” (TROTSKY, 1979, p. 19).

Ocorreram três encontros de Trotsky com esses militantes que duraram, ao todo, cerca de doze horas de trabalho. Nestas,

Os problemas relativos à família e ao modo de vida apaixonaram todos os participantes. [...], pôde-se, quando não resolver, pelo menos aflorar e em parte aclarar os diferentes aspectos da vida operária numa época de transição, bem como os nossos meios de ação sobre o modo de vida operário. (TROTSKY, 1979, p. 19).

Para o terceiro encontro, Leon Trotsky formulou algumas perguntas sobre o modo de vida operário. Algumas destas questões foram respondidas em pequenas assembleias de bairro. Os relatos que o autor considerou importante, foram transcritos, estenografados e anexados à obra. Trotsky sugere no texto de prefácio, a leitura prévia deste material para melhor compreensão sobre o conteúdo da obra.

Os doze blocos de perguntas versam sobre diversos temas do modo de vida operário, a saber: 1) que gêneros, obras e autores são mais lidos e procurados pelos operários; se estão disponíveis em quantidade suficiente; se elas se encontram nas bibliotecas das fábricas; 2) que jornais e matérias são mais lidas; quais devem ser melhor desenvolvidas; se os telegramas são legíveis; se é necessário mudar a informação telegráfica; se os operários conhecem e leem a imprensa especializada; 3) como os operários reagem aos fenômenos da NEP; se falam sobre a nova burguesia e se expressam receios sobre o reestabelecimento do domínio burguês; 4) se os operários manifestam interesse pelos movimentos revolucionários do

Ocidente; se carecem de conhecimentos geográficos para a compreensão das informações internacionais; se existem cartas geográficas nas fábricas; se estão satisfeitos com as informações sobre as greves e movimentos revolucionários do estrangeiro; se é necessário cartas geográficas especializadas; 5) sobre os motivos e argumentos que impedem o operário de aderir ao partido; 6) sobre as mudanças na vida familiar do operário após a revolução; se os problemas familiares são objetos de discussão no partido e que respostas se dão a estes problemas; 7) sobre os rituais familiares, como o nascimento, o casamento e a morte, dos operários que romperam com a igreja; se existem novos rituais usados para estes momentos; 8) sobre o interesse dos operários pelos problemas do modo de vida e se desejam elevar o seu nível cultural; 9) se os sindicatos têm desempenhado papel importante na questão do modo de vida e de que maneira tem feito este papel; 10) sobre a importância e como se manifestam os preconceitos religiosos, nacionais ou de outros tipos no meio operário; 11) sobre a ocupação do tempo dos operários aos domingos e feriados; 12) se as festas oficiais e bandeiras são excessivas nas atividades.

Estas perguntas (e suas respostas) sobre os hábitos e o modo de vida dos operários constituíram a base da elaboração de *Questões do modo de vida*, o que tomou proporções maiores da ideia original do autor em construir uma *brochura popular*. Deste modo, a obra se destinou “[...] em primeiro lugar aos membros do Partido, aos dirigentes sindicais, das cooperativas e dos organismos culturais.” (TROTSKY, 1979, p. 20). Ainda no prefácio, alerta-se que:

Esse material é, por certo, extremamente insuficiente. [...] Mas o meu objetivo não consistia em esclarecer sobre todos os ângulos o modo de vida operário, a sua evolução e os meios de agir sobre ele, mas fundamentalmente em apresentar o problema do modo de vida operário como objeto digno de um estudo atento. (TROTSKY, 1979, p. 20)

Outra ordem de elementos que determinam o contexto da produção de *Questões do Modo de Vida* está relacionado a fatores externos à condição objetiva russa, isto é, a situação internacional da luta de classes:

Em 1923, existe na Alemanha uma situação revolucionária explosiva, mas, no fim desse ano, a revolução alemã está esmagada, enquanto que a revolução búlgara de setembro de 1923 termina em catástrofe. Estes acontecimentos dão-se no seguimento da liquidação da República dos Soviotes na Hungria, em agosto de 1919, do revés da greve geral italiana em agosto de 1922 e da subida de Mussolini ao poder em outubro de 1922. A revolução russa encontra-se isolada no plano internacional. (KOPP, 1979, p. 9).

A derrota destas revoluções e levantes, que poderiam estender a revolução nacional russa a revolução mundial, o que possibilitaria o desenvolvimento do socialismo enquanto modo de produção alternativo ao capital imperialista internacional, trouxe consequências para o interior da Rússia soviética.

Eric Hobsbawm, no *Breve século XX*, avalia que uma das finalidades da revolução dirigida pelos bolcheviques era a sua extensão em escala global, todavia, “A revolução mundial, que justificou a decisão de Lenin de entregar a Rússia ao socialismo, não ocorreu, e com isso a Rússia soviética foi comprometida, por uma geração, com um isolamento empobrecido e atrasado.” (HOBBSAWM, 1998, p. 71).

A condição do atraso econômico, educativo e cultural do povo russo já era identificado por Trotsky como parte das características históricas e peculiares no desenvolvimento social da Rússia. As primeiras linhas da *História da Revolução Russa* abrem a obra de dois tomos com tais considerações: “O traço fundamental e mais constante da história da Rússia é o caráter lento de seu desenvolvimento, com o atraso econômico, o primitivismo das formas sociais e o baixo nível de cultura constituindo sua consequência obrigatória.” (TROTSKY, 2007, p. 19).

A combinação do atraso econômico e cultural histórico do povo russo com o seu isolamento no plano internacional, resultado de derrotas das lutas operárias nos países capitalistas centrais da Europa, contribuiu para o fortalecimento de um novo fenômeno que emergiu no período de transição, o qual acometeu a ditadura do proletariado russo: a burocratização do aparelho de Estado.

A existência da burocracia já fora objeto de preocupação de Lenin desde 1919. No VIII congresso do Partido Bolchevique, pontua:

Sabemos perfeitamente o que significa o atraso cultural na Rússia, o que ele faz ao Poder Soviético, que em princípio deu uma democracia proletária incomparavelmente mais elevada, que deu um modelo desta democracia para todo o mundo, sabemos como esta falta de cultura avilta o Poder Soviético e engendra a burocracia. Em palavras, o aparelho soviético é acessível a todos os trabalhadores, mas de facto, como todos sabemos, está muito longe de ser acessível para todos. E não porque as leis o impeçam, como acontecia sob a burguesia: as nossas leis, pelo contrário, favorecem-no. Mas as leis só por si não bastam. **É necessário um enorme trabalho educativo, organizativo e cultural, que não pode ser feito pela lei, rapidamente, que exige um trabalho imenso e prolongado.** (LENIN, 1919, grifo nosso).

Foi considerando esse contexto e a necessidade de desenvolver este *enorme trabalho educativo*, que Leon Trotsky se preocupou em estudar empiricamente o modo de vida do operário russo; chamou a atenção do partido para esta questão como fundamental na atuação militante e; esboçou um plano de trabalho educativo e cultural, no qual:

Necessitamos desenvolver a cultura do trabalho, a cultura da vida, a cultura do modo de vida. Após uma longa preparação e graças à alavanca da insurreição armada, derrubamos a supremacia dos exploradores. Mas não existe alavanca que possa de um só golpe elevar a cultura. **Um lento processo de auto-educação da classe operária e, paralelamente, do campesinato, é aqui necessário.** (TROTSKY, 2009, p. 8, grifo nosso).

Deste modo, resgatamos novamente Anatole Kopp, numa passagem de texto introdutório no livro de Trotsky para a língua francesa; pela síntese que realiza sobre o contexto em que esta obra responde:

É preciso, segundo Trotsky empreender com urgência uma ação em profundidade, uma ação cultural no mais amplo sentido do termo, inseparável da ação de educação proletária, para chegar a uma tomada de consciência pelas massas dos objetivos da revolução, a uma transformação dessa consciência, extirpando dela todos os aspectos negativos herdados do regime pré-revolucionário. Esta ação, que será oficialmente designada na Rússia por *Pérestroika Byta*, ou *Reconstrução do modo de vida*, constitui o objetivo principal de Trotsky ao escrever *As questões do modo de vida*. Face à influência desagregadora da NEP, a criação de um “homem novo” é uma questão urgente. Face ao ascenso da burocracia, é preciso

poder opor-lhe o mais rapidamente possível já não uma massa amorfa e incapaz de tomar em mãos os seus próprios assuntos mas um novo proletariado consciente de seus interesses como classe. Face ao peso dos hábitos e das tradições nos quais os inimigos da revolução se apoiam: religião, alcoolismo, subordinação das mulheres, é preciso desenvolver nas massas outros ideais. É preciso, enfim, tomar consciência de que a construção a longo prazo de uma sociedade exige, para a erguer fora dos métodos burocráticos e autoritários, uma larga participação das massas, passando pelo que então se chamava na Rússia uma “revolução cultural”, da qual a *Reconstrução do modo de vida* era um dos instrumentos. (KOPP, 1979, p. 11, grifos do autor).

Assim, *Questões do modo de vida* se insere num determinado contexto histórico, social e político, o qual responde. Na síntese deste contexto, pontuamos: a) o histórico atraso no desenvolvimento econômico e cultural do povo russo; b) a devastação e desorganização da economia soviética causada pela guerra imperialista e pela guerra civil; c) o descontentamento, o desgaste, o cansaço, a situação de penúria e miséria causada pela guerra civil, os quais originaram levantes da classe trabalhadora contra o Estado Operário (Petrogrado, Sebastopol, Kronstadt); d) o isolamento da Revolução Russa com a derrota de revoluções e levantes ocorridos nos países da Europa; e) a instituição da política da NEP, que permitiu a constituição de elementos da economia capitalista e o surgimento de uma nova classe social; f) a existência de um Estado Operário regido pela ditadura do proletariado e dirigido pelo Partido Bolchevique; g) o avanço da burocratização do Estado soviético e do partido.

Tais elementos contextuais permeiam os textos que compõe a obra em questão.

5.2 QUESTÕES DO MODO DE VIDA

A expressão *modo de vida*, tematizada na obra de Leon Trotsky, tem por base o termo russo *byt* [быт]. Em tradução literal, *byt* pode ter o significado de: *vida, estilo de vida, modo de vida* ou *vida cotidiana*; o cognato *byta* [быта], usado no título de

Questões do modo de vida, enquadra-se no caso de declinação genitiva da palavra *byt*.

Orlando Figes, historiador da cultura russa, elucida que o vocábulo *byt* pode adquirir o significado de: “modo de vida (do verbo *byvat*: acontecer ou ocorrer); a partir do século XIX, a palavra foi cada vez mais associada ao ‘antigo’ modo de vida russo pela *intelligentsia*, que contrastava *byt* e *bytie*.” (FIGES, 2018, p. 773, grifos do autor). Por sua vez, *bytie* é descrito como: “existência significativa – a transcendência de *byt* – no sentido definido pela *intelligentsia*.” (FIGES, 2018, p. 774, grifos do autor).

Thyago Villela (2015) entende que *modo de vida* é uma tradução possível e vaga para o termo *byt*, esclarece ele que:

na medida em que a noção de *byt* refere-se, em russo, ao cotidiano *especificamente material*, de seus aspectos mais triviais (como calçar uma bota ou apertar as mãos de um conhecido) até suas formas mais elaboradas (como o uso que se faz da linguagem). (VILLELA, 2015, p. 88, grifos do autor).

Assim, da mesma forma que Figes (2018), Villela (2015) identifica haver uma distinção entre o termo *byt* e o *bytie* russo. Em sua dissertação, desenvolve que o primeiro refere-se a “[...] aspectos da sociabilidade e relações de convivência elementares, como os hábitos alimentares, as vestimentas e o uso da linguagem.” (VILLELA, 2014, p. 12), enquanto o segundo “[...] se referia às manifestações ideológicas mais complexas, como o ato de filosofar.” (VILLELA, 2015, p. 88)²⁴⁸.

Neste sentido, o autor revela existir diferença na abordagem de Trotsky sobre o tema da cultura, tratado nos textos de *Questões do modo de vida*, centrado no *byt*, em detrimento dos escritos que compõe *Literatura e revolução*, mais preocupado com o *bytie* soviético.

Como já explicamos no início desta seção, após a guerra civil russa, uma das preocupações dos bolcheviques com a formação do novo Estado Operário foi a elaboração de uma nova política de reconstrução do modo de vida operário,

²⁴⁸ Para estas definições, o autor tem como referência os trabalhos de Christina Kiaer: *The russian constructivist “object” and the revolutionizing of everyday life, 1921-1929*, publicado em 1995; e *Boris Arvatov’s socialist objects*, publicado na revista *October*, de Cambridge, em 1997.

literalmente chamado de *Perestroika Byta*. Tal elaboração transcorreu não sem críticas, polêmicas e divergências internas, cujo debate chegou a ser publicado no *Pravda*, principal órgão de imprensa do Partido Bolchevique.

Deste modo, mesmo na ocupação do cargo de Comissário de Guerra e Marinha, Leon Trotsky se posicionou em tal polêmica²⁴⁹ e defendeu uma política cultural e educativa para desenvolver a construção do socialismo. Suas posições foram publicadas em diversos artigos no *Pravda*, principalmente entre abril e maio de 1923. Estes conformaram a base para a publicação do *Volume 21*, discorrido anteriormente na segunda seção desta tese.

Em *Questões do modo de vida* há nove autores citados: Marx, Engels, Tolstói e Fourier, sem menções às fontes, e ainda Lenin (1923), Trotsky (1923), Uspenski (1866), Libedinski (1922) e Semachko (1923)²⁵⁰. Contudo, não há uma referência teórica explícita que fundamente o entendimento de *modo de vida* em Leon Trotsky, apesar de haver estudos sobre o tema, no campo da sociologia, naquele mesmo tempo²⁵¹.

Trotsky aplica o seu entendimento do materialismo histórico dialético para defender uma política de reconstrução cultural e propor um conjunto de medidas práticas sobre o problema do modo de vida, considerando o contexto específico das condições materiais da Rússia soviética naquele momento. Assim, evidenciamos a seguir os indicativos teóricos para o entendimento do *modo de vida*, problematizado por Trotsky.

Uma primeira aproximação o tema encontra-se no capítulo *Para construir o modo de vida é preciso conhecê-lo*²⁵², publicado originalmente no *Pravda*, em 11 de

249 “A brilhante atividade literária do camarada Trotsky valeu-lhe em todo o mundo o título de ‘rei dos polemistas’” (TROTSKY, 1978, p. 410), menção remetida ao escritor e dramaturgo inglês George Bernard Shaw (1856-1950), citado por Emilian Iarolavski, historiador do Partido Bolchevique, que na mesma autobiografia é considerado um “Falsificador oficial da história do partido” (TROTSKY, 1978, p. 410).

250 Retomaremos estes autores ao longo da presente análise.

251 Braga, Fiúza e Remoaldo (2017) revelam que o conceito de *modo de vida* é utilizado nas ciências sociais desde Durkheim e Weber. Por sua vez, Georg Simmel publica *Philosophie des Geldes*, marco para o surgimento do chamado campo da *microsociologia*, em 1900. Portanto, no meio acadêmico, os debates sobre modo de vida são contemporâneos aos escritos de Trotsky.

252 Na edição francesa: *Pour reconstruire le mode de vie, il faut le connaître*; na edição em espanhol: *Usos y costumbres*; na edição inglesa: *Habit and custom*; em russo: *Chtbody perestroit' byt, nado poznat' yego* [Чтобы перестроить быт, надо познать его].

julho de 1923. Neste, o autor explica em suas primeiras linhas: *É o problema do modo de vida que nos mostra, mais claramente do que qualquer outra coisa, em que medida um indivíduo isolado se mostra ser o objeto dos acontecimentos e não o seu sujeito.* (TROTSKY, 2009, p. 29).

Em tal preceito, o modo de vida não é o primeiro fator determinante da história, isto é, o sujeito dos acontecimentos, mas o seu objeto. Esta concepção é a mesma encontrada nos textos de Marx e Engels.

Em *A Ideologia Alemã*, rascunhos que desenvolvem uma crítica à filosofia pós-hegeliana concomitante a uma primeira exposição coerente de suas ideias dialéticas com base no materialismo, escrita em 1846²⁵³; os autores alemães realizam a seguinte explicação sobre os meios de produzir a vida:

O primeiro pressuposto de toda a história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro fato a constatar é, pois, a organização corporal desses indivíduos e, por meio dela, sua relação dada com o restante da natureza. Naturalmente não podemos abordar, aqui, nem a constituição física dos homens nem as condições naturais, geológicas, orohidrográficas, climáticas e outras condições já encontradas pelos homens. Toda a historiografia deve partir desses fundamentos naturais e de sua modificação pela ação dos homens no decorrer da história.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queira. Mas eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo que é condicionado por sua organização corporal. Ao produzir os seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material.

O modo pelo qual os homens produzem os seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado meramente sob o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos. Ele é, muito mais, uma forma determinada de sua atividade, uma forma determinada de exteriorizar sua vida, **um determinado modo de vida desses indivíduos.** (MARX e ENGELS, 2007, p. 87, grifo nosso).

253 Segundo Sader (2007, p. 15), esta “[...] é a primeira obra em que a articulação das categorias essenciais da dialética marxista emerge, madura, à superfície”. Contudo, a obra não pode ter sido acessada por Trotsky quando escreveu *Questões do modo de vida*, uma vez que ela tornou-se conhecida do público somente em 1926, conforme explica Rubens Enderle, tradutor da obra em língua portuguesa da Boitempo, no qual situa os imbróglis e controvérsias do processo histórico de edições e traduções deste material. (MARX, 2007).

No entendimento de Marx e Engels, o *modo de vida* [*Lebensweise*, no texto original]²⁵⁴ é uma forma determinada de atividade humana, forma de exteriorizar a vida para além da mera reprodução de sua existência física, determinada pelo modo pelo qual os homens e mulheres produzem os seus meios de vida. Por sua vez, o modo de produção dos meios de vida relaciona-se com as condições materiais da vida já existente, como as condições naturais já dadas pela natureza física e o meio ambiente, cujos primeiros homens e mulheres agiram e modificaram.

Assim, modo de vida é uma expressão do modo de produção e reprodução da vida humana, o modo de produção [*Weise der Produktion*] determina o modo de vida [*Lebensweise*], ou seja, é objeto da história e não o seu sujeito no conjunto de relações que determinam a vida dos seres humanos enquanto indivíduos, conforme Trotsky igualmente aponta em seu texto.

Sobre a relação dos seres humanos com a natureza para produzir seus meios de vida, Marx e Engels consideram, neste mesmo texto, que toda a historiografia tem como ponto de partida tais *fundamentos naturais*, isto é, as condições geológicas, hidrográficas, climáticas, etc., e “sua modificação pela ação dos homens no decorrer da história.”(MARX e ENGELS, 2007, p. 87). Na historiografia da Revolução Russa de 1917, Leon Trotsky inicia do seguinte ponto:

A população daquelas **estepes gigantescas**, abertas **aos ventos inclementes do Oriente** e aos invasores asiáticos, **nasceu condenada pela própria natureza** a uma grande estagnação. A luta com os povos nômades se prolonga até os fins do século 17. **A luta com os ventos que arrastam no inverno os gelos e no verão a seca** ainda continua nos dias hoje. **A agricultura – base de todo o desenvolvimento do país** – progredia de um modo extensivo: **no Norte**, cortavam-se e queimavam-se **os bosques**; **no Sul**, desorganizavam-se **as estepes virgens**; **a Rússia foi tomando posse da natureza não em profundidade, mas em extensão.**” (TROTSKY, 2007, p. 19, grifos nossos).

Tais *fundamentos naturais*, embasariam o lento desenvolvimento histórico desta região, o que determinaria o atraso econômico e o baixo nível cultural, característicos russos do início do século XX.

254 “Sie ist vielmehr schon eine bestimmte Art der Tätigkeit dieser Individuen, eine bestimmte Art, ihr Leben zu äußern, eine bestimmte **Lebensweise** derselben.” (MARX. 1969, p. 21, grifo do autor).

Deste modo, as considerações quase poéticas, mas não-fortuitas, das estepes, dos ventos, do inverno, do verão seco, dos bosques, para produzir a vida, isto é, os *fundamentos naturais* específicos da região, como condição material e histórica que a condenam a um lento desenvolvimento e a *formas sociais* de um modo de vida característico, com a qual os bolcheviques tiveram que lidar, são elementos correspondentes com o texto dos autores da *Ideologia Alemã*, trazido anteriormente, o que demonstra a proximidade de Leon Trotsky com a análise histórica dos fundadores do materialismo dialético.

Numa segunda passagem, afirma Trotsky (2009, p. 29, grifo do autor): “O modo de vida, isto é, o meio ambiente e os hábitos cotidianos, elabora-se, mais ainda do que a economia, ‘nas costas das pessoas’ (expressão de Marx)”.

Nesta, vemos uma correlação de identidade entre modo de vida e duas categorias: meio ambiente (condições materiais objetivas externas aos seres humanos) e hábitos cotidianos (comportamentos rotineiros adotados na vida diária dos indivíduos)²⁵⁵. *Nas costas das pessoas*, expressão usada para se referir a relação entre economia e modo de vida, possui, no contexto específico, o significado de uma construção não consciente, imperceptível ou impercebível aos indivíduos, que se incorpora de tal forma, tanto ou mais que as determinações de ordem econômica. Trotsky não identifica a fonte exata de Marx usada em seu texto, todavia, encontramos n’O *Capital*, onde a economia política é investigada minuciosamente, a ocorrência desta expressão em, pelo menos, cinco passagens (MARX, 2013b)²⁵⁶

Nesta *Magnun opus*, onde o segredo da mercadoria no modo de produção capitalista é desvendado, Marx, no Livro 1, emprega *modo de vida* [*Lebensweise*] em dois momentos, como parte de exposições históricas explicativas relacionadas: a) ao desenvolvimento do comércio e relações de troca; b) a relações cotidianas habituais no início do processo de acumulação capitalista em sua fase manufatureira.

255 Hábito, segundo a definição de um estudo clássico de Andrews (1903, p. 121), é: “[...] um modo mais ou menos fixo de pensar, querer ou sentir adquirido através da repetição anterior de uma experiência mental”. Analisaremos mais a frente de que maneira Trotsky estabelece a formação de novos hábitos culturais como uma das tarefas da educação.

256 Na edição da Boitempo, tais passagens encontram-se nas páginas: 169, 244, 245, 310 e 362.

A primeira menção, presente no segundo capítulo, *O processo de troca*, Marx explica a gênese histórica do dinheiro e considera o modo de vida dos primeiros povos e comunidades como parte das determinações de desenvolvimento das relações de troca que fundarão o modo de produção capitalista:

Essa terceira mercadoria, por servir de equivalente de diversas outras mercadorias, torna-se imediatamente, mesmo que em estreitos limites, a forma de equivalente universal ou social. Essa forma de equivalente universal surge e se esvai com o contato social momentâneo que a trouxe à vida. De modo alternado e transitório, ela se realiza nesta ou naquela mercadoria. Porém, com o desenvolvimento da troca de mercadorias, ela se fixa exclusivamente em tipos particulares de mercadorias ou se cristaliza na forma-dinheiro. Em que tipo de mercadoria ela permanece colada é, de início, algo acidental. No entanto, duas circunstâncias são, em geral, decisivas. A forma-dinheiro se fixa ou nos artigos de troca mais importantes vindos do estrangeiro, que, na verdade, são formas naturais-espontâneas de manifestação do valor de troca dos produtos domésticos, ou no objeto de uso que constitui o elemento principal da propriedade doméstica alienável, como, por exemplo, o gado. Os povos nômades são os primeiros a desenvolver a forma-dinheiro, porque todos os seus bens se encontram em forma móvel e, por conseguinte, diretamente alienável, e também **porque seu modo de vida os põe constantemente em contato com comunidades estrangeiras, com as quais eles são chamados a trocar seus produtos.** (MARX, 2013b, p. 224-225, grifo nosso).²⁵⁷

Nesta exposição, Marx atribui ao modo de vida de povos primitivos nômades e suas relações de trocas e permutas com outros povos, um fator considerável que contribui para o desenvolvimento da forma-dinheiro, ou seja, o modo de vida historicamente constituído de alguns povos foi uma das determinações, dentre múltiplas, para o surgimento do dinheiro, enquanto mercadoria especial que desempenha a função de equivalente geral.

257 Na editora Difel, Reginaldo Santanna traduziu a mesma passagem da seguinte maneira: “[...] Os povos nômades são os primeiros a desenvolver a forma dinheiro, porque toda a sua fortuna é formada por bens móveis, diretamente alienáveis e **seu gênero de vida** os põe constantemente em contato com comunidades estrangeiras, induzindo-os à troca dos produtos.” (MARX, 1985, p. 99, grifo nosso). Para dirimir dúvidas sobre a expressão que Marx usou, dirigimo-nos ao original alemão: “Nomadenvölker entwickeln zuerst die Geldform, weil all ihr Hab und Gut sich in beweglicher, daher unmittelbar veräußerlicher Form befindet, und weil **ihre Lebensweise** sie beständig mit fremden Gemeinwesen in Kontakt bringt, daher zum Produktaustausch solliziert.” (MARX, 1962, p. 103-104, grifo nosso).

Numa segunda ocorrência de modo de vida, presente no décimo segundo capítulo, *Divisão do trabalho e manufatura*, Marx analisa a relação entre a divisão da manufatura e a divisão do trabalho social, “[...] base geral de toda a produção de mercadorias.” (MARX, 2013, p. 529). Explica a separação da produção social em grandes ramos (indústria e agricultura), como divisão do trabalho em geral ou universal; a subdivisão destes ramos como divisão do trabalho em particular e; a divisão do trabalho particular de uma oficina específica como divisão do trabalho em singular. Em síntese, a divisão do trabalho contribuiu historicamente para o surgimento da troca de mercadorias:

A divisão do trabalho na sociedade e a correspondente limitação dos indivíduos a esferas profissionais particulares se desenvolve, como a divisão do trabalho na manufatura, a partir de pontos opostos. Numa família ou, com o desenvolvimento ulterior, numa tribo, surge uma divisão natural-espontânea do trabalho fundada nas diferenças de sexo e de idade, portanto, sobre uma base puramente fisiológica, que amplia seu material com a expansão da comunidade, com o aumento da população e, especialmente, com o conflito entre as diversas tribos e a subjugação de uma tribo por outra. Por outro lado, como observei anteriormente^a, a troca de produtos surge nos pontos em que diferentes famílias, tribos e comunidades entram mutuamente em contato, pois, nos primórdios da civilização, são famílias, tribos, etc. que se defrontam de forma autônoma, e não pessoas privadas. Comunidades diferentes encontram em seu ambiente natural meios diferentes de produção e de subsistência. Por isso, também são diferentes seu modo de produção, **seu modo de vida** e seus produtos, e é essa diferenciação natural-espontânea que, no contato entre as comunidades, provoca a troca dos produtos recíprocos e, por conseguinte, a transformação progressiva desses produtos em mercadorias. (MARX, 2013, p. 529-530, grifo nosso).²⁵⁸

De acordo com Marx, a divisão social do trabalho em geral não encontra correspondência nas diferenças naturais, fisiológicas, dos seres humanos (sexo e idade); apresenta que nas primeiras comunidades de famílias e tribos, o modo de vida, tal qual o modo de produção e os produtos, torna-se diverso, uma vez que são determinados por diferentes meios de produção e meios de subsistência do ambiente natural, cujas diferentes comunidades estão inseridas. Estas características específicas de determinadas comunidades permitem a troca de

258 Tal como a passagem anterior, o texto alemão usa o termo *Lebensweise* (MARX, 1968, p. 372).

produtos diversos e, nestas relações de troca, engendram a constituição da mercadoria, qual seja, um produto destinado a este propósito específico.²⁵⁹

Numa terceira passagem d’*O Capital*, presente no capítulo vinte e quatro, *A assim chamada acumulação primitiva*, Marx explica a dificuldade de adaptação de artesões e camponeses às novas condições materiais de vida, decorrentes do modo de produção capitalista em ascensão:

Expulsos pela dissolução dos séquitos feudais e pela expropriação violenta e intermitente de suas terras, esse proletariado inteiramente livre não podia ser absorvido pela manufatura emergente com a mesma rapidez com que fora trazido ao mundo. Por outro lado, os que foram repentinamente arrancados de **seu modo de vida costumeiro** tampouco conseguiam se ajustar à disciplina da nova situação. Converteram-se massivamente em mendigos, assaltantes, vagabundos, em parte por predisposição, mas na maioria dos casos por força das circunstâncias. (MARX, 2013, p. 980, grifo nosso).²⁶⁰

Para além da incapacidade de absorção do capital manufatureiro desse proletariado livre, Marx observa também haver uma dificuldade de ajustamento no modo de vida dos ancestrais da classe trabalhadora à nova ordem nascente, o que resultou numa sanguinária e cruel legislação imposta pelas elites contra o que se considerava *vadios e indigentes*.

Como pudemos identificar, a concepção de Leon Trotsky sobre *modo de vida* não se distancia da compreensão de Marx, ou seja, a partir de seus nexos com a economia e a organização da produção; entretanto, enquanto o filósofo alemão selecionou como objeto de suas investigações a economia política sob o modo de

259 Em nota da terceira edição da obra, Engels faz uma correção: informa que seus estudos realizados posteriormente o levaram a concluir que não foi a família que formou a tribo, mas o contrário, a tribo que foi a forma primitiva natural e só mais tarde que se desenvolveram as famílias. (MARX, 1985, p. 403).

260 Na tradução de Reginaldo Santanna, a passagem está expressa do seguinte modo: “Bruscamente arrancados das suas **condições habituais de existência** [...]” (Marx, 1985, p. 851, grifo nosso). No original alemão, observamos que Marx usa *Lebensbahn*, em vez de *Lebensweise*, como usado anteriormente: “Die durch Auflösung der feudalen Gefolgschaften und durch stoßweise, gewaltsame Expropriation von Grund und Boden Verjagten, dies vogelfreie Proletariat konnte unmöglich ebenso rasch von der aufkommenden Manufaktur absorbiert werden, als es auf die Welt gesetzt ward. Anderer seits konnten die plötzlich aus **ihrer gewohnten Lebensbahn** Herausgeschleuderten sich nicht ebenso plötzlich in die Disziplin des neuen Zustandes finden. Sie verwandelten sich massenhaft in Bettler, Räuber, Vagabunden, zum Teil aus Neigung, in den meisten Fällen durch den Zwang der Umstände.” (MARX, 1968, p. 761-762, grifo nosso).

produção capitalista e suas correspondentes relações de produção e circulação, no qual o *modo de vida* está aí inserido; Trotsky possui como objeto de preocupação no presente texto, o *modo de vida* do operariado russo no período de transição soviético, no qual a perspectiva de edificação do socialismo ainda se assentava sob um modo de produção capitalista, com particularidades desiguais e combinadas em seu desenvolvimento.

Assim, no pensamento de Leon Trotsky, não somente se estabelece que o *modo de vida* deriva do modo de produção, como se identifica que o primeiro se move mais lento que o segundo. Tal compreensão aparece de forma mais nítida em duas referências usadas em seu texto, que expomos a seguir.

Para além de Marx, uma segunda referência usada por Trotsky para tratar *modo de vida*, encontra-se no campo da literatura romanesca russa. Leon Trotsky cita *Os costumes da rua Rasteriaev*²⁶¹, de Gleb Uspenski (1843-1902)²⁶², publicada em 1866, obra que tornou o autor uma referência entre escritores famosos da época. Lenin, em *Quem são os ‘amigos do povo’ e como lutam contra os social democratas*, ressalta os talentos de Uspenski:

261 *Nravy Rasteryayevoy ulitsy* [Нравы Растеряевой улицы].

262 Gleb Ivanovich Uspenski [Глеб Ива́нович Успенский] estudou Direito na Universidade de São Petersburgo, sendo expulso por participar de protestos estudantis; também entrou para a Universidade de Moscou, obrigado a sair por falta de pagamentos. Iniciou as atividades literárias no jornal de Leon Tolstói, *Yasnaya Polyana*. Colaborou com a revista *Notas Domésticas*, dirigida por Nikolai Nekrasov e Mikhail Saltykov-Shchedrin, onde a maioria dos seus escritos foram publicados. Foi reconhecido por retratar as condições de vida das camadas pobres russas, sobretudo, o modo de vida dos camponeses. Entre seus trabalhos, estão os seguintes títulos: *Um trabalhador antiquado (da vida em Moscou)*, de 1863; *Cenas rurais*, de 1864; *Esboços da vida burocrática*, série publicada entre 1864 e 1865; *Ruína*, de 1869; *O poder da terra*, de 1882, entre outros. Lenin tinha simpatias pelos seus escritos e chegou a mencioná-lo em algumas de suas obras, como *Quem são os ‘amigos do povo’ e como lutam contra os social-democratas*, de 1894. Nadezhda Krupskaya, em trecho de *Recordações de seus familiares a respeito de Lenin*, revela que a obra de Uspenski teve um significado especial na vida de Lenin. No *Iskra* de 1º de maio de 1902, foi impresso uma nota: *A respeito da morte de G. I. Uspensky*. (GLEB..., 2021).

Gleb Uspenski era o único cético e respondia com um sorriso irônico à ilusão geral. Com seu excelente conhecimento dos camponeses e com seu imenso talento artístico, que mergulha mesmo até o fundo dos fenômenos, não pôde deixar de ver que o individualismo havia se tornado a base das relações econômicas não apenas entre o usurário e o devedor, mas também entre os camponeses em geral.²⁶³ (LENIN, 1973, p. 61-62, tradução nossa).

Em *Os costumes da rua Rasteriaev*, Uspenski descreve com detalhes a vida nas ruas pobres da cidade de Tula, terra natal de Lev Tolstói: seu ambiente, sua moral, seus costumes, seus hábitos, sua visão de mundo, isto é, os elementos que constituem o que Leon Trotsky denomina *modo de vida*.

No texto de *Questões do modo de vida*, Trotsky se refere às características gerais dos personagens descritos na obra de Uspenski para sustentar o argumento que a classe proletária russa é jovem, no sentido de não possuir um passado secular, tal qual o proletariado europeu e; que a sua composição social anterior, isto é, suas origens sociais, estão umbilicalmente vinculadas ao campesinato. Em suas palavras: “é uma mistura de pequena burguesia inculta e de pés descalços.” (TROTSKY, 2009, p. 29).

Contudo, diferente da consciência do proletariado num período histórico dinâmico, como o contexto revolucionário que se apresentava na Rússia desde 1917, os costumes, os hábitos e o modo de vida, por sua vez, possuem um caráter mais lento e atrasado, pois, divergente da consciência política, “O modo de vida é terrivelmente conservador”. (TROTSKY, 2009, p. 29).

Na visão de Trotsky, o modo de vida e o cotidiano das classes não acompanham a vida política na mesma velocidade. Argumenta que a teoria marxista se encontra desenvolvida em tal grau que permitiu servir como instrumento histórico e guiar a ação da classe operária russa, contudo, o mesmo não acontece com as questões *do modo de vida*:

263 “Gleb Uspenski era el único escéptico y respondía com una sonrisa de ironía a la ilusión general. Con su excelente conocimiento de los campesinos y com su imenso talento artístico, que calaba hasta el fondo mismo de dos los fenómenos, no podía menos de ver que el individualismo habia llegado a ser la base de las relaciones económicas no solo entre el usureiro y el deudor, sino entre los campesinos em general.” (tradução nossa).

Mas a teoria política é uma coisa, o modo de vida é outra. A política é flexível, enquanto o modo de vida é imóvel e tenaz. É por isso que no meio operário existem tantos choques quando a consciência se apoia sobre a tradição, choques esses tanto mais violentos quando não encontram eco. (TROTSKY, 2009, p. 31)

Assim, na comparação entre o operário da atrasada Rússia servil, descrito na obra de Uspenski, e o operário soviético que protagonizou uma revolução socialista vitoriosa, pode haver uma distância colossal em vários aspectos da atitude política e do comportamento, contudo, ambos se identificam em outras questões que permeiam o modo de vida. De acordo com Trotsky (2009, p. 29):

As violências infligidas aos alunos, o servilismo ante os patrões, o alcoolismo, a delinquência, tudo isso deixou de existir. Mas as relações entre marido e mulher, entre pais e filhos, na família isolada do mundo, estão ainda fortemente impregnadas dessa “mentalidade Rasteriaev”. Serão precisos anos ou decênios para escorraçar essa mentalidade de seu último refúgio – o modo de vida individual e familiar – e para remodelá-la totalmente em um espírito coletivista.

Em *Questões do modo de vida*, as relações familiares serão uma das preocupações centrais de Trotsky, o qual abordaremos mais a frente. Neste momento, importante observar que para o autor, algumas transformações no terreno do modo de vida precisarão de um tempo considerável, quiçá geracional, o que envolve a tarefa da educação.

Para Trotsky, a recente produção literária soviética ainda não produzira uma contribuição significativa para a reflexão ou entendimento sobre o novo modo de vida operário, mas tão pouco a literatura comunista se debruçava sobre o tema, elemento que justificaria a necessidade do texto:

Nem a literatura artística, nem os jornais, se referem a eles. A nossa imprensa mantém-se muda sobre estes problemas. Quanto às novas escolas artísticas, que procuram marchar com a revolução, o modo de vida, em geral, não existe para elas. Propõem-se a criar a vida nova, vejam vocês, mas não a representá-la. Não se pode, porém, inventar, em todas as suas peças, um novo modo de vida. Pode-se construí-lo a partir de elementos reais e capazes de se desenvolver. Por isso, antes de construir, é preciso conhecer aquilo de se dispõe. (TROTSKY, 2009, p. 31).

O debate sobre arte e literatura no processo de construção formativo e cultural da nova sociedade será objeto especialmente tratado em outra obra (*Literatura e revolução*, que abordaremos na próxima subseção). No texto sobre *Questões do modo de vida*, limita-se a tecer uma crítica ao romance *A Semana*, escrito por Iuri Libedinski²⁶⁴ e publicado originalmente no segundo número do almanaque moscovita *Nossos Dias*²⁶⁵, em 1922. Esta é a terceira referência (e segunda literária) que Trotsky usa em seus textos para debater o modo de vida.

A Semana é uma crônica ficcional que aborda o cotidiano dos membros do comitê do partido comunista no distrito de uma pequena cidade dos Urais na primavera de 1921, durante o transcurso de uma semana. Ainda que a história não revele explicitamente, trata-se da cidade de Cheliabinsk, o qual o autor passou a infância e parte de sua existência. O romance descreve personagens e situações fictícias que o leitor da época encontrava certa correspondência na realidade, tais como: o problema da origem de classe social no interior do partido; a relação com a religião; as relações com os camponeses; as diferenças entre os comunistas quanto ao nível instrucional e educacional, etc., são algumas das questões do cotidiano tratadas na obra, como revela a descrição de uma das personagens centrais da trama, cujo arco narrativo, consegue sobreviver à violenta fúria de camponeses dirigida contra os comunistas:

264 Iuri Nikolayevitch Libedinski (1889-1959), escritor e jornalista soviético, nascido e criado na região dos Urais, ingressou no partido em 1920 e foi professor no Exército Vermelho. Trabalhou em dois jornais locais: *Verdade soviética*, transl.: *Sovetskaya Pravda* [Советская Правда] e *O trabalhador de Chelyabinsk*, transl. *Chelyabinskiy rabochiy* [Челябинский рабочий]. Em 1921, foi professor de comissários militares em Yekaterinburg; em 1923, na Escola Militar Superior de Comunicações, em Moscou; em 1928, mudou-se para Leningrado e organizou associações de escritores, como *Outubro*, *Associação Moscovita de Escritores Proletários* e a *Associação Russa de Escritores Proletários*. Em junho de 1937, foi expulso do partido, acusado de se relacionar com o trotsquismo, o que levou a remoção de seus livros das bibliotecas. Em 1939, foi reintegrado ao partido e serviu na resistência contra o avanço das tropas alemãs em território soviético na Segunda Guerra Mundial, no que alcançou a patente de major, além de ter sido premiado com a medalha *Pela Defesa de Moscou*, em 1944. Foi autor de vários romances, entre eles: *Amanhã*, publicado em 1923; *Comissários*, de 1925; *O nascimento de um herói*, de 1930; *Tarefas gerais da literatura proletária*, de 1931; *Batash e Bataille: uma história*, de 1940; *Educação da Alma*, de 1962 e *Assuntos familiares*, de 1963. Chegou a abordar a questão da degeneração burocrática do partido e do culto à personalidade em algumas destas obras. Nadezhda Kapitonova, estudiosa de seu legado literário, considera-o “fundador da literatura soviética” (КАПИТОНОВА, s/d).

265 *Nashi dni* [Наши дни].

Lisa Gratchev foi a única trabalhadora não-partidária do Departamento Político que participou do trabalho voluntário de sábado. Por natureza, ela era uma jovem muito tímida e assustada. Ensinou matemática aos soldados do Exército Vermelho e, a princípio, temeu a todos. Então, em um dia frio de fevereiro, sem ser perguntado, alguns soldados do Exército Vermelho a ajudaram a levar seus pesados pacotes para casa. Depois disso, ela se apegou a seus alunos e gostou de ensiná-los. Ela até participou de suas reuniões políticas, embora houvesse muita coisa que ela não entendeu. Ela veio a aceitar a Revolução à sua maneira, combinando-a com suas orações a Jesus, que, para ela, tornou-se o protetor de todos os revolucionários. (LIBEDINSKY, 1922, tradução nossa).²⁶⁶

No *Pravda*, de 30 de janeiro de 1923, Nikolai Bukharin escreveu um elogio à obra, adjetivando-a de *A primeira andorinha*, o que foi usado como prefácio nas edições subsequentes. Por sua vez, Trotsky proferiu a seguinte crítica:

A Semana, de Libedinski, suscitou da parte de alguns camaradas um entusiasmo que, confesso, me parece imoderado e perigoso para o jovem autor. De um ponto de vista formal, não obstante alguns traços de talento, *A semana* tem um caráter didático, e só um trabalho intenso, obstinado e minucioso permitirá a Libedinski tornar-se um verdadeiro artista. Espero que assim o aconteça. Mas não é este aspecto do problema o que nos interessa no presente. O êxito de *A Semana* deve-se não às qualidades artísticas da obra, mas à forma “comunista” de encarar a vida que nela se descreve. No entanto, sobre esse ponto preciso, a descrição carece de profundidade. O “comitê de província” nos é apresentado de forma demasiado científica, não tem raízes profundas, não se integra na região. É por isso que *A Semana*, no seu conjunto, se assemelha a um romance em episódios, como essas novelas que descrevem a vida da emigração revolucionária. Decerto que é interessante e instrutivo o “modo de vida” de um comitê de província, mas as dificuldades e o interesse surgem quando a vida de uma organização comunista entra em contato – tão estreitamente como os ossos do crânio se interligam – com a vida cotidiana do povo. Deve-se atacar os problemas de forma radical. (TROTSKY, 2009, p. 30, grifos do autor).

266 “Lisa Gratchev was the only non-Party worker in the Political Department who took part in the voluntary Saturday labor. By nature, she was a very timid and frightened young woman. She taught mathematics to the Red Army soldiers and, at first, she had feared them all. Then one cold February day, without being asked, some of the Red Army soldiers helped her carry her heavy parcels home. After that, she grew attached to her students and enjoyed teaching them. She even attended their political meetings, although there was much she did not understand. She came to accept the Revolution in her own way, combining it with her prayers to Jesus, who, for her, became the protector of all revolutionaries.” (tradução nossa).

A crítica direcionada por Trotsky não se refere ao âmbito artístico-literário, diferente da perspectiva de Bukharin, desenvolvido quase seis meses antes, mas ao *modus operandi* de como o autor aborda a questão do modo de vida comunista. Para Trotsky, *A Semana* encontra-se na superficialidade das relações; possui uma descrição metódica e objetivista, e; não adentra nas raízes das relações sociais específicas da região.

Sem deixar de reconhecer que a obra é interessante, instrutiva e didática no trato com a descrição do *modo de vida* de um comitê do partido, a exigência dele sobre a produção literária de Libedinski está na descrição do ponto de junção do partido com o modo de vida das massas. Esta dificuldade entre a organização partidária e a vida cotidiana do povo é, em sua percepção, o *problema radical* para entender a questão. Assim, este se torna o ponto fulcral das reuniões com os agitadores e propagandistas moscovitas no que resultou na elaboração de *Questões do modo de vida*.

Trotsky defende que para refletir, elaborar e construir um *novo modo de vida* [*Perestroika byta*], é necessário primeiro reconhecer o modo de vida existente, real, vivo e pulsante da classe operária. Para ele, o *novo modo de vida* socialista não se constrói em laboratório, separado das massas populares, mas a partir dela, de suas contradições, isto é, das heranças habituais do modo de produção de vida passado, que convivem com as novas expressões das relações produtivas e sociais do regime soviético em construção:

Para poder participar na elaboração do modo de vida, precisa-se conhecer o que existe e quais são as transformações possíveis do material de que se dispõe. Mostrai-nos, e mostrai antes de mais a vós próprios, o que se passa numa fábrica, numa cooperativa, no meio operário, num clube, numa escola, na rua, numa loja de bebidas, procurai compreender o que aí se passa, isto é, encarai os problemas de tal modo que neles reencontreis os restos do passado, perscrutando ou adivinhando através deles os germes do futuro. (TROTSKY, 2009, p. 31).

Mas conhecer o *modo de vida* não significa limitar-se a observação empírica das relações sociais cotidianas. Conhecer profundamente este fenômeno e elaborar

sobre ele, significa também conhecer o que já existe sobre tal fenômeno, isto é, estudá-lo à luz da ciência e da razão. Os intelectuais burgueses dos países europeus (escritores, jornalistas, poetas e artistas), na avaliação de Trotsky, realizaram essa tarefa antes da classe burguesa conquistar o poder político. Assim, discorre sobre o movimento iluminista francês e a preocupação em estudar o *modo de vida* em seus diferentes aspectos, como as questões religiosas, de gêneros e educativas:

O século 18 francês, chamado Século das Luzes, foi uma época em que filósofos burgueses analisaram os diferentes aspectos do modo de vida individual e social, esforçando-se em racionalizá-los, isto é, submetê-los às exigências da “razão”. Foi assim que encararam não só os problemas do regime político e da Igreja, mas também os problemas das relações entre os sexos, da educação das crianças, etc. (TROTSKY, 2009, p. 32).

Em tal observação, problemas como a educação das crianças fora objeto de preocupação dos pensadores iluministas num contexto histórico no qual a burguesia cumpria um papel revolucionário. Deste modo, Trotsky avalia que a burguesia tentou, por meio de seus intelectuais, racionalizar os diversos aspectos do *modo de vida* social, dentre eles, a tarefa da educação. Todavia, conforme pontua, os limites destes estudos não estavam na tentativa de racionalizar o *modo de vida* e, com ele, a educação de crianças e jovens, mas na base material da própria sociedade burguesa, ou seja, numa economia política fundada na irracionalidade do mercado:

[...] todos os esforços da Filosofia das Luzes para racionalizar, isto é, para reconstruir segundo as leis da razão as relações sociais e individuais, apoiavam-se na propriedade privada dos meios de produção, que devia constituir a pedra angular da nova sociedade, fundada na razão. A propriedade privada significa o mercado, o jogo cego das forças econômicas, não dirigidas pela “razão”. Foi assim que na base das relações econômicas mercantis se elaborou um modo de vida igualmente mercantil. Já que a lei do mercado reinava em absoluto, era impossível pensar numa verdadeira racionalização do modo de vida das massas populares. É por isso que a aplicação prática das construções racionalizantes dos filósofos do século 18, por vezes tão penetrantes e audaciosas, se mostra extremamente limitada. (TROTSKY, 2009, p. 32, grifos do autor).

A crítica de Leon Trotsky dirigida as limitações do movimento iluminista francês na racionalização do *modo de vida*, no qual a educação das crianças está inserida, estende-se a Alemanha e a própria Rússia pré-Outubro, cuja maior expressão pode ser identificado no movimento populista:

Mas se os espíritos esclarecidos do século 18 francês apenas puderam, numa medida muito escassa, transformar um modo de vida e costumes elaborados não pela filosofia, mas pelo mercado, se o evidente papel histórico das Luzes na Alemanha foi ainda mais limitado, a influência direta da intelectualidade russa esclarecida sobre o modo de vida e os costumes do povo foi praticamente nula. (TROTSKY, 2009, p. 33).

Neste sentido, sustenta a necessidade de racionalizar o modo de vida e a educação, mas diferentemente da burguesia e da economia de mercado, fundada em princípios anárquicos e irracionais de produção, fonte geradora de crises e guerras que resultam na “[...] inconsciência e ignorância [que] continuam a dominar o modo de vida da sociedade burguesa.” (TROTSKY, 2009, p. 33); a classe operária, enquanto manter o poder político em suas mãos, deve tomar para si a tarefa de organizar racionalmente tanto a produção econômica, quanto as relações sociais e o modo de vida: “A classe operária, que tomou o poder, chama a si a tarefa de submeter a um controle e direção conscientes a base econômica das relações humanas. É exclusivamente isso que permitirá uma reconstrução deliberada do modo de vida.” (TROTSKY, 2009, p. 33).

Daí se extrai a principal tese de Trotsky sobre o modo de vida e a educação. Esta tese está sustentada na impossibilidade de organizar racionalmente o modo de vida e a educação social sob o modo de produção capitalista, que até pode desenvolver racionalmente a técnica e as ciências em seus diversos campos, ainda que no limite das base produtivas e materiais da sociedade capitalista, na qual a economia é fundada na concorrência predatória de capitalistas e na exploração da força humana de trabalho. Em sua concepção, somente com a tomada do poder pela classe operária abre-se a possibilidade de organização racional da produção

material e satisfação das necessidades humanas e, a partir de tais condições, a possibilidade de uma “[...] verdadeira e radical transformação no modo de vida” (TROTSKY, 2009, p. 33).

Para Leon Trotsky, somente o socialismo pode assumir a tarefa da organização racional de todas as atividades humanas e submeter ao modo de vida à necessária luz da razão.

Como discorrido anteriormente, o modo de vida é determinado pelo modo de produção, logo, os êxitos e avanços no desenvolvimento da economia socialista possibilitam melhores condições de desenvolvimento e êxito no modo de vida da classe operária, não obstante, há uma interação dialética de determinações entre modo de vida e modo de produção, assim explanada por Leon Trosky:

[...] os nossos êxitos no domínio do modo de vida dependem estreitamente dos nossos êxitos no domínio econômico. Sem dúvida alguma, mesmo considerando nossa situação econômica atual, poderíamos aumentar a crítica, a iniciativa e a racionalidade no que concerne ao nosso modo de vida. É nisso que consiste uma das tarefas fundamentais da nossa época. Mas é evidente que uma reconstrução radical do modo de vida (libertar a mulher de sua situação de escrava doméstica, educar as crianças em um espírito coletivista, libertar o casamento das imposições econômicas, etc.), não é possível senão à medida que as formas socialistas da economia substituam as formas capitalistas. A análise crítica do modo de vida é hoje a condição necessária para que ele, conservador devido a suas tradições milenares, não se mantenha em atraso às possibilidades de progresso presente e futuro que nos abrem nossos recursos econômicos atuais. Por outro lado, os êxitos no âmbito do modo de vida, mesmo os mais ínfimos, que permitam elevar o nível cultural do operário e da operária, alargam imediatamente as possibilidades de uma racionalização da economia e, portanto, de uma acumulação socialista mais rápida; este último ponto oferece, por sua vez, possibilidades de novas conquistas no domínio da coletivização do modo de vida. (TROTSKY, 2009, p. 33-34).

Assim, identificamos uma segunda tese exposta por Leon Trotsky: o modo de produção determina o modo de vida, mas o modo de vida, quando elaborado intencionalmente para elevar o nível cultural da sociedade, ampliando os conhecimentos filosóficos, artísticos, sobretudo, sua qualificação técnica e científica,

além da inculcação de novos hábitos disciplinares, costumes, valores, etc, possibilitam o desenvolvimento da economia e da produção socialista mais rapidamente.

Sem perder de vista que “[...] o fator histórico principal é a economia. (TROTSKY, 2009, p. 34), sob a direção de um partido marxista, o modo de vida deve ser elaborado na perspectiva de seu potencial construtivo e social, transformando-se, assim, como um dos agentes das múltiplas determinações da história. Em síntese: “O militantismo cultural, em um Estado operário, serve ao socialismo, e o socialismo significa a expansão da cultura, de uma verdadeira cultura sem classes, de uma cultura humana e humanitária. (TROTSKY, 2009, p. 34)

O militantismo cultural é a intervenção militante, partidária, elaborada sob a condução do partido revolucionário e sua teoria marxista, na classe trabalhadora, sob o âmbito específico das questões culturais, educativas e do modo de vida. Com base nas indicações temáticas construídas por Leon Trotsky sobre as diferentes aspectos do militantismo cultural, identificamos em *Questões do modo de vida*, as seguintes categorias: a) Família e modo de vida; b) Jornal como instrumento de educação; c) Cinema, jogos e distrações; d) Novos hábitos: linguagem, delicadeza e atenção; e) Organização de bibliotecas; f) Combate a burocratização.

5.2.1 Família e modo de vida

Em *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, Engels enverada pelos estudos antropológicos sobre as tribos, famílias, gens e o surgimento das primeiras formas de Estado, com base principalmente nas investigações de Lewis Morgan (1818-1881)²⁶⁷. Neste texto, Engels realiza a seguinte conclusão:

267 Antropólogo norte-americano, pioneiro nos estudos sobre etnocentrismo em tribos indígenas. Um de seus trabalhos mais conhecido foi *Ancient society*, publicado em 1877, que foi amplamente debatido na comunidade científica e serviu de base para o livro de Engels. Franz Boas foi um dos grandes críticos ao seu trabalho, principalmente na concepção evolucionista e materialista de cultura. (MORGAN, 2020).

Quanto mais uma atividade social, uma série de processos sociais, escapam do controle consciente do homem, quanto mais parecem abandonados ao puro acaso, tanto mais as leis próprias, imanentes, do dito acaso se manifestam como uma necessidade natural. Leis análogas também regem as eventualidades da produção mercantil e da troca de mercadorias; frente ao produtor e ao comerciante isolados, aparecem como forças estranhas e no início até desconhecidas, cuja natureza precisa ser laboriosamente investigada e estudada. (ENGELS, 1984, p. 197).

Em se tratando de uma das atividades sociais que *escapam do controle consciente do homem*, na expressão de Engels, que necessitam ser investigadas, o modo de vida familiar, no contexto dos anos iniciais do regime soviético, foi atenciosamente ponderado por Leon Trotsky. Em *Questões do modo de vida*, o assunto é particularmente abordado em dois artigos do *Pravda*: o n. 155, de 13 de junho de 1923 e o subsequente n. 156, de 14 de junho de 1923, intitulados respectivamente: *Da antiga à nova família* e *A família e os ritos*.

Trotsky parte do pressuposto que no *período pré-revolucionário*²⁶⁸, os problemas familiares não eram observados atentamente pela massa da população, pois encontravam-se na esfera da vida privada, o que muda quando o proletariado assume o poder.

O autor observa que a guerra e a revolução abalaram as antigas instituições de diferentes maneiras. Se os sólidos palácios dos czares se desmembraram, a instituição familiar foi igualmente abalada, mas de forma peculiar e desigualmente combinada. A síntese de Trotsky sobre o relato dos agitadores e propagandistas que balizaram os artigos publicados sobre a questão da família, foi a seguinte:

Durante a discussão, o problema foi encarado de diversos modos: referiam-se a ele uns com angústia, outros com reserva e alguns com perplexidade. Em todo caso, era claro para todos que se estava perante um processo importante, totalmente caótico, cujas formas ora eram doentias, ora repulsivas, ora cômicas, ora ainda trágicas. Processo este que não tinha ainda deixado aparecer em si as possibilidades da nova ordem familiar que continha. (TROTSKY, 2009, p. 39).

268 No texto, não há uma indicação precisa para o termo, contudo, o contexto remete ao período relacionado aos acontecimentos anteriores a Revolução Russa de Outubro de 1917.

Além da guerra imperialista e da civil, o processo revolucionário também desencadeou problemas particulares que levaram à degradação familiar, tais problemas, contudo, não se resumem a explicação simplória de influência burguesa sobre o proletariado, configurando-se como um fenômeno mais complexo. Para Trotsky (2009, p. 39), há uma “situação de crise” na família operária pós-Outubro de 1917 e tal crise se manifesta de diversos modos, seja *cômica*, *repulsiva*, *doentia* e até *trágica*.

Antes da 1917, a guerra foi um das determinações no processo de desagregação familiar ao separar fisicamente os seus membros²⁶⁹. A revolução, que destruiu os pilares de instituições seculares e iniciara a construir o *novo* no terreno da economia e da política, encontrava-se ainda na *fase de destruição* no âmbito do modo de vida familiar. Diz Trotsky (2009, p. 40): “No plano das relações familiares, estamos por assim dizer ainda em 1920-21, e de modo algum em 1923. O modo de vida é muito mais conservador do que a economia e é, aliás, essa a razão por que sua compreensão é mais difícil”.

Trotsky sustenta que é preciso conhecer o que existe no terreno do modo de vida familiar no período de transição e apresenta situações ilustrativas que demonstrariam os impactos da revolução sobre as relações familiares. Tais situações se concentram na relação entre marido e esposa, com graus distintos de comprometimentos com o partido, o sindicato ou a organização de mulheres, os quais resultam em separação ou no divórcio. Entretanto, a decadência da família russa no contexto dos anos iniciais do regime soviético não se limitava a vanguarda operária, uma vez que estes problemas ultrapassam o âmbito do partido e atingiam a grande massa de trabalhadores.

A relação entre a base econômica e o *modo de vida familiar* é desenvolvida por Trotsky da seguinte maneira:

269 Em *A Semana*, de Libedinski, é ilustrativo o drama de Vladimir Martuinov, chefe do departamento político do soviete local, ao lembrar saudosamente de sua primeira e única paixão. O mesmo pode ser observado na obra de Boris Pasternak, *Doutor Jivago*, cuja separação física de dois núcleos familiares em meio a Guerra de 1914, a Revolução de 1917 e a Guerra Civil de 1917-1922, permeiam a vida do protagonista.

A transformação do poder e mesmo a do regime econômico (com os trabalhadores transformados em proprietários das fábricas e oficinas) são fatos que, por certo, se refletem na família, mas só a partir de fora e de forma indireta, sem abalar os seus hábitos diretamente herdados do passado. A metamorfose do modo de vida e da família exige da classe operária no seu conjunto uma consciência aguda dos problemas e dos esforços a realizar; isso pressupõe, da parte da própria classe operária, **um enorme trabalho de educação cultural**. (TROTSKY, 2009, p. 40, grifo nosso).

Assim, a dimensão econômica se reflete na família, mas não de forma direta e imediata, ou seja, numa relação mecânica linear de causa e efeito. De acordo com Leon Trotsky, o *modo de vida familiar* possui um conjunto de determinações mais influentes do que a correspondência da base econômica vigente, no que inclui as tradições e os costumes do passado. Em função desta análise, defende que as mudanças no *modo de vida familiar* exigem um trabalho consciente da classe operária, o que se colocaria como demanda “um enorme trabalho de educação cultural” (TROTSKY, 2009, p. 40).

A hipótese de Trotsky é que este *trabalho de educação cultural* pode ser a base para a formação de um *novo* modo de vida na família soviética; modo de vida condizente tanto com a igualdade social entre o homem e a mulher no âmbito da família, quanto na construção de relações mais coletivas de vida, por exemplo, na conformação de habitações coletivas. Porém, o autor não aprofunda e nem desenvolve o que seria este *trabalho de educação cultural*, limitando-se ao esboço de algumas proposições.

Um dos primeiros aspectos tratados situa-se no campo da igualdade de gênero. Em sua visão, ao contrário, por exemplo, das transformações econômicas e políticas que resultariam numa igualdade formal entre homens e mulheres, ilustra, de forma didática, as dificuldades de mudanças no modo de vida neste quesito:

Estabelecer a igualdade política da mulher e do homem no Estado soviético é um dos problemas mais simples. Estabelecer a igualdade econômica do trabalhador e da trabalhadora na fábrica, na oficina, no sindicato, é já muito difícil. Mas estabelecer a igualdade efetiva do homem e da mulher na família, eis o que é incomparavelmente mais complicado e exige imensos esforços para revolucionar todo o seu modo de vida. (TROTSKY, 2009, p. 40-41).

No seu pensamento, enquanto a igualdade da mulher não se efetivar na família, estar-se-á comprometido a igualdade na economia e na política e, portanto, a própria emancipação social da mulher: “pois se a mulher continua escravizada à família, à cozinha, ao sabão e à costura, suas possibilidades de agir na vida social e na vida do Estado continuam reduzidas ao extremo.” (TROTSKY, 2009, p 41).

Trotsky também discorre sobre determinados rituais familiares, antes fortemente acompanhados pela Igreja: o nascimento, o casamento e a morte. Se o novo regime afastou a obrigatoriedade da Igreja nestes três momentos da vida, o modo de vida operário, por sua vez, revela-se mais lento em se desfazer deles. Na visão do autor, os rituais religiosos, ao preencher a vida monótona e uniforme do operário e da operária com celebrações, festejos e promessas, acorrenta-os em seu último elo com tal instituição. Assim, pergunta:

O que lhe opor? É certo, opomos às superstições em que assenta a base do ritual a crítica marxista, a relação objetiva com a natureza e as suas forças. Mas esta propaganda científica e crítica não resolve o problema: desde já, porque não atinge ainda, nem atingirá durante longo tempo, mais do que uma minoria de pessoas; depois, porque essa própria minoria sente a necessidade de encarecer, elevar e enobrecer a sua vida pessoal, pelo menos nos momentos mais importantes. (TROTSKY, 2009, p. 47).

Deste modo, defende a importância da instituição do casamento civil contra a família consagrada pelo ritual da Igreja: “Ao destruir o rito, golpeou-se por isso mesmo a família. O ritual, vazio de conteúdo objetivo e não mais reconhecido pelo Estado, apenas se mantém pela sua inércia, servindo de muleta à família tradicional.” (TROTSKY, 2009, p. 44).

O revolucionário russo também reconhece que o Estado Operário desenvolveu seus próprios rituais, festividades, cortejos e desfiles, seus *espetáculos simbólicos* e *teatralidade*: a bandeira vermelha, a foice e o martelo, a estrela, o camarada, a Internacional, são partes do *simbolismo revolucionário*. Entretanto, reconhece ele, que se tais simbologias demarcam uma radical mudança na conformação do novo Estado Operário, o mesmo não ocorre em nível de célula

familiar. Daí aponta a necessidade de realizar uma disputa no campo da teatralidade e do simbolismo, no interior das relações privadas da classe operária:

Os argumentos teóricos agem apenas sobre o espírito, enquanto que a teatralidade ritual age sobre os sentimentos e a imaginação; a sua influência, portanto, é muito maior. É por isso que, no próprio meio comunista, torna-se necessário opor a esse antigo ritual novas formas e um novo simbolismo, não só ao nível oficial em que já se encontra, implantadas em larga escala, mas também ao nível da família. (TROTSKY, 2009, p. 47).

No texto, Trotsky descreve novas simbologias gestadas no meio comunista, como os nomes de registro de nascimento que homenageiam fatos, datas e personagens ligados à Revolução de Outubro de 1917²⁷⁰ e descreve um ritual de batismo com simbologia peculiar: “o recém-nascido é ‘examinado’ pelo comitê de fábrica, e a seguir é redigida uma ‘resolução’ na qual se reconhece que o recém-nascido faz parte dos cidadãos da URSS. Após o que se procede à festa.” (TROTSKY, 2009, p. 48).

Sugere que a entrada da criança na escola pode ser acompanhada pelo sindicato e perspectiva que tais instituições da classe operária poderão ocupar um lugar especial na criação e na organização de novas formas do modo de vida. (TROTSKY, 2009, p. 48).

Sustenta a ideia que o modo de vida da família soviética deve ter um acompanhamento do Estado, tal qual as confrarias religiosas feudais que se ocupavam do nascimento à morte dos seus, todavia, ao contrário das amarras ideológicas da religião, o novo modo de vida “[...] se fundará no desejo de utilizar cada conquista técnica e científica para enriquecer e embelezar a vida do homem.” (TROTSKY, 2009, p. 48).

Depois de registrar as dificuldades em abordar alguns rituais, como o casamento e o enterro, pontua que, no caso deste último, quando se trata de uma personalidade política, o partido realiza um *novo ritual* ancorado em *simbolismo revolucionário*: realiza um cortejo com bandeiras vermelhas, acompanhadas do soar da marcha fúnebre e uma salva de adeus.

270 Por exemplo: *Outubrina, Rosa, Lenin, Ninel* (Lenin ao contrário).

Relata que foi proposto, na reunião que foi base para a elaboração do seu escrito, a incineração dos mortos, a começar pelos revolucionários mais iminentes, como forma de propaganda antirreligiosa. Com sua concordância, ressalva, porém, que a cremação não substitui os cortejos e os rituais fúnebres, no que defende a necessidade de se “expressar os próprios sentimentos” perante um falecido (TROTSKY, 2009, p. 49). Assim, defende a utilização de *rituais comunistas* na construção do novo modo de vida familiar, em disputa contra os rituais e cerimônias religiosas.

Trotsky também pontua que a constituição de uma família de novo tipo na sociedade soviética representaria um desenvolvimento psíquico superior, do qual dependeria a melhora do nível cultural do indivíduo e, portanto, de um trabalho cultural direcionado neste sentido:

No plano psíquico, a aparição de uma família de tipo novo e de novas relações humanas equivale para nós, no conjunto, ao desenvolvimento da personalidade, a uma melhora das suas necessidades e de sua disciplina interna. Desse ponto de vista, a revolução em si mesma representa decerto um grande passo a frente, e os fenômenos mais penosos do desmantelamento da família são unicamente a expressão dolorosa do despertar da classe operária e o desabrochar da personalidade do indivíduo nessa classe. Assim, todo o nosso trabalho cultural – aquele que fazemos e, em particular, aquele que só nós devemos fazer – deve servir para estabelecer relações e uma família de tipo novo. Sem melhora do nível cultural individual do operário e da operária, essa família de um tipo novo e superior não existe porque, nesse âmbito, ela só se dá pela disciplina interior e não por uma pressão exterior. (TROTSKY 2009, p. 44).

A constituição de um *novo* modo de vida e de família deve ser vinculada a “obra geral de construção socialista” (TROTSKY, 2009, p. 44). Para tal, o governo bolchevique deve organizar “de modo sério e adequado” (TROTSKY, 2009, p. 44), ressalta, a educação coletiva das crianças, além das tarefas domésticas (cozinhar, lavar, costurar, etc.), que também devem ser coletivizadas.

Só nessas condições poderemos libertar a família das funções e ocupações que a sobrecarregam e a destroem. A lavagem de roupas deve ser feita numa boa lavanderia coletiva. As refeições devem ser tomadas num bom restaurante coletivo. Os vestuários devem ser confeccionados num ateliê de costura. **As crianças devem ser educadas por bons pedagogos, que nisso encontrarão seu verdadeiro emprego.** Desde então, os laços do marido e da mulher deixarão de ser entravados pelo que lhes é exterior, supérfluo, acrescentado e ocasional. Um e outro deixarão de envenenar mutuamente a existência. Ver-se-á aparecer por fim uma verdadeira igualdade de direitos. (TROTSKY, 2009, p. 44-45, grifo nosso).

Deste modo, Trotsky considera dois elementos centrais para o desenvolvimento da família de *novo tipo*, que poderá desenvolver a personalidade e o psiquismo do indivíduo de forma superior: a educação da classe operária e o seu enriquecimento material. Sobre o primeiro elemento, destacamos a importância que ele incube ao trabalho do pedagogo, enquanto um trabalho especializado que exige uma determinada dedicação. Mas também reconhece que o surgimento da nova família não aguarda a existência de condições materiais ideais. Ela seria possível a partir daquele presente contexto e, ao final, conclama a vanguarda operária e comunista a adoção de hábitos coletivistas de vida:

É verdade que o Estado não pode ainda encarregar-se da educação coletiva das crianças, da criação de lavanderias coletivas em que as roupas não sejam rasgadas ou roubadas. Mas isso em nada impede as famílias mais progressistas de tomar a iniciativa de se agruparem desde já em uma base coletivista. (TROTSKY, 2009, p. 45).

Defende a realização de *propaganda demonstrativa*, isto é, fazer divulgação de casos concretos do novo modo de vida comunista adotado numa fábrica ou oficina, de modo que as outras a tomem como exemplo.

Trotsky sugere que as experiências familiares de novo tipo, ainda que imperfeitas, devem ser estudadas minuciosamente. Propõe que o Estado Operário, por meio dos conselhos e organismos econômicos, apoiem iniciativas como as habitações coletivas, contudo, atenta para o cuidado para que o Estado não se sobreponha e substitua artificialmente as experiências reais em curso. Defende que a contribuição do Estado, neste sentido, deve se guiar da seguinte maneira:

Atualmente não se pode dar uma arrancada nesta matéria a não ser com a criação de lares demonstrativos. Será preciso adquirir segurança progressiva, sem querer ir demasiado longe e sem cair no fantástico burocrático. Num dado momento, será o Estado que se encarregará desses problemas, por intermédio dos conselhos locais das cooperativas etc., que generalizará o trabalho já feito, que o desenvolverá e aprofundará. Deste modo, a humanidade, como diz Engels, “passará do reino da necessidade para o reino da liberdade”. (TROTSKY, 2009, p. 46).

Observamos que na medida em que propõe a necessidade de estudar e apoiar as novas formas do modo de vida familiar que aparecem sob o período de transição, no qual o proletariado torna-se a classe política dominante do Estado, chama a atenção para se evitar uma intervenção burocrática neste fenômeno, a partir de uma condução dirigida sem a participação coletiva, criativa e original das massas trabalhadoras:

Esse modo de vida, essa teatralidade de um gênero novo, só podem desenvolver-se paralelamente ao desenvolvimento da alfabetização e do bem estar material. Temos todos os motivos para estudar esse mecanismo com a maior atenção. Não se pode por certo se tratar de uma intervenção constrangedora, vinda de cima, isto é, **de uma burocratização dos novos fenômenos do modo de vida**. Só a criação coletiva das amplas massas, auxiliada pela fantasia, pela imaginação criadora e pela iniciativa dos artistas, pode conduzir-nos, ao longo de anos e decênios vindouros, até a via das novas formas de vida, espiritualizadas, enobrecidas e impregnadas de espetaculosidade coletiva. No entanto, é preciso desde já e por todos os meios ajudar no desenvolvimento desse processo criativo, sem regulamentá-lo. E, para isso, antes de mais nada é necessário devolver a visão a esse cego que é o modo de vida. É preciso estudar atentamente tudo o que se passa na família operária e na família soviética em geral. Cada inovação, cada embrião ou mesmo cada alusão a essas novas formas deve ser referida na imprensa ao conhecimento de todos, a fim de despertar a fantasia e o interesse e dar assim um impulso à criação coletiva de um novo modo de vida. (TROTSKY, 2009, p. 49-50).

Um novo modo de vida construído e imposto de cima, isto é, pela regulamentação estatal, constituir-se-á numa expressão da burocratização do regime soviético nas novas formas de expressão da vida. Deste modo, a burocratização do regime já se encontrava como objeto de preocupação e combate

por Leon Trotsky naquele contexto, cinco anos antes de sua expulsão do partido e de seu banimento ao difitivo exílio.

Portanto, em sua concepção, o papel do Estado na construção de um novo modo de vida familiar estaria na realização de um *trabalho de educação cultural*. Esse trabalho parte, por um lado, do estudo das relações familiares e seu modo de vida, ou seja, entender as relações internas que tem levado a desagregação familiar, as relações entre família e Igreja, os rituais familiares comumente relacionados a esta instituição e; por outro lado e propositivamente: no avanço das tarefas coletivas domésticas (como restaurantes e lavanderias comunitárias); na construção e incentivo de moradias e habitações coletiva; na manutenção e extensão de rituais e cerimoniais revolucionários já existentes; na educação estatal das crianças; na importância do ofício e trabalho do pedagogo junto à crianças e; na demonstração de exemplos positivos de novas formas de vida e relações sociais por meio da imprensa.

5.2.2 Jornal como instrumento de educação

Uma das grandes preocupações de Leon Trotsky com a educação dos operários nos anos iniciais do regime soviético esteve relacionada a uma ferramenta política e de propaganda que foi criada e desenvolvida há mais de dois milênios pela humanidade — o jornal²⁷¹.

No texto *Para construir o modo de vida é preciso conhecê-lo*, defende:

O estudo e a análise do modo de vida operário devem antes de mais nada ser apresentados como uma missão incumbida aos jornalistas, pelo menos àqueles que sabem usar os olhos e os ouvidos; é preciso orientá-los para esse trabalho, dar-lhes instruções, corrigi-los e educá-los, para fazer deles os cronistas da revolução do modo de vida. (TROTSKY, 2009, p. 31).

271 *Acta Diurna* é considerado o primeiro jornal publicado conhecido; criado em 49 a.C, possivelmente pelo general romano Júlio César (100 a.C – 44 a.C.) para divulgar notícias oficiais e particulares. De placas de pedra a sedas chinesas pintadas à mão no final da dinastia Han (206 a.C – 220 d.C), o processo de produção do jornal deu um salto qualitativo com a invenção da máquina de pensar papel, do alemão Johannes Gutenberg, em 1447. (ACTA, 2006).

Esta ferramenta foi usada como arma na batalha de ideias na Revolução Francesa de 1789 e na difusão do seu ideário de *igualdade, fraternidade e liberdade*, como valores universais da humanidade, o que trouxe profundas mudanças econômicas e culturais na civilização moderna (DARTON e ROCHE, 1997; BRIGGS e BURKE, 2006). Por exemplo, na visão de um observador anônimo, testemunha ocular da guerra civil estadunidense: “Sem jornais, a revolução norte-americana não teria ocorrido”. (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 103).

Leon Trotsky igualmente identificou o potencial que o jornal possui na construção e desenvolvimento não apenas de revoluções sociais, mas também no processo de educação mais ampla das massas em direção à construção de uma sociedade socialista.

Anterior a ele, o jornal já fora identificado como importante instrumento político para o trabalho na consciência da classe trabalhadora. Karl Marx, fundador da escola filosófica e política do comunismo científico, passou considerável parte de sua vida no trabalho com diversos jornais²⁷² e publicou vários textos sobre que tematizam a questão da imprensa em diversos âmbitos e contextos (MARX, 2006)²⁷³.

Na Rússia, Vladimir Lenin escreveu, em maio de 1901, um artigo publicado no quarto número do *Iskra*²⁷⁴, intitulado *Por onde começar*. Neste, apresenta um esboço de um plano para o POSDR, cujo debate concentra-se nos meios viáveis para a construção de um trabalho político organizado em todo o território russo. O plano esboçado por Lenin (que será melhor desenvolvido em *Que fazer?*) apresenta como eixo central na conformação de um partido revolucionário, a organização e o trabalho político centralizado em torno de um jornal. Na sua fundamentação, sustenta:

272 *Rheinische Zeitung*, de Colonia, no qual também Marx foi redator; *Vorwärts*, órgão de imprensa dos operários alemães na emigração; *Neie Rheinische Zeitung*, publicada em Colonia, junto com Engels; *The People's Paper* e *Das Volk*, ambos de Londres; *Neue Oder-Zeitung*, de Breslau; *Die Presse*, de Viena; além de suas contribuições como correspondente internacional do norte-americano *New York Daily Tribune*.

273 Alguns deles, de diferentes períodos e momentos de sua vida, encontram-se publicados em língua portuguesa numa pequena antologia da editora L&PM, intitulado *Liberdade de Imprensa*.

274 Jornal da social-democracia russa onde está registrado o combate político e ideológico de Lenin contra os economicistas e o nacionalismo pequeno-burguês que influenciavam as correntes socialistas da época. Ver mais na nota 178.

Em nosso juízo, o ponto de partida de nossa atividade, o primeiro passo prático para a criação da organização que desejamos e, por último, o fio fundamental segundo o qual poderemos incessantemente desenvolver, enraizar e alargar essa organização, **deve ser a fundação de um jornal político para toda a Rússia.** Necessitamos, antes de tudo, de um jornal; sem ele será impossível coordenar de modo sistemático uma propaganda e uma agitação que tenha firmeza nos princípios e abarquem todos os aspectos. Esta tarefa, constante e fundamental da social-democracia em geral, é particularmente vital nestes momentos, em que o interesse pela política e pelas questões do socialismo tem despertado vários setores da população. Nunca foi sentido tanto como agora a necessidade de completar a agitação dispersa, efetuada por meio da ação pessoal, de jornais locais, panfletos, etc, com a agitação geral e regular que se pode desenvolver somente por meio da imprensa periódica. Não será exagerado afirmar que o grau de frequência e regularidade da saída (e difusão) do jornal, poderá ser a medida mais exata da seriedade com que está organizada este ramo de nossa atividade combativa, mais primordial e urgente. Assim, necessitamos de um jornal destinado precisamente à toda a Rússia. Se não sabemos unir nossa influência no povo e no governo mediante a palavra impressa, será utópico pensar poder unificar outros meios de influência mais complexos, mais difíceis e a curto prazo mais decisivos. Nosso movimento, tanto no sentido ideológico como no sentido prático, de organização, sofre mais do que tudo de dispersão, no qual a imensa maioria dos social-democratas estão absorvidos quase absolutamente por um trabalho puramente local, que limita seus horizontes, o alcance de sua atividade e sua amplitude, além da preparação da clandestinidade. É precisamente nesta dispersão que se deve buscar as raízes mais profundas da instabilidade e das vacilações que falamos mais acima. E o primeiro passo para eliminar esta deficiência, para transformar os diversos movimentos locais em um único movimento de toda a Rússia, deve ser a organização de um jornal para toda a Rússia. (LENIN, 1973, p. 196-197, grifo nosso).

Na concepção de Lenin, tal ferramenta se constituiria, portanto, como um grande eixo da organização política revolucionária, não somente para a difusão da propaganda e da agitação revolucionária, mas também como um organizador coletivo que centralizaria o conjunto das ações e atividades do partido, como um centro o qual os revolucionários se aglutinariam e, partir daí, desenvolveriam um trabalho político permanente e sistemático:

A missão de um jornal não se limita, todavia, a difundir ideias, a educar politicamente e a conquistar aliados políticos. O jornal não é somente um propagandista e um agitador coletivo, mas também um organizador coletivo. Sobre esse último aspecto se pode comparar o jornal com a estrutura de andaimes que envolve um edifício em construção que assinala seus contornos, facilita o contato entre os diferentes construtores, ajuda-lhes a distribuir as tarefas e a observar os resultados gerais alcançados com o trabalho organizado. Com a ajuda do jornal e com ligação com ele se formará por si mesmo uma organização permanente, que se ocupará não somente do trabalho local, mas também do trabalho geral sistemático, que habitue os seus membros a acompanharem atentamente os acontecimentos políticos, a avaliar sua importância e influência sobre os distintos setores da população, a conceber os meios mais adequados para que o partido revolucionário atue nestes acontecimentos. Até mesmo as tarefas técnicas de assegurar ao jornal um fornecimento regular de informações e uma distribuição eficiente do mesmo, obriga a criar uma rede de agentes locais de confiança do partido unificado, de agentes [distribuidores e correspondentes] que mantenham entre si um contato vivo uns com os outros, que conheçam o estado geral das coisas, que se acostumem a cumprir sistematicamente funções parciais de um trabalho realizado em toda a Rússia, e que provejam suas forças na organização de distintas ações revolucionárias. Esta rede de agentes será precisamente o esqueleto da organização que necessitamos: suficientemente grande para estender-se por todo o país; suficientemente ampla e variada para instaurar uma rigorosa e detalhada divisão do trabalho; suficientemente firme para saber prosseguir inflexivelmente o seu trabalho em todas as circunstâncias, em todas as reviravoltas e situações inesperadas; suficientemente flexível para saber, por um lado, evitar a batalha em campo aberto contra um inimigo de forças superiores que as concentrou em um só ponto e, por outro, aproveitar as incapacidades de manobra desse inimigo para lançar-se sobre ele no lugar e no momento em que menos espera ser atacado. (LENIN, 1973, p. 197).

Em *Que fazer?*, Lenin aborda os problemas centrais do movimento revolucionário naquele momento; critica a concepção de trabalho político e as estratégias de algumas tendências do movimento socialista (espontaneístas e economicistas); e aprofunda a concepção de partido, defendida por ele em *Por onde começar*.

Que fazer? demarca uma ruptura com diversos grupos e organizações, no que resulta uma nova síntese de organização política marxista. No quinto capítulo, “Plano” de um jornal político para toda a Rússia, responde às críticas do jornal *Rabótcheie Dielo* e defende que “para educar as pessoas para formar organizações

fortes não há outro meio senão um jornal para toda a Rússia.” (LENIN, 1988, p. 125); sustenta a necessidade de formação de dirigentes profissionais que “[...] apenas podem ser educados iniciando-se na apreciação cotidiana e metódica de todos os aspectos de nossa vida política.” (LENIN, 1988, p. 125); que um trabalho político vivo não se pode começar “[...] senão através de uma agitação política viva, o que é impossível sem um jornal para toda a Rússia, que apareça frequentemente e seja difundido de forma regular” (LENIN, 1988, p. 126).

Em síntese, Lenin (1988) defende a organização de um jornal para toda a Rússia, substituindo o trabalho local e disperso por um trabalho unificado, cotidiano e sistemático, realizado por revolucionários profissionais, que seriam selecionados, forjados e *educados* no próprio processo de trabalho com o jornal. Este modelo de organização, na concepção de Lenin, teria melhores condições de conduzir uma insurreição operária e foi este modelo que balizou a organização bolchevique.

Leon Trotsky, em contexto diverso de Lenin, aborda o problema do jornal a partir de considerações críticas sobre o trabalho desenvolvido no *período de transição*, ou seja, num período onde a insurreição operária para a tomada do poder não seria mais necessária. Aponta, centralmente, para a importância de avançar na qualidade desta ferramenta e na formação dos responsáveis por sua produção: correspondentes, técnicos, revisores, etc. Em particular, detém-se sobre o assunto em dois textos: *O jornal e o seu leitor*²⁷⁵, publicado no *Pravda* n. 145, de 01 de julho de 1923; e *Por onde começar*²⁷⁶, publicado no *Pravda* n. 183, de 17 de agosto de 1923.

Em *O jornal e seu leitor*, objetiva “reexaminar muito atentamente” (TROTSKY, 2009, p. 16) o uso das ferramentas de agitação e propaganda. Tal preocupação decorre do contexto histórico da nova etapa da revolução, no qual o partido se encontra a frente de novos e antigos problemas que “[...] aparecem sob nova forma” (TROTSKY, 2009, p. 16). Estes problemas foram tratados na reunião de agitadores e propagandistas, cujas seguintes questões foram colocadas:

275 *Gazeta i yeye chitatel* [Газета и ее читатель].

276 *S kakogo ugla podoyti?* [С какого угла подойти?].

Que jornais lêem os operários mais espontaneamente?
 O que é que os operários lêem em primeiro lugar?
 Que rubricas devem ser desenvolvidas?
 Serão os telegramas da agência ROSTA acessíveis aos leitores operários?
 Neste domínio, não convirá transformar radicalmente o carácter da nossa informação telegráfica?
 Que desenvolvimento conhece a imprensa especializada?
 É esta imprensa lida pelos operários? (TROTSKY, 1979, p. 114)

Trotsky expõe que os jornalistas soviéticos encontrarão nas respostas de tais perguntas “um grande número de amargas censuras” (TROTSKY, 2009, p. 16), as quais o próprio manifesta concordância. Neste sentido, destacamos três depoimentos representativos no anexo *Perguntas e respostas sobre o modo de vida operário*, que consubstanciarão o texto de Trotsky nessa crítica:

Marine – Os operários queixam-se da má qualidade da imprensa (impressão).

Kasakov – A imprensa profissional lê-se dificilmente. Acontece termos que a difundir usando de subterfúgios, isto é, artificialmente.

Markov – Falta nos jornais uma rubrica em que se expliquem os factos e as palavras incompreensíveis; é por isso que os operários se desinteressam deles. (TROTSKY, 1979, p. 114, grifo no original).

Assim, considerando as características de um jornal revolucionário, Trotsky apresenta uma série de considerações críticas sobre a forma e o conteúdo de como esta ferramenta se apresentava no período mencionado.

O autor analisa os jornais mais lidos de Moscou naquela época: *Moscou Trabalhador*²⁷⁷ e *Gazeta Operária*²⁷⁸. Nestes, destacou-se algumas *rubricas*²⁷⁹ para considerações, como: *Canto das crianças*, *Notícias do estrangeiro* e *Sobre o país*. Além de jornais impressos, Trotsky também analisou as notícias produzidas pela Agência Telegráfica Russa (ROSTA) e chega a mencionar uma revista científica,

277 *Rabochaya Moskva* [Рабочая Москва].

278 *Rabochaya Gazeta* [Рабочая Газета].

279 Na edição da Antidoto a palavra traduzida como *rubrica* aparece na editora Sundermann como *nota explicativa* e *seção*. No texto-fonte, o termo francês é *rubrique*. O vocábulo português possui, dentre outros significados, a indicação geral de um assunto ou categoria e, no âmbito específico da imprensa, pode ser definido como o efeito tipográfico para destacar uma seção do texto jornalístico, como negritá-lo ou tingi-lo de vermelho.

intitulada *Sob a bandeira do marxismo*. Em sua crítica, Trotsky abrange o aspecto da forma (técnica jornalística) e do conteúdo (a função do jornal e os assuntos/temas selecionados ou ausentes).

No aspecto da forma, relata a existência de problemas como a paginação irregular, a má qualidade da impressão, o excesso de tinta e a ocorrência de gralhas (erros tipográficos) que dificultam a leitura do jornal. Do *Gazeta Operária*, examina o texto *O conto do gato inteligente...* da seção *Canto das crianças*, cuja avaliação considera impossível realizar a leitura do texto devido a defeitos em sua impressão, “e isso destina-se à crianças!”, ressalta (TROTSKY, 2009, p. 17).

A irritação do revolucionário russo para com os problemas técnicos que impedem ou dificultam a apropriação do conteúdo jornalístico é explícita em seu texto, como podemos observar nesta passagem:

É preciso dizer francamente: a nossa técnica em matéria de jornais é a nossa vergonha. Apesar de nossa pobreza, apesar de nossa imensa necessidade de instrução, pagamos com frequência o luxo de sujar a quarta parte, quando não mesmo a metade de uma folha de jornal. Um tal “farrapo” não pode deixar de irritar o leitor. Um leitor pouco informado cansa-se disso, um leitor cultivado e exigente range os dentes e despreza abertamente os que assim troçam dele. Precisamente porque existe alguém que escreve esses artigos, alguém que os página, alguém que os imprime, e no fim das contas o leitor, apesar de todos os seus esforços não consegue decifrar a metade. Que vergonha e que infâmia! (TROTSKY, 2009, p.17).

As críticas sobre os problemas da forma estão centradas na preocupação com o leitor, alvo a quem esta ferramenta se dirige. Uma ferramenta que possui uma forma defeituosa pouco provavelmente cumpre sua função, no caso do jornal, “[...] impede por vezes que se penetre no espírito de um artigo” (TROTSKY, 2009, p. 17).

A relação forma – conteúdo é considerada importante em sua crítica em decorrência de outro elemento: os custos de produção, que são desperdiçados com as folhas imprestáveis, num contexto onde a pobreza e a carência por instrução ainda predominavam.

Além de jornais, Trotsky também se refere aos problemas na ROSTA e na revista científica, ocasião em que cita Leon Tolstói e, sem mencionar a fonte, atribui-lhe a afirmação que os livros seriam suportes para a difusão da ignorância, cuja

resposta ao literato se constrói da seguinte maneira: “Esta afirmação de um grande senhor desdenhoso é, sem dúvida, totalmente enganosa. [...]; a imprensa, diga o que quiser Tolstoi, **é, e deve ser, um instrumento de educação.**” (TROTSKY, 2009, p. 17-18, grifo nosso).

Se Leon Trotsky foi um dos pioneiros na compreensão sobre o papel da imprensa como um instrumento de educação da sociedade, não é o nosso objetivo de averiguação²⁸⁰. Entretanto, em seu texto defende a ideia que a imprensa deve ter o objetivo de promover a educação das amplas massas.

A sua visão sobre o *jornal como instrumento de educação das massas* aparece de forma mais desenvolvida em sua crítica aos aspectos do conteúdo. Nesta dimensão, menciona uma série de problemas: irregularidades na sequência lógica das edições; uso de abreviaturas incompreensíveis ao público; menções à localidades sem a devida instrumentalização geográfica; desprezo pelos *faits divers*²⁸¹ e pelos assuntos do cotidiano.

Nos nossos jornais, os comunicados são compostos e impressos de uma forma semelhante à “grande” imprensa burguesa. Quando se segue cotidianamente essa sessão de certos jornais, tem-se a impressão que os camaradas que se ocupam dessa nota explicativa, ao paginarem os novos informativos, já se esqueceram tudo o que tinham publicado na véspera. O seu trabalho não apresenta em absoluto nenhuma sequência lógica. Cada informativo se assemelha a um estilhaço que ali caiu por acaso. As explicações que os acompanham têm um caráter fortuito e frequentemente irrefletido. Quando muito, ao lado do nome de certo político burguês estrangeiro, o redator da nota explicativa limita-se a mencionar entre parênteses: “lib.” ou “cons.”, o que significa: liberal ou conservador. Mas como três quartos dos leitores não compreendem essas abreviaturas, tais esclarecimentos podem apenas confundi-los ainda mais. Os comunicados que, por exemplo, nos informam do que se passa na Bulgária ou na Romênia, passam habitualmente por Viena, Berlim, Varsóvia. Os nomes destas cidades, citados no início do telegrama, confundem totalmente a massa dos leitores, completamente ignorantes em geografia. (TROTSKY, 2009, p. 18).

280 Segundo Aidar (1995), o jornal tem sido pensado como ferramenta de ensino, desde o início do século XIX.

281 Do francês: *faits divers*, jargão usado no meio jornalístico para classificar as notícias que não se enquadram nas categorias tradicionais de política, internacional, economia, esportes, etc. Geralmente, trata-se de casos particulares que envolvem um acontecimento violento, como assassinatos, crimes, acidentes e suicídios (DION, 2007).

Trotsky também apresenta algumas proposições para corrigir e superar os problemas da imprensa soviética que ele discorre ao longo de seus textos. Tais proposições são indicativos políticos para serem executados pelo partido ou pelo governo e, em certa medida, algumas delas perpassam pela questão da educação ou então, tem como alvo a elevação do nível de instrução e educacional das amplas massas:

Se, pelo contrário, o redator da nota explicativa dos informativos se lembra do que publicou na véspera e na antevéspera, e se ele próprio procura compreender o que liga os acontecimentos e os fatos entre si, a fim de os explicar ao leitor, **a informação, mesmo quando imperfeita, adquire desde logo um imenso valor educativo.** (TROTSKY, 2009, p. 19, grifo nosso).

Em sua avaliação, portanto, quando as informações de um tema ou assunto se apresentam de forma ordenada, com uma sequência lógica dos nexos dos acontecimentos, isso contribui para melhor compreensão do leitor sobre o assunto discorrido. A informação, como síntese dos fatos e acontecimentos poderia, por si só, contribuir no processo educativo das massas de trabalhadores. Assim, para ele, a simples coordenação de informações possibilita ao leitor comum dar “[...] um passo enorme no caminho da cultura” (TROTSKY, 2009, p. 19).

Para o pensamento social e político de Leon Trotsky existe uma correlação entre informação e educação/cultura: quanto mais uma informação é organizada, ordenada, clara, inteligível e relacionada aos acontecimentos concretos anteriores e presentes, maior aprendizado que a classe operária pode extrair de tal informação e, portanto, maior o seu nível cultural e educativo. Deste modo, “Um jornal, como já dissemos, deve antes de tudo informar corretamente. Não poderá ser **um instrumento de educação** se a informação não for correta, interessante e exposta judiciosamente. (TROTSKY, 2009, p. 21, grifo nosso).

O jornal informa e, ao cumprir eficazmente esta função, também educa. Tal preceito é concretizado pelo revolucionário russo no momento em que analisa a seção *Notícias do estrangeiro*, no qual explana algumas proposições de como

trabalhar e desenvolver conhecimentos básicos da geografia, por meio de cartazes impressos:

A questão das cartas geográficas representa, na nossa situação, isto é, em vista do cerco capitalista e do ascenso da revolução mundial, **um importante problema de educação social**. Onde quer que se organizem conferências ou reuniões, ou pelo menos nos locais mais importantes, é preciso dispor de cartas geográficas especiais, com as fronteiras entre Estados bem delimitadas e das quais constem certos elementos de desenvolvimento econômico e político desses Estados. Seria talvez bom, como durante a guerra civil, afixar esse gênero de cartas esquemáticas em certas ruas e locais. Não seria difícil proceder assim. No ano passado, foram espalhadas bandeirolas com incrível profusão, sob qualquer pretexto. Não teria sido melhor utilizar esses meios para dotar as fábricas, as oficinas e depois as aldeias de cartas geográficas? Cada conferencista, cada orador, cada agitador, etc., ao evocar a Inglaterra e suas colônias, pode imediatamente situá-las no mapa. Mostraria da mesma forma aonde se encontra o Ruhr. Será o orador que, antes de mais nada, tirará proveito disso: saberá mais clara e precisamente acerca do que fala, visto dever verificar antecipadamente onde se encontra determinado país ou Estado. E os ouvintes, se a questão lhes interessa, não deixarão de lembrar o que lhes foi mostrado, não talvez pela primeira vez, mas pela quinta ou décima vez. E a partir desse momento, quando as palavras “Ruhr”, “Londres” ou “Índia” deixarem de se mostrarem vazias de sentido, o leitor lerá os informes de forma totalmente diferente. Sentirá prazer em ler no jornal a palavra “Índia”, uma vez que saiba onde se encontra esse país. Sentir-se-á mais esclarecido e terá se tornado, de fato, mais culto. Deste modo, cartas geográficas claras e expressivas **tornam-se um elemento fundamental da educação política de todos**. (TROTSKY, 2009, p. 20, grifos nossos em negrito).

Na concepção jornalística de Trotsky, o texto não deve partir do ponto de vista do autor, mas do leitor. Esta distinção, para ele muito importante, deve refletir tanto em cada artigo, quanto no jornal como um todo. O leitor não deveria se prender à *sermões* sobre a burguesia ou a religião. Ao contrário, a explicação de um fato de modo preciso, descrito e explicado inteligentemente, melhor contribui para a função instrutiva e educativa do jornal do que a explanação abstrata de conceitos.

O exemplo usado por Trotsky sobre a epidemia de malária é ilustrativa no modo como o jornal pode tratar uma informação do cotidiano e relacioná-la a conhecimentos científicos:

Este ano, como se sabe, uma violenta epidemia de malária devastou o país. [...]. As suas aparições súbitas, o seu fluxo e refluxo, a periodicidade (regularidade) dos seus acessos, fazem com que a malária atue não só sobre a saúde, mas também sobre a imaginação. Fala-se e reflete-se sobre ela, oferecendo terreno propício tanto às superstições como à propaganda científica. Mas o interesse que manifesta a nossa imprensa é ainda insuficiente. No entanto, cada artigo sobre a malária suscita, como os camaradas de Moscou relataram, o maior interesse: a edição do jornal passa de mão em mão, o artigo é lido em voz alta. É evidente que a nossa imprensa, sem se limitar à propaganda sanitária do Comissariado para a Saúde Pública, deve empreender sobre este tema um importante trabalho. É preciso começar por descrever o próprio desenvolvimento da epidemia, precisar as regiões em que se expande, enumerar as fábricas e oficinas mais particularmente atingidas. Isso já estabelecerá uma ligação viva com as massas mais atrasadas, mostrando-lhes que as conhecemos, que nos interessamos por elas, que não são esquecidas. Depois, é preciso explicar a malária de um ponto de vista científico e social, mostrar com dezenas de exemplos que ela se desenvolve em condições de vida e produção particulares, dar todo o destaque às medidas tomadas pelos órgãos governamentais, dar os conselhos necessários e repeti-los com insistência em cada número, etc... Neste terreno, pode e deve-se desenvolver uma propaganda contra os preconceitos religiosos. Se as epidemias, como em geral todas as doenças, representam um castigo dos pecados cometidos, porque então se propagam mais nos lugares úmidos do que nos lugares secos? Um mapa do desenvolvimento da malária, acompanhada das explicações práticas necessárias, é um notável instrumento de propaganda anti-religiosa. O seu impacto será tanto mais importante quanto maior o problema, pois afeta ao mesmo tempo, e muito intensamente, amplos grupos de trabalhadores. (TROTSKY, 2009, p. 22-23).

Nesta ilustração, um acontecimento que desperta amplo interesse dos trabalhadores deve ser consideravelmente tratado pelo jornal, de modo científico e preciso. Em sua visão, o jornal pode cumprir uma importante tarefa de divulgação da ciência ao empreender uma campanha contra a malária. Além de divulgar repetidamente as medidas do Estado Operário para combater a doença; deve-se explicar o fenômeno da epidemia com base nos fundamentos das ciências, relacionando-os as condições materiais e a produção material da existência; deste modo, desenvolve-se também uma propaganda antirreligiosa, contra explicações místicas sobre a doença. Portanto, o jornal deve servir como uma ferramenta a

serviço da educação com base na ciência e, nesta empreitada, utilizar episódios concretos do cotidiano da vida operária.

No mesmo sentido, Trotsky chama a atenção para que os *fait divers*, tragédias, acidentes e acontecimentos violentos que sensibilizam largamente a população, sejam tratados devidamente pela imprensa soviética:

A nossa imprensa deve manifestar o maior interesse pelas variedades: deve comentá-las e esclarecê-las, deve fornecer delas uma explicação que, ao mesmo tempo, tenha em conta a psicologia, a situação social e o modo de vida. Dezenas ou centenas de artigos repetindo lugares-comuns sobre o aburguesamento da burguesia e sobre a estupidez dos pequeno-burgueses não terão maior influência sobre o leitor do que um importuno chuvisco de outono. Mas o processo de um drama familiar bem descrito e ordenado no decurso de uma série de artigos pode interessar milhares de leitores, despertar-lhes pensamentos e sentimentos novos, revelar-lhes um horizonte mais vasto. Após o que alguns leitores solicitarão talvez um artigo geral sobre o tema da família. (TROTSKY, 2009, p. 23).

Trotsky critica a forma sensacionalista como a imprensa burguesa trata dos *faits divers*, aproveitando-se dos instintos do ser humano, além da curiosidade doentia. Contudo, defende que não se pode desprezar os instintos: “Isso seria a mais pura hipocrisia. Somos o partido das massas. Somos um Estado revolucionário e não uma confraria espiritual ou um convento”, afirma (TROTSKY, 2009, p. 24).

Argumenta que o jornal deve satisfazer a curiosidade do ser humano, elevando o nível desta curiosidade, com a apresentação clara e de forma adequada dos fatos. (TROTSKY, 2009, p. 24).

Em síntese, sustenta que o jornal não pode desprezar o que interessa à massa de operários, todavia, “[...] todo jornal pode e deve dar a sua interpretação dos fatos, visto que **é chamado a educar, desenvolver e elevar o nível cultural**” (TROTSKY, 2009, p. 23, grifo nosso), no qual observamos que a educação e a elevação cultural, novamente, são postos claramente como objetivos da imprensa soviética.

Em razão de tais elementos, propõe uma mudança radical do jornal em direção ao leitor, cujo perfil é descrito como “[...] leitor de massa, despertado pela revolução, mas ainda pouco letrado, ávido de conhecer, mas totalmente carente, e

que continua sendo um homem a quem nada de humano é estranho. (TROTSKY, 2009, p. 24).

Para além público-alvo da produção jornalística, Trotsky também preocupou-se com o processo educativo nos agentes responsáveis pela produção do jornal:

Uma vez por semana, com preferência evidente pelo domingo, ou seja, o dia e, que o operário está livre, dever-se-ia fazer um balanço dos fatos mais significativos. Diga-se, a propósito, que **tal trabalho seria um maravilhoso meio de educar os responsáveis pelas diversas seções**. Aprenderiam assim a investigar mais cuidadosamente o que liga entre si os diversos acontecimentos, com reflexos benéficos sobre a redação cotidiana de cada nota explicativa. (TROTSKY, 2009, p. 19, grifo nosso).

Em associação à necessidade de educação dos correspondentes, defende a necessidade de cursos de apoio e aperfeiçoamento, sobretudo de formação política, para os revisores/corretores. Em sua consideração, avalia que um revisor poderia cumprir melhor esta função caso entenda politicamente sobre o que o texto – objeto de sua correção, trata:

Se a imprensa não dispõe dos quadros necessários, de corretores-revisores cultos que conheçam seu trabalho, será então preciso aperfeiçoar no conjunto os quadros existentes. É preciso dar-lhes cursos de apoio, bem como cursos de instrução política. Um corretor deve compreender o texto que corrige, caso contrário não será um corretor, mas um involuntário propagador de ignorância. (TROTSKY, 2009, p. 18-19).

Do mesmo modo, alerta para a necessidade de “educar progressivamente” (TROTSKY, 2009, p. 19) os correspondentes da agência telegráfica, ROSTA.

Um segundo texto que Trotsky aborda o problema do jornal está num artigo, cujo título, homônimo ao esboço de Lenin, intitula-se *Por onde começar*²⁸².

Segundo Leon Trotsky, as questões do modo de vida, em particular da vida familiar, tem começado a interessar a imprensa operária soviética, todavia, a abordagem sobre o tema tem sido realizada de forma inapropriada. Os

282 Este texto não está presente nas edições traduzidas em língua portuguesa de *Questões do modo de vida*. Em razão disso, usamos como fonte a obra *Problemas de la vida cotidiana*, cujo título nesta obra é: *Como empezar*.

correspondentes operários encontraram dificuldades em descrever o modo de vida. Assim, Trotsky realiza os seguintes questionamentos: “como abordar o problema? Como começar? Para onde dirigir a atenção?”²⁸³ (TROTSKY, 2015, p. 30, tradução nossa).

A princípio, o autor alerta que os problemas dos correspondentes não se limitam ao *estilo literário* e destaca o que considera um erro jornalístico, quando são mencionados nomes das famílias de funcionários e diretores de fábrica.

Esse hábito é errado, perigoso e indesculpável, um diretor desempenha uma função pública, o mesmo vale para um membro do comitê de trabalhadores. Aqueles que tem esse tipo de função estão continuamente expostos a opinião pública e são objeto da livre crítica. No que diz respeito a vida familiar, a situação é muito diferente. (TROTSKY, 2015, p. 31, tradução nossa).²⁸⁴

Com base neste entendimento, condena a prática de exposição da vida privada da família, com finalidades alheias à causa revolucionária e ao socialismo, no que poder-se-ia fazer uso de informações privilegiadas para objetivos particulares, extorsão e vingança pessoal, por exemplos. Em suas palavras:

A incursão inoportuna e grosseira por parte da imprensa na vida privada das pessoas ligadas por laços familiares, que não tenha uma explicação adequada, só pode aumentar o grau de confusão geral e causar grandes danos. Por outro lado, como informações desse tipo estão praticamente fora de controle, devido ao caráter extremamente privado da vida familiar, o tratamento jornalístico destes temas pode converter-se em mãos inescrupulosas em um instrumento para tratar assuntos particulares, ridicularizar, extorquir ou realizar qualquer tipo de vingança pessoal.²⁸⁵ (TROTSKY, 2015, p. 31, tradução nossa).

283 “Cómo abordar el problema? ¿Cómo empezar? ¿A dónde dirigir la atención?” (tradução nossa).

284 “Este hábito es erróneo, peligroso e inexcusable. Un director desempeña una función pública. Lo mismo ocurre con un miembro del comité de trabajadores. Los que tienen este tipo de oficio están continuamente expuestos a la vista del público, y son objeto de libre crítica. Con respecto a la vida familiar, la situación es muy diferente.” (tradução nossa).

285 “La inoportuna y grosera incursión por parte de la prensa en la vida privada de las personas conectadas por lazos familiares, que no tiene una adecuada explicación, sólo puede aumentar el grado de desconcierto general y provocar grandes daños. Por otra parte, como una información de ese tipo está prácticamente fuera de todo control, debido al carácter extremadamente privado de la vida familiar, el tratamiento periodístico de estos temas puede convertirse en manos inescrupulosas en un instrumento para ventilar asuntos privados, ridicularizar, extorsionar o realizar cualquier tipo de venganza personal.” (tradução nossa).

A preocupação de Leon Trotsky com o uso inadequado do jornal, no sentido de finalidades pessoais, abrangeu as possibilidades na deformação do próprio partido:

Se as condições materiais, o grau de cultura, os arranjos internacionais dificultam e impedem a introdução de uma transformação radical da vida, então a revelação pública das famílias em questão, os pais, maridos e esposas, etc., não tem nenhum efeito prático e ameaçará mergulhar o partido na hipocrisia; doença perigosa que tende a se propagar. Como o tifo, a hipocrisia se manifesta de diferentes modalidades. Algumas vezes a hipocrisia brota das causas mais nobres e de uma sincera, ainda que equivocada, atenção as finalidades do partido, finalidades que muito frequentemente são utilizados como pano de fundo de outros de maior peso: interesses de grupos, departamentos ou pessoais. Despertar, por meio de exortações, o interesse público pelos problemas da vida familiar, sem dúvida, envenenará o movimento com o nocivo veneno da hipocrisia.²⁸⁶ (TROTSKY, 2015, p. 31, tradução nossa).

A hipocrisia nas fileiras do partido, horizonte que Trotsky antecipa, tem por base as condições materiais da sociedade soviética, combinada com o baixo nível de apropriação cultural e as dificuldades no plano internacional de expansão da revolução socialista. Estas condições, que limitam e impedem uma “transformação radical da vida” (TROTSKY, 2015, p. 31), ameaçam o partido e, sem um combate consciente, podem inseri-lo numa doença de fácil propagação, mesmo que se tenham em conta objetivos “mais nobres e sinceros” (TROTSKY, 2015, p. 31).

Dentre os problemas no trato do jornal com o modo de vida familiar, para além das condições materiais e objetivas, estavam também questões culturais e educativas. Para Trotsky, a classe operária necessitava ser instruída e educada massivamente e o jornal não apenas poderia cumprir esta função, como poderia se

286 “Si las condiciones materiales, el grado de cultura, los arreglos internacionales obstaculizan e impiden la introducción de una transformación radical de la vida, entonces la revelación pública de las familias en cuestión, los padres, maridos y esposas, etc., no tendrá ningún efecto práctico, y amenazará con sumergir al partido en la hipocresía; enfermedad peligrosa y que tiende a propagarse. Como el tifo, la hipocresía manifiesta diferentes modalidades. Algunas veces la hipocresía brota de las causas más nobles y de una sincera aunque equivocada atención a los fines del partido, fines, sin embargo, que muy frecuentemente son utilizados como pantalla de otros de mayor peso: intereses de grupo, de departamento o personales. Despertar mediante exhortaciones el interés público por los problemas de la vida familiar, envenenará sin duda el movimiento con el nocivo veneno de la hipocresía.” (tradução nossa).

tornar uma ferramenta privilegiada para isso (assim como o cinema, como veremos adiante). Entretanto, esta ferramenta precisava ser melhorada, aperfeiçoada, aprimorada e, em se tratando de abordar os problemas familiares, controlada.

No que tange, especialmente, aos problemas familiares, Trotsky apresenta dois possíveis caminhos para o trabalho da imprensa: a) escrever histórias populares sobre a vida familiar que remetam às impressões comuns que os trabalhadores possuem em suas recordações do cotidiano, seja de aspectos já existentes, seja de suas transformações, sem menções específicas a nomes, pessoas e lugares ou usando-os de modo fictício; b) abordar um acontecimento real de um caso familiar específico que já tenha atingido a esfera da opinião pública, como os *fait divers* e as catástrofes, de modo a educar os trabalhadores com base no novo modo de vida almejado, isto é, o modo de vida de relações sociais comunistas.

Os exemplos que ele apresenta sobre como a imprensa pode abordar os problemas familiares são ilustrativos de sua compreensão do jornal como ferramenta educativa. No primeiro caso, o jornal não somente pode, como deve auxiliar no trabalho educativo junto aos problemas do modo de vida familiar:

Já mencionamos, de passagem, que nossa imprensa não tem o direito algum de ignorar os acontecimentos que agitam precisamente a nossa colmeia humana: quando uma esposa abandonada apela a corte para obrigar seu marido a contribuir para a manutenção dos filhos; quando uma mulher busca proteção pública devido à crueldade e violência de seu marido; quando o mal trato dos pais aos filhos passa a ser assunto de consideração pública, ou vice-versa, quando os pais são afligidos e se queixam da crueldade de seus filhos, a imprensa tem não só o direito, mas também o dever de se ocupar do assunto e esclarecer sobre tais situações, enquanto o tribunal ou outras instituições públicas não lhes dedicam a atenção suficiente. Os fatos que vieram à luz como resultado de um processo judicial, não tem sido aproveitados o suficiente para abordar os problemas do modo de vida. No entanto, eles merecem um lugar especial. Em um período de ruptura e reconstrução das relações pessoais da vida cotidiana, a corte soviética deve converter-se em um importante fator na organização das novas formas de vida, assim como na evolução dos novos conceitos de justo e injusto, de verdade e erro. A imprensa deve continuar a ação do tribunal, esclarecer e completar o seu trabalho e, em certo sentido, conduzi-la. **Isso proporciona um grande campo para as atividades educativas.** Nossos melhores jornalistas devem preparar e divulgar uma espécie

de folheto com material informativo sobre os procedimentos judiciais. Obviamente, os métodos usuais mostrados por jornalistas ficam descartados neste caso. Necessitamos de imaginação e consciência. Um enfoque comunista, por exemplo, um enfoque público, amplo e revolucionário dos problemas da família, em sentido nenhum exclui a psicologia e a consideração do indivíduo e seu mundo interior.²⁸⁷ (TROTSKY, 2015, p. 32, grifo nosso, tradução nossa).

Assim, a imprensa deve se posicionar sobre tais casos, apresentando os problemas do modo de vida das relações familiares e contribuindo com a educação das massas ao explicar “novos conceitos de justo e injusto”, por exemplo. No caso em tela, o jornal auxilia o processo educativo no qual também a corte judicial faz parte.

Um segundo exemplo mencionado, trata-se de um episódio sobre suicídio, ocorrido numa pequena cidade, onde uma jovem de dezessete anos tirou a sua vida porque a mãe lhe negara o consentimento em se casar com um comandante do Exército Vermelho. Já vimos no tópico anterior, *Família e modo de vida*, como Trotsky aborda a questão das relações familiares, neste, observamos como o jornal, em sua visão, pode servir como ferramenta educativa do modo de vida familiar a partir dos problemas concretos existente na contraditória e complexa relações da sociedade soviética:

287 “Ya hemos mencionado, al pasar, que nuestra prensa no tiene derecho alguno a ignorar los acontecimientos que agitan precisamente a nuestra colmena humana. Cuando una esposa abandonada apela a la corte para compeler a su marido a contribuir al mantenimiento de los hijos; cuando una mujer busca protección pública a raíz de la crueldad y violencia de su marido; cuando el mal trato de los padres hacia los hijos pasa a ser asunto de consideración pública, o, viceversa, cuando los afligidos padres se quejan de la crueldad de sus hijos, la prensa no sólo tiene el derecho sino también el deber de ocuparse del asunto y arrojar luz sobre tales situaciones, en tanto la corte u otras instituciones públicas no les consagran la suficiente atención. Los hechos que han salido a la luz como resultado de un procedimiento judicial, no han sido aprovechados lo suficiente para abordar los problemas de la vida. Sin embargo, merecen un lugar especial. En un período de trastorno y reconstrucción de las relaciones personales de la vida cotidiana, el tribunal soviético debe convertirse en un importante factor en la organización de las nuevas formas de vida, así como en la evolución de los nuevos conceptos de lo justo y lo injusto, de la verdad y el error. La prensa debe continuar la acción de la corte, esclarecer y completar su trabajo, y, en cierto sentido, conducirla. Ésta proporciona un gran campo para las actividades educativas. Nuestros mejores periodistas deben preparar y divulgar una especie de folleto con material informativo sobre los procedimientos judiciales. Por supuesto los métodos usuales patentados por los periodistas quedan descartados en este caso. Necesitamos imaginación y necesitamos conciencia. Un enfoque comunista, por ejemplo, un enfoque público, amplio y revolucionario de los problemas de la familia, en ningún sentido excluye la psicología y la consideración del individuo y su mundo interior.” (tradução nossa).

Ao comentar o evento, o jornal local, Terek, termina inesperadamente sua nota reprovando o comandante do Exército Vermelho que estivera disposto a se unir a filha de uma família tão reacionária. Decidi escrever uma carta ao editor, expressando-lhe minha indignação, não em defesa do comandante, a quem eu não conhecia, mas para exigir uma correta exposição do caso. No entanto, não houve necessidade de enviar a carta, já que dois ou três dias mais tarde apareceu no mesmo jornal outro artigo sobre o tema que tratava o caso com maior precisão. As novas relações da vida cotidiana devem ser construídas com o material humano que temos a nossa disposição; o comandante do Exército Vermelho não está excluído desse material.²⁸⁸ (TROTSKY, 2015, p 32-33, tradução nossa).

No exemplo acima, observamos como as questões particulares do modo de vida familiar causaram dúvidas e confusões nos correspondentes da imprensa operária na forma de como abordar o episódio. Quando Trotsky diz que as novas relações devem ser construídas com o “material humano existente”, está partindo das condições objetivas e, principalmente, subjetivas do ser humano, isto é, dos limites psicológicos que forjaram esse indivíduo e seu corresponde modo de ver as relações cotidianas e familiares.

Em razão disso, sustenta que um artigo de jornal com uma abordagem correta sobre o episódio é potencialmente mais rico em educar os leitores, principalmente os mais jovens, do que frases e sermões sobre *elementos pequeno-burgueses*, uma vez que determinado problema concreto do modo de vida familiar pode contribuir e estimular grandemente o pensamento e a sensibilidade humana (TROTSKY, 2015, p. 33).

Assim como em *O jornal e seu leitor*, Trotsky também enfatiza sobre a necessidade de formar agitadores e propagandistas para tratar as questões do modo de vida familiar: “Assim como temos nossos agitadores de massas, nossos agitadores industriais, nossos propagandistas anti-religiosos, devemos formar

288 “Al comentar el suceso, el periódico local, Terek, termina inesperadamente su nota reprochando al comandante del ejército rojo que estuviese dispuesto a unirse a la hija de una familia tan reaccionaria. Decidí escribir una carta al editor, expresándole mi indignación, y no en defensa del comandante, a quien yo no conocía, sino para exigirle una correcta exposición del caso. Sin embargo no tuve necesidad de enviar la carta, ya que dos o tres días más tarde apareció en el mismo periódico otro artículo sobre el tema que trataba el caso con mayor precisión. Las nuevas relaciones de la vida cotidiana deben ser construidas con el material humano que tenemos a nuestra disposición; el comandante del ejército rojo no está excluido de ese material.” (tradução nossa).

nossos propagandistas e agitadores nas questões dos costumes.” (TROTSKY, 2015, p. 33). Sobre o perfil de formação desses agitadores e propagandistas, enfatiza:

Necesitamos de gente entusiasta, fanática, indivíduos de horizontes suficientemente amplos, que saibam lidar com a tenacidade do costume, que tragam consigo considerações originais de cada particularidade, de cada detalhe e coisas pequenas concernentes às travas que o costume familiar impõe e que são imperceptíveis a simples vista. Certamente, essas pessoas precisam chegar, já que as necessidades e problemas do presente são de natureza incendiária. Isto não significa que de imediato vamos conseguir mover montanhas. Não, não nos é possível escapar das condições materiais. Entretanto, tudo isso pode ser alcançado dentro das condições atuais, serão alcançados quando rompermos com a prisão do silêncio em que estão prisioneiras nossos atuais costumes.²⁸⁹ (TROTSKY, 2015, p. 33, tradução nossa).

Deste modo, a formação desses agitadores e propagandistas precisa ser acelerada e a tarefa mais profunda e urgente é expor os problemas do modo de vida, comentar abertamente os episódios que surgem e, com base nos exemplos demonstrativos, educar as massas em outra perspectiva de relações pessoais e familiares.

Portanto, concluímos que, assim como Lenin concebeu o trabalho político com o jornal uma característica fundante na concepção de partido revolucionário, assentado na centralização das atividades partidárias, Trotsky discorre sobre essa ferramenta com a devida importância que ela possui na teoria leninista de organização. Contudo, situado após a tomada do poder pelo proletariado, logo, num contexto social e político diferente de Lenin, Leon Trotsky problematiza o jornal materialmente existente, identifica seus limites e erros, de forma e conteúdo, e sustenta a importância do jornal em abordar o modo de vida do proletariado e de sua família.

289 “Necesitamos gente entusiasta, fanáticos, individuos de horizontes suficientemente amplos, que sabrán cómo habérselas con la tenacidad de la costumbre, que traerán consigo consideraciones originales de cada particularidad, de cada detalle y pequeñez concernientes a las trabas que impone la costumbre familiar y que suelen resultar imperceptibles a simple vista. A buen seguro esa gente ha de llegar, ya que las necesidades y problemas del presente son de naturaleza incendiaria. Esto no significa que de inmediato logremos mover montañas No; no nos es posible escapar a las condiciones materiales. Sin embargo, todo ello puede alcanzarse dentro de las actuales condiciones, se logrará cuando rompamos la cárcel de silencio en que se hallan prisioneras nuestras costumbres actuales.” (tradução nossa).

Para Trotsky, o jornal é um instrumento que possui um grande potencial para a educação das massas operárias no regime de transição soviético. Todavia, para cumprir esta tarefa, seria necessário superar seus problemas históricos e atuais, que se encontram: a) no baixo nível de instrução técnica e formativa de seus correspondentes, revisores e editores; b) numa incompreensão sobre os problemas do cotidiano, o que resulta numa dificuldade em abordar o modo de vida operário e suas contradições; c) em zelar pelo uso adequado das informações e exposições que tenham por finalidade interesses pessoais e burocráticos.

O jornal instrui e educa não somente com a exposição correta, lógica e adequada das informações, mas pode ensinar amplamente sobre conhecimentos específicos, como geografia, história e ciências naturais, por exemplo, relacionando-os com episódios e acontecimentos concretos da vida da fábrica e dos bairros operários, como o surgimento de doenças, suas transmissões e epidemias, assim como ajudar nos relatos internacionais sobre outros países, etc. Deste modo, o jornal pode elevar o nível cultural e instrutivo das amplas massas.

Em vez de explicar conceitos, realizar propaganda abstrata e repetir *velhos sermões* sobre a burguesia, o jornal pode ser uma importante arma contra as ideologias religiosas e metafísicas, contra as crenças, as falsas ideias e o senso comum, desde que se saiba usar os fatos concretos e os acontecimentos do modo de vida de forma inteligente, sem deixar de partir do estágio psíquico e da mentalidade com os quais os trabalhadores se encontram, além de poder difundir amplamente os exemplos, as demonstrações e as iniciativas que as próprias massas realizam para ressignificar o seu modo de vida, sob as novas bases materiais e culturais do regime soviético.

Se o jornal desempenhou um papel fundamental nas revoluções americana e francesa dos séculos passados, transformando a força das ideias em força material, sobre o modo de vida do operário soviético ele poderia ser preponderante na revolução do modo de vida e na elevação geral da cultura e da educação do povo russo. Tal é a síntese do pensamento de Trotsky sobre o jornal como ferramenta de educação.

5.2.3 Cinema, jogos e distrações

Trotsky defende que jogos, distrações e, especialmente, o cinema, são ferramentas importantes para o processo de educação das massas. Essas atividades estão relacionadas ao tempo livre do trabalho. Ele avalia que esse tempo de vida do operário é disputado para atividades do tipo alienadoras, como presente em bares e igrejas. Assim, o revolucionário russo apresenta uma estratégia para disputar esse tempo em direção a atividades educativas e formativas para o enriquecimento cultural da sociedade. Em tal estratégia, especialmente destaca o papel do cinema como uma valorosa ferramenta de educação.

No texto *A vodka, a igreja e o cinema*²⁹⁰, publicado no *Pravda*, de 12 de julho de 1923, Trotsky afirma que o modo de vida do operário russo foi marcado por dois acontecimentos importantes: a proibição do consumo de álcool e a conquista da jornada de oito horas.

Sobre o primeiro, informa que a proibição do consumo de álcool teve início a partir das exigências da guerra interimperialista de 1914, portanto, anterior cronologicamente a Outubro de 1917, mas sustenta que a Revolução Russa continuou a proibição, fundando-se em “considerações de princípios” (TROTSKY, 2009, p. 34).

De acordo com ele, a luta do governo socialista contra o alcoolismo é uma luta educativa, cultural e, ao mesmo tempo, coercitiva (TROTSKY, 2009, p. 34). Assim, a liquidação do alcoolismo, medida prática iniciada na fase anterior à revolução, entra conscientemente no inventário de suas conquistas, no qual reafirma a necessidade de reforçar essa política antialcoólica: “E os nossos êxitos culturais e econômicos aumentarão paralelamente com a diminuição do número de ‘graus’. Nenhuma concessão é aqui possível.” (TROTSKY, 2009, p. 35).

A jornada de oito horas diárias, produto direto da Revolução de Outubro de 1917, provocou profundas mudanças na vida do operário. Segundo ele, a libertação de dois terços da jornada diária de trabalho criou as condições para “[...] transformações radicais do modo de vida, para melhorar a forma de viver,

²⁹⁰ No texto-fonte da edição francesa: *La vodka, l'église et le cinématographe*; no original russo: *Vodka, tserkov' i kinematograf* [Водка, церковь и кинематограф].

desenvolver a educação coletiva etc., mas se trata apenas de uma base. (TROTSKY, 2009, p. 35).

Mas a disposição de um tempo livre do trabalho, antes inexistente pela extensão indefinida da jornada, precisava ser preenchido racionalmente. Trotsky reformula a clássica fórmula sobre a luta pelo direito a jornada de 8 horas de trabalho, da seguinte forma: “quanto mais as oito horas de trabalho forem produtivas, mais as oito horas de repouso serão reparadoras e higiênicas, e mais as oito horas de liberdade serão culturais e enriquecedoras.” (TROTSKY, 2009, p. 35).

A partir destas considerações, discorre sobre os jogos e distrações como instrumentos educativos:

[...] o problema das distrações apresenta-se como um problema cultural e educativo muito importante. O caráter da criança revela-se e forma-se nos jogos. O caráter do adulto manifesta-se mais claramente nos jogos e distrações. Mas as distrações e os jogos podem da mesma forma **ocupar um lugar de eleição na formação do caráter de toda uma classe**, se esta classe é jovem e segue avante com o proletariado. (TROTSKY, 2009, p. 35, grifo nosso).

Assim, observamos em Trotsky, a indicação do uso de atividades educativas e formativas da personalidade humana. Estas atividades, jogos e distrações²⁹¹, podem adquirir um caráter de educação coletiva no conjunto da classe operária.

Sem citar a fonte, Trotsky menciona Fourier²⁹² e remete a experiência dos falanstérios deste utopista, adjetivando-os de “comunas do futuro” (TROTSKY, 2009, p. 35). Sem desenvolver ou aprofundar sobre o tema, o revolucionário russo chega a vislumbrar estes experimentos, no qual a repressão social e moral é posta em questionamento, como “[...] um pensamento profundo” para o socialismo (TROTSKY, 2009, p. 35).

Nesse texto, Trotsky arrazoa uma concepção de homem a ser educado:

291 No original russo: *igrakh i razvlecheniyakh* [играх и развлечениях].

292 François Marie Charles Fourier (1772-1837) foi um socialista utópico francês, crítico moral do sistema capitalista e do liberalismo, que desenvolveu um modo alternativo de produção social chamado falanges ou falanstérios, comunidades isoladas de cooperativas no qual o resultado da produção se partilhava igualmente entre os produtores. Entre suas obras, encontram-se *Teoria dos quatro movimentos*, de 1808; *Tratado sobre Associação Agrícola Doméstica*, de 1822, e; *Novo mundo industrial*, de 1830. (FOURIER, 2020).

Consideramos os homens tal como a natureza os criou e tal como a antiga sociedade em parte os educou e em parte os mutilou. Nesse material humano vivo, buscamos o ponto em que fixar a alavanca da revolução, do partido e do Estado. O desejo de distração, de entretenimento, de diversão e de riso, é um desejo legítimo da natureza humana. Podemos e devemos proporcionar-lhe satisfações cada vez mais artísticas e, ao mesmo tempo, devemos fazer do divertimento um instrumento de educação coletiva, sem constrangimento ou dirigismo inoportunos. (TROTSKY, 2009, p. 35-36).

A necessidade de diversão, do lúdico, do riso, de atividades recreativas, da organização de jogos e brincadeiras são concebidos como parte dos desejos intrínsecos à natureza humana. Para Trotsky, esta “natureza humana” se fundamenta no modo como a sociedade, no caso o modo de produção capitalista, educa o ser humano, o que se expressa em sua concepção sobre as determinações do processo educacional, no sentido de que tal processo é resultado da apropriação da cultura historicamente produzida pelas gerações anteriores.

Todavia, na medida em que a sociedade educa e, neste caso, trata-se da sociedade estabelecida no modo de produção capitalista, ela também “em parte os mutila” (TROTSKY, 2009, p. 36), no processo de construção de sua humanidade. Em nossa análise, o autor reflete sobre o processo de formação humana e os limites de uma educação fragmentada, unilateral, mutilada pelas bases materiais de um sistema produtivo firmado na exploração e alienação humana.

Os jogos, distrações, risos e entretenimento, além de comporem as necessidades do ser humano na sua própria natureza, o que deve ser objeto de satisfação e gozo na sociedade do tipo socialista, deve também fazer parte do instrumental de educação coletiva no regime soviético. Chama a atenção para que este processo educativo não se estabeleça com base no “constrangimento ou dirigismo inoportunos” (TROTSKY, 2009, p. 36).

Além destes elementos, Leon Trotsky defende entusiasticamente o cinema como ferramenta de propaganda e educação que “[...] ultrapassa de longe todos os outros.” (TROTSKY, 2009, p. 36).

A criação do cinema foi contemporâneo a Trotsky. A partir da invenção e desenvolvimento do cinematógrafo²⁹³, aparelho que fundou um novo campo de intervenção para a arte. Os irmãos Lumière realizaram a primeira exibição pública (e paga) em 28 de dezembro de 1895, na cidade de Paris, no qual foram apresentadas várias películas que inauguraram o surgimento da sétima arte.

Em *A família e os ritos*, Trotsky defende como alternativa aos rituais e a teatralidade da igreja, que atraem a massa carente de espetáculos, atrações, cores e sons, o desenvolvimento de uma política estatal de expansão do cinema. Em seu pensamento, na disputa do tempo livre do trabalhador, resultado da implantação da jornada de oito horas diárias, “O cinema pode ser-nos ainda mais útil” (TROTSKY, 2009, p. 49).

Em *A vodka, a igreja e o cinema*, ele desenvolve essa questão, anunciada no texto anterior, no que realiza a seguinte consideração a potencialidade educativa desta ferramenta:

Esta surpreendente invenção penetrou na vida humana com uma rapidez jamais vista no passado. Nas cidades capitalistas, o cinema agora faz parte integrante da vida cotidiana, do mesmo modo que os balneários, os estabelecimentos de bebidas, a igreja e as demais instituições necessárias, louváveis ou não. A paixão pelo cinema é ditada pelo desejo de diversão, de ver qualquer coisa nova, desconhecida, de rir e até de chorar, não acerca das infelicidades próprias, mas das de outrem. Todas essas exigências o cinema satisfaz da forma mais direta, mais espetacular, mais imaginativa e mais viva, sem que nada se exija do espectador, nem mesmo a cultura mais elementar. Daí esta reconhecida atração do espectador pelo cinema, fonte inesgotável de impressões e sensações. **Tal é o ponto de partida, e não só o ponto de partida, mas o campo imenso a partir do qual poderá se desenvolver a educação socialista.** (TROTSKY, 2009, p. 36, grifo nosso).

Em primeiro lugar, Trotsky considera que o cinema concorre com outras formas de entretenimento, sejam balneários, bares ou templos religiosos, pois o

293 Do francês: *cinématographe*, aparelho aperfeiçoado pelos irmãos Lumière, capaz de registrar uma série de fotografias instantâneas e projetá-las rapidamente, o que gera a ilusão dos objetos captados estarem em movimento (Patente: FR 245.032, de 13/02/1895). O aparelho registrado pelos Lumière, tidos como inventores do cinema, foi, na verdade, precedido por uma série de criações anteriores, como o cinetoscópio de Thomas Edson e o dispositivo de Leon Bouly, que não conseguiu manter a patente de seu invento por falta de pagamento da anuidade, problema que não acometia a família Lumière, vinda de ricos industriais. (LEON, S/D; THE LIGHT, S/D).

cinema atende a mesma necessidade humana, pontuada na questão dos jogos e distrações, ou seja, a necessidade de diversão, de rir ou de chorar, porém, essa ferramenta consegue fazer isso, na avaliação do revolucionário russo, “de forma mais direta, mais espetacular, mais imaginativa e mais viva” (TROTSKY, 2009, p. 36).

Em sua avaliação, o cinema provoca uma atração maior na massa de operários, pois além de suas características, ele também não exige um conhecimento prévio ou uma cultura mais elaborada para ser acessado pelo espectador, diferentemente do jornal que exige conhecimentos básicos da linguagem escrita, o que restringe o público aos operários letrados. Por sua vez, o cinema pode ser facilmente acessado ao operário mais simples, mesmo analfabeto e ignorante no campo das regras da linguagem escrita ou em qualquer outra área do conhecimento humano. Isso é possível porque a linguagem básica do cinema é a imagem em movimento, mais precisamente, a imagem reproduzida em sequências individuais que gera a ilusão do movimento – quadros.

Em razão dessa característica peculiar, Leon Trotsky defende o uso desta ferramenta como um “ponto de partida” e “campo imenso de desenvolvimento” de uma “educação socialista” (TROTSKY, 2009, p. 36). Deste modo, em sua concepção, o cinema possui uma centralidade na tarefa educacional, maior que o potencial do jornal.

Segundo ele, o cinema: “É um instrumento que nos oferece o melhor instrumento de propaganda, qualquer que esta seja – técnica, cultural, anti-alcoólica, sanitária ou política; permite uma propaganda atraente e acessível a todos”. (TROTSKY, 2009, p. 36).

O revolucionário russo se pergunta sobre a rentabilidade e a quantidade de salas de cinema nas capitais do Velho e do Novo Mundo àquela época, isto é, Nova Iorque e Paris, e lamenta o fato da União Soviética ainda não dominar esta arte; levanta a hipótese que no Ocidente, as salas de cinema rivalizam com os bares e as igrejas nas oito horas livres do trabalhador e; questiona:

Por que não poderia um governo operário organizar **uma rede de salas de cinema**, por que não poderia implantar **esse modo de distração e educação** na vida popular, opondo-se ao alcoolismo e tornando-o ao mesmo tempo uma fonte de receitas? (TROTSKY, 2009, p. 36-37, grifos nossos).

Da mesma forma que se opõe ao alcoolismo, Trotsky defende o uso do cinema como importante instrumento de propaganda antirreligiosa. Após a Revolução de Outubro de 1917, a Igreja tornou-se uma instituição separada do Estado. A liberdade e o direito individual de crença e religião foram mantidos pela Constituição Soviética²⁹⁴, assim como o direito à propaganda religiosa e anti-religiosa. Assim, as igrejas continuavam de portas abertas e os operários a frequentavam. Na avaliação de Trotsky, a Igreja russa não estava ligada à classe operária por convencimento ideológico, mas por estabelecer uma relação baseada na tradição de hábitos, costumes e no modo de vida, tanto do operário, quanto do camponês, que os adotam e os reproduzem de forma inconsciente.

Na classe operária russa, o sentimento religioso é praticamente nulo. Nunca, aliás, existiu realmente. A Igreja Ortodoxa representa um conjunto de costumes e uma organização política. Não conseguiu penetrar profundamente nas consciências, nem ligar seus dogmas e seus cânones aos sentimentos mais profundos das massas populares. A razão disso é sempre a mesma: a incultura da velha Rússia, inclusive de sua Igreja. É por isso que, ao despertar para a cultura, o operário russo se liberta tão facilmente da Igreja, à qual está superficialmente ligado. É verdade que para o camponês russo isso é mais difícil, não por ter penetrado mais profunda e intimamente nos ensinamentos da Igreja – não se trata evidentemente disso – mas porque o seu modo de vida uniforme e rotineiro está ligado estreitamente aos ritos uniformes e rotineiros da Igreja. (TROTSKY, 2009, p. 37).

Assim, o revolucionário russo compreende que os ícones religiosos pendurados como objetos de decoração nas casas dos operários ou a celebração da

294 A Constituição da Federação Russa das Repúblicas Socialistas Soviéticas (FRRSS), transl.: *Rossiyskaya Sovetskaya Federativnaya Sotsialisticheskaya Respublika* [Российская Советская Федеративная Социалистическая Республика (РСФСР)], aprovado 5º Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia, em 10 de julho de 1918, expressa textualmente, em seu segundo artigo, que se deve garantir a “liberdade de consciência” dos trabalhadores, separando a Igreja do Estado e da Escola; e a garantia do direito à propaganda religiosa e anti-religiosa a todos os cidadãos. (CONSTITUCION, s/d).

primavera com bolos típicos dedicados a explicações fantasiosas sobre a fartura existem mais como decorrência da ausência de novos rituais celebrativos ou estéticos do que precisamente em função de um compromisso ideológico com a religião. A presença do operariado soviético à Igreja não se deveria, deste modo, por espírito religioso ou fé, mas porque ela oferece luz, esplendor, música e distração: “O divertimento e a distração representam um enorme papel nos ritos da Igreja. A Igreja age por métodos teatrais sobre a visão, o ouvido e o olfato (o incenso!) e, através deles, age sobre a imaginação.” (TROTSKY, 2009, p. 38). A igreja, em síntese, “[...] atrai devido a toda uma série de motivos sócio-estéticos, que nem a fábrica, nem a família, nem a rua oferecem.” (TROTSKY, 2009, p. 38).

O ser humano, segundo Trotsky, tem a necessidade do espetáculo, ou seja, de ver, ouvir, sentir coisas novas, daquilo que não pertence a sua rotina habitual de trabalho-casa. Há a necessidade de perceber o colorido, de ver o incomum, assim, Trotsky sustenta a importância da arte no processo de desenvolvimento cultural do ser humano. No caso da Igreja, apenas a propaganda antirreligiosa não seria suficiente, ainda que seja necessária. Seria preciso atingir as amplas massas ávidas por novas distrações, espetáculos e cultura, o que remete ao “instrumento mais poderoso e mais democrático”: o cinema:

O cinema não carece de uma hierarquia diversificada de brocados ostentosos etc.; basta-lhe um pano de branco para criar uma espetaculosidade muito mais penetrante do que a da igreja, da mesquita ou da sinagoga mais rica ou mais habituada às experiências teatrais seculares. Na igreja apenas se realiza uma ato, aliás, sempre igual, ao passo que o cinema mostrará que na vizinhança ou do outro lado da rua, no mesmo dia e à mesma hora, se desenrolam simultaneamente a Páscoa pagã, judia e cristã. O cinema diverte, excita a imaginação pela imagem e afasta o desejo de entrar na igreja. Tal é o instrumento de que devemos saber fazer uso custe o que custar! (TROTSKY, 2009, p. 38-39).

Em nota do autor, Trotsky menciona um artigo de autoria de Gordeev, publicado no *Pravda*, de 30 de junho, que defende a ideia do cinema se tornar um empreendimento rentável com o seu uso racional e monopolizado pelo Estado; relata ainda que o artigo realiza considerações importantes sobre a transposição do

modo de vida soviético para o cinema²⁹⁵. Deste modo, revela-se que o uso do cinema como ferramenta educacional estava sendo debatida no seio do partido e que havia uma preocupação em abordar a questão do modo de vida através dele, tal qual Leon Trotsky sugere em seu texto.

5.2.4 Novos hábitos: linguagem, delicadeza e atenção

Em três artigos publicados no *Pravda*, intitulados: *Atenção deve incidir sobre os detalhes*; *Atenção e delicadeza como condições necessárias para relações harmoniosas* e *É preciso lutar por uma linguagem polida*; mais um artigo publicado no *Izvestiia* [Известия]²⁹⁶, intitulado “Vóz” e “tu” no Exército Vermelho, Leon Trotsky defende a necessidade de combater antigos hábitos e a incorporação de novas formas de se expressar e se relacionar na classe operária soviética.

A formação de novos hábitos no modo de vida, proposto por Trotsky, perpassava por: a) a atenção e minuciosidade em pequenas rotinas da vida e da economia; b) a delicadeza nas relações cotidianas, principalmente em se tratando entre agentes do governo e a população em geral e; c) o uso de uma linguagem apropriada e polida.

Em *Atenção deve incidir aos detalhes*²⁹⁷, publicado em 1º de outubro de 1921, próximo do final da guerra civil interna, Trotsky defende a ideia que para reconstruir e gerir a economia soviética seria necessário dedicar atenção e cuidado para questões pequenas, detalhes, em suas palavras “pequenos nada”, que “se acumulam e se combinam” (TROTSKY, 2009, p. 26). Utiliza exemplos de determinados comportamentos do interior do exército, como as consequências com

295 Infelizmente, não conseguimos encontrar o referido artigo.

296 Fundado em março de 1917, foi o principal órgão do *Soviete de Petrogrado dos Deputados dos Trabalhadores e dos Soldados*. De sua fundação a Outubro de 1917, expressou as posições dos grupos majoritários no interior deste soviete, ou seja, mencheviques, socialistas revolucionários e grupos liberais. Apenas após a Revolução de Outubro que se tornou porta-voz oficial do governo soviético (IZVESTIIA, s/d).

297 No texto-fonte, em francês: *L'attention doit porter sur des détails*; a edição espanhola não contém esse texto; na edição inglesa: *Attention to trifles!*; em russo, transl.: *Vnimanije k melocham* [Внимание к мелочам].

a falta de cuidado rotineiro com a manutenção de botas e baionetas, o que seria válido para outras situações, como a falta de reparos em estradas e edifícios.

Para o revolucionário russo, o cuidado e a atenção permanente pode preservar a utilidade (o valor de uso) dos produtos e dos meios de produção, evitando-se, assim, um desperdício despropositado da produção econômica. Defende que a tarefa da educação deve estar voltada para inculcar hábitos disciplinares, o cuidado com a coisa pública e a atenção e meticulosidade com os detalhes da produção.

Esta preocupação parte das necessidades materiais de reconstruir a economia soviética. Em sua visão, seria necessário construir, produzir, reparar, consertar e gerir a produção em novas bases. Assim, argumenta que o processo econômico, em sua totalidade, decompõe-se em partes e elementos diversos, de “detalhes e de pequenos nada” (TROTSKY, 2009, p. 25), pois a tarefa de recompor a economia não seria possível sem a dedicação e enorme atenção a estes detalhes. Registra a falta de interesse “entre nós” (TROTSKY, 2009, p. 25), isto é, no partido, sobre esse tema. Por fim, defende a seguinte tese:

A tarefa principal da educação e da auto-educação no domínio da economia é a de despertar, desenvolver e reforçar essa atenção perante as exigências particulares, insignificantes e cotidianas da economia; não se deve negligenciar nada, tudo se deve anotar, agir em tempo oportuno e exigir o mesmo dos outros. Esta tarefa se impõe a nós em todos os âmbitos da vida política e da construção econômica. (TROTSKY, 2009, p. 25-26).

Observamos o grau de importância que o autor destina a este tema, no qual um novo hábito deva ser incorporado ao cotidiano da população, quando enfatiza que na economia, esta atenção é a “tarefa principal da educação e da auto-educação” (TROTSKY, 2009, p. 25).

Trotsky descreve três exemplos ilustrativos sobre como os problemas da produção econômica se relacionam com esses detalhes da vida diária: a) quando as botas dos soldados não são devidamente cuidadas e engraxadas, no que estragam rapidamente, o que demanda um maior fornecimento da produção, impondo-se um ritmo mais acelerado na fabricação, o que interfere na qualidade do produto e no

desperdício de energia, matéria-prima, força de trabalho e tempo empregado, num material defeituoso e inservível; b) as baionetas, de complexa fabricação, inutilizadas facilmente por descuido na falta de limpeza e lubrificação periódica; c) as pequenas degradações de estradas que se acumulam, avolumando-se em covas e sulcos maiores, o que dificulta a circulação de caminhões, o que ocasiona o rápido estrago de pneus.

Uma estrada em mau estado obriga a dispêndios de dinheiro e de esforços dez vezes maiores do que seria necessário para o simples reparo. E é também devido a pequenos nada deste gênero que as máquinas, as fábricas e os edifícios se deterioram. (TROTSKY, 2009, p. 26).

Segundo Leon Trotsky, soluções para evitar esses problemas são simples: engraxar as botas em tempo, apertá-las com cuidado, cuidar da baioneta, dedicar tempo em limpá-la e oleá-la, cuidar da manutenção periódica de estradas, etc. A sua tese defende que a necessidade em dispor tempo, atenção e cuidado rotineiro para manter as coisas em bom estado exige a inculcação de um novo hábito cotidiano: “é preciso dedicar atenção cotidiana e permanente a vários detalhes.” (TROTSKY, 2009, p. 27).

Essa atenção aos detalhes, em sua avaliação, encontrar-se-ia insuficiente no contexto do período de transição, o qual seria justificado pelo atraso e incompreensão na “educação econômica e cultural” (TROTSKY, 2009, p. 27). Em consequência, defende que é necessário “toda uma aprendizagem e educação” (TROTSKY, 2009, p. 26), para formar este novo hábito no operário soviético: tornar a atenção e cuidado permanente aos detalhes como parte da vida cotidiana.

Trotsky diferencia o que chama de *atenção aos detalhes*, do burocratismo. O burocratismo, segundo ele, “[...] consiste em dedicar atenção a uma forma vazia, em vez do conteúdo, em detrimento da ação. O burocratismo enreda-se no formalismo e pecadilhos, sem resolver nenhum detalhe prático.” (TROTSKY, 2009, p. 27).

O revolucionário russo evidencia os problemas com os detalhes também no âmbito do comportamento pessoal: um simples gesto, como cuspir no chão ou jogar pontas de cigarro nas escadas e corredores públicos, podem provocar um problema

coletivo e social enorme pelo acúmulo de tais atos, além do dispendioso e desnecessário gasto com a limpeza, o que atrasa e dificulta o projeto de construção socialista:

Lançar pontas de cigarros no chão é desdenhar o trabalho alheio. Ora, para que as casas-comunas possam se desenvolver, é preciso que cada locatário, homem ou mulher, dispense atenção, que a limpeza e a ordem reinem em toda a casa. Do contrário, irão se encontrar, como frequentemente acontece, numa espécie de antro piolhento, cheio de escarros, e de modo nenhum numa casa-comuna. É preciso combater incansável e impiedosamente essa leviandade, essa falta de educação, essa negligência, combatê-la explicando, dando o exemplo, fazendo propaganda, exortando as pessoas e levando-as a se tornarem responsáveis. Aquele que, sem tecer comentários, sobe uma escada emporcalhada ou atravessa um pátio sujo, é um mau cidadão e um construtor sem consciência. (TROTSKY, 2009, p. 27).

Sugere que uma das formas de iniciar uma “educação econômica” do modo de vida soviético, no que concerne a atenção destinada aos *detalhes e pequenos nada*s, encontra-se no exemplo de atuação dos dirigentes do Exército Vermelho e na vanguarda da classe operária e camponesa²⁹⁸. Em síntese, defende:

Para realizar projetos grandiosos, é preciso dispensar grande atenção aos menores detalhes! - é essa a palavra de ordem que deve congrega todos os cidadãos conscientes do país quando abordam um novo período de construção e de desenvolvimento cultural. (TROTSKY, 2009, p. 28).

No texto *A atenção e a delicadeza como condições necessárias para relações harmoniosas*²⁹⁹, publicado em 3 de abril de 1923, trata de um aspecto trazido nas reuniões de agitadores e propagandistas que abarcam as relações entre o Estado e a sociedade russa, precisamente sobre como os representantes oficiais do aparelho

298 Em *Terrorismo e Comunismo*, quando Leon Trotsky polemiza contra os mencheviques sobre militarismo, já afirmava que uma das qualidades da organização e disciplina militar era elevar em “alto grau a precisão, a exatidão das relações e a responsabilidade.” (TROTSKY, 1969, p. 177).

299 Na edição francesa: *Les égards et la politesse comme conditions nécessaires à des relations harmonieuses*; na tradução espanhola: *Civilidad y cortesía como necesario lubricante de las relaciones cotidianas*; em inglês: *Civility and politeness as a necessary lubricant in daily relations*; em russo, transl.: *Konchik bol'shogo voprosa* [Кончик большого вопроса].

administrativo de Estado tratam e respondem à população simples, ou seja, como a recebe, acolhe, atende e dialoga com ela.

Neste quesito, Trotsky faz uma distinção de forma e conteúdo destas relações. Ele observa que nos demais países capitalistas *civilizados*, os agentes estatais se colocam acima da população, dirigindo-lhes com arrogância e grosseria, divergente da forma como tratam os indivíduos capitalistas. Sustenta que alguns destes países, o trato com a população simples até se reveste com uma aparência cortês e respeitosa, enquanto não se faz necessário o uso da força policial em greves ou reivindicações. Em sua avaliação, essa aparente forma *democrática* do Estado capitalista é um produto e consequência da revolução burguesa: “a exploração do homem pelo homem é uma constante, mas a sua forma mudou, é menos ‘grosseira’, dissimula-se com os cenários da igualdade, recobre-se dum verniz de boas maneiras.” (TROTSKY, 2009, p. 51).

No caso da sociedade russa no *período de transição*, distingue três formas de manifestações destas interações entre os agentes estatais e o povo. A primeira seria decorrência da forma rude com a qual o camponês historicamente se relaciona ou “a grosseria simples, a do mujique” (TROTSKY, 2009, p. 51);

A segunda forma, originar-se-ia da impaciência da vanguarda operária em resolver problemas sem se atentar aos ritmos dos processos, pessoas e consciências, isto é, o que ele chama de “grosseria revolucionária”:

Além desta grosseria simplista, indiferenciada, camponesa e passiva, por assim dizer, existe uma grosseria “revolucionária” particular – prisão da vanguarda, - que provém da impaciência, do ardente desejo de fazer melhor, da irritação que nela suscita a nossa “oblomoveria” [preguiça] e da tensão nervosa. Por certo que essa grosseria, como tal, carece também de finura, e combatemo-la; mas, no fundo, alimenta-se com frequência da mesma fonte revolucionária que, no decurso destes últimos anos, mais de uma vez moveu montanhas. Aqui, não é a essência das coisas que deve ser alterada, porque são sadias na maioria dos casos, mas a sua forma, cheia de rudeza...” (TROTSKY, 2009, p. 51).

Por fim, uma terceira forma de grosseria estaria relacionada a um problema de *herança social* da histórica relação de servidão russa, no qual Trotsky pontua sua manifestação em relações burocráticas e desumanizadas para com a população:

Existe, porém, ainda entre nós – e é aqui que dói mais – um outro tipo e grosseria, uma grosseria ancestral, a do rico, a do barine [senhor feudal], que vem da época da servidão, penetrada de uma odiosa baixeza. Ainda não desapareceu e não é fácil livrarmo-nos dela. Nos órgãos de Moscou, especialmente nos mais importantes, essa superioridade de grande senhor não se manifesta na sua forma mais combativa – não se grita nem gesticula perante os solicitantes – mas apresenta-se mais frequentemente sob o aspecto de um formalismo desumanizado. Não é por certo esta a única fonte do “burocratismo e da lentidão administrativa”, mas é um dos seus fatores essenciais: uma total indiferença perante os indivíduos e seu trabalho. (TROTSKY, 2009, p. 51-52).

Neste, Trotsky caracteriza um problema da grosseria do aparelho de Estado soviético associado ao burocratismo, cuja análise aprofundaremos em outro tópico. Cabe destacar aqui, a afirmação da necessidade de combater tal fenômeno pela raiz, seja com maior vigilância e pressão sobre os dirigentes do aparelho de Estado, seja com a “educação de dezenas de milhares de novos trabalhadores em novas bases, isto é, num espírito de trabalho, simplicidade e humanidade.” (TROTSKY, 2009, p. 53).

Trotsky reconhece a dificuldade de educação dos trabalhadores russos na base de novas relações mais harmoniosas, por isso, compreende que é um processo que ocorrerá “progressivamente”(TROTSKY, 2009, p. 53), com a passagem de gerações e a formação de novas gerações “cada vez melhores”. (TROTSKY, 2009, p. 53).

Mas este processo, segundo ele, educativo e geracional, não impediria a construção de uma “luta imediata contra esse desdém administrativo”. (TROTSKY, 2009, p. 53), contra as relações que ocultam a indiferença humana ou um desejo consciente de sabotagem de uma classe que foi derrotada. Segundo ele, como parte deste combate à grosseria governamental como expressão de um burocratismo nas

relações sociais soviéticas, argumenta da necessidade de encontrar determinados pontos de apoio na vanguarda revolucionária:

É preciso que o homem simples, o trabalhador humilde, deixe de rezear as instituições administrativas às quais lhe sucede ter que recorrer. Quanto mais carente, obscuro, e ignorante ele se manifestar, tanto maior é a atenção que é necessário dispensar a ele, ao acolhê-lo. E, no fundo, é preciso que se tente ajudá-lo, e não simplesmente afugentá-lo. Para isso, além de todas as demais medidas, é preciso que a opinião pública seja constantemente informada do problema, é preciso que nisso participe de forma mais ampla possível, é preciso ainda e em particular que este problema desperte o interesse de todos os elementos realmente soviéticos, revolucionários, comunistas ou simplesmente conscientes do próprio aparelho de Estado. (TROTSKY, 2009, p. 53).

Defende que a imprensa possa cumprir uma função importante neste combate ao realizar um trabalho de “denúncia e educação” (TROTSKY, 2009, p. 54); e propõe as seguintes medidas: a) seis meses para identificar e denunciar, com toda imparcialidade e exatidão necessárias, uma centena de burocratas soviéticos que desprezam os trabalhadores; b) realização de um processo público de exclusão, sem a possibilidade de reintegração futura, das fileiras do partido. Deste modo, conclui: “Mas quando se trata de substituir o antigo pelo novo, um pequeno passo à frente é mais valioso do que as mais longas discussões.” (TROTSKY, 2009, p. 54).

No artigo, *É preciso lutar por uma linguagem polida*³⁰⁰, publicado em 16 de maio de 1923, Trotsky aborda um outro tipo específico de hábito grosseiro: a linguagem. Explica: “A grosseria de linguagem – em particular a grosseria russa – é herança da escravidão, da humilhação e do desprezo pela dignidade humana, tanto alheia como a própria.” (TROTSKY, 2009, p. 54).

A partir do relato de experiência desenvolvida numa fábrica de calçados, onde se decidiu combater o uso da linguagem grosseira com aplicação de multas, Trotsky reflete que este exemplo: “trata-se de um pequeno fato no turbilhão de nossa época,

300 Na edição da Antidoto: *É preciso lutar por uma linguagem depurada*; no texto-fonte, em francês: *Il faut lutter pour un langage châtié*; na tradução espanhola: *La lucha por un lenguaje culto*; na tradução inglesa: *The struggle for cultured speech*; no original russo, transl.: *Bor'ba za kul'turnost' rechi* [Борьба за культурность речи].

mas é um fato significativo, que só adquirirá toda a sua importância em relação ao eco que essa iniciativa venha a encontrar.” (TROTSKY, 2009, p. 54).

Trotsky supõe que não exista em outros países a grosseria existente no povo russo e tenta explicar a origem social desta característica cultural:

Nas camadas populares, a grosseria exprime o desespero, a irritação e, acima de tudo, uma situação de escravo sem esperança e sem saída. Mas essa grosseria nas camadas superiores, na boca de um senhor ou do intendente de um feudo, era a expressão de uma superioridade de classe, do firme e inabalável direito do escravagista. (TROTSKY, 2009, p 54-55).

Assim, o autor questiona a possibilidade de avançar na construção de uma *vida nova*, isto é, um modo de vida baseado em relações de respeito mútuo, camaradagem, companheirismo, igualdade da mulher e respeito às crianças, num ambiente que a linguagem grosseira herdada dos senhores feudais continue a ressoar.

Identifica a existência desta linguagem, dirigida especialmente às mulheres e aos filhos, cometidos pela massa atrasada e inculta, mas também e, sobretudo, pela vanguarda operária e alguns “responsáveis” (TROTSKY, 2009, p. 56). Sobre estes últimos, sem menções a nomes, caracteriza-os num perfil de “altamente colocados” (TROTSKY, 2009, p. 56), o que se deduz tratar-se de dirigentes partidários.

Trotsky afirma de forma contundente, a necessidade de lutar contra essa grosseria na linguagem tanto quanto se combate “a sujeira e os parasitas” (TROTSKY, 2009, p. 55); reconhece a complexidade desta luta, pois entranhada no *psiquismo* e no *modo de vida*, e não na linguagem em si mesma: “pois os hábitos psíquicos, que se transmitem de geração em geração e dos quais toda a atmosfera está ainda hoje impregnada, não são fáceis de desenraizar.” (TROTSKY, 2009, p. 55).

Em sua visão, haveria uma contradição entre o indivíduo e o seu meio, no que se refere a essa questão: “A nossa vida é totalmente contraditória tanto no plano econômico como no cultural. (TROTSKY, 2009, p. 56). Sem citar fontes de estudos

no campo da psicologia, elabora sua própria hipótese sobre a formação psíquica da consciência no ser humano e no modo de vida no contexto soviético:

Deve-se isso ao fato de que os diferentes campos da consciência não se transformam e não evoluem paralela e simultaneamente. Deparamo-nos aqui também com um arranjo peculiar. O psiquismo é flagrantemente conservador; na consciência, só se transformam os elementos diretamente submetidos às exigências da vida. A evolução social e política dos últimos decênios fez-se a um ritmo ímpar, com saltos e guinadas sem precedentes. É por isso que a confusão e a desorganização são entre nós tão poderosas. Mas seria injusto pensar que essas duas irmãs reinem unicamente na produção ou no aparelho de Estado. Não; há que confessar, agem também sobre as mentalidades, em que se combinam convicções de vanguarda sinceras e refletidas (nesse campo, temos alguma coisa a ensinar à Europa e à América), com estados de humor, hábitos e opiniões diretamente herdados do Domostroj. (TROTSKY, 2009, p. 56-57).

Defende que as iniciativas desenvolvidas pela fábrica usada como referência para o tema, devem ser incentivadas pelo governo soviético. Para ele, deve-se “analisar todos os campos da consciência por meio do método marxista – tal é a fórmula geral da educação e da auto-educação que se deve aplicar antes de mais ao partido todo, começando pelos dirigentes.” (TROTSKY, 2009, p. 57).

Assim, considera que essa educação da linguagem deve iniciar pelos dirigentes do partido bolchevique, o que confirma a responsabilidade que estes possuem na reprodução das formas grosseiras de linguagem e que a “fórmula geral” para o desenvolvimento desta educação estaria assentada no método marxista.

Esta tarefa, ressalva ele, não seria realizada “de forma escolar nem literária”(TROTSKY, 2009, p. 57), porque as contradições e desordens do psiquismo teriam suas raízes mais profundas na “confusão e na desorganização do modo de vida.” (TROTSKY, 2009, p. 57). Por fim, reafirma a relação dialética materialista da relação entre o ser e a consciência, aplicada ao problema da linguagem grosseira no contexto de um país, cujo poder político se encontra com a classe operária que iniciam um processo de construção de sociedade socialista:

A consciência, no fim de contas, define-se pelo ser. Mas a dependência aqui não é mecânica nem automática; é recíproca. Eis porque se precisa abordar o problema de diversas maneiras, incluindo a dos operários da fábrica “A Comuna de Paris”. (TROTSKY, 2009, p. 57).

No artigo, “Vós” e “tu” no Exército Vermelho³⁰¹, publicado em 18 de julho de 1922, Leon Trotsky traz à tona o problema da linguagem e de tratamento dispensados entre membros hierárquicos do Exército Vermelho. Chama atenção para a linguagem informal e o tom usado por um comandante do Exército a seu subordinado. Após reproduzir o diálogo entre ambos (comandante e subordinado), comenta:

Claro, os integrantes do Exército Vermelho podem usar um tom coloquial ao falarem uns com os outros como camaradas, mas precisamente como camaradas e apenas como camaradas. No Exército Vermelho um oficial de comando não pode usar a forma coloquial para se dirigir a um subordinado se é esperado do subordinado responder com polidez. Caso contrário, uma expressão de desigualdade entre pessoas resultaria em uma não expressão de subordinação no exercício das funções. (TROTSKY, 1983, p. 77-78).

Na Rússia, assim como na cultura alemã, o uso do pronome *tu (du)* é restrito a relações pessoais e íntimas, quando o receptor da mensagem é pessoa conhecida, familiar ou próxima; no momento em que tal pronome é usado a pessoas desconhecidas ou em contextos formais, tem-se como inapropriado e desrespeitoso, no que recomenda-se o uso da segunda pessoa do plural (*Sie*), equivalente ao *vós* na língua portuguesa. Em nota explicativa ao texto, informa-se ainda que nos costumes tradicionais russos, a nobreza usava a forma coloquial quando se dirigia aos camponeses e subordinados, esperando-se destes a resposta no plano da formalidade exigida. Este é ponto tratado na questão do artigo.

301 Texto de publicação inédita em língua portuguesa. Usamos a tradução realizada por Adriana Duchat, a nosso pedido. O texto-fonte intitula-se “*Thou*” and “*you*” in the Red Army e compõe um capítulo do livro *Problems of everyday life*. Em russo, o título original é: “*Ты*” и “*вы*” в Красной Армии [“ты” и “вы” в красной армии].

Leon Trotsky, ao identificar nestas diferenças de tratamento, uma relação de hierarquia e subordinação desrespeitosa, prima pelas relações de tratamento igualitárias e formais no interior do Exército Vermelho e na sua cadeia de comando:

Naturalmente, as formas coloquiais e formais são apenas questões de conveniência, mas definitivamente as relações humanas são expressas nessa convenção. Em alguns casos a forma coloquial pode ser usada para expressar relações próximas de camaradagem, mas em quais? Naquelas onde a relação é mútua. Em outros casos a forma coloquial pode transmitir desdém, desrespeito, desprezo e certo ar de soberba na relação de alguém com o outro. Este tom é absolutamente inadmissível no Exército Vermelho. (TROTSKY, 1983, p. 78).

Ao final, Trotsky defende que o tema não pode ser tratado como insignificante, pois o respeito mútuo e a dignidade humana dos soldados é, em sua concepção, um elemento de extrema importância para a construção, a unidade e a moral do Exército Vermelho. A disciplina deve ser inflexível no interior do exército, o que pressupõe a subordinação dos soldados aos seus superiores, mas, ressalta ele, não pressupõe que a função ou o cargo de oficial superior reproduza as mesmas relações desdenhosas e de superioridade, tal qual havia no antigo exército czarista. “Subordinação militar deve ser acompanhada por um senso de igualdade moral e cívica para todos e o senso de igualdade não pode sofrer se a dignidade humana for violada” defende (TROTSKY, 1983, p. 78).

Em síntese, nestes textos, Trotsky aborda os costumes e hábitos que foram herdados do passado, mas que no regime de economia de transição ao socialismo tornaram-se não somente ultrapassados, como um obstáculo ao melhor desenvolvimento da economia e do próprio ser humano. Deste modo, levanta a necessidade da propaganda de exemplos e casos que expressem novos hábitos e relações; considera a adoção de algumas medidas punitivas contra tais hábitos e; a educação e auto-educação, com base no método marxista, voltada primariamente para os dirigentes do próprio partido marxista.

5.2.5 Construção de bibliotecas e os operários sem partido

Em dois artigos, *O homem não vive só de política*³⁰² e *Como começar?*³⁰³, ambos publicados no *Pravda*, respectivamente em 10 de julho e 17 de agosto de 1923, Trotsky propõe a construção de bibliotecas especializadas.

A Revolução Russa de 1917 abriu o caminho do proletariado para o domínio da economia e da produção, mas era necessário formar esse operário e instruí-lo na lenta pavimentação do caminho da cultura. Neste sentido, colocava-se a necessidade de conhecer diversas obras, sobretudo, atualizadas, sobre os diferentes ramos da produção fabril, o que demandava o rápido acesso a manuais e livros técnicos.

As bibliotecas operárias, deste modo, poder-se-iam constituir como um *lócus* de atração da classe operária, principalmente de setores não organizados no partido bolchevique. Na visão de Leon Trotsky, as bibliotecas também poderiam cumprir uma segunda tarefa: aglutinar a literatura existente sobre o modo de vida, para que uma coluna de militantes pudessem melhor estudar o tema, tornando-se especialistas sobre o mesmo, no que deriva a expressão *militantes culturais*.

Em *O homem não vive só de política*, Trotsky discorre sobre os operários que não se encontram nas fileiras do partido. Em sua avaliação, estes operários são simpáticos ao partido e a causa da revolução, pois haviam se centralizado na defesa do Estado Operário quando serviram no Exército Vermelho e se dedicavam a construção do socialismo por meio do trabalho técnico que desenvolviam nas fábricas. Contudo, estes setores do proletariado não se propunham a se organizar politicamente no interior do partido, razão pela qual lhes foram atribuídos a caracterização de *apolíticos*. Trotsky avalia o perfil deste operário do seguinte modo:

302 Remetemos a consulta ao quadro 2, inserido na página 85 desta tese, no qual este mesmo título se apresenta com sentido diverso na edição da Antidoto. No texto-fonte, do francês: *L'home neh vit pas que de politique*; e no original russo: *Ne o "politike" yedinoy zhiv chelovek* [He o "политике" единой жив человек].

303 Este texto não se encontra traduzido nas edições portuguesas de *Questões do modo de vida*, mas está contemplado na versão castelhana do livro, da *Edicions Sedov*, cujo título: *Como empezar*, possui a seguinte titulação no original russo: *S kakogo ugla podoyti?* [С какого угла подойти?]

Nos momentos difíceis e importantes da revolução, estiveram ao nosso lado. Na sua grande maioria, Outubro não os assustou, não desertaram nem traíram. Na guerra civil, vários deles estiveram na linha de frente e outros trabalharam para equipar o exército. Depois voltaram ao trabalho pacífico. Foram chamados de apolíticos, e não sem fundamento, porque colocam o seu trabalho ou o seu interesse familiar acima do interesse político, pelo menos durante os períodos “calmos”. Cada um deles quer tornar-se um bom operário, aperfeiçoar-se, elevar-se a um nível superior, tanto para melhorar a situação de sua fábrica, como devido a um amor próprio, profissional, legítimo. Cada um deles, como já dissemos, realiza um trabalho socialista, mesmo que não tenha fixado isso como objetivo. (TROTSKY, 2009, p. 12-13, grifo do autor).

Estes operários já eram conhecedores dos discursos do partido, mas não se atraíam por ele. Em sua visão, isso se explicava pelo motivo de que não era a política, em seu sentido restrito, o que lhes despertava interesse, mas a dimensão técnica do trabalho.

O seu pensamento só desperta quando está junto da sua máquina e, no momento, aquilo que não o satisfaz é a ordem que existe na oficina, na fábrica, no truste. Esses operários procuram ir tão longe quanto possível na sua reflexão; são frequentemente reservados; vemos sair das suas fileiras os inventores autodidatas. Não é de política que se lhes deve falar, não é isso que os apaixonará, pelo menos não ao primeiro contacto, mas, em compensação, pode e se deve falar com eles sobre a produção e de técnica. (TROTSKY, 2009, p. 13).

Deste modo, seria possível vincular o trabalho destes operários ao trabalho do partido, para tanto, seria necessário que “[...] tenham uma consciência clara da ligação existente entre sua produção particular cotidiana e os fins da construção socialista no seu conjunto.” (TROTSKY, 2009, p. 13).

No contexto em que o partido se encontrava na Rússia, quando a disputa pelo poder político local cedia lugar à necessidade de avançar no trabalho da produção fabril, isto é, no desenvolvimento e aperfeiçoamento de técnicas industriais, do maquinário e da produção econômica de conjunto; o nível de consciência destes operários poderia se elevar a ponto de entrar no partido, se os revolucionários conseguissem estabelecer as relações e nexos entre o trabalho técnico e produtivo deste operário e a construção da sociedade socialista.

Isto seria importante tanto ao operário politicamente desinteressado para atraí-lo as fileiras do partido, quanto para o desenvolvimento da própria produção técnica e industrial sob uma consistente base operária, consciente de suas tarefas históricas. Por isso, em sua avaliação, tal relação permitiria que “Os interesses do socialismo estarão assim melhor garantidos [...]” (TROTSKY, 2009, p. 13).

Mas que medidas poderiam ser adotados em direção a este operário para estreitar seus interesses ao partido? Nos relatos dos agitadores moscovitas que fundamentaram o texto de Trotsky, um em particular ressalta a falta de manuais, livros técnicos e obras especializadas sobre a produção fabril.

Na descrição de Trotsky, os livros existentes nas fábricas estariam velhos, desatualizados e impregnados do ideário capitalista; os manuais novos, por sua vez, além da pouca quantidade, foram editados sem a coordenação de um plano geral, são demasiados teóricos e acadêmicos, com pouca validade técnica. Assim, Trotsky defende a necessidade de confecção de uma série de novos manuais de bolso para os operários e especialistas sem partido:

Estes manuais devem adaptar-se à nossa técnica e à nossa economia atuais, devem levar em conta a nossa pobreza, assim como as nossas imensas possibilidades, devem visar a desenvolver na nossa indústria métodos e hábitos novos muito mais racionais. Devem ainda, até certo ponto, evidenciar as perspectivas socialistas para além das necessidades e dos interesses da própria técnica (é aqui que se localizam os problemas da normalização, da eletrificação, da economia planificada). Em tais obras, as ideias e as conclusões socialistas devem integrar-se na teoria prática de determinado setor de atividade. De modo algum devem ter carácter de agitação supérflua e inoportuna. [...]. Temos aqui uma tarefa extremamente importante e útil a realizar. (TROTSKY, 2009, p. 14).

Trotsky reconhece a dificuldade na elaboração destes novos manuais, pontua a carência de operários qualificados que saibam escrevê-los, assim como de escritores socialistas que tenham domínio sobre o conhecimento de técnicas de produção. De forma propositiva, aponta para a formação de comissões compostas por três membros: um escritor especialista, com informações técnicas e conhecimentos sobre o estado de determinado ramo da produção russa; um

operário altamente qualificado de espírito inventivo; e um escritor marxista, com formação política e conhecimento no campo da produção e da técnica.

Também aponta para a necessidade de avançar na construção de bibliotecas em fábricas e oficinas. Estas bibliotecas se tornariam referência, com manuais devidamente encadernados, de formato prático e pouco dispendioso. Em sua avaliação, elas desempenhariam duas funções: a) favorecer a elevação e qualificação do trabalho, cujo êxito seria condicionado pela construção socialista e; b) contribuir para agrupar operários sem partido, valiosos tanto para o desenvolvimento da economia soviética em seu conjunto, quanto para o partido comunista, em particular.

Além das bibliotecas, Trotsky propõe uma série de táticas para atrair estes operários ao partido:

A luta pela conquista ideológica dos proletários “apolíticos” pode e deve ser conduzida por meios diversificados. É preciso editar periódicos semanais ou mensários científicos e técnicos especializados por setor de produção; é preciso criar sociedades científicas e técnicas destinadas a esses operários. É com vista a eles que, em boa parte, deve orientar-se a nossa imprensa profissional se, de facto, não quiser ser uma imprensa destinada unicamente ao pessoal dos sindicatos. Mas o argumento político mais convincente para os operários desse tipo consistirá em cada um dos nossos êxitos práticos no domínio industrial, em cada organização real do trabalho na fábrica ou na oficina, em cada esforço ponderado do partido nessa direção. (TROTSKY, 2009, p. 15).

Para organizar os operários apolíticos, Trotsky sugere a fundação de revistas e sociedades científicas e técnicas. Além disso, reconhece que a principal tarefa do partido estaria na jovem geração do proletariado, sem deixar de se dirigir ao maduro operário consciente. A nova geração do proletariado deverá possuir um perfil de ser mais especializada, mais qualificada e “[...] amantes de seu trabalho” (TROTSKY, 2009, p. 16); deve adquirir consciência que sua produção serve ao socialismo e, portanto, a atenção que dispensariam à aprendizagem e à qualificação, poderiam atingir e estimular os operários mais antigos.

Assim, ao mesmo tempo que Trotsky dispensa atenção à velha geração do proletariado, sustenta que “devemos também aplicar-nos em educar a juventude proletária. Sem isso, seria impossível seguir em frente, rumo ao socialismo.” (TROTSKY, 2009, p. 16).

Este jovem geração de operário possui as seguintes características:

Este tipo de operário, eis o que ele é: torneiro, serralheiro ou fundidor zeloso, hábil e atento ao seu trabalho; não é entusiasta, é antes politicamente passivo, mas reflete, tem espírito crítico; é por vezes um pouco cético, mas sempre se mantém fiel à sua classe; é um proletário de valor. É em direção a este tipo de operário que o partido deve atualmente dirigir os seus esforços. O nosso grau de implantação nessa camada social – na economia, na produção, na técnica – será o índice mais seguro dos nossos êxitos em matéria de militantismo cultural, encarado no seu sentido mais amplo, no sentido leninista do termo. (TROTSKY, 2009, p. 15-16).

Em *Como Começar?*, Trotsky defende a urgência de se construir bibliotecas que reúnam as publicações existentes sobre modo de vida. A urgência insistida pelo autor se deve a necessidade de formar agitadores que intervenham diretamente no campo dos costumes e da cultura, especialmente por meio do jornal:

É preciso acelerar a formação dos agitadores que atuarão contra os costumes e, ao mesmo tempo, facilitarmos sua tarefa. **É urgente a fundação de uma biblioteca** onde se reunirá tudo o que se encontre em mãos vinculado a vida cotidiana (os trabalhos clássicos sobre a evolução da família e escritos populares sobre a história dos usos e costumes) e realizar uma investigação sobre os diferentes aspectos do modo de vida. Também temos que traduzir todo elemento valioso sobre o tema que tenha surgido em idiomas estrangeiros nos últimos anos. Posteriormente, podemos dedicar e desenvolver seções sobre isso em nossos jornais. Quem sabe? Talvez em um ou dois anos nos seja possível organizar um curso de leituras sobre estas questões.³⁰⁴ (TROTSKY, 2005, p. 33, tradução nossa).

304 “Es preciso acelerar la formación de los agitadores que actuarán en contra de la costumbre y facilitarles al mismo tiempo su tarea. Es urgente la fundación de una biblioteca donde se reunirá todo lo que se encuentre a mano vinculado a la vida cotidiana (los trabajos clásicos sobre la evolución de la familia y escritos populares sobre la historia de los usos y costumbres) y llevar a cabo una investigación en los diferentes aspectos de la vida diaria. También tendremos que traducir todo elemento valioso que sobre el tema haya aparecido en idiomas extranjeros durante los últimos años. Más tarde, podremos dedicar y desarrollar secciones al respecto en nuestros periódicos. ¿Quién sabe? Acaso en uno o dos años nos sea posible organizar un curso de lecturas sobre estas cuestiones.” (tradução nossa).

A construção de uma biblioteca sobre vida cotidiana, isto é, modo de vida, como pode-se verificar na passagem, teriam como função, o aprofundamento dos estudos e investigações sobre o tema; a formação de agitadores do partido para atuarem sobre o tema, e; mais a longo prazo, a organização de cursos sobre o mesmo.

Nesse texto, Trotsky também discorre sobre a importante iniciativa de associações, ligas e grupos, formados para contribuir em diversos aspectos da vida soviética, no que menciona a *Sociedade dos Amigos do Cinema Vermelho*³⁰⁵. Contudo, com base na avaliação de que a sociedade soviética, àquele tempo, não se encontra suficientemente segura na apropriação do tema do modo de vida, coloca-se contrário a construção de grupos, a partir da iniciativa estatal, sobre este assunto; colocando-se como pertinente a formação de grupos locais de voluntários nas fábricas, com a finalidade de estudar o modo de vida da classe trabalhadora.

A fundação de bibliotecas nas fábricas, colocava-se, portanto, como necessária para fazer a classe operária superar as correntes de sua própria ignorância, condição imposta pelo modo de produção capitalista, no qual o acesso à cultura e a educação, davam-se dentro de determinados limites, como o próprio Trotsky já discutira anteriormente³⁰⁶.

Os limites culturais, técnicos, educativos e científicos, impostos à classe operária, precisavam ser superados para fazer avançar a revolução proletária em direção ao socialismo; avanço que se traduzia, por exemplo, na confecção de obras técnicas atualizadas sobre os diferentes ramos da produção; na publicação de periódicos científicos; na organização de um acervo teórico e de diferentes línguas sobre o tema do modo de vida; no estudo, aprofundamento e investigação sobre a vida cotidiana; elementos que poderiam ser melhor desenvolvidos com a fundação de bibliotecas em cada grande fábrica da Rússia soviética.

305 *Obshchestvo druzey Krasnogo kino* [Общество друзей Красного кино].

306 Conforme demonstramos na análise do texto *Terrorismo e comunismo: o anti-Kautsky*, presente entre as páginas 162 e 199 desta tese.

5.2.6 Combate a burocratização

Um dos temas que perpassam no pensamento de Leon Trotsky, expresso nos textos que compõe *Questões do modo de vida*, foi a preocupação com a burocratização do aparelho estatal e do partido. Este problema se manifestou no processo de construção do aparelho de Estado soviético, fase de transição econômica e social, cuja combinação de antigas e novas relações de produção constituiu-se base material que implicou determinações para a existência do Estado e seus agentes.

Vladimir Lenin foi um dos primeiros a identificar a seriedade deste problema. No conjunto de textos compilados sobre o título *Últimos escritos e Diário das secretárias*, Lenin (2012) realiza diversos apontamentos sobre o tema³⁰⁷. Destacamos, em particular, o texto *Sobre o aparelho do Estado (do discurso da IV sessão do Comitê Executivo Central – XI convocação)*, onde se apresentam dados sobre a quantidade de funcionários do aparelho estatal, em Moscou, comparativos nos anos de 1918 e de 1922, no que se constatou um significativo aumento do quadro de funcionários, quando sua expectativa era pela sua redução. Desta forma, diz-nos Lenin (2012, p. 58):

Estamos seguros de que nosso aparelho, que sofre de numerosos defeitos, que é duas vezes maior que o necessário, que muito frequentemente trabalha não para, mas contra nós – não devemos ter medo de dizer a verdade, ainda que seja da tribuna do supremo organismo legislativo da república – será melhorado.

O autor indica, pois, a necessidade de melhor estudar o assunto. Leon Trotsky, por sua vez, desenvolveu algumas reflexões sobre o tema no âmbito do modo de vida da classe operária, os quais discorreu em alguns de seus textos³⁰⁸.

307 Lenin (2012) propõe, por exemplo, estender para três anos, o período de experiência dos operários que se propunham a entrar nas fileiras do partido, sendo que para os camponeses e soldados do Exército Vermelho, o prazo seria de quatro anos e para os demais, cinco anos; a indicação de que os tribunais adotem penas mais duras aos comunistas do que os não-comunistas; a propositiva de resolução para que o Comitê Executivo Central seja composto por 60% de operários sem nenhuma função direto no Estado; o combate à morte ao chauvinismo grão-russo; a redução do contingente do Exército Vermelho; a elevação da quantidade de membros do CC par até cem membros, dentro outras medidas.

Numa das críticas expostas no texto *O jornal e seu leitor*, Trotsky menciona que a presença de siglas e abreviaturas, usadas com recorrência pela imprensa oficial, mas incompreensíveis a massa leitora de trabalhadores simples – inculta e carente de conhecimentos sobre os seus significados – seriam manifestações desta burocracia soviética. Discorre ele:

Por exemplo, relata-se uma discussão com certo camarada, presidente do “S.A.M.”. Esta sigla é utilizada dezenas de vezes ao longo de todo o artigo. **É preciso ser um burocrata informado** para compreender que se trata do Serviço de Administração Municipal. A massa dos leitores nunca decifrará esta abreviatura e, irritada, não lerá o artigo e talvez todo o jornal. Os nossos jornalistas devem entender que as abreviaturas e as siglas só são válidas na medida em que se tornem imediatamente compreensíveis; quando apenas servem para confundir os espíritos, é criminoso e estúpido utilizá-las. (TROTSKY, 2009, p. 21, grifo nosso em negrito).

Em se tratando de uma ferramenta com amplo potencial educativo – o jornal – o conhecimento de uma informação específica do aparelho de Estado, como o significado de uma sigla, não é o que caracteriza, em si, a burocracia, mas o uso recorrente desta informação pela imprensa, sem a devida preocupação e cuidado para explicar a grande massa de leitores sobre o seu devido significado.

O jornalista que usa uma informação ou uma linguagem especializada, sem esclarecê-la, confunde as massas em vez de instruí-las, informá-las e educá-las, atitude condenável para Trotsky, quando as tarefas do jornal e o potencial que ele possui, são tidas como importantes na tarefa de informar e ajudar na educação de massas.

A expressa irritação de Trotsky em sua crítica, imputando a um problema aparentemente simples e secundário, uma atitude burocrática que ganha a adjetivação de *criminosa* e *estúpida*, é melhor explicada no artigo *A atenção deve incidir sobre os detalhes*. Neste, Trotsky desenvolve a argumentação de que os problemas mínimos, pequenos e secundários, comprometem o desenvolvimento de uma grande obra, no caso em tela, a obra de construção de uma economia e

308 Posteriormente, com a expulsão do partido e da URSS, detém-se sobre esta questão e desenvolve uma inédita crítica sobre a burocratização do Estado soviético.

sociedade socialista. Em duas passagens, ele explica as diferenças entre o burocratismo e a necessária atenção às tarefas mínimas que o contexto exige:

É frequente confundir o interesse dedicado aos detalhes com o burocratismo. Há nisso um erro grave. O burocratismo consiste em dedicar atenção a uma forma vazia, em vez do conteúdo, em detrimento da ação. O burocratismo enreda-se no formalismo e peca-dilhos, sem resolver nenhum detalhe prático. O burocratismo evita em geral os detalhes práticos que constituem o conjunto de um problema, contentando-se unicamente em fazer a articulação da papelada. (TROTSKY, 2009, p. 27).

Acharão alguns, repito, que uma atenção obstinada a este gênero de detalhes provém do “burocratismo” e de questões sem fundamento. Mas é muito frequente que os inúteis e os irresponsáveis escondam a sua natureza aparentemente lutando contra o burocratismo. “Que complicação por causa de uma simples ponta de cigarro lançada na escada!” - dizem eles. Eis uma verdadeira inépcia. Lançar pontas de cigarros no chão é desdenhar o trabalho alheio. (TROTSKY, 2009, p. 27).

A preocupação com o *burocratismo* também aparece nos textos que abordam sobre questões familiares. Em *Da antiga à nova família*, defende que o novo modo de vida se desenvolva em lares familiares, sem ordenar-se por uma política centralizada “vinda de cima” (TROTSKY, 2009, p. 40), isto é, imposta pelos dirigentes do aparelho de Estado. Este poderia se encarregar dos problemas familiares por meio de conselhos locais, cooperativas, associações e sindicatos, contudo, sua maior contribuição seria subsidiar as bases materiais e culturais para o desenvolvimento das experiências neste terreno, como nas habitações coletivas:

Os primeiros êxitos evidentes e indiscutíveis neste campo, mesmo quando limitados, incitarão inevitavelmente camadas mais amplas a se organizarem da mesma maneira. Quanto a uma iniciativa planejada vinda de cima, as coisas ainda não se apresentam maduras para isso, nem do ponto de vista dos recursos materiais do Estado nem do ponto de vista da preparação do próprio proletariado. Atualmente não se pode dar uma arrancada nesta matéria a não ser com a criação de lares demonstrativos. Será preciso adquirir segurança progressiva, sem querer ir demasiado longe e sem cair no fantástico burocrático. Num dado momento, será o Estado que se encarregará desses problemas, por intermédio dos conselhos locais, das cooperativas, etc. (TROTSKY, 2009, p. 46).

Em *A família e os ritos*, Trotsky analisa o modo como a Igreja atrai a classe operária por meio da celebração de rituais de ciclos e momentos da vida familiar, construindo vínculos por meio dos *costumes* e *tradições*, conforme analisamos no tópico específico acima. No texto, Trotsky defende novamente que o desenvolvimento da educação e das condições materiais de vida são os elementos fundamentais para a construção do socialismo, ao mesmo tempo que levanta o problema da construção artificial no modo de vida, uma intervenção burocrática que desconsidere a elaboração coletiva e de conjunto com as massas:

Esse modo de vida, essa teatralidade de um gênero novo, só podem desenvolver-se paralelamente ao desenvolvimento da alfabetização e do bem-estar material. Temos todos os motivos para estudar esse mecanismo com a maior atenção. Não pode por certo se tratar de uma intervenção constrangedora, vinda de cima, isto é, de uma burocratização dos novos fenômenos do modo de vida. Só a criação colectiva das amplas massas, auxiliada pela fantasia, pela imaginação criadora e pela iniciativa dos artistas, pode conduzir-nos, ao longo dos anos e decênios vindouros, até a via das novas formas de vida, espiritualizadas, enobrecidas e impregnadas de espetaculosidade coletiva. (TROTSKY, 2009, p. 49-50).

No artigo *Atenção e delicadeza como condições necessárias para relações harmoniosas*, Trotsky melhor desenvolve o problema do burocratismo no modo de vida e como combatê-lo. Neste, acumula a seguinte definição:

O burocratismo é um fenômeno muito complexo e em absoluto não homogêneo; é antes uma combinação de fenômenos, de numerosos mecanismos que surgiram em diversos momentos da história. E as razões que mantêm e alimentam o burocratismo são também muito diversificadas. A nossa incultura, nosso atraso, nossa ignorância, ocupam o primeiro lugar. A desorganização geral do nosso aparelho governamental, sem cessar reconstruído (o que é inevitável em período revolucionário), arrasta consigo um grande número de atritos que favorecem enormemente o burocratismo. É precisamente nessas condições que a heterogeneidade social do aparelho soviético e, em particular, a existência de hábitos senhoriais e burgueses, se manifesta nas suas formas mais repulsivas. (TROTSKY, 2009, p. 52).

Deste modo, Trotsky primeiramente entende o fenômeno da burocratização como um fenômeno histórico e social complexo, heterogêneo e resultado de múltiplas determinações; considera que uma primeira ordem de determinações para a manutenção deste fenômeno, no caso específico do Estado soviético, está relacionada ao atraso econômico, cultural e educacional do povo russo.

A Revolução de Outubro destruiu um tipo de Estado – democrático-burguês – desorganizando o aparelho estatal, ao mesmo tempo que constrói outro tipo de estrutura de poder: o Estado dos sovietes de deputados operários, camponeses e soldados. Esta contradição entre destruir o antigo e construir o novo, resultam num aparelho estatal com número expressivo de atritos, no que os “hábitos senhoriais burgueses” sem manifestam de diferentes formas (TROTSKY, 2009, p. 52).

A origem da burocracia se encontraria, portanto, na formação do próprio Estado, enquanto instituição de uma classe que domina a outra e, mesmo que ele se apresente como *acima das classes sociais*, isto é, *a serviço do povo*, como nos países de *democracia civilizada*, continua a serviço do projeto de dominação da classe dos capitalistas. A burocracia, assim, constitui-se como uma camada de dirigentes estatais a serviço de uma classe social, conforme o pensamento de Trotsky:

Por certo que, em todas as democracias civilizadas, a burocracia “está a serviço” do povo; o que não a impede de formar, acima do povo, uma casta profissional estreitamente homogênea; e se a burocracia “oferece” realmente os “seus serviços” aos magnatas capitalistas, isto é, se rasteja em face deles, mostra-se cheia de altiveza perante o camponês ou o operário e dirige-se a eles como se fossem objetos (isto tanto em França como na América ou na Suíça). Mas aí, nas democracias “civilizadas”, isso se reveste de certa polidez, de afabilidade — mais acentuada em dado país, menos aparente em outro. Sempre que necessário, (o que sucede diariamente) o punho da polícia rompe sem dificuldade essa cortina de delicadeza. Agride-se os grevistas nas delegacias de Paris, de Nova Iorque e de outras grandes cidades. Mas no conjunto a delicadeza “democrática”, oficial, que orienta as relações da burocracia com as populações, é produto e consequência da revolução burguesa: a exploração do homem pelo homem é uma constante, mas a sua forma mudou, é menos “grosseira”, dissimula-se com os cenários da igualdade, recobre-se com um verniz de boas maneiras. (TROTSKY, 2009, p. 50-51).

Sobre a burocracia desenvolvida particularmente no Estado soviético, Trotsky avalia que ela possui tanto a grosseria no trato das relações entre os agentes estatais e o povo, como também engendra as relações necessárias e futuras da nova sociedade:

O aparelho da burocracia soviética é peculiar e complexo; transporta consigo os hábitos de diversas épocas, e ao mesmo tempo os embriões das futuras relações humanas. Regra geral, a delicadeza não existe entre nós. Em contrapartida, a grosseria herdada do passado manifesta-se em excesso. (TROTSKY, 2009, p. 51).

Como herança do passado, a burocracia soviética seria um fenômeno inevitável do período de transição, resultado da luta contra as antigas formas de relações sociais, como a opressão e o preconceito das classes dominantes e a construção consciente de novas relações sociais mais engratededoras da humanidade. Ainda sobre as características desta burocracia, Trotsky pontua:

Não é por certo esta a única fonte do “burocratismo e da lentidão administrativa”, mas é um dos seus fatores essenciais: uma total indiferença perante os indivíduos e seu trabalho. Se fosse possível registrar numa fita particularmente sensível as consultas, as respostas, as explicações, as ordens e as prescrições que se verificam em todos os departamentos de um organismo burocrático de Moscou no decurso de um só dia, obter-se-ia um conjunto particularmente demonstrativo. E é ainda pior no interior, especialmente onde a cidade entra em contato com o campo. (TROTSKY, 2009, p. 52, grifo do autor).

Deste modo, a luta contra o burocratismo seria uma das medidas fundamentais para fazer avançar a construção de um novo modo de vida, a formação de um novo homem e de uma nova mulher sobre novas bases materiais e culturais. Para tanto, a luta contra o burocratismo assume diversas frentes: a luta contra o analfabetismo e a ignorância; o acesso irrestrito a cultura; o melhoramento do aparelho técnico do Estado, com a formação de agentes estatais com maior rigor e exigência, seriam importantes, mas não suficientes. Para Trotsky, seria necessário

formar uma camada de especialistas com base numa educação de massas e nos princípios socialistas. Em suas palavras:

Por isso mesmo, a luta contra o burocratismo não pode deixar de assumir um carácter diversificado. Na base, há que se lutar contra a incultura, a ignorância, a imundície, a miséria. O melhoramento técnico do aparelho burocrático, a pressão sobre os quadros, uma maior regularidade, maior rigor e maior exatidão no trabalho, bem como outras medidas do mesmo tipo não resolvem, por certo, o problema histórico do burocratismo, mas permitem reduzir-lhe os aspectos mais negativos. A formação de uma burocracia soviética de um tipo novo e a formação de “especialistas”, são extremamente importantes. E aqui, está claro, não há que ter ilusões sobre a dificuldade que representa, numa época de transição e dados os hábitos herdados do passado, a educação de dezenas de milhares de novos trabalhadores fundada em novas bases, isto é, num espírito de trabalho, simplicidade e humanidade. É algo difícil, mas não impossível; contudo, isso não se dará de uma só vez, mas progressivamente, graças a promoção de “séries” cada vez melhores de jovens trabalhadores soviéticos. (TROTSKY, 2009, p. 52-53).

Para além das tarefas a longo prazo, ele defendeu medidas imediatas para combater os aspectos negativos da burocratização. Ao final de seu texto, o autor sustenta que os agentes públicos, insistentes no tratamento desdenhoso e desumano para com o público, devem ser denunciados, processados e demitidos do aparelho governamental. Segundo ele, este seria um pequeno passo rumo ao aperfeiçoamento da estrutura do Estado soviético:

O “calendário” da luta poderia ser mais ou menos o seguinte: se durante os próximos seis meses chegarmos a denunciar em toda a URSS — com exatidão e imparcialidade, após duas ou três constatações — uma centena de burocratas que manifestem um desprezo de raiz para com os nossos trabalhadores; se, após ter divulgado isso por todo o país e ter talvez até organizado um processo público, excluirmos essa centena de burocratas do aparelho do partido sem permitir nunca sua reintegração seja onde for — estaríamos perante um bom princípio. Não é por certo possível esperar milagres imediatos. Mas quando se trata de substituir o antigo pelo novo, um pequeno passo à frente é mais valioso do que as mais longas discussões. (TROTSKY, 2009, p. 54).

Esta medida punitiva, de exclusão de burocratas do aparelho de Estado, nos quais se constatem reincidência, posto que “após duas ou três constatações” (TROTSKY, 2009, p. 54) e um processo público, poderia fazer avançar a relação da classe operária com o poder de Estado. Na avaliação do autor, um “pequeno passo” (TROTSKY, 2009) rumo ao socialismo.

5.2.7 O militantismo cultural

Para Leon Trotsky, mesmo os importantes avanços que fez o proletariado russo no terreno da consciência política na Revolução de Outubro de 1917 e na guerra civil, este progresso, em sua avaliação, pouco se refletiu no terreno do modo de vida. “O modo de vida é terrivelmente conservador” (TROTSKY, 2009, p. 29), afirma.

Assim, tal questão se torna uma das principais preocupações daquele contexto. Com a vitória da revolução que levou os trabalhadores de um país economicamente atrasado a assumir o poder e a construir um tipo de organização social, inexistente na história da humanidade até então, a questão cultural e educativa se colocou como fulcral a ser enfrentada. É o próprio Trotsky que anuncia a importância desta preocupação, assim como sua localização temporal:

Cada época tem a sua divisa. A história pré-revolucionária do nosso partido foi uma história de política revolucionária. A literatura do partido, as organizações do partido, tudo se encontrava submetido à palavra de ordem “política” no sentido mais estreito do termo. A revolução e a guerra civil aumentaram ainda mais essa acuidade e a intensidade das tarefas e dos interesses políticos. Durante esse período, o partido reuniu nas suas fileiras os elementos mais politicamente ativos da classe operária. As conclusões políticas fundamentais desses anos são claras para a classe operária em seu conjunto. A repetição mecânica dessas conclusões nada lhe trará de novo; antes poderá dissipar as lições do passado na sua consciência. **Após a tomada do poder e a sua consolidação passada a guerra civil, as nossas tarefas fundamentais deslocaram-se para o domínio da construção econômica e cultural.** Tornaram-se mais complexas, parcelaram-se, adquiriram um caráter mais detalhado e, ao que parece, mais “prosaico”. (TROTSKY, 2009, p. 7, grifo nosso em negrito).

Observamos que o autor delimitou uma certa divisão de épocas históricas: “cada época tem a sua divisa” (TROTSKY, 2009, p. 7). Assim, antes da tomada do poder pelo proletariado russo, refere-se a “história pré-revolucionária”, cujo período é marcado pela luta revolucionária para a tomada do poder, no que se colocava a organização do partido, ou seja, seu programa, palavras de ordem, jornais e literatura, completamente voltados para a disputa política, compreendendo o termo em seu sentido restrito. Para explicar o significado deste sentido da *política*, o próprio autor nos aclara:

Quando Lenin afirma que as nossas tarefas de hoje não são tanto políticas como culturais, é preciso entender sua terminologia, a fim de não interpretarmos erroneamente seu pensamento. Num certo sentido, a política domina tudo. O conselho de Lenin de transferir nossa atenção do domínio político para o cultural é um conselho político. Quando um partido operário, em um determinado país, decide que é necessário num dado momento colocar em primeiro plano as exigências econômicas e não as políticas, essa decisão tem um caráter “político”. **É perfeitamente evidente que a palavra “político” é aqui utilizada em dois sentidos diferentes:** em primeiro lugar **num sentido amplo**, materialista-dialético, englobando o conjunto das ideias diretivas, dos métodos e dos sistemas que orientam a atividade da coletividade em todos os domínios da vida social; em segundo lugar, **num sentido restrito**, especializado, caracterizando certa parte da atividade social, internamente ligada à luta pelo poder e oposta ao trabalho econômico, social, etc. Quando Lenin escreve que a política é economia concentrada, encara a política no sentido amplo, filosófico. Quando Lenin diz: “um pouco menos de política, um pouco mais de economia”, encara a política no sentido restrito e especializado do termo. As duas acepções são igualmente válidas, visto que legitimadas pelo uso. Importa apenas compreender bem do que se fala em cada um dos casos. (TROTSKY, 2009, p. 10, grifos nossos em negrito).

Deste modo, *política*, em sentido restrito, limita-se às atividades e ações em torno a disputa do poder, isto é, das instituições que organizam, controlam e determinam as relações sociais e produtivas, com especial destaque para o Estado; em sentido amplo, engloba um conjunto maior de atividades, orientadas a uma

determinada direção filosófica e social, em diferentes dimensões, como econômica, cultural e educativa.

O próprio Lenin esclarece sobre o sentido restrito do termo em torno da luta para a conquista do Estado, o que se desenvolveria como atividade central dos revolucionários num momento histórico determinado, prévio a usurpação deste poder, distinto da fase que se abriria após ele:

Sem dúvida, do ponto de vista da tarefa fundamental da atualidade, tínhamos razão porque sem a luta de classe pelo poder político no Estado não é possível realizar o socialismo.

Mas vejam como a questão agora se modificou, uma vez que o poder de Estado se encontra já nas mãos da classe operária, uma vez que o poder político dos exploradores foi derrubado e uma vez que todos os meios de produção (exceto aquele que o Estado operário voluntariamente entrega temporária e condicionalmente em concessão aos exploradores) estão nas mãos da classe operária. (LENIN, 2012d, p. 99).

A modificação sugerida por Lenin após a conquista do poder político, trata-se de um giro nas ações do partido, das atividades estritamente políticas para um trabalho educativo e cultural mais amplo junto à massa de trabalhadores:

Esta mudança radical consiste em que antes colocávamos o centro fundamental, e assim devia ser, na luta política, na revolução, na conquista do poder, etc. Agora o centro muda e se desloca até o trabalho pacífico, organizativo, “cultural”. **Diria que o centro se desloca até o trabalho educativo**, se não fosse pelas nossas relações internacionais, se não fosse porque temos que lutar em escala mundial por nossa posição. Porém, se deixarmos isto de lado e nos limitarmos as relações econômicas internas, na realidade **o foco de nosso trabalho se desloca para a educação**.³⁰⁹ (LENIN, 1979, p. 502, grifos nossos em negrito, tradução nossa).³¹⁰

309 “Este cambio radical consiste em que antes poníamos el acento fundamental, y así debía ser, em la lucha política, em la revolución, em la conquista del poder, etc. Ahora el acento cambia y se desplaza hacia el trabajo pacífico, organizativo, “cultural”. **Diría que el acento se desplaza hacia el trabajo educativo**, si no fuera por nuestras relaciones internacionales, si no fuera porque tenemos que luchar em escala mundial por nuestra posición. Pero si dejamos esto a un lado y nos limitamos a las relaciones económicas internas, em realidade **el acento de nuestro trabajo se desplaza hacia la educación**.” (tradução nossa)

310 Recorremos ao texto no espanhol por identificarmos maior precisão linguística, como é o caso de “trabajo educativo”, traduzido em português como “ação cultural” e “[...] el acento de nuestro trabajo se desplaza hacia la educación”, por “[...] o centro de gravidade do trabalho reduz-se agora à ação cultural”, presente na edição da Sundermann.

A organização deste *trabalho educativo* (ou *ação cultural*, segundo tradução usada pela editora Sundermann) colocou os marxistas ante um desafio inédito: a necessidade de avançar na apropriação da educação e da cultura, além da reorganização do aparelho de Estado e da administração pública. Tal desafio estava posto justamente em função de que a disputa política, em seu sentido restrito, ampliava-se com o horizonte aberto com a vitória da revolução socialista:

Colocavam-se a nós duas tarefas principais que constituíam a época. Uma, reorganizar o nosso aparato, que não nos serve em absolutamente nada e que recebemos integralmente da época anterior; em cinco anos de luta, não nos reorganizamos drasticamente e não poderia ser de outro modo. Nossa segunda tarefa é o trabalho educativo entre os camponeses. O objetivo econômico deste trabalho educativo entre os camponeses é organizar estes em cooperativas. Se tivéssemos organizados em cooperativas, afirmaríamos agora que ambos os pés estariam em terreno socialista. Porém, organizar todos em cooperativas pressupõe tal grau de cultura do campesinato (precisamente do campesinato como imensa maioria da população), que sem uma revolução cultural esta organização não pode ser vitoriosa.³¹¹ (LENIN, 1979, p. 502, tradução nossa).

A ideia de uma *revolução cultural*, anunciada por Vladimir Lenin, demandaria ao partido revolucionário um trabalho político de novo tipo, cuja natureza não se limitaria a política em seu sentido restrito, isto é, a disputa do poder. Uma vez que a revolução operária se tornou vitoriosa, um trabalho político de outra natureza se fazia necessário: um *trabalho educativo* ou *militantismo cultural*³¹².

311 “Se nos plantean dos tareas principales, que constituyen la época. Una, reorganizar nuestro aparato, que no sirve en absoluto, y que recibimos íntegramente da la época anterior; en cinco años de lucha no lo reorganizamos drásticamente, y no podía ser de outro modo. Nuestra segunda tarea es el trabajo educativo entre los campesinos. Y el objetivo económico de este trabajo educativo entre los campesinos es organizar a éstos em cooperativas. Si se hubiera organizado a todos em cooperativas ahora nos afirmaríamos com ambos pies em terreno socialista. Pero organizar a todos em cooperativas presupone tal grado de cultura del campesino (precisamente del campesinado como inmensa mayoría de la población), que sin una revolución cultural esa organización no puede lograrse” (tradução nossa).

312 A definição de *militantismo cultural*, usada por Leon Trotsky, em *Questões do modo de vida*, tem sua origem no *trabalho educativo*, proposto por Lenin. Acontece que a tradução portuguesa do texto de Trotsky, por se fundamentar na edição francesa, usou no texto-fonte a expressão *militantisme culturel*. O mesmo termo aparece, na edição espanhola do texto de Lenin, citado por Trotsky em sua obra, como *trabajo educativo*. Na edição da Pathfinder, a expressão foi *education work*, e; no original russo é: *kul'turnichestvo* [культурничество].

Deste modo, em seus textos, Trotsky desenvolve esta orientação, proposta por Lenin, de girar o partido do trabalho político para o *trabalho educativo*, expresso nas traduções portuguesas como *militantismo cultural*. Neste, as tarefas fundamentais do partido *deslocam-se* para as questões culturais e educativas, ou seja, em tarefas particulares, menores ou mais especializadas da atividade humana, tal qual define o autor:

É útil lembrar aqui a definição de “militantismo cultural” que dou nos meus “Pensamentos sobre o partido”: “Ao nível de sua realização política, a revolução parece ter se ‘dispersado’ em tarefas particulares: é preciso reparar as pontes, ensinar a ler e escrever, baixar o preço de custo da fabricação das botas nas fábricas soviéticas, lutar contra a imundície, prender os escroques, levar a eletricidade ao campo, etc. (TROTSKY, 2009, p. 9).

Assim, o militantismo cultural voltar-se-ia às preocupações de, por exemplo, superar os problemas técnicos do jornal e usá-lo como ferramenta para a educação das amplas massas; formar revisores e correspondentes com maior qualidade técnica e política; construir bibliotecas nas fábricas e envolver os operários na confecção de manuais e livros sobre a produção técnica e fabril; usar o cinema como propaganda educativa e meio de disputa do modo de vida dos trabalhadores contra as influências da Igreja; dar atenção aos dramas familiares e elaborar respostas a tais questões, no momento que aparecem na realidade social russa; abordar sobre as desigualdades de gênero, a situação da mulher e o trabalho doméstico; estudar os rituais familiares e identificar manifestações de novos rituais propriamente soviéticos; combater a linguagem grosseira, os vícios (preguiça, alcoolismo, delinquência, violência, servilismo, etc.), a religião, a negligência e desatenção para com os bens públicos e coletivos; dispor de tempo de lazer produtivo com jogos e brincadeiras educativas, etc.

Deste modo, as preocupações de Leon Trotsky em torno do modo de vida do operário russo estão relacionadas a esta nova estratégia política – aqui, em seu sentido amplo, filosófico – de construir uma *revolução cultural*, que perpassa por uma nova forma de conceber o cotidiano, isto é, o modo de vida das massas. Entretanto, como pontua Lenin, ressalta-se que tais tarefas são internas à

organização social doméstica russa, ou seja, excluídas as relações internacionais, cuja existência dos Estados capitalistas continuava a representar uma constante ameaça ao desenvolvimento do socialismo.

“Assim, só o problema de nossa situação internacional nos desvia do militantismo cultural”, afirma Trotsky (2009, p. 9), em concordância com Lenin, todavia, acrescenta: “e isso apenas em parte” (TROTSKY, 2009, p. 9), no que explica:

Ora, nesse campo fundamental as nossas tarefas relacionam-se ainda uma vez mais, em nove décimos, com o militantismo cultural: elevar o nível do exército, levar a bom termo sua alfabetização completa, ensinar-lhe a utilizar os guias, os livros e os mapas, habituá-los ao asseio, à exatidão, à pontualidade, à atenção e à vigilância. (TROTSKY, 2009, p. 9 - 10).

O foco da atividade militante para as questões culturais, educativas e do modo de vida, encontram-se, porém, condicionadas a presença de certos elementos histórico-sociais resultantes de uma revolução proletária vitoriosa. Trotsky (2009) pontua a existência de quatro elementos: a) a ditadura do proletariado; b) o Exército Vermelho; c) a nacionalização dos principais meios de produção; d) o monopólio do comércio exterior. Estes formariam uma “armadura de aço” (TROTSKY, 2009, p. 8), que permitiria o avanço da revolução para o campo educativo e cultural: “graças a essa armadura, cada um dos nossos êxitos no domínio econômico ou cultural – quando êxito real e não imaginário – tornou-se necessariamente um elemento constitutivo da revolução socialista.” (TROTSKY, 2009, p. 8).

A elaboração, assim como a intervenção, dos marxistas para o campo específico da educação, estar-se-ia, portanto, condicionada a existência de uma revolução socialista vitoriosa, cujos desdobramentos no âmbito da formação do novo Estado operário, colocariam novas tarefas para o desenvolvimento e alcance gradual do socialismo:

Em que consiste a nossa tarefa hoje, o que nós devemos aprender em primeiro lugar, para qual sentido devemos tender? Precisamos aprender a trabalhar bem – com precisão, com limpeza, com economia. Precisamos desenvolver a cultura do trabalho, a cultura da vida, a cultura do modo de vida. **Após uma longa preparação e graças à alavanca da insurreição armada**, derrubamos a supremacia dos exploradores. Mas não existe alavanca que possa de um só golpe elevar a cultura. **Um lento processo de auto-educação** da classe operária e, paralelamente, do campesinato, é aqui necessário. (TROTSKY, 2009, p. 8, grifos nossos).

Além de conceber a educação das massas, operárias e camponesas, como uma nova tarefa, posta apenas após a vitória da insurreição e do fortalecimento do Estado advindo dela, Trotsky detém-se em suas reflexões e apontamentos para o avanço do socialismo, publicadas nos textos compilados como *Questões do modo de vida*, num plano de *reconstrução do modo de vida* do povo russo.

Tal preocupação estava inserida num projeto político mais estratégico do partido, de iniciar ou desenvolver uma revolução cultural, que significava não apenas elevar os índices de alfabetização, mas de alterar, paulatinamente, o cotidiano do povo russo, de modo a transformar o comportamento do dia a dia, numa atividade cada vez mais consciente em torno de um projeto coletivo de sociedade. Daí a necessidade do partido girar o centro de suas atividades internas, de estritamente políticas para as atividades educativas e culturais, no que decorre outro tipo de intervenção revolucionária: o militantismo cultural e educativo.

Em *Questões do modo de vida*, o vocábulo *educação* é mencionado 42 vezes no conjunto da obra. Ele perpassa quase todos os capítulos, com exceção de um (*A família e os ritos*). A partir de sua apreensão analítica, foi possível identificar, em seu pesamento, as seguintes relações: a) a educação é pensada como meio para desenvolver a economia (socialista); b) a educação coletiva de crianças e jovens; c) a educação da classe operária por diversos outros meios, como o uso de jornal, de periódico científico e do cinema; d) a educação como alavanca para o desenvolvimento do socialismo.

Assim como indicado por Lenin, Trotsky detém-se nas questões educativas e culturais, após os eventos insurrecionais que levaram a classe operária ao poder e, precisamente, depois de assegurado uma *armadura de aço* da revolução.

5.3 LITERATURA E REVOLUÇÃO

- Morte à utopia! Morte à fé! Morte ao amor! Morte à esperança! - tropeja aos disparos dos fuzis e ao retumbar dos canhões o século vinte.
- Renda-se, patético sonhador! Eis-me, o seu tão esperado século vinte, o seu “futuro”!...
- Não! - responde o otimista insurreto: – você é só o presente! (TROTSKY, 1901).

Construir prospectivas sobre o tempo é um exercício de elaboração possível apenas a uma espécie de seres vivos. Num determinado momento da história, alguns indivíduos singulares desta espécie, maravilhados com os resultados advindos da produção material, cujo desenvolvimento não casual, deu-se com a moderna industrialização, suas máquinas, suas forças produtivas, seu potencial acúmulo de riquezas; conseguiram, como se estivessem a manusear uma luneta, observar, descrever e ilustrar, além da realidade objetiva imediata, o tempo e a sociedade à sua frente.

Utopia, de Thomas More (1478-1535)³¹³ foi um dos pioneiros trabalhos que exercitou a abstração de descrever uma sociedade sem propriedade privada, sem desigualdade social e sem dinheiro³¹⁴. A obra fictícia de More tanto influenciou, como serviu de alcunha, para um conjunto de pensadores que vieram posteriormente: Saint Simon (1760-1825), Robert Owen (1771-1858), Charles Fourier (1772-1837) e Louis Blanc (1811-1882), conhecidos como *socialistas utópicos*, intentaram, alguns deles, experimentar a construção desta sociedade ideal sem conhecer, contudo, os reais determinantes e processos históricos que explicitam o funcionamento da atual,

313 Advogado, diplomata, escritor, filósofo, membro eleito da Câmara dos Comuns e chanceler do rei. Considerado um grande estadista e humanista, chegou a influenciar Shakespeare. Além de *Utopia*, escreveu várias obras de cunho religioso: *Tratado sobre a Paixão de Cristo*, *Agonia de Cristo*, *Réplica a Martinho Lutero* e outras. More se recusou a fazer o juramento de reconhecimento da autoridade do rei Henrique VIII, acima da autoridade papal. A polêmica girava em torno do divórcio não reconhecido pela Igreja, do primeiro casamento do rei. More foi preso e condenado à morte por isso. 400 anos depois, foi canonizado pela Igreja Católica. (MARC'HADOUR, 2020).

314 “Em toda a parte onde a propriedade for um direito individual, onde todas as coisas se medirem pelo dinheiro, não se poderá jamais organizar nem a justiça, nem a prosperidade social” (MORE, 2005, p. 50).

seus fundamentos econômicos, sociais, políticos, suas contradições e os germes de sua destruição. Assim, seus modelos sociais não teriam como vingar. Para tal, ainda lhes faltava o elemento científico.

Marx e Engels, formaram-se na escola filosófica da dialética de Hegel e a superaram; estudaram a economia clássica inglesa e identificaram as questões centrais que ela não respondia e; finalmente, apropriaram-se dos sonhos dos socialistas utópicos e o criticaram a luz da ciência. Sob os ombros de grandes pensadores, cientistas e utopistas, apresentaram ao mundo o *Manifesto do Partido Comunista* e a *Associação Internacional dos Trabalhadores*, organização que se pôs a serviço do proletariado, tal qual uma ferramenta (como uma luneta), para apontar a direção de uma nova sociedade, socialista, porém, não-utópica. A crítica ao modo de produção capitalista e o método de investigação que possibilitou encontrar as suas leis e determinações, permitiram-lhes construir uma nova perspectiva de socialismo – o científico.

Marx e Engels, diferente de todos os utópicos, não realizaram abstrações ou idealizações sobre como deveria ser a futura sociedade comunista e socialista. Com base no materialismo histórico e dialético, apontaram alguns prognósticos sobre o desenvolvimento social e o Estado³¹⁵, mas deixaram às futuras gerações, a tarefa concreta de resolver os problemas futuros, problemas ainda não colocados para o seu tempo histórico.

E por fim o século vinte chegou! Com ele, a batalha pelo futuro da humanidade, que logo se evidenciou em diversos momentos e regiões³¹⁶; batalha que dividiu a sociedade, suas classes e seus intelectuais, entre os *pessimistas do presente* e os *otimistas do amanhã*, tal como se refere a epígrafe supracitada, extraída de um texto que reflete a virada do século vinte, de autoria de Leon Trotsky.

Se nos primeiros anos daquele recém-chegado século, o *Velho Mundo* precipitava-se numa *Grande Guerra* de proporções intercontinentais, que o lançaria ao caos, à destruição e à condenação a morte, milhares de seres humanos por

315 *Crítica ao Programa de Gotha*, de Marx e *Princípios do Comunismo*, de Engels.

316 Revolução Russa de 1917; Revolução Alemã de 1918-1919; O levante dos conselhos de fábrica da Itália entre 1919-1921; a Revolução Húngara de 1919 e; do outro lado do mundo, a Revolução Mexicana de 1910, como exemplos de levantes ocorridos apenas nas duas primeiras décadas do século XX.

conflito bélico, fome, frio e doenças; no Leste Europeu, o elo mais fraco do modo de produção mundial capitalista seria rompido pela ação dos *otimistas insurretos*.

Daquele lado do mundo, os bolcheviques dirigiram os organismos que a classe operária forjara em sua luta contra as velhas instituições seculares e pretensamente eternas; tomaram o poder político e; construíram um outro tipo de Estado, assentado na ditadura de classe do proletariado. Estes *patéticos sonhadores* também compartilharam do desejo em construir um novo mundo, uma nova sociedade, uma nova *Utopia*, não mais fruto do exercício da imaginação humana, mas sim do legado teórico e científico deixado pelos gigantes do passado.

Assim, os *otimistas insurretos* da Rússia depararam-se com problemas e questões antes inexistentes: para além do problema da administração do poder estatal, emergiram as questões do modo de vida, da arte, da literatura, da educação e da cultura em geral. Com o poder operário em mãos, iniciaram um período de transição ao socialismo e, desde essa localização, puderam usar a abstrata luneta do pensamento para construir novos prognósticos e teorias sobre a futura sociedade socialista.

Nesta seção, analisaremos o texto *Literatura e Revolução*, escrito em 1923. Nosso objetivo é analisar a posição de Leon Trotsky sobre a discussão estabelecida no interior do regime soviético no que tange as questões sobre educação e arte, assim como seus prognósticos sobre o desenvolvimento cultural na futura sociedade socialista. Para tanto, dividimos esta seção em dois tópicos: *O contexto das divergências* e *As polêmicas na literatura, na arte e na educação socialista*.

5.3.1 O contexto das divergências

Em paralelo as preocupações para com a reconstrução do modo de vida na sociedade soviética, Leon Trotsky também se deteve sobre outras dimensões da vida cultural: o problema da arte sob o regime da ditadura do proletariado e as perspectivas de desenvolvimento da cultura, da arte e da educação no futuro socialista.

A vitória de Outubro, da guerra civil e os primeiros passos na reorganização econômica do Estado Operário, trouxeram problemas inéditos que o marxismo ainda não tinha enfrentado até aquele momento histórico.

Moniz Bandeira, que escreveu o prefácio da tradução portuguesa de *Literatura e revolução*, expressa as questões colocadas naquele contexto da seguinte maneira: “Que atitude deve adotar a Revolução diante da literatura e da arte? Poderá o proletariado, assumindo a posição de classe dominante na sociedade, criar sua própria cultura, como fez a burguesia?” (BANDEIRA, 1969, p. 22).

Entre os marxistas russos, o problema da arte já fora objeto de reflexões, por exemplo, de Georgi Plekhanov³¹⁷ e de Alexandre Bogdanov (1873-1928)³¹⁸, este último publicou uma literatura de ficção científica, cuja sociedade comunista é curiosamente ilustrada³¹⁹. Mas as questões concretas da arte, da literatura, da cultura e da educação, conforme observamos, somente se tornam preocupações reais e tiveram de ser radicalmente enfrentadas pelos revolucionários, após a tomada do poder.

De acordo com a análise de Leon Trotsky em *Literatura e revolução*, a insurreição operária quebrou não somente as placas tectônicas da estrutura burguesa de dominação; ela também movimentou a psicologia da *intelligentsia* russa, que se fragmentou em diferentes direções. Nesta obra, o autor faz o esforço teórico de identificar essas movimentações e tendências, que podem ser agrupadas em três vertentes:

No primeiro agrupamento, Trotsky critica as tendências mais reacionárias e conservadoras da intelectualidade russa, o que inclui os que silenciaram sobre a

317 Na obra *Arte e literatura: cartas sem endereço*, publicado em 1900.

318 Alexandre Aleksandrovich Bogdanov [Алекса́ндр Алекса́ндрович Богда́нов], filósofo, economista, médico e escritor russo. Foi um dos fundadores e principais líderes do bolchevismo até 1907, quando se afasta dele ao conformar uma nova tendência interna – os *ultimatistas* – que defendia a saída dos deputados bolcheviques da Duma Imperial. Sua base filosófica de cunho *machista* (de Ernst March) foi duramente combatida por Lenin, em *Materialismo e empiriocriticismo*, de 1909. No que pese ter participado da tradução russa de *O Capital*, não participou dos eventos revolucionários russos, como Outubro de 1917 e a guerra civil e; apesar de crítico ao bolchevismo, foi diretor do Instituto de Transfusão de Sangue, de Moscou. Dentre obras publicadas de sua autoria, encontram-se: *Empiromonismo*, de 1906; *Tectologia*, de 1922 e; *Filosofia da experiência viva*, de 1923.

319 Trata-se do livro *Estrela Vermelha*, publicado em 1908.

Revolução de 1917 e demais acontecimentos aos que optaram por se tornar *emigrados internos*³²⁰. A este conjunto de artistas e intelectuais, Trotsky os chama de *Anteriores a Outubro*³²¹.

No segundo grupo, encontram-se os que optaram por se relacionar, de algum modo, com a Revolução e o socialismo. Estes são chamados de *Companheiros de viagem*³²². Trotsky aponta os seus limites, as causas históricas de suas posições e sustenta suas contribuições ao desenvolvimento do socialismo.

No terceiro grupo³²³, Trotsky polemiza os que se organizam em torno do movimento *Proletkult* [Пролеткульт], abreviação da expressão *proletarskaya kultura* [пролетарская культура], cujo significado literal sugere: *cultura proletária*. O núcleo dirigente do *Proletkult* foi conformado por ex-integrantes do *bolchevismo de esquerda*³²⁴, tendência interna ao partido que se originou após a derrota da Revolução de 1905, composta pelo médico e filósofo Alexandre Bogdanov, o educador Anatoly Lunatcharski, além do escritor Máximo Górkí, entre outros. Lenin se contrapôs radicalmente a eles, desenvolvendo uma batalha política e teórica³²⁵ contra suas posições no interior do partido.

Com a eclosão da I Guerra Mundial, Lunatcharski se aproxima dos internacionalistas, particularmente de Leon Trotsky, o que se somou os

320 Denominação cunhada por Trotsky para se referir aos intelectuais que se encontravam no interior da Rússia soviética, mas que se comportavam como se estivessem na emigração, isto é, como reclusos e alheios ao próprio país. (TROTSKY, 1969, p. 35).

321 Entre eles estão: Leonid Andreiev, Aldanov, Boris Záitzev, Dmítri Merejkóvski, Zinaida Hippis, M. Artbatchev e A. Kuprin.

322 Os diferentes grupos e tendências literárias que compõe este agrupamento são analisados dos capítulos segundo ao quinto da obra, dentre os quais, destacam-se: Valeri Briusóv, Alexandre Blok, Sierguêi Iessênin, Máximo Górkí, Vladimir Maiakovski, Serafimovitch e Natan Altman, entre outros, que compunham o futurismo, o imaginismo, o construtivismo, os Irmãos Serapião e os formalistas.

323 Comentados nos capítulos seis a oito: *A cultura e arte proletárias; A política do partido na arte e Arte revolucionária e arte socialista*, respectivamente.

324 Chamados *otsovistas*, termo derivado do verbo *otazvat* [отозвать]: *retirar*, pois exigiam a retirada dos bolcheviques da III Duma e o fim do trabalho legal do partido, e; *ultimatistas*, variante política da primeira, defendiam uma espécie de *ultimatum* aos deputados social-democratas da III Duma para que se submetessem à disciplina partidária. (OTZOVIISMO, s/d).

325 Em *Materialismo e Empiriocriticismo: notas e críticas sobre uma filosofia reacionária*, Lenin desenvolve uma intensa polêmica teórica contra os que se reivindicam marxistas, mas tendem a ao idealismo filosófico, como Bogdanov e Lunatcharski, assim como suas referências teóricas, o físico austríaco Ernest March (1838-1916) e o alemão Richard Avenarius (1843-1896). Em particular, Lenin refuta teoricamente a filosofia de Bogdanov, chamada por ele próprio de *Empiromonismo*, assim como o *Fideísmo* idealista de Lunatcharski. (LENIN, 1982).

enfrentamentos contra o governo provisório transcorridos pós-Fevereiro de 1917. Com as marchas de julho, os bolcheviques foram levados novamente à ilegalidade e perseguidos o que, na ocasião, levou Trotsky à prisão, acompanhado de Lunatcharski (TROTSKY, 2007).

Com o processo revolucionário em curso, Lunatcharski se aproxima dos bolcheviques e retorna às suas fileiras. Em paralelo, participa de organizações de atividades educativas e culturais dos trabalhadores. Nas vésperas de Outubro, organizou uma convocação, pelo soviete de Petrogrado, para uma conferência de organizações educativas e culturais proletárias, ocorrida uma semana antes da tomada do poder. Antes da insurreição de 24 de Outubro de 1917, Lunatcharski era o chefe da comissão cultural-educacional dos bolcheviques; após a vitória da insurreição, assumiu o Comissariado do Povo para a Educação³²⁶ no governo soviético.

Bogdanov, por sua vez, não retornou mais aos bolcheviques e aproveitou o extenso e rico processo de surgimento de novas organizações culturais de trabalhadores, como clubes operários, sociedade de artistas, de poetas e escritores, etc., forças latentes liberadas pela revolução e; constituiu um movimento de confluência de diversos grupos culturais, chamado-o de movimento *Proletkult*, cuja adesão e apoio contou por parte de Lunatcharski, além da simpatia de Bukharin.

Enquanto o *Narkompros* era a instituição oficial da educação do Estado Operário, o *Proletkult* primava por ser independente. Em 1918, o *Proletkult* realizou sua primeira conferência nacional e reuniu mais de 300 delegados e 200 convidados, com representantes de diversas organizações sindicais e associações de toda a Rússia. Em 1920, o *Proletkult* chegou a organizar, em seu auge, cerca de 300 grupos locais e 84 mil membros.

O movimento pregava que a classe operária deveria construir a sua própria cultura, de forma independente da cultura burguesa, em diversos campos da

326 Também traduzido como Comissariado do Povo para a Instrução Pública, no original russo, transl.: *Narodnyy komissariat prosveshcheniya* [Народный комиссариат просвещения]. Foi a estrutura da administração estatal soviética responsável pela instrução pública e o desenvolvimento da arte e da cultura. Seria equivalente a uma espécie de Ministério da Educação. A abreviação da sigla a partir da transliteração do russo, ficou conhecida como *Narkompros*.

atividade humana, como na arte, na ciência e no modo de vida. Não negavam a necessidade de se apropriar da herança cultural da humanidade, mas defendiam que o socialismo deveria criar uma cultura de classe e para tal, dever-se-ia instrumentalizar a classe operária a criar a sua própria arte, poesia, literatura, pintura, etc., concebidas como construções puramente operárias. Este seria o objetivo principal do *Proletkult*.

O movimento obteve ferrenha oposição teórica de Lenin e Trotsky. Em setembro de 1920, no texto de prefácio da segunda edição russa de *Materialismo e Empiriocriticismo*, Lenin escreve que não teve oportunidade de tomar conhecimento das últimas obras de Bogdanov (LENIN, 1982, p. 15), lacuna preenchida pela inserção de um artigo³²⁷, colocado como apêndice ao final da obra, no qual afirma que no estudo em questão, o autor se convenceu de que “sob a aparência de ‘cultura proletária’, A. A. Bógdanov propaga concepções burguesas e reacionárias.” (LENIN, 1982, p. 15).

Lenin, assim como Trotsky, não eram contrários à existência do *Proletkult* e seus experimentos literários e artísticos na classe operária, entretanto, ambos discordavam da tese de que a classe operária poderia construir a sua própria cultura no socialismo, enquanto uma cultura independente elaborada pelo proletariado.

No I Congresso de Toda a Rússia do *Proletkult*, realizado entre 5 e 12 de outubro de 1920, em Moscou, Lenin redigiu uma proposta de resolução para ser aprovada, no qual subordinava o *Proletkult* ao Comissariado do Povo para a Educação. Esta resolução, votada por unanimidade, foi precedida por uma posição polêmica de Lunatcharski, que deturpava as ideias de Lenin, objetando neste, o entendimento de que o partido estaria a limitar os operários em sua liberdade de criação artística e a liquidar o movimento. A questão foi tratada no Comitê Central e esclarecida publicamente no *Pravda*, de dezembro de 1920, que denunciou as falsas declarações dos dirigentes do *Proletkult* (LENIN, 1920).

327 O texto intitula-se *O materialismo dialético e a filosofia da reação morta*, de autoria de Vladimir Nevski, que analisa as teses mais recentes de Bogdanov, expostas em diversas obras, tais como *A ciência universal da organização, ou Tectologia*; *A ciência da consciência social*; *Os problemas do socialismo*; *O socialismo da ciência, problemas científicos do proletariado*; *A filosofia da experiência*; além de artigos e folhetos publicados na *Revista Cultura Proletária*.

A polémica travada por Lenin contra a concepção de cultura do *Proletkult* foi expressa no Congresso mencionado, numa curta resolução de cinco parágrafos, no qual estipulava, como um dos pontos centrais, o seguinte:

O marxismo conquistou a sua significação histórica universal como ideologia do proletariado revolucionário porque não repudiou de modo algum as mais valiosas conquistas da época burguesa, mas, pelo contrário, assimilou e reelaborou tudo o que houve de valioso em mais de dois mil anos de desenvolvimento do pensamento e da cultura humana. Só o trabalho efectuado nessa base e nesta mesma direcção, inspirado pela experiência prática da ditadura do proletariado como sua última luta contra toda a exploração, pode ser considerado como o desenvolvimento duma cultura verdadeiramente proletária. (LENIN, 1920, p. 1).

Deste modo, observa-se que, na concepção de Lenin, o marxismo possui como característica, não a negação da produção intelectual burguesa, mas sim a sua assimilação e reelaboração, incluindo-se aqui a produção cultural e, portanto, a arte e a educação, o que confronta o entendimento das lideranças do *Proletkult*. Neste sentido, segue o ponto subsequente da resolução:

Mantendo-se firmemente neste ponto de vista de princípio, o Congresso de Toda a Rússia do Proletkult repudia do modo mais enérgico, **como incorrectas em teoria e prejudiciais na prática, quaisquer tentativas de inventar uma cultura particular própria**, de se fechar nas suas próprias organizações isoladas, de delimitar os domínios de trabalho do Commissariado do Povo da Instrução e do Proletkult ou de implantar a “autonomia” do Proletkult dentro das instalações do Commissariado do Povo da Instrução, etc. Pelo contrário, o congresso impõe a todas as organizações do Proletkult a obrigação incondicional de se considerarem inteiramente órgãos auxiliares da rede de instituições do Commissariado do Povo da Instrução e de realizarem as suas tarefas como parte das tarefas da ditadura do proletariado, sob a direcção geral do Poder Soviético (especialmente do Commissariado do Povo da Instrução) e do Partido Comunista da Rússia. (LENIN, 1920, p. 1, grifo nosso).

Assim, a resolução altera o carácter do *Proletkult*, inserindo-o como parte do Comissário do Povo para a Educação e considera como “incorrecta” a teoria que imputa à classe operária a formação de uma cultura própria, de classe, independente da cultura humana produzida no tempo da época burguesa.

Como já mencionamos, Leon Trotsky também não se contrapôs a existência do *Proletkult*, enquanto uma organização que surge, em meio a outras, como consequência da revolução socialista. Todavia, como veremos a seguir, refuta a tese da possibilidade de uma cultura proletária. Em sua visão, a ditadura do proletariado é um período de transição em direção a sociedade socialista, por sua vez, o socialismo, como característica inerente que o determina, é uma sociedade transitória no qual a divisão de classes sociais e a própria existência das classes tende ao seu progressivo desaparecimento. Portanto, o socialismo seria, no entendimento de Trotsky, uma sociedade no qual a cultura, a arte e a educação, em vez de servir a uma classe social específica, tornar-se-ia verdadeiramente cultura, arte e educação humanas, ou seja, sem distinções de classe.

Leon Trotsky, portanto, segue o raciocínio de Lenin ao abordar a questão da arte e da cultura, desenvolvendo teoricamente a questão em *Literatura e revolução*. O debate sobre cultura, arte e literatura, cruza com a questão da educação em alguns momentos. A educação adquire uma significativa importância, uma vez que é por meio dela que a cultura pode ser amplamente acessada.

Assim, a principal tarefa da educação na etapa de transição colocada naquele momento, exposta por Trotsky nesta obra (e no texto subsequente³²⁸), é superar a condição de analfabetismo, da ignorância e da incultura que herdaram o proletariado russo do antigo regime; formar operários revolucionários que conheçam as bases da ciência natural, das teorias científicas e filosóficas clássicas e instrumentalizá-las na teoria marxista.

Pensar novos métodos educativos, pedagógicos e de ensino, assim como, almejar a formação de um *novo homem* e de uma *nova mulher* para a futura sociedade socialista é, segundo Trotsky, construir perspectivas ideais e conjecturas abstratas. A educação no período de transição deve centrar-se na educação do revolucionário. Em sua visão, pretender construir uma educação socialista, naquele momento histórico, seria o mesmo que partir de bases idealistas e utópicas, tais quais fizeram Bogdanov, Fourier, Simon, Owen, Blanc e More, em sua rica imaginação sobre as relações sociais e educativas futuras.

328 *Tarefas da educação comunista*.

5.3.2 Literaturas socialistas em análise

Em *Literatura e revolução*, Trotsky aborda o problema da arte e da cultura no regime soviético; analisa e critica as diferentes tendências, grupos e movimentos artísticos, principalmente literários, no limiar dos recentes acontecimentos históricos da Rússia revolucionária. Ao se debruçar teoricamente sobre o problema da arte e da cultura, em perspectiva do horizonte socialista, faz apontamentos sobre a educação na etapa de transição ao socialismo.

No pensamento de Leon Trotsky, as questões culturais e artísticas estão colocadas para os revolucionários numa etapa posterior da luta de classes. Essa hierarquia de prioridades nas tarefas revolucionárias se manifesta desde a primeira página da *Introdução* da obra em questão, quando Trotsky tece considerações iniciais para definir a situação da arte russa naquele momento:

Se o proletariado russo, **após a tomada do poder**, não tivesse criado seu próprio exército, o Estado soviético há muito não existiria. E nós agora não pensaríamos nas questões econômicas, e muito menos nos problemas da cultura. (TROTSKY, 1969, p. 21, grifo nosso).

A existência do poder nas mãos da classe operária é basilar para o pensamento de Leon Trotsky nas questões educativas, culturais e artísticas. Tal como aparece textualmente em *Questões do modo de vida*, a existência do Estado e do exército, *como armadura de aço* da revolução, é o que determina a ordem de preocupação e o giro para os problemas de cultura. Esta tese tem por base uma visão materialista de sociedade, cuja economia é a base material para a existência da cultura. Em suas próprias palavras: *A cultura alimenta-se da seiva da economia* (TROTSKY, 1969, p. 21).

Assim, em seu entendimento, o desenvolvimento de uma cultura elevada no socialismo, expressa em diversas formas de arte, somente seria possível quando as condições materiais e econômicas se encontrassem em tal grau desenvolvidas, ou

seja, é o desenvolvimento material e econômico da sociedade que permite o desenvolvimento e a elevação da cultura.

No entanto, em sua visão, o atendimento aos problemas materiais da população, ou seja, as necessidades humanas básicas, no qual se inclui a necessidade de instrução, isto é, educação, ainda não se constituíram como condição suficiente para alcançar o socialismo. Em sua tese, a criação de uma *nova arte*, ao lado do desenvolvimento da ciência, é a maior expressão da sociedade socialista, assim como o fora nas épocas anteriores:

Mesmo a solução das questões elementares — alimentação, vestuário, habitação **e educação básica** — de forma alguma significaria a vitória total do novo princípio histórico, isto é, do socialismo. Só o progresso do pensamento científico em escala nacional e o desenvolvimento de uma nova arte mostrariam que a semente histórica não só germinou, como também floresceu. Nesse sentido, **o desenvolvimento da arte é a maior prova da vitalidade e da importância de cada época.** (TROTSKY, 1969, p. 21, grifos nossos).

Neste texto, atentamos que a educação básica está inserida na lista de questões elementares, prévias ao alcance do socialismo. Somente com o avanço do conjunto da sociedade, fundada no avanço das forças produtivas e expresso0 por meio da arte e da ciência, usados como parâmetros de uma época histórica, que se poderia atingir este horizonte, na visão do autor.

Se a cultura se alimenta da economia, no sentido que a primeira é determinada pela segunda, seria necessário, portanto, superar os limites do estágio da produção, voltadas inicialmente às necessidades vitais e básicas, para que a cultura se desenvolvesse e aflorasse, não mais impostas pelas determinações de classe social, mas como cultura e arte humanas. Como desenvolvimento deste pensamento, Trotsky sustenta que a formação de uma cultura, uma arte, uma literatura nova, isto é, socialista, não se desenvolve por *métodos de laboratório*, ou seja, que a arte e a cultura socialistas não se fundam sob a base objetiva da fome, da carência e da ignorância, presentes ainda naquele momento histórico. Segundo o autor: “A arte necessita de bem-estar e de abundância. Os fornos devem esquentar

ainda, as rodas devem girar mais rapidamente, as lançadeiras devem correr mais depressa, as escolas devem funcionar melhor.” (TROTSKY, 1969, p. 22).

De acordo com sua avaliação, após a destituição da burguesia russa de seu poder econômico e político, os domínios desta classe sobre a arte e a cultura foram igualmente abalados. O eixo no qual girava a produção artística e literária russa, cujo domínio era da classe burguesa, passou a inexistir. A arte e, particularmente, a literatura, a qual Leon Trotsky se debruça especialmente no texto, encontrou-se sem uma direção, ou melhor, uma orientação de classe. Contudo, em tal período, pós-Outubro de 1917, não foi o proletariado urbano industrial que assumiu a orientação da arte, mas o povo, no que reflete: “Mas o que é o povo? Antes de tudo o campesinato, uma parte da pequena burguesia das cidades e, depois, os operários que não podem separar-se do protoplasma popular do campesinato.” (TROTSKY, 1969, p. 23).

Este *povo*, discorre ele, estaria representado na camada de intelectuais russos que se ligaram à revolução pela força dos acontecimentos: os *Companheiros de viagem*, como Aleksandr Blok, Boris Pilniak, Maikovsky e outros. Trotsky avalia que estes se encontrariam entre o camponês e o operário, inclinando-se mais ao primeiro. Estes grupos literários e suas tendências que Trotsky se dedica em sua crítica na obra em questão, contudo, primeiramente comenta sobre os que permaneceram à margem da revolução, colocando-se contra ela, silenciando-se ou criticando-a: os artistas *pré-Outubro*.

Trotsky analisa que estes intelectuais, escritores, romancistas, etc., divergem entre si a partir de suas diferentes expressões estéticas e artísticas, no que resulta em variadas escolas ou tendências de manifestações artísticas justamente por conceber, de diferentes modos, as contradições sociais existentes, principalmente na contradição entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. A base objetiva destas diferentes tendências estariam, deste modo, na divisão do trabalho social, característica das sociedades de classes.

Pode-se afirmar que os poetas e os escritores desses anos extremamente críticos diferem entre si pela maneira como fogem dessa contradição e pelo modo como preenchem os vazios: um pelo misticismo, outro pelo romantismo, o terceiro, afastando-se prudentemente, e um quarto, com um grito ensurdecedor. A essência da contradição permanece a mesma, independentemente da variedade dos métodos para superá-la. Ela consiste na separação criada pela sociedade burguesa entre o trabalho intelectual, incluindo a arte, e o trabalho físico. A revolução, por seu turno, é a obra de homens que fazem trabalho físico. E um dos seus objetivos últimos é superar, completamente, a separação desses dois tipos de atividade. (TROTSKY, 1969, p. 23-24).

Assim, em tal concepção, a arte não seria indiferente as convulsões sociais de um período histórico; ela expressaria, de uma maneira ou outra, o *espírito do tempo* de uma época. Em sua visão, tal qual os seres humanos agem e recebem os efeitos de sua ação no mundo, modificando-os, do mesmo modo ocorre com essa expressão singular das emoções e sentimentos humanos: “Arte, direta ou indiretamente, reflete a vida dos homens que fazem ou vivem os acontecimentos. Isso é verdadeiro para todas as artes, da mais monumental a mais íntima.” (TROTSKY, 1969, p. 24).

O autor defende que o *espírito* de uma época se reflete em todos, mesmo que de modo diferenciado, o que inclui intelectuais, artistas e escritores: sejam aqueles que lutam contra a sua época; aqueles que se desviam das questões centrais da época ou; aqueles que entendem de imediato esse *espírito*, identificado-se com ele e o encarnando. (TROTSKY, 1969).

Leon Trotsky entende que a arte daquele momento histórico ainda não poderia expressar, verdadeiramente, a chamada *arte socialista*, posto que, segundo ele, naquele momento, de transição ao socialismo “[...] apenas ultrapassamos o estágio da preparação dessa mesma preparação.” (TROTSKY, 1969, p. 24).

Depois de caracterizar as tendências gerais da literatura burguesa em decadência; analisar criticamente os intelectuais e tendências progressistas que se colocam à disposição da construção do socialismo; identifica a existência de uma *arte proletária*, porém, como parte de um “período de aprendizagem” (TROTSKY, 1969, p. 25), no qual “Ela espalha largamente os elementos da cultura artística, ajuda a nova classe a assimilar as obras antigas, ainda que muito superficialmente.

Constitui, assim, uma das concorrentes que conduzem à arte socialista do futuro.” (TROTSKY, 1969, p. 21).

Assim, sem negar a possibilidade de contribuição de operários na formulação de uma corrente artística, com características estéticas próprias, que caminhe em direção ao socialismo, não obstante, em sua visão, a chamada *arte proletária* não poderia expressar o *espírito* da época socialista, uma vez que a época no qual ela surge, configura-se como uma época transicional, ou seja, a época da ditadura do proletariado que objetiva, sobretudo, a eliminação das classes sociais, o que inclui o desaparecimento gradual da própria classe operária:

É fundamentalmente falso opor a cultura e a arte burguesas à cultura e à arte proletárias. Estas últimas, de fato, não existirão jamais, porque o regime proletário é temporário e transitório. A significação histórica e a grandeza moral da revolução proletária residem no fato de que ela planta os alicerces de uma cultura que não será de classe, mas pela primeira vez verdadeiramente humana. (TROTSKY, 1969, p. 25).

A leitura daquele momento histórico como um período transicional, no qual a classe operária detém o poder e as armas do Estado, mas que caminha em direção à sua própria dissolução, é fundamental para o seu entendimento sobre as perspectivas do desenvolvimento da arte e da cultura, assim como da educação, como veremos em sua polêmica com os teóricos do *Proletkult*.

Sobre a política do Estado Operário em relação à arte, esclarece Trotsky, que ela deve se apoiar em diferentes grupos e escolas artísticas que nasceram com a Revolução e se colocam ao lado dela, sem, contudo, interferir ou preferir por uma escola artística determinada. O papel dos revolucionários deveria ser o de ajudar os artistas “[...] a compreender corretamente o sentido histórico da época e conceder-lhes completa liberdade de autodeterminação no domínio da arte.” (TROTSKY, 1969, p. 26).

Esta *liberdade de autodeterminação*, constitui-se como um dos pontos polêmicos não só contra os marxistas do *Proletkult*, mas também com toda a política de direcionamento da arte imposto, posteriormente, sob o regime stalinista, o que ficou conhecido como *realismo socialista*.

Na avaliação de Leon Trotsky, o desenvolvimento e construção de uma arte socialista perpassaria não somente por aquela geração, mas, fundamentalmente, pelas próximas, pois no processo de construção de uma nova consciência artística seria necessário que as condições materiais de existência estivessem resolvidas. Esta *nova consciência*, significaria, em primeiro lugar, uma ruptura com o *misticismo*, o *romantismo*, o *pessimismo* e o *ceticismo* artístico, ainda presente na cabeça dos intelectuais do período de transição. Para ele, a arte socialista precisaria ser “[...] realista, ativa, vitalmente coletivista e cheia de ilimitada confiança no futuro.” (TROTSKY, 1969, p. 26).

Assim, identificamos três grupos distintos que Leon Trotsky analisa criticamente em *Literatura e revolução*, os quais conformam as categorias analíticas de nossa investigação sobre o pensamento educacional do revolucionário russo: a) a *intelligentsia* russa reacionária; b) a *intelligentsia* russa progressiva: os *Companheiros de viagem* e; c) os teóricos do *Proletkult*.

a) A *intelligentsia* russa reacionária

No primeiro capítulo, *Arte anterior à Revolução*, Trotsky discorre sobre os representantes das principais escolas literárias russas, categorizada por ele como *Anteriores a Outubro*³²⁹. Ele caracteriza esta escola com base, fundamentalmente, no posicionamento e relação dela para com a revolução bolchevique.

Em sua análise crítica, a base filosófica e artística desta escola estaria assentada no idealismo, expresso na concepção de que o pensamento (e a arte) movem o mundo, como defendiam os antigos hegelianos de esquerda, duramente criticados por Marx e Engels³³⁰.

Leon Trotsky, por sua vez, entende que determinados intelectuais, que aparentam estar à frente do seu tempo, na verdade, são os que melhor conseguiram ler o seu tempo e entender as tendências sociais do movimento histórico, o que não foi o caso deste agrupamento da *intelligentsia* russa:

329 Trotsky emprega esta expressão a partir da ideia de que o período da humanidade existente antes da Revolução Russa de 1917 receberia esta designação dos estudiosos do futuro. (TROTSKY, 1969, p. 35).

330 Presente em *A Sagrada Família ou A crítica da Crítica contra Bruno Bauer e consortes*.

Os idealistas, incluindo-se aqui seus seguidores surdos e um tanto cegos — os subjetivistas russos —, julgavam que o pensamento crítico movia o mundo, em outras palavras, que a *intelligentsia* dirigia o progresso. Realmente, ao longo da história, o pensamento não fez mais que claudicar atrás dos fatos. É inútil demonstrar, após a experiência da Revolução Russa, a estupidez reacionária da *intelligentsia* profissional. Pode-se também ver claramente os efeitos dessa lei no domínio da arte. A identificação tradicional do poeta com o profeta só é aceitável no sentido de que o poeta é quase tão lento quanto o profeta no refletir a sua época. Se existiram profetas e poetas à *frente de seu tempo*, isso somente significa que eles souberam exprimir certas exigências da evolução social com um pouco menos de atraso que o resto dos seus colegas. (TROTSKY, 1969, p. 27-28).

Trotsky explica como determinados acontecimentos históricos, referindo-se particularmente à Revolução de 1905, a guerra russo-japonesa, a Primeira Guerra Mundial e a Revolução de Fevereiro de 1917, condicionaram historicamente o posicionamento ideológico deste agrupamento da *intelligentsia* russa, assim como suas relações para com a monarquia, a nobreza, a burguesia e o povo russo.

Em sua explanação, afirma que a revolução bolchevique golpeou-a fortemente, no que pese a esperança em “restabelecer a sua hegemonia política e espiritual sobre as massas.” (TROTSKY, 1969, p. 29).

Denuncia que uma parte desta *intelligentsia* – os simbolistas – que se diziam neutros na luta de classes, tomaram partido na guerra civil russa e se somaram aos Exércitos Brancos; enquanto outra parcela, de caráter mais *sensível*, simplesmente silenciou diante do conflito interno. Assim, Leon Trotsky avalia que a efervescência revolucionária de Outubro de 1917 não provocou, diretamente, algum impacto no terreno da poesia e da literatura dos intelectuais³³¹, o que levou a afirmar que: “A arte revelou-se impotente, como sempre, no início de uma grande época.” (TROTSKY, 1969, p. 30).

Em síntese, os intelectuais e escritores que desprezaram os acontecimentos de Outubro de 1917, desapareceram, isto é, *bateram em retirada*:

331 O autor ressalta, como exceção, *Os Doze*, de Blok e a poesia de Maiakovski.

Por que os emigrados não podem mostrar um nome ou um livro de algum valor? Porque não se pode trapacear a história ou a verdadeira cultura (que não é aquela do canto de salmos). Outubro entrou nos destinos do povo russo como acontecimento decisivo, dando a tudo uma significação e um valor próprios. O passado logo recuou, murcho e enfraquecido, e a arte só pode reviver do ponto de vista de Outubro. Quem se conserva fora da perspectiva de Outubro está, completa e desesperadamente reduzido a nada. Por essa razão, os pedantes e os poetas, que não estão “de acordo com isso” ou que dizem “isso não me interessa” não passam de zeros. Eles simplesmente nada têm a dizer. Também por essa razão, não por outra, a literatura dos emigrantes não existe. E o que não existe não se pode julgar. (TROTSKY, 1969, p. 32, grifos no original).

No texto, Trotsky desenvolve críticas aos chamados *emigrados internos*, como Zinaida Hippus; Irene Odoevtzeva; Evgeni Zamiatin; Anna Akhamatova, do Teatro de Arte de Moscou; George Adamovitch, George Ivanov e Otsup, da Guilda dos Poetas; Vasily Rozanov e reformadores da Igreja, em geral. Não nos adentraremos nas particularidades destas por não se tratar de nosso objeto, entretanto, destacamos que a compreensível ojeriza de Trotsky para com este setor, levou-lhe a uma completa negação desta contribuição artística e cultural.

Trotsky considera que a arte russa pré-Outubro, ainda que se autoproclame arte *livre, independente e individual*, possui uma posição de classe. A suposta liberdade do artista, assim como a liberdade e a democracia em geral, foram derrubadas pela Revolução, que forçou estes intelectuais a tomarem partido, se não pelos exércitos comandados por Yudenitch, então pelo criminoso silêncio:

O poeta considerava-se até então independente do burguês e até discutira com ele. Mas quando o problema se pôs com a seriedade da Revolução, o poeta logo se revelou um parasita até a medula dos ossos.

Essa lição histórica sobre a arte “livre” se desenvolveu em paralelo à lição sobre as outras “liberdades” da democracia, essa democracia que se dissipou, afundou e desvaneceu atrás de Yudenitch. Nos tempos modernos, a arte, ao mesmo tempo individual e profissional, à diferença da velha arte popular coletiva, cresce na abundância e no ócio das classes dominantes, nas quais continua a sustentar-se. O elemento de prostituição, quase invisível quando as relações sociais não eram perturbadas, apareceu nu, em toda a sua crueldade, quando o machado da Revolução abateu as velhas pilastras. (TROTSKY, 1969, p. 52-53).

b) A *intelligentsia* russa progressiva: os *Companheiros de viagem*.

No capítulo 2, *Os “Companheiros de Viagem” literários da revolução*; capítulo 3, *Alexandre Blok*; capítulo 4, *O futurismo* e; capítulo 5, *A escola de poesia formalista e o marxismo*; Leon Trotsky analisa as contribuições deste setor da *intelligentsia russa* na construção do socialismo que, segundo sua avaliação, possui um sentido geral progressivo; o autor ainda aponta os limites destes grupos e; reflete sobre o comportamento político do partido bolchevique para com eles. Ao discorrer sua crítica sobre eles, realiza alguns apontamentos no campo da educação.

No segundo capítulo, *Os “Companheiros de Viagem” literários da revolução*, Trotsky discorre que determinados artistas, cujos posicionamentos se colocaram à margem de Outubro de 1917, não somente expressaram um profundo processo de alienação do processo revolucionário e da guerra civil russa, como também, constituíram uma consciente política de sabotagem ao recém-formado Estado Operário. Segundo ele, estas são as “[...] mesmas razões que os professores se recusavam a ensinar às crianças da Rússia soviética. (TROTSKY, 1969, p. 56).

Este relato sobre o papel dos professores na revolução e no regime soviético não é aprofundado, entretanto, destacamos a importância deste breve registro – a atitude de recusa e, portanto, de desprezo de professores para com a revolução e o Estado Operário – e a posição de Trotsky de incluir o professorado, de forma geral, como parte da intelectualidade contrarrevolucionária. A posição de Trotsky é coerente com sua tese, discorrida em *Terrorismo e comunismo*, no qual um dos preceitos fundamentais arrazoava sobre o papel reacionário de técnicos e instrutores educacionais no processo de reprodução do modelo social capitalista³³².

Leon Trotsky situa que no contexto de tal período – transitório, em sua avaliação – surgiu uma produção que superou a arte dos intelectuais burgueses russos, mas que ainda não se poderia caracterizar como uma *nova arte* socialista. A este fenômeno, ele denominou *arte de transição*. Em suas palavras: “Entre a arte burguesa, que agoniza em repetições ou em silêncios, e a nova arte, que ainda não nasceu, criou-se **uma arte de transição**, que mais ou menos organicamente se liga

³³² Nossa análise desta questão se encontra na subseção 4.2 *Terrorismo e comunismo: o anti-Kautsky*, na página 162 desta tese.

à revolução, embora não representa a arte da revolução.” (TROTSKY, 1969, p. 56, grifo nosso).

Entre os nomes que se enquadram nesta *arte de transição*, o autor incluiu Boris Pilniak, Nicolai Kliuev, Sergey Essenin, Marieta Chaguinian, os integrantes do *Imaginismo*³³³, os *Irmãos Serapião*³³⁴, o grupo *Mudança de Direção*³³⁵ e os *neoclassicistas russos*³³⁶.

Trotsky os caracteriza como jovens escritores que não possuem uma trajetória revolucionária em seu passado; forjados somente na escola revolucionária dos eventos de Outubro de 1917, que determinou suas formas literárias e artísticas, segundo suas próprias individualidades; mais próximos do campesinato que do proletariado, o ideal comunista ainda lhes seria estranho. Em sua avaliação: “Não são os artistas da Revolução proletária, mas os seus **companheiros de viagem** na arte, no sentido em que a velha social-democracia emprestava ao termo.” (TROTSKY, 1969, p. 57, grifo nosso).

333 Movimento literário russo surgido com a Revolução Russa de 1917, no qual o uso da imagem fora adotado como marca distintiva do grupo. Seus integrantes foram: Vadim Shershenevich, Ryurik Ivnev, Sergey Yesenin e Anatoly Mariengof. No seu auge, entre 1919 e 1922, chegaram a publicar cerca de 60 obras de poesia e teoria literária, além de organizarem uma editora e uma revista própria. (IMAGINISM, 2007).

334 Grupo literário de jovens escritores russos que se juntaram no final da guerra civil, unidos na ideia de que uma produção artística se sustenta por seus méritos intrínsecos. Sem um manifesto ou plataforma clara, consideravam que todos os aspectos da vida ou da fantasia poderiam ser adequados como valor artístico. O nome é devido à admiração pelo romancista alemão Ernst Theodor Hoffmann (1776-1822), escritor de contos exóticos nos quais personagens sobrenaturais entram na vida dos homens, revelando o lado grotesco da natureza humana contos supostamente elaborados num grupo reunido em torno de um eremita chamado Serapião. Dentre os seus integrantes estavam Eugeny Zamyatin, Vsevolod Ivanov, Nicolay Nikitin, Nicolay Tikhonov, Mikhail Zoshchenko e outros (SERAPION..., 2017).

335 Possivelmente se refere a *Smenovekhovtsy* [Сменовеховцы], grupo criado em 1921, após a publicação do periódico semanal *Smena Vekh* (*Change of Landmarks*), formado por emigrados russos, em grande parte ex-apoiadores do Exército Branco, mas com a vitória dos bolcheviques e a implementação da NEP, mudaram de posição para o apoio ao Estado Operário, com a perspectiva deste voltar a ser um Estado burguês. Um dos seus principais líderes foi Nicolay Ustryalov (1890-1937), professor universitário de Moscou, ex-integrante dos cadetes e do exército branco de Kolchak, além dele, integravam o movimento *Smena Vekh*: Y. V. Klyuchnikov, S. S. Lukyanov, A.V. Bobrishchev Pushkin, S. S. Chakhotin, Y. N. Potekhin e outros. (LENIN, 1971).

336 Neoclassicismo ou arte neoclássica foi um movimento inspirado na retomada de preceitos da arte greco-romana da antiguidade clássica, surgido na Europa dos séculos XVIII e tornando-se a estética dominante no século XIX, difundindo-se da pintura as artes plásticas e arquitetura. (IRWIN, s/d). No texto em questão, o autor se refere a Anna Akhmatova (Anna Gorenko), Leonid Grossman, Verkhovsky e Efros que resgatam o classicismo como “essência” e “filha” da Revolução de 1917. (TROTSKY, 1969).

Do mesmo modo que os artistas *Anteriores a Outubro*, Trotsky discorre sua análise crítica sobre a produção destes diferentes grupos literários e tendências artísticas, o que se encontra além dos objetivos desta pesquisa. Assim, detivemo-nos apenas nas considerações que possam evidenciar o seu pensamento sobre a produção da arte e da cultura e sua relação com o processo educacional.

Neste sentido, ao polemizar com o poeta russo Nicolai Kliuev (1884 - 1937) sobre crítica literária, Trotsky manifesta uma concepção ontológica de arte, cuja origem não estaria somente na manifestação da individualidade do artista, mas também no conjunto das relações sociais mais gerais, os quais se inclui a classe social no qual o artista está inserido:

Dizem que o escritor começa onde começa sua individualidade e que, em consequência, a fonte de sua criação é unicamente sua alma e não sua classe. É verdade que, sem a individualidade, não pode haver escritor. Mas se a individualidade do poeta — e somente essa individualidade — se revela na sua obra — que objetivo teria então a interpretação da arte?

De que se ocupa a crítica literária? Seguramente o artista, se ele é um verdadeiro artista, falará de sua individualidade singular melhor do que qualquer crítico tagarela. A verdade, porém, é que, mesmo que a individualidade seja única, isso não significa que não se possa analisá-la. A individualidade é uma fusão íntima de elementos tribais, nacionais e de classe, temporários ou institucionalizados, e, de fato, é no caráter único dessa fusão, nas proporções dessa composição psicoquímica que se exprime a individualidade. Uma das mais importantes tarefas da crítica visa analisar a individualidade do artista (isto é, sua arte), dentro dos elementos que contém, e a mostrar a sua correlação. Desse modo, a crítica aproxima o artista do leitor, que também possui, mais ou menos, uma alma particular, não expressa *artisticamente, indefinida*, mas que não representa menos a união daqueles mesmos elementos da alma do poeta. Assim, o que serve de ponte entre uma alma e outra não é o particular, mas o *comum*. É só por intermédio do comum que o particular é conhecido. As condições mais profundas e mais duráveis, que modelam a *alma* do homem, as condições sociais de educação, de existência, de trabalho e de associação, determinam o que há de comum entre o poeta e o leitor. As condições sociais, na história da sociedade humana, são, antes de tudo, as condições de dependência de classe. Daí porque um critério de classe se mostra tão fecundo em todos os domínios da ideologia, inclusive e particularmente o da arte: esta exprime com frequência as aspirações sociais mais profundas e mais escondidas. (TROTSKY, 1969, p. 59).

Neste sentido, na concepção de Leon Trotsky no tocante a crítica literária, o marxismo não negaria a existência da individualidade, ou seja, a psique ou subjetividade individual não estaria em contradição com as determinações materiais e de classe social, cujo indivíduo singular determina; ao contrário, elas (as determinações de classe) estão inseridas num conjunto complexo de determinações, nos quais se encontram as condições de existência e “[...] as condições sociais de educação” (TROTSKY, 1969, p. 59).

A educação, isto é, as condições de acesso à educação social daquele indivíduo, portanto, são parte das determinações sociais que moldam, de maneira singular, a individualidade do sujeito, artista ou não. O lugar do indivíduo na produção social da existência e as condições de acesso a educação e cultura, combinar-se-iam de forma única, numa individualidade singular, que pode ser expressa artisticamente. Em outras palavras, para Trotsky, uma obra de arte é a expressão de um indivíduo, resultado de múltiplas determinações sociais, materiais, psíquicas, culturais e educacionais.

A arte seria, deste modo, a manifestação de múltiplas determinações que adquirem, na expressão do indivíduo, uma complexa interação em seu interior. De acordo com Trotsky (1969), a base social da arte não é transparente: a maioria dos artistas, escritores e poetas estariam vinculados às classes exploradoras e, por esta relação, “não dizem de si mesmas o que pensam, nem pensam de si mesmas o que são” (TROTSKY, 1969, p. 60). Contudo, seria possível encontrar a natureza social do artista em sua obra, mesmo que nesta última sua *essência* de classe esteja diluída ou escondida em seu meio.

Ainda segundo o autor, as convulsões sociais revelariam o caráter de classe da obra artística, da mesma forma que os tremores geológicos podem revelar as camadas mais profundas da terra. Entretanto, analisar o caráter de classe de uma produção artística não significa negá-la em sua contribuição, pois haveria os que possuem a pretensão de servir a arte em si, e não necessariamente a classe a qual pertençam ou se vinculam de algum modo. (TROTSKY, 1969, p. 60).

Trotsky também tece considerações acerca do caráter teleológico da arte: ao criticar o ponto de vista de um escritor russo sobre a revolução e a tentativa deste em se afastar de toda e qualquer ideologia na construção da arte, discorre que

O trabalho humano, essa atividade que distingue o homem do animal, é completamente teleológico; fora do desprendimento de energia racionalmente dirigido, não existe trabalho. O trabalho ocupa um lugar na vida humana. A arte, mesmo a mais *pura*, é totalmente teleológica: se rompe com os grandes fins, quer o artista tome consciência disso ou não, degenera numa simples confusão. A teleologia encarna-se na política. E a Revolução é a política condensada, que lança na ação massas de vários milhões de homens. Como é possível, então, revolução sem teleologia? (TROTSKY, 1969, p. 97).

Outro aspecto relevante discutido por Trotsky que aparece em sua crítica aos *Companheiros de viagem*, trata-se da questão nacional. Ao contrário dos que exaltam o caráter nacional como um retorno ao passado e ao seu modo de vida, anterior a Pedro e a fundação de Moscou, Trotsky explica o significado do caráter nacional da revolução bolchevique:

Pensamos exatamente o contrário. O bárbaro Pedro, o Grande, foi mais nacional do que todo o passado barbudo e decorado que se lhe opôs. Os dezembristas foram mais nacionais que todos os funcionários de Nicolau I, com os seus servos, seus ícones burocráticos e suas baratas nacionais. O bolchevismo é mais nacional que os emigrantes monarquistas ou quaisquer outros, e Budenny é mais nacional que Wrangel, independentemente do que possam dizer os ideólogos, os místicos e os poetas dos excrementos nacionais. A vida e o movimento de uma nação processam-se através de contradições que se corporificam nas classes, nos partidos e nos grupos. Os elementos nacionais e os de classe coincidem no seu dinamismo. Em todos os períodos críticos de seu desenvolvimento, isto é, em todas as etapas de maior responsabilidade, a nação cinde-se em duas metades: e nacional é aquela que eleva o povo a um plano econômico e cultural mais alto.

A Revolução saiu do *elemento nacional*, mas isso não quer dizer que só o elementar na Revolução seja vital e nacional, como parecem pensar esses poetas que diante dela se curvaram. (TROTSKY, 1969, p. 84, grifo do autor).

A Revolução de Outubro de 1917 nasceu como demanda interna russa, mas não se limita a suas fronteiras. A Revolução, por mais que tenha sido resultado de

questões nacionais, foi também a expressão internacional de um elo frágil do capitalismo. A Revolução bolchevique precisava alterar o modo de produção capitalista, que se tornara internacional, mas não para voltar as tradicionais relações do campo e retornar a ideia de Nação, que ficou no passado e sim, para “eivar o povo a um plano econômico e cultural mais alto” (TROTSKY, 1969, p. 84).

Assim, o elemento nacional da revolução não se contradiz com as questões internacionais, mas se combina com estas, de modo a tornar a primeira, uma parte necessária e fundamental da segunda. Esta ideia, base para a *revolução permanente*, está presente não só na crítica aos intelectuais que defendem um retorno ao passado no campo do modo de vida, mas também na perspectiva de educação no socialismo, sociedade superior ao capitalismo, na visão de Leon Trotsky.

Um capítulo específico é dedicado a contribuição de Aleksandr Blok³³⁷, em especial o poema intitulado *Os Doze*³³⁸. Blok, originário da literatura e poesia *Anteriores a Outubro*, entrou no clima da atmosfera revolucionária com este poema, “[...] obra mais importante de Blok, a única que viverá através dos séculos,” (TROTSKY, 1969, p. 105), segundo sua avaliação.

O reconhecimento de Trotsky para com o poeta, que “[...] não é um dos nossos. Mas veio até nós” (TROTSKY, 1969p. 110), cuja ruptura com o seu passado infringiu a sua própria alma³³⁹, ainda que interessante, foge também ao nosso objeto de estudo. Contudo, destacamos que Trotsky, mesmo reconhecendo neste poema, uma expressão significativa do caráter revolucionário da época, identifica limites que se encontram justamente na fronteira de classe de seu autor, assim como a escola futurista russa.

337 Aleksandr Aleksandrovich Blok [Алекса́ндр Алекса́ндрович Блок] (1880-1921) foi um poeta e dramaturgo, principal representante do simbolismo russo. De família da grande aristocracia russa, teve a infância cercada por estímulos intelectuais e artísticos, o que levou a escrever de forma bastante prematura para a época. (ALEKSANDR, 2022).

338 O poema pode ser acessado na íntegra, traduzido em língua portuguesa, neste site: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/aleksandr-blok-os-doze/>.

339 Aleksandr Blok se suicidou alguns anos após publicar *Os Doze*.

O *futurismo*³⁴⁰, diz Trotsky no quarto capítulo, “nasceu dos meandros da arte burguesa” (TROTSKY, 1969, p. 112) e, mesmo que tenha colidido com esta tradição e se aproximado da revolução proletária, carrega consigo muito de sua “boêmia burguesa” (TROTSKY, 1969, p.114). Na crítica a esta escola, o autor melhor desenvolve sua posição sobre a arte e suas relações com a educação da classe operária. Em sua avaliação, o futurismo russo

[...] expressou, inicialmente, a revolta dos boêmios, isto é, da ala esquerda semipauperizada da *intelligentsia* contra o caráter de casta e fechado da estética burguesa. Através das roupagens dessa revolta poética, sentia-se a pressão de forças sociais profundas que o próprio futurismo não percebia. A luta contra o velho vocabulário e a antiga sintaxe da poesia, independentemente de todas as suas extravagâncias boêmias, canalizava uma revolta contra um vocabulário rígido e escolhido, artificialmente, com o objetivo de que nada estranho o perturbasse. Constituía, também, uma revolta contra o impressionismo, que aspirava à vida através de uma palha, uma revolta contra o simbolismo, tornado falso na sua vida celeste, contra Zinaida Hippus e sua espécie, contra todos os outros limões espremidos e ossos de frango roídos do pequeno mundo da *intelligentsia* liberal-mística. (TROTSKY, 1969, p. 123).

Segundo Trotsky, quando os futuristas russos rompem com o passado burguês e sua estética tradicional, realizam um movimento progressivo, uma vez que se dirige contra a camada da *intelligentsia* russa. Entretanto, em sua avaliação, este chamado a ruptura com o passado, isto é, a estética literária tradicional, não pode ser válido para o proletariado, que necessita conhecer este passado, estudá-la, dominá-la e, por suas próprias mãos, superá-la:

340 Em anexo ao capítulo quarto de *Literatura e revolução*, encontra-se o texto *Uma carta do camarada Gramsci sobre o futurismo italiano*, no qual o comunista italiano responde as perguntas de Trotsky sobre o movimento futurista na Itália. As questões elaboradas por Trotsky não são mencionadas, mas no seu texto, subentende-se que pergunta sobre quem são as maiores expressões do futurismo italiano, quais suas posições políticas e que tendências ocorre neste movimento. Gramsci responde que o movimento futurista italiano é composto por diversas correntes e grupos políticos, de comunistas a fascistas; informa que depois da guerra, o movimento entrou em decadência e se dispersou. A maioria de seus integrantes compuseram politicamente o movimento fascista, particularmente Marinetti, um dos maiores representantes do futurismo italiano, que chegou a glorificar a Primeira Guerra como a maior expressão do poema futurista, entrou para as fileiras do fascismo e entendeu o movimento fascista como uma extensão das ideias futuristas. A carta é datada de 8 de setembro de 1922.

Esse apelo, entretanto, torna-se um disparate evidente tão logo o dirigem ao proletariado. A classe operária não rompe e não pode romper com a tradição literária, porque não se encontra presa, de modo algum, a essa tradição. A classe operária não conhece a velha literatura. Deve ainda familiarizar-se com ela, dominar Pushkin, absorvê-lo e, assim, superá-lo. A ruptura dos futuristas com o passado representa, sobretudo, uma tempestade no mundo fechado da *intelligentsia*, que se ergueu sobre Puchkin, Fet, Tiutschev, Briusov, Balmont e Blok,² que são passivos, não porque uma veneração supersticiosa pelas formas do passado a infectasse, mas porque ela não tem nada em si que exija novas formas. Simplesmente nada tem a dizer. Repete sentimentos antigos com palavras novas. Os futuristas agiram bem quando com ela romperam. Mas não é preciso transformar essa ruptura numa lei de desenvolvimento universal. (TROTSKY, 1969, p. 114 -115).

Deste modo, Trotsky não estabelece o movimento da consciência de uma classe, por mais progressiva que seja, como válida para toda as classes sociais. No caso particular, o acesso e o domínio que um setor da intelectualidade russa já possui em termos culturais e artísticos, permite-lhe alcançar e propor uma ruptura com esta tradição, mas o caminho da classe operária, alheia à produção cultural e artística de tradição burguesa, difere substancialmente. A classe operária necessitaria, na visão de Leon Trotsky, primeiramente acessar o conhecimento clássico e tradicional construído pela burguesa, apropriar-se deste conhecimento, artístico, científico ou cultural, tornando-o universalmente conhecido, para num segundo momento, com base na universalização da cultura, da arte e da ciência, superá-lo, porém, não mais sob a ótica de uma classe social, mas de uma sociedade socialista.

Sobre a proposta dos futuristas russos de ruptura com os elementos do passado, Trotsky ainda sustenta que os revolucionários possuem uma tradição: antes dos bolcheviques, Marx e Engels construiu uma escola de pensamento; antes de Outubro de 1917, ocorreu um Fevereiro de 1917, possível pelos acertos e erros da Revolução de 1905; mas antes mesmo do movimento operário russo levantar-se contra o regime dos czares, o movimento operário internacional aprendeu com o massacre da Comuna de Paris de 1871, que foi precedido pelas jornadas da Primavera dos Povos de 1848 e, um pouco atrás, pela Revolução Francesa de 1789.

Essa tradição revolucionária, desconhecida dos futuristas russos, é uma das determinações que os diferenciam dos revolucionários:

A Revolução de Outubro parecia à *intelligentsia*, inclusive à sua esquerda literária, como a destruição total do mundo conhecido, esse mesmo mundo com o qual ela de vez em quando rompia, buscando criar novas escolas, e ao qual, invariavelmente, retornava. Para nós, ao contrário, a Revolução encarnava uma tradição familiar, assimilada. Abandonando um mundo que, teoricamente, rejeitávamos e, na prática, minamos, penetraríamos em outro, com o qual nos familiarizamos, pela tradição e pela imaginação. O tipo psicológico do comunista, homem político revolucionário, opõe-se nisso, ao do futurista, revolucionário inovador da forma. Eis a fonte dos mal-entendidos que nos separam. O mal não reside na *negação*, pelo futurismo, das santas tradições da *intelligentsia*. Reside, ao contrário, no fato de que o futurismo não se sente integrado na tradição revolucionária. O futurismo caiu logo que entramos na Revolução. (TROTSKY, 1969, p. 115-116, grifos do autor).

Dentre os vários elementos que compõe o futurismo russo, Leon Trotsky destaca as posições de um grupo que se organizou na revista chamada *Frente de Esquerda das Artes*, mais conhecida pela sigla ocidentalizada do russo: *Levy Front Iskusstv* (LEF)³⁴¹, publicada em Pretrogrado, em 1923, do qual faziam parte Maiakovski³⁴² e Pasternak³⁴³.

De acordo com Trotsky, ainda que as questões colocadas pelos intelectuais da LEF sejam interessantes para o desenvolvimento da arte socialista, seus limites

341 ЛЕФ, do original russo [Левый фронт искусств].

342 Vladimir Vladimirovich Maiakovsk [Владимир Владимирович Маяковский] (1893-1930), foi um poeta russo e uma das principais expressões artísticas e literárias do futurismo e da Revolução Russa de 1917, no início do período soviético. Antes da revolução, era membro do POSDR e foi numa das inúmeras prisões por suas atividades subversivas, que iniciou sua escrita poética. Com Outubro de 1917, escreveu *Ode à Revolução* e *Marcha de esquerda*, o que o tornou um poeta popular. Durante o período da guerra civil, trabalhou na Agência Telegráfica Russa com a elaboração de cartazes e *slogans* de propaganda. Também chegou a escrever livros didáticos para crianças. Depois de uma extensa viagem que passou pelo Velho e o Novo Mundo, incluindo a ilha de Cuba, escreveu *Minha descoberta da América*, em 1926. Posteriormente, chegou a escrever roteiros de filmes e a atuar neles. Em seus últimos escritos foram recheadas de críticas à burocracia soviética stalinista. As contradições sociais russas, dentre outros elementos, o levaram ao suicídio em 1930; (VLADIMIR..., 2022).

343 Boris Leonidovich Pasternak [Борис Леонидович Пастернак] (1890-1960), foi um poeta e romancista russo. Com o seu romance, traduzido por *Doutor Jivago*, foi aclamado internacionalmente e ganhou o prêmio Nobel de Literatura, em 1958, ainda que a obra tenha sido bastante controversa no interior da União Soviética, sendo publicada apenas em 1987. (FREIDIN, 2022).

estariam na sua antecipação frente as questões materiais e históricas existentes, o que os tornariam sectários frente as necessidades da produção artística para o período:

Os problemas levantados pelos teóricos do grupo Lef³ a respeito da arte e da indústria das máquinas, da arte que não embeleza a vida, mas a modela, da influência sobre o desenvolvimento da linguagem e a formação sistemática de palavras da biomecânica como educação das atividades do homem no sentido de maior racionalidade — e, por conseguinte de maior beleza — são todos problemas importantes e interessantes na perspectiva da edificação de uma cultura socialista.

O Lef infelizmente colore a discussão desses problemas com um sectarismo utópico. Mesmo quando definem com correção a tendência geral do desenvolvimento no domínio da arte ou da vida, os teóricos daquele grupo antecipam a história e opõem seu esquema ou sua receita ao que existe. Eles não dispõem, assim, de ponte alguma para o futuro. Lembram os anarquistas, que, antecipando a ausência de governo no futuro, opõem seus esquemas à política, aos parlamentos e a diversas outras realidades que o atual barco do Estado deve evidentemente jogar, na sua imaginação, pelas amuradas. (TROTSKY, 1969, p. 117-118).

Assim, para Leon Trotsky, o grupo LEF acerta quando concebe que a arte é parte da vida e a embeleza, permitindo o desenvolvendo da educação humana. A poesia pode influenciar a linguagem e a escrita, como uma atividade teatral pode desenvolver o movimento dos indivíduos e educá-los na racionalidade de gestos e atividades. Tais questões de caráter filosófico possuem a sua importância no debate artístico, educativo e cultural da nova sociedade socialista emergente.

Entretanto, na avaliação do autor, o grupo erra quando não considera os limites históricos do período em questão, cujo socialismo se encontra em fase de construção inicial, portanto, carente não só das bases da cultura burguesa elementar, como também, das riquezas sociais materiais. Para Leon Trotsky (1969, p. 119-120):

O erro do *Lef*, ou pelo menos de alguns de seus teóricos, apareceu sob sua forma mais generalizada, quando exigem, num ultimato, a fusão da arte com a vida. Não é preciso demonstrar que a separação da arte dos outros aspectos da vida social resulta da estrutura de classe da sociedade. A sua auto-suficiência, como se ela se bastasse a si mesma, constitui o reverso da medalha: a transformação da arte em propriedade das classes privilegiadas. A evolução da arte, no futuro, seguirá o caminho de uma crescente fusão com a vida, isto é, com a produção, as festividades populares e com a vida coletiva. É bom que Lef o compreenda e o exponha. Mas não apresentando à arte do presente um ultimato a curto prazo, como o fazem ao dizerem: deixai o vosso *ofício* e fundi-vos com a vida. Os poetas, os pintores, os escultores, os atores deveriam, então, parar de refletir, de representar, de escrever poemas, de pintar quadros, de talhar esculturas, de exprimir-se diante da ribalta e introduzir sua arte diretamente na vida? Como? Onde? Por que portas? É preciso seguramente aplaudir toda tentativa de incrementar, tanto quanto possível, o ritmo, o som e a cor nas festividades populares, nos comícios e nas manifestações. Que se tenha ao menos, porém, um pouco de imaginação histórica para compreender que mais de uma geração virá e desaparecerá entre a pobreza econômica e cultural dos dias de hoje e o momento em que a arte se fundirá com a vida, isto é, quando a vida enriquecerá em proporções tais que se modelará, inteiramente, na arte.

No pensamento de Leon Trotsky, no período de transição ao socialismo a arte ainda se constitui como um ofício, desenvolvido por artistas que dominam técnicas e habilidades específicas – o poeta, o pintor, o arquiteto, etc. – que devem se aproximar da vida cotidiana, mas não se fundir diretamente com ela.

Na hipótese do período de transição se desenvolver ao socialismo, o que significaria, no pensamento de Trotsky, o desenvolvimento da revolução mundial, cujo tempo histórico perpassaria por algumas gerações, a riqueza material e cultural alcançada seria a tal ponto que, neste momento – no socialismo – a *arte se fundirá com a vida*.

Se para os tempos hodiernos, de capitalismo decadente com sinais de barbárie, o horizonte dessa possibilidade histórica encontra-se tão distante que se torna difícil qualquer *imaginação histórica* sobre como a arte se relacionaria com a vida a ponto de se tornarem uma única expressão, a imposição desta relação de imediato, para aquele contexto histórico a qual Trotsky se encontrava, tratava-se de puro utopismo futurista, conforme o próprio afirma.

Como parte da continuidade das críticas ao grupo LEF, Trotsky também imputa a arte, um valoroso instrumento de educação. Se para a LEF, a arte não é um espelho que reflete a realidade, mas um martelo que a modela; para Trotsky, a arte pode assumir a função do martelo para a construção do ser humano, sem prescindir da necessidade do uso do espelho para reflexão:

Para o bem ou para o mal, a arte como *profissão* subsistirá por muito tempo ainda, servindo de instrumento de educação artística e social das massas, de seu prazer estético — e isso ocorrerá não somente com pintura e a poesia lírica, mas também com o romance, a comédia, a tragédia, a escultura, a sinfonia. Rejeitar a arte como forma de descrever e de imaginar o conhecimento, porque se se opõe à arte burguesa contemplativa e impressionista dos últimos decênios, significa arrebatá-la às mãos da classe que construiu uma nova sociedade uma ferramenta da maior importância. A arte, dizem-no, não é um espelho, mas um martelo. Ela não reflete. Modela. Ensina-se o manejo do martelo com o auxílio do espelho, de uma película sensível que registra todas as etapas do movimento. A fotografia e a cinematografia, graças à sua força descritiva, tornam-se instrumentos poderosos de educação no domínio do trabalho. Se não se pode dispensar o espelho, mesmo para barbear-se, como construir ou reconstruir sua vida sem o *espelho* da literatura? Ninguém, certamente, pede à nova literatura que tenha a impassibilidade de um espelho. Quanto mais profunda a literatura, quanto mais imbuída do desejo de modelar a vida, tanto mais dinâmica e significativamente, poderá *pintar* a vida. (TROTSKY, 1969, p. 119-120, grifos do autor).

A arte pode ser tanto um espelho quanto um martelo, pode servir para refletir a vida e contemplar a natureza, como pode construir subjetividades, consciências, hábitos e modos de vida. Esta suposta oposição da arte indicada pela LEF não existe na leitura de Trotsky, cuja preocupação com a educação das massas por meio da arte impõe a necessidade de haver na arte, uma profissão³⁴⁴.

Apesar do reconhecimento da contribuição da LEF para um melhor entendimento da arte sobre o viés de uma sociedade socialista, Trotsky revela que não seria incumbência do partido revolucionário de cunho marxista a tarefa de apontamento de uma direção, um método, uma afiliação para uma determinada

344 Conforme analisamos na subseção anterior, em *Questões do Modo de Vida*, Trotsky também defende que a pedagogia se constitui como um ofício próprio, isto é, uma tarefa específica que exige determinados conhecimentos técnicos, os quais uma parcela da sociedade deve se dedicar exclusivamente. Voltar-nos-emos a esta questão mais à frente.

técnica ou escola artística específica como portadora do socialismo e, nesta mesma passagem, tende a generalizar tal raciocínio para outras atividades humanas:

Significa isso que o Lef se encontra num falso caminho e que nada temos a fazer com esse movimento? Não. Não se trata de que o Partido tenha ideias definidas e fixas sobre as questões da arte do futuro, que um certo grupo sabotaria. Não é esse o caso. O Partido não tem e não pode ter decisões prontas sobre a versificação, a evolução do teatro, a renovação da linguagem literária, o estilo arquitetônico etc., assim como, nos outros setores, não tem nem pode ter decisões prontas sobre o melhor adubo, a mais correta organização dos transportes ou as metralhadoras mais perfeitas. No que concerne a metralhadoras, transportes e adubos, as decisões práticas se impõem de imediato. Que faz então o Partido? Designa alguns de seus membros para a tarefa de estudar e resolver esses problemas e controla-os pelos resultados práticos de suas atividades. (TROTSKY, 1969, p. 121-122).

Assim, para Trotsky, o partido não deveria assumir posições sobre determinados aspectos da vida humana. Ao desenvolver seu pensamento, ilustra que outros campos de atividade e do conhecimento humano, como determinadas técnicas da agricultura, da indústria ou da administração estatal de forma específica, não devem ser objeto de decisão partidárias, que não as que se impõe pela resolução de problemas práticos.

Em sua concepção, a forma de como o partido se relaciona com a produção material de forma específica, como a adoção de determinada técnica produtiva, também serve para questões como a “[...] evolução do teatro, a renovação da linguagem literária, o estilo arquitetônico etc.” (TROTSKY, 1969, p. 122), ou seja, para a produção humana no campo da arte e da subjetividade.

Em nossa análise sobre a questão educacional, se para Leon Trotsky, os revolucionários não devem se impor em responder questões sobre a melhor técnica de produção industrial ou sobre determinada escola arquitetônica e literária, como desdobramento de seu pensamento, poderia se incluir a definição sobre um determinado método de aprendizagem escolar? Um método de ensino específico? Ou ainda um determinado tipo de currículo escolar?

De acordo com o raciocínio de seu texto, as questões postas pela realidade prática deverão ser respondidas pelos especialistas daquela área. O partido, afirma Trotsky, pode designar alguns de seus membros – uma parte de seus militantes – para estudar tais questões e, pelos resultados do estudo e da experimentação, apontar o melhor caminho. Entretanto, esta orientação está inserida no contexto de transição entre a existência do poder estatal do proletariado e o socialismo, que se caracteriza por uma longa etapa de definhamento do poder centralizado.

Deste modo, ao analisarmos o pensamento de Leon Trotsky diante do problema da arte e da produção cultural, deduzimos que os problemas educacionais específicos, como as questões pedagógicas, avaliativas, de métodos de ensino e de aprendizagem, não constituem, a priori, uma tarefa dos revolucionários, que não de alguns especialistas que devem se deter ao assunto.

Ainda assim, trata-se de um período transicional, com uma ditadura do proletariado em vigor, diferente da etapa da luta de classes que não se encontra em tal contexto. Este entendimento pode ser balizado na visão de Trotsky no interior daquele contexto, no qual se quer concebia tais questões como fundamentais, como sugere em sua polêmica com o grupo LEF:

O grupo *Lef* ocupa-se desse trabalho. Esse grupo salta, mergulha de um lado e do outro e – diga-se sem o ofender – exagera no domínio da teoria. Não exageramos, contudo, e não estamos prestes a exagerar em questões muito mais vitais? E tentamos, seriamente, corrigir os erros de tratamento ou do entusiasmo partidário do trabalho prático? Não temos nenhuma razão para duvidar de que o grupo *Lef* se esforça, seriamente, para trabalhar no interesse do socialismo, de que se interessa, profundamente, pelos problemas das artes e de que deseja orientar-se por critérios marxistas. Por que então começar com a ruptura e não com o esforço para influenciá-lo e assimilá-lo? A questão não requer urgência. O Partido tem muito tempo para proceder a um exame, influenciar, cuidadosamente, e escolher. Ou possuímos tantas forças qualificadas que nos permitam gastar com prodigalidades? O centro de gravidade, afinal, encontra-se não na elaboração teórica dos problemas da nova arte, mas na sua expressão poética. Qual a situação do futurismo, de suas pesquisas e de suas realizações? Aqui há menos motivos para precipitação e intolerância. (TROTSKY, 1969, p. 122).

Em outras palavras, sua orientação é se apropriar da produção dos especialistas da área, dialogar com eles, influenciá-los no sentido da orientação marxista e na perspectiva de construção da sociedade almejada em vez de dispor de quadros partidários para se deter nestas questões. Em sua avaliação, essa questão “não requer urgência” (TROTSKY, 1969, p. 122).

Pelo que foi discorrido sobre o pensamento de Leon Trotsky, fundamentado em sua compreensão, o que já não era fundamental no período de transição ao socialismo, cujo poder se encontra nas mãos da classe operária, seria ainda menos importante no estágio da luta de classes cujo poder político se encontra nas mãos da burguesia.

Trotsky tece comentários sobre as teorias da linguagem do futurismo: ritmo, rima, som, estética poética, construção de novas palavras, fórmulas matemáticas, escrita de Maikovski, etc. Aspectos específicos da arte literária que não compete a análise desta presente tese, contudo, para ele:

A maioria esmagadora dos operários, hoje, com certeza não se interessa por essas questões. A maior parte da vanguarda da classe operária, com tarefas mais urgentes, está também muito ocupada. Mas há o amanhã. E esse amanhã exigirá uma atitude mais atenta e precisa, mais sábia e artística diante da linguagem, como um instrumento fundamental da cultura, não apenas diante da linguagem do verso como da linguagem da prosa — em particular da prosa. (TROTSKY, 1969, p. 125).

Mais uma vez, vemos Trotsky remeter ao *amanhã*, ou seja, ao socialismo, a tarefa de estudar precisamente as questões técnicas e teóricas relacionadas a arte e a poesia, o qual, balizado em seu raciocínio, perguntamo-nos se não poderia ser acrescentado as questões teóricas do ensino. A esta imputação em seu pensamento, veremos como ele desenvolve no terceiro momento de seu texto, quando polemiza com os teóricos da cultura proletária.

Sobre o argumento de que o próprio marxismo foi resultado de uma elaboração não proletária, tal qual a origem de classe dos futuristas russos, Leon Trotsky responde da seguinte maneira:

Pode-se alegar — e alegou-se muitas vezes — que mesmo a doutrina e o programa proletários foram criados por membros da burguesia e da *intelligentsia* democrática. É preciso estabelecer uma diferença importante, decisiva, na matéria. A doutrina econômica e histórico-filosófica do proletariado repousa sobre um conhecimento objetivo. Se o marceneiro Bebel, um asceta, econômico na vida e no pensamento, e cujo espírito possuía o corte de uma navalha, doutor em filosofia de uma erudição universal, como Karl Marx, formulasse a mais-valia, esta teoria apareceria numa obra muito mais acessível, mais simples e mais unilateral. A riqueza e a variedade de conceitos, de argumentos, de imagem e de citações de *O Capital* revelam, sem dúvida alguma, o seu *background intelectual*. Mas, como se tratava de conhecimento objetivo, a essência de *O Capital* tornou-se propriedade de Bebel e de milhares e milhões de outros operários. No campo da poesia, ocupamo-nos do sentimento do mundo através de imagens, e não do conhecimento científico. A vida cotidiana, o ambiente individual, o círculo das experiências pessoais, exercem, por conseguinte, influência determinante sobre a criação artística. Remodelar o mundo dos sentimentos, absorvidos desde a infância, num plano científico, é o mais difícil trabalho interior. Nem todo mundo é capaz de fazê-lo. Daí por que, no mundo, existem muitas pessoas que pensam como revolucionários e sentem como filisteus. E percebemos, na poesia futurista, mesmo na parte que se entregou inteiramente à Revolução, um revolucionarismo mais boêmio que proletário. (TROTSKY, 1969, p. 127, grifos do autor).

Aqui, Leon Trotsky distingue ciência, assentada no conhecimento objetivo do mundo, de arte, que possui na subjetividade individual da percepção do mundo, o seu fundamento. Para ele, *O Capital*, obra máxima da investigação de Karl Marx, foi resultado da apropriação objetiva do conhecimento sobre a economia política e, em razão do caráter objetivo deste conhecimento, pode ser assimilado por qualquer indivíduo de qualquer classe social, diferente das exigências que os futuristas fazem ao operário russo em termos de poesia, linguagem, cultura e percepção estética. Não se nega a possibilidade de “remodelar o mundo dos sentimentos” (TROTSKY, 1969, p. 127), mas se reconhece que “é o mais difícil trabalho interior” (TROTSKY, 1969, p. 127), trabalho complexo que a futura sociedade socialista haverá de se debruçar com maior atenção e prazer.

Trotsky dedica algumas páginas para comentar sobre o maior poeta do futurismo, Maiakoviski, seus limites na compreensão da Revolução e seus personagens. Quando ao movimento futurista russo em seu conjunto, faz a seguinte síntese:

Quando se quebra um braço ou uma perna, os ossos, os tendões, os músculos, as artérias, os nervos e a pele não se rompem segundo uma só linha, da mesma forma que não se colam novamente e saram ao mesmo tempo. Quando se produz uma fratura revolucionária na vida da sociedade, não existe simultaneidade nem simetria de processo, quer na ideologia social, quer na estrutura econômica. As premissas ideológicas, necessárias à Revolução formam-se antes do seu rompimento, enquanto as mais importantes consequências ideológicas só aparecem muito tempo depois. Seria, por conseguinte, falta de seriedade estabelecer, baseando-se em analogias e comparações formais, um tipo de identidade entre futurismo e comunismo, e deduzir daí que o futurismo é a arte do proletariado. Devemos rejeitar tais pretensões. Isso não significa desprezo pelas obras dos futuristas. Elas constituem marcos necessários à formação de uma nova e grande literatura, da qual compõem apenas um episódio significativo na sua evolução. [...]. As novas formas devem encontrar, por si mesmas e com independência, acesso à consciência dos elementos avançados da classe operária, na medida que estes, culturalmente, se desenvolvam. A arte não pode viver nem se desenvolver sem uma atmosfera de simpatia. É por essa via — não por outra — que se desdobra um processo complexo de mútuas relações. A elevação do nível cultural da classe operária ajudará e influenciará esses inovadores que realmente têm alguma coisa a dizer. A afetação, inevitável quando reinam os conciliábulos, desaparecerá, e os germes vivos produzirão formas novas que permitam resolver os novos problemas artísticos. Essa evolução supõe, antes de tudo, a acumulação de bens culturais, o aumento do bem-estar e o desenvolvimento da técnica. Não existe outro caminho. [...]. Quando chegar essa época, que não virá de imediato e **na qual a educação estética e cultural das massas trabalhadoras suprimirá o abismo entre a inteligência criadora e o povo, a arte apresentará um aspecto diferente do de hoje**. O futurismo, nesse processo, aparecerá como um elo indispensável. Isso é pouca coisa? (TROTSKY, 1969, p. 136-138, grifo nosso).

O futurismo seria, portanto, um movimento artístico importante, cuja contribuição ao processo de desenvolvimento do proletariado em direção ao socialismo está garantido, contudo, esta não seria ainda a forma plena e acabada de uma escola artística comunista, como também não poderia ser identificada como a melhor expressão intelectual da classe operária, no campo artístico, naquele momento.

Esta conclusão de Leon Trotsky parte da premissa de que as condições materiais, intelectuais e técnicas ainda não se encontram disponíveis. Por isso que, em sua visão, para tal desenvolvimento, pressupõe-se: “[...]a acumulação de bens

culturais; o aumento do bem-estar e o desenvolvimento da técnica” (TROTSKY, 1969, p. 138), ou seja, seria necessário primeiro suprimir o “abismo”, ainda existente, entre “a inteligência criadora” (TROTSKY, 1969, p. 138), isto é, os intelectuais, e a população comum (TROTSKY, 1969, p. 138). O avanço de tal supressão teria, deste modo, um fator determinante crucial: “a educação estética e cultural das massas” (TROTSKY, 1969, p. 138).

No quinto capítulo da obra, *A escola de poesia formalista e o marxismo*, o autor analisa o formalismo russo. Segundo a crítica de Trotsky, em tal escola, a arte bastaria em si mesma em sua forma pura, o que a reduz a uma percepção meramente descritiva, semi-estatística e quantitativa da literatura poética. Mesmo com estes limites, o revolucionário russo avalia que a escola formalista pode se tornar parte da construção do texto poético e, portanto, orienta que não se pode excluir suas contribuições “do processo que prepara a arte do amanhã”. (TROTSKY, 1969, p. 144).

Defende que os formalistas podem contribuir no processo de entendimento da construção das formas artísticas literárias, por meio do estudo da palavra, do som, da cor, etc. Deste modo, argumenta que o partido revolucionário não deve desprezar essa escola artística:

À medida que tratamos de uma escola contemporânea, viva, e que continua a desenvolver-se, é necessário, na idade de transição em que vivemos, testá-la por meio da prova social e revelar suas raízes de classe. Não só o leitor, mas a própria escola poderá desse modo orientar-se, isto é, conhecer-se, purificar-se e dirigir-se. (TROTSKY, 1969, p. 144).

A escola formalista sustenta uma polêmica com os futuristas sobre a tendência desta última em direção ao marxismo, os quais são contrários, em nome do que chamam *arte pura*. Em meio a esta polêmica interna, Leon Trotsky desenvolve sua compreensão entre arte e marxismo, que consideramos interessante trazer alguns de seus trechos:

As querelas sobre *arte pura* e arte dirigida irrompem entre liberais e populistas. Elas não nos afetam. A dialética materialista está acima disso: para ela, a arte, do ponto de vista do processo histórico objetivo, é sempre um servo social, historicamente utilitário. Encontra o ritmo da palavra necessário para exprimir humores obscuros e vagos, aproxima o pensamento do sentimento, ou opõe um ao outro, enriquece a experiência espiritual do indivíduo e da coletividade, apura o sentimento, torna-o mais flexível, mais sensível, dá-lhe mais ressonância, aumenta o volume do pensamento, graças à acumulação de uma experiência, que ultrapassa a escala pessoal, **educa o indivíduo, o grupo social, a classe e a nação**. E não importa de modo algum se, numa determinada situação, ela aparece sob a bandeira da *arte pura* ou de uma arte abertamente tendenciosa. (TROTSKY, 1969, p. 147-148, grifo nosso em negrito).

O ponto de vista marxista está muito distante dessas tendências, que foram historicamente necessárias, mas estão historicamente superadas. O marxismo, permanecendo no plano da investigação científica, procura, com a mesma segurança, as raízes sociais da *arte pura* como também as da arte tendenciosa. Não *incrimina* de forma alguma o poeta pelos pensamentos e pelos sentimentos que exprime, mas levanta questões de significado muito mais profundo. [...]. A busca pode tornar-se mais complicada, mais detalhada, mais individualizada, mas ela terá como ideia fundamental o papel subsidiário que a arte desempenha no processo social (TROTSKY, 1969, p. 148-149).

Em sua acepção, Leon Trotsky considera a arte como um instrumento de educação, individual ou coletivo, que eleva a sensibilidade da percepção e a consciência humana, permitindo-lhe exprimir seus pensamentos e sentimentos com maior acuidade e volume. Entretanto, essa ferramenta de educação não se constitui como algo além do que uma ferramenta com utilidade histórica, na sua expressão um “servo social” (TROTSKY, 1969, p. 147). Em razão disso que, em sua visão, o marxismo é indiferente em relação a questão sobre qual determinada escola artística melhor expressa a sua obra. O marxismo, argumenta, investiga cientificamente a obra artística com o intuito de encontrar suas determinações sociais, seus limites históricos e suas potencialidades instrutivas e formativas.

Trotsky também defende que o marxismo não impõe ao campo das artes, sobre quais técnicas, temas e questões devem ser tratados pelos artistas. As próprias condições materiais, sociais e psicológicas que determinam o espírito da época lhes impõe suas preocupações temáticas e estéticas:

Nossa concepção marxista do condicionamento social objetivo e da utilidade social da arte não significa, quando traduzida para a linguagem política, o desejo de dominar a arte por meio de decretos e prescrições. É falso que só consideramos nova e revolucionária a arte que fala do operário. E não passa de absurdo dizer que exigimos dos poetas apenas obras sobre chaminés de fábricas ou sobre uma insurreição contra o capital. A nova arte, por sua própria natureza, terá, necessariamente, de colocar a luta do proletariado no centro de sua atenção. A relha da nova arte, entretanto, não se limita a um certo número de sulcos: deve ao contrário trabalhar e revolver todo o terreno, no comprimento e na largura. O lirismo pessoal, incontestavelmente, tem o direito de existir na nova arte, por menor que seja a sua esfera de ação. Ainda mais, o novo homem não poderá formar-se sem um novo lirismo. Para criá-lo, no entanto, o próprio poeta deve sentir o mundo de um novo modo. (TROTSKY, 1969, p. 149-150).

Trotsky também responde as críticas de Viktor Shklovsky³⁴⁵ contra o marxismo, no qual novamente apresenta sua concepção sobre as relações entre arte e marxismo:

Dizer que o ambiente do homem, inclusive do artista, isto é, dizer que as condições de sua vida e de sua educação encontram uma expressão na sua obra, não significa que essa expressão tenha um caráter geográfico, etnológico e estatístico preciso. Não surpreende que haja dificuldade em decidir se certos romances foram escritos no Egito, na Índia ou na Pérsia, porque esses países têm muitas condições sociais em comum. Mas o fato de que a ciência europeia “quebre a cabeça” para resolver essas questões, a partir do próprio texto dos romances, demonstra justamente que elas refletem o ambiente, ainda que de modo bastante deformado. Ninguém pode ir além de si próprio. Mesmo os delírios de um louco não contêm nada além daquilo que ele recebeu anteriormente do mundo exterior. [...] A criação artística, evidentemente, não é delírio. Mas é, igualmente, uma alteração, uma deformação, uma transformação da realidade, segundo as leis particulares da arte. A arte, por mais fantástica que seja, não dispõe de outro material além daquele que lhe fornecem o mundo de três dimensões e o mundo mais estrito da sociedade de classes. Mesmo quando o artista cria o céu ou cria o inferno, ele simplesmente transforma a experiência de sua própria vida em fantasmagorias, até e inclusive a conta não paga de seu aluguel. (TROTSKY, 1969, p. 153-154).

345 Viktor Borisovich Shklovsky (1893-1984) foi um crítico literário e romancista russo. Foi um dos principais fundadores da Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética (OPOYAZ, em russo) e do formalismo russo.

No debate contra Shklovsky, Leon Trotsky analisa as contribuições de uma classe social na construção da arte e da cultura: “Cada classe procura utilizar, na maior medida possível, a herança material e espiritual de outra classe”. (TROTSKY, 1969, p. 152-153). Em outro trecho, desenvolve este raciocínio: “Uma nova classe social não recomeça a criar toda a cultura desde o início, mas se apossa do passado, escolhe-o, retoca-o, recompõe-o e continua a construir daí”. (TROTSKY, 1969, p. 155). Esta visão sobre arte e as classes sociais serão premissas fundamentais em seu raciocínio contra as ideias defendidas pelo *Proletkult* sobre a classe operária e a construção de uma cultura de classe, cuja polêmica será trazida em seguir.

Na visão de Leon Trotsky, a classe operária não pode construir uma *cultura de laboratório*, isto é, a partir da elaboração de um círculo fechado de intelectuais operários iluminados, que desenvolvem e constroem uma arte separada do real movimento de massas. Em outras palavras, a classe operária constrói a sua cultura sob os ombros da cultura das gerações e das classes anteriores.

Seria pueril pensar que cada classe, por si mesma, pode criar, completa e plenamente, sua própria arte e, em particular, que o proletariado seja capaz de elaborar uma nova arte por meio de círculos artísticos fechados, seminários, *proletkult* etc. A atividade criadora do homem histórico é, de modo geral, hereditária. Toda nova classe ascendente se ergue sobre os ombros das classes que a precederam. Essa sucessão, porém, é dialética, isto é, manifesta-se por meio de rejeições e rupturas internas. A economia estimula as novas necessidades artísticas e a procura de novas concepções artísticas e literárias, através do desenvolvimento da nova classe e, em menor grau, das mudanças na sua situação, sob a influência do aumento de sua riqueza e do seu poder cultural. A criação artística é sempre um retorno complexo às formas antigas, sob novos estímulos, que nascem fora da arte. É nesse amplo sentido que se pode falar da função da arte, dizer que a arte serve. Ela não representa um elemento desencarnado, alimentando-se de si mesmo, mas uma função do homem social, indissolivelmente ligado ao seu meio e ao seu modo de vida (TROTSKY, 1969, p. 156).

Uma classe social não consegue produzir cultura, que não seja uma expressão das relações sociais mais gerais, cujo fundamento encontra-se no

homem social e, necessariamente, no modo de vida o qual ele está inserido. Mas se a arte é uma expressão de relações sociais e o modo de vida de uma época, cujas bases materiais, econômicas e sociais as determinam, tais relações não se delineiam de forma linear ou mecânica. A economia, em si, não cria a necessidade da arte, esta manifestação complexa e multifatorial do psiquismo e da ação humana que se configura através da obra artística, possui suas próprias leis de desenvolvimento. A tarefa do marxismo não é criar critérios para julgar ou criticar a arte, mas encontrar essas leis, que expliquem como e porque determinada expressão ou escola artística surge e se desenvolve, enquanto outras entram em desuso e *saem de moda*. Nas palavras de Trotsky:

É indiscutível que a necessidade da arte não é criada pelas condições econômicas. Mas tampouco a necessidade de alimentação é criada pela Economia. A necessidade de alimentação e calor, pelo contrário, é que cria a Economia. É perfeitamente exato que nem sempre se pode seguir somente os princípios marxistas para julgar, rejeitar ou aceitar uma obra de arte. Uma obra de arte deve-se julgar, primeiramente, segundo suas próprias leis, isto é, segundo as leis da arte. Mas só o marxismo pode *explicar* por que e como, num determinado período histórico, aparece tal tendência artística; em outras palavras, quem expressou a necessidade de certa forma artística, e não de outras, e por que. (TROTSKY, 1969, p. 156).

Por fim, seguimos o debate com os idealizadores do *Proletkult*.

c) Os teóricos do *Proletkult*.

No capítulo *A cultura e a arte proletárias*, Leon Trotsky desenvolve as premissas teóricas contrárias a tese da cultura proletária, defendida por alguns intelectuais do partido no interior do *Proletkult*. Para tal, parte da seguinte premissa: “Cada classe dominante cria a sua cultura e, em consequência, sua arte. A história conheceu as culturas escravistas da antiguidade clássica e do Oriente, a cultura feudal da Europa medieval e hoje a cultura burguesa que hoje domina o mundo.” (TROTSKY, 1969, p. 161).

Como decorrência desse raciocínio, ele discorre que se elaborou a posição de que a classe operária também poderia construir a sua própria arte e cultura, entretanto, para o autor, esta questão é mais complexa do que pressupõe esta posição:

A sociedade na qual os possuidores de escravos formavam a classe dirigente existiu durante muitos séculos. O mesmo ocorreu com o feudalismo. A cultura burguesa, ainda que a consideremos somente a partir de sua primeira manifestação aberta e turbulenta, isto é, a partir do Renascimento, existe há cinco séculos, mas só atingiu o seu completo florescimento no século XIX, ou, mais precisamente, na segunda metade. A história mostra que a formação de uma nova cultura em torno de uma classe dominante exige considerável tempo e só alcança a sua plena realização no período que precede a decadência política dessa classe. (TROTSKY, 1969, p. 161).

Como se observa, um primeiro argumento de Leon Trotsky para se contrapor à tese da cultura proletária está relacionado ao período de tempo que a classe social existe e se desenvolve enquanto classe: “[...] uma classe dominante exige considerável tempo” (TROTSKY, 1969, p. 161) para se estabelecer, desenvolver e atingir “[...] sua plena realização” (TROTSKY, 1969, p. 161), a ponto de conseguir formar uma nova cultura decorrente de sua hegemonia.

Segundo ele, de acordo com o desenvolvimento das sociedades escravagista, feudal e capitalista, a história demonstra que uma classe só atinge o seu apogeu “[...] no período que precede a sua decadência política” (TROTSKY, 1969, p. 161).

Deste modo, postula a hipótese de que o desenvolvimento da classe operária, enquanto classe dominante política e socialmente, possuiria um tempo de existência muito mais curto que qualquer outra das classes que a precederam. Isto se deve em razão de que o regime social o qual a classe operária funda com o domínio de seu poder político e econômico é um regime passageiro, isto é, transitório:

O proletariado terá muito tempo para criar uma cultura proletária? Contrariamente ao regime dos possuidores de escravos, dos senhores feudais e dos burgueses, o proletariado considera a sua ditadura como um *breve período de transição*. (TROTSKY, 1969, p. 161, grifo do autor).

A consideração do tempo de vigência do domínio político, econômico e social do proletariado, ou seja, da ditadura do proletariado, como “[...] um breve período de transição” (TROTSKY, 1969, p. 161) é fulcral no seu argumento.

Contudo, é necessário aclarar o que, no pensamento de Leon Trotsky, seria este “breve período” na escala do tempo histórico de desenvolvimento de uma sociedade. O mesmo esclarece que:

Quando queremos denunciar as concepções muito otimistas sobre a passagem para o socialismo, destacamos que o período da revolução social, em escala mundial, não durará meses, e sim anos e dezenas de anos – dezenas de anos, mas não séculos e, ainda menos, milênios. (TROTSKY, 1969, p. 161-162).

Assim, diferentemente do período do escravagismo, que durou alguns milênios, assim como do feudalismo, que perdurou por séculos, como do capitalismo, com duração de alguns séculos ainda em aberto, Leon Trotsky realiza o prognóstico que o período de transição do capitalismo ao socialismo não duraria por séculos, mas dezenas de anos.

Em outra passagem, o revolucionário russo é mais específico em relação ao tempo desta brevidade do período de transição: “Em todo caso, **os vinte, trinta ou cinquenta anos, que a revolução proletária mundial levará**, entrarão, na história, como a transição mais penosa de um para outro sistema e, de modo algum, como época da cultura proletária.” (TROTSKY, 1969, p. 166, grifos nossos).

Mas neste intervalo de tempo, de vinte a cinquenta anos ou até um pouco mais, a classe operária conseguiria criar uma cultura própria? Esta pergunta é levantada pelo autor, que responde da seguinte maneira:

Essa dúvida é legítima, porque os anos de revolução social serão tempos de uma feroz luta de classes, **na qual a destruição ocupará maior lugar que a atividade construtiva**. O proletariado, em todo caso, gastará sua energia principalmente na conquista do poder, na sua manutenção, no seu fortalecimento e na sua utilização para as mais urgentes necessidades da existência e da luta posterior. Ora, durante esse período revolucionário, que encerra em limites tão estreitos a possibilidade de uma edificação cultural planejada, o proletariado atingirá o clímax de sua tensão e dará a manifestação mais completa do seu caráter de classe. E, **inversamente, quanto mais o novo regime estiver protegido contra perturbações militares e políticas e quanto mais favoráveis se tornarem as condições para a criação cultural, tanto mais o proletariado se dissolverá na comunidade socialista, libertar-se-á de suas características de classe, isto é, deixará de ser proletariado**. (TROTSKY, 1969, p. 162, grifos nossos).

De acordo com Leon Trotsky, no período em que vigora a ditadura do proletariado, a atenção política da classe operária deve estar voltada para a conquista, a manutenção e o fortalecimento de seu poder. O período de transição, marcado pela luta de morte entre a classe operária e a classe dos capitalistas no cenário mundial, é caracterizado, em seu pensamento, por um período cuja atividade de “destruição” seria maior que do que a “construção”, uma vez que os pilares, os fundamentos, as bases do modo de produção capitalista internacional haverão de ser destruídos e seus resquícios de modelo social, impregnados nos valores, na cultura, na educação, na arte e no modo de vida, deverão ser combatidos por décadas, quiçá gerações, mesmo depois que a burguesia não seja mais a classe dominante no mundo.

A consequência de seu raciocínio o leva a estabelecer uma relação de proporcionalidade inversa entre o domínio e a força da classe operária e o avanço de seu regime social no mundo, isto é, a ditadura do proletariado, e a aproximação do socialismo, o que significaria uma atenuação das características de classe e do poder da classe operária no próprio desenvolvimento social, ou seja: quanto mais a classe operária desenvolver a ditadura de sua classe e se tornarem mais favoráveis “as condições para a criação cultural” (TROTSKY, 1969, p. 162), inversamente, “mais o proletariado se dissolverá na comunidade socialista” (TROTSKY, 1969, p. 162). Deste modo, nas proximidades de uma sociedade socialista, a criação artística

e cultural teriam menos características de classe e mais caráter universalizante. Assim, conclui:

Pode-se concluir, portanto, **que não haverá cultura proletária**. E, para dizer a verdade, não existe motivo para lamentar isso. O proletariado tomou o poder precisamente para acabar com a cultura de classe e abrir caminho a uma **cultura da humanidade**. Esquecemos isso, ao que parece, com muita frequência. (TROTSKY, 1969, p. 162, grifo nosso).

Esta primeira conclusão do pensamento de Leon Trotsky contra o *Proletkult* tem por fundamento teórico a condição teleológica da classe operária em sua luta pela emancipação. A cultura proletária não seria possível em razão da missão histórica do proletariado que se diferenciaria das outras classes sociais: a tarefa da revolução do proletariado – e de sua ditadura – não seria a de se perpetuar enquanto classe dominante, mas extinguir as divisões sociais de classes, o que permitiria finalmente construir uma verdadeira “cultura da humanidade” (TROTSKY, 1969, p. 162).

Tal premissa teórica que os defensores do *Proletkult* não levariam em consideração, segundo a leitura do revolucionário russo:

As proposições confusas sobre a cultura proletária, por analogia e antítese à cultura burguesa, nutrem-se de uma identificação muito pouco crítica entre os destinos históricos do proletariado e os da burguesia. O método vulgar, puramente liberal, das analogias históricas formais nada tem em comum com o marxismo. Não há analogia real alguma entre o ciclo histórico da burguesia e o da classe operária. (TROTSKY, 1969, p. 162).

Para demonstrar historicamente a sua tese, Trotsky discorre sobre o processo de construção da cultura burguesa desde o interior da sociedade feudal. Segundo ele, “O desenvolvimento da cultura burguesa começou vários séculos antes que a burguesia, através de revoluções, tomassem o poder de Estado.” (TROTSKY, 1969, p. 163). Em particular, analisa o desenvolvimento da arquitetura gótica e sua evolução a arte renascentista. Do Renascimento à Revolução que a burguesia tomou o poder político, transcorreram-se cerca de quatro séculos, assim:

A burguesia não só se desenvolveu materialmente no seio da sociedade feudal, entrelaçando-se de várias maneiras e apossando-se das riquezas, como também colocou a seu lado a *intelligentsia*, para criar pontos de apoio culturais (escola, universidades, academias, jornais, revistas), muito tempo antes de abertamente se assenhorear do poder, à frente do Terceiro Estado. (TROTSKY, 1969, p. 164).

Deste modo, em sua arguição, narra que a burguesia construiu “pontos de apoio culturais” (TROTSKY, 1969, p. 164) com o objetivo de elaborar e difundir sua cultura muito antes de se tornar uma classe política dirigente do Estado. Dentre estes “pontos de apoio culturais” da burguesia, encontram-se a fundação de jornais, escolas e universidades, que reproduziriam os seus valores e a sua cultura por centenas de anos, antes dela tomar de assalto o poder político e constituir o seu Estado e o seu regime social, declarados por ela como universais, além de “natural e eterno” (TROTSKY, 1969, p. 164).

Mas se a sociedade escravocrata levou milênios para desenvolver sua arte e sua cultura escravagista e a burguesia conseguiu reduzir esse tempo para alguns séculos, apoiado no desenvolvimento técnico e na indústria; a classe operária, por sua vez, não poderia criar a sua cultura em alguns anos, dado as bases técnicas e culturais mais desenvolvidas e avançadas que na sociedade capitalista? Trotsky responde a essa questão do seguinte modo:

No desenvolvimento da nova sociedade chegará certamente um momento em que a Economia, a edificação cultural e a arte terão maior liberdade de movimento para avançar. Quanto ao ritmo desse movimento, agora só podemos imaginar. A sociedade futura descartar-se-á da áspera e embrutecedora preocupação do pão quotidiano. Os restaurantes coletivos prepararão, à escolha de cada um, comida boa, sadia e apetitosa. As lavanderias públicas lavarão bem as roupas. Todas as crianças serão fortes, alegres, bem alimentadas e absorverão os elementos fundamentais da ciência e da arte, como a albumina, o ar e o calor do sol. A eletricidade e o rádio não usarão mais os métodos primitivos de hoje, mas sairão de fontes inesgotáveis de energia concentrada ao apertar de um botão. Não haverá *bocas inúteis*. O egoísmo libertado do homem — imensa força! — voltar-se-á completamente para o conhecimento, a transformação e o melhoramento do Universo. A dinâmica do desenvolvimento cultural, nessa sociedade, não se poderá comparar

à de nenhuma outra que se conheceu no passado. **Tudo isso, no entanto, só virá depois de longo e difícil período de transição, que ainda está, quase inteiramente, diante de nós. E aqui falamos, precisamente, desse período de transição.** (TROTSKY, 1969, p. 164-165, grifo nosso em negrito).

Novamente, o autor vincula a construção de uma nova cultura e novas formas de modo de vida às saciedades de necessidades humanas básicas, tais quais comida, vestimenta e educação. Esta última expressa na passagem: “Todas as crianças [...] absorverão os elementos fundamentais da ciência e da arte” (TROTSKY, 1969, p. 164).

Também vincula o ritmo deste desenvolvimento ao processo de desenvolvimento técnico, ainda inimaginável naquele período, como podemos observar nesta outra passagem do texto: “A eletricidade e o rádio não usarão mais os métodos primitivos de hoje [...]” (TROTSKY, 1969, p. 164).

Em síntese, para o autor, a extensão do período de transição gira em torno da resolução dos problemas econômicos essenciais, como a questão da fome e da educação, como também do desenvolvimento técnico e cultural, com tais elementos, poderia a futura geração, isto é, as “[...] crianças fortes, alegres e bem alimentadas” (TROTSKY, 1969, p. 164), edificar a cultura e a arte, que de tão livres poderiam avançar de um modo que jamais o foram antes.

Deste modo, para o autor, no período de transição, o ritmo intenso de sua evolução não estaria concentrado nas questões artísticas e culturais, mas na política e na economia. Para tal, lembra, uma vez mais, que tal período estaria marcadamente caracterizado pela intensa luta do proletariado organizado contra o capital internacional, ou seja, pela revolução mundial:

Todas as forças ativas concentram-se na política, na luta revolucionária. O resto passa para o segundo plano, e a Revolução esmaga, impiedosamente, tudo o que se lhe opõe. Esse processo tem, evidentemente, seus fluxos e refluxos parciais: o comunismo de guerra deu lugar à NEP que, por sua vez, passa por diversos estágios. Na sua essência, porém, a ditadura do proletariado não é a organização econômica e cultural de uma nova sociedade, e sim um sistema revolucionário e militar, que se propõe a instaurá-lo. (TROTSKY, 1969, p. 165).

Deste modo, conectado aos argumentos anteriores, Leon Trotsky evidencia o caráter mundial e permanente da revolução socialista:

De fato, por mais importante e vital que seja a nossa edificação cultural, ela se coloca inteiramente sob o signo da revolução europeia e mundial. Somos sempre soldados em campanha. Se temos, no momento, um dia de repouso, aproveitamos para lavar a camisa, cortar o cabelo e antes de tudo limpar e lubrificar o fuzil. Toda a nossa atividade econômica e cultural, atualmente, não passa de uma reordenação de nossos pertences, entre duas batalhas, duas campanhas. Os combates decisivos estão ainda à nossa frente e, sem dúvida, muito mais distantes. Os dias que vivemos ainda não representam a época de uma nova cultura, mas no máximo seu limiar. Devemos, em primeiro lugar, apossar-nos, oficialmente, dos elementos mais importantes da velha cultura, a fim de podermos, ao menos, abrir caminho à construção de uma nova. (TROTSKY, 1969, p. 166).

Assim, as tarefas da ditadura do proletariado seriam parte das tarefas da classe operária mundial, ou seja, a batalha pela derrubada da burguesia e seu modo de produção internacional. Se a hierarquia de tarefas gira em torno da defesa do Estado Operário e na preparação das futuras batalhas que virão no plano internacional; no campo da cultura, a primeira questão a ser resolvida seria, portanto, *apossar-se*, ou seja, conhecer, instruir-se e formar-se nos “elementos mais importantes da velha cultura” (TROTSKY, 1969, p. 166).

A nova cultura socialista, deste modo, não surgiria da mente iluminada de intelectuais russos, mas dos escombros da velha sociedade no auge de seu desenvolvimento cultural e científico.

Assim, defende que a primeira tarefa do proletariado no período de transição, quanto as questões concernentes ao trabalho de construção cultural ou, como dito anteriormente, do *militantismo cultural*, seria a apropriação da cultura já existente na humanidade, isto é, o domínio da cultura burguesa e seus *aparelhos* de produção/reprodução cultural:

O proletariado era e continua a ser uma classe não-possuidora, o que lhe restringe, extremamente, a possibilidade de iniciar-se nos elementos da cultura burguesa, integrada para sempre no patrimônio da humanidade. [...] A burguesia chegou ao poder completamente equipada com a cultura de sua época. O proletariado só chega ao poder completamente equipado com a necessidade aguda de conquistar a cultura. A sua primeira tarefa, após apossar-se do poder, consiste em dominar o aparelho de cultura – indústrias, escolas, imprensa, teatro, etc. - e abrir o seu próprio caminho. (TROTSKY, 1969, p. 166-167).

No caso específico do proletariado russo, dado o período de destruição material e econômica provocados pela Primeira Grande Guerra, seguidamente pela guerra civil, no qual soma-se o estágio atrasado de desenvolvimento cultural e educativo do povo russo, as tarefas revolucionárias após a tomada do poder colocaram-se num grau de complexidade maior. Além das condições necessárias para garantir a produção básica da existência, o proletariado russo teve que, nas palavras de Trotsky (1969, p. 167): “[...] iniciar-se, literalmente, no ABC da cultura”.

Em função de tais determinações específicas, o autor registra que no décimo aniversário da Revolução Russa de 1917, a principal meta do Estado Operário no campo do trabalho educativo e cultural seria zerar o índice de analfabetismo em todo país. Trotsky sustenta que esta deveria ser a marca do regime de transição.

Mas a classe operária russa não poderia imprimir a sua própria marca, inserir o seu *selo* de classe na cultura da humanidade antes de se dissolver na comunidade comunista mundial? Trotsky responde a esta questão, posta pelos teóricos do *Proletkult*, da seguinte maneira:

O proletariado, durante o período de sua ditadura, deve marcar, indiscutivelmente, a cultura com seu selo. Daí para uma cultura proletária, se se entende por tal um sistema desenvolvido e interiormente coerente de conhecimento e informação em todos os domínios da criação material e espiritual, há contudo uma grande distância. Só o fato de que, pela primeira vez na história, dezenas de milhões saberão ler, escrever e fazer as quatro operações constituirá um acontecimento cultural da mais alta importância. (TROTSKY, 1969, p. 167-168).

Assim, o autor levanta como perspectiva que a contribuição fundamental da classe operária russa na cultura humana não seria a criação de uma cultura própria, de classe, mas a extensão da cultura já produzida e acumulada pela humanidade a toda a população. A essência da criação de uma cultura nova, isto é, uma cultura socialista, parte da premissa: “[...] de que a cultura não será aristocrática, não será reservada para minorias privilegiadas, mas uma cultura de massa, universal, popular.” (TROTSKY, 1969, p. 168).

Em tal concepção, o processo de apropriação e produção cultural, que engloba o acesso ao conhecimento científico, técnico, artística e filosófico, desenvolve-se de modo dialético no período de transição: quanto mais a massa da classe operária acessar a cultura universal, mais ela imprime a sua marca à história da humanidade, contudo, quanto maior e melhor a classe operária consegue assimilar as bases do conhecimento científico e da cultura universal, menos característica de classe, separada ou dividida do conjunto da sociedade, ela se torna.

A extensão ampla e irrestrita deste acesso à educação, a produção artística cultural e filosófica, como dito anteriormente, pressupõe um enriquecimento material e econômico prévio. Em síntese, a lógica do pensamento de Trotsky é que o desenvolvimento cultural do proletariado pressupõe o desenvolvimento do próprio período de transição e quanto mais este desenvolvimento avança, mais próximo o período de transição alcança o socialismo, o que o faz concluir que a classe operária deixa a sua existência na medida que ela consegue se apropriar da educação e da cultura, tornando o conjunto do conhecimento e da cultura acumulada historicamente pela humanidade a serviço de toda a humanidade.

Relacionado a esta síntese teórica, Trotsky responde a outro questionamento do *Proletkult*, se uma parcela consciente da classe operária no regime soviético, como as camadas superiores que se encontram no interior da Academia Socialista ou no Instituto de Professores Vermelhos, já não desenvolveriam uma cultura proletária de vanguarda. Trotsky explica que uma cultura proletária não se desenvolveria a partir de “métodos de laboratório” (TROTSKY, 1969, p. 168), ou seja, uma cultura produzida de forma separada e isolada da massa operária.

Em sua visão, a malha da cultura é tecida a partir das relações e interações sociais entre a classe e a sua intelectualidade; argumenta que se na sociedade burguesa os filósofos, técnicos, poetas e pensadores em geral, exprimiram os anseios e as necessidades culturais da burguesia, cujo contexto histórico a colocava como classe emergente, a situação da classe proletária não poderia ser menor, uma vez que a construção política, econômica e cultural não poderia ter por base outro elemento que não a própria “iniciativa criadora das massas” (TROTSKY, 1969, p. 168).

Assim, no pensamento de Leon Trotsky, a função dos intelectuais da classe operária não seria o de criar uma cultura da classe sem a participação massiva desta, mas ajudar as massas proletárias no acesso ao conhecimento e a cultura acumulada historicamente:

A tarefa principal da *intelligentsia* proletária, para o futuro imediato, não está, entretanto, na abstração de uma nova cultura – cuja base ainda falta – e sim no trabalho cultural mais concreto: ajudar, de forma sistemática, planejada e, certamente, crítica, as massas atrasadas a assimilar os elementos indispensáveis da cultura já existentes. Não se pode criar uma cultura de classe à revelia da classe. Para edificar essa cultura em cooperação com a classe e em estreita relação com a sua ascensão histórica geral, é preciso... construir o socialismo. (TROTSKY, 1969, p. 168-169).

Trotsky explica o seu ponto de vista sobre como se daria este processo de apropriação-edificação-construção cultural no período de transição ao socialismo, no qual identificamos a importância do ato de educar no interior do mesmo:

Para explicar mais concretamente a ideia do *período de edificação cultural*, no desenvolvimento da classe operária, consideramos a sucessão histórica das gerações e não das classes. Dizer que as gerações se sucedem umas às outras — quando a sociedade progride e não quando está decadente — significa que cada uma delas acrescenta a sua contribuição à acumulação cultural anterior. Mas, antes de poder fazê-lo, cada nova geração atravessa **um período de aprendizagem**. Ela se apropria da cultura existente e a transforma, à sua maneira, tornando-a mais diferente da que a geração precedente deixou. Essa apropriação ainda não constitui uma nova criação, isto é, criação de novos valores culturais, mas somente a sua premissa. Essa observação se aplica ao destino das massas trabalhadoras, que se elevam ao nível da criação histórica.

Só se precisa acrescentar que, antes de sair do estágio de aprendizagem cultural, o proletariado deixará de ser proletariado. Lembramos mais uma vez que a camada superior, burguesa, do Terceiro Estado fez a sua aprendizagem sob o teto da sociedade feudal; que, ainda no seio da sociedade feudal, ela ultrapassou, do ponto de vista cultural, as velhas castas dirigentes e tornou-se o motor da cultura antes de ascender ao poder. Ocorre de outro modo com o proletariado, em geral, e com o proletariado russo, em particular: ele precisou derrubar a sociedade burguesa, pela violência revolucionária, precisamente porque essa sociedade lhe barrava o acesso à cultura. A classe operária esforça-se por transformar seu aparelho do Estado numa poderosa bomba para satisfazer a sede cultural das massas. É uma tarefa de imensa importância histórica. (TROTSKY, 1969, p. 169-170, grifo nosso).

Em primeiro lugar, Trotsky identifica uma importante diferença no processo histórico de como se efetivou a aprendizagem e a educação das gerações burguesas e o desenvolvimento histórico deste processo na classe operária. A burguesia, antes da tomada do poder político, desenvolveu a educação e a cultura que permitiu a ruptura das futuras gerações no plano da filosofia, da cultura, do modo de vida e do pensamento, com o modelo de servidão no qual se assentava o poder dos reis e da nobreza, o que foi crucial para a constituição de uma geração revolucionária que se tornou a burguesia europeia em fins do século XVIII.

Este processo histórico não encontrou paralelo com o desenvolvimento da classe operária enquanto classe dominante, o que se estende as suas futuras gerações. A classe operária, explica ele, alijada do acesso aos bens culturais mais elementares, primeiro teve que tomar o poder político e, faminta não só de pão, mas também de conhecimento, reorganiza o aparelho de Estado para atender as suas necessidades, sejam do estômago ou da fantasia, mas de toda a sociedade.

As próximas gerações que virão sob o comando dirigente da classe operária no poder, poderão realizar o trabalho de apropriação cultural, antes negada ou limitada pela burguesia. Assim, a educação na etapa de transição assume como objetivo: ensinar nas futuras gerações a cultura acumulada historicamente, o que permitirá transformar o conhecimento, a arte, a técnica, a cultura em geral à sua maneira e, logo, acrescentar a sua contribuição para as outras gerações absorverem.

Este seria o trabalho de preparação para o caminho da edificação cultural, contudo, este trabalho educativo não pode ser confundido com a elaboração de uma *cultura proletária*, uma vez que as futuras gerações do proletariado devem se apropriar da cultura histórica e acrescentar à humanidade, não as características da sociedade de classes as gerações seguintes, mas o contrário, isto é, cada vez mais uma cultura popular, de massas e com características que abrangem a humanidade de conjunto.

Diferente do contexto histórico da burguesia, cujo objetivo fora manter e perpetuar o seu domínio de classe, Trotsky mais uma vez lembra: “a Revolução proletária visa liquidar a existência do proletariado enquanto classe, num prazo tão breve quanto possível. Esse prazo depende, diretamente, do sucesso da Revolução”. (TROTSKY, 1969, p. 170). Atenta-se que o sucesso da revolução mencionada, trata-se da revolução proletária internacional.

Por fim, Trotsky replica um último questionamento: sobre a existência de uma ciência proletária na forma do marxismo, isto é, se a concepção científica da história e a crítica da economia política não constituiriam, em si, um conhecimento da *cultura proletária*. Trotsky responde que o método do materialismo histórico e dialético desenvolvido por Marx e Engels possuem uma contribuição inestimável ao conhecimento humano e científico em geral, como também são ferramentas políticas e teóricas fundamentais nas mãos do proletariado, contudo, nega que a teoria e o método científico de Marx e Engels constituem uma *ciência proletária* ou seriam parte dos conhecimentos da *cultura proletária*. Em sua arguição, sustena:

Marx e Engels saíram das fileiras da democracia pequeno-burguesa e, evidentemente, foi a cultura desta que os formou e não uma cultura proletária. Se não existisse a classe operária, com suas greves, suas lutas, seus sofrimentos e suas revoltas, não existiria o comunismo científico, porque não existiria a necessidade histórica. A teoria do comunismo científico formou-se sobre a base de uma cultura científica e política burguesa, ainda que lhe declarasse uma luta de morte. Sob os golpes das contradições do capitalismo, o pensamento universalizante da democracia burguesa se elevou, entre os seus representantes mais audaciosos, mais honestos e mais clarividentes, até uma genial negação de si mesma, armada com todo o arsenal crítico da ciência burguesa. Tal é a origem do marxismo. (TROTSKY, 1969, p. 171).

Trotsky explica que a construção do socialismo prescinde de uma ciência proletária. A burguesia, argui o revolucionário russo, para além da objetividade necessária das ciências naturais, desenvolve na questão metodológica e filosófica, sobretudo na área das ciências humanas, uma concepção de mundo vinculada a seus interesses de classe. Em razão disso, o autor levanta a necessidade do proletariado de revisar os limites impostos pelos interesses burgueses sobre a ciência e a filosofia, contudo, a tarefa desta *limpeza no edifício* da ciência não estaria colocado para o presente revolucionário, mas para a futura sociedade:

Seria ingênuo pensar, todavia, que o proletariado, antes de aplicar à edificação socialista a ciência herdada da burguesia, deve submetê-la inteiramente a uma revisão crítica. Seria a mesma coisa que dizer, com os moralistas utópicos: antes de construir uma nova sociedade, o proletariado deve elevar-se à altura da moral comunista. De fato, o proletariado transformará, radicalmente, a moral, assim como a ciência, somente depois de construir a nova sociedade, ainda nas suas linhas gerais. Não caímos num círculo vicioso? Como construir uma sociedade nova com o auxílio da velha ciência e da velha moral? Aqui precisamos um pouco de dialética, [...]. A vanguarda proletária, para trabalhar, necessita de alguns pontos de apoio, de alguns métodos científicos suscetíveis de libertar a consciência do jugo ideológico da burguesia; em parte já os possui, em parte deve ainda adquiri-los. Ela já testou o seu método fundamental em numerosas batalhas e nas mais diversas condições. Mas, daí a uma ciência proletária, ainda há um longo caminho. A classe revolucionária não pode interromper o seu combate porque o partido ainda não decidiu se deve aceitar ou não a hipótese dos elétrons e dos íons, a teoria psicanalítica de Freud, a genética, as novas descobertas matemáticas da relatividade etc. O proletariado, após conquistar o poder, terá, certamente, possibilidades muito maiores para assimilar a ciência e revê-la. (TROTSKY, 1969, p. 172).

A última questão que Trotsky responde em sua batalha teórica contra a *cultura proletária* trata sobre a possibilidade de surgirem, desde o momento da instalação da ditadura do proletariado, alguns intelectuais e artistas nas fileiras do proletariado. Trotsky concorda sobre esta possibilidade, entretanto, não acredita dar a este fenômeno o nome de *cultura proletária*, uma vez que tal imbricação está relacionada a fatores muito mais individuais e singulares do que a expressão do desenvolvimento de uma cultura de classe:

Não se deve trocar a noção de cultura em moeda de uso individual e não se pode definir o progresso da cultura de uma classe segundo os passaportes proletários de tais ou quais inventores ou poetas. A cultura representa a soma orgânica de conhecimentos e informações que caracteriza toda sociedade ou, ao menos, sua classe dirigente. Ela abarca e penetra todos os domínios da criação humana e unifica-os num sistema. As realizações individuais levantam-se acima desse nível e, gradualmente, o elevam. (TROTSKY, 1969, p. 173).

Nesta exposição, Leon Trotsky define cultura a partir de sua relação com um conjunto que caracteriza o todo social de conhecimentos, informações e produção humana. Esta definição não nega que a cultura se expresse no indivíduo e, como parte das determinações que formam este indivíduo singular, não nega a possibilidade do indivíduo reinterpretar este todo social a partir de suas experiências e percepções singulares. Todavia, a cultura, em sua leitura, não é concebida como cultura individual, no sentido que o indivíduo a produz isoladamente, independentemente do contexto social, histórico e de classe que o determina; cultura é um todo orgânico, uma totalidade de conhecimentos, informações, símbolos e manifestações artísticas que marcam e definem uma sociedade.

Trotsky debate com dois artigos polêmicos, de autoria de Dubovskoy e Pletnev, mencionados por ele em seu texto. Os artigos apontam na mesma direção: que a poesia proletária se encontra nos jornais de fábricas de autores anônimos e que estas possuem um grande valor, independente de sua qualidade artística, pela sua ligação com a classe operária. Entretanto, para Trotsky, ainda que os poetas de fábrica estejam mais conectados com a vida operária e o cotidiano da massa do que os círculos de intelectuais fechados em suas revistas – como o movimento futurista – avalia que uma produção artística vinda de um operário, por mais fragilidades que tenha, possui um imenso valor cultural, todavia, “Os poemas fracos – e mais ainda aqueles que revelam a ignorância do poeta – não constituem poesia proletária, simplesmente porque não constituem poesia.” (TROTSKY, 1969, p. 175).

Assim, perspectiva que “[...] os Shakespeare e os Goethe proletários, atualmente, correm descalços para alguma escola primária.” (TROTSKY, 1969, p. 174), ou seja, os poetas de fábrica, correspondentes operários nos jornais e etc.,

realizam um importante trabalho cultural e educativo, pois preparam o terreno para as futuras gerações germinarem, mas ressalta: “A colheita cultural e artística, entretanto, será – felizmente! - socialista e não proletária.” (TROTSKY, 1969, p. 174).

Em síntese, Leon Trotsky concebe *cultura socialista* como a expressão do ápice cultural de um período de desenvolvimento da humanidade, período transitório, construído pela classe operária no poder; por sua vez, a *cultura operária* não seria capaz de se desenvolver, pois a função da *cultura socialista* teria justamente o objetivo de eliminar a divisão da sociedade de classes e, com ela, a própria classe operária.

Assim, considera como elemento determinante para que haja uma *cultura socialista* o domínio da técnica e dos conhecimentos culturais, científicos e artísticos acumulados anteriormente. Trotsky encerra seu texto afirmando que “Arte mal feita não é arte e, em consequência, os trabalhadores não precisam dela.” (TROTSKY, 1969, p. 177). Em seu pensamento, o entendimento de que os operários não precisam dominar a técnica da arte burguesa estaria equivocado e revelaria a demagogia pseudoproletária: “Não se trata de marxismo, e sim de populismo reacionário, apenas pintado de ideologia proletária.” (TROTSKY, 1969, p. 177).

Para ele, a arte destinada aos operários precisa ser de alta qualidade, portanto, é necessário aprender e dominar as ferramentas técnicas que o inimigo produziu. É neste sentido que as organizações culturais e artísticas devem ser reavaliadas: “o Proletkult não se mede pela rapidez com que criam uma nova literatura, mas pelo que contribuem para a elevação do nível literário da classe operária, a começar pelas suas camadas superiores.” (TROTSKY, 1969, p. 177).

Ao rejeitar a possibilidade teórica da existência de uma *arte proletária*, uma *literatura proletária*, uma *cultura proletária* ou mesmo uma *ciência proletária*, sugere propositivamente: “Convenhamos então que Proletkult significa **atividade cultural do proletariado**, isto é, a luta encarniçada para elevar o nível cultural da classe operária. Tal interpretação, na verdade, não diminui em nada sua importância.” (TROTSKY, 1969, p. 177, grifos no original).

Por fim, Leon Trotsky destaca a obra do bolchevique Demyan Biedny, como ilustrativo da relação que os revolucionários podem expressar por meio da poesia literária:

Não é um poeta que se aproximou da Revolução, que diante dela se abaixou e a reconheceu. É um bolchevique que usa a poesia como arma. E nisso reside a força excepcional de Demyan. A Revolução, para ele, não é material de criação, e sim a mais alta autoridade, aquela que o colocou no seu posto. Sua obra é um serviço social, não só em última análise, como se diz da arte em geral, mas subjetivamente na consciência do próprio poeta. E isso desde os primeiros dias de serviço histórico. Ele se integrou no partido, cresceu com ele, passou pelas diferentes fases do seu desenvolvimento, aprendeu, dia após dia, a pensar e a sentir com a classe operária e a reproduzir esse mundo de pensamento e sentimentos sob forma concentrada, na linguagem do verso, uma vez com a malícia dos fracos, outra vez com a melancolia das canções ou o atrevimento das coplas satíricas, ora com indignação, ora cheias de apelo. Nenhum diletantismo em sua cólera e no seu ódio. Ele odeia com o ódio bem claro do partido mais revolucionário do mundo. (TROTSKY, 1969, p. 183).

Este exemplo, que não é uma escola literária ou modelo a ser seguido, sobre a possibilidade de desenvolver uma literatura socialista que permita, ao mesmo tempo, difundir os ideais do partido revolucionário em sua estratégia de sociedade comunista sem recair em invenções abstratas e separadas das necessidades, do modo de vida e dos sentimentos das massas operárias, representaria, para ele, a finalidade da produção artística sob a égide da Revolução socialista.

No texto *A política do partido na arte*, Trotsky discorre sobre a independência entre arte e política revolucionária. O autor inicia suas reflexões a partir de um problema: a crítica de alguns marxistas aos *Companheiros de viagem*, em particular, Boris Pilniak e Vsevolod Ivanov. Trotsky reconhece as limitações de tais, mas defende suas contribuições para o campo da arte, assim como para com o socialismo: “Suprimamos, em pensamento, Pilniak e Ivanov, de nossa vida cotidiana e estaremos sensivelmente empobrecidos”, diz. (TROTSKY, 1969, p. 185-186).

Ao responder aos críticos dos *Companheiros de viagem*, Trotsky desenvolve o seu pensamento sobre a relação de independência entre a política do partido revolucionário e o campo da arte:

O marxismo oferece diversas possibilidades: avalia o desenvolvimento da nova arte, acompanha todas as suas mudanças e variações, através da crítica, encoraja as correntes progressistas, porém não faz mais do que isso. A arte deve abrir por si mesma o seu próprio caminho. Os métodos do marxismo não são os mesmos da arte. O Partido dirige o proletariado, não os processos da história. Sim. Há domínios nos quais ele dirige de forma direta e imperativa. Há outros onde apenas inspeciona e ajuda. E, finalmente, alguns onde somente se orienta. A arte não é um domínio que chame o Partido a comandar. Ele pode e deve protegê-la, estimulá-la e só indiretamente dirigi-la. Deve conceder sua confiança aos grupos que aspiram, sinceramente, a aproximar-se da Revolução e encorajar, assim, a sua formulação artística. Não pode, em hipótese alguma, colocar-se na posição de um círculo literário e competir com outros. Não pode e não deve. (TROTSKY, 1969, p. 187-188).

Trotsky claramente distingue o campo da arte e o campo de atuação do marxismo: a arte possui suas próprias leis, cabe ao marxismo descobrir essas leis e seus nexos com as relações sociais e as forças produtivas, cuja produção artística e cultural são uma expressão; cabe entender o seu desenvolvimento histórico e identificar suas tendências, mas limita-se a isto.

Em sua visão, não cabe ao marxismo e ao partido marxista dirigir a arte, conduzir suas tendências ou concorrer com outras tendências literárias e artísticas. O partido marxista, com o proletariado no poder, deve proteger a arte, estimular os grupos e escolas artísticas, mas não intervir, enquanto instrumento que representa os interesses gerais do proletariado em direção ao socialismo, em seu interior. Na concepção de Trotsky:

O Partido defende os interesses históricos da classe operária no seu conjunto. Prepara o terreno, passo a passo, para a nova cultura, a nova arte. Não vê os companheiros de viagem como concorrentes dos escritores operários, mas como colaboradores reais ou potenciais no gigantesco trabalho de reconstrução. O partido compreende o caráter episódico dos grupos literários do período de transição e aprecia-os não do ponto de vista dos certificados da classe pessoais, que exibem os literatos, mas do ponto de vista do lugar que ocupam ou podem ocupar esses grupos na construção de uma cultura socialista. [...]. Os críticos, individualmente, e os leitores podem demonstrar simpatia por um ou outro grupo. O partido, porque defende, no seu conjunto, os interesses históricos da classe operária, deve ser objetivo e prudente. (TROTSKY, 1969, p. 188).

Trotsky explica que tal orientação não significa que o partido não tenha uma política para o desenvolvimento da arte em torno de suas finalidades, ou seja, que assuma um posicionamento eclético e neutro: “O Partido orienta-se pelos seus critérios políticos e repele, na arte, as tendências nitidamente venenosas ou desagregadoras.” (TROTSKY, 1969, p. 188).

A construção da nova cultura se assentaria num trabalho de assimilação cultural, cujo critério para selecionar o que vem a constituir o conteúdo deste *ABC cultural* é o caráter de classe, crítico e político: “Nosso critério é, decididamente, político, imperativo e intolerante” diz ele (TROTSKY, 1969, p. 189), mas não é um critério técnico, no caso, estritamente cultural e artístico, tal como acontece, conforme exemplifica, no campo da ciência, onde o partido não precisa adotar uma posição sobre a teoria da relatividade, os novos modelos atômicos emergentes ou a psicanálise de Freud³⁴⁶.

Trotsky lembra que determinar a independência da arte em relação à política revolucionária não é o mesmo que concordar com a arte livre, tal qual defende o liberalismo. Segundo ele, “A questão é saber quando deve intervir, em que medida e em que caso (TROTSKY, 1969, p. 189).

Em síntese, o que Trotsky defende é que não necessariamente a arte produzida pelo proletariado seria a única representante da futura arte socialista. Na etapa da transição, junto ao operariado fabril existe o camponês, como também os intelectuais pequeno-burgueses, que mesmo sob o teto de um Estado Operário, refletem a sua realidade e se vinculam ao socialismo de modo diverso de como o proletariado fabril o fez. Ainda que os *Companheiros de viagem*, reflete Trotsky, tenham maior proximidade do camponês do que o operário, a sua contribuição à obra de edificação ao socialismo não poderá ser negada:

346 “Que dizer da teoria psicanalítica de Freud? Ela se concilia com o materialismo, como pensa o camarada Radek, **como eu mesmo penso**, ou lhe é hostil?” (TROTSKY, p. 188-189, grifo nosso). Não encontramos um trabalho de Trotsky sobre sua visão materialista da psicanálise. No que pese ter sido contemporâneo de Freud, *vizinhos* em Viena e da curiosidade de Trotsky pelo trabalho do psicanalista, não há indícios que eles se encontraram pessoalmente, como sugere a ficção do seriado Trotsky. Não obstante, a posição de Sigmund Freud sobre a possibilidade psíquica de uma sociedade comunista é de total ceticismo, conforme pontua em *O mal estar da civilização*.

O artista construirá uma obra historicamente progressista, quando, encarando a vida do ponto de vista dos camponeses, ou melhor, do ponto de vista dos camponeses e da intelligentsia, imbuir-se da ideia de que a união dos operários e dos camponeses constitui uma necessidade vital. Essa obra reforçará a cooperação necessária entre a cidade e a aldeia. A marcha dos camponeses para o socialismo dará às suas obras rico e profundo conteúdo, uma forma variada de cores. E temos razão para crer que esse trabalho de criação acrescentará capítulos válidos à história da arte. (TROTSKY, 1969, p. 190-191).

Na avaliação de Trotsky, o campo da produção artística, sobretudo literária, está muito distante de responder as necessidades da cidade e do campo. Atenta-se que o autor chega a usar a expressão *arte proletária* num sentido diferente do trabalhado pelos teóricos do *Proletkult*, ou seja, no entendimento de: “A arte de inspiração proletária (poetas operários e futuristas)[...]” (TROTSKY, 1969, p. 192).

Segundo Leon Trotsky, a contribuição fundamental da arte na formação do proletariado não está em moldar a sua subjetividade conforme o desejo do artista, mas em elevar a consciência individual subjetiva a ponto de enriquecer a sua personalidade, isto é, despertar a sua personalidade para percepções mais nítidas dos sentimentos, pensamentos e sensações:

A conquista mais valiosa do progresso cultural, que hoje se inicia, consistirá na elevação das qualidades objetivas e da consciência subjetiva da personalidade. Seria pueril pensar que as *belas-letras* burguesas possam abrir brechas na solidariedade de classe. O que Shakespeare, Goethe, Púchkin e Dostoiévski darão ao operário será, antes de tudo, a imagem mais complexa da personalidade, de suas paixões e sentimentos, uma percepção mais nítida de seu subconsciente etc. O operário, afinal de contas, se enriquecerá. Górk, imbuído do individualismo romântico do vagabundo, soube nutrir o espírito primaveril da revolução proletária nas vésperas de 1905, porque ajudou a despertar a personalidade numa classe em que a personalidade, uma vez despertada, procura relacionar-se com outras personalidades despertadas. **O proletariado necessita de alimentação e educação artística.** Não se deve, entretanto, tomá-lo como um pedaço de argila que os artistas, os do passado e os do futuro, podem modelar à sua própria imagem e semelhança. (TROTSKY, 1969, p. 192-193, grifo nosso).

O proletariado, sobretudo o russo, cuja atraso cultural é maior em relação ao europeu, possui limitações históricas em sua educação. Assim, uma nova cultura não poderá ser edificada sem absorver e assimilar a cultura já desenvolvida até aquele momento, o que não significa, por exemplo, reproduzir lentamente todo o caminho que a arte já percorreu, mas entender o que mais foi relevante e marco na história de seu desenvolvimento. Neste sentido, pode-se afirmar com segurança que a educação artística, tem uma prerrogativa especial no pensamento de Trotsky, no período de transição ao socialismo.

Em *Arte revolucionária e arte socialista*, Trotsky realiza uma distinção entre arte socialista, arte revolucionária e arte que tematiza a revolução. Junto a estas categorias e as etapas de desenvolvimento social que as fundamentam, perspectiva em que momento a preocupação específica com a educação e seus métodos de ensino adquirem maior relevância.

Primeiramente, o autor distingue dois tipos de arte no período de transição: *i) arte revolucionária e; ii) arte que tematiza a revolução*. De acordo ele:

Quando se fala de arte revolucionária, pensa-se em dois tipos de fenômenos artísticos: as obras cujos temas refletem a Revolução e as que, não se ligando à Revolução pelo tema, estão profundamente tomadas e coloridas pela nova consciência que dela surgiu. Estes são fenômenos, é claro, que pertencem ou poderiam pertencer a planos inteiramente distintos. (TROTSKY, 1969, p. 195)

A arte revolucionária e as obras sobre a revolução não constituem, assim, uma única e mesma coisa. Têm pontos de contato. Os artistas, criados pela Revolução, não podem senão escrever sobre a Revolução. A arte, que terá, realmente, alguma coisa a dizer sobre a Revolução, deverá, por outro lado, rejeitar, sem piedade, o ponto de vista do velho Tolstói, o seu espírito de grande senhor e a sua amizade pelo mujique. (TROTSKY, 1969, p. 195-196).

Na consideração do revolucionário russo, a arte revolucionária ainda não existe, apenas a base material para o seu surgimento e alguns sinais e tendências de seu aparecimento. A arte socialista, por sua vez, encontra-se mais distante ainda no horizonte do desenvolvimento social:

Não existe ainda arte revolucionária. Existem elementos dessa arte, sinais, tentativas de realizá-la e, antes de tudo, o homem revolucionário, que forma a nova geração à sua imagem e que necessita, cada vez mais, dessa arte. Quanto tempo transcorrerá para que ela, claramente, se manifeste? É difícil adivinhá-lo. Trata-se de um processo imponderável que não se pode calcular [...]. A arte da revolução, que reflete, abertamente, todas as contradições de um período de transição, não se deve confundir com a arte socialista, para a qual as bases ainda não existem. Não se deve esquecer, entretanto, que a arte socialista surgirá do que se fizer nesse período. (TROTSKY, 1969, p. 196).

Trotsky argumenta que essa distinção entre *arte revolucionária* e *arte socialista* não se resume a uma discussão terminológica ou excesso de formalismo para com o tema. O autor resgata Friedrich Engels como fonte teórica desta distinção, no qual o período revolucionário da luta de classes difere da etapa socialista de construção da humanidade, diferenças que expressam categorias distintas das relações de existência humana:

Não é por amor aos esquemas pedantes que insistimos nessa distinção. Engels não caracterizou, gratuitamente, a revolução socialista como o salto do reino da necessidade para o reino da liberdade. **A Revolução não representa ainda o reino da liberdade.** Ela, ao contrário, desenvolve ao mais alto grau **os traços da necessidade.** O socialismo abolirá os antagonismos de classe ao mesmo tempo que as próprias classes, mas a Revolução leva ao seu auge aqueles antagonismos. (TROTSKY, 1969, p. 196, grifos nossos).

Por isso, em sua visão, a literatura revolucionária é progressiva na medida em que fortalece a luta da classe operária, seu sentimento de ódio contra a classe dos exploradores. Contudo, essa literatura dirigida em oposição a um setor da sociedade não caracteriza a *arte socialista*, que deve estar assentada em outros fundamentos. Em sua concepção de *arte socialista*, “A solidariedade constituirá a base da sociedade” (TROTSKY, 1969, p. 196); e assentados sob esta base, estarão aflorados sentimentos e emoções humanas que já existem, mas que nada se relacionarão com uma sociedade dividida em classes:

Todas as emoções, que nós, revolucionários de hoje, hesitamos em chamar pelos seus nomes, tanto os hipócritas e vulgares os aviltaram, a exemplo da amizade desinteressada, o amor ao próximo e a simpatia, ressoarão como poderosos acordes na poesia socialista. (TROTSKY, 1969, p. 196).

Assim, Trotsky vislumbra o desenvolvimento da sociedade socialista a partir as contradições das classes sociais existentes no período de transição e, a partir daquele período histórico, adentra em questões filosóficas sobre o desenvolvimento do ser e sua relação com a sociedade:

Um excesso de solidariedade não ameaçaria degenerar o homem num animal sentimental, passivo, como os *nietzschianos* temem? De nenhum modo. A poderosa força da emulação, que, na sociedade burguesa se reveste das características da concorrência de mercado, não desaparecerá na sociedade socialista. Para usar a linguagem da Psicanálise, ela se sublimará, isto é, assumirá forma mais elevada e fecunda, convertendo-se em luta pela própria opinião, pelo próprio projeto e pelo próprio gosto. Na medida em que cessem as lutas políticas — numa sociedade, onde não haja classes, não haverá tais lutas — as paixões liberadas voltar-se-ão para a técnica, para a construção, inclusive a arte, que, naturalmente, se tornará mais geral, madura, forte, forma ideal de edificação da vida em todos os terrenos. A arte não será simplesmente aquele *belo* acessório sem relação com qualquer coisa. (TROTSKY, 1969, p. 197).

Portanto, na visão do autor, a arte teria um papel fundamental, preponderante não somente na formação humana desta nova sociedade, mas como expressão máxima do próprio desenvolvimento humano. Para Trotsky, os sentimentos e emoções naturalizadas numa sociedade de classes seriam canalizadas numa sociedade sem classes para formas superiores de relações sociais, formas mais fecundas e elevadas de sentimentos e emoções. As disputas de posições, encarnizada no capitalismo predatório assentado no individualismo egocêntrico, cederia lugar a outras formas de resolução de problemas, no que desenvolveria aspectos puramente técnicos, artísticos, filosóficos e, inclui ele, educacionais.

Em síntese, as fratricidas competições de classes e frações de classes sociais atualmente existentes, que se refletem nos diversos ramos do conhecimento e da cultura humana, definiria a disputas honestas sobre, por exemplo, a melhor

técnica de construção de engenharia de um prédio ou uma ponte; a melhor obra literária ou cinematográfica que expresse um determinado gênero; ao melhor sistema de treinamento do condicionamento físico para um atleta de alto nível da ginástica artística; ou que método de alfabetização de crianças é mais rápido e consistente.

Os partidos políticos, representantes de camadas de classes sociais para a disputa do poder, incluindo o partido revolucionário, deixaria de ter sentido em sua existência e novos *partidos*, vinculados às diferentes tendências artísticas ou educacionais, possivelmente surgiriam. Este entendimento de Leon Trotsky sobre o socialismo e as atividades humanas próprias a este modo de produção social, como métodos educativos e sistemas de treinamento esportivo, é mais evidente nesta passagem:

Todas as esferas da vida, como a cultura do solo, plano de habitações, a construção de teatros, **os métodos de educação**, a solução dos problemas científicos, a criação de novos estilos, tudo isso interessará a cada um e a todos. Os homens dividir-se-ão em *partidos* diante de um novo canal gigante ou da distribuição de oásis no Saara (esta questão também existirá), da regularização do clima, do novo teatro, de hipóteses químicas, das tendências da música, **do melhor sistema de esportes**. Semelhantes agrupamentos não serão envenenados com nenhum egoísmo de classe ou de casta. Todos se interessarão, igualmente, pelas realizações da coletividade. A luta assumirá um caráter puramente intelectual. Nada terá com a corrida aos lucros, a vulgaridade, a traição e a corrupção — tudo o que constitui a essência da *competição* na sociedade dividida em classes. A luta não será menos excitante, menos dramática e menos apaixonada por isso. E como os problemas da vida — que outrora se resolviam espontânea e automaticamente, tanto quanto os da arte, submetidos à tutela de castas sacerdotais — tornar-se-ão o patrimônio de todo o povo na sociedade socialista, pode-se dizer, com certeza, que os interesses coletivos, as paixões e a concorrência individual encontrarão campo mais vasto e oportunidades ilimitadas para se exercitarem. (TROTSKY, 1969, p. 197, grifos nossos).

Deste modo, no pensamento de Leon Trotsky sobre a educação na sociedade socialista, o debate sobre qual o melhor método de ensino, de educação, de treinamento esportivo ou de ginástica, serão problemas para a posteridade, quando

as condições materiais e de vida da sociedade se encontrarem a tal ponto desenvolvidas, que se poderia afirmar viver no socialismo.

A ditadura do proletariado, em vigor no período de transição do capitalismo ao socialismo, não se iguala ao período socialista, quando a divisão de classes sociais passariam a ter um grau de determinação menor ou irrelevante na formação do indivíduo e este, em detrimento da formação de uma personalidade limitada e fragmentada pelas próprias limitações e fragmentações de uma sociedade de classes, teria a possibilidade de desenvolver a sua personalidade no sentido mais amplo e inédito da história da humanidade. Assim, para Trotsky, as bases culturais da sociedade socialista “[...] constantemente aumentarão, a personalidade humana, com as suas inestimáveis qualidades de não contentar-se com o que até agora conseguiu, aperfeiçoar-se-á em todos os sentidos.” (TROTSKY, 1969, p. 198).

Ao considerar tal perspectiva, Trotsky discorre sobre vários aspectos da literatura e arte russa: de manifestações teatrais a temática religiosa; da tragédia grega a *shakesperiana*; relacionando-as com a arte socialista. Apesar de fugir da temática específica de nosso objeto, é interessante identificar como o autor perspectiva a criação do *novo* a partir dos gêneros clássicos, ressignificados à sua máxima potencialidade:

A nova arte será ateísta. Despertará a comédia, porque o novo homem deseja rir. Dará nova vida ao romance. Concederá todos os direitos ao lirismo, porque o novo homem amará melhor e mais intensamente que os antigos e terá outras ideias sobre o nascimento e a morte. A nova arte reviverá todas as formas que surgiram no curso do desenvolvimento do espírito criador. A desintegração e o declínio dessas formas não significam, absolutamente, que sejam incompatíveis com o espírito dos novos tempos. Basta que o poeta da nova época se ajuste, de outro modo, às ideias e aos sentimentos da humanidade. (TROTSKY, 1969, p. 208).

Se a nova arte do futuro alcançou este grau de abstração no pensamento de Leon Trotsky, ele também fez alguns prognósticos em campos mais específicos, como a arquitetura e o urbanismo, no qual vemos as relações com uma educação que assume características peculiares:

Não há dúvida de que, no futuro e, sobretudo, num futuro distante, as tarefas monumentais, tais como os planos das cidades-jardins, das casas-modelo, das vias férreas e dos portos, interessarão aos arquitetos, engenheiros, que participam das competições, e às massas populares. Em vez do amontoado, como os formigueiros, de quarteirões e ruas, pedra sobre pedra colocada de geração em geração, o arquiteto, compasso e mapa na mão, construirá as gigantescas cidades-vilas. Formar-se-ão grupos populares pró e contra, verdadeiros partidos técnico-arquitetônicos, com a sua agitação, suas paixões, seus comícios e seus pleitos, para discutir e votar esses planos. A Arquitetura palpitará de novo na excitação dos sentimentos e no estado de espírito das massas, numa escala mais elevada, **e a humanidade, educada mais plasticamente, se habituará a considerar o mundo como dócil argila, própria para esculpir formas sempre mais belas de vida.** (TROTSKY, 1969, p. 211, grifo nosso).

Em seu raciocínio, a arte não será ornamental, mas plástica. A arte se fundirá com a técnica de tal forma que será difícil a sua distinção:

O muro que separa a arte da indústria desabarará assim como o que afasta a arte da natureza. Não, como pensava Jean-Jacques Rousseau, que a arte se aproxime cada vez mais da natureza. Esta, ao contrário, é que chegará mais perto da arte. Não se pode considerar definitivo o lugar atual de montanhas, rios, campos, prados, estepes, florestas e litoral. O homem já efetuou mudanças não destituídas de importância no mapa da natureza, que no entanto parecem simples exercícios escolares comparados ao que ainda acontecerá. A fé somente prometia mover montanhas. A técnica, que nada admite *pela fé*, pode realmente derrubá-las e movê-las. Só o fez, até agora, para fins industriais (minas e túneis). Mas no futuro poderá fazê-lo numa escala incomparavelmente maior, de acordo com extenso plano industrial e artístico. O homem irá se ocupar com o novo inventário de rios e montanhas. Corrigirá séria e repetidamente a natureza. Remodelará eventualmente a face da Terra, a seu gosto. Não temos razão para temer que possa demonstrar mau gosto. (TROTSKY, 1969, p. 212).

Não somente a geografia física do planeta poderá ser remodelada, mas também o próprio ser humano e sua evolução social, que dirigirá e planejará a própria evolução biológica, segundo a visão socialista de Trotsky. Para tanto, a educação, nesta etapa da humanidade, finalmente poderá adquirir a importância social necessária:

Os sonhos pessoais de alguns entusiastas de hoje, que procuram dar à vida qualidades dramáticas e educar o homem na harmonia do ritmo, coadunam-se de modo coerente com essa perspectiva. O homem, nacionalizando a economia, penetrando-a com sua consciência e planejando-a, não deixará qualquer vestígio da atual vida cotidiana. **A tarefa cansativa de alimentar e educar as crianças passará da família para a iniciativa pública.** A mulher sairá enfim de sua semi-escravidão. **Ao lado da técnica, a pedagogia formará psicologicamente novas gerações e regerá a opinião pública. Experiências de educação social, na emulação de métodos, atingirão níveis até agora inconcebíveis.** O modo de vida comunista não crescerá cegamente como os recifes de coral no mar, mas controlado, dirigido e retificado, de forma consciente, pelo pensamento crítico. O homem, que saberá deslocar rios e montanhas, que saberá construir palácios do povo nas alturas de Mont Blanc ou no fundo do Atlântico, dará à sua existência riqueza, cor, intensidade dramática e o maior dinamismo. Mal uma crosta começa a se formar sobre a superfície da vida humana e estourará sob a pressão de novas invenções e realizações. Não, a vida do futuro não será monótona.

O homem, enfim, começará seriamente a harmonizar seu próprio ser. Tentará obter maior precisão, discernimento, economia e, por conseguinte, beleza nos movimentos de seu próprio corpo, no trabalho, no andar, no divertimento. Tentará dominar os processos semiconscientes e inconscientes de seu próprio organismo: respiração, circulação do sangue, a digestão, a reprodução. E, nos limites inevitáveis, desejará subordiná-los à razão e à vontade. A espécie humana, congelada no *Homo sapiens*, transformar-se-á radicalmente e se tornará, sob as suas próprias mãos, em objeto dos mais complexos métodos de seleção artificial e de exercícios psicofísicos. (TROTSKY, 1969, p. 214-215, grifo nosso).

Articulado com a necessidade de superação de diversas outras contradições das sociedades de classes, como a opressão da mulher e a anarquia da produção capitalista, quando esta vida não terá mais vestígios de sua existência, a não ser nos museus e livros de história, a educação das crianças, como atividade pública e coletiva, de igual modo vencerá os limites da formação humana hodierna, incluindo a formação para desenvolver o ser humano em seu sentido mais pleno e absoluto, o que se transcender-se-á com a formação sucessiva de novas gerações.

Para tal, os experimentos de métodos educativos aflorar-se-ão de tal forma, inconcebíveis para os tempos atuais, que não se pode negar a possibilidade de, tal como Trotsky vislumbra no campo da arte, a formação de partidos voltados para a disputa teórica de tal ou qual método pedagógico.

O movimento humano e o próprio corpo em si, satisfeitas suas necessidades biológicas e rompida as amarras ideológicas da alienação, poderá desenvolver o seu autodomínio, construindo novos graus de estética, de mobilidade, de flexibilidade, de condicionamento, de manifestações da cultura corporal, que poderá fazer progressos na escala evolutiva da espécie humana.

O estágio de desenvolvimento avançado da humanidade, discorre Trotsky, permitirá ao ser humano a criação de “um tipo biológico e social superior, um super-homem” (TROTSKY, 1969, p. 215), no qual o domínio completo da natureza, das ferramentas da ciência, da arte e da educação, permitir-lhe-á dominar o seu próprio corpo:

A construção social e a auto-educação psicofísica vão se tornar duas faces de um só processo. E todas as artes — literatura, teatro, pintura, escultura, música e arquitetura — darão a esse processo uma forma sublime. Mais exatamente, a forma que revestirá o processo de edificação cultural e de autoeducação do homem comunista desenvolverá ao mais alto grau os elementos vivos da arte contemporânea. O homem irá se tornar incomparavelmente mais forte, mais sábio e mais sutil. Seu corpo será mais harmonioso, seus movimentos mais rítmicos, sua voz mais melodiosa. As formas de sua existência adquirirão qualidades dinamicamente dramáticas. A espécie humana, na sua generalidade, atingirá o talhe de um Aristóteles, de um Goethe, de um Marx. E sobre ela se levantarão novos cumes. (TROTSKY, 1969, p. 179-180).

Como podemos observar, diferente da visão idealista construída por Bogdanov em *Estrela Vermelha*, que descreve uma nova espécie de humanoides numa fictícia sociedade comunista abstrata, Trotsky perspectiva teoricamente a formação de seres humanos melhores, com maiores habilidades corporais, sociais e intelectuais, que permitirão distinguir um “tipo biológico e social superior” (TROTSKY, 1969, p. 215), tal como o conceito nietzschiano de *Übermensch* [além-homem ou super-homem].

Neste prognóstico, a educação social passou a ser denominada por ele como *auto-educação*. Pelo seu texto, deduz-se que tal *auto-educação* se processa concomitantemente ao processo de construção e edificação cultural do comunismo, no qual a formação humana almeja um ser humano “mais fortes, mais sábio, mais

sutil” (TROTSKY, 1969, p. 180), assim, ao invés da visão de comunismo *a la Bogdanov*, para Trotsky, a referência ideal para esses seres humanos do futuro, encontram suas fundações em Aristóteles, Goeth e Marx, isto é, nos seres humanos que a humanidade melhor havia produzido até aquele momento.

5.4 TAREFAS DA EDUCAÇÃO COMUNISTA

O texto é assinado na data de 18 de junho de 1923, ou seja, em meio aos escritos de *Questões do modo de vida* e de *Literatura e revolução* e; aborda com maior síntese e objetividade, o pensamento de Leon Trotsky sobre educação para aquele presente contexto histórico.

A versão editorial usada como fonte desta tese, encontra-se na língua inglesa, publicada como um dos capítulos de *Problems of everyday life*, com o título *Tasks of communist education*. Trata-se de um discurso de comemoração alusivo ao quinto aniversário da Universidade Sverdlov, o qual o autor havia sido convidado a proferir.

O texto está dividido em oito tópicos: 1. *O novo humano e o revolucionário*; 2. *NEP, o cerco imperialista e a Internacional*; 3. *O revolucionário e o misticismo*; 4. *Darwinismo e marxismo*; 5. *Teoria da luta revolucionária*; 6. *Em memória de Sverdlov*; 7. *O partido no Ocidente*; 8. *Universidade de Sverdlov e Lenin*.

De modo mais direto que a exposição de *Literatura e revolução*, Leon Trotsky afirma que não é o objetivo da educação soviética formar um novo ser humano para uma futura sociedade comunista:

Camaradas, frequentemente é afirmado que o objetivo da educação comunista é criar um novo ser humano. Essas palavras são meio generalizadas, meio sentimentais. Realmente, em aniversários, os sentimentos não são apenas permitidos, como encorajados. No entanto, nesse aniversário, nós não precisamos permitir uma genérica interpretação humanitária do conceito de “novo ser humano” ou do objetivo da educação comunista. Não há dúvidas de que o novo humano do futuro, o cidadão da comunidade, ele será imensamente interessante e um ser com uma psicologia atraente – os futuristas que me perdoem, mas eu sonho que o humano do futuro irá possuir uma psicologia [risos] – com uma psicologia, como que ia dizendo – muito diferente da nossa. Nossa tarefa atual – infelizmente se é o seu desejo – não é a educação do ser humano do futuro. O utópico ponto de vista humanitário-psicológico é o primeiro ponto que nós devemos educar no “novo ser humano”, e então eles irão criar suas novas condições.³⁴⁷ (TROTSKY, 1986, p. 107, tradução nossa).

Na lógica de Leon Trotsky, o comunismo, como sociedade livre das ameaças de intervenção e invasão militar pelo cerco dos demais Estados capitalistas; livre das amarras impostas pelas leis de troca das mercadorias e; por decorrência desta última, livre da necessidade de compra e venda da força de trabalho, ainda seria um ideal a ser alcançado. Por isso, em sua visão, ainda não estaria colocado para aquele momento, uma educação cujo objetivo se delimitaria em torno de formar um ser humano para uma sociedade comunista, a não ser como projeto.

A educação, no período de transição, para além das palavras de incentivo e carregadas de sentimentos revolucionários, deveria responder às tarefas colocadas para aquele momento histórico, limitado pelas condições materiais e históricas que precisam ser transformadas por aquela geração.

As condições materiais determinam os seres humanos e a sua educação, mas são os seres humanos que podem alterar as condições materiais que limitam a

347 “Comrades, it is frequently asserted that the objective of communist education is to rear a new human being. These words are a little too general, too sentimental. True, on anniversaries, sentiment is not only permitted but encouraged. However, on this anniversary, we do not need to permit a formless humanitarian interpretation of the conception ‘the new human being’ or of the objective of communist education. There is no doubt whatever that the person of the future, the citizen of the commune, will be an exceedingly interesting and attractive being with a psychology - the Futurists will pardon me, but I fancy that the person of the future will possess a psychology [laughter] - with a psychology, as I was saying, very different from ours. Our present task - unfortunately, if you like - is not the education of the human being of the future. The utopian humanitarian-psychological view point is that first we must educate the ‘new human beings’ and then they will create the new conditions.” (tradução nossa).

sua *psicologia*, isto é, o seu desenvolvimento psíquico-cognitivo. A questão foi posta por Marx na polêmica com o materialismo de Feuerbach, da seguinte maneira: “A doutrina materialista sobre a modificação das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias são modificadas pelos homens e que o próprio educador tem de ser educado.” (MARX, 2007, p. 533).

Sem ter acesso a este rascunho de Marx, cuja publicação fora somente em 1929 com o título *Teses sobre Feuerbach*, Trotsky explica essa complexa interação dialética entre as circunstâncias e a educação dos seres humanos:

Nós sabemos que os seres humanos são o produto de suas condições sociais e não podem de repente se esquivarem delas. Mas nós conhecemos algo a mais: nomeadamente, existe uma complexa relação de interação mútua entre as condições e os seres humanos. Os próprios indivíduos são os instrumentos do desenvolvimento histórico e não os instrumentos menos importantes. Então, dentro dessa complicada interação histórica do ambiente com seres humanos ativamente funcionando, nós mesmos estamos criando agora (com a Universidade de Sverdlov como uma das nossas ferramentas) não a abstração harmoniosa e o perfeito cidadão da comunidade – ah, não! **Nós estamos formando o verdadeiro ser humano da nossa época**, o qual ainda tem que lutar para criar as condições nas quais o harmonioso cidadão da comunidade pode surgir.³⁴⁸ (TROTSKY, 1986, p. 107-108, grifos nosso, tradução nossa).

Para Leon Trotsky, a educação, portanto, não pode ser concebida como uma abstração que atende ao desejo de uma formação abstrata para uma sociedade inexistente. O objetivo da educação seria formar o ser humano para uma determinada época histórica e, na avaliação do autor, a época de transição no qual o regime soviético subsiste, continua a ser uma época de luta entre o proletariado mundial e a burguesia internacional.

348 “We know that human beings are the product of social conditions. and cannot somehow jump out of them. But we know something else: namely, that there exists a complex, mutually interacting relationship between conditions and human beings. Individuals themselves are the instruments of historical development, and not the least important instruments. So that within this complicated historical interweaving of environment with actively functioning human beings, we ourselves are now creating (and with Sverdlov University as one of our tools) not the abstractly harmonious and perfect citizen of the commune - oh, no. We are forming the real human beings of our epoch, who still have to fight to create the conditions out of which the harmonious citizen of the commune may emerge.” (tradução nossa).

A formação do ser humano na época ou período de transição, evidentemente, não é semelhante a formação do operariado sob o modo de produção capitalista, limitado a instrução básica e técnica, somada a inculcação das ideologias, dos valores e da moral da sociedade burguesa, como o próprio Trotsky esboçou anteriormente em *Terrorismo e comunismo*.

A educação na época de transição objetivaria a formação do ser humano revolucionário e, na leitura de Trotsky, se a formação do sujeito revolucionário é adequada às circunstâncias e as tarefas colocadas no período de transição, já não seria pertinente numa sociedade comunista, onde não existiriam classes sociais.

Assim, Trotsky explica por que o sujeito comunista – os *tataranetos* dos revolucionários de outrora, segundo ele diz, não poderiam ser igualmente revolucionários tal qual a presente geração foi formada:

Na nossa concepção de “revolucionário”, nós combinamos nosso pensamento, nossa força, o resumo total de nossas maiores paixões. Sendo assim, a palavra “revolucionário” é permeada com a mais alta moral e ideais que nos foram transmitidos de toda uma época anterior de evolução cultural. Deste modo, pode parecer que estamos difamando a futura geração quando nós não pensamos nela como um grupo de revolucionários. No entanto, nós não devemos esquecer que **o revolucionário é produto de definidas condições históricas, um produto das classes sociais. O revolucionário não é uma abstração psicológica. A revolução por si só não é um princípio abstrato, mas um fato material histórico, que cresce fora dos antagonismos de classe, fora da violenta subjugação de uma classe por outra. Então o revolucionário é um ser histórico concreto – e conseqüentemente um ser temporário.** Nós somos apenas orgulhosos de pertencermos a este grupo. Mas através do nosso trabalho nós estamos criando as condições para uma ordem social na qual não haverá antagonismos de classe, nem revoluções, e sendo assim, nem revolucionários.³⁴⁹ (TROTSKY, 1986, p. 108, grifos nossos, tradução nossa).

349 “In our conception of ‘revolutionist’ we combine our thought, our strength, the sum total of our highest passions. Therefore, the word “revolutionist” is permeated with the highest ideals and morals that have been handed down to us from the whole preceding epoch of cultural evolution. Thus it would seem that we cast an aspersion on future generations when we do not think of them as composed of revolutionists. But we must not forget that the revolutionist is a product of definite historical conditions, a product of class society. The revolutionist is no psychological abstraction. Revolution in itself is no abstract principle, but a material historical fact, growing out of class antagonisms, out of the violent subjugation of one class by another. Thus the revolutionist is a concrete historical type - and consequently a temporary one. We are justly proud of belonging to this type. But by our work we are creating the conditions for a social order in which there will be no class antagonisms, no revolutions, and thus no revolutionists.” (tradução nossa).

De acordo com o seu pensamento, se não há divisão de classes sociais, não há necessidade de uma revolução social e, se não há revolução, não há necessidade de haver revolucionários e, portanto, de educar ou formar revolucionários. A revolução social e os sujeitos que a movem são fenômenos históricos concretos, datados no tempo e no espaço.

Ressalta-se que o autor trata particularmente sobre o fenômeno histórico das revoluções circunscritas nas perspectivas sociais e políticas, destarte, revoluções continuariam a existir em outros campos da atividade humana, como na ciência, nas artes e na filosofia, conforme explica:

É claro, o significado real da palavra “revolucionário” pode ser estendido para contemplar toda a atividade humana consciente – tais como o desejo de aproveitar a natureza, ou expandir o ganhos tecnológicos e culturais, ou ainda construir pontes para outros universos que nós não podemos conhecer agora ou imaginar.³⁵⁰ (TROTSKY, 1986, p. 108, tradução nossa).

Mas para o autor, os revolucionários daquele período histórico, um período de transição do capitalismo ao socialismo, não poderiam se *dar ao luxo* de destinar tempo para fazer o que o mesmo nomeia como divagações, pois a tarefa fundamental e histórica da classe operária, segundo o autor, não seria fazer uma revolução na ciência ou na arte, mas acabar com a divisão das classes sociais no mundo.

Essa tarefa histórica teria uma hierarquia na ditadura do proletariado do regime soviético, quando o modo de produção capitalista não mais predomina em sua totalidade, mas a organização mundial da produção e distribuição de bens de acordo com as necessidades de cada um ainda se configuraria como realidade distante, o que teria consequências na definição dos objetivos da educação para aquele momento:

350 “Of course, the very meaning of the word ‘revolutionist’ could be extended to cover all conscious human activity - such as that aimed at harnessing nature, or expanding technical and cultural gains, or even building bridges to other universes that we cannot now know or imagine.” (tradução nossa).

Nossa sociedade deu um grande salto para fora da escravidão capitalista, mas **nem mesmo o começo de uma harmoniosa sociedade comunista está no horizonte**. Como consequência – e eu não acho que esteja incorreto enfatizar isto, e assim fazê-lo mais forte do que nunca na ocasião do aniversário da Universidade de Sverdlov – **não deveríamos entender nosso objetivo educacional como sendo a criação, sob condições laboratoriais, de uma harmoniosa comunidade durante essa fase transicional de uma sociedade extremamente desarmoniosa**. Tal objetivo seria lamentável e infantilmente utópico. **Nós queremos lutadores e revolucionários que serão guardiões e sucessores das tradições revolucionárias históricas que nós ainda não cumprimos.**³⁵¹ (TROTSKY, 1986, p. 108-109, grifos nossos, tradução nossa).

Assim, ao mesmo tempo que Trotsky expressa discordar da aplicação de experiências de uma educação comunista para uma sociedade comunista, pois inexistente, portanto abstratas, anuncia que os objetivos educacionais na fase de transição do capitalismo ao socialismo devem centrar-se na formação de “lutadores e revolucionários” (TROTSKY, 1986, p. 109).

Mas como formar esses lutadores e revolucionários ou que elementos seriam fundamentais e basilares para alicerçar esta educação? Em nossa análise, essa questão é desenvolvida pelo autor russo ao longo do texto, no que encontramos as seguintes categorias: o método de exemplo negativo; ciência como base da educação; teoria marxista e prática revolucionária; o combate teórico ao idealismo religioso.

5.4.1 O método de exemplo negativo

Trotsky aborda o questionamento sobre como seria possível educar novos indivíduos no regime soviético em meio a existência da NEP, cujas relações capitalistas se fazem presentes. O autor responde que os bolcheviques, além de toda uma geração de revolucionários, foram formados sob as condições do

351 “Our society has made a great leap out of capitalist slavery, but even the threshold of a harmonious communist society is not yet in sight. As a consequence - and I do not think it is out of place to emphasize this, and to do so more strongly than ever, on the occasion of Sverdlov University's anniversary - we should in no way see our educational objective to be the creation, under laboratory conditions, of the harmonious communitard during this extremely dish armonious transition al phase of society. Such an objective would be pitiful and puerile utopianism. We want to create fighters and revolutionists who will be the guardians and successors of the historical revolutionary traditions that we have not yet completely fulfilled.” (tradução nossa).

capitalismo russo; argumenta que se não fosse este modo de produção e as condições materiais e subjetivas peculiares que resultaram no regime dos czares, o partido revolucionário jamais teria se desenvolvido de tal forma e, com ele, toda a geração de revolucionários russos. Portanto, a vigência da NEP não seria, em si, um problema para a formação e educação das novas gerações:

Nesse sentido, eu pergunto, poderia a NEP dificultar o desenvolvimento de lutas revolucionárias? Não. De fato, isso torna nossas tarefas históricas mais específicas e hoje serve como o mais importante método de treinamento ao trabalhador revolucionário e a juventude camponesa através **do exemplo negativo**.³⁵² (TROTSKY, 1986, p. 110, grifo nosso, tradução nossa).

Trotsky explica este método do *exemplo negativo* a partir de como ele entende o processo da educação espartana do mundo antigo. O autor realiza uma ilustração específica sobre ensinar jovens a não consumir bebida alcoólica: os espartanos mostravam aos jovens, relata Trotsky, as condições decadentes dos escravos sob efeito alcoólico exacerbado, de modo a influenciar-lhes negativamente o comportamento. Tal processo se assemelha ao método de condicionamento do comportamento descrito posteriormente por B. F. Skinner³⁵³ como reforço negativo.

Apesar de Trotsky não citar algum comportamentalista no texto, a semelhança não somente dos termos, mas da situação descrita na ilustração remetem ao mesmo esquema teórico. Contudo, Trotsky (1986) afirma que os estudantes da Universidade Sverdlov não precisam deste método – no caso, a visita aos bêbados. Com tal afirmação, pontua que nas questões sociais, o regime soviético tem seus “bêbados” e “sóbrios” homens da NEP (TROTSKY 1986, p. 110), além da burguesia vivente no exterior, para vos lembrar que a propriedade privada e o capital ainda são fatos históricos.

352 “In what sense, I ask, could NEP hamper the development of revolutionary fighters? It does not. In fact, it makes our historical tasks more specific and today serves as a most important method for training revolutionary worker and peasant youth by negative example.” (tradução nossa).

353 Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), psicólogo norte-americano, foi um dos principais representantes do behaviorismo, método que investiga o comportamento humano a partir da resposta a estímulos ambientais. Foi professor da Universidade de Harvard e de Minnesota e escreveu diversas obras, como *O comportamento do organismo*, de 1938; *Ciência e comportamento humano*, de 1953; *Comportamento verbal*, de 1957; além do romance *Walden II*, de 1948.

Assim, quando Trotsky menciona que os trabalhadores e camponeses precisam ser treinados ou ensinados no *exemplo negativo*, não se limita a aplicação de um condicionamento do tipo reforço negativo, pois a própria existência do capital, por meio dos *nepmens* e da burguesia imperialista, colocam a necessidade de hierarquizar a superação da sociedade de classes como questão fulcral.

Desta forma, em vez de estabelecer uma educação das novas gerações soviéticas voltado para idealizações futuras, coloca o objetivo fundamental da educação em torno das tarefas históricas que ainda precisam se realizadas: a revolução do proletariado mundial e o fim da sociedade de classes.

Em razão disso, o autor reforça que a luta de classes, especialmente naquele momento, assume diferentes formas, seja da luta pela defesa militar da revolução, o que exige domínio técnico em certos temas, seja com o uso da diplomacia e da arte da negociação, os quais necessitam, igualmente, de outros conhecimentos.

Estes elementos não seriam secundários, na visão do autor, frente às necessidades formativas e educacionais dos revolucionários, em detrimento de centenas de experiências educacionais direcionadas para o que ele chama de “abstrações humanitárias”³⁵⁴ (TROTSKY, 1986, p. 110, tradução nossa).

5.4.2 Ciência como base da educação

Trotsky sustenta que as ciências naturais devem constituir como a base da formação na Universidade Sverdlove; pontua especialmente a importância do ensino da teoria da evolução das espécies, de Charles Darwin. Afirma: “Sem Darwin, nós não estaríamos onde estamos agora”.³⁵⁵ (TROTSKY, 1986, p. 113, tradução nossa).

Assim, a lei de desenvolvimento e evolução das espécies, descoberta pelo naturalista britânico, em sua visão, possui um valor incomensurável para o ensino do marxismo, sobretudo das futuras gerações de revolucionários:

354 “humanitarian abstractions”. (tradução nossa).

355 “Without Darwin, we would not be where we are now.” (tradução nossa).

Nesse ponto, como em outros aspectos, o darwinismo é o precursor do marxismo. Levando em conta um senso materialista e dialético amplo, o marxismo é a aplicação do darwinismo na sociedade humana. [...] Apenas a conexão interna entre o darwinismo e o marxismo que se faz possível compreender o ritmo vivo da existência em sua conexão inicial com a natureza inorgânica; em sua profunda particularização e evolução, em sua dinâmica; em sua diferenciação das necessidades de vida entre as primeiras variedades elementares do reino vegetal e animal; em suas lutas; em suas mudanças; em seu crescimento; tornando-se mais sofisticado na forma; na aparência do “primeiro” humano ou criatura humanóide, segurando os primeiros objetos-ferramentas; no desenvolvimento da cooperação primitiva, essas criaturas usando as ferramentas que elas mesmas criaram; na futura estratificação da sociedade baseada no desenvolvimento dos meios de produção, ou seja, dos meios de subjugação da natureza; na guerra de classes; e finalmente; na luta pela abolição de classes.³⁵⁶ (TROTSKY, 1986, p. 114-115, tradução nossa).

5.4.3 Teoria marxista e prática revolucionária

Trotsky parte do pressuposto que a prática é o critério da verdade: “a prática vence no final”³⁵⁷ (TROTSKY, 1986, p. 113, tradução nossa). Este preceito é usado como base para o autor questionar e colocar à prova as teorias que não possuem correspondência com a realidade.

Todavia, o autor argumenta sobre a importância da teoria quando esta realiza uma compreensão correta da realidade e sintetiza a experiência racional acumulada pela humanidade. Sobre esta relação entre a teoria e a prática, afirma:

356 “In this, as in other respects, Darwinism is a forerunner of Marxism. Taken in a broadly materialist and dialectical sense, Marxism is the application of Darwinism to human society. [...] It is only the inner connection between Darwinism and Marxism that makes it possible to grasp the living flow of existence in its initial connection with inorganic nature; in its further particularization and evolution; in its dynamics; in the differentiation of the necessities of life among the first elementary varieties of the vegetable and animal kingdoms; in its struggles; in its changes; in its growth, as it became more sophisticated in form; in the appearance of the ‘first’ human or humanoid creature, taking up the first tool-like objects; in the development of primitive cooperation, these creatures putting to use tools that they made themselves; in the further stratification of society on the basis of the development of the means of production, that is, of the means of subjugating nature; in class war fare; and finally, in the struggle for the abolition of classes.” (tradução nossa).

357 “practice wins in the end.” (tradução nossa).

Visto a partir dessa perspectiva, o contraponto entre teoria e prática se esvai, já que teoria não é nada mais do que a prática corretamente considerada e generalizada. A teoria não supera a prática, pelo contrário, traz um sentido impensado, puramente empírico e cru. Nós temos todo o direito de dizer “se arme com a teoria desde que na última análise a teoria vença”. A fim de que sejamos capazes de avaliar com propriedade as condições do combate, incluindo a situação da sua própria classe, você precisa de um método confiável para se orientar politicamente e historicamente. Essa orientação é o marxismo, ou com todo respeito a última geração, o leninismo.³⁵⁸ (TROTSKY, 1986, p. 113-114, tradução nossa).

Primeiramente, Trotsky estabelece uma relação entre teoria e prática, no qual a primeira parte da segunda. A teoria, diz o autor, tece considerações sobre a prática, de maneira a melhor elucidá-la, como também correlacioná-la a outros fenômenos, permitindo a sua generalização. que melhor podem contribuir em sua assertiva apropriação e generalização. Mas para esta apropriação teórica da prática seria necessário um método adequado. Assim, sustenta que nas mãos do proletariado, a teoria pode se tornar uma arma política, cuja maior expressão histórica se encontra na teoria elaborada por Marx e Engels, com a inserção de Lenin, atual para aquela época.

Os escritos destes autores deveriam constituir, na proposição de Trotsky, os alicerces basilares da educação revolucionária:

[...] são os componentes fundamentais de uma genuína educação comunista. Com certeza Marx, com certeza Engels, com certeza Lenin, são as bases, a fundação, o alicerce da teoria. Porém, apenas com livros você treinará apenas ratos de bibliotecas!³⁵⁹ (TROTSKY, 1986, p. 110, tradução nossa).

358 “Seen from this standpoint, the counterposition between theory and practice vanishes, for theory is nothing other than correctly considered and generalized practice. Theory does not overcome practice, but rather the thoughtless, purely empirical, crude approach to it. We have every right to say ‘arm yourself with theory since in the last analysis theory wins out’. In order to be able to properly evaluate the conditions of the struggle, including the situation of your own class, you need a reliable method for political and historical orientation. This is Marxism, or with respect to the latest epoch, Leninism.” (tradução nossa).

359 “Are the fundamental component of a genuine communist education. Of course Marx, of course Engels, of course Lenin, are the basis, the foundation, the bedrock of theory. But with books alone, you will train only bookworms!” (tradução nossa).

A teoria de Marx, Engels e Lenin, isto é, o arcabouço teórico do materialismo histórico dialético com a contribuição do leninismo, não é compreendido por Trotsky como um pensamento escolástico, academicista, isto é, deslocado da realidade da luta de classes:

Marx e Lenin – esses são nossos dois guias supremos na esfera do pensamento social. As ideias desses dois homens, que incorporaram a visão de mundo materialista e dialética, formam a base do programa da Universidade Comunista de Sverdlov. Marx-Lenin! Essa combinação exclui qualquer pensamento “academicista”. Eu tenho em mente aquelas discussões sobre o academicismo as quais foram conduzidas em suas escolas e posteriormente acharam o seu caminho nas colunas da imprensa partidária em geral. O academicismo a partir do senso que acredita na importância autônoma da teoria é duplamente absurdo para nós como revolucionários. A teoria fornece humanidade coletiva; funciona como a causa da revolução.³⁶⁰ (TROTSKY, 1986, p. 114, tradução nossa).

Deste modo, o academicismo, entendido como teoria autônoma à atividade prática, é rechaçado por Trotsky. O autor concebe a teoria de maneira articulada, mas não somente aos interesses dos operários russos, como também à dinâmica da luta de classes no terreno mundial:

360 “Marx and Lenin - these are our two supreme guides in the sphere of social thought. The ideas of these two men, who embody the materialist and dialectical world view, form the basis of the program of the Sverdlov Communist University. Marx-Lenin! This combination precludes any thought of ‘academicism’. I have in mind those discussions about academicism which were conducted in your schools and later found their way into the columns of the general party press. Academicism in the sense of the belief in the self-contained importance of theory is doubly absurd for us as revolutionaries. Theory serves collective humanity; it serves the cause of revolution.” (tradução nossa).

Combatentes revolucionários podem ser treinados somente sob condições às quais eles sejam de uma só vez firmados em um alicerce de teoria e intimamente e inseparavelmente conectados com a realidade prática da luta de classe revolucionária pelo mundo. Observar essa luta ao redor do globo com a máxima atenção, penetrando em sua lógica, entendendo suas leis internas, são as condições primárias para treinar os jovens revolucionários da nossa época, uma época a qual todas as políticas e toda a cultura, mesmo que através das mais cruéis e sangrentas contrações, está se tornando cada vez mais internacional.³⁶¹ (TROTSKY, 1986, p. 111-112, tradução nossa).

A concepção de Trotsky sobre o marxismo, enquanto uma teoria do conhecimento que não somente se relaciona com a atividade prática revolucionária, mas que não pode existir sem ela, revela uma visão ontológica sobre a necessidade da educação revolucionária pautar-se por esta concepção:

361 "Revolutionary fighters can be trained only under conditions in which they are at once based on a bedrock of theory and closely and inseparably linked with the practical reality of the revolutionary class struggle throughout the world. Observing this worldwide struggle with the utmost attention, penetrating its logic, understanding its inner laws, are the primary conditions for training young revolutionaries in our epoch, an epoch in which all of politics and all of culture, even down to their most fiendish and bloody contradictions, are becoming more and more international." (tradução nossa).

[...] é impossível dominar genuinamente o marxismo se você não tem a vontade pela ação revolucionária. Somente se a teoria marxista for combinada com essa vontade e direcionada em torno da superação das condições existentes é que ela será uma ferramenta para furar e perfurar. E se esse revolucionário ativo se ausentar, então o marxismo vira um pseudomarxismo, uma faca de madeira que não apunhala e nem corta. E é isso o que estava escondido no caminho dos nossos marxistas legais. Eles foram gradualmente se transformando em liberais.

A vontade pela ação revolucionária é a pré-condição para o domínio da dialética marxista. Uma não pode viver sem a outra. O marxismo não pode ser academicista sem deixar de sê-lo, ou seja, é a ferramenta teórica da ação revolucionária. A Universidade de Sverdlov está guardada da degeneração acadêmica porque é uma instituição partidária, e continuará a ser uma guarnição na sitiada fortaleza revolucionária.³⁶² (TROTSKY, 1986, p. 114-115, tradução nossa).

Observamos que Leon Trotsky não sobrepõe a chamada *prática revolucionária* à teoria, pois uma não existe sem outra; o marxismo, em sua visão, ao mesmo tempo que nega o academicismo, reivindica-o, ou seja, a teoria marxista seria uma afiada arma para um combate, sem o qual não teria utilidade alguma, tanto quanto um duelo se definiria quando um dos esgrimistas não conseguisse dominar o seu sabre.

Tal relação, de recíproca determinação entre teoria e prática, deve ser, na visão de Trotsky, o balizador no marxismo a ser usado na formação de revolucionários na Universidade Sverdlove.

5.4.4 O combate teórico ao idealismo religioso

Segundo Trotsky, os revolucionários formados pela Universidade Sverdlov devem adquirir certas características. O *revolucionário* não estaria separado do

362 “The key to this feeling is that it is impossible to genuinely master Marxism if you do not have the will for revolutionary action. Only if Marxist theory is combined with that will and directed toward overcoming the existing conditions can it be a tool to drill and bore. And if this active revolutionary will is absent, then the Marxism is pseudo-Marxism, a wooden knife which neither stabs nor cuts. And that is what it was under the direction of our legal Marxists. They gradually were transformed into liberals. The willingness for revolutionary action is a precondition for mastering the Marxist dialectic. The one cannot live without the other. Marxism cannot be academicism without ceasing to be Marxism, i.e., the theoretical tool of revolutionary action. Sverdlov University is guarded from academic degeneration because it is a party institution, and will continue to be a garrison in the besieged revolutionary fortress.” (tradução nossa).

proletariado, o que lhe conferiria determinadas condições psicológicas, as mesmas que determinam a existência de sua classe, ou seja, haveria questões históricas objetivas e questões subjetivas, internas ao revolucionário em formação.

Ambas as questões devem ser objeto de tratamento na formação por parte do Instituto Sverdlove, o qual Trotsky se dirige, contudo, sobre as questões subjetivas, tende a pontuar uma preocupação maior:

Em suas atividades, revolucionários estão limitados apenas pelos obstáculos externos, não pelos internos. Por isso, eles devem se treinar para avaliar sua situação, a realidade concreta e material de sua inteira arena de atividade, em seus aspectos positivos e negativos e desenhar o balancete político correto. Contudo, se o revolucionário é internamente impedido por obstáculos subjetivos, está lhe faltando entendimento ou desejo, ele está paralisado por um desacordo interno, por preconceitos religiosos, nacionais, etnocêntricos ou de habilidades, então ele é na melhor das hipóteses apenas meio revolucionário.³⁶³ (TROTSKY, 1986, p. 112, tradução nossa).

Assim, para Trotsky, as ideologias reacionárias que entranham a classe proletária, podem dificultar ou mesmo impedir a formação de um revolucionário por inteiro. Em razão disso, é taxativo em negar o conhecimento religioso, místico, mítico e as superstições, como componentes de um processo educacional na formação de revolucionários:

Sendo assim, a educação aos revolucionários precisa, acima de tudo, significar emancipação de todo um legado de ignorância e superstição, que é frequentemente preservado mesmo nas mais sensatas consciências. E portanto, nós demonstramos irreconciliável oposição a qualquer um que deseje sugerir que o misticismo ou os sentimentos religiosos e estados de espírito possam ser compatíveis com o comunismo.³⁶⁴ (TROTSKY, 1986, p. 111-112, tradução nossa).

363 "In their activities, revolutionists are limited only by external obstacles and not by internal ones. That is, they must train themselves to evaluate their situation, the material and concrete reality of their entire arena of activity, in its positive and negative aspects, and to draw the correct political balance sheet. But if the revolutionist is internally hampered by subjective hindrances to action, is lacking in understanding or will, is paralyzed by internal discord, by religious, national, ethnocentric, or craft prejudices, then he is at best only half a revolutionist." (tradução nossa).

364 "Therefore, the education of revolutionists must, above all, mean their emancipation from all legacies of ignorance and superstition, which are frequently preserved even in very 'sensitive' consciousnesses. And therefore, we show irreconcilable opposition to anyone who dares to suggest that mysticism or religious sentiments and frames of mind might be compatible with

Para Leon Trotsky, se o teísmo é uma doutrina incompatível com a forma de pensar de um revolucionário marxista; na formação teórica do revolucionário, seria imprescindível, portanto, uma consistente base filosófica materialista e, logo, ateuista:

Nós consideramos o ateísmo, que é um elemento inseparável de uma visão de vida materialista, ser um pré-requisito para a educação teórica do indivíduo revolucionário. Aqueles que acreditam em outro mundo não são capazes de concentrar todo seu desejo de transformação no mundo o qual vivemos.³⁶⁵ (TROTSKY, 1986, p. 112, tradução nossa).

Todavia, se o ateísmo é compatível com a filosofia dialética materialista da história e deve ser um dos fundamentos da educação revolucionária, Trotsky entende que o partido revolucionário não pode ser sectário e *fechar as portas* aos operários e camponeses de consciência não-revolucionária, cujo baixo nível cultural e educativo não lhes permitiram superar as ideologias religiosas e crenças idealistas.

A preocupação de Trotsky, particularmente naquele contexto, é com os povos e nações do Leste que formam a União Soviética, pertencentes às regiões de Turquestão, Azerbaijão, Geórgia e Armênia. Estes não possuíam, na leitura do autor, o mesmo grau de desenvolvimento econômico e produtivo da Rússia de início de século, como também, o mesmo acúmulo de experiência histórica da luta de classes.

Em síntese, foi a Revolução de Outubro de 1917 que trouxe a vida política para estes povos, majoritariamente formados por camponeses, que se encontravam nos estágios mais atrasados de desenvolvimento capitalista, quando não no servilismo ou barbarismo seminômade, que, naquele momento, voltavam-se ao partido revolucionário e viam nele, uma alternativa para as suas decadentes condições de vida, antes concebidas como eternas e invioláveis.

communism” (tradução nossa).

365 “We consider atheism, which is an inseparable element of the materialist view of life, to be a prerequisite for the theoretical education of the revolutionist. Those who believe in another world are not capable of concentrating all their passion on the transformation of this one.” (tradução nossa).

Diferentemente do intelectual pequeno burguês, culto e educado nas melhores universidades russas no tempo dos czares, para esses povos do Leste, recém-chegados ao socialismo, originados de relações atrasadas e primitivas da história, Trotsky defende que:

Nós devemos acolhê-los e treiná-los. Claro, seria melhor se nós tivéssemos lá um proletariado que já tivesse vivenciado greves e os ataques a igreja, que já tivesse rejeitado antigos preconceitos e somente após essa transformação, se aliasse ao comunismo. Assim é a maneira que ocorre na Europa e, em certa medida, acontece e continua a acontecer no centro do nosso país. No entanto, no Leste ainda está faltando toda uma escolarização prévia. Nesta região, nosso partido é a escola primária e devemos assumir nossa responsabilidade adequadamente. Nós admitiremos em nossas fileiras aqueles camaradas que ainda não romperam com a religião, não a fim de reconciliar o marxismo com o islamismo, porém mais do que diplomaticamente, persistentemente, emancipar a consciência dos membros mais retrógrados da superstição, que é essencialmente inimiga mortal do comunismo.³⁶⁶ (TROTSKY, 1986, p. 117, tradução nossa).

Ao entender a força destas ideologias, estranhas ao marxismo, na classe operária, principalmente advindas de regiões atrasadas do ponto de vista das forças produtivas e relações de produção, com seus correspondentes níveis culturais e educativos, como ausência de uma educação escolar mais elementar, Leon Trotsky percebe a necessidade do partido revolucionário não rechaçar os trabalhadores e camponeses que sejam adeptos de tais crenças, mas de acolhê-los com a finalidade de, por meio de uma contínua formação marxista, emancipá-los desta ideologias.

O partido revolucionário, neste sentido, deve assumir a responsabilidade de uma escola, ou seja, tornar-se a principal instituição que educa e forma os homens e mulheres destas regiões.

366 "We must take them in and train them. Of course, it would be better if we had a proletariat there that had already had experience in strikes and bouts with the church, that had rejected the old prejudices and only then come to communism. That's how it is in Europe and, to a certain degree, it has been and continues to be that way in the center of our country. But the East is lacking all this previous schooling. There our party is the elementary school, and it must fulfill its responsibility accordingly. We will admit into our ranks those comrades who have yet to break with religion not in order to reconcile Marxism with Islam, but rather tactfully but persistently to free the backward members conscious nesses of superstition, which in its very essence is the mortal enemy of communism." (tradução nossa).

Com base nestas considerações, extraídas a partir da palestra de Trotsky no aniversário de cinco anos de vida da Universidade Sverdlove, o qual sintetizamos nos itens descritos acima, podemos concluir que o autor não chegou a elaborar uma teoria educacional ou pedagógica, mas a partir de questões e tarefas concretas, colocadas naquele período historicamente, esboçou um conjunto de elementos que pudessem avançar no processo de educação e formação de revolucionários, ou seja, uma formação concreta para sujeitos concretos que pudessem intervir não numa futura sociedade abstrata e inexistente, mas na presente luta de classes daquele contexto.

5.5 MODO DE VIDA, EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA EM TROTSKY

Em 1923, a Revolução Russa de Outubro de 1917 chegou a seu quinto aniversário. Um novo modelo produtivo, estatal, social, cultural e de vida se afirmava. Modelo antes utopizado por intelectuais burgueses e pequeno-burgueses; modelo antes almejado por operários parisienses *comunnards*; modelo antes apontado como necessidade social e histórica a partir da investigação científica da economia e do modo de produção; o que tornava-se realidade concreta naquela Rússia, outrora centro da reação europeia.

Diante deste fato histórico que comprovou a assertiva de Marx e Engels, surgiram novos problemas e questões, como a manutenção do poder da ditadura do proletariado, a organização da produção industrial, a planificação e centralização do conjunto da economia e, para além destas fundamentais, tornou-se necessário refletir, com base nos pressupostos teóricos marxistas, sobre o problema do modo de vida, da arte, da cultura e da educação no socialismo.

A Revolução Russa de 1917 moveu não somente a burguesia de lugar, deposta do poder logo após a queda do czarismo; ela também movimentou a consciência da classe operária industrial de Petrogrado e apontou perspectivas de um novo modo de vida, que pudesse atingir tanto o cotidiano dos operários dos grandes centros urbanos industriais, quanto os costumes tradicionais dos camponeses dos Urais.

Questões do modo de vida, aborda justamente essas reflexões e aponta alguns caminhos, que vão no sentido de como melhor educar o povo russo em novas relações de vida a partir de seu próprio cotidiano, como na leitura rotineira do jornal ou na distração de seu tempo dominical com a ida ao cinema, em vez da igreja.

Diversas situações são ilustradas por Trotsky neste texto, do papel do sindicato na construção de novos rituais na família operária ao problema das relações familiares entre o homem e a mulher; desde questões que o próprio afirma serem pequenas, como a limpeza rotineira das botas até o combate frontal aos que jogam pontas de cigarros ao chão. Todas estes elementos estão subordinados à finalidade de como fazer a classe operária avançar de conjunto para construir novas relações sociais, novos hábitos, novas formas de vida.

Daí entra a importância e necessidade da educação, não a escolar, mas uma educação presente no cotidiano e dirigida conscientemente pelo partido, foi o que Lenin havia denominado como *trabalho educativo* e que ficou historicamente divulgado por Trotsky como *militantismo cultural*.

Mas a Revolução abalou não somente a classe operária, ela também mexeu profundamente com uma camada de intelectuais pequeno-burgueses, artistas, literários, poetas, escritores, arquitetos. A insurreição das massas operárias e camponesas, dirigida pelos bolcheviques, colocou essas camadas diante de um dilema: contra ou a favor da revolução?

Com a apreciação meticulosa desta pergunta, Leon Trotsky analisa Leonid Andreiev, Boris Záitzev, Dmítri Merejkóvski, Zinalda Hippus, Valeri Briusóv, Aleksánder Blok, Sierguêi Iessênin, Maksím Górkí, Vladímir Maiakóvski, Serafimovitch, Natan Altman e outros, que compunham diferentes tendências artísticas e literárias da revolucionária Rússia: simbolismo, futurismo, imagismo, construtivismo, Irmãos Serapião, formalistas e o importante grupo da LEF.

Trotsky os divide em duas categorias: *Anteriores à Revolução*, quando se colocaram à margem deste evento histórico, ficando sua poesia e lirismo no passado russo e; os *Companheiros de viagem*, que não negaram a Revolução, mas

demonstram limites para compreendê-la, limites assentados em suas raízes de classe.

De acordo com Trotsky, a revolução bolchevique destruiu não só o regime de propriedade privada, mas também a cultura e a literatura oficial que a sustentaram. Evidencia que a ideia, o pensamento, o sentimento e, logo, a arte e a poesia, surgem e se desenvolvem depois que as bases materiais que determinam a existência dos seres vivos estão colocadas, traduzido poeticamente como: “O rouxinol da poesia, como o pássaro do saber, a coruja, só canta depois que o sol se põe (TROTSKY, 1969, p. 27).

Este é parte do debate que Trotsky desenvolve em *Literatura e revolução*, cuja análise crítica o ensejou a discorrer sobre uma concepção materialista e dialética de arte, no qual expõe a sua ontologia, teleologia e relações com o partido e com a educação social. Em sua concepção, a arte possui as suas próprias leis, métodos, técnicas, sua própria dinâmica interna de desenvolvimento, portanto, a arte deve ser independente da política e da revolução.

Todavia, como produção humana subjetiva, ela está determinada por múltiplos fatores objetivos, isto é, materiais, históricos e sociais, ao mesmo tempo que incidem a condição da individualidade humana. A arte não pode expressar mais do que o *espírito do tempo*, ou seja, a representação de um caldo cultural, filosófico, artístico e intelectual, cujos alicerces se encontram na economia e na política, precisamente na relação entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção de uma determinada época histórica.

No prefácio a *Contribuição à crítica da economia política*, Marx explica o que determina uma época histórica:

Em certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham movido até então. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformaram-se no seu entrave. Surge então uma época de revolução social. (MARX, 1983, p. 24-25).

Assim, desta contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, que entravam o seu desenvolvimento, surge uma época histórica de convulsões sociais, levantes, guerras civis, uma época de *Revolução social*.

A situação internacional ocasionada pela necessidade da expansão imperialista por mercados, a ponto de precipitar uma guerra mundial em 1914, o que agravou a dependência econômica russa em tal grau, que as massas enfurecidas tomaram as ruas para exigir comida, distribuição de terras e retirada dos soldados dos *fronts*³⁶⁷, que demoveu do poder o regime dos czares e, seguidamente, o governo provisório, foi uma das maiores expressões dessa época revolucionária.

Mas se Outubro de 1917 foi um marco dessa época; a guerra civil russa (1917-1922), assim como os levantes dos operários alemães (1918-1919), italianos (1919) e húngaros (1919), estes últimos derrotados, forçaram os limites históricos da época. Estas derrotas ocasionaram um freio no processo da *Revolução Mundial*.

Assim, sem esquecer da necessidade de preparação para as futuras batalhas no âmbito internacional, os revolucionários russos olharam para dentro e detiveram-se em questões internas que atravessavam o seu período histórico interno. Dentre estas questões, encontram-se situados o problema do modo de vida, a arte, da cultura e da educação no período de transição ao socialismo.

Marx (1983) desenvolve sua explanação sobre época revolucionária e aponta que ela resulta em transformações não somente na base material, isto é, econômica da sociedade, mas também em sua superestrutura: “as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas” (MARX, 1983, p. 25), ou seja, no caldo cultural que simboliza o *espírito do tempo* da época, o qual nos referimos. Tal é a situação que a Rússia se encontrava em 1923.

Se numa época revolucionária as formas artísticas da superestrutura ideológica das classes dominantes são fortemente abaladas, ainda que não de maneira uniforme ou homogênea, como nos indica Marx neste mesmo prefácio, o mesmo processo também acomete a classe revolucionária que emerge ao posto da hegemonia política. Deste modo, um setor da intelectualidade revolucionária se

367 O que foi traduzida na consigna *Pão, paz e terra*, usada pelos bolcheviques.

dividiu teoricamente sobre o papel da cultura e da arte no processo de construção da sociedade socialista.

Enquanto Bogdanov, Lunatchaski e Bukharin defenderam a construção de uma cultura de classe operária e a diferenciação ou oposição desta à cultura burguesa e pequeno-burguesa dos grupos formalistas, futuristas e da LEF e, por decorrência de seu prognóstico, uma nova arte e uma nova ciência proletária; outro setor, representado por Lenin e, especialmente, por Leon Trotsky, sustentaram teoricamente que uma cultura proletária, assim como uma ciência e uma arte proletária, não são possíveis no socialismo. Esta é a síntese do debate travado em *Literatura e revolução*.

Por fim, no discurso de Trotsky para estudantes de um instituto de educação – a Universidade Sverdlove – o autor apresenta alguns elementos que devem fazer parte da formação destes estudantes: o domínio das ciências, especialmente o darwinismo; o domínio do marxismo, com o aporte do leninismo; a imbricada relação da teoria marxista com a prática revolucionária.

Estes pré-requisitos que Trotsky pontua na educação de jovens revolucionários está diretamente relacionado à sua visão sobre a época histórica que se atravessava. Para ele, a educação tem como tarefa formar não um “homem novo” para uma “nova sociedade”, mas um revolucionário que tenha os elementos teóricos necessários para destruir a velha sociedade e, sob os escombros desta e das futuras gerações, gerar as condições materiais e subjetivas que permitam produzir a nova sociedade. Em nossa síntese, a educação, numa época de transição do capitalismo ao socialismo, tratava-se de ser uma educação revolucionária.

6 CONCLUSÕES, MAS SEGUE O DEBATE...

Em países atrasados, o que inclui não só o México, mas em certa medida também a URSS, a atividade dos professores não é uma simples profissão, mas uma missão enaltecida. A tarefa da educação cultural consiste em despertar e desenvolver a personalidade crítica entre as massas oprimidas e escravizadas. A condição indispensável para isto é que o próprio educador possua uma personalidade desenvolvida no sentido crítico. (TROTSKY, 1938, tradução nossa)³⁶⁸

6.1 RESPOSTA A NOSSAS PERGUNTAS

Nesta tese, nossa pergunta científica inquiriu sobre as contribuições teóricas do pensamento social e político de Leon Trotsky para o campo da educação, considerando a produção de suas obras e textos no contexto histórico do período compreendido entre 1917 a 1923.

A exposição do texto foi dividida em cinco seções. Nas duas primeiras apresentamos o objeto investigado e suas minudências: a *Introdução*, no qual discorremos da problematização, objetivo, hipóteses, justificativa e procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa e; a segunda seção, *Trotsky e Educação: primeiras aproximações*, analisamos o balanço da produção do conhecimento científico no tema em questão e tecemos considerações sobre o movimento do nosso objeto – as obras e textos de Trotsky – nas traduções do russo aos idiomas das edições investigadas.

Na terceira seção e a partir dela, mergulhamo-nos na questão que nos orienta. Inicialmente, apresentamos a síntese dos debates e correntes historiográficas que surgiram com o tema da Revolução Russa de 1917; o desenvolvimento do modo de produção russo e seus nexos com as relações de

368 “En países atrasados, lo cual incluye no sólo a México, sino en cierta medida también a la URSS, la actividad de los maestros no es una simple profesión sino una misión exaltada. La tarea de la educación cultural consiste en despertar y desarrollar la personalidad crítica entre las masas oprimidas y esclavizadas. La condición indispensable para esto es que el mismo educador posea una personalidad desarrollada en un sentido crítico.” (tradução nossa).

produção; a contextualização histórica da Revolução e suas relações com Leon Trotsky, seu papel na revolução, suas posições e o desenvolvimento de seu pensamento e; culminamos com a identificação de categorias relacionadas à educação, presentes em obras de sua autoria, publicadas no período pré-Outubro. Esta exposição concentrou-se na seção *Revolução Russa de 1917: história, contexto e Leon Trotsky*.

Na quarta seção, *Educação e Arte Militar*, analisamos dos materiais: a obra *Terrorismo e comunismo* e o texto *Saber militar e marxismo*, precedido de exposição histórica da guerra civil russa, contexto o qual estes materiais foram produzidos.

Na quinta seção, *Modo de vida, cultura, arte, educação e socialismo*, analisamos as obras *Questões do modo de vida, Literatura e revolução* e o texto *Tarefas da educação comunista*, pautados no contexto do regime soviético pós-guerra civil até o ano de 1923, quando estes escritos foram publicados.

Deste modo, nestas obras e textos, conseguimos identificar determinadas contribuições teóricas do pensamento social e político de Leon Trotsky para o campo da educação. Estas obras foram traduzidas do russo de modo indireto para a língua portuguesa, tendo como fonte primária o francês ou o espanhol e assumiram em nossa língua os seguintes títulos: *Terrorismo e comunismo*, *Saber militar e marxismo*, *Questões do modo de vida* e *Literatura e revolução*, além do texto *Tarefas da educação comunista*.

Assim, confirmamos a nossa primeira hipótese investigativa, quer seja: que o revolucionário russo, Leon Trotsky, possui contribuições teóricas para o campo da educação e que tais contribuições encontram-se espalhadas em diversos textos e obras que se relacionam com a centralidade do tema da revolução socialista.

Estas obras foram publicadas nos anos de 1920, 1922 e 1923. Elas foram elaboradas e estão inseridas no contexto histórico que compreendeu o período entre 1917 – 1923. Este contexto se abre quando os bolcheviques tomam o poder na Rússia, em 25 de outubro de 1917, e organizam um novo tipo de Estado – o Estado Operário, que concretizou a fórmula da *ditadura de proletariado*, defendido no programa de Marx (2012) e Engels (2013), o que permitiu a construção de uma nova fase da humanidade: a fase de transição em direção ao socialismo.

Este contexto se encerra no final de 1923, quando as revoluções e levantes insurrecionais nos países capitalistas europeus adiantados são derrotados (Alemanha, Itália, Hungria, Finlândia), o que provocan um revés no desenvolvimento da revolução mundial. Esta conjuntura internacional se combinou com as contradições internas do próprio Estado Operário, erguido sob os escombros de uma Rússia atrasada economicamente, arrasada pela guerra interimperialista e por uma guerra civil, marcadamente caracterizada pelo seu histórico atraso cultural, educativo e do modo de vida.

Estas contradições internas se somaram ao quadro de isolamento econômico e político internacional do Estado Operário, no qual emerge uma burocracia estatal e partidária. A luta interna contra o desenvolvimento desta burocracia é pontuada por Trotsky em seus textos de 1923, como também por Vladimir Lenin.

O agravamento da doença de Lenin e o seu afastamento das atividades do partido no final de 1923, seguida de seu falecimento no início de 1924, terão repercussões tanto na luta interna contra esta burocracia, quanto na disputa pela sua sucessão e legado. (BROUÉ, 2014, p. 165-192; LENIN, 1977a; 1977b; 1978; 1979; 2012a; 2012b; 2012c; MONTEIRO, 2017; TROTSKY, 1923a; 1923b; 1923c).

No período compreendido entre 1917 a 1923, o Estado Operário retirou a Rússia da primeira guerra mundial (além de ter chamado um armistício total entre os países envolvidos no conflito; defendendo a paz, sem anexações); mergulhou numa terrível guerra civil, que contou com o apoio material e financeiro de grandes potências estrangeiras capitalistas, como Estados Unidos, França, Alemanha e Inglaterra, interessadas em restabelecer o governo dos capitalistas e dos grandes proprietários de terras russos; foi levado a adotar medidas de restrição a liberdades democráticas individuais e de organizações, dado as constantes ações de sabotagens, atentados e agitações contrarrevolucionárias de organizações que combatiam na guerra civil contra o poder recém-constituído; estabeleceu uma política econômica de *comunismo de guerra*, com requisições obrigatórias da produção no campo para abastecer as cidades; substituiu o *comunismo de guerra* pela NEP, que incentivou o desenvolvimento da propriedade privada individual, do mercado capitalista doméstico, controlado pelos interesses do Estado Operário, cuja

finalidade visava o desenvolvimento da indústria, da economia e das forças produtivas, arrasadas pelas duas guerras anteriores.

Em tais contextos, os revolucionários russos tiveram que resolver os problemas inerentes à construção daquela propositiva de poder estatal, como a reorganização da economia sob as bases produtivas planejadas e centralizadas pelo Estado; a construção de um plano sistematizado para fazer avançar o domínio técnico, científico e cultural da classe trabalhadora russa; a reconstrução do modo de vida, da educação, da cultura sob a perspectiva de construção do socialismo.

Assim, foram considerados novas relações de produção e administração nas fábricas, como o controle operário sobre a produção; a eleição de dirigentes e a revogabilidade dos cargos de direção; mas também refletiram sobre as relações sociais e culturais mais gerais, como as relações entre os sexos, as relações familiares, as relações com a religiosidade, com os vícios sociais; esboçou-se um plano para a reconstrução do modo de vida do povo russo.

Com base neste contexto que Leon Trotsky escreveu as obras e textos, identificadas como objetos de análise desta tese. Elas refletem, discutem, analisam e respondem aquela realidade conjuntural, inédita em diversos aspectos para a humanidade até então.

Em síntese, sobre o contexto das obras e textos de Leon Trotsky, no período mencionado: a) responde a polêmicas sobre o questionamento da política adotada pelos bolcheviques durante a guerra civil russa, realizada por Karl Kautsky; b) reflete sobre a natureza dos conhecimentos e conteúdos militares, como também, da importância que estes conhecimentos adquirem naquele contexto de guerra e de perspectiva de futuros enfrentamentos entre o Estado Operário e os Estados capitalistas; c) analisa e se detém sobre as contradições do modo de vida russo, considerando o histórico atraso cultural advindo das relações tradicionais de servidão; a necessidade de aprofundamento dos estudos e relatos sobre o modo de vida naquele período e desenvolve alguns temas específicos, no que o partido deveria girar a sua atividade militante, de atividades estritamente políticas para o trabalho de educação cultural; apontando alguns elementos e possibilidades de esboço deste plano de “militância cultural”; d) reflete sobre o papel da arte e da

cultura na fase de transição, apontando críticas sobre as ideias do *Proletkult* e da postura sectária contra determinadas correntes artísticas; assim como, constrói elementos para se refletir as relações entre a arte, cultura e ciência, como também a educação e os métodos de ensino num futuro socialista; e) por fim, apresenta características de uma educação revolucionária que responda às tarefas necessárias a fase de transição, ou seja, da luta permanente da revolução contra a contrarrevolução, distintas da fase socialista da humanidade.

Deste modo, respondemos à questão específica sobre o contexto histórico, social e político o qual estas obras e textos estão inseridos e a hipótese de que estes escritos respondem muito mais àquele contexto determinado, do que à realidade extemporânea quando foram produzidas.

Analisamos que é possível inferir de seu pensamento social e político, uma lógica de como ordenar as tarefas dos revolucionários no campo da educação, construindo mais subsídios teóricos para pensar a construção de uma educação socialista. Contudo, não avaliamos pertinente transpor as tarefas e medidas específicas apresentadas por Leon Trotsky naquele contexto, como soluções educativas e/ou pedagógicas para a realidade brasileira hodierna, no qual a sociedade se encontra dividida em classes sociais antagônicas e o Estado, como expressão de uma ditadura de classe sobre a outra, representa os interesses da classe dos capitalistas e suas frações; portanto, completamente distinto do contexto russo de Leon Trotsky.

Assim, consideramos como problemática a apropriação da proposta de *militantes culturais*, no qual este conceito é apresentado como basilar de uma proposição formativa e pedagógica para a realidade brasileira atual. A ideia de *militantes culturais*, elaborada inicialmente por Lenin e desenvolvida por Trotsky, parte de uma caracterização das condições materiais, sociais e políticas da atrasada economia e relações culturais russas, no qual a atividade estritamente política, desenvolvida em seu sentido estrito, isto é, a luta pelo poder, perde a centralidade na atividade militante partidária pelo fato de que o poder já se encontrava nas mãos dos revolucionários. Daí a necessidade de *girar* o centro das atividades militantes, de políticas a um trabalho mais específico de elevação cultural do povo russo. Tal

condição para este *giro*, o poder político nas mãos dos interesses da classe proletária, inexistente no contexto hodierno.

Na tese, também nos perguntamos como questão específica sobre qual a posição de Leon Trotsky no debate sobre educação socialista. Discorremos que desde antes de 1917, no texto *Balanço e perspectivas*, Trotsky se posicionava que uma *consciência socialista* somente é possível com a existência das bases materiais de uma sociedade socialista. No decorrer dos textos do período 1917-1923, ele volta à questão, particularmente em *Literatura e revolução* e *Tarefas da educação comunista*.

Trotsky aborda a questão da educação relacionada às necessidades e tarefas impostas pelas condições materiais do desenvolvimento das forças produtivas e relações de produção. Neste sentido, pensou a educação para a arte militar no contexto da guerra civil; a educação para a formação de novos hábitos e modo de vida no contexto da reconstrução econômica e cultural após o término desta guerra; a educação revolucionária e de transição para o período de transição ao socialismo.

Na fase de transição, compreendida o período que vigora a ditadura do proletariado, ele defende a necessidade de uma educação que permita o acesso aos conhecimentos técnicos, científicos, filosóficos, clássicos e artísticos, produzidos pela humanidade para aumentar o acervo cultural da classe trabalhadora e o aprofundamento no conhecimento teórico-prático do marxismo e leninismo para formar novos revolucionários.

A educação nesta fase é revolucionária e de transição, pois encontra-se subordinada as tarefas de defesa da ditadura do proletariado e da luta contra o modo de produção capitalista mundial, ao mesmo tempo que se desenvolve em direção ao afinamento do Estado Operário e a substituição gradual das tarefas do Estado para o coletivo social.

No socialismo, as condições materiais estariam desenvolvidas em determinado grau, que a arte, a cultura, a ciência, a formação e a educação não assumiriam características de classe, uma vez que o socialismo se funda no desenvolvimento gradual da supressão da divisão de classes sociais, o que se traduz pela condição teleológica da inexistência do proletariado enquanto classe e,

logo, pela impossibilidade de desenvolvimento de uma cultura, arte, ciência, formação e educação proletárias.

Por fim, também nos perguntamos se com base em seu constructo teórico e político, seria possível inferir postulados sobre educação. Entendemos que de acordo com o seu pensamento, na etapa da luta de classes anterior ao período de transição, a principal tarefa dos marxistas concentra-se na educação política da classe operária, por meio de atividades permanentes de agitação e propaganda, com o objetivo de levar esta classe a se organizar e tomar o poder político. Para o pensamento de Leon Trotsky, após a classe trabalhadora controlar o poder e organizar o seu aparelho de Estado é que as atividades partidárias giram de centro, de modo a priorizar as tarefas educativas e culturais, isto é, a militância cultural.

Neste sentido, em sua visão, a educação, de modo geral, reproduz a forma social que ela está inserida. Numa sociedade dividida em classes sociais, com a classe capitalista no poder, a escola e a universidade limitam-se aos objetivos educacionais definidos pelos interesses desta classe. Assim, num primeiro momento, seu pensamento aproxima-se das teorias reprodutivistas da educação, ou seja, as instituições educativas têm a finalidade de reproduzir as relações sociais que permeiam a sociedade dividida em classes.

Mas se por um lado, sua posição teórica antecipa em décadas as sistematizações de Bourdieu e Passeron sobre educação, vislumbramos que seu pensamento se apresenta de modo mais complexo que esta teoria. Antes, contudo, dois elementos a considerar que podem ter determinações nesta posição: 1. O contexto de repressão do Estado absolutista russo, que não permitia o livre desenvolvimento do pensamento crítico, mesmo advindo de liberais e intelectuais das universidades, contexto este presenciado na formação de Leon Trotsky desde a juventude; 2. Apesar de Trotsky ter acesso à escolarização básica, fundamental e ter adentrado num curso superior, encontrou as ideias socialistas e depois marxistas, fora do contexto escolar e abandonou a universidade para desenvolver a organização dos trabalhadores.

As mudanças que houve na educação com as reformas modernizadoras de Alexandre II, registrada por Trotsky em *A Revolução de 1905*, no qual as

universidades serviram como lócus de organização e resistência dos trabalhadores, inclusive do primeiro soviete de operários russo, não foram suficientes para Trotsky rever o papel das escolas e universidades como parte dos mecanismos ideológicos do Estado.

De acordo com pensamento de Trotsky sobre a teoria e estratégia da revolução socialista, caberia ao proletariado industrial o protagonismo da revolução na Rússia, uma vez que a burguesia não tinha mais condições de cumprir um papel revolucionário. Neste raciocínio, a revolução começaria como burguesa, pelas tarefas imediatas a cumprir, todavia, prosseguiria como socialista, pois o proletariado seria obrigado a avançar até o programa da expropriação capitalista para permanecer com suas conquistas no poder. Esta foi a primeira elaboração da teoria da revolução permanente, exposta em *Balanço e perspectivas*. Assim, a primeira consideração importante no pensamento educacional de Trotsky é que cabe ao proletariado industrial o protagonismo da revolução.

Trotsky também identificava o proletariado russo como jovem, recém-formado em sua constituição como classe, em comparação com o proletariado europeu. Neste sentido, uma classe recém-saída do campo, onde predominava as históricas relações de servidão e que não possuía as *tradições* e *vícios* presentes nos regimes democrático-burgueses, como parlamento, reformas democráticas, eleições. Na avaliação dele, a ausência destes elementos, no qual se soma a inexistência de uma escola democrática, de um ensino universalizante e do amplo acesso à cultura clássica, técnica e científica, contribuíram para que ocorresse a explosão revolucionária e insurrecional do proletariado russo.

Na síntese de seu pensamento, não apenas a falta de alimento, de trabalho, de terra e a existência da guerra, mas a falta da educação e da cultura também são elementos que contribuem para o desencadeamento da revolução socialista. Assim, para ele, como a epígrafe que abre esta conclusão anuncia, não é a educação que possibilita uma revolução socialista, mas a revolução que pode garantir a existência de uma educação universal e o amplo acesso do proletariado ao conhecimento cultural da humanidade.

Deste modo, consideramos que cumprimos o objetivo geral estabelecido nesta tese, que foi identificar, analisar e entender o pensamento de Leon Trotsky sobre educação, particularmente, a educação socialista, materializado por meio de suas obras e textos, considerando o contexto histórico entre 1917 e 1923 e, deste modo, avaliar as possibilidades de inferir postulados ou teses sobre educação, com base em sua construção teórica e política.

De modo sintético, os postulados sobre educação que podemos inferir no pensamento de Leon Trotsky são os seguintes: 1. A educação numa sociedade de classes reflete, em maior ou menor grau, os interesses da classe dominante no poder; 2. O acesso a educação formal não é o determinante para que as massas de trabalhadores caminhem em direção a revolução; mas a negação da educação, da cultura, da ciência, das artes e do conhecimento universal, são algumas das razões objetivas pelas quais a revolução socialista é necessária; 3. É dever dos revolucionários desenvolver um trabalho de *educação política* sobre a massa de trabalhadores, visando a tomada do poder; 4. Na fase de transição ao socialismo, onde vigora a ditadura do proletariado, faz-se necessário uma educação revolucionária, que forme revolucionários para a luta permanente contra as forças do capital mundial imperialista; 5. No momento que a classe trabalhadora avança na revolução permanente, derrotando e substituindo o modo de produção capitalista mundial, o processo sistemático de formação e educação tende a adquirir menos características classistas e revolucionárias (fundamentais na fase anterior) e passam a ser mais universais, humanas e omnilaterais, constituindo uma educação socialista que poderá formar um novo ser humano, sob novas bases desconhecidas até então.

A descoberta destas contribuições de Trotsky para o campo da educação e a inferência destes postulados exigiram um processo investigativo e analítico, pois elas não se apresentam de modo aparente e como foco principal de suas elaborações. Em processo de conclusão desta tese, apresentamos algumas considerações relevantes em diálogo com a produção do conhecimento exposta; com a identificação dos limites desta pesquisa e indicativos de novos estudos e; com o desenvolvimento das elaborações e embates de Leon Trotsky, apontando reflexões mais amplas sobre as perspectivas possíveis para os revolucionários.

6.2 UM PROGRAMA PARA A EDUCAÇÃO?

Nos textos e obras de Leon Trotsky analisados nesta pesquisa, especialmente em *Questões do modo de vida*, encontram-se algumas propostas, de medidas e tarefas, dirigidas centralmente para o interior do partido: organizar bibliotecas nas fábricas; formar comissões de operários para a elaboração de livros técnicos sobre a produção, sob a perspectiva do método marxista; estudar o modo de vida familiar; melhorar a impressão do jornal e rever o seu conteúdo; formar revisores e correspondentes operários; ampliar uma rede de sala de cinemas; combater os vícios e a influência religiosa sob o modo de vida operário; punir os funcionários públicos que tratam a população com desdém; etc.

Estas medidas podem ser configuradas como uma proposta de programa, na medida que expressam a essência de um, ou seja, uma “compreensão comum dos acontecimentos e tarefas” (TROTSKY, 2008, p. 86). Ainda que não sejam explícitos, tais tarefas servem como uma ferramenta nas mãos dos revolucionários para construção da sociedade socialista. “Da mesma forma que os operários não podem trabalhar sem instrumentos, para o partido o programa é o seu instrumento”. (TROTSKY, 2008, p. 86).

Um programa marxista é uma resposta política organizada para um determinado momento da luta de classes. O programa específico apresentado por Marx e Engels nas páginas finais do Manifesto Comunista, tornou-se obsoleto em parte, pois o tempo que ele respondia foi superado pela evolução dos acontecimentos. Ainda assim, sua teoria e estratégia seguem válidas, pois o modo de produção capitalista permanece como um sistema produtivo baseado na exploração econômica do proletariado, no qual geram tanto as desigualdades sociais, como as crises sociais e explosões sociais que vemos de tempos em tempos.

Deste modo, mesmo que a teoria e a estratégia apontadas por Marx e Engels, naquele período histórico, continuem a se confirmar pelos dados da realidade, o

programa comunista precisou ser atualizado frente as mudanças objetivas da realidade.

Assim, os revolucionários não podem simplesmente transplantar um programa que responda a uma determinada época ou momento histórico, para responder às tarefas e questões de uma outra época, momento ou realidade.

Trotsky apresentou, nos textos e obras de 1917 a 1923, um conjunto de tarefas e ações para o partido que respondiam as questões postas para àquele contexto histórico. Na interface específica com a educação, ressaltamos a proposta do *militantismo cultural* (ou *trabalho educativo*, na expressão original de Lenin) como pertinente e necessária para aquele momento histórico, mas que se tomados *ipsis litteris* para o momento presente, pouca serventia possui.

O *militantismo cultural* e as tarefas derivadas dele são muito importantes como uma referência teórica construída a partir de uma experiência histórica concreta, que pode ser debatido e readequado pela organização revolucionária, para inserir as *questões culturais* como parte de um debate permanente de educação da classe trabalhadora, subordinado a um plano de educação política da classe para fins da revolução social.

Anos depois do período histórico que nos detivemos nesta tese, foi publicado o texto *A agonia mortal do capitalismo e as tarefas da IV Internacional*, conhecido como *Programa de transição*, no qual a organização fundada por Leon Trotsky, a IV Internacional, deteve-se na compreensão comum das tarefas de outro período histórico da luta de classes mundial. Segundo ele, o programa é científico na medida que é baseado numa “análise objetiva da situação objetiva” (TROTSKY, 2008, p. 96).

Deste modo, o método marxista exige o estudo científico da realidade para a a compreensão das tarefas necessárias à classe operária para alcançar o poder. Como a realidade é dinâmica, o estudo permanente das condições materiais e econômicas do país, das relações econômicas e políticas entre os países, das condições de vida e de trabalho da classe trabalhadora, de sua capacidade de organização e de luta, da força das correntes oportunistas e das direções traidoras do movimento operário, subjaz como razão de ser dos marxistas e suas

organizações. Na visão de Trotsky, “O programa é a expressão da necessidade que aprendemos a compreender” (TROTSKY, 2008, p. 85).

Neste sentido, o *Programa de Transição*, o qual o próprio Trotsky reconheceu como inacabado e incompleto (TROTSKY, 2008, p. 89), permanece válido em seus preceitos gerais, mas não como um programa específico para todas as conjunturas. Ele parte das tarefas necessárias para a “mobilização das massas” à “preparação para a tomada do poder” (TROTSKY, 2008, p. 11) e sua validade encontra-se justamente nesta lógica de construção, no qual a oposição entre tarefas mínimas e máximas é superada por tarefas transitórias, ou seja, tarefas que se combinam em reivindicações mínimas, parciais, econômicas e democráticas com a necessária tarefa da revolução socialista.

Assim, quando Couto e Sousa (2014) afirmam que uma proposta formativa e de currículo de um curso superior de Educação Física expressa o programa de transição de Trotsky, acertam na medida que compreendem a flexibilidade deste texto e a lógica por trás do método de sua elaboração: *análise objetiva da situação objetiva*; porém, quando limitam o programa a uma única tarefa, no caso, a adoção de um determinado currículo para um curso de licenciatura, limitam a compreensão desta mesma lógica do programa. O programa é um conjunto de tarefas que expressam *uma compreensão comum da realidade*, tal compreensão parte das necessidades objetivas e termina na questão do poder.

A formulação de um programa marxista, baseado na compreensão de Trotsky para o campo da educação, não é objeto desta tese. Contudo, pela exposição desenvolvida nas seções desta pesquisa, é possível deduzir teoricamente que as tarefas colocadas na etapa da disputa pelo poder político, diferem das tarefas necessárias após a tomada do poder. Antes desta, a tarefa dos marxistas é elevar o nível de consciência política do proletariado por meio de um programa, que parta de suas necessidades objetivas e materiais até a conclusão da necessidade de uma revolução socialista.

Neste sentido, os trabalhos de Araújo Filho (2015), Conceição (1999) e Félix (2013) avançam significativamente quando apreendem o pensamento social e político de Trotsky sobre educação, considerando as tarefas e objetivos postos antes

da tomada do poder. De acordo com estes autores, Trotsky discute a educação da classe trabalhadora relacionada a atividade dos revolucionários no movimento sindical (ARAÚJO FILHO, 2015; FÉLIX, 2013) e por meio do partido político revolucionário (CONCEIÇÃO, 1999).

No pensamento social e político de Leon Trotsky que analisamos nos textos e obras desta tese, corroborado por estas produções, a educação numa sociedade de classes é limitada para fazer avançar a *consciência socialista*. Por isso, a principal tarefa dos revolucionários é direcionada à luta pelo poder político. Na luta, é possível desenvolver uma *educação política* por meio da atividade do partido revolucionário, seja no interior do movimento operário ou por outro meio.

Em razão disso, por mais que seja possível extrair contribuições teóricas de seu pensamento para a educação e que tais contribuições sejam fundamentais para entender a tarefa dos revolucionários na conjuntura da luta de classes pelo poder político, sobretudo, após a tomada do poder, consideramos que o uso de categorias como *militantismo cultural*, *escola da transição*, *educação para a transição* e outros, baseados nestes textos, aplicados diretamente à presente conjuntura, precisam ser reavaliados.

Seus escritos apontam em outra direção: que é necessário uma educação revolucionária, no qual o partido revolucionário cumpre papel central na formação/educação de uma vanguarda operária em torna das tradições, métodos e teorias, desenvolvidos por Marx, Engels e Lenin.

6.3 LIMITES DA PESQUISA E INDICAÇÕES DE NOVOS ESTUDOS

No processo investigativo de nosso objeto, identificamos alguns limites na delimitação do material que compôs a presente análise. Estes limites não alteram os resultados desta pesquisa, porém, precisam ser superados em futuras investigações.

O primeiro deles é o problema da tradução. Nossa investigação se deteve em obras traduzidas do russo, que passaram por intermédio de outras línguas até chegar às edições no idioma português, espanhol e inglês. Estas mediações,

interpostas entre a formulação do pensamento na língua original de Trotsky e sua tradução em outros sistemas de linguagem, podem ser problemáticas nas interpretações e apropriação de seu pensamento.

Como vimos na segunda seção desta tese, Marx dedicava atenção pessoal às traduções de suas obras e identificava limites nos autores – no caso Proudhon – ao tentar interpretar um sistema filosófico criado numa língua que não dominam. No mesmo sentido, Trotsky chegou a registrar por escrito quem estaria autorizado a traduzir seus textos, o que revela o cuidado especial no tratamento da atividade de tradução estabelecida por ele. Assim, consentimos que nossos limites no domínio do idioma russo, não possibilitou analisar as obras e textos de Trotsky, concebidos em sua formulação nativa e original.

O segundo problema está relacionado ao primeiro: a delimitação das obras e textos para a investigação, ao se restringir no que se encontra disponível nas traduções existentes, excluiu textos que poderiam contribuir para melhor compreensão e elucidação de seu pensamento social e político sobre educação. Este foi o caso de alguns textos em russo que compõe o *Volume 21* de suas *Obras Completas*, tais como: *Krasnaya Armiya i prosveshcheniye* [Красная Армия и просвещение] (que pode ser traduzido como *Exército Vermelho e Educação*); *Zadachi rabotnikov kul'turnogo stroitel'stva* [Задачи работников культурного строительства] (*Tarefas dos trabalhadores de construção cultural*); *Neskol'ko slov o vospitanii cheloveka* [Несколько слов о воспитании человека] (*Algumas palavras sobre educação humana*); *Kul'tura i sotsializm* [Культура и социализм] (*Cultura e socialismo*); *O kul'ture budushchego* [О культуре будущего] (*Sobre a cultura do futuro*); *Rech' na s"yezde sovetov fizkul'tury 19 aprelya 1924 g.* [Речь на съезде советов физкультуры 19 апреля 1924 г.] (*Discurso no Congresso dos Sovietes de Professores de Educação Física, de 19 de abril de 1924*).

Uma terceira dimensão dos limites desta pesquisa, refere-se ao período delimitado entre 1917 a 1923. Este recorte temporal foi necessário para se debruçar em obras e textos produzidos num determinado contexto, entretanto, ele não abarca o conjunto de suas elaborações, onde as questões educacionais são refletidas e

consideradas. Alguns dos títulos no idioma russo, mencionados acima, por exemplo, são produzidos após 1923.

Do mesmo modo, a epígrafe que trazemos na abertura desta seção, onde Trotsky pontua o papel dos professores em países atrasados, pertence ao texto *Por la libertad de la educación*, escrito em 1938 e não publicado em português. Em língua portuguesa, *A revolução traída*, de 1937, também pode ser passível de inferências ao problema da educação no regime soviético, num contexto diverso do período delimitado nesta tese.

Avaliamos que estes limites não alteram o quadro conclusivo delineado na pesquisa, uma vez que nossas conclusões se referem ao contexto do período determinado, às obras e textos delimitados e às traduções disponíveis. Mas, para um maior aprofundamento e amplitude em futuras incursões investigativas sobre o pensamento social e político de Leon Trotsky e suas contribuições ao campo da educação, apontamos a necessidade de superá-los, quer seja: precisam abranger outros períodos ou um período mais amplo de suas produções e; devem realizar o esforço em acessar as obras e textos originais, produzidos no idioma nativo do autor.

6.4 TROTSKY PÓS-1923 E O FUTURO DO SOCIALISMO

O objeto desta tese esteve delimitado no marco temporal até 1923. A revolução iniciada na Rússia, na visão teórica de Trotsky, deveria se estender até os países europeus desenvolvidos. Contudo, os levantes que ocorreram seguidamente a Outubro de 1917, foram tragicamente derrotados. Os assassinatos de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht são uma das maiores expressões da derrota da revolução mundial daquele momento.

No interior da Rússia, o regime soviético aprofunda os debates internos, principalmente após a morte de Lenin. Uma oposição de esquerda foi conformada contra a maioria da direção do partido. Liderada por Trotsky, esta oposição foi derrotada pela maioria, dirigida pela troika formada por Stalin, Kamenev e Zinoviev. Em 1926, Kamenev e Zinoviev rompem com Stalin e conformam a *Oposição*

Unificada, com Trotsky. Em 1927, ele é excluído do Comitê Central e, em 1928, banido do Estado Operário que ele ajudou a fundar e a defender.

Uma das principais divergências de Leon Trotsky com o partido na fase pós-Lenin esteve na polêmica sobre a estratégia do *socialismo em um só país*, apresentada por Stalin em *Questões do Leninismo*, em 1924. Esta elaboração, na visão de Trotsky, chocava-se com as últimas elaborações de Lenin sobre a revolução mundial. A resposta de Trotsky veio no título *A revolução permanente*, de 1929, onde ele elucida e desenvolve esta teoria sob a luz de acontecimentos recentes daquela época, como a derrota da revolução chinesa, que por orientação do *Comitern*, apoiou a liderança burguesa de Chiang Kayishek, o que contribuiu para o massacre de revolucionários chineses (TROTSKY, 2010, p. 274-294).

No início dos anos 1930, a perseguição aos opositores do regime soviético se intensifica. As prisões, deportações e penas de morte se ampliam e assumem caráter de massa³⁶⁹. Uma parcela importante destas perseguições foram dirigidas aos bolcheviques que dirigiram a Revolução de Outubro de 1917 e que a defenderam na guerra civil³⁷⁰. No exílio, depois de ter sido negado o direito de asilo político nas *democracias* europeias, Leon Trotsky consegue se estabelecer no México.

Na oposição internacional ao PCUS e ao *Comitern*, Trotsky somente rompe com eles, quando não reconhecem o equívoco da política desenvolvida para a Alemanha, que contribuiu para a vitória de Hilter e do nazismo (TROTSKY, 2011a; 2011b). Com a avaliação de que a III Internacional estava morta para revolução,

369 LEWIN (2007), apresenta dados sobre os números de condenados por *atividades contrarrevolucionárias e crimes perigosos* durante os anos de 1921 a 1953 do regime soviético. Em termos comparativos, para entendermos o *salto* nas repressões e expurgos, iniciado nos anos 1930: logo após o fim da guerra civil, em 1921, até o ano de 1929, foram 208.863 condenados pelos tribunais soviéticos; enquanto que apenas nos três anos seguintes, de 1930 a 1932, este número saltou para 530.684, ou seja, um aumento de cerca de 154%. Entre 1921 a 1929, os enviados em campos de concentração, colônias e prisões foram na ordem de 99.596; nos três anos subsequentes, entre 1930 e 1933, este número quase triplicou, com 294.072. Por fim, entre 1921 a 1929, foram 23.391 condenações à pena de morte; em menos da metade deste tempo, entre 1930 a 1933, este número mais que duplicou, com 53.580 executados pelo regime soviético. Os dados completos podem ser observados ao final desta tese (ANEXO C).

370 TROTSKY (1983), BROUÉ (1980; 2014, p. 377-382). Depois de finalizado este texto, identificamos que o livro *Comunistas contra Stalin: o massacre de uma geração*, de Broué, também se insere como importante referência deste debate. Ao final desta tese, também apresentamos uma lista dos membros do CC do Partido Bolchevique em 1917 e as causas de suas mortes (ANEXO D).

Trotsky e seus correligionários fundam a IV Internacional. Suas fundações reivindicam o legado teórico e político do bolchevismo; defendem uma revolução socialista mundial; uma revolução política (mas não social) na União Soviética e sustentam a defesa incondicional dela diante das ameaças e ataques fascistas e imperialistas (TROTSKY, 2008).

A base da crítica de Leon Trotsky ao que foi chamado de *stalinismo*, não se funda em aspectos da moral, da psicologia dos sujeitos ou de uma igualdade entre stalinismo e nazismo, construída por intelectuais liberais. Ela se fundamenta na defesa das conquistas da Revolução de Outubro de 1917 e do Estado Operário contra a degeneração burocrática em curso, o que levaria, em seu raciocínio, a restauração capitalista. Esta base teórica levou Trotsky a defender a URSS de forma incondicional, mesmo com as perseguições, execuções e assassinatos dos *trotsquistas*, o que incluiu seus filhos, parentes e amigos, além dele mesmo. A firmeza neste princípio – a defesa incondicional de um Estado Operário, mesmo com uma direção burocrática – levou-o a se enfrentar com parte importante de seus seguidores, o que gerou a primeira divisão da IV Internacional.

Trotsky foi atacado na noite de 20 de agosto 1940 por Ramón Mercader³⁷¹, um agente stalinista infiltrado, falecendo no dia seguinte. Após a sua morte, as confusões e divisões a respeito de seu legado se intensificaram. A problemática da apropriação de seus textos e obras por seus próprios adeptos, como levantado na *Introdução* desta tese, ocasionaram distintas interpretações e revisões de seu pensamento e legado, base das seguidas rupturas e fragmentações do assim chamado *trotsquismo*. Na ausência de Trotsky, a IV Internacional também mancha a bandeira do socialismo³⁷².

371 Jaime Ramón Mercader del Río Hernández (1913-1978) foi um agente no exterior do Comissariado do Povo para Assuntos Internos (NKVD, em russo) que se infiltrou na pequena fortaleza dos Trotsky, no México, sob o disfarce de Jacques Monard, para executar Leon Trotsky, Mercader foi condenado por homicídio a uma pena de vinte anos de prisão e, apesar de ter sido elaborado um plano para resgatá-lo do México, cumpriu as duas décadas no cárcere mexicano. Depois de cumprido a pena, foi para URSS, onde foi condecorado como herói pelo governo soviético, mudando-se posteriormente para Havana, Cuba. (NOGUEIRA, 2017).

372 Na avaliação do *trotsquista* argentino Nahuel Moreno, a seção boliviana da IV Internacional, sob a direção de Michel Pablo, “cometeu uma das traições mais tremendas contra uma revolução neste século. Tanto ou maior que a dos mencheviques à Revolução Russa, que a dos social-democratas durante e depois da Primeira Guerra Mundial, que a dos stalinistas na China, na Alemanha ou na Espanha” (MORENO, 1992, p. 41). Segundo o autor, a Bolívia viveu um

Antes de sua morte, Trotsky (1940) expressou sua fé na humanidade, no seu potencial revolucionário, no futuro comunista. O futuro da humanidade está aberto a várias possibilidades, porém, com a permanência do modo de produção capitalista, a destruição gradativa do mundo é mais provável e iminente, seja por guerras, por devastações da natureza ou por pandemias.

Por isso, mais do que um desejo ou aspiração, o socialismo torna-se uma necessidade histórica, o qual foi poeticamente expresso num dos seus últimos textos em vida: “A vida é bela, que as gerações futuras a limpem de todo o mal, de toda opressão, de toda violência e possam gozá-la plenamente” (TROTSKY, 1978).

processo revolucionário em princípios de 1952, no qual o *trotquismo* boliviano adquiriu grande influência, codirigindo a insurreição operária que destruiu as forças armadas, entretanto, traiu a revolução quando, sob orientação do Secretariado Internacional (SI) da IV Internacional, decide apoiar criticamente o governo burguês. Segundo Moreno (1992), esta mesma orientação se generaliza para outros países e processos, o que ocasionou a profunda crise e fragmentação da IV Internacional.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Alfredo Bossi e Ivone Castilho Benedetti. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ACHTER, Paul J. McCarthyism. *In: Encyclopaedia Britannica*. [S. l.], 13 jan. 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/McCarthyism>. Acesso em: 24 jan. 2021.

ACTA DIURNA. *In: CLASSIC ENCYCLOPEDIA*. [S. l.]. 6 out. 2006. Disponível em: https://web.archive.org/web/20070701012839/http://www.1911encyclopedia.org/Acta_Diurna. Acesso: 7 jul. 2020.

AGUENA, Paulo (org.). **O marxismo e os sindicatos**. São Paulo: Sundermann, 2008.

AIDAR, Flávia. O jornal como instrumento pedagógico Programa Folha Educação: uma proposta de leitura de jornal em sala de aula. **Comunicação & Educação**, [s. l.], n. 2, p. 123-126, jan. /abr. 1995. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i2p123-126>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36145>. Acesso em: 04 abr. 2019.

ALEKSANDR Aleksandrovich Blok. *In: ENCYCLOPAEDIA Britannica*. [S. l.], 24 nov. 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Aleksandr-Aleksandrovich-Blok>. Acesso em: 3 dez. 2022.

ALEKSANDR Kerensky. *In: ENCYCLOPAEDIA Britannica*. [S. l.], 7 jun. 2020. Disponível em: <https://global.britannica.com/biography/Aleksandr-Kerensky>. Acesso em: 23 jun. 2020.

ALEKSEY Maksimovich Kaledin. *In: ENCYCLOPAEDIA Britannica*. [S. l.], 20 out. 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Aleksey-Maksimovich-Kaledin>. Acesso em: 21 out. 2021.

ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental**. Tradução: Carlos Cruz. Porto: Edições Afrontamento, 1976.

ANDREWS, B. R. Habit. **The American Journal of Psychology**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 121-149, abr. 1903. DOI: <https://doi.org/10.2307/1412711>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1412711?origin>. Acesso em: 09 jan. 2019.

ARANHA, Otávio Luiz Pinheiro. **Currículo de formação de professores de Educação Física no Estado do Pará**: conteúdos curriculares, concepções pedagógicas e modelos de profissionalidade. Orientador: Genylton Odilon Rêgo da

Rocha. 2011. 271 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

ARANHA, Otávio Luiz Pinheiro. Leon Trotsky na revista *Germinal*. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 10, n. 3, p. 131-141, dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v10i3.27743>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/27743/18933>. Acesso em: 03 jan. 2019.

ARAÚJO FILHO, José Gonçalves de. **O sentido do sindicalismo na tradição marxista: a educação da classe trabalhadora na fronteira das lutas econômicas, políticas e ideológicas**. Orientador: Justino de Sousa Júnior. 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

ARTE. *In*: Dicionário etimológico. Etimologia e origem das palavras. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/arte/>. Acesso em: 03 maio 2020.

AUGUSTO, Acácio. Insurgências na Rússia revolucionária e a atualidade da luta contra o Estado: niilismo e terrorismo anarquia e antipolítica. *In*: GONÇALVES DA SILVA, Marly; AGUIAR, Thaís Florência de (org.). **Ecos da Revolução Russa: anarquismo, socialismo e democracia ontem e hoje**. Belém: Editaedi/UFGPA, 2009. p. 50-73.

BAÑA, Martín. Como narrar a história da Revolução Russa no seu centenário? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 91, p. 55 – 66, set./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.3191006>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000300055&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 6 jun. 2019.

BANDEIRA, Moniz. **Lênin: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

BARÃO, Gilcilene de Oliveira Damasceno. **As contribuições educacionais de Florestan Fernandes: debate com a pedagogia nova e a centralidade da categoria revolução**. Orientador: Dermeval Saviani. 2008. 405 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

BARATA-MOURA, José. **Prática**. Para uma aclaração do seu sentido como categoria filosófica. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

BARATA-MOURA, José. Materialismo e dialética, ou da ontologia em Marx. **Vértice**, n. 145, p. 5-16, mar./abr. 2009.

BENSAÏD, Daniel. Stalinismo e bolchevismo. **Blog da Boitempo**, São Paulo, 28 jan. 2019. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/01/28/daniel-bensaid-stalinismo-e-bolchevismo/>. Acesso em: 06 dez. 2020.

BENSAUDE-VINCENTE, Bernadette. Dmitri Mendeleev. *In*: ENCYCLOPÆDIA Britannica. [S. l.], 04 fev. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Dmitri-Mendeleev>. Acesso em: 5 dez. 2020.

BIANCHI, Álvaro. Sobre o conceito de intelectual. **Blog Junho**. 13 jul. 2016. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/sobre-o-conceito-de-intelectual/>. Acesso: 06 fev. 2021.

BIANCHI, Álvaro. **Trotsky em Português**: esboço bibliográfico. Campinas: IFCH/Unicamp, 2005.

BOITO JR., Armando. A questão do fascismo no governo Bolsonaro. **Brasil de Fato**, São Paulo, 10 jan. 2019a. Opinião. Debate. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/10/artigo-or-a-questao-do-fascismo-no-governo-bolsonaro/> Acesso em: 06 jul. 2019.

BOITO JR., Armando. O neofascismo já é realidade no Brasil. **Brasil de Fato**, São Paulo, 19 mar. 2019b. Opinião. Política. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/19/artigo-or-o-neofascismo-ja-e-realidade-no-brasil/>. Acesso em: 13 jul. 2019.

BORÓN, Atilio A. Caracterizar o governo de Jair Bolsonaro como “fascista” é um erro grave. **Brasil de Fato**, São Paulo, 02 jan. 2019. Internacional. Análise. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/02/artigo-or-caracterizar-o-governo-de-jair-bolsonaro-como-fascista-e-um-erro-grave/>. Acesso em: 04 ago. 2019.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. *E-Book*.

BRAGA, Gustavo; FIÚZA, Ana Louise; REMOALDO, Paulo. O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 19, n. 45, p. 370-396, maio/ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/15174522-019004521>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222017000200370&lng=en&nrm=iso. Acesso em: jul. 2019.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BROUÉ, Pierre. **Comunistas contra Stalin**: massacre de una generación. Tradução: Andreu Coll, Margarita Diaz e Juan A. Herrero. Málaga: Sepha, 2007.

BROUÉ, Pierre. **O partido bolchevique**. Tradução: Paula Maffei e Ricardo Alves. São Paulo: Sundermann, 2014.

BROUÉ, Pierre. **Os trotsquistas na União Soviética (1929 – 1938)**. Cahiers Léon Trotsky, n. 6, 1980. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3812136/mod_resource/content/2/Os%20trotskistas%20na%20URSS.pdf. Acesso em:

CADETES (Partido Democrata-Constitucionalistas). *In*: Dicionário Político Marxists Internet Archive. Disponível em: www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/cadetes.htm. Acesso em: 08 jun. 2021.

CALDART, Roseli Salete. Apresentação. *In*: PISTRÁK, Moisey. **Fundamentos da escola do trabalho**. Tradução de Daniel Aarão Reis Filho. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANARY, Henrique. O partido dos fuzilados. **Correio da Cidadania**, [s. l.], 22 nov. 2019. Disponível em: <https://www.correiocidadania.com.br/cultura-esporte/13955-o-partido-dos-fuzilados>. Acesso em: 02 jan. 2021.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** Tradução: Lúcia Maurício de Alverga. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CERDEIRA, Bernardo. Bolchevismo e stalinismo: um velho debate. **Outubro**, [s. l.], 3. ed., n. 2, p. 63-72, 1999. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/sobre-a-revista/>. Acesso em: 05 maio 2018.

CHAGAS, Genira. Guardador da história. Livro sobre acervo do intelectual Lívio Xavier marca comemorações de 30 anos do CEDEM. **Jornal Unesp**, São Paulo, ano 23, n. 339, dez. 2017. Memória, p. 16.

CHEPTULIN, Alexandre. **A dialética materialista**: categorias e leis da dialética. Tradução: Leda Rita Cintra Ferraz. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 2004.

CLÁSSICO. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020a. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/classico/>. Acesso em: 10 out. 2020.

CLÁSSICO. *In*: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da língua portuguesa. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

CLÁSSICO. *In*: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [S. l.]: Editora Melhoramentos, 2020b. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cl%C3%A1ssico/>. Acesso em: 10 out. 2020.

COGGIOLA, Osvaldo. Da guerra civil à criação da URSS. *In*: GONÇALVES, Maurício Bernardino; ALBUQUERQUE, Jefferson Gustavo Lopes de (org.). **A Revolução de Outubro de 1917 – 100 anos depois**: reflexões críticas. v. 1. Recife: NEEPD-UFPE/ Gráfica e Editora Liceu, 2018. p. 49-71.

COGGIOLA, Osvaldo. Trotsky ontem e hoje. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

COLD WAR. *In*: ENCYCLOPAEDIA Britannica. [S. l.], 17 set. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Cold-War>. Acesso em: 24 jan. 2021.

COMISSÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PC (b) DA URSS. **História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS**. Pernambuco: Edições Centro Cultural Manoel Lisboa, 1999. Disponível em: <http://www.marxists.info/portugues/tematica/livros/historia/index.htm>. Acesso em: 06 ago. 2020.

COMO e onde surgiu o xadrez? **Superinteressante**. Comportamento. 31 dez. 2000. Disponível em: <https://super.abril.com.br/xadrez/>. Acesso em: 19 jun. 2019.

CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. **Partidos políticos e educação**: a extrema-esquerda brasileira e a concepção de partido como agente educativo. Orientadora: Elizabete Sampaio Prado Xavier. 1999. 248 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.

CONSTITUCION of the Russian Soviet Federated Socialist Republic 1918. *In*: **Marxists Internet Archive**. Soviet History Archive. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/ussr/government/constitution/1918/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

CORRÊA, Samantha Lodi. **Entre a pena e a baioneta**: Louse Michael e Nadezhda Krupskaja. Orientadora: Mara Regina Martins Jacomeli. 2016. 295 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016.

COSTA, Emília Viotti da. Apresentação da coleção. *In*: REIS FILHO, Daniel Aarão. **As revoluções russas e o socialismo soviético**. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 5 – 9.

COSTA NETO, Pedro Leão da. Crítica ao conceito de marxismo ocidental. **Crítica Marxista**, Campinas, SP, n. 38, p. 9-28, mar. 2014. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo307artigo1.pdf. Acesso em: 3 jul. 2018.

COUTO, Máira Lara; SOUZA, Maristela da Silva. A relação entre a fundamentação do trabalho pedagógico dos professores do CEFD-UFSM e os projetos pedagógicos de curso. **Germinal**: marxismo e educação em debate, Salvador, v. 6, n. 1, p. 184-194, jun. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v6i1.10125>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/10125/8940> Acesso em: 18 set. 2019.

DARNTON, Robert e ROCHE, Daniel. **Revolução Impressa**: a imprensa na França (1775-1800). São Paulo: EDUSP, 1997.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies através da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela sobrevivência**. Tradução: Ana Afonso. Leça de Palmeira, Portugal: Planeta Vivo, 2009.

DEUTSHER, Isaac. **Trotsky**: o profeta armado, 1879-1921. Tradução: Waltensir Dutra. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a.

DEUTSHER, Isaac. **Trotsky**: o profeta desarmado, 1921-1929. Tradução: Waltensir Dutra. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b.

DEUTSHER, Isaac. **Trotsky**: o profeta banido, 1929-1940. Tradução: Waltensir Dutra. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

DIAS, Edmundo Fernandes *et al.* **O outro Gramsci**. São Paulo: Xamã, 1996.

DION, Sylvie. O “fait divers” como gênero narrativo. **Letras**, Literatura, Outras Artes e Cultura das Mídias, Santa Maria, n. 34, p. 123-131, jun. 2007. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148511944>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11944/7358>. Acesso: 02 jan. 2020.

DISCUSSÃO COM TROTSKY SOBRE O PROGRAMA DE TRANSIÇÃO. *In*: TROTSKY, Leon. **O programa de transição para a revolução socialista**. Tradução: Elisabeth Marie e Luiz Gustavo Soares. São Paulo: Sundermann, 2008.

DUARTE, Newton *et al.* A pedagogia histórico-crítica e o marxismo: equívocos de (mais) uma crítica à obra de Dermeval Saviani. **Revista HISTEDBR On-Line**, Campinas, SP, v. 11, n. 41, p. 38-57, abr. 2011. DOI: <https://doi.org/10.20396/rho.v11i41e.8639894>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639894>. Acesso em: 5 maio 2018.

DUMA de Estado. *In*: DICIONÁRIO Político Marxists Internet Archive. Arquivo Marxista na Internet. Seção em Português. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/d/duma_de_estado.htm. Acesso em: 07 fev. 2021.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução: Gilson Cesar Cardoso de Souza. 26 ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

EGOROV, Oleg. Afinal, quem (ou o quê) é a intelligentsia russa? **Russia Beyond**. 16 jul. 2019. Disponível em: <https://br.rbth.com/estilo-de-vida/82544-o-que-e-intelligentsia-russa>. Acesso em: 05 fev. 2021.

ÉLIE METCHNIKOFF. *In*: ENCYCLOPAEDIA Britannica. [S. l.], 12 jul. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Elie-Metchnikoff>. Acesso em: 06 fev. 2021.

ENGELS, Friedrich. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**. Salvador, v. 4, n. 2, p. 131-166, dez. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v4i2.9391>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9391>. Acesso em: 23 ago. 2019.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dürhing**: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2015.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução: Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

ENGELS, Friedrich. Herrn Eugen Dühring's Umwälzung der Wissenschaft. *In*: MARX, Karl und ENGELS, Friedrich. **Werke**. Band 20. Dietz Verlag: Berlin/DDR, 1962. p. 136-238. Disponível em: http://www.mlwerke.de/me/me20/me20_136.htm#Kap_IV. Acesso em: 08 fev. 2021.

ENGELS, Friedrich. **Princípios básicos do comunismo e outros textos**. São João del Rei: Estudos Vermelhos, 2013. *E-book*.

FÉLIX, Antônio Ferreira. **O caráter pedagógico da atividade sindical e os limites do economicismo**. Orientador: Frederico Costa. 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

FERNANDES, Luis. Reflexões não muito ortodoxas sobre a Revolução Russa: legados e lições do centenário. *In*: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim (org.). **1917: o ano que abalou o mundo**. São Paulo: Boitempo: Edições Sesc SP, 2017. p. 151-163.

FERREIRA, Marcelo Pereira de Almeida. **A centralidade do lúdico na formação humana**: crítica das teses de Johan Huizinga. Orientadora: Elza Margarida de Mendonça Peixoto. 2019. 324 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

FIGES, Orlando. **Uma história cultural da Rússia**. Tradução: Maria Beatriz de Medina. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FILGUEIRAS, Luiz; DRUCK, Graça. O governo Bolsonaro, o neofascismo e a resistência democrática. **Le monde diplomatique Brasil**, [s. l.], 12 nov. 2018. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/o-governo-bolsonaro-o-neofascismo-e-a-resistencia-democratica/>. Acesso em: 08 ago. 2019.

FITZPATRICK, Sheila. **The commissariat of education under Lunacharsky (1917-1921)**. 1969. 408 f. Thesis [Phd] – St Antony's College, University of Oxford, Oxford, England, 1969.

FOURIER, Charles. *In: Encyclopaedia Britânica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Charles-Fourier>. Acesso em: 19 nov. 2020.

FREIDIN, Gregory. **Boris Leonidovich Pasternak**. Encyclopedia Britannica. 19 jan. 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Boris-Pasternak>. Acesso em: 13 jan. 2023.

FREITAS, Francisco Máuri de Carvalho. **Lenin e a educação política: domesticação impossível, resgate necessário**. Orientador: Silvio Oliveira Donizetti Gallo. 2005. 318 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

FRIZZO, Geovanni Felipe Ernst. Gregório Bezerra: professor de educação física, revolucionário, comunista e torturado nas duas ditaduras do Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 220-226, jul./set. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.12.009>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892016000300220&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 set. 2019.

GAIDO, Daniel; VALERA, Constanza. Trotskismo y guevarismo em la revolución cubana, 1959-1967. **Izquierdas**, Santiago, n. 27, p. 293-341, abr. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-50492016000200012>. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-50492016000200012&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 05 maio 2018.

GÊNESIS 11:1-9. *In: BÍBLIA On-Line*. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/gn/11/1-9>. Acesso em: 24 dez. 2020.

GENITIVOS. *In: DICIO*, Dicionário Online de Portugues. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/genitivos/>. Acesso em: 07 set. 2020.

GETZELER, Israel. Outubro de 1917: o debate marxista sobre a revolução na Rússia. *In: HOBBSAWM*, Eric. **História do marxismo V: o marxismo na época da Terceira Internacional: a revolução de outubro: o austromarxismo**. Tradução: Carlos

Nelson Coutinho, Luiz Sérgio N. Henriques e Amélia Rosa Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 25-74.

GOMIDE, Bruno Barreto. **Da estepe à caatinga**: o romance russo no Brasil (1887-1936). Orientador: Francisco Foot Hardman. 2004. 702 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

ГОСИЗДАТ. Государственное издательство РСФСР. 24 nov. 2019. Disponível em: http://gosizdat.ru/gosizdat_rsfsr/ Acesso em: 20 out. 2020.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Tradução: Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2015

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914 – 1921. Tradução: Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWN, Eric. Os intelectuais e o fascismo. *In*: HOBBSAWN, Eric (org.). **História do marxismo**: o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia. Tradução: Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio N. Henriques e Amélia Rosa Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 257-314.

IMAGINISM. *In*: ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. 13, nov. 2007. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Sergey-Aleksandrovich-Yesenin>. Acesso em: 22 dez. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas do século XX**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

INTELLIGENTSIA. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/intelligentsia/>. Acesso: 05 fev. 2021.

INTER-DISTRICT Organisation of United Social-Democrats. *In*: GLOSSARY of Organizations. Marxists Internet Archive. Encyclopedia. Disponível em: <https://www.marxists.org/glossary/orgs/i/n.htm#idousd> Acesso em: 07 fev. 2021.

IRWIN, David. Neoclassical art. *In*: **Enciclopaedia Britannica**. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/Neoclassicism> . Acesso em: 25 dez. 2020.

IZVESTIIA DIGITAL ARCHIVE. *In*: EAST View. East View Information Services, Inc. Minneapolis. Disponível em: <https://www.eastview.com/resources/gpa/izvestiia/> Acesso em: 08 ago. 2020.

JOFFÉ, Adolf. Última carta para Leon Trotsky. 15 de novembro de 1927. *In*: **Jornal Luta de Classe**, n. 2, ano 1, jun. 1930. Marxists Internet Archive. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/joffe/1927/11/15.htm#tr1>. Acesso em: 31 dez. 2020.

JOURDAN, Camila. Todo poder aos soviets: para fazer um mundo novo. *In*: GONÇALVES DA SILVA, Marly; AGUIAR, Thaís Florência de (org.). **Ecos da Revolução Russa**: anarquismo, socialismo e democracia ontem e hoje. Belém: Editaedi/UFPA, 2009. p. 103-119.

КАПИТОНОВА, Н. А. Либединский Юрий Николаевич. Писатели. *In*: ЛИТЕРАТУРНАЯ КАРТА ЧЕЛЯБИНСКОЙ ОБЛАСТИ. Государственное казенное учреждение культуры “Челябинская областная универсальная научная библиотека”. Disponível em: <http://litkarta.chelreglib.ru/persons/writers/libedinskij-yurij-nikolaevich/>. Acesso: 20 jul. 2020.

KAUTSKY, Karl. **Terrorismo y comunismo**: contribución a la historia natural de la revolución. Alejandría Proletaria: Valencia, Espanha, 2018.

KAREPOVS, Dainis; MARQUES NETO, José Castilho; LÖWY, Michael. Trotsky e o Brasil. *In*: MOARES, João Quartim de (org.). **História do marxismo no Brasil. Volume 2**: os influxos teóricos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 229-254.

KEENAN, Edward Louis *et al.* Russia. *In*: **Encyclopaedia brittanica**, 30 jan. 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Russia>. Acesso em 2 fev. 2021.

KOLLONTAI, Alexandra. **A oposição operária 1920-21**. Tradução: V. T. 2 ed. Porto: Afrontamento, 1977.

KOPP, Anatole. Introdução. *In*: TROTSKY, Leon. **Questões do modo de vida**. Tradução: A. Castro. Lisboa: Antidoto, 1979. p. 7 – 15.

KRAUSZ, Tamáz. **Reconstruindo Lenin**: uma biografia intelectual. Tradução: Baltazar Pereira. São Paulo: Boitempo, 2019. *E-book*.

KRUPSKAYA, Nadezha Konstantinovna. **A construção da pedagogia socialista (escritos selecionados)**. Tradução: Natalya Pavlova e Luiz Carlos de Freitas. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

KRUSHCHEV, Nikita. **Informe Secreto al XX Congreso del PCUS**. 25 de febrero de 1956. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/khrushchev/1956/febrero25.htm>. Acesso em: 26 jan. 2021.

LAFFARGUE, Charles-André. Ferdinand Foch. *In*: **Encyclopaedia brittanica**. 16 mar. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ferdinand-Foch>. Acesso em: 25 mar. 2020.

LAZARINI, Ademir Quintilio. **A relação entre capital e educação escolar na obra de Dermeval Saviani**: apontamentos críticos. Orientador: Paulo Sérgio Tumolo. 2010. 528 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2010.

LAZARINI, Ademir Quintilio. **Capital e educação escolar na obra de Dermeval Saviani**: apontamentos críticos. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

LENIN, Vladimir. II Congresso dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados de Toda a Rússia. 25-26 de outubro de 1917. In: LENIN, Vladimir. **Obras escolhidas em três tomos**. t. 2. Lisboa: Avante, 1977a. p. 391-407. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/10/26.htm>. Acesso em: 21 ago. 2019.

LENIN, Vladimir. **VIII Congresso do PCR(b)**. 18 – 23 de março de 1919. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1919/03/23.htm>. Acesso em: 11 mai. 2019.

LENIN, Vladimir. **XI Congresso do PCR (b)**. 1922. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1922/04/02.htm>. Acesso em: 23 set. 2020.

LENIN, Vladimir. A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo. In: LENIN, Vladimir. **Obras escolhidas**. t. 3. Lisboa: Avante, 1977b. p. 275-349. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1920/05/esquerdismo-doenca-infantil.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.

LENIN, Vladimir. Adendo à carta de 24 de dezembro de 1922. In: LENIN, Vladimir. **Últimos escritos e Diário de secretárias**. São Paulo, Sundermann, 2012a. p. 87-88.

LENIN, Vladimir. **A guerra europeia e o socialismo internacional**. Agosto-setembro de 1914. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1914/09/guerra.htm>. Acesso em: 25 dez. 2020.

LENIN, Vladimir. **As tarefas imediatas do poder soviético**. 26 de abril de 1918. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1918/04/26.htm> Acesso em: 25 jun. 2019.

LENIN, Vladimir. Carta ao Congresso. 23 de dezembro de 1922. In: LENIN, Vladimir. **Últimos escritos e Diário de secretárias**. São Paulo, Sundermann, 2012b. p. 73-77.

LENIN, Vladimir. **Concessões e estímulos do capitalismo**. Discursos de Lênin. 25 de abril de 1921. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/lenin/discursos/capitalismo.htm> . Acesso em: 11 mai. 2019.

LENIN, Vladimir. Draft decision for the politbureau of the C.C., R.C.P.(B.) in Connection with the Genoa Conference. *In*: LENIN, Vladimir. **Collected Works**. Progress Publishers. v. 42. 1971. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1922/feb/04a.htm> Acesso em: 24 dez. 2020.

LENIN, Vladimir. **Materialismo e empiriocriticismo**: notas e críticas sobre uma filosofia reacionária. Lisboa: Avante, 1982.

LENIN, Vladimir. Melhor pouco, porém bom. *In*: LENIN, Vladimir. **Últimos escritos e diário das secretárias**. São Paulo: Sundermann, 2012c. p. 110-123.

LENIN, Vladimir. **Obras completas**. Tomo XXXVI. Madri: Akal/Cutura Popular, 1978.

LENIN, Vladimir. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. O processo de formação do mercado interno para a grande indústria. Tradução: José Paulo Netto. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

LENIN, Vladimir. **O Estado e Revolução**. [S. l.]: Estudos Vermelhos, 2013. *E-book*.

LENIN, Vladimir. **O Imperialismo**: fase superior do capitalismo. São Paulo: Centauro, 2000.

LENIN, Vladimir. Páginas do diário. *In*: LENIN, Vladimir. **Obras escolhidas em três tomos**. t. 3. Edições Avante, 1977c. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1923/01/02.htm#tr1> Acesso em: 12 jun. 2021.

LENIN, Vladimir. ¿Por donde empezar? *In*: LENIN, Vladimir. **Obras**. Tomo I (1894-1901). Edición Progreso: Moscú, 1973.

LENIN, Vladimir. Sobre a cooperação. *In*: LENIN, Vladimir. **Últimos escritos e diário das secretárias**. São Paulo: Sundermann, 2012d. p. 94 – 100.

LENIN, Vladimir. **Sobre a cultura proletária**. 8 de outubro de 1920. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1920/10/08.htm> Acesso em: 06 jun. 2020.

LENIN, Vladimir. **Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução**. 1917. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/04/04_teses.htm Acesso em: 27 dez. 2020.

LENIN, Vladimir. Sobre el cooperativismo. *In*: LENIN, Vladimir. **Obras completas**. t XXXVI. Ediciones de Cultura Popular/Akal Editor: Madrid,1978. p. 496- 503.

LENIN, Vladimir. Sobre o problema das nacionalidades ou sobre a “autonomização”. *In*: LENIN, Vladimir. **Últimos escritos e Diário de secretárias**. São Paulo: Sundermann, 2012d. p. 81-87.

LENIN, Vladimir. **Teses de abril**. Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução. Tradução: J. A. Cardoso. São Paulo: Editora Acadêmica, 1987.

LENIN, Vladimir. The development of capitalism in Russia. The process of the formation of a home market for large-scale industry. *In*: LENIN, Vladimir. **Collected Works**. Volume 3. 4 th. ed. Moscow: Progress Publishers, 1964. p. 21-608. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/cw/volume03.htm> Acesso em: 20 ago. 2020.

LEON BOULY. *In*: CINEMATOGRAPHERS. Disponível em: <http://cinematographes.free.fr/bouly.html> Acesso em: 13 jul. 2019.

LEWIN, Moshe. **O século soviético**: da revolução de 1917 ao colapso da URSS. Tradução: Silvia Costa. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (org.). **Marxismo e educação**: debates contemporâneos. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr, 2008.

LOSURDO, Domenico. **Stálin**: história crítica de uma lenda negra. Tradução: Jaime Clasen. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

MACENO, Talvanes Eugênio. **Educação e reprodução social**: a perspectiva da crítica marxista. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

MACENO, Talvanes Eugênio. **A Impossibilidade da universalização da educação**. São Paulo: Instituto Lukács, 2019.

MAESTRO, Juan Ignacio Castien. La psicología de Henri Wallon y su relevancia para el estudio del trabajo y de la actividad. **Cadernos Cemarx**, Campinas, SP, n. 8, p. 119 - 133, 2015. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/10902>. Acesso em: 03 set. 2019.

MAIA. Lucíola Andrade. A pedagogia socialista de Makarenko: notas pedagógicas. **Revista Dialectus**, [s. l.], ano 2, n. 7, p. 68 – 81. set./dez. 2015.

СПРАВОЧНИК ПО ИСТОРИИ КОММУНИСТИЧЕСКОЙ ПАРТИИ И СОВЕТСКОГО СОЮЗА 1898 – 1991. [entre 2005 e 2020]. Disponível em: http://www.knowbysight.info/2_KPSS/08980.asp. Acesso em: 31 jul. 2020.

MAKHNO. *In*: Dicionário político. Marxists Internet Archive. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/makhno_nestor.htm. Acesso em: 19 maio 2021.

MANDEL, Ernest. **Trotsky como alternativa**. Tradução de Arlene Elizabeth Clemesha. São Paulo: Xamã, 1995.

MARC'HADOUR, Germain P. Thomas More: English humanist and statesman. *In*: ENCYCLOPEDIA Britannica. 27 abr. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Thomas-More-English-humanist-and-statesman/Legacy>. Acesso em: 18 mai. 2020.

MARIE, Jean-Jacques. **História da guerra civil russa 1917-1922**. Tradução: Patrícia Reuillard e Janyne Martini. São Paulo: Contexto, 1917.

MARIE, Jean-Jacques. **Trotsky**: revolucionario sin fronteras. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

MARIE, Jean-Jacques. O socialismo de Gulag. Tradução de: Marcio Lauria Monteiro. **Contrapoder**. 28 de outubro de 2020. Disponível em: <https://contrapoder.net/artigo/o-socialismo-do-gulag/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

MARX, Karl. Carta a Joseph Weydemeyer. 5 de março de 1852. *In*: MARX, Karl. **Obras escolhidas em três tomos**. Lisboa: Avante, 1982. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1852/03/05.htm>. Acesso em: 06 dez. 2020.

MARX, Karl. **Crítica ao programa de Gotha**. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. **Das Kapital**. Band I. Kritik der politischen Ökonomie. Ester Band. Burch I: Der Produktionsprozeß des Kapitals. 1962. Disponível em: http://www.mlwerke.de/me/me23/me23_000.htm. Acesso em: 15 maio 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A. **Die deutsche Ideologie**. Kritik der neuesten deutschen Philosophie in ihren Repräsentanten Feuerbach, B. Bauer und Stirner und des deutschen Sozialismus in seinen verschiedenen Propheten. 1969. Disponível em: http://www.mlwerke.de/me/me03/me03_009.htm. Acesso em: 07 maio 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução: Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Educação, ensino e marxismo**. São Paulo: Edições Iskra, 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. Tradução: Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl. **Grundrisse**. Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. Tradução: Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011a.

MARX, Karl. **Letter from Marx to Nikolai Danielson in St. Petersburg**. 1879.

Disponível em:

https://www.marxists.org/archive/marx/works/1879/letters/79_04_10.htm#n. Acesso em: 23 set. 2020.

MARX, Karl. **Liberdade de imprensa**. Tradução: Cláudia Schilling e José Fonseca. Porto Alegre: LPM, 2006.

MARX, Karl. **Lutas de classes na Rússia**. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013a.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**: resposta à Filosofia da Miséria, do Sr. Proudhon. Tradução: José Paulo Netto. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl. **O 18 brumário de Luís Bonaparte**. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011b.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro 1. Volume 1. Tradução: Reginaldo Santana. 10. ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro 1. Tradução: Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2013b. *E-book*.

MATIAS, Iraldo Alberto Alves; SANTOS, Leovitor Nobuyuki dos. Muito além de uma “Bauhaus Soviética”: o legado de Vkhutemas/Vkhutein (1920-1930). **Cadernos Cemarx**, Campinas, SP, n. 7, p. 39-54, 2014. Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/10880/6148>

Acesso em: 13 out. 2019.

MAUES, Olgaíses. O sindicato de Educação Superior e as políticas educacionais. **Germinal**: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 7, n. 2, p. 252-262, dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v7i2.13351>.

Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/13351> Acesso em: 09 set. 2019.

McNEIL, William. The Steppe. *In*: **Encyclopaedia Britannica**. [S. l.], 12 nov. 2020.

Disponível em: <https://www.britannica.com/place/the-Steppe>. Acesso em 2 fev. 2021.

MEHRING, Franz. **Karl Marx**: a história de sua vida. Tradução: Paula Maffei. São Paulo: Sundermann, 2013.

MELO, Demian Bezerra de; MONTEIRO, Marcio Lauria. Os ciclos de revisionismo histórico nos estudos sobre a Revolução Russa. **Revista Direito & Práxis**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 2256-2294, ju./set. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2179-8966/2017/29985>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2179-89662017000302256&lng=en&nrm=iso&tlng=pt
Acesso: 20 nov. 2020.

MENDONÇA, Carlos Eduardo Rebello de. **Trotsky diante do socialismo real**: perspectivas para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MENDONÇA, Carlos Eduardo Rebello de. **Trotsky e a revolução permanente**: história de um conceito chave. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

MIÉVILLE, China. **Outubro**: história da Revolução Russa. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

MIKHAIL Nikolayevich Pokrovsky. *In*: ENCYCLOPAEDIA Britannica. [S. l.], 25 ago. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Mikhail-Nikolayevich-Pokrovsky#info-article-history>. Acesso em: 18 set. 2020.

MIKHAIL Vasilyevich Alekseyev. *In*: ENCYCLOPAEDIA Britannica. [S. l.], 04 out. 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Mikhail-Vasilyevich-Alekseyev/additional-info#history>. Acesso em: 24 nov. 2021.

MONTEFIORE, Simon Sebag. **Os Románov. 1613-1918**. Tradução: Claudio Carina *et al.* São Paulo: Companhia das Letras, 2016. *E-Book*.

MONTEIRO, Marcio Lauria. A luta de Lenin contra Stalin e a burocratização soviética. **Revista História e Luta de Classes**, ano 13, n. 23, mar. 2017a. p. 42 – 56.

MONTEIRO, Marcio Lauria. Revolução Russa e revisionismo historiográfico: o retorno neoliberal da “tese da continuidade” entre bolchevismo e stalinismo. *In*: SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de; MELO, Demian Bezerra de; CALIL, Gilberto Grassi (org.). **Contribuição à crítica da historiografia revisionista**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2017b. p. 225 – 255.

MORENO, Nahuel. **Teses para a atualização do programa de transição**. Tradução: Arnaldo Schreiner e Silvana Foá. São Paulo: CS Editora, 1992.

MORE, Thomas. **Utopia**. Tradução de: Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

MORGAN Lewis Henry. *In: International Encyclopedia of the Social Sciences*. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/people/social-sciences-and-law/anthropology-biographies/lewis-henry-morgan>. Acesso em: 01 jun. 2020.

MUSTO, Marcello. **O velho Marx**: uma biografia de seus últimos anos. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2018.

NIKOLAY Bukharin. *In: Encyclopaedia Britannica*. [S. l.], 22 out. 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Left-Communist> Acesso em: 02 fev. 2022.

NOGUEIRA, Jaime. O plano de Stalin para libertar o assassino de Trotsky. **Rússia Beyond**. 02 ago. 2017. Disponível em: https://br.rbth.com/arte/historia/2017/08/02/o-plano-de-stalin-para-libertar-o-assassino-de-trotsky_815556. Acesso em: 12 dez. 2021.

NOVACK, George. Introduction. *In: TROTSKY, Leon. Problems of everyday life: and other writings on culture & science*. Nova Iorque: Pathfinder Press, 1983. p. 7 - 12.

NORTH, David; WEISS, Clara. Trotsky da Netflix: uma combinação tóxica de falsificação histórica e antissemitismo. *In: World Socialist Web Site*, 20 mar. 2019. Disponível em: <https://www.wsws.org/pt/articles/2019/03/20/pers-m20.html>. Acesso em: 18 out. 2020.

NORTH, David. **In Defense of Leon Trotsky**. sec. edition. Michigan: Mehring Books, 2013. *E-Book*.

OYAMA, Edison Riuitiro. **Lenin, educação e revolução na construção da República dos Sovietes**. Orientador: José dos Santos Rodrigues. 2010. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

OSÓRIO SILVA, Lígia Maria. Lenin: a questão agrária na Rússia. **Crítica Marxista**, Campinas, SP, n. 35, p. 111 – 129, out. 2012. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo283merged_document_268.pdf. Acesso em: 20 jul. 2020.

OTZOVISMO. *In: Dicionário Político*. Marxists Internet Archive. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/o/otzovismo.htm>. Acesso em: 19 jun. 2020.

OUSTINOFF, Michäel. **Tradução**: história, teoria e métodos. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.

PASSETI, Edson. Os anarquistas na Revolução Russa (anotações libertárias). *In: GONÇALVES DA SILVA, Marly; AGUIAR, Thaís Florência de (org.). Ecos da*

Revolução Russa: anarquismo, socialismo e democracia ontem e hoje. Belém: Editaedi/UFGA, 2009. p. 37-49.

PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes dos. [Resenha de:] Losurdo, Domenico. Stalin: história crítica de uma lenda negra. Rio de Janeiro, Revan, 2010. **Outubro**, [s. l.], n. 23, p. 172-175. jan. 2015. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/resenha-a-stalin-historia-critica-de-uma-lenda-negra-rio-de-janeiro-revan-2010/> Acesso em: 30 jan. 2021.

ПЧЕЛОВ, Евгений. История герба: Как в XVIII веке изменился один из главных символов России. *In*: **Arzamas**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://arzamas.academy/materials/848>. Acesso em: 05 fev. 2021.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça. Análise da produção do conhecimento: a prática como direção da crítica. **Germinal**: marxismo e educação em debate, Salvador, v. 9, n. 2, p. 5-25, ago. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v9i2.23638>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/23638>. Acesso em: 04 set. 2017.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça *et al.* Crise do capital, crise sanitária, crise política - notas de conjuntura e educação. **Germinal**: marxismo e educação em debate, Salvador, v. 11, n. 3, p. 30-73, dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v11i3.36394>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/36394> Acesso em: 03 jan. 2020.

PÉRICAS, Luiz Bernardo. Che Guevara e o trotsquismo na América Latina. **Outubro**, [s. l.], 6 ed., n. 2, p. 91-104, 2002. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-6-Artigo-08.pdf> Acesso em: 12 dez. 2018.

PÉWÉ, Troy. Permafrost. *In*: **Encyclopaedia Britannica**. [S. l.], 19 jan. 2018. Disponível em: <https://www.britannica.com/science/permafrost>. Acesso em 2 fev. 2021.

PINSK, Marx. Netflix's 'Trotsky': Ruthless Revolutionary Jew, Dogged by Anti-Semitism. *In*: **Moment**. 23 jun. 2019. Arts & Culture. Disponível em: <https://momentmag.com/netflixs-trotsky-ruthless-revolutionary-jew-dogged-by-anti-semitism/>. Acesso em: 18 out. 2020.

PISTRAK, M. **Fundamentos da escola do trabalho**. Tradução: Daniel Aarão Reis Filho. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

POSADAS, Juan. **O pensamento vivo de Trotsky**. São Paulo: Editora Ciência, Cultura e Política, 1989.

REED, Jhon. **Dez dias que abalaram o mundo**: a história da Revolução Russa. Tradução: Denise Tavares Gonçalves. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

QUEM foram os cossacos? *In*: **Superinteressante**. 18 abr. 2021. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-foram-os-cossacos/>. Acesso em: 20 maio 2021.

REIMAN, Michal. Os bolcheviques desde a guerra mundial até Outubro. *In*: HOBBSAWM, Eric (org.). **História do marxismo V**: o marxismo na época da Terceira Internacional: a revolução de outubro: o austromarxismo. Tradução: Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio N. Henriques e Amélia Rosa Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 75 - 112.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **As revoluções russas e o socialismo soviético**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

ROCHA, Ana Vitoria S. C. Um historiado que nunca dorme: os “anos vermelhos” de Luiz Aberto Moniz Bandeira. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 38, n. 77, p. 149-154, jan./abr. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472018v38n77-07>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882018000100149. Acesso em: 24 dez. 2020.

RONDAN, John Antonio Gonzales. **Nikolai Aleksandrovich Rozhkov (1868-1927)**: historian and revolutionary. University of Wollongong Thesis Collection. 1996. Doctor of Philosophy thesis, Department of History and Politics, University of Wollongong, 1996. Disponível em: <http://ro.uow.edu.au/theses/1436> Acesso em: 03 fev. 2021

SADER, Emir. Apresentação. *In*: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução: Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 9-15.

SANCHEZ-GAMBOA, Silvio. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. *In*: FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 91-116.

SANTOS, Cláudio Félix dos; GOBBI, Adalgiza Gonçalves; MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. O popular e o erudito na educação escolar. **Germinal**: marxismo e educação em debate, Salvador, v. 7, n. 1, p. 68-77, jun. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v7i1.12399>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/12399> Acesso em: 04 set. 2019.

SAVIANI, Dermeval. Debate sobre as relações entre educação, formação humana e ontologia a partir do método dialético. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 31 n. 1, 185-209, jan./abr. 2013. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2013v31n1p185>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2013v31n1p185/25654> . Acesso em: 20 jan. 2018.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton (org.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1980.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 32. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 10. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**. São Paulo: Autores Associados, 2003.

SAHUQUILLO, María R.; PERÉZ, David Marcial. O segundo assassinato de Leon Trotski: historiadores contra a série da Netflix. **El País**, Moscou/Cidade do México, 03 mar. 2019. Cultura. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/01/cultura/1551463847_511468.html . Acesso em: 19 nov. 2020.

SCARPIN, Paula. Nossos três russos. **Piauí**, [s. l.]. ed. 47, ago. 2010. Questões Literárias. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/nossos-tres-russos/> . Acesso: 26 Set. 2020.

SEGRILLO, Angelo. Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens. **Projeto História**, v. 41, p. 63-92, dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6535/4734> Acesso em: 14 set. 2020.

SEGRILLO, Angelo. Karl Marx e a Revolução Russa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 61, p. 479-496, maio/ago. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S2178-14942017000200010> Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862017000200479&lng=pt&tlng=pt . Acesso em: 2 jan. 2019.

SEGRILLO, Angelo. **Reconstruindo a “Reconstrução”**: uma análise das principais causas da Perestroika soviética. Orientador: Daniel Aarão Reis Filho. 1999. 203 f. Tese (doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. Gramsci: mais um antitrotskyista?. **Outubro**, [s. l.], ed. 10, n. 1, p. 49-68, 2004. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/gramsci-mais-um-antitrotskyista/>. Acesso em: 27 jun. 2018.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. A “boa memória”: algumas questões sobre revisionismo na historiografia brasileira contemporânea. *In*: SENNA JÚNIOR, Carlos Zacarias de; MELO, Demian Bezerra de; CALIL, Gilberto Grassi (org.). **Contribuição à crítica da historiografia revisionista**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

SERAPION BROTHERS. *In*: **Encyclopedia Britannica**. 12 mai. 2017. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Serapion-Brothers>. Acesso em: 19 dez. 2020.

SERGE, Victor. **O ano I da Revolução Russa**. Tradução: Lólio Lourença de Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2007.

SERVICE, Robert. **Trotsky**: uma biografia. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2017.

SHACHTMAN, Max. *In*: MARXISTS' Internet Archive. Marxists Writers. 2020 a. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/shachtma/index.htm>. Acesso em: 22 out. 2020.

SHULGIN, Viktor N. **Rumo ao politécnico (artigos e conferências)**. Tradução: Alexey Lazarev e Luiz Carlos de Freitas. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SINYAVSKY, Andrei. **The russian intelligentsia**. Columbia University Press: New York, 1997.

SILK Road. *In*: ENCYCLOPAEDIA Britannica, [s. l.], 29 sep. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Silk-Road-trade-route>. Acesso em: 2 fev. 2021.

SILVA, Efrain Maciel e. **Pedagogia histórico-crítica e o desenvolvimento da natureza humana**. Curitiba: Appris, 2019.

SOARES, Carmem Lúcia *et al.* **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio *et al.* Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 2, p. 391-411, abr./jun. 2011.

STALIN, Josef. O que é trotskismo. *In*: STALIN, Josef. **Sobre algumas questões da história do bolchevismo**. A Revolução Proletária, n. 6, 1931. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/trotsky/09.htm#i5>. Acesso em: 28 ago. 2020.

STATUTES of the Fourth International. *In*: Founding Conference of the Fourth International. Toward a History of the Fourth International. ETOL Home Page, 1938. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/1938-1949/fi-1stcongress/ch07.htm>. Acesso em: 15 ago. 2020.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; SANTOS JÚNIOR, Claudio de Lira. Modo de produção e educação: questões do modo de vida: uma contribuição de Leon Trotsky. **Germinal**: marxismo e educação em debate, Londrina, v. 1, n. 1, p. 4-13, jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9830/7118>. Acesso em: 2 set. 2019.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; SANTOS JÚNIOR, Claudio de Lira; COLAVOLPE, Carlos (org.). **Trabalho pedagógico e formação de professores / militantes culturais**: construindo políticas públicas para a Educação Física, Esporte e Lazer. Salvador: EDUFBA, 2009.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. Pesquisa, prática pedagógica e projeto histórico. **Germinal**: marxismo e educação em debate, Londrina, v. 2, n. 2, p. 79-89, ago. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v2i2.9585>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9585/7009>. Acesso em: 05 set. 2019.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. Marxismo, movimentos sociais, educação, sindicalismo. **Germinal**: marxismo e educação em debate, Salvador, v. 8, n. 1, p. 47-62, jun. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v8i1.16979>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/16979/11670> Acesso em: 09 set. 2019.

THE LIGHT Cinematograph. *In*: INSTITUTE Lumière. Disponível em: <http://www.institut-lumiere.org/musee/les-freres-lumiere-et-leurs-inventions/cinematographe.html> Acesso em: 23 jun. 2019.

THE TUNDRA Biome. *In*: UC MUSEUM of Paleontology. University of California, Berkeley, 1996. Disponível em: <https://ucmp.berkeley.edu/exhibits/biomes/tundra.php> Acesso em: 01 fev. 2021.

TONET, Ivo. **Educação contra o capital**. Maceió: EDUFAL, 2007.

TRAVERSO, Enzo. Revisão e revisionismo. *In*: SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de; MELO, Demian Bezerra de; CALIL, Gilberto Grassi (org.). **Contribuição à crítica da historiografia revisionista**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

TRAGTENBERG, Maurício. Pistrak: uma pedagogia socialista. **Revista Espaço Acadêmico**, ano III, n. 24. p. 1-11, maio 2003. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/52588/751375149662>. Acesso em: 14 jul. 2021.

TROTSKY, Leon. A questão chinesa depois do VI Congresso. *In*: TROTSKY, Léon. **Stálin**: o grande organizador de derrotas. A III internacional depois de Lenin. Tradução: Paula Maffei. São Paulo: Sundermann, 2010. p. 269 – 322.

TROTSKY, Leon. **A revolução de 1905**. Tradução: Salvador O. De Freitas. São Paulo: Global Editora, [198-?].

TROTSKY, Leon. **A revolução traída**. Tradução: Olinto Beckerman. São Paulo: Global Editora, 1980.

TROTSKY, Leon. As tarefas da educação comunista. *In*: MARX; Karl; ENGELS, Friedrich. **Educação, Ensino e Marxismo**. São Paulo: Iskra, 2016.

TROTSKY, Leon. **A teoria da revolução permanente**. Tradução: Diego Siqueira *et al.* São Paulo: Sundermann, 2010.

TROTSKY, Leon. **A verdade sobre Cronstadt**. 2. ed. São Paulo: Edições Causa Operária, 2005.

TROTSKY, Leon. **Balço e perspectiva**. Tradução: Rosado Fonseca. Lisboa: Delfos, 1973.

TROTSKY, Léon. **Carta a los miembros del Comité Central y de la Comisión Central de Control del Partido Comunista ruso (b)**. 8 de octubre de 1923. [S. /.]: Edicions Internacionals Sedov, c1994a. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/trotsky/eis/1923.CartaaCCyCCCdePCb.pdf> . Acesso em: 15 dez. 2020.

TROTSKY, Leon. **Carta a los miembros del Comité Central y de la Comisión Central de Control del Partido Comunista Ruso (b)**. 23 octubre de 1923. [S. /.]: Edicions Internacionals Sedov, c1994b. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/trotsky/eis/carta-a-cc-y-ccc-de-pcr-b-trotsky-23-10-1923.pdf> Acesso em: 15 dez. 2020.

TROTSKY, Leon. Carta do camarada Tróstki aos alunos de alfabetização do Exército Vermelho. Tradução: Paula Almeida. *In*: ALMEIDA, Paula. **Um raro achado na Rússia**: a carta de Trotski ao Exército Vermelho inédita em português. Esquerda Diário. 5 fev. 2018. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Um-raro-achado-na-Russia-a-carta-de-Trotsky-ao-Exercito-Vermelho-inedita-em-portugues?fbclid=IwAR0-e4yTBcyY8OWYhppBnZg6kzc7LjxjqaUdiVQdk3vNpFSn4aU146T9VoE> Acesso em: 27 out. 2020.

TROTSKY, Leon. Decreto sobre la instrucción militar obligatoria. 22 de abril de 1918. *In*: TROTSKY, Leon. **Escritos Militares de Leon Trotsky, Como se armó la revolución?**. Vol. 1, 1918. [S. /.]: Mateo Fosa, 2011. p. 86-87.

TROTSKY, Leon. **Discurso en el Plenario Unificado del Comité Central y de la Comisión Central de Control del Partido Comunista Ruso (Bolchevique)**. 26 de octubre de 1923. [S. l.]: Edicions Internacionals Sedov, 1994c. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/trotsky/eis/discurso-pleno-unificado-cc-y-ccc-de-pcr-b-trotsky-26-10-1923.pdf> . Acesso em: 15 dez. 2020.

TROTSKY, Leon. E agora? A revolução alemã e a burocracia stalinista. *In*: TROTSKY, Leon. **Revolução e contrarrevolução na Alemanha**. Tradução: Mario Pedrosa. São Paulo: Sundermann, 2011. p. 137-271.

TROTSKY, Leon. Estalinismo e bolchevismo: sobre as raízes históricas e teóricas da IV Internacional. 29 de agosto de 1937. *In*: TROTSKY, Leon. **Escritos**. Livro 1. Investigaciones y Publicaciones Leon Trotsky: Buenos Aires, 2001. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1937/08/29.htm> . Acesso em: 18 out. 2020.

TROTSKY, Leon. **História da Revolução Russa**. Tradução: Diego de Siqueira. t. 1. São Paulo: Sundermann, 2007a.

TROTSKY, Leon. **História da Revolução Russa**. Tradução: Diego de Siqueira. t. 2. São Paulo: Sundermann, 2007b.

TROTSKY, Leon. **La guerra y la Internacional**. [S. l.], 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/trotsky/1914/1914-guerra.htm> . Acesso em: 24 dez. 2020.

TROTSKY, Leon. **Les questions du mode de vie**. Paris: Edições 10/18, 1976.

TROTSKY, Leon. **Literatura e Revolução**. Tradução: Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

TROTSKY, Leon. **Minha vida**. Ensaio autobiográfico. Tradução: Lívio Xavier. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

TROTSKY, Leon. **Minha Vida**. Tradução: Rafael Padial. São Paulo: Sundemann, 2017.

TROTSKY, Leon. **Os processos de Moscou (a repressão e os expurgos stalinistas)**. Tradução: Salvador Obidol de Freitas. São Paulo: Edições Populares, 1983.

TROTSKY, Leon. **O programa de transição para a revolução socialista**. Tradução: Elisabeth Marie e Luiz Gustavo Soares. São Paulo: Sundermann, 2008.

TROTSKY, Leon. O único caminho. *In*: TROTSKY, Leon. **Revolução e contrarrevolução na Alemanha**. Tradução: Mario Pedrosa. São Paulo: Sundermann, 2011. p. 273 – 340.

TROTSKY, Leon. **Por la libertad de la educación**. 1938. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/trotsky/ceip/escritos/libro5/T09V246.htm> Acesso: 02 jan. 2021.

TROTSKY, Leon. **Problemas da guerra civil**. Tradução: M. Videira e A. Campos. Lisboa: Antidoto, 1977.

TROTSKY, Leon. **Problems of everyday life: and other writings on culture & science**. Nova Iorque, Monad Press, 1986.

TROTSKY, Leon. **Questões do modo de vida. A moral deles e a nossa**. Tradução: Diego Siqueira e Daniel Oliveira. São Paulo: Sundermann, 2009.

TROTSKY, Leon. **Questões do modo de vida**. Tradução: A. Castro. Lisboa: Antidoto, 1979.

TROTSKY, Leon. Saber Militar e Marxismo. *In*: TROTSKY, Leon. **Problemas da guerra civil**. Tradução: M. Videira e A. Campos. Lisboa: Antidoto, 1977b. p. 51 – 91.

TROTSKY, Leon. **Sobre o pessimismo, o otimismo, o século XX e muitas outras coisas**. Tradução: Paula Vaz de Almeida. 17 de fevereiro de 1901. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1901/02/17.htm> Acesso em: 5 maio 2010.

TROTSKY, Leon. Tasks of communist education. *In*: TROTSKY, Leon. **Problems of everyday life: and other writings on culture & science**. Nova Iorque, Monad Press, 1986.

TROTSKY, Leon. **Terrorismo e comunismo: o anti Kautsky**. Tradução: Lívio Xavier. Rio de Janeiro: SAGA, 1969.

TROTSKY, Leon. The Makhno movement. *In*: TROTSKY, Leon. **The military writings of Leon Trotsky**. vol. 2, the year 1919. How the revolution armed. Trotsky Internet Archive, 2013. p. 221-224. *E-book*.

ТРОЦКИЙ, Лев Давидович. **Проблемы культуры. Культура переходного периода**. Москва: [s. n.], 1927. Disponível em: <https://www.marxists.org/russkij/trotsky/works/trotl910.html>. Acesso em: 12 ago. 2018.

TSAR. *In*: ENCYCLOPAEDIA Britannica. [S. l.], 30 mar. 2016. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/tsar>. Acesso em 30 jul. 2020.

TUMOLO, Paulo S. **Da contestação à conformação**: a formação sindical da CUT e a reestruturação capitalista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

VALÉRY, Paul. Situação de Baudelaire. *In*: VALÉRY, Paul: **Variedades**. Tradução: Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 21 – 32.

VILLELA, Thyago Marão. A “atenção aos detalhes”: as “questões do modo de vida” e o novo *byt* soviético (1923). **Cadernos Cemarx**, Campinas, SP, n. 8, p. 85-102, 2015. Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/10900/6174>

Acesso em: 03 mar. 2018.

VLADIMIR MAYAKOVISKY. *In*: **Encyclopaedia Britannica**. 15 jul. 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Vladimir-Vladimirovich-Mayakovsky>. Acesso em 3 set. 2022.

WEYDEMEYER, Joseph. **The dictatorship of the proletariat**. New York: Turn-Zeitung, 1 jan. 1852. Disponível em: [https://libcom.org/files/Joseph%20Weydemeyer%20-%20The%20Dictatorship%20of%20the%20Proletariat%20\(article%20published%20in%20New%20York,%201852\).pdf](https://libcom.org/files/Joseph%20Weydemeyer%20-%20The%20Dictatorship%20of%20the%20Proletariat%20(article%20published%20in%20New%20York,%201852).pdf) Acesso em: 24 dez. 2020.

WOLFF, Cristina Scheibe; MINELLA, Luzinete Simões; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Pandemia na necroeconomia neoliberal. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 1 – 7, 5 jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n274311>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2020000200100 Acesso: em 5 nov. 2020.

ZOLA, Émile. **Germinal**. Tradução: Francisco Bittencourt. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Cronologia da vida de Leon Trotsky

Quadro 5 – Cronologia da vida de Leon Trotsky e fatos históricos importantes na Rússia, no Brasil e no mundo.

ANO	TROTSKY	FATO HISTÓRICO
1879	Nasce Leon Trotsky, em 25 de outubro no calendário juliano (7 de novembro, no gregoriano), em Yanovka, nas estepes do sul da Ucrânia. Filho de Ana e David Leontievich Bronsteins.	<p>Thomas Edson, inventor da lâmpada elétrica, funda a <i>General Elétric Company</i>.</p> <p>Inauguração do primeiro laboratório experimental de Psicologia, em Leipzig, Alemanha.</p> <p>Nasce Albert Einstein, físico alemão.</p> <p>Nasce Emiliano Zapata, líder camponês e revolucionário mexicano.</p> <p>Lenin possui 9 anos de idade.</p>
1881	Sem fato relevante.	O czar Alexandre II é assassinado por um atentado a bomba.
1883	Sem fato relevante.	Morre Karl Marx
1889	Enviado a Odessa para estudar no Colégio São Paulo.	<p>Fundação da II Internacional, em Paris.</p> <p>Nasce Charles Chaplin.</p> <p>Proclamação da República no Brasil.</p>
1893	Sem fato relevante.	Publicada a primeira obra marxista em russo, de P. Struve.
1894	Sem fato relevante.	Morre o czar Alexandre III, em seu lugar assume o seu filho mais velho, Nicolau II.
1895	Sem fato relevante.	Morre Friedrich Engels. Nas principais cidades russas, círculos de estudantes realizam palestras clandestinas em sua homenagem.
1896	Entra em contato com as ideias socialistas pela primeira vez.	<p>Nasce Jean Piaget.</p> <p>Nasce Lev Vygotsky.</p>
1897	Funda o Sindicato dos Trabalhadores do Sul da Rússia, que agrega algumas dezenas de operários no Sul da Ucrânia.	Em fevereiro, Vetrova, estudante presa na Fortaleza de Pedro e Paulo, suicida-se, o que gera protestos estudantis em várias universidades na Rússia.

1898	É preso e enviado para a Sibéria. No trânsito, passa por Moscou e diversos vilarejos.	Em março, ocorre o primeiro congresso do POSDR, em Minsk, Rússia.
1899	Na prisão, casa-se com Alexandra Sokolovskaia, social-democrata que lhe convenceu das ideias marxistas.	Nasce Adolf Hitler.
1900	Nasce Zinaida Volkova, primeira filha com Sokolovskaia.	Publicação de <i>A Interpretação dos Sonhos</i> , de Sigmound Freud.
1902	Nasce Nina Nevelson, segunda filha com Sokolovskaia. Foge da Sibéria e usa pela primeira vez o <i>Leon Trotsky</i> , no passaporte falso. Encontra-se com Lenin, em Londres. Passa a residir em Londres, junto com Martov e Vera Zassulich, da equipe de redação do <i>Iskra</i> .	Lançamento do primeiro filme de ficção científica: <i>Viagem à Lua</i> , de Georges Méliès. Publicação de <i>Os Sertões</i> , de Euclides da Cunha.
1903	Conhece Natália Sedova, sua segunda companheira. Participa do 2º Congresso do POSDR, que se divide em bolcheviques e mencheviques. Na ocasião, posiciona-se junto aos mencheviques.	Fundação da <i>Henry Ford Company</i> . Dez anos depois é criado o sistema de produção de automóveis em série.
1904	Em setembro, rompe formalmente com os mencheviques. Segue para Munique (Alemanha).	Ivan Pavlov recebe o Nobel de Fisiologia e Medicina.
1905	Retorna para a Rússia. É eleito presidente do soviete de São Petersburgo. É preso junto com a direção do soviete.	Estoura a revolução de 1905. Nicolau II institui a Duma (uma espécie de parlamento russo). Einstein publica artigo sobre relatividade geral, cujo apontamento revela que o tempo não é absoluto, o que revoluciona o campo da física. Publicação de <i>Três ensaios sobre a teoria da sexualidade</i> , de Freud. Nasce Jean Paul Sarte, filósofo francês.
1906	Nasce Lev Sedov, primeiro filho com Natália Sedova.	Santos Dumont voa em Paris com seu 14-Bis.

	<p>É preso e deportado novamente para a Sibéria. Escreve <i>A Rússia</i> durante a revolução, posteriormente denominado: <i>1905</i>.</p> <p>Publica: "Balanço e Perspectivas".</p>	<p>Primeira transmissão radiofônica no mundo, por Lee de Forest, nos EUA.</p> <p>Exibido o primeiro filme de longa-metragem: <i>The Story of the Kelly Gang</i>, com 70 minutos.</p>
1907	<p>Foge da Sibéria pela segunda vez e emigra para Viena (Bélgica), onde trabalha como jornalista.</p>	<p>Ivan Pavlov demonstra a existência do reflexo condicionado em cães.</p> <p>Nasce Frida Khalo, pintora mexicana.</p>
1908	<p>Nasce Serguei Sedov, segundo filho com Natália Sedova.</p>	<p>Fundação da primeira Confederação Operária Brasileira, de influência anarquista, no Brasil.</p> <p>Nasce Simone de Beauvoir, filósofa francesa e teórica do feminismo.</p>
1914	<p>Muda-se para Paris e escreve para o jornal <i>Nosso Mundo</i>.</p> <p>Publica: <i>A Guerra e a Internacional</i>.</p>	<p>Início da Primeira Guerra Mundial.</p> <p>Frederico Mussolini é expulso do Partido Socialista Italiano</p>
1915	<p>Participa da Conferência Socialista de Zimmerwald, Suíça, e integra Comissão Socialista Internacional que dará origem a III Internacional Comunista.</p>	<p>Morre Frederick Taylor, precursor da administração científica e do taylorismo.</p>
1916	<p>Expulso da Paris e deportado para a Espanha.</p>	<p>Rasputin, guru espiritual de Nicolau II é assassinado.</p>
1917	<p>Em janeiro, muda-se para Nova York. Edita o jornal <i>Novo Mundo</i> junto com Nicolai Bukharin e Aleksándra Kollontai.</p> <p>Em maio, volta à Rússia.</p> <p>Em julho, é preso e os bolcheviques são postos na ilegalidade.</p> <p>Em agosto, adere ao partido bolchevique.</p> <p>Em setembro, torna-se presidente do soviete de Petrogrado.</p> <p>Em Outubro, é eleito chefe do Comitê Militar Revolucionário do soviete, responsável por planejar e executar a insurreição de outubro que permitiu aos bolcheviques tomarem o poder na Rússia.</p>	<p>Revolução no México.</p> <p>Em fevereiro, estoura a primeira onda revolucionária que derruba o czar Nicolau II.</p> <p>Em outubro, os bolcheviques tomam o poder.</p> <p>Primeira greve geral no Brasil</p>

1918	<p>Lidera as negociações do Tratado de Paz de Brest-Litovsky, entre a Alemanha e a URSS, que permitiu a saída da guerra.</p> <p>É nomeado Comissário do Povo para a Guerra e para a Marinha, responsável pela direção do Exército Vermelho.</p>	<p>A Rússia adota o calendário gregoriano.</p> <p>Nasce Nelson Mandela, presidente da África do Sul, entre 1994 e 1999.</p>
1919		<p>Assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht.</p> <p>Hitler entra para o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, o Partido Nazista.</p> <p>Fim da Primeira Guerra Mundial e assinatura do Tratado de Versalhes.</p>
1920	<p>Publica <i>Terrorismo e comunismo</i>.</p>	<p>Entra em vigor o Tratado de Versalhes.</p> <p>Nasce Florestan Fernandes e Celso Furtado.</p> <p>Morre Max Weber.</p>
1921	<p>Derrota dos Exércitos Brancos e Verdes e fim da guerra civil.</p> <p>Revolta de Kronstadt.</p> <p>Fim do comunismo de guerra e adoção da NEP.</p>	<p>Fundação do Partido Fascista, na Itália.</p> <p>Nasce Paulo Freire.</p>
1922	<p>Escreve alguns artigos para o <i>Pravda</i> que darão origem a obra <i>Literatura e revolução</i></p>	<p>Lenin afasta-se do partido por problemas de saúde.</p> <p>Stalin é eleito Secretário Geral do partido.</p> <p>Marcha sobre Roma. Fascistas tomam o poder na Itália, liderados por Mussolini.</p> <p>Einstein recebe o Nobel de Física.</p> <p>Semana da Arte Moderna, em São Paulo.</p> <p>Fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB).</p>

1923	<p>Publica <i>Questões do Modo de Vida</i>.</p> <p>Publica <i>Literatura e Revolução</i>.</p> <p>Em outubro, apresenta formalmente suas divergências políticas com Stalin, Kamenev e Zinoviev numa carta dirigida ao Comitê Central.</p>	<p>Hitler realiza um golpe para tomar o poder na Baviera (o <i>Putsher da Cervejaria</i>). O golpe fracassa; Hitler é preso e condenado a cinco anos de prisão.</p> <p>É patenteado o tubo iconoscópico de transmissão de imagens, que originará os primeiros televisores produzidos em série.</p>
1924	<p>Organiza a <i>Oposição de Esquerda</i>.</p>	<p>Em 21 de janeiro, morre Lenin.</p> <p>O partido é dirigido pela troika formada por Stalin, Kamenev e Zinoviev..</p> <p>Vigotsky é convidado a trabalhar no Instituto de Psicologia de Moscou, quando conhece Luria e Leontiev.</p> <p>Hitler é perdoado pela Suprema Corte e solto da prisão, em novembro.</p> <p>Em outubro, tem início a Coluna Prestes, no Rio Grande do Sul.</p>
1925	<p>Deixa o Comissário do Povo para o Exército e a Marinha.</p>	<p>Exibido <i>O Encouraçado Potemkin</i>, de Serguei Eisenstein.</p>
1927	<p>Em outubro, é afastado do Comitê Central.</p> <p>Em novembro, expulso do partido.</p>	<p>Ocorre a primeira ligação telefônica transatlântica, entre Londres e Nova Iorque.</p> <p>Ocorre o primeiro voo transatlântico entre Paris e Nova Iorque.</p>
1928	<p>Em janeiro, é exilado pelo governo soviético em Alma Ata (Cazaquistão).</p> <p>Em junho, sua segunda filha, Nina Nevelson, morre de tuberculose.</p>	<p>Criação de penicilina, por Alexander Fleming.</p> <p>Publicação de <i>Macunaíma</i>, de Mário de Andrade.</p>
1929	<p>É deportado para a Turquia e organiza o <i>Boletim da Oposição</i>.</p>	<p>Quebra da bolsa de valores de Nova Iorque</p>
1930	<p>Publica <i>Minha Vida</i>.</p>	<p>Fim da Primeira República no Brasil e início da Era Vargas.</p>
1931	<p>Publica <i>História da Revolução Russa</i>.</p>	<p>Morre Thomas Edison, inventor estadunidense.</p> <p>Exibido <i>Luzes da cidade</i>, de Charles Chaplin.</p>

1933	A primeira filha, Zinaida, suicida-se. Deixa a Turquia e segue para a França.	Em 27 de janeiro, Hitler é nomeado chanceler da Alemanha. Um mês depois, ocorre o incêndio ao prédio do <i>Reichstag</i> .
1935	Forçado a deixar a França, muda para Noruega.	Intentona Comunista no Brasil
1936	É <i>convidado</i> a sair da Noruega. Segue para o México. Publica <i>A Revolução traída</i> .	Início dos chamados <i>Processos de Moscou</i> : Kamenev e Zinoviev são executados a mando do governo soviético. Início da Guerra civil espanhola. Exibido <i>Tempos Modernos</i> , de Charles Chaplin.
1937	Seu filho mais novo, Sierguei Sedov e seu sobrinho, Boris, são condenados pelos <i>Processos de Moscou</i> e executados a mando do governo soviético.	Golpe de Estado de Getúlio Vargas. Início do Estado Novo. Publicação de <i>Capitães de areia</i> , de Jorge Amado. Morre Antonio Gramsci, comunista italiano.
1938	Seu único filho vivo, Lev Sedov, morre de forma envenenado em Paris. Fundação da Quarta Internacional. Publica <i>A agonia mortal do capitalismo e as tarefas da IV Internacional (Programa de Transição)</i> . Escreve <i>A moral de deles e a nossa</i> .	Levante integralista no Brasil. Plínio Salgado é preso e exilado. Morre Sigmund Freud, fundador da Psicanálise.
1939		Início da 2ª Guerra Mundial. Fim da Guerra Civil Espanhola, com vitória do gen. Francisco Franco. Lançamento de <i>...E o Vento Levou</i> , de Victor Fleming
1940	Em maio, sua casa sofre atentado com disparos de metralhadora, no México. Em 21 de agosto, é assassinado por Ramón Mercader, agente stalinista infiltrado.	Início da <i>Guerra de Inverno</i> , entre URSS e Finlândia. 09 de abril: nazistas ocupam Dinamarca e invadem a Noruega.

	<p>10 de maio: nazistas invadem Bélgica, Holanda e Luxemburgo. Renúncia do primeiro ministro britânico, Neville Chamberlai, assume Winston Churchill.</p> <p>14 de junho: tropas alemãs entram em Paris.</p> <p>16 de julho: Letônia, Estônia e Lituânia entram na URSS.</p>
--	--

Fontes: elaborado pelo autor a partir de: Trotsky (2017), Deutscher (2005, 2006a, 2006b).

APÊNDICE B – Obras de Leon Trotsky em língua portuguesa

Quadro 6 – Títulos de livros de autoria de Leon Trotsky, em língua portuguesa.

ANO	TÍTULO	EDITORA	LOCAL	TRADUTOR/A
1906	Balanço e Perspectivas	Antidoto	Lisboa	...
		Delfos	Lisboa	Rosado Fonseca
1907	A Revolução de 1905	Global	São Paulo	Salvador O. De Freitas
1918	Revolução de Outubro	Boitempo/ Iskra	São Paulo	Daniela Jinkings Paulo Cezar Castanheira
1920	Terrorismo e Comunismo: o anti-Kautsky	Saga	Rio de Janeiro	Lívio Xavier
1923	Questões do Modo de Vida	Centelha	Coimbra	...
		SARL	Coimbra	Rui Santos
		Antidoto	Lisboa	A. Castro
		Sundermann	São Paulo	Diego Siqueira
1923	Literatura e Revolução	Zahar	Rio de Janeiro	Luiz A. Moniz Bandeira
		Fronteira	Amadora	Serafim Ferreira
1924	Lenin	ETC	Lisboa	Elisa Teixeira Pinto
1924	Problemas da Guerra Civil (Saber Militar e Marxismo, 1922)	Antidoto	Lisboa	A. Campos e M. A. Videira
1924	As Lições de Outubro	Antidoto	Lisboa	...
		Avante	Lisboa	A. Marques Pereira
		Centelha	Coimbra	A. Marques Pereira
		Iskra	Brasília	...
		Global	São Paulo	Olinto Beckerman
		Sundermann	São Paulo	Diego Siqueira
1929	As Contradições da URSS	Causa Operária	São Paulo	...

1929	A Revolução Desfigurada	Antidoto	Lisboa	I. Cochidto
		Centauro	São Paulo	...
		Ciências Humanas	São Paulo	João Leske
		Global	São Paulo	...
		Renascença	Rio de Janeiro	Wenceslau Azambuja
1929	Stálin: o grande organizador de derrotas. A III Internacional depois de Lenin	Sundermann	São Paulo	Paula Maffei
1929	A Revolução Permanente	Antidoto	Lisboa	A. Castro
		Ciências Humanas	São Paulo	Oliveira Sá
		Expressão Popular	São Paulo	...
		Iniciativa	Lisboa	...
		Kairós	São Paulo	Oliveira Sá
		Latitude	Porto	...
		Razão Actual	Porto	Arsénio Mota
		Sundermann	São Paulo	Diego Siqueira
1930	História da Revolução Russa. Tomos 1 e 2.	Paz e Terra	Rio de Janeiro	E. Huggins
		Saga	Rio de Janeiro	E. Huggins
		Senado Federal	Brasília	E. Huggins
		Sundermann	São Paulo	Diego Siqueira
1930	Minha Vida	José Olímpio	Rio de Janeiro	Lívio Xavier
		Paz e Terra	Rio de Janeiro	Lívio Xavier
		Sundermann	São Paulo	Rafael Padial
		Usina	São Paulo	Bernardo Boris Vargaftig
1930-1932	Revolução e Contra-revolução na Alemanha	Centro Livro Brasileiro	Lisboa	Mário Pedrosa
		Ciências Humanas	São Paulo	Mário Pedrosa
		Laemmert	Rio de	Mário Pedrosa

			Janeiro	
		Sundermann	São Paulo	Mário Pedrosa
		Unitas	São Paulo	Mário Pedrosa
1932	O que é a Revolução de Outubro	Luta de Classes	São Paulo	...
1934	Aonde Vai a França	Desafio	São Paulo	Isis Alves
		Kiron	Brasília	...
		C.S.P.	s/l	...
1936	A Revolução Traída	Antidoto	Lisboa	J. Fernandes
		Centauro	São Paulo	...
		Delfos	Lisboa	Rogélio de Moura Brásio
		Global	São Paulo	Olinto Beckerman
		Sundermann	São Paulo	...
1936	A Moral Deles e a Nossa	Antidoto	Lisboa	M. Resende
		Iskra/ Centelha Cultural	Brasília	...
		Delfos	Lisboa	Mário Delgado
		O Trabalho	s/l.	...
		Paz e Terra	Rio de Janeiro	Otaviano de Fiore
		Sundermann	São Paulo	Diego Siqueira
1938	A Verdade sobre Kronstadt	Causa Operária	São Paulo	...
1938	Os Processos de Moscou	Edições Populares	São Paulo	Salvador Obiol de Freitas
1938	O Programa de Transição	Antidoto	Lisboa	...
		Cadernos Marxistas	s/l.	...
		Combate Socialista	Porto Alegre	...
		Informação	São Paulo	Elizabeth Marie
		LBI	s/l.	...
		O Trabalho	s/l.	...
		Propostas	São Paulo	Elizabeth Marie
		TYKHE	s/l.	...
		Sunderman	São Paulo	Lucy Praum

1939	O Marxismo do Nosso Tempo	Coordenação Editorial	s/l.	...
		Ensaio	São Paulo	Rubia Prates Goldoni
		Iskra	Brasília	...
		Luta de Classes	Rio de Janeiro	...
		Outubro	São Paulo	João B. de Holanda Neto
1940	A Revolução Espanhola	Arcadia	Lisboa	P. Mendes e João Cabral Fernandes
		Iskra	São Paulo	André Acier e Leonardo Rodrigues
		Unitas	São Paulo	...
1942	Em Defesa Do Marxismo	Proposta	São Paulo	Luis Carlos Leira e Elizabeth Marie
		Sundermann	São Paulo	...
s/d	Stálin: o militante anônimo. Vol. 1	CHED	São Paulo	...
s/d	Stálin: rumo ao poder. Vol. 2	CHED	São Paulo	Victor de Azevedo
s/d	Stálin: uma análise do homem e sua influência. Vol. 1	Movimento/ Marxista	São Paulo	...
s/d	Stálin: uma análise do homem e sua influência. Vol. 2	Movimento/ Marxista	São Paulo	
s/d	Os Pactos de Stálin com Hitler	Sobrado Verde	Curitiba	...
s/d	Os Crimes de Stálin	Edições Populares	São Paulo	Juan Martinez de la Cruz
		Epassa	Rio de Janeiro	Edmondo Muniz
		Laemmert	Rio de Janeiro	Edmondo Muniz
		Melso S.A.	Rio de Janeiro	Edmondo Muniz
s/d	Escritos sobre Sindicatos	Kairós	São Paulo	Vera Corrêa de Sampaio
		Nova Palavra	s/l	...
		Sundermann	São Paulo	Vera Corrêa de Sampaio e

				Maria Emília Sedeh Boito
s/d	Como Fizemos a Revolução	Antídoto	Lisboa	Serafim Ferreira
		Fronteira	Amadora	Serafim Ferreira
		Global	São Paulo	Roberto Goldkorn
s/d	A Vida de Lenin (sua juventude)	Global	São Paulo	Helena Iono
s/d	O Imperialismo e a Crise da Economia Mundial	Sundermann	São Paulo	...
s/d	Escritos Latino-americanos	Iskra	Brasília	...
		S.C.P.	Rio de Janeiro	...
s/d	Escritos Filosóficos	Iskra	Brasília	...
s/d	A Arte da Insurreição	Pulsar	São Paulo	...
s/d	Tarefas Democráticas	s/e	s/l	...
s/d	A Verdade sobre a Rússia	Coelho Filho	Rio de Janeiro	...
s/d	A Situação Real na Rússia	Nova Antídoto	s/l	...
s/d	Três Concepções sobre a Revolução Russa	Centelha Cultural	Brasília	...
s/d	Trotsky e a Luta das Mulheres	Iskra/ Centelha Cultural	Brasília	...
s/d	Leon Trotsky e Charles Darwim: escritos de Leon Trotsky sobre a teoria da evolução, dialética e marxismo	Iskra/ Centelha Cultural	Brasília	...
s/d	A Revolução Russa: a natureza de classe da URSS	Informação	São Paulo	Silvana Foá
s/d	A Natureza do Estado Soviético	Latitude	Porto	João F. Viegas
s/d	Os Problemas de Desenvolvimento da URSS	Unitas	São Paulo	...
s/d	O Plano Quinquenal	Unitas	São Paulo	...
s/d	Entre o Imperialismo e a Revolução	Manufacturas Vale Formoso	Porto	...
s/d	A Guerra Imperialista e a Situação Proletária Internacional	P.S.R.	s/l	...
s/d	A Luta pelo Poder: os tempos de	Fronteira	Amadora	Serafim

	1917			Ferreira
s/d	Relatório da Delegação Siberiana	Centelha	Coimbra	Pinto dos Santos
s/d	A República dos Sovietes: sua organização e objectivo	Edições Populares	Lisboa	Eduardo Metzner
s/d	A Escala da História Universal	Análise e Documentos	Lisboa	...

Fonte: elaborado pelo autor a partir de Bianchi (2005), LBTT, acervo pessoal, sites de livrarias, bibliotecas e sebos.

APÊNDICE C – Produção do conhecimento em *Trotsky e Educação*

Quadro 7 – Levantamento da produção do conhecimento científico no tema *Trotsky e Educação*, em artigos de periódicos científicos.

ANO	AUTOR	TÍTULO	REVISTA	DADOS
2009	TAFFAREL, C. N. Z. e SANTOS JÚNIOR, C. L.	Modo de produção e educação: questões do modo de vida: uma contribuição de Leon Trotsky.	Geminal: Marxismo e Educação em Debate	Londrina, v1, n1, p. 4-13.
2010	TAFFAREL, C. N. Z.	Pesquisa, prática pedagógica e projeto histórico.	Geminal: Marxismo e Educação em Debate	Londrina, v. 2, n. 2, p. 79-89; ago. 2010
2014	COUTO, M. L. e SOUZA, M. da S.	A relação entre a fundamentação do trabalho pedagógico dos professores do CEDF-UFSM e os projetos pedagógicos de curso.	Geminal: Marxismo e Educação em Debate	Salvador, v. 6, n. 1, p. 184-194.
	MATIAS, I. A. A. e SANTOS, L. N. dos.	Muito além de uma “Bauhaus Soviética”: o legado de Vkhutemas/Vkhutein (1920-1930).	Cadernos Cemarx	n. 7, p. 39-54, 2014.
2015	MAESTRO, J. I. C.	La psicología de Henri Wallon y su relevancia para el estudio del trabajo y de la actividad.	Cadernos Cemarx	n. 8, p. 119- 133.
	MAIA, L. A.	A pedagogia socialista de Makarenko: notas pedagógicas.	Revista Dialectus	v. 2, n. 7, p. 68-81
	MAUÉS, O	O sindicato de Educação Superior e as políticas educacionais.	Geminal: Marxismo e Educação em Debate	Salvador, v. 7, n. 2, p. 252-262.
	SANTOS, C. F.; GOBBI, A. G. e MARSIGLIA, A. C. G.	O popular e o erudito na educação escolar.	Geminal: Marxismo e Educação em Debate	Salvador, v. 7, n. 1, p. 68-77.
2016	FRIZZO, G.	Gregório Bezerra: professor de educação física, revolucionário, comunista.	RBCE	v. 38, n. 3.
	TAFFAREL, C. N. Z.	Marxismo, movimentos sociais, educação, sindicalismo.	Geminal: Marxismo e Educação em Debate	Salvador, v. 8, n. 1, p. 47-62.

Fonte: elaborado pelo autor a partir de vários bancos de dados.

Quadro 8 – Levantamento da produção do conhecimento científico no tema *Trotsky e Educação*, em teses e dissertações.

ANO	AUTOR	TÍTULO	D/M	IES
1999	CONCEIÇÃO, G. H. da	Partidos políticos e Educação: a extrema-esquerda brasileira e a concepção de partido como agente educativo.	D	Unicamp
2013	FELIX, A. F.	O caráter pedagógico da atividade sindical: os limites do economicismo e a estratégia socialista.	M	UFC
2015	ARAÚJO FILHO, J. G.	O sentido do sindicalismo na tradição marxista: a educação na fronteira das lutas políticas e econômicas e ideológicas.	M	UFC
2015	GONÇALVES, S. R.	As contradições históricas dos movimentos operários: a complexa organização política pela emancipação humana.	D	UERJ

Fonte: elaborado pelo autor a partir de banco de dados oficiais.

Quadro 9 – Levantamento da produção do conhecimento científico no tema *Trotsky e Educação*, em livros.

ANO	AUTOR	TÍTULO	LOCAL	EDITORA
2009	TAFFAREL, C.; SANTOS JÚNIOR, C.; COLAVOLPE, C. (Org.).	Trabalho pedagógico e formação de professores/militantes culturais: construindo políticas públicas para a educação física, esporte e lazer.	Salvador	EDUFBA

Fonte: elaborado pelo autor.

ANEXOS

ANEXO A – Conselho dos Comissários do Povo de Outubro de 1917.

Quadro 10 – Composição do Conselho dos Comissários do Povo, eleito no 2º Congresso dos Sovietes, de 26 de outubro (8 de novembro) de 1917.

MEMBRO	CARGO
Vladimir Uliánov (Lenin)	Presidente do Conselho dos Comissários do Povo
A. I. Ríkov	Comissário do Povo do Interior
V. P. Miliútine	Comissário do Povo para a Agricultura
A. G. Chiliápnikov	Comissário do Povo para o Trabalho
V. A. Ovseenko (Antónov) N. Krilenko P. E. Dibenko	Comissário do Povo para Assuntos Militares e Navais
V. P. Noguine	Comissário do Povo para o Comércio e a Indústria
A. Lunatcharski	Comissário do Povo para Instrução Pública
I. Skvortsov (Stepánov)	Comissário do Povo para Finanças
G. I. Oppókov (Lómov)	Comissário do Povo para Justiça
I. A. Teodoróvitch	Comissário do Povo para o Abastecimento
N. P. Avílov (Glébov)	Comissário do Povo para Correios e Telégrafos
I. V. Djugachvíli (Stáline).	Comissário do Povo para Assuntos das Nacionalidades
vago	Comissário do Povo para as Ferrovias

Fonte: Lenin (1977).

ANEXO B – Cronologia da Revolução Russa de 1917

Quadro 11 – Episódios da Revolução Russa de 1917, nos calendários juliano e gregoriano.

Calendário Juliano	Calendário Gregoriano	Evento
22-26 de fev.	7-11 de mar.	Greves em manifestações em Petrogrado.
27 de fev.	12 de mar.	Queda do regime czarista em Petrogrado; formação do comitê da Duma do Estado; formação do Soviete de Deputados de Operários em Petrogrado.
1º de mar.	14 de mar.	Primeiro Governo Provisório sob o comando do príncipe Lvov; Nicolau II abdica em favor de seu irmão, Miguel.
3 de mar.	16 de mar.	Miguel abdica.
14 de mar.	27 de mar.	O Soviete de Petrogrado expede manifesto a todos os países pedindo o cessar-fogo.
3 de abr.	16 de abr.	Lenin chega a Petrogrado.
7 de abr.	20 de abr.	Lenin publica <i>Teses de Abril</i> .
18 de abr.	1 de maio	Milyukov, ministro de Assuntos Exteriores do Governo Provisório, envia nota reafirmando a lealdade da Rússia a seus aliados e seu compromisso de não negociar uma paz em separado.
22-22 de abr.	3-5 de maio	Manifestações de protesto contra a nota de Milyukov.
27 de abril	10 de maio	Príncipe Lvov convida representantes do Soviete de Petrogrado a participar do Governo Provisório.
2 de maio	15 de maio	Comunicado oficial de que Milyukov e Guchkov, ministro da Guerra, renunciaram.
4 de maio	17 de maio	Trotsky chega a Rússia.
5 de maio	18 de maio	Formação do Governo Provisório de Coalizão sob o comando do príncipe Lvov; alguns mencheviques e socialistas revolucionários recebem cargos; Kerenski é nomeado ministro da guerra.
3-24 de jun.	16 de jun. a 7 de jul.	Primeiro Congresso dos Sovietes.

18 de jun.	1 de jul.	Ofensivas ordenadas por Kerenski; manifestações em Petrogrado; slogans bolcheviques predominam.
2 de jul.	15 de jul.	Democratas constitucionais (cadetes) deixam o Governo Provisório de Coalizão.
3-5 de jul.	16-18 de jul.	Manifestações em Petrogrado, aprovadas em 4 de julho (17 de julho, no calendário gregoriano) pelo comitê Central Bolchevique; sufocadas em 5 de julho (18 de Julho) com uso de tropas; tomadas medidas contra os bolcheviques; Lenin, Zinoviev e outros buscam esconderijo.
8 de jul.	21 de jul.	Kerenski é nomeado primeiro-ministro.
19 de jul.	1 de ago.	Kerenski nomeia o general Kornilov comandante chefe.
24 de jul.	6 de ago.	Segundo Governo Provisório de Coalizão sob o comando de Kerenski; inclusão do Partido Democrata Constitucional (cadetes); Trotski e Lunatcharski são presos.
26 de jul. a 3 de ago.	8-16 de ago.	Sexto Congresso do Partido Bolchevique; o grupo de Trotski une-se ao Partido Bolchevique.
12-14 de ago.	25-27 de ago.	Governo Provisório convoca Conferência de Estado em Moscou.
25 de ago.	7 de setembro	General Kornilov começa a conduzir tropas para atacar Petrogrado.
28 de ago.	10 de set.	O movimento de Kornilov fracassa.
31 de ago.	14 de set.	O Soviete de Petrogrado aprova resolução bolchevique.
1 de set.	14 de set.	Kerenski organiza o Diretório como substituto temporário para o Gabinete.
4 de set.	17 de set.	Kerenski ordena a dissolução de comitês criados para enfrentar Kornilov, Trótski é liberado.
6 de set.	19 de set.	Pela primeira vez, o Soviete de Moscou tem maioria de votos bolcheviques.
23 de set.	6 de out.	O Soviete de Petrogrado elege Trotski presidente.
25 de set.	8 de out.	Novo Governo Provisório de Coalizão.
07 de out.	20 de out.	Reunião do Pré-Parlamento.
10 de out.	23 de out.	O Comitê Central Bolchevique, com a presença de Lenin, decide organizar uma insurreição armada; Kamenev e Zinoviev votam contra.

12 de out.	25 de out.	O Soviete de Petrogrado cria o Comitê Militar Revolucionário.
24 de out.	6 de nov.	Os bolcheviques concluem os preparativos para a insurreição; O Governo Provisório se mobiliza e reprime a imprensa bolchevique; Lenin chega ao Instituto Smolni.
25 de out.	7 de nov.	Abertura do Segundo Congresso de Sovietes, com maioria bolchevique; Kerenski deixa Petrogrado para organizar a resistência. Em Petrogrado, o Governo Provisório é derrubado.
26 de out.	8 de nov.	O Governo Soviético formula os <i>Decretos de Paz e Terra</i> .

Fonte: Reed (2017, p. 31 – 34).

ANEXO C – Cronologia da guerra civil russa (1917-1921)

Quadro 12 – Episódios da guerra civil russa, cronologia entre 1917 – 1921.

1917	
27 de agosto	O general Kornilov tenta dar um golpe de Estado.
25 de outubro	Os bolcheviques derrubam o governo provisório e o 2º Congresso dos Sovietes conformam um novo governo: o Conselho do Commissariado do Povo, presidido por Lenin.
27 de outubro	O partido dos SR exclui sua ala esquerda, que formam um partido próprio.
29 de outubro	Contraofensiva de Krasnov a Petrogrado.
30 de outubro	Soldados do antigo regime fuzilam 300 soldados vermelhos no Kremlin.
5 de novembro	O atamã Dutov proíbe a circulação do jornal dos bolcheviques em Oremburgo.
7 de dezembro	Criação da Checa, acrônimo para “Comissão Extraordinária de Luta contra a Contrarrevolução, a Especulação e a Sabotagem”.
13 de dezembro	O exército formado no sul pelo general Alexeiev, toma Rostov do Don. Dutov, atamã dos cossacos de Oremburgo (sul de Ural), cria um comitê de salvação pública com os SR de direita.
18 de dezembro	O governo soviético reconhece a independência da Finlândia.
25 de dezembro	Constituição oficial, no sul da Rússia, do exército contrarrevolucionário, batizado de Exército Voluntário.
1918	
5 de janeiro	Os soldados vermelhos, comandados pelo coronel Muraviev, ocupam Poltava, cidade ucraniana.
16 de janeiro	Levante operário e formação de um governo revolucionário na Finlândia, comandada por sociais-democratas de esquerda. Em Kiev, operários se insurgem contra o exército da Rada, liderada por Symon Petliura. O Exército Vermelho entra no Don, perseguindo o Exército Voluntário, cujo chefe, o general Kaledin, comete suicídio. Início da retirada do Exército Voluntário em direção a Kuban, episódio conhecido como <i>marcha de gelo</i> .
21 de janeiro	O exército de Petliura fuzila todos os insurgentes derrotados do

	arsenal.
26 a 27 de janeiro	Os soldados vermelhos tomam Kiev.
27 de janeiro	A Rada ucraniana assina o acordo de paz com a Alemanha e a Áustria.
30 de janeiro	Decreto de Krylenko desmobilizando o Exército russo.
1º de fevereiro	Decreto sobre a adoção do calendário gregoriano na Rússia. O dia 1º de fevereiro do antigo calendário se torna o dia 14 no novo calendário.
3 de março	Assinatura do tratado de paz entre a Rússia soviética e as potências capitalistas (Alemanha e Império Austro-Húngaro).
10 de março	Divisão alemã de Von der Goltz desembarca em Turku, Finlândia, para ajudar o governo de Svinhufvud a esmagar a revolução finlandesa.
13 de março	Trotsky é nomeado Comissário do Povo para a Guerra e Marinha e presidente do Conselho Superior de Guerra.
14 de março	Tropas austríacas ocupam Odessa, sul da Ucrânia.
15 de março	Os SR de esquerda se desvinculam do governo soviético. Tropas turcas ocupam Trebizonda.
16 a 21 de março	A <i>Reichswehr</i> ocupa Kiev, depois as cidades de Nikolaev, Znamenka e Kremenchuk.
31 de março	Morre o general Kornilov. Denikin é nomeado comandante em chefe do Exército Voluntário (<i>Branco</i>).
5 de abril	Tropas japonesas desembarcam em Vladivostok.
6 de abril	Soldados brancos finlandeses tomam Tammerfors (atual Tampere).
7 de abril	A <i>Reichswehr</i> ocupa Kharkov.
13 de abril	A <i>Reichswehr</i> ocupa Odessa, que o Exército Vermelho havia retomado momentaneamente em 26 de março.
20 de abril	A <i>Reichswehr</i> invade a Crimeia.
28 de abril	A <i>Reichswehr</i> dispersa a Rada central ucraniana e, no dia seguinte, coloca o atamã Skoropadski para governar a Ucrânia.
29 de abril	Soldados brancos finlandeses tomam Vyborg e derrotam os insurgentes.
8 de maio	A <i>Reichswehr</i> ocupa o Rostov do Don.
16 a 18 de maio	Levante dos SR de direita em Saratov. Em Chita, extremo oriente da Sibéria, o atamã cossaco Semionov e o barão Ungern proclamam um governo provisório do território da Transbaikalia, localizada a leste do lago Baikal.

17 a 20 de maio	Os anarquistas maximalistas derrubam o Soviete de Samara.
27 a 30 de maio	Levante dos legionários de tchecolovascos que, em seis dias, apoderam-se de Cheliabinsk, Omsk, Penza e, depois, no dia 8 de junho, Samara.
14 de junho	Os mencheviques e os SR de direita são excluídos dos sovietes.
Metade de junho	Formação de um Exército Branco do norte (Arkhangelsk – Murmansk).
17 de junho	Levante dos SR de direita em Tambov.
20 de junho	Assassinato do dirigente bolchevique Volodarsky por um SR de direita, em Petrogrado.
1º de julho	Destacamentos ingleses e franceses desembarcam em Murmansk.
5 de julho	Legionários tchecoslovacos se apoderam de Ufá.
6 e 7 de julho	Assassinato do embaixador alemão Von Mirbach por dois SR de esquerda. Levante dos SR de esquerda contra o governo dos bolcheviques, em Moscou. Insurreição dos SR de direita, esmagada após 15 dias de combate, em Iaroslavl, a norte de Moscou.
16 de julho	Execução do czar Nicolau II e de sua família em Ekaterinburgo.
22 de julho	Os legionários tchecoslovacos tomam Simbirsk, cidade natal de Lenin e de Kerensky.
25 de julho	Os legionários tchecoslovacos tomam Ekaterinburgo.
2 de agosto	Levante antibolchevique em Arkhangelsk, onde se instaura um governo dos SR de direita no norte da Rússia.
6 de agosto	Os legionários tchecoslovacos tomam Kazan, a leste de Moscou.
7 de agosto	Levante antibolchevique em Ijevsk, nos Urais, onde os insurgentes compõem um <i>exército popular</i> de 25 mil homens.
15 de agosto	Tropas turcas tomam Bacu, onde os Comissários do Povo se entregam para os ingleses.
23 a 26 de agosto	O atamã cossaco Krasnov ataca Tsaritsyn, repelido após quatro dias de combates.
30 de agosto	O chefe da Checa de Petrogrado, Uritski, é morto por um terrorista SR. Em Moscou, atentado contra Lenin por um SR de direita.
6 de setembro	Em resposta aos atentados, proclamação do <i>terror vermelho</i> .
10 de setembro	O Exército Vermelho retoma Kazan e, no dia 12, Simbirsk.
20 de setembro	Os ingleses fuzilam 26 Comissários do Povo de Bacu.
23 de setembro	Em Ufá, a conferência governamental composta dos SR de direita

	indica um <i>diretório</i> governamental.
9 de novembro	Insurreição na Alemanha derruba a monarquia e proclama a república.
13 de novembro	Moscou anula o tratado de Brest-Litovski.
18 de novembro	Em Omsk, o almirante Kolchak prende o diretório dominado pelos SR e se proclama <i>governante supremo</i> da Rússia.
30 de novembro	Formação do Conselho do Trabalho e da Defesa, presidida por Lenin, para coordenar o conjunto das decisões sobre a guerra civil.
6 de dezembro	Um destacamento francês desembarca em Odessa.
9 de dezembro	O Exército Vermelho entra em Minsk (Bielorússia).
14 de dezembro	Fuga do atamã Shoropadski, abandonado pelos alemães que deixam a Ucrânia. Tropas do nacionalista ucraniano Petliura entram em Kiev.
24 de dezembro	As tropas do almirante Kolchak, que ultrapassaram os Urais alguns dias antes, tomam Pern, abrindo-lhes o caminho para Moscou.
1919	
3 de janeiro	O Exército Vermelho entra em Khakov.
15 de janeiro	Em Berlim, sob o comando do social-democrata Noske, os comunistas alemães Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo foram assassinados.
28 de janeiro	Comandado por Denikin, o Exército Voluntário toma Vladíkavkaz.
6 de fevereiro	O Exército Vermelho entra em Kiev.
11 de fevereiro	O exército polonês invade a Bielorússia e toma Brest-Litovsk.
2 a 6 de março	Congresso de fundação da Internacional Comunista, em Moscou.
16 de março	As tropas de Kolchak tomam Ufá, ao sul do Ural. O general Yudenich lança uma ofensiva a Petrogrado.
6 de abril	O Exército Vermelho entra em Odessa.
3 de maio	Início da contraofensiva do Exército Vermelho a Kolchak.
4 de maio	o Exército Voluntário toma Lugansk.
12 de maio	O atamã Grigoriev se volta contra o Exército Vermelho e lança um apelo de combate contra os bolcheviques e os judeus.
15 de maio	Tropas de Yudenich tomam Gdov, a 50 quilômetros de Petrogrado. Dois dias depois chegam a Jamburgo, a 40 quilômetros.
27 de maio	O Exército Vermelho repele Yudenich e suas tropas se dispersam.
9 de junho	O Exército Vermelho retoma Ufá das tropas de Kolchak.
25 a 30 de junho	O Exército Voluntário se apodera de Kharkov, Ekaterinoslav e Tsaritsyn.
1º de julho	O Exército Vermelho retoma Pern das tropas de Kolchak.

27 de julho	Makhno mata Grigoriev.
9 de agosto	Os poloneses retomam a ofensiva na Bielorrússia e se apoderam de Minsk.
17 a 23 de agosto	O Exército Voluntário toma Kherson, Nicolaev e depois Odessa.
26 de setembro	O Exército insurrecional de Makhno, cercado por vários regimentos do Exército Voluntário, tem uma vitória esmagadora sobre os Brancos, em Peregonovka.
6 de outubro	O Exército Voluntário toma Voronej.
11 a 16 de outubro	Yudenich, em sua segunda ofensiva a Petrogrado, toma Jamburgo e, na sequência, Tsarskoie Selo.
12 a 13 de outubro	O Exército Voluntário se apodera de Tchernigov e de Orel. Em paralelo, uma onda de insurreições camponesas cresce em sua retaguarda.
19 de outubro	O Exército Vermelho inicia uma contraofensiva no Exército Voluntário e retoma Orel.
21 de outubro	O Exército Vermelho repele as tropas de Yudenich nas colinas de Pulkovo. Cinco dias depois, retoma Tsarkoie Selo.
24 a 25 de outubro	O Exército Vermelho retoma Voronej, tomado por Denikin. Depois, Tobolsk.
30 de outubro a 7 de novembro	Sucessivamente, o Exército Vermelho retoma de Yudenich as cidades de Petropavlovsk, Luga, Gatchinha e Gdov.
14 de novembro	A oeste, o Exército Vermelho retoma Jamburgo e, na Sibéria, Omsk.
17 de novembro	O Exército Vermelho retoma Kursk, ao sul.
11 e 12 de dezembro	O Exército Vermelho retoma Kharkov, depois Poltava.
16 de dezembro	O Exército Vermelho reassume o controle de Kiev.
23 de dezembro	Na Sibéria, os Vermelhos retomam Tomsk.
26 de dezembro	No sul, o Exército Vermelho retoma Lugansk e Slaviansk.
27 de dezembro	Uma insurreição em Irkutsk derruba Kolchak.
1920	
3 de janeiro	O Exército Vermelho retoma Tsaritsyn.
8 de janeiro	O Exército Vermelho retoma Krasnoyarsk. Fim da <i>frente oriental</i> .
2 de fevereiro	No sul, o Exército Vermelho reconquista o controle de Kherson e Nicolaev.
7 de fevereiro	O Exército Vermelho entra em Odessa. Kolchack é executado.

19 de fevereiro	Levante bolchevique em Arkhangel, onde tropas vermelhas entram depois de dois dias.
13 de março	O Exército Vermelho alcança Murmansk. Fim da <i>frente norte</i> .
17 de março	O Exército Vermelho chega em Iekaterinodar, no sul.
26 de março	Após a derrota do Exército Voluntário, Denikin nomeia o barão Wrangel comandante em chefe das forças armadas do sul da Rússia e, no dia seguinte, foge para o exterior; simultaneamente, o Exército Vermelho entra em Novorossisk, porto de emigração dos Brancos derrotados.
25 de abril	O Exército polonês invade a Ucrânia, tomando Jitomir e Berdychiv. No dia 28, Mogilev (sede do quartel-general czarista durante a guerra).
6 de maio	O exército polonês se apodera de Kiev.
1ª quinzena de maio	Insurreição do grupo camponês anarquista de Bobrov, antigo chefe dos <i>partisans</i> no Altai.
6 de junho	Wrangel, posicionado na Crimeia, lança uma ofensiva à Táurica, no norte.
12 de junho	O Exército Vermelho retoma Kiev. Antes de deixar a cidade, os poloneses explodem a igreja São Vladimir, a estação, o reservatório de água e a usina elétrica.
Junho e julho	No Altai, formação de um exército insurrecional popular na região de Barnaul, comandado por Plotnikov.
11 de julho	As tropas vermelhas retomam Minsk.
14 de julho	O Exército Vermelho entra em Vilnius.
1º de agosto	O Exército Vermelho retoma Brest-Litovsk. Formação de um destacamento de <i>partisans</i> insurrecionais na região média do Ob, no Altai.
13 de agosto	O Exército Vermelho chega a 30 quilômetros de Varsóvia.
14 a 17 de agosto	Derrota do Exército Vermelho, quando perto de tomar Varsóvia, episódio conhecido como <i>Milagre do Vístula</i> .
21 de agosto	Levante dos camponeses do distrito de Kirsanov (província de Tambov).
2 de setembro	Proclamação da República Soviética de Bucara.
28 de setembro	As tropas de Wrangel tomam Mariupol, leste da Ucrânia.
12 de outubro	Armistício entre a União Soviética e a Polônia.
21 de outubro	O Exército Vermelho toma Chita, última praça-forte do atamã Semionov

	no extremo oriente siberiano.
7 a 9 de novembro	Após dois dias de assalto, o Exército Vermelho toma as posições fortificadas do estreito de Perekop e esmaga o exército de Wrangel.
12 a 16 de novembro	Wrangel, com a ajuda da marinha francesa, evacua seu exército da Crimeia. O Exército Vermelho se apodera de Simferopol, Sebastopol e Querche.
2 de dezembro	O Exército Vermelho toma Erevã. Proclamação da República Socialista Soviética da Armênia.
1921	
31 de janeiro	Revolta camponesa no distrito de Ishim (Sibéria Ocidental).
11 de fevereiro	O Exército Vermelho entra na Geórgia.
2ª quinzena de fevereiro	Onda de greves em várias fábricas de Petrogrado.
26 de fevereiro	O Exército Vermelho toma Tiflis. Proclamação da República Socialista Soviética na Geórgia.
28 de fevereiro	Resolução dos marinheiros do Petropavlovsk e do Sebastopol em Kronstadt que exigem o fim do poder do Partido Comunista.
2 de março	Os insurgentes de Kronstadt formam um comitê revolucionário provisório.
15 de março	10º Congresso do Partido Comunista suprime as requisições obrigatórias dos camponeses, substituídas por um imposto em espécie e dando-lhes o direito de vender livremente o excedente de sua colheita; proibição das divisões dentro do Partido.
18 de março	A insurreição de Kronstadt é sufocada. Assinada a paz entre a Rússia Soviética e a Polônia.
7 de abril	O Exército Vermelho retoma Tobolsk de camponeses revoltados, cujo levante é esmagado nos dias seguintes.
16 a 20 de julho	Derrota dos últimos destacamentos de camponeses insurgentes de Tambov.
28 de agosto	Makhno e uma dezena de seus <i>partisans</i> se refugiam na Romênia.
Setembro	Na Sibéria, captura e julgamento do barão de Ungern, condenado à morte e fuzilado.

Fonte: Marie (2017).

ANEXO D – Condenações no regime soviético (1921-1953)**Tabela 3 – Número de pessoas condenadas por atividades contrarrevolucionárias ou crimes particularmente perigosos e tipo de pena imposta, 1921-1953.**

Anos	Campos, colônias e prisões	Exilados para/ Exilados de (1)	Sentenças de morte	Outras medidas	Total
1921	21724	1817	9701	2587	35829
1922	2656	166	1962	1219	6003
1923	2336	2044	414	...	4794
1924	4151	5724	2550	...	12425
1925	6851	6274	2433	437	15995
1926	7547	8571	990	696	17804
1927	12267	11235	2363	171	26036
1928	16211	15640	869	1037	33757
1929	25853	24517	2109	3741	56220
1930	114443	58816	20201	14609	208069
1931	105683	63269	10651	1093	180696
1932	73946	36017	22728	29228	141919
1933	138903	54262	2451	44345	239664
1934	59451	5994	2056	11498	78999
1935	185846	33601	1229	46400	267076
1936	219418	23719	118	30415	274670
1937	429311	1366	353074	6914	0665
1938	205509	16342	328618	3289	554258
1939	54666	3783	2552	2888	63889
1940	65727	2142	1649	2288	71806
1941	65000	1200	8011	1210	75411
1942	88809	7070	23278	5249	124406
1943	68887	4787	3579	1188	78441
1944	70610	649	3029	821	75109
1945	116681	1647	4252	668	123248
1946	117943	1498	2896	957	123294
1947	76581	666	1105	458	78810
1948	72552	419	...	298	73263
1949	64509	10316	...	300	75125
1950	54466	5225	475	475	60641
1951	49142	3425	1609	599	54775
1952	25824	773	1612	591	28800
1953 (2)	7894	38	198	273	8403
TOTAL	2634397	423512	799455	215942	4060306

Fonte: Lewin (2007).

Nota: Sinal convencional utilizado:

... Dado numérico não disponível.

(1) O exílio poderia ser de duas formas: *Ssyłka* [Ссылка], quando o exilado era levado a uma área específica sob supervisão policial, numa espécie de *assentamento*, onde era possível o convívio familiar e o trabalho remunerado no local, o que não era considerado prisão ou campo de concentração; *Vysylka* [Высылка], quando o exilado era proibido de viver num determinado local (como Moscou, por exemplo). (2) primeira metade do ano.

ANEXO E – Direção do partido bolchevique de Outubro de 1917

Quadro 13 – Comitê Central eleito no VI Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo (bolcheviques), realizado entre 23 de julho e 8 de agosto de 1917 e causas de mortes dos seus membros.

Lenin	Morreu em 1924, resultado de AVC.
Zinoviev	Fuzilado em 1936, como resultado do <i>1º Processo de Moscou</i> .
Kamenev	Fuzilado em 1936, como resultado do <i>1º Processo de Moscou</i> .
Trotsky	Assassinado no México, em 1940, por um agente stalinista infiltrado.
Reizin	Informação não encontrada.
Dzerzhinski	Morreu em 1926, de infarto.
Miliutin	Fuzilado em 1937, como resultado do <i>3º Processo de Moscou</i> .
Rikov	Fuzilado em 1937, como resultado do <i>3º Processo de Moscou</i> .
Stalin	Morreu em 1953, de causas naturais.
Sverdlov	Morreu em 1919, de gripe espanhola.
Bubnov	Fuzilado em 1937, acusado de espionagem.
Muranov	Morreu em 1959, de causas naturais.
Shaumian	Assassinado em 1918 por interventores ingleses.
Noguin	Morreu em 1924, de causas naturais.
Bukharin	Fuzilado em 1938, como resultado do <i>3º Processo de Moscou</i> .
Sokolnikov	Preso em 1939 e assassinado sob tutela do Estado.
Artem-Sergueiev	Morreu em um acidente, em 1920.
Krestinski	Fuzilado em 1938, como resultado do <i>3º Processo de Moscou</i> .
Kollontai	Morreu em 1952, de infarto.
Uritski	Assassinado em 1918 por um membro do partido popular-socialista.
Ioffe (suplente)	Suicidou-se em 1927, em protesto contra a burocratização do partido.

Fonte: Canary (2019).